

A Vida Em Justiça

F. T. Wright

A
VIDA
EM JUSTIÇA

F. T. WRIGHT

Informação da Publicação

O projecto de estudo *A Vida em Justiça* é preparação para publicação da edição de 1994 do título original: *Living Righteously* e será publicado numa série de artigos no sítio:

www.jfernandesblog.wordpress.com

Esta publicação não integral é a base para estudo do tema da vida em rectidão daqueles que procuram viver uma vida em justiça e pretende auxiliar todos os que querem acabar com o padrão de pecar e confessar, pecar e confessar, pensando que esta é a verdadeira vida do cristão e vivendo com a convicção de que Deus olhará para o seu esforço como uma tentativa a ser levada em conta e por isso creditará tudo isso ao chamar os seus nomes no julgamento.

Será grande a desilusão dos que vivendo uma justiça que não é a de Deus, mas a sua própria justiça, pensaram estar a construir o reino de Deus, quando não estavam.

O estudo que se apresenta nos capítulos deste livro não pretende ser um manual de como viver a vida cristã, mas mostrar o caminho cristão de acordo com a justiça de Cristo.

É absolutamente necessário que Deus tenha um povo no coração do qual esteja a justiça de Cristo e através dessa justiça regressar ao estado de harmonia com Deus.

“O homem foi originariamente dotado de nobres faculdades e de um espírito bem equilibrado. Era um ser perfeito, e estava em harmonia com Deus. Seus pensamentos eram puros, santos os seus intentos. Mas pela desobediência, suas faculdades foram pervertidas, e o egoísmo tomou o lugar do amor. Sua natureza tornou-se tão enfraquecida pela transgressão que lhe era impossível, em sua própria força, resistir ao poder do mal...

“Depois de pecar, porém, já não podia encontrar alegria na santidade, e procurou esconder-se da presença de Deus. Tal é ainda hoje o estado do coração não convertido. Não está em harmonia com Deus e não encontra prazer na comunhão com Ele. O pecador não poderia sentir-se feliz na presença de Deus; esquivar-se-ia ao contato dos seres santos...

“É-nos impossível, por nós mesmos, escapar ao abismo do pecado em que estamos mergulhados. Nosso coração é ímpio, e não o podemos transformar...

“A inclinação da carne é inimizada contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser.” Romanos 8:7. A educação, a cultura, o exercício da vontade, o esforço humano, todos têm sua devida esfera de ação, mas neste caso são impotentes. Poderão levar a um procedimento exteriormente correto, mas não podem mudar o coração; são incapazes de purificar as fontes da vida. É preciso um poder que opere interiormente, uma nova vida que proceda do alto, antes que os homens possam substituir o pecado pela santidade. Esse poder é Cristo. Sua graça, unicamente, é que pode avivar as amortecidas faculdades da alma, e atraí-la a Deus, à santidade.” *Caminho a Cristo*, 17, 18.

A proposta de estudo aqui apresentada propõe uma vida cristã em perfeita justiça e santidade apenas possível para aqueles em quem foi implantada a vida de Cristo, através da qual a vitória e a liberdade da escravidão do pecado são possíveis.

Os textos bíblicos são citados da Bíblia de João Ferreira de Almeida do sítio:

www.Biblegateway.com — Almeida Revista e Corrigida 2009 (ARC), ou www.bibliatodo.com quando consultadas e comparadas as várias versões da Bíblia de João Ferreira de Almeida.

A numeração das páginas das obras do Espírito de Profecia de Ellen White, citadas pelo autor cuja paginação difere das edições utilizadas tem indicação das páginas das obras em:

www.egwwritings.org

PORTUGAL

2019

JFernandes

Índice

Introdução	8
A Grande Mentira de Satanás.	10
A Verdade de Deus	16
Qual Homem?.....	21
A Prova da Afirmação de Deus	28
A Marca do Anticristo.....	43
No Julgamento.....	50
O Evangelho É Poder	58
O Que É o Pecado?	65
O Homem de Romanos Sete	75
Não Pela Tentativa, Mas Morrendo	86
O Antigo Marido	93
A Verdadeira Honestidade	107
Carnal Versus Humano	110
O Factor Humano	111
Fraca, Carne Pecaminosa.....	116
Fraca Também	123
“Cada Dia Morro”	126
A Páscoa.....	134
Pela Fé	143
A Fé de Abraão	152
Fé e Aceitação.....	163
A Verdadeira Ciência da Oração.....	176
Os Dois Testemunhos	188
Como Ele Venceu.....	197
O Nosso Próprio Esforço Diligente	206
De Fé em Fé.....	218

Introdução

No fundo do coração de cada membro da família humana, a menos que a sua alma tenha sido tão cauterizada que esteja para além de qualquer verdadeiro e nobre impulso, existe o desejo de ser uma pessoa melhor do que é agora.

Para alguns, especialmente aqueles que são jovens na fé, a expectativa de alcançar os mais altos ideais é forte, mas, como o tempo passa sem as expectativas serem realizadas, verificam que desistem da sua fé e da sua esperança em favor da crença de que as promessas de Deus não significam exactamente aquilo que dizem. Este testemunho, embora falso e enganador, não é mais do que um reflexo das suas tentativas falhadas de viver em rectidão. Em vez disso, as suas vidas têm sido uma frequente repetição da sequência de tentar viver em obediência aos mandamentos divinos, só para enfrentar as falhas sempre recorrentes, cujo resultado final é condenação eterna.

Num esforço para escapar desse terrível destino, do arrependimento dos pecados depois de serem cometidos na desesperada esperança de que, finalmente, eles tenham sido excluídos da vida, apenas para constatar que cada arrependimento é seguido por outra transgressão, muitas vezes pior do que a anterior.

Por isso é que a experiência inicialmente iluminada com esperança degenera num interminável padrão de tentar e falhar, e viver pecando, arrependendo-se e confessando, dos mesmos pecados, ano após ano.

Seguramente se alguém apesar de sincero em procurar uma experiência vitoriosa que possuísse e, no entanto, o valioso objecto da sua busca lhe escapa. Parece que não existe senão uma conclusão a tirar disto, que esta experiência de pecar e arrepender, pecar e arrepender, é a experiência cristã enquanto estamos no mundo. A conclusão é que isto é o melhor que podemos esperar, e que, enquanto estamos “escondidos em Cristo”, estamos a fazer o nosso melhor, certificando-nos de que, no final de cada dia, recebemos o perdão de todos os pecados cometidos naquele dia, então temos a certeza da salvação. Concluem, portanto, que a vida em rectidão não é para agora, que está confinada ao paraíso restaurado, onde não haverá mais diabo a tentar-nos e quando teremos mentes e corpos perfeitos.

Tal foi a experiência e o pensamento do escritor desta publicação durante dez longos amargos anos de tentativas, de luta contra si mesmo. Mas havia outra conclusão que eu poderia e deveria ter tirado, e que era não ter descoberto a maneira correcta para atingir a vitória. Mas chegou o momento em que finalmente os procedimentos correctos se abriram à minha mente e eu verifiquei serem práticos, racionais, simples e, o melhor de tudo, eficazes, que realmente resultam e produzem os resultados que eu por tanto tempo havia procurado. Quando finalmente os meus olhos se abriram, admirei-me por não os ter visto antes.

A verdadeira vida cristã não é uma vida de frustração e derrota, mas de vitória e realização. Cristo é mais poderoso do que Satanás. A justiça é mais forte do que o pecado. Hoje podeis viver na justiça. Não tendes que esperar até ao doce porvir.

O mais triste em toda esta história do mundo é que aqui está o evangelho, o próprio poder de Deus trazido ao mundo do homem para salvar da força e da presença do pecado — e, no entanto, os homens ainda continuam nos seus pecados, Satanás ainda é o seu rei, e a derrota a sua porção. O que

poderia acontecer e aconteceria se ao menos a humanidade compreendesse o poder de Deus e possuísse esse poder como sua salvação do pecado.

E porque é que isto não é assim?

Não é porque o desejo não exista. Os homens passaram a vida inteira em busca dele.

Não é porque eles não tentem bastante arduamente, ou orem o suficiente, ou paguem o suficiente.

É porque todo esse esforço, tempo e dinheiro são gastos a tentar fazer a coisa certa da maneira errada. O objectivo e a intenção estão certos, mas o método está errado.

Viver em justiça é uma ciência. Nada de bom na vida é alcançado por métodos casuais. Tendes que fazer a coisa certa da maneira certa, a fim de alcançar o objectivo desejado. Quanto mais valioso for o objectivo, mais precisa e exactamente devem os procedimentos correctos a ser seguidos na sua ordem correcta.

Assim, na busca de uma vida em justiça há uma maneira correcta e uma série de formas erradas de tentar fazê-lo. Sinceridade e boas intenções não são suficientes. Devemos compreender os princípios subjacentes ao problema e os procedimentos passo a passo necessários para resolver o problema. Nós devemos compreender o que Deus fará por nós, para não fazermos qualquer tentativa de fazer a parte do Senhor, e devemos compreender o nosso papel e cumpri-lo fielmente.

Este livro é projectado para descrever em termos práticos esses factos e princípios. Se puserdes de lado os preconceitos e opiniões preconcebidas e lutardes para compreender exactamente o que o livro está dizendo e, em seguida, obedecerdes aos princípios e procedimentos descritos nesta publicação, ireis descobrir o poder e a paz de uma vida libertada da escravidão do pecado.

Abandonai toda uma vida de derrota, apesar de vossa devoção, vossos esforços, vossas orações e lágrimas, convencei-vos de que algo está errado. Trabalhar empenhadamente com métodos que vos trouxeram a derrota no passado não vai trazer-vos o sucesso agora. Deixai-vos convencer de que estais tentando fazer a coisa certa da maneira errada, que é tempo de parar e analisar os vossos métodos para ver onde é que eles falharam em trazer a vitória. Então revejam-nos em harmonia com princípios correctos e o resultado será uma nova experiência de vida permanente.

Esta mensagem funciona. Tem de funcionar, pois ela é o poder de Deus para a salvação do pecado.

Aplicai-a por vós mesmos e Deus irá abençoar-vos à medida que o fizerdes.

Capítulo 1

A Grande Mentira de Satanás.

O Diabo é mentiroso e pai da mentira. Jesus deixou isso claro para sempre na Sua declaração directa ao assunto em *João 8:44*.

Aos professores religiosos hipócritas de seus dias Ele declarou:

“Vós tendes por pai ao diabo e quereis satisfazer os desejos de vosso pai; ele foi homicida desde o princípio e não se firmou na verdade, porque não há verdade nele; quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira.” *João 8:44*.

Aqui está em linguagem clara. Jesus, o Professor Mestre, a personificação da verdade, expôs o diabo para sempre no seu duplo papel de mentiroso e homicida. Noutros lugares ele é chamado de “o enganador de todo o mundo.”

“E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o diabo e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele.” *Apocalipse 12:9*.

Vamos dar uma consideração cuidadosa e séria a Satanás à luz desta declaração de Jesus, as implicações da qual são muito importantes para nós, porque nós somos os que ele está a tentar fazer sujeitos dos seus enganos.

Mas por que está o nosso inimigo mortal tão devotado à tarefa de enganar a humanidade em geral e o povo de Deus, em especial, pois, não vos enganeis a respeito disso, este é um engano com um propósito, uma finalidade tão terrível que nós podemos contemplá-lo apenas com horror e pavor, porque não propõe Satanás nada menos do que a destruição do povo de Deus e dos habitantes do mundo inteiro? Este é o único objectivo dos seus enganos – homicídio, e vós e eu somos as suas vítimas escolhidas.

Todos e cada um de nós deseja escapar a esse destino, e o diabo, que de maneira nenhuma desconhece a força desta resistência, sabe que nunca vai conseguir o seu objectivo, se vier até nós honesta e abertamente anunciando as suas más intenções. Ele tem que fazer parecer que está, na verdade, a levar-nos para a vida e alegria, enquanto ao mesmo tempo, está tão seguramente a conduzir-nos para as garras da morte. Por conseguinte, para Satanás ter alguma esperança de realizar o seu maligno e terrível propósito, tem que ser um mentiroso. Mas nunca se esqueçam de quem ele é, para poder ser o homicida do povo de Deus e de todo o mundo.

Estamos conscientes de que ninguém será enganado por uma mentira, não importa quão astuta e inteligente ela seja se souber perfeitamente que não é a verdade. Quão rápida e positivamente recusamos uma oferta ou sugestão quando sabemos que ela é uma falsa imitação, enquanto, por outro lado, quão inocentemente e prontamente aceitamos até mesmo os enganos mais perigosos quando, completamente inconscientes de sua verdadeira natureza, acreditamos ser a verdade.

Portanto, devemos concluir que a nossa esperança de vitória na luta diária contra a tentação, mentiras, entre outras coisas, tornar-se familiarizado com as mentiras que ele está buscando incitar sobre nós. Tal conhecimento não se encontra dentro de nós mesmos. Nós não temos sabedoria e experiência suficientes para penetrar o sofisma da mente do mestre do mal, nem temos o poder intelectual que se iguale ao seu, mas há Um que tem tudo isto e muito mais, de quem, quando procuramos, podemos obter todas as informações necessárias para nos equiparmos totalmente de forma a reconhecer e escapar das armadilhas de Satanás. Aqui reside a nossa segurança porque

“Nada há que o grande enganador mais receie que o familiarizarmo-nos com seus ardis.” *O Grande Conflito*, 516.

E vós podeis familiarizar-vos com os seus ardis!

Foi feita toda a provisão para isto nas revelações da verdade na palavra de Deus. Nenhum de nós precisa ser enganado em relação a esta questão, e nenhum será, se for a essa palavra e deixar que lhe seja dito especificamente quais são as mentiras de Satanás.

As mentiras do diabo são muitas. Não há tempo nem espaço para listar e analisar cada uma aqui, mas há uma extremamente importante que enunciamos e analisaremos. Na verdade, esta é uma das mais importantes, se não a mais importante, e o iníquo a tem utilizado inúmeras maneiras de a colocar.

E qual é essa mentira?

Trata-se da alegação de Satanás de que a lei de Deus não pode ser guardada por seres humanos nesta vida. É a declaração de que a perfeição é impossível, deste lado do céu, que tendes de esperar pecar todos os dias até que Jesus venha; que ninguém pode ser verdadeiramente justo diante de Deus. Este é o seu ensinamento, e, infelizmente, a grande maioria dos crentes no chamado mundo cristão acredita totalmente ser verdade, e a vida é moldada por este engano.

Mas nos escritos inspirados, esta mentira é chamada por aquilo que é, uma mentira. Voltemo-nos para ela e leiamos agora:

“Satanás apresenta a divina lei de amor como uma lei de egoísmo. Declara que nos é impossível obedecer-lhe aos preceitos.” {DTN 12.3}, *O Desejado de Todas as Nações*, 24.

Esta é uma afirmação muito clara que diz claramente que Satanás afirma que, para nós, isto é, para vós e para mim, a observância da lei é uma impossibilidade. Lembrai-vos de que o testemunho não diz se a reivindicação de Satanás é uma verdade ou uma mentira, embora a inferência esteja lá de que é uma mentira. Mas um pouco de pesquisa logo revela que esta é uma das insidiosas mentiras de Satanás, e que ele está muito ocupado a espalhar.

“Desde o início tem sido a doutrina *especial* do adversário de Deus e do homem que a lei de Deus era defeituosa e censurável. Ele sempre apresentou a lei de Deus como opressiva e insuportável. Ele tem-na apresentado como um jugo de servidão. Ele declarou que era impossível ao homem guardar os preceitos de Jeová. Esta tem sido, e ainda é a obra de Satanás. Esta é a doutrina sedutora que demónios estão procurando espalhar por todo o mundo.” *The Review and Herald*, 31 de Julho de 1888.

Aqui, na palavra inspirada, este ensinamento mortal é descrito como “uma doutrina sedutora”, isto é, que extravia. Mas agora mais fortemente ainda vem a palavra que descreve este ensinamento como um sofisma fatal.

“Por meio dos defeitos do caráter, Satanás trabalha para obter o domínio da mente toda, e sabe que, se esses defeitos forem acariciados, será bem-sucedido. Portanto, está constantemente procurando enganar os seguidores de Cristo com seu fatal sofisma de que lhes é impossível vencer.” *O Grande Conflito*, 489.

O que é um sofisma? É uma mentira! Não é um processo aberto, facilmente perceptível, mas um raciocínio atraente vestido de tal forma hábil, que é facilmente aceite por aquele a quem é apresentado, a menos que este seja capaz de perceber o engano. Parece-se com a verdade, e soa como a verdade, e muitas vezes é aceite pela maioria como a verdade. Mas isso não o torna a verdade. Continua a ser sempre uma mentira, e o pior tipo de sofismas, pois trata-se de um sofisma fatal. A palavra fatal tem apenas um significado, e que é, “termina em morte”, e neste caso, significa morte eterna.

E o que é este sofisma fatal?

É o ensinamento de que é impossível vencermos, que é outra maneira de afirmar que não podemos viver uma vida de vitória sobre todo o pecado, que a lei não pode ser guardada por seres humanos, e que, portanto, a perfeição não é possível nesta vida.

Mas lede o testemunho novamente e vede que Satanás está constantemente a procurar enganar com este sofisma fatal. Ele está a fazê-lo sem cessar com implacável, com incansável energia. Ele nunca descansa. Ele nunca desiste. E quem é o alvo deste esforço constante? O testemunho informa-nos que são os seguidores de Cristo.

Caros companheiros cristãos, estai cientes de que vós e eu somos o alvo a quem o diabo está sempre procurando enganar com essa mentira fatal. Mas sabei que a partir de agora e para sempre, que qualquer sugestão de que a lei não pode ser observada é do próprio diabo, e deve ser rejeitada de uma vez como um sofisma fatal, e uma doutrina sedutora.

Os testemunhos citados dizem que desde o início o diabo fez esta afirmação. Portanto, devemos esperar encontrar na própria Bíblia o mesmo facto revelado – e que mostramos. Não há tempo e espaço aqui para explorar cada uma dessas revelações, mas há um lugar no Velho Testamento onde é referido que Satanás declara abertamente esses erros enganadores. A história está registada no livro de Jó.

A história começa com o Deus do Céu descrevendo Jó como sendo um homem perfeito e justo. Por outras palavras, Jó guardou a lei de Deus para satisfação do próprio Senhor, pois, se Ele descreve Jó como sendo perfeito e justo, então ele deve ter sido justo na avaliação de Deus sobre o patriarca.

Conclui-se então, que a vida de Jó era uma irrefutável prova de que o argumento do diabo sobre a lei não poder ser guardada por seres humanos, era de facto um falso argumento. Se Jó estava a guardar a lei para satisfação de Deus, então qualquer outro homem que caminhasse com Deus como Jó fazia, também poderia guardar essa lei. A vida justa de Jó como ser humano mostrou que as alegações do diabo eram falsas. A lei de Deus não era muito difícil para o homem guardar e obedecer.

Conhecendo muito bem a posição do diabo, os argumentos que ele usava para manter sua posição, e o dano que estava a fazer a si mesmo e ao reino de Deus, o Senhor fez-lhe um apelo em termos de amor para parar de tentar provar o que não podia ser provado.

Para nós, que estamos habituados a ver as coisas à luz dos confrontos humanos, parece que Deus estava a desafiar Satanás para sair e lutar. Mas isso não pode ser, pois não está no carácter de Deus lutar pelos Seus direitos. Em vez disso, nos termos mais amorosos, Deus apelou ao diabo para não piorar as coisas para si próprio ao disseminar doutrinas sedutoras e sofismas fatais. A oportunidade para o Senhor fazer este apelo veio quando os vários filhos de Deus se reuniram em conselho em algum lugar do universo. Este encontro não teve lugar no Céu, Satanás tinha sido expulso de lá, e nunca lhe foi permitido voltar novamente. Todavia, em virtude de ser, “o príncipe deste mundo”, poderia assistir a reuniões do conselho dos filhos de Deus, que se reuniam em locais fora do céu até lhe ser totalmente cortado qualquer contacto com os seres celestiais pela morte sacrificial de Cristo no Calvário.

Foi numa dessas convocações que o Senhor disse a Satanás:

“E disse o Senhor a Satanás: ‘Observaste tu a meu servo Jó? Porque ninguém há na terra semelhante a ele, homem sincero, e reto, e temente a Deus, e desviando-se do mal.’” *Jó 1:8*.

Quando Deus disse essas palavras, Ele estava a dizer realmente, “Satanás, porquê continuar a acumular pecado ao pecado, e a construir para ti mesmo uma maior retribuição quando o caso está encerrado? Jó demonstrou que a lei pode ser guardada para Minha satisfação, e assim está provado que toda a tua posição é inválida.”

Mas admitira o diabo que a sua posição era tão evidentemente errada?

Nunca!

Quando o Senhor disse que Jó estava a viver uma vida perfeita, então era isso que Jó estava exactamente a fazer, e era mais do que o diabo podia fazer para encontrar qualquer coisa de errada em Jó. Em sua resposta a Deus, o diabo não tentou encontrar qualquer falta nas acções de Jó, sabendo que o que se faz não é tão importante como é o motivo para o fazer, ou o espírito em que as acções são realizadas. Em vez disso, admitiu que a afirmação do Senhor era verdadeira e justa, dentro de certos limites. Incapaz de apontar uma única violação aos mandamentos de Deus, ele

respondeu por seu lado impugnando os motivos do servo do Senhor e até mesmo do próprio Senhor. Ele acusou Jó de egoísmo e interesse próprio, e ao Senhor acusou ele de deslealdade.

“Então, respondeu Satanás ao Senhor e disse: ‘Porventura, teme Jó a Deus de balde?’

“‘Porventura, não o cercaste tu de bens a ele, e a sua casa, e a tudo quanto tem? A obra de suas mãos abençoaste, e o seu gado está aumentado na terra.

“‘Mas estende a tua mão, e toca-lhe em tudo quanto tem, e verás se não blasfema de ti na tua face!’” *Jó 1:9-11*.

Essa é uma acusação muito forte para apontar ao Senhor. Foi a acusação de que Deus e Jó estavam trabalhando lado a lado para provar que o diabo estava errado criando um caso artificial. A insinuação era que o Senhor estava a ser muito generoso com Jó para O servir perfeitamente em condições de protecção especiais, e Jó, como um servo contratado, estava respondendo muito bem obedecendo submissamente ao dar ao Senhor o que o Senhor queria dele. Tudo o que era necessário para revelar a verdadeira natureza do caso, alegou Satanás, era Deus parar com o seu pródigo pagamento, e imediatamente, o servo Jó, amaldiçoaria Deus e obedeceria ao diabo. Então, declarou confiantemente o diabo, seria visto que a lei de Deus não podia ser obedecida, e que o caso de Jó nada provava. Esse foi com efeito o argumento que o diabo apresentou ao Senhor nessa ocasião.

Era uma objecção totalmente falsa, e o Senhor sabia disso, e estava bem preparado para deixar a batalha entre o bem e o mal ser levada mais longe, a fim de que a justiça pudesse ser vindicada e o inimigo do Seu povo totalmente exposto. Então Ele permitiu que o diabo fosse em frente e provasse o seu argumento tirando as posses de Jó.

Deste modo o caso só poderia ser resolvido entregando Jó nas mãos de Satanás para o testar e prová-lo. Com diabólica diligência e determinação, o diabo passou ao trabalho para quebrar Jó a qualquer custo. Ele destruiu tudo o que ele possuía, e matou todos os seus filhos com uma devastadora rapidez. À medida que assolação após assolação caía sobre si, Jó enfrentou a tempestade e não cometeu uma única falha. Com calma e pacientemente, ele disse:

“Nu saí do ventre de minha mãe e nu tornarei para lá; o Senhor o deu e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor.” *Jó 1:21*.

A seguir Deus permitiu que o diabo tirasse a saúde de Jó, até que em total miséria ele se sentou sobre um monte de cinzas para absorver a supuração, e desejou nunca ter nascido, mas a sua lealdade a Deus permaneceu firme.

Agora o diabo tendo-o reduzido a esta desesperada situação, trouxe consigo três dos notáveis teólogos da época, para aconselhar-se com o homem de Deus nesta hora de sofrimento. E digo sem receio de contradição, que embora estes homens fossem teólogos e declaradamente ministros do evangelho, foi o diabo que os trouxe a Jó, e foi o diabo que os usou numa tentativa de enganar Jó com o seu fatal sofisma de que era impossível ele se afastar de todo o pecado e não pecar. Lede todo o livro de Jó e verificareis em todo o livro que aqueles homens constantemente argumentaram que é impossível para qualquer pessoa ser justa. Com fortes e solenes palavras eles pressionaram Jó com a desanimadora ideia de que alguém tão ímpio como eles declararam que ele era, certamente, devia ter sido um grande transgressor, pois o Senhor nunca dá castigo imerecido a ninguém. Portanto, muito sofrimento grave indicava pecado muito grave, ao passo que aflições mais brandas correspondiam a transgressões menos graves.

Porém, como é que sabemos tão positivamente que aqueles homens estavam pronunciando os argumentos do diabo e não as vivas verdades do Céu ao fiel filho de Deus? Nós sabemos porque foi dito directamente por Deus, quando chegou a hora para declarar a Sua posição no conflito.

“Sucedeu, pois, que, acabando o Senhor de dizer a Jó aquelas palavras, o Senhor disse a Elifaz, o temanita: ‘A minha ira se acendeu contra ti, e contra os teus dois amigos; porque não dissestes de mim o que era reto, como o meu servo Jó.’” *Jó 42:7*.

Aqui, é o próprio Deus a falar. Portanto, o que Ele diz é verdade incontestável. Nessa expressão da verdade, Deus acusa Elifaz, o temanita, de não falar o que é recto a respeito d’Ele, do Seu carácter, princípios, e reino. A partir disto devemos concluir que se Elifaz não falou o que era recto,

então falou uma mentira. E se falou o que era uma mentira, então com certeza não falou por Deus mas pelo diabo que é o pai de todas as mentiras. Portanto, foi o diabo e não o Senhor que enviou Elifaz e seus companheiros a “aconselhar” Jó. Eles eram os seus porta-vozes e, como tal, expressaram os seus pensamentos e as suas ideias.

Tendo identificado a fonte das informações de Elifaz como sendo de Satanás, o pai de todas as mentiras, estamos melhor preparados para compreender o significado da teologia de Elifaz, e a resposta de Deus para ela.

O que dá mais peso e valor às provas diante de nós, é o facto de que Elifaz, alegou ter recebido a sua “luz”, por inspiração, o que, sem dúvida, sucedeu, mas o único problema é que ele estava ligado à fonte de inspiração errada. Logo à chegada, ele não perdeu tempo em fazer a sua pretensão de ser inspirado como registado nos seguintes versículos do capítulo 4, em que, nos versículos 12-14 ele descreve que lhe sobreveio uma visão de noite, e no versículo 15, diz:

“Então, um espírito passou por diante de mim; fez-me arrepiar os cabelos da minha carne;

“Parou ele, mas não conheci a sua feição; um vulto estava diante dos meus olhos; e, calando-me, ouvi uma voz que dizia:” *Jó 4:15, 16.*

Assim Elifaz descreve a inspiração onde alegou ser de Deus, mas que o Senhor negou ser proveniente d’Ele quando acusou Elifaz, dizendo que era mentira. E agora aqui do versículo 17 em diante, nós temos, em palavras claras, a declaração real de Satanás de que a lei não pode ser guardada. Aqui está um lugar onde ele claramente o mostra, considerando que, é mais frequentemente disfarçar as suas acusações contra Deus, para falsificar o puro evangelho.

Cito-o a partir da *Revised Standard Version*.

“Pode um homem mortal ser justo diante de Deus? Pode um homem ser puro diante do seu Criador?”

Esta é uma pergunta retórica. Uma pergunta retórica é realmente uma declaração formulada em forma de pergunta a fim de dar mais impacto. O que Elifaz está realmente a dizer, como ele mesmo deixa claro no versículo seguinte, é:

“Certamente, não vais mesmo fazer uma sugestão de que poderias acreditar que é possível um homem mortal ser justo diante de Deus?”

Este é o seu significado e compreensão, como é evidente a partir das suas palavras que se seguem. Ele continua a dizer.

“Eis que nos seus servos não confia e nos seus anjos encontra loucura;

“Quanto mais naqueles que habitam em casas de lodo.” *Jó 4:18,19.*

A alusão aos anjos acusados de erro foi uma tentativa da parte de Satanás para justificar a sua traição à bem-aventurada justiça de Deus. Antes de Satanás pecar, ele tinha servido a Deus com alegria e perfeição por um tempo muito longo, possivelmente milhões de anos. O seu comportamento durante esse período revelou que as leis de Deus podiam ser perfeitamente obedecidas, não como uma pesada obrigação, mas como uma bênção, felicidade, benefício, boa saúde e vida eterna de cada filho do Altíssimo obediente.

Mas veio finalmente o momento quando Lúcifer chegou ao ponto em que não via mais luz na lealdade a Cristo e Sua justiça perfeita, e decidiu caminhar nos caminhos da sua própria escolha. Com isso, ele estava realmente a argumentar que, sob determinadas condições limitadas, a perfeita fidelidade a Deus era possível, mas uma vez alteradas essas condições, ou deixassem de existir, no decurso da qual, a mente do sujeito se tornou “iluminada” em relação ao “verdadeiro carácter de Deus” então a submissão ao Altíssimo tornou-se impossível.

Assim ele declarou a respeito de Jó que, embora o patriarca estivesse contente por servir a Deus, enquanto Este lhe aumentasse a prosperidade, e ele visse em Deus, Aquele que lhe pagava para servir, Jó viveria em rectidão, mas fosse Jó despojado destas ricas recompensas pela sua obediência, que diferente seria então o panorama. Assim argumentou o Diabo.

Se os poderosos anjos não podem ser de confiança para servir a Deus, como ele e os seus seguidores tinham “provado”, que esperança havia para o homem – aqueles que habitam em casas de lodo – para manter a vida de perfeita justiça?

E tudo isso foi pronunciado em tom depreciativo e incrédulo de maneira a rejeitar quaisquer argumentos sobre o assunto. Porque, diz ele, se até os anjos são acusados por Deus de serem pecadores, que esperança um homem mortal tem para estar à altura dos requisitos de Deus “na riqueza ou na pobreza, na doença ou na saúde, não importa em que circunstâncias”?

Tendo em vista a profundidade e a extensão em que esta mentira tem sido aceite por tanto tempo pela família humana, não é uma pergunta fácil de responder afirmativamente por qualquer ser humano. Elifaz esperou totalmente que Jó fraquejasse diante dessa questão, e respondesse admitindo que não era possível a um homem ser justo diante de Deus. Mas aqui ele foi desapontado, porque Jó era um homem que tinha experimentado o poder de Deus para salvar do pecado, e sabia por experiência que é possível obedecer a todos os requisitos de Deus. Ele tinha um conhecimento de Deus e do seu poder salvador que Elifaz de nada sabia, e à luz da convicção e certeza desse conhecimento, ele poderia responder como respondeu, negando completamente o argumento do diabo através de Elifaz. Foi assim que ele respondeu positivamente:

“Longe de mim que eu vos justifique; até que eu expire, nunca apartarei de mim a minha sinceridade.

“À minha justiça me apegarei e não a largarei; não me remorderá o meu coração em toda a minha vida.” *Jó 27:5, 6.*

Isto resume a persistente posição que Jó tomou contra os seus perseguidores durante toda a sua longa batalha com eles. Só um homem com uma experiência viva em rectidão como a que Jó tinha, poderia responder como Jó fez.

“Pode um homem mortal ser justo diante de Deus?”

Qual seria a resposta que daríeis, se vos fosse perguntado?

Hesitaríeis, inseguros, vacilantes, incertos?

“Pode o homem ser justo diante de Deus?”

“Pode o homem ser puro diante do seu Criador?”

Ele certamente pode. Ele mais positivamente, definitivamente e decididamente, certamente pode.

Se não é possível um homem ser isso, então onde é que está o poder de Cristo no Evangelho?

Estais preparados para acreditar que o poder do pecado é maior do que o poder do evangelho?

Gostariéis de ensinar que Satanás é mais forte do que o Cristo?

Nunca!

O evangelho é o vivo poder de Deus para salvar do pecado, e ele faz isto realmente, sempre que um coração crente deixe seu poder trabalhar na vida.

Assim aberta e claramente a mentira do diabo é exposta por aquilo que ela é. Temos de saber que esta é a mentira dele, de modo que não importa de que fonte ela nos possa ser apresentada, saberemos que temos de instantaneamente, positivamente, e decididamente rejeitá-la por aquilo que ela é – uma doutrina sedutora e um sofisma fatal.

Vamos ouvi-lo argumentar com autoridade e veemência dos púlpitos; vamos lê-la em publicações religiosas; a quase total maioria dos habitantes deste mundo vai subscrevê-lo em qualquer tipo de questão sobre a matéria; estaremos completamente sozinhos, se rejeitarmos esta mentira de Satanás; os nossos mais queridos parentes e amigos mais próximos e exortar-nos-ão, e o mais próximo de todos, o nosso coração vai mesmo sugerir isso muitas vezes.

Mas todas essas vozes são do diabo, o pai da mentira. Temos de aprender a ser rápidos a reconhecer a sua voz nessas afirmações, não importa por quem possam ser ditas nesta Terra. A nossa segurança para esta vida e para a vida futura depende disso.

Nunca esqueçais nem percam de vista o facto de que na Palavra de Deus, essa mentira é exposta por aquilo que ela é, e, portanto, não há qualquer desculpa por alguma falha da nossa parte para escapar do engano e das suas consequências.

Capítulo 2

A Verdade de Deus

No primeiro capítulo, orientei a vossa atenção para algumas das evidências na palavra de Deus, pelas quais Satanás é desmascarado como pai de todas as mentiras, cujos enganos são concebidos para provocar a morte da humanidade. As verdades ali apresentadas não deixaram qualquer espaço para dúvidas quanto ao terrível facto que o constante e incansável esforço de Satanás para enganar os seguidores de Cristo é destinado à sua destruição. Isto é, o propósito específico pelo qual e é um mentiroso, é para poder matar a quem engana. Vimos também que a nossa segurança reside em sabermos quais são essas mentiras, de modo que possamos rejeitá-las quando elas nos são apresentadas e, assim, escapar da morte eterna a que elas conduzem.

Não houve espaço para analisar todas as mentiras com que o diabo está constantemente tentando enganar-nos, mas concentrámo-nos apenas numa mentira, e que era a ousada declaração de Satanás de que a lei não podia ser guardada pelos seres humanos nesta vida. Esta é a mentira que, literalmente, milhões de habitantes da Terra acreditam sem duvidar ou preocupar-se. Mas apesar disso é uma mentira e sobretudo um sofisma fatal.

Agora que já vimos a declaração de Satanás por aquilo que ela é, uma diabólica, enganadora mentira, passemos à Palavra do Deus vivo para ver o que o Senhor tem a dizer sobre a possibilidade e a certeza de uma vida de perfeita obediência à lei de Deus. Pode isso ser feito? Espera Deus que cumpramos essa lei, ou é algo demasiado difícil para qualquer ser humano fazer? Fez Deus uma lei que não é senão um jugo de escravidão?

Entre outros lugares nas inspiradas Escrituras, esta pergunta é respondida no Antigo Testamento, em *Deuterónimo* 30:11-14. Estes versículos começam com as palavras, “Porque este mandamento, que hoje te ordeno. . .”

A que mandamento está Moisés a referir-se nesta Escritura? Esta questão tem que ser respondida satisfatoriamente antes de podermos prosseguir com o exame das evidências contidas nestes versículos. Isto é feito muito facilmente. Temos apenas que ler o livro de *Deuterónimo* para ver que todo ele é último sermão de Moisés ao seu povo, e que o tema desse sermão foi a lei de Deus.

Os três primeiros capítulos são uma repetição da incrível libertação de Israel da escravidão egípcia realizada por Deus. Nunca houve antes daquele tempo nem depois um êxodo de proporções tão imensas realizado sem a perda de uma única vida entre aqueles que partiram para um novo lar numa nova terra. Normalmente, essa mudança é feita através de muita luta, grande perda de vidas e destruição de valiosos bens.

De acordo com *Patriarcas e Profetas*, 334, {PP 237}, mais de dois milhões de pessoas saíram do Egipto completamente livres para ir, apesar do facto do Faraó ter o maior exército sob o seu comando pronto para impedir a grande partida de tantos valiosos trabalhadores escravos. Foi uma perda de mão-de-obra tão grande que, depois disso, os egípcios não puderam mais manter o seu luxuoso estilo de vida, e nunca mais foram a mesma nação desde então.

Quanto mais se estuda essa mais notável de todas as fugas da total escravidão, mais se percebe que só o poder onipotente e a perfeita competência do Senhor Altíssimo poderia ter conseguido tal livramento poderoso. É para isso que Deus queria que todo o israelita libertado deveria ter tido os seus olhos abertos para ver. O Seu propósito não era mostrar o Seu grande poder e glória para Sua

própria exaltação pessoal, mas revelar aos egípcios e aos israelitas o que poderia ser feito por eles, desde que compreendessem o incrível poder que estava disponível para eles por meio de Jesus Cristo, para a salvação das suas almas.

Não só era a sua libertação inicial uma revelação do infinito poder de Deus, mas cada dia seguinte trouxe novas manifestações da Sua mantenedora graça, pois exigia o exercício desse mesmo poder para deslocar essa multidão de pessoas e seus vastos rebanhos de animais para o outro lado de um dos grandes desertos do mundo. Comida, água, e uma completa protecção teve de ser encontrada todos os dias para mais de dois milhões de pessoas para além da necessidade de alimentar os seus enormes rebanhos de gado adequadamente, e tudo isso num deserto estéril. Foi uma impressionante declaração da capacidade de Deus para libertar alguém dos mais poderosos poderes utilizados por Satanás na Terra, e estabelecê-los nos caminhos da justiça.

Havia em Moisés um maravilhoso propósito ao dirigir a mente do povo para contemplar a libertação do Egipto, porque o seu objectivo era confirmá-los na perfeita obediência à santa lei de Deus. Para conseguir isto, ele devia, em primeiro lugar, apresentar-lhes o Seu grandioso poder, porque tal como a sua libertação da escravidão física na terra do Nilo só poderia ser conseguida se o poder vivo de Deus dominasse totalmente a situação, assim, só pela operação do vivo poder de Deus neles, podia a pecaminosidade ser erradicada e a justiça implantada em seu lugar.

Nesse sentido, depois de ter narrada a libertação do poder e da escravidão do Egipto e do pecado, ele diz:

“Agora, pois, ó Israel, ouve os estatutos e os juízos que eu vos ensino, para os cumprirdes, para que vivais, e entreis, e possuais a terra que o Senhor Deus de vossos pais, vos dá.” *Deuterónimo 4:1*.

Depois de dar este tipo de admoestação em todo este capítulo, no seguinte ele realmente enuncia a lei de Deus com as mesmas palavras de *Êxodo 20*. Lede os *Dez Mandamentos* por vós próprios em *Deuterónimo 5:6-21*, e comparai-os com a versão encontrada em *Êxodo 20*. O resto do livro, até ao capítulo 30, é dedicado ao alargamento e explicação dessa lei, com várias exortações sobre a necessidade de perfeita obediência a ela. Portanto, não pode haver engano quanto à lei a que Moisés estava a referir-se quando no capítulo 30:11, disse, “este mandamento, que hoje te ordeno. . .”

Não podia ser outro senão o glorioso, santo padrão da justiça, o próprio código de comportamento de Deus que Satanás declara não poder ser obedecido.

Mas o que é que o Senhor diz sobre isso? Se o diabo está correcto nas suas afirmações, então verificaremos que o Senhor também dirá por intermédio de Moisés, que é muito difícil de ser obedecido.

Mas diz Ele isso?

Vejamos!

“Porque este mandamento, que hoje te ordeno, te não é encoberto e tampouco está longe de ti.

“Não está nos céus, para dizeres: Quem subirá por nós aos céus, que no-lo traga e no-lo faça ouvir, para que o façamos?”

“Nem tampouco está dalém do mar, para dizeres: Quem passará por nós dalém do mar, para que no-lo traga e no-lo faça ouvir, para que o façamos?”

“Porque esta palavra está mui perto de ti, na tua boca e no teu coração, para a fazeres.” *Deuterónimo 30:11-14*.

Assim, o Senhor do Céu e da Terra, que fez essa lei sagrada e santa disse sobre ela em linguagem clara. “Os mandamentos que hoje estou dando a vocês não são difíceis de entender, nem de cumprir.” (Nova Tradução na Linguagem de Hoje 2000 (NTLH)). Se acreditais em Deus, crede que Ele é a verdade e que não há mentira n’Ele e, em seguida, resolverá a questão. Sem dúvida que o fará por mim.

Mas este não é o único lugar na Palavra de Deus onde esta verdade é falada. A mensagem é a mesma de capa a capa. É a mesma tanto no Novo Testamento como no Velho, embora nem sempre

seja expressa na mesma linguagem como acima. Mais geralmente é revelada na forma de chamamento ou apelo, em palavras como estas:

“E guardai os meus estatutos e cumpri-os. Eu sou o Senhor que vos santifica.” *Levítico 20:8*.

“Esforçai-vos, pois, muito para guardardes e para fazerdes tudo quanto está escrito no livro da Lei de Moisés, para que dela não vos aparteis, nem para a direita nem para a esquerda;” *Josué 23:6*.

“Tu ordenaste os teus mandamentos, para que diligentemente os observássemos.” *Salmo 119:4*.

“Portanto, santificai-vos e sede santos, pois eu sou o Senhor, vosso Deus.” *Levítico 20:7*.

“Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai, que está nos céus.” *Mateus 5:48*.

“E ela disse: ‘Ninguém, Senhor.’ E disse-lhe Jesus: ‘Nem eu também te condeno; vai-te e não peques mais.’” *João 8:11*.

“Lavai-vos, purificai-vos, tirai a maldade de vossos atos de diante dos meus olhos e cessai de fazer mal.” *Isaías 1:16*.

“Vigiai justamente e não pequeis; porque alguns ainda não têm o conhecimento de Deus; digo-o para vergonha vossa.” *1 Coríntios 15:3-4*.

Estes são apenas alguns exemplos dos muitos, muitos testemunhos semelhantes que podem ser encontrados em toda a Bíblia. E junto com eles são prometidos, por um lado, a outorga de bênçãos sem número sob a condição de obediência e, por outro, prenúncios de terríveis juízos devastadores, para os desobedientes e os desleais.

Estes factos não devem ser interpretados no sentido de que Deus é o único que observa os homens a cometerem erros, de maneira a ser-Lhe dada oportunidade de derramar estes juízos sobre a humanidade. Deus não é o destruidor, nem o Executor da sentença sobre o ímpio, porque os sofrimentos preditos que ameaçam destruir a raça humana, são o resultado natural da desobediência. Esta relação entre a desobediência à lei natural e o colapso da saúde está a ser reconhecida cada vez mais amplamente na sociedade humana. Existe agora a aceitação geral da verdade, por exemplo, que há uma relação muito clara entre o tabagismo e cancro do pulmão, — ou seja, se praticais um durante o tempo e frequência suficientes, é quase certo que sereis atingidos pelo outro.

Embora o conhecimento do homem, da relação entre a desobediência e as suas consequências continue a ser limitado e faltoso, contém alguma verdade. Considerai, por exemplo, que as sete maravilhosas promessas encontradas em *Apocalipse 2 e 3* são para os que vencerem, não para os que são vencidos. Ora, a clara verdade é que um vencedor é aquele que tem a vitória sobre o pecado, e, portanto, tornou-se de facto um guardador da lei. As bênçãos são extensíveis apenas a esta classe.

Isto é declarado muito enfática e claramente em *Romanos 2:5-6*. Observai cuidadosamente a mensagem clara desses versículos:

“Mas, segundo a tua dureza e teu coração impenitente, entesouras ira para ti no dia da ira e da manifestação do juízo de Deus,

“O qual recompensará *cada um segundo as suas obras,*”

Até aqui isto está suficientemente claro. Deus irá julgar e lidar com cada homem nesse dia à luz daquilo que o homem tenha feito durante a sua vida. Se ele tiver sido paciente em continuar a fazer o bem, receberá a vida eterna, mas se tiver sido contencioso e desobediente, então virá sobre ele a indignação e a ira de Deus que se manifestará na destruição eterna.

“A saber: a vida eterna aos que, com perseverança em fazer bem, procuram glória, e honra, e incorrupção;

“Mas indignação e ira aos que são contenciosos e desobedientes à verdade e obedientes à iniquidade;

“Tribulação e angústia sobre toda alma do homem que faz o mal, primeiramente do judeu e também do grego;

“Glória, porém, e honra e paz a qualquer que faz o bem, primeiramente ao judeu e também ao grego;

“Porque, para com Deus, não há acepção de pessoas.

“Porque todos os que sem lei pecaram sem lei também perecerão; e todos os que sob a lei pecaram pela lei serão julgados.

“Porque os que ouvem a lei não são justos diante de Deus, mas os que praticam a lei hão de ser justificados. . .” *Romanos 2:7-13*.

Assim, no julgamento, eu mesmo, não outra pessoa em meu nome, vou ter de ser encontrado, fazendo o bem, de acordo com o padrão que a lei considera bom, ou não terei qualquer esperança de vida eterna.

“A condição de vida eterna é hoje justamente a mesma que sempre foi — exatamente a mesma que foi no paraíso, antes da queda de nossos primeiros pais — perfeita obediência à lei de Deus, perfeita justiça. Se a vida eterna fosse concedida sob qualquer condição inferior a essa, correria perigo a felicidade do Universo todo. Estaria aberto o caminho para que o pecado, com todo o seu cortejo de infortúnios e misérias, se imortalizasse.” *Caminho a Cristo, 62*.

Portanto, se o diabo está a falar a verdade quando afirma que não se pode obedecer à lei de Deus, e se por isso, é verdade que a lei não pode ser guardada por seres humanos, então, que conclusões podemos tirar a partir do testemunho citado, que declara que a condição da vida eterna é a perfeita obediência?

A terrível conclusão que deve ser retirada desse testemunho é que não há um único ser humano na Terra que tenha a menor esperança de redenção, porque, de acordo com estes falsos mestres, ninguém pode obedecer a essa lei. Cada um de nós tem de perecer. Não é possível chegar a outra conclusão. Por conseguinte, se tivermos essa compreensão, e temos a intenção de continuar com ela, então a coerência exige que abandonemos totalmente a profissão de cristianismo e nos juntemos às fileiras do ateísmo e tirar o melhor proveito do que resta desta vida, pois não conheceremos outra vida senão esta curta vida terrena.

Mas louvai ao Senhor, porque a lei pode ser guardada, por meio da Sua graça e pelo Seu poder. Não é muito difícil para nós, e nenhum de nós precisa de perecer.

A única maneira de alguém ultrapassar esta solene conclusão, e sossegar-se a si mesmo crendo que os homens serão salvos apesar de ao mesmo tempo acreditarem que é impossível guardar a lei, é inventar alguma maneira de entrar no Céu diferente da estabelecida na Palavra de Deus. Uma tal invenção tem de negar a exigência de guardar a lei na perfeição. E isso é exactamente o que os religiosos das igrejas actuais estão fazendo. Eu ouvi um desses pregadores a falar da entrega da lei do Sinai dizer estas palavras,

“Mesmo quando Deus lhes deu essa lei e os convidou para guardá-la sabia perfeitamente que lhes era impossível fazê-lo.”

Mas mesmo assim este homem continuou a pregar a esperança da salvação e espera ver milhares salvos no reino. Como?

Certamente, aquele que ensina em nome do diabo que não podemos guardar essa lei, não podia e não iria ensinar que chegamos ao julgamento guardando-a, porque seria uma contradição muito grosseira e evidente. Nem eles ousam negar o claro ensino da Palavra de Deus que a lei exigirá obediência perfeita no julgamento. Portanto, eles são deixados com a alternativa de dizer que uma vez que a pessoa não pode guardar a lei, então as boas obras têm de ser apresentadas em seu nome por alguém que pode guardar a lei. Assim, no julgamento não será ela a ser julgada segundo as suas próprias obras, mas de acordo com as obras de Cristo. Essa é a sua doutrina. Essa é a doutrina do seu pai, o diabo, mas não é a doutrina da Palavra do Deus vivo da eterna e imutável verdade.

O facto é que Jesus nunca veio para negar os ensinamentos de Seu Pai. Nem veio para alguma vez nos libertar da obrigação de guardar a lei. Mas veio para tirar de nós a pecaminosidade que nos impede de cumprir a lei, e para nos dar o poder para lhe obedecer totalmente. E na Sua própria vida, Ele forneceu a prova de que isso pode ser feito, e o exemplo de como deve ser feito.

Deixemos que seja gravado para sempre na vossa mente e na minha então, que as Escrituras ensinam claramente que, no julgamento, é minha vida que está a ser examinada, e é a minha obra, que será objecto de revisão. Ninguém no Céu ou na Terra ficará no meu lugar para ser examinado

por mim. E nesse dia eu devo ser encontrado como um observador da lei muito bem-sucedido. Portanto, deve estar para sempre gravado nas nossas mentes, que o Deus do Céu está exactamente e completamente certo quando diz que a lei não é muito difícil para nós e que podemos obedecer-lhe.

O que é curioso é que os mesmos que espalham a mentira do diabo de que a lei de Deus não pode ser guardada pela humanidade pregam muito sobre o amor e a justiça de Deus. Estes são os seus temas favoritos. Mas a sua versão do amor e da justiça de Deus, quando vistos por aquilo que são, rouba completamente Deus estes dois atributos. Deve ser reconhecido por qualquer mente honesta que não há o menor traço de justiça na exigência dos homens guardarem uma lei que não pode ser guardada, e levá-los a um julgamento que os condenará por não a guardarem; e, condená-los à destruição eterna, porque eles não lhe obedeceram.

É isso justiça?

Podia um ser de amor fazer uma coisa dessas?

Nunca!

Embora tais palavras apresentem Deus como um Deus de justiça e de amor, na verdade, apresentam-n'O como sendo da mais vil injustiça e de ódio mais cruel para com a família humana. Assim, da maneira mais subtil e desonesta, o diabo veste o Deus do Céu com os seus próprios atributos diabólicos.

Assim, temos diante de nós a palavra do Senhor contra a palavra de Satanás. Deus claramente e simplesmente diz que a santa lei, “não são difíceis de entender, nem de cumprir.” E Ele diz isto no tom suave e amoroso de um pai que procura incentivar o seu filho a fazer algo que os receios dos filhos pensam ser demasiado pesado para si.

Opondo-se a esta palavra está a afirmação ousada do diabo “é claramente impossível vós guardardes essa lei.”

Por conseguinte, aqui está perante vós. Tendes de acreditar num ou noutra. Não é possível acreditar em ambos. Não podeis sequer ser neutros sobre o assunto. Tendes de crer, na Palavra de Deus, ou na palavra do diabo.

É verdade que Satanás pode apontar para os incontáveis exércitos de habitantes da Terra que, implicitamente, crêem e ensinam a mentira dele, e ele afirma que o argumento da maioria está naturalmente certo. Mas a maioria nem sempre está certa, e seguramente não está neste caso, porque a maioria que está do seu lado está iludida. Afinal, quando é que em toda a história a verdade de Deus teve a voz maioritária nesta Terra?

Assim, como em todos os tempos, vós e eu, para sermos fiéis a Deus temos de tomar a nossa decisão de ficar com o pequeno grupo que caminha na luz. É aqui que a verdade se encontra tanto hoje como sempre. Mas, ao fazê-lo, com perseverança em fazer bem, podemos estar a preparar-nos para a vida eterna, sabendo que o diabo é um mentiroso e um homicida e que a lei não é muito difícil para nós, pela graça de Deus, e através de seu poder, ela pode ser guardada.

Este livro até agora tem tratado apenas com o facto de que a lei pode ser guardada e isso em perfeição. É muito possível que, devido a ideias preconcebidas em relação à verdadeira observância da lei, estejamos a aceitar erros na nossa compreensão sobre este assunto. É de esperar que, na continuação do nosso estudo de *A Vida em Justiça*, este problema seja resolvido com a correcção desses conceitos errados.

Por exemplo, haverá aqueles que condenarão o que foi escrito até agora neste livro, como sendo uma doutrina de justiça e de salvação pelas próprias obras dos crentes. Mas, tende a certeza que o autor deste livro tem um entendimento muito claro da diferença entre a observância da lei que é a tentativa do diabo de tentar alcançar justiça pelas nossas próprias obras, e o cumprimento da lei através da justiça pela verdadeira fé viva. A primeira é a frustrante tentativa de produzir obras justas num coração mau. A segunda é o caminho da vitória produzindo as boas obras da perfeita observância da lei com uma natureza espiritual que substituiu a antiga natureza espiritual má.

Capítulo 3

Qual Homem?

Nos dois últimos capítulos, comparámos as palavras do Deus vivo com as afirmações do diabo e, tão claramente quanto possível, vimos que é a mentira do diabo dizer que a lei de Deus não pode ser guardada por seres humanos nesta vida, enquanto de modo igualmente claro ouvimos a voz de Deus dizendo-nos que ela não é demasiado difícil para nós guardá-la.

Portanto, da mesma maneira como a questão entre Deus e o diabo é colocada tão claramente perante nós, assim temos de escolher em qual destas propostas acreditaremos. Será a Palavra de Deus, de que a lei pode ser guardada, ou a alegação do diabo, de que ela não pode ser obedecida? Na nossa decisão cabem as perspectivas de vida eterna ou de morte eterna. Nunca o percamos de vista.

Até agora apresentámos a questão nos seus termos mais simples. Mesmo assim, no entanto, é e continuará a ser a verdade de Deus, mas há ainda muito a aprender sobre a questão antes de conhecer, por experiência, a verdade que nos libertará.

Vejam então um pouco mais especificamente — ou seja, mais detalhadamente — o que são as reivindicações destes dois poderes. A alegação de Satanás é ousada e radical. Ela declara que é impossível qualquer ser humano, mesmo que seja um seguidor de Cristo, guardar essa lei.

Por outro lado, embora o Senhor claramente declare que a lei pode ser guardada pela humanidade, Ele não afirma que ela pode ser observada por um ser humano durante o período da sua vida em que está sob o controlo de Satanás. Na verdade, a Bíblia declara distintamente que, tal indivíduo, enquanto permanecer sob o controlo do diabo, é absolutamente impossível obedecer à lei.

Isto é repetidamente reiterado nas Escrituras de forma tão clara e expressamente que não se pode duvidar da veracidade desta verdade. O poderoso apóstolo Paulo, que realmente entendeu por experiência o poder deste princípio básico da justiça, descreveu nas seguintes palavras:

“A mentalidade da carne é inimiga de Deus porque não se submete à Lei de Deus, nem pode fazê-lo.” *Romanos 8:7, (NVI-PT)*.

Aqui, o inimigo mortal de Deus e do homem é chamado de “a mentalidade da carne”. Este poder não é meramente a inimizade contra Deus, mas é, em si, um estado de perpétua inimizade contra Deus. Pode ser perguntado, qual é a diferença? A diferença é que a inimizade referida em *Romanos 8:7*, não é algo que pode estar em paz hoje e em inimizade amanhã, como faziam as grandes nações da história. Por exemplo, uma vez vemos duas ou mais nações poderosas envolvidas num confronto mortal a respeito de alguns assuntos em disputa entre elas. A ferver de ódio, cada uma tenta resolver as suas diferenças nos campos de batalha sangrentos. No devido tempo as guerras acalmam, e o aparentemente inacreditável acontece – ex-inimigos parecem agora trabalhar para a paz entre si, quando se esforçam diligentemente para alcançar um objectivo comum.

A inimizade que é a mentalidade da carne não conhece essa passagem de coexistência pacífica para a hostilidade, e o regresso à paz outra vez. Ao dizer isto, não estou a subestimar a capacidade da mente carnal fazer parecer que foi verdadeiramente transformada num reino de paz, que é um hábil engano, e, como o leopardo, nunca muda. A única hipótese dessa inimizade poder deixar de ser inimizade contra Deus é a destruição. Isto significa que o poder, que é em si mesmo a inimizade na sua forma de estar, tem que deixar de existir para a inimizade ser removida e a paz ser estabelecida. Até morrer, onde quer que se encontre, aí a inimizade estará presente e a paz ausente.

O que é então esta mentalidade da carne que é tão implacavelmente hostil para com Deus? Nas Escrituras, a palavra “carnal”, geralmente significa “carne”, pelo que é frequentemente deduzido que a mentalidade da carne aqui referida é a nossa mente intelectual natural, mas não é isso, porque essa mente pode ser submetida à lei de Deus, ao passo que a mente carnal referida aqui, não pode estar sujeita à lei sob quaisquer circunstâncias.

Então aqui está uma força poderosa que, neste livro, vamos identificar como “o senhor do pecado”, e que não está sujeita à lei de Deus. Só existem duas classes de pessoas em todo o mundo, os que estão súbditos, e os que são senhores. Muitos são súbditos num nível e senhores noutra. Por exemplo, um homem durante todo o seu dia de trabalho está sujeito a seu empregador, mas, ao chegar em casa do trabalho, o mesmo homem pode ser senhor na sua própria casa.

Mas esse mesmo homem não pode ser ambos, sujeito e senhor, em relação ao seu empregador. Apenas um deles pode ser o senhor, e o outro o sujeito na sua relação um ao outro.

Semelhantemente, a mente carnal não é o sujeito, mas sim o senhor. Como em nada é sujeita à lei de Deus, não é obediente aos mandamentos de Deus, nem pode ser forçada a submeter-se aos sagrados preceitos. Isso é sempre verdadeiro, não importa quão claramente seja visto o inestimável valor das recompensas de viver em rectidão; ou quão ardentemente exista o desejo de guardar todos os mandamentos na perfeição; ou quão fortemente alguém determine viver em obediência a cada preceito dos mandamentos; nenhuma coisa boa pode vir da mentalidade da carne. Como será visto com maior evidência à medida que progredimos nos capítulos que se seguem, só há uma maneira de lidar com a mente carnal. Ela tem de ser erradicada e substituída pela mente de Cristo, para depois produzir o fruto da justiça.

A mesma verdade é reiterada com maravilhosa força nos versículos que se seguem:

“Porque, quando éreis servos do pecado, estáveis livres da justiça.

“E que fruto tínheis, então, das coisas de que agora vos envergonhais? Porque o fim delas é a morte.

“Mas, agora, libertados do pecado e feitos servos de Deus, tendes o vosso fruto para santificação, e por fim a vida eterna.

“Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus, nosso Senhor.” *Romanos 6:20:23*.

Estar sob o domínio da mente carnal, é estar livre da justiça, aquele maravilhoso código de comportamento sem pecado que abençoa o obediente com o bem-estar de toda a espécie. Além disso, estar livre em relação à justiça, é estar livre da observância da lei e da classe de pessoas que, sendo escravos do pecado, são, portanto, incapazes de guardar a lei.

Nesse caso temos de concluir que, se é absolutamente impossível alguém sendo escravo do pecado viver em rectidão, então aquele que tiver sido libertado dessa escravidão pode viver, porque a lei pode ser guardada pelos homens e mulheres. Por isso, chegamos à conclusão que existe uma clara distinção entre dois tipos de seres humanos — os que são escravos do pecado, e os que estão livres do pecado. É da maior importância que nós compreendamos claramente esta distinção, por isso vamos dedicar algum tempo a pesquisar sobre este assunto na Palavra de Deus.

Uma vez que tenhamos sido alertado para a verdade salvadora que, em primeiro lugar, a pessoa tem de entrar numa certa classe, isto é, no grupo libertado do cativo do pecado, antes de poder de facto obedecer aos mandamentos do Senhor, encontraremos esta verdade escrita em todas as Escrituras, e maravilhar-nos-emos por nunca o termos visto antes. O profeta Jeremias expressa esta verdade nas seguintes palavras:

“Pode o etíope mudar a sua pele ou o leopardo as suas manchas? Nesse caso também vós podereis fazer o bem, sendo ensinados a fazer o mal.” *Jeremias 13:23*.

Sabemos que é absolutamente impossível para ambos, o etíope e o leopardo, fazerem a menor alteração no tom da sua pele. Ao ser-nos referido esta inegável e evidente impossibilidade, o mensageiro do Senhor, procurou estabelecer a verdade que é igualmente impossível aqueles que habitualmente pecam fazerem boas obras. Aqueles que não foram transformados no interior não

podem realizar as obras da rectidão como o leopardo não pode mudar as cores das suas manchas, ou até mesmo acabar com elas.

Ezequiel, sem dúvida, demonstrou um claro, activo conhecimento deste princípio quando ensinou:

“E lhe darei um mesmo coração, e um espírito porei dentro deles; e tirarei da sua carne o coração de pedra e lhes darei um coração de carne.” *Ezequiel 11:19*.

Aqui o Senhor promete fazer algo em cada indivíduo. Ele declara que tirará o coração de pedra do lugar onde está naqueles que realmente se arrependem dos seus pecados, e, ao mesmo tempo, implanta um novo espírito dentro deles. É impossível extrair algo de uma pessoa, e deixá-lo lá ao mesmo tempo. Ou é removido e, assim, levado, ou permanece — o um ou outro, mas não ambos. Esta é uma apresentação clara e positiva do princípio da erradicação e substituição.

O Senhor não termina a Sua mensagem com o anúncio da erradicação do coração de pedra, e a Sua substituição por um coração e um espírito completamente novos, mas continua a mostrar o que pode ser realizado através desta remoção do coração de pedra e da sua substituição com uma nova força de vida. Este trabalho é feito para que:

“... Andem nos meus estatutos, e guardem os meus juízos, e os executem; e eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus.” *Ezequiel 11:20*.

Então, se há a necessidade de remover ou tirar o coração de pedra, da nossa carne, e a necessidade posterior de preencher o vácuo assim formado com um coração novo e um espírito novo, antes de podermos viver em rectidão, nenhuma pessoa dentro de quem a velha mente da carne ainda esteja pode possivelmente obedecer aos mandamentos.

É muito importante perceber que o coração de pedra não é a carne em si, mas é algo retirado da carne. Assim, uma pessoa ou tem o coração de pedra a residir na sua carne, ou o novo coração instalado no seu lugar.

É a mente carnal, e não a carne na qual ela reside, que está em inimizade com a lei de Deus, e não pode de maneira alguma ser sujeita a ela. *Romanos 8:7*. É o carácter de Satanás escrito no coração do homem; é a condição resultante do casamento com o velho homem do pecado mencionada em *Romanos 7:15*.

Enquanto estivermos assim, casados com Satanás, os filhos, ou os frutos dessa união só pode ter as perversas características do ódio, maldade, orgulho, e assim por diante. Será impossível produzir os bons frutos da obediência à lei enquanto fluir desses filhos uma corrente de actos pecaminosos. Verificaremos que estamos presos como escravos a essa condição, e que pelo poder e meios humanos não há como escapar da escravidão. Mas o Senhor diz que removerá este poder escravizador de nós, de modo que, livres da sua presença e poder, e cheios da plenitude do amor divino podemos viver em rectidão.

A mesma verdade é repetida em *Romanos 6:6* com maior clareza. Como este versículo se tornou o objecto do nosso estudo, esforçai-vos por entender a poderosa relação entre a causa e efeito, ao mesmo tempo conscientes de que, se não há motivo, não haverá qualquer efeito. Neste versículo, a causa é fornecida na crucificação do velho homem; o efeito é encontrado no fim do nosso serviço ao pecado.

“Sabendo isto: que o nosso velho homem foi com ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, a fim de que não sirvamos mais ao pecado.” *Romanos 6:6*.

Aqui está a mesma mensagem mencionada acima.

Aquele velho corpo de pecado tem de ser crucificado para ser destruído antes do nosso serviço ao pecado chegar ao fim, mas, uma vez efectuada essa mudança, a escravidão termina como se lê no versículo seguinte: “Porque aquele que está morto está justificado do pecado.” *Romanos 6:7*.

A mesma verdade foi reiterada com estas palavras:

“Quanto mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus, purificará a vossa consciência das obras mortas, para servirdes ao Deus vivo?” *Hebreus 9:14*.

Aqui, a mesma verdade é expressa em termos de limpeza ou purificação da consciência, para que possamos servir ao Deus vivo.

Na sua carta aos Efésios, Paulo demonstrou quão claramente reconheceu a causa do problema do pecado, e o seu efeito ao expressar essa verdade vital nestas palavras:

“Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isso não vem de vós; é dom de Deus.

“Não vem das obras, para que ninguém se glorie.

“Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas.” *Efésios 2:8-10*.

Sendo a salvação o resgate da humanidade da escravidão do pecado, requer a implantação de uma vida totalmente nova no lugar da que já foi perdida. Só o Salvador, que é, ao mesmo tempo, o Criador, pode conseguir isto. Portanto, aqueles que foram salvos pela graça devem receber a sua gloriosa redenção como o dom de Deus, porque só assim pode ela vir ao que perece.

A salvação é o dom da luz e da vida para a família humana pela segunda vez. A vida foi dada a Adão e Eva pela primeira vez no jardim do Éden, porém, como sabemos, os nossos primeiros pais perderam o dom perfeito. Isto tornou necessário o restabelecimento do dom da vida para a família humana, porque era insuficiente Deus ficar por uma oferta de perdão, pois um homem perdoado morto, não é melhor do que um homem morto não perdoado. Ambos estão inevitavelmente trancados na escuridão do túmulo, totalmente ignorantes do que está a acontecer no mundo acima deles.

A solução para o problema é Cristo pela obra das Suas mãos produzir perdoados cidadãos vivos do Paraíso restaurado, e é precisamente o que Ele faz. Por isso, tornarmo-nos resultado do Seu trabalho, criados para produzir boas obras.

Proporcionar homens com vidas cheias de justiça exige nada menos do que um trabalho de criação, ou, como é indicado com maior rigor, de recreação ou de regeneração. Isso só pode ser feito pelo próprio Criador. Ninguém mais tem esse poder. Mas é explicitamente declarado que esta obra de recriação é um trabalho que é feito para que possamos produzir boas obras, as obras de justiça. Somos recriados com essa finalidade, o que, mais uma vez, ensina a lição de que sem essa recriação nunca poderia haver qualquer boa obra da nossa parte.

Este mesmo princípio ensinando que sem causa não há efeito, é ensinado com poder e clareza no livro da natureza, onde um princípio de operação é que, como é na natureza, assim é na graça.

“As mesmas leis que regem o semear da semente terrena, regem o semear das sementes da verdade.” {PJ 7}, *Parábolas de Jesus*, 33.

Com a plena consciência disto, na Sua apresentação do evangelho, Jesus usou bastante material do livro da natureza para ilustrar e explicar a mensagem da libertação do pecado. A semeadura das sementes, o crescimento conjunto do trigo e do joio, a queda da chuva temporã, o lançamento da rede de pesca, o espinheiro, os frutos maus, e outras operações da natureza, foram todos usados por Cristo para dar clareza e poder às Suas apresentações da verdade viva. É totalmente verdade dizer que o Seu ministério de ensino nunca teria sido tão bem-sucedido sem o uso das informações contidas no livro da natureza como foi com o apoio dele.

Foi com estes meios que Ele podia apresentar ao povo o que na natureza estava tão visível diante deles, e sempre na presença deles e, em seguida, a partir do conhecido, levantava-lhes os seus olhos para contemplarem, compreender e a experimentar o que, para eles, tinha sido desconhecido.

Ele é o modelo de pregador, o evangelista supremo, que por preceito e exemplo nos mostra como a pregar o evangelho. Então, se na Sua prática de ensino, o livro da natureza foi uma referência de tão amplas proporções, exactas revelações da verdade do evangelho, e simplificações de tal valor dos temas mais profundos, deve isto manter também o mesmo lugar no nosso ministério. Assim, é feito neste livro.

Portanto, vemos que Jesus usou o espinheiro e as suas formas de indelevelmente gravar na mente dos Seus ouvintes a verdade de que, assim como um espinheiro nada mais pode produzir além de espinhos, um homem mau não pode produzir outra coisa senão obras más. E nos Seus ensinamentos desta lição, usando este meio, apontou, em primeiro lugar para aquilo que já lhes era familiar — o espinheiro crescendo ao redor deles sempre regido pelas leis fixas que, uma espécie apenas se pode reproduzir conforme a sua espécie. Ele nunca pode produzir qualquer outra forma de vida. Até

mesmo as crianças entendem isto como comprovado pelo facto de nunca procurarem frutos bons, como figos ou maçãs numa árvore má como um espinheiro ou um abrolho. Ninguém da Sua audiência tinha qualquer problema em entender a Sua referência às leis da natureza quando Ele disse estas palavras.

Aqui Cristo repetiu uma lei simples da natureza que todos conhecemos. Sabemos que nem uma vez em toda a história do mundo foi encontrado um único caso de violação desta lei. Ainda não apareceram uvas num espinheiro ou figos nos abrolhos e nunca acontecerá porque isso é absolutamente impossível. Todos os esforços da ciência e sabedoria dos homens nunca puderam fazê-lo. Pura e simplesmente não pode ser feito.

Basta pensar que alvoroço haveria se aparecessem uvas nos abrolhos. Os cientistas, botânicos, naturalistas, jornalistas e outros se juntariam para ver esta incrível manifestação da quebra da lei. Seria um espanto para o mundo.

“Porque não há boa árvore que dê mau fruto, nem má árvore que dê bom fruto.

“Porque cada árvore se conhece pelo seu próprio fruto; pois não se colhem figos dos espinheiros, nem se vindimam uvas dos abrolhos.” *Lucas 6:43-44.*

Tendo estabelecido esta verdade incontestável perante os Seus ouvintes, sem o menor receio de ser contestado, o Professor Mestre prosseguia passando em seguida a mostrar-lhes as mesmas leis que governam as operações no mundo espiritual com igual força e inviolabilidade. Ele declarou diante de todos que, como é na natureza, assim é na graça. As mesmas leis que regem a sementeira de sementes na Terra regem a sementeira das sementes da verdade. Em perfeita harmonia com isso, Ele diz:

“O homem bom, do bom tesouro do seu coração, tira o bem, e o homem mau, do mau tesouro do seu coração, tira o mal, porque da abundância do seu coração fala a boca.” *Lucas 6:45.*

Esta é uma lei que não pode ser alterada ou quebrada. À luz das palavras de Cristo, podemos dizer com a maior certeza de que não tem havido desde a criação do homem, alguém que sendo mau produzisse bom fruto, enquanto permanecesse nesse estado. Não houve um único. Nem jamais haverá. É uma impossibilidade.

Há muitos que, desafiariam a afirmação acabada de fazer apenas com o argumento de que mesmo o pior de nós realiza muitas boas obras, e até mesmo os criminosos observam um certo código de honra. Há uma filosofia sobre este assunto com a qual a maioria acha que se pode identificar, e que funciona da seguinte forma:

“Há tanto bem no pior de nós,

“E tanto mal no melhor de nós,

“Que não nos compete encontrar falhas nos outros!” *Autor desconhecido.*

Em todo lado nesta Terra amaldiçoada pelo pecado povoada por homens e mulheres, dos quais se pode dizer que muito poucos foram verdadeiramente transformados pelo poder criador de Deus do mal para o bem, é a prática humana exaltar as “virtudes” dos seus semelhantes, principalmente quando fazê-lo lhes traz recompensa. Os homens no seu amor egoísta procuram ser enaltecidos e louvados pelos outros, para poderem, por seu lado, atrair louvor para si.

É contra a natureza humana aceitar a verdade pura sobre a si mesmo, pelo que a ideia de não haver qualquer bondade naqueles que não têm a vida de Deus neles, é inaceitável para eles. A palavra de Deus, porém, é muito clara sobre este ponto. Até ser nascido de novo um homem não tem qualquer justiça, até mesmo as suas “boas obras” são da velha natureza que, pela sua própria constituição é completamente pecaminosa. Em vez de vestirmos uma roupa suja na qual há remendos de peças brancas, simbolizando as nossas boas obras ocasionais numa veste suja, as Escrituras declaram que todas as nossas vestes são “trapos da imundícia”.

“Mas todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justiças, como trapo da imundícia; e todos nós caímos como a folha, e as nossas culpas, como um vento, nos arrebatam.” *Isaías 64:6.*

“Tudo que podemos fazer de nós mesmos está contaminado pelo pecado.” {PJ 167}, *Parábolas de Jesus*, 311.

Mas por que é esse conhecimento tão importante para nós?

É porque, devido à introdução do pecado no mundo pela transgressão de Adão e Eva, todos nós herdamos a mente carnal, que mora na carne e sangue pecador. Assim, Adão perdeu o poder de transmitir a justiça e a imortalidade. Em lugar disso, tudo o que ele podia legar aos seus herdeiros era a injustiça e a mortalidade, de modo que cada um de nós pela herança natural é uma árvore má capaz de produzir apenas frutos maus. Não há um de nós que nascesse bom. Só podemos herdar dos nossos pais terrestres o que lhes foi transmitido — as suas naturezas más.

“Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, por isso que todos pecaram.” *Romanos 5:12*.

Adão, antes do pecado, podia fazer o bem, porque era bom, mas, até sermos feitos bons, só podemos fazer o mal porque somos maus. Não há outra conclusão admitida por estes factos. E, embora seja simples e directa, esta verdade não é entendida por tantos que estão à procura da pérola de grande preço, ou é rejeitada com aberta hostilidade por parte de muitos que deviam recebê-la calorosamente. E, no entanto, nenhuma verdade é mais claramente ensinada em todas as Escrituras, conforme está escrito:

“Nenhuma verdade a Bíblia ensina mais claramente do que aquela segundo a qual o que fazemos é o resultado do que somos. Em grande parte, as experiências da vida são o fruto de nossos próprios pensamentos e ações.” *Educação, 146*.

“O coração, por natureza, é mau, e ‘quem do imundo tirará o puro? Ninguém’. Jó 14:4. Invenção alguma humana pode encontrar o remédio para a alma pecadora. ‘A inclinação da carne é inimizade contra Deus; pois não é sujeita à lei de Deus, nem em verdade o pode ser’. Romanos 8:7. ‘Do coração procedem os maus pensamentos, mortes, adultérios, prostituições, furtos, falsos testemunhos e blasfêmias’. Mateus 15:19. A fonte do coração se deve purificar para que a corrente se possa tornar pura.” {DTN 111}, *O Desejado De Todas As Nações, 172*.

“A árvore tem de ser boa, antes de poder ser bom o fruto.” {PC 223}, *That I May Know Him, 226*.

Assim, a Palavra de Deus não tem a pretensão de que o não regenerado possa guardar a santa lei de Deus. Não há qualquer dúvida quanto a isso. Mas a afirmação que o Senhor faz, é que o homem que conheceu a mudança em si mesmo passando de uma pessoa má a uma pessoa boa, pode guardar a lei do Deus do Céu. Quando essa mudança acontece, será descoberto que a disposição para odiar o inimigo foi substituída pela disposição natural de amá-lo. É a pessoa em quem o espírito da lei está escrita que unicamente pode guardá-la, tal como a figueira dá figos, porque é sua natureza fazê-lo. Esta distinção deve ser sempre mantida em mente.

Anteriormente neste livro dirigi a vossa atenção para a declaração de Deus registada em *Deuterónimo 30:11-14*, que os seres humanos podem obedecer a cada uma das leis de Deus, com êxito e com o maior benefício. Prossegui isso estabelecendo a verdade de que esta garantia se aplica apenas aos que foram libertados da escravidão do senhor do pecado, e preenchidos com a presença permanente do Espírito Santo.

Conclui-se então que em qualquer apresentação da verdade viva da justiça de Deus, é necessário salientar que somente aqueles que foram transformados pelo poder criador de Deus, de mau para bons podem guardar os mandamentos de Deus. Moisés, sendo um dos que conhecia este princípio, seria de se esperar que ensinasse esta verdade equilibrada, o que fez. Por isso, quando, como registado em *Deuterónimo 30:11-14*, ele ensinou o povo, que poderia fazê-lo, deu testemunho de que eles o poderiam fazer porque a lei tinha sido gravada dentro deles. Aqui estão as suas palavras:

“Porque esta palavra está mui perto de ti, na tua boca e no teu coração, para a fazeres.” *Deuterónimo, 30:14*.

A população do mundo pode ser em termos gerais dividida em duas classes, os que nasceram com o fardo mortal do pecado e da mortalidade. Isto, inevitavelmente, significa que um fluxo interminável de más acções flui incessantemente destas fontes para todo o planeta. A maioria dessas multidões permanece em completa ignorância sobre os puros princípios da verdade que estão a ser

escritos neste livro, e, portanto, nunca aprendem como podem ser libertados da escravidão do pecado. Dos poucos que têm a oportunidade de aplicar estas verdades às suas vidas, apenas uma pequena proporção, na verdade, transforma a teoria em acção. É uma tragédia quando se considera quantas almas são eternamente perdidas, mesmo numa base diária, e como muita tristeza, perda e sofrimento seria evitado se o fluxo de iniquidade fosse cortado na sua fonte.

Que ninguém se iluda com o elevado nível de interesse religioso e actividade que está inegavelmente presente na sociedade humana contemporânea, e está lá fazendo sentir a sua presença. No entanto, estes não são portadores do evangelho da salvação, a menos que ensinem que a velha natureza tem de ser erradicada, e substituída pela nova natureza, para que o nosso serviço ao pecado possa ser terminado.

Com tantas organizações religiosas a trabalhar muito diligentemente na pregação daquilo que acreditam ser o evangelho, esperar-se-ia ver uma tremenda redução na prevalecente iniquidade, mas não se verifica isso. Pelo contrário, as coisas vão de mal a pior.

Há uma clara razão para este efeito. É porque mesmo o mais diligente exame dos seus ensinamentos, não encontram qualquer vestígio do princípio de que, tendo nascido em pecado, devemos tornar-nos bons antes de podermos fazer o bem. Pode pesquisar-se os ensinamentos das diversas organizações religiosas, e descobriremos que em todas elas ainda falta esta verdade, o que deixa apenas a estranheza porque a onda de maldade no nosso mundo não está a conduzi-lo de volta ao ponto de onde ele veio.

À medida que se estuda a Palavra da verdade é incrível o quanto alguém possa ter o que o verdadeiro cristão deve ter também, e ainda assim estar fora da verdadeira família de Deus. Em estudos posteriores, provaremos que um homem pode, enquanto membro da igreja ter um conhecimento da teoria da verdade, bênçãos temporais, livramentos do sofrimento, da doença e da morte ou perdas financeiras pela mão de Deus; pode até sentir um profundo amor por Deus, e pode sinceramente ainda expressar-Lhe gratidão pela Sua bondade, e mesmo assim não ter a nova natureza, não ter a lei escrita no seu coração, e ser por isso uma árvore má, e ser escravo do pecado e produzir só frutos maus.

Assim, em termos simples, há duas classes. Aqueles que pertencem a um desses dois grupos não têm esperança de guardar a lei de Deus, porque ainda estão em cativo do senhor do pecado. Jamais tentemos alguma argumentar com alguém que eles são capazes de fazê-lo. Somente aqueles que são nascidos de novo podem, e para eles é um prazer e uma alegria. Pelo facto de serem nascidos de novo, e serem uma nova criação, do velho homem do pecado ter sido destruído de dentro deles, e terem a mente de Cristo, não altera o facto de que ainda são seres humanos. Eles não se tornaram anjos ou deuses. São pessoas muito diferentes do que eram antes, mas ainda são os homens e mulheres. Agora, embora não sejam incapazes de pecar, têm poder de não pecar, se exercerem a sua liberdade em Cristo Jesus.

Jesus disse, “e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.” *João 8:32*.

A mensagem deste livro é muito prática. Não só defende o facto de que todos podem viver em rectidão se permitirem que o evangelho faça o seu trabalho indicado, mas também explica os procedimentos passo a passo através dos quais a justiça pode ser alcançada.

Os primeiros passos do caminho para o Céu foram agora dados ao ganharmos uma compreensão das reivindicações de Deus contra as do diabo. A partir desse ponto progrediremos até estarmos estabelecidos na completa experiência da justificação pela fé.

Assim, nesta fase, se não ganhámos alguma outra, pode ser que tenhamos obtido a segura convicção de que a lei pode ser guardada e essa será a nossa alegria e prazer, observar fielmente tudo o que isso exige de nós.

Capítulo 4

A Prova da Afirmação de Deus

Em toda a disputa sobre se a lei pode ou não ser guardada por seres criados, Satanás pode apontar os incontáveis homens e mulheres de todos os séculos e gerações que apoiam a sua reivindicação vivendo vidas de rebelião e desobediência, como prova da validade da sua posição. Com certeza, ele tem a maioria do seu lado no argumento. Mas, neste caso, pelo menos, a maioria está errada. A maioria de Satanás é uma maioria *enganada* e, como tal, não constitui prova de nada.

Há certas situações em que a multidão descrente pode estar muito errada e a desprezada minoria muito certa, e esta é uma delas. Século após século, a maioria dos homens não acreditaram que seria possível alguém voar como as aves, e as tentativas de alguns para cruzarem o ar era olhadas com indiferença, divertimento, e até mesmo ridicularizadas. Foi preciso apenas dois jovens, Orville e Wilbur Wright, para *provar* que todos estavam totalmente errados. Eles *conseguiram isso*, não pelos acesos e longos debates, mas *simplesmente fazendo* o que muitos diziam não poder ser feito — eles voaram. E, porque eram homens como qualquer outro homem na Terra, o que fizeram provou o que qualquer outro homem poderia fazer também. Este tem sido o caso ao ponto de milhões já terem voado “como as aves” desde então.

Da mesma maneira, Deus fez mais do que simplesmente declarar o Seu caso. Ele *provou-o*. Ele tem *provado* isso dando uma demonstração *conclusiva* de que a lei pode ser guardada por seres humanos, mesmo sob as *maiores desvantagens* e nas *circunstâncias mais difíceis*.

Essa demonstração foi feita mais completamente e com sucesso durante a vida terrena de Jesus, o Filho de Deus e do homem. Para realizar este aspecto essencial da Sua missão, Ele precisou de vir à Terra para fazer muito mais do que morrer e, assim, pagar o preço do resgate pela humanidade perdida, apesar dessa obra ser de importância vital. Mas Jesus veio para realizar muito mais do que isso. Ele veio, entre outras coisas, para provar que o homem, mesmo quando condicionado com as limitações de uma humanidade degenerada e rodeado por um ambiente que tinha todo o apelo e pressão para o pecado, poderia obedecer a todos os mandamentos de Deus, e fazê-lo para seu benefício e vantagem.

Para esta demonstração provar com eficácia a veracidade daquilo que se destinava provar, Cristo teve que vir *até onde nós estamos e como somos*, para poder conhecer pela Sua própria experiência o que significa o homem batalhar contra o mal. Portanto, como tinha que ser, Ele veio com a mesma carne e sangue, como todos os filhos dos homens, de modo que ninguém poderia alguma vez tentar desculpar-se com base na fraqueza e mortalidade da sua carne e sangue.

Ao mesmo tempo, a fim de dar o poder necessário para vencer as fraquezas da carne e do sangue mortal, Cristo veio com o mesmo poder divino na Sua carne e sangue, como o disponível para todo o homem, e depois, com esse poder, apesar das limitações e dificuldades da sua fraca e degenerada humanidade, viveu uma vida de perfeita obediência a todos os mandamentos do Senhor. Nem mesmo um pensamento passageiro O fez ceder à tentação.

Assim, colocando-Se voluntariamente, onde cada homem está localizado em toda a fraqueza e desamparo da humanidade, no próprio ambiente de tentação e pecado, Ele, ao triunfar sobre tudo, provou para sempre que cada um de nós pode fazer o mesmo, se nos apropriarmos da vida divina e

do poder que Ele nos oferece livremente. A Sua vida afasta de todo o filho do homem toda a desculpa que alguma vez este pudesse pensar apresentar para o fracasso e derrota nesta vida. “Com a força que Cristo me dá, posso enfrentar qualquer situação.” *Filipenses 4:13*, (Nova Tradução na Linguagem de Hoje 2000 -NTLH).

Esta verdade é maravilhosamente expressa no parágrafo a seguir:

“O Salvador tomou sobre Si as enfermidades humanas, e viveu uma vida sem pecado, a fim de os homens não terem nenhum temor de que, devido à fraqueza da natureza humana, eles não pudessem vencer. Cristo veio para nos tornar ‘participantes da natureza divina’ (2 Pedro 1:4), e Sua vida declara que a humanidade, unida à divindade, não comete pecado.” *A Ciência do Bom Viver*, 180.

Para podermos compreender o valor e a força dessa demonstração para nós, pessoalmente, e para experimentar o seu poder salvador, devemos conhecer e crer por nós mesmos que Jesus foi de facto, “em todas as coisas. . . feito semelhante a seus irmãos”, portanto foi, na realidade, “em todos os pontos, tentado como nós somos”, e ainda não exerceu poder divino em Seu benefício que não estivesse livremente acessível para nós. Como Ele diz, “Sem mim nada podeis fazer”, por isso como disse de Si mesmo enquanto estava sobre esta Terra, “não posso de mim mesmo fazer coisa alguma.” Ele dependia do Pai a cada momento por poder para vencer cada tentação, tal como temos de depender do Pai a cada momento por poder para vencer, de modo que, “como Ele também triunfou”, assim temos nós de vencer.

“Pelo que convinha que, em tudo, fosse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote naquilo que é de Deus, para expiar os pecados do povo.” *Hebreus 2:17*.

“Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado.” *Hebreus 4:15*.

“Eu não posso de mim mesmo fazer coisa alguma; como ouço, assim julgo, e o meu juízo é justo, porque não busco a minha vontade, mas a vontade do Pai, que me enviou.” *João 5:30*.

“Eu sou a videira, vós, as varas; quem está em mim, e eu nele, este dá muito fruto, porque sem mim nada podereis fazer.” *João 15:5*.

“A obediência de Cristo a Seu Pai era a mesma obediência que é requerida do homem. O homem não pode vencer as tentações de Satanás sem combinar o poder divino com o seu auxílio. Assim foi com Jesus Cristo: Ele podia lançar mão do poder divino. Ele não veio ao nosso mundo para prestar a obediência de um Deus inferior a um superior, mas como homem, para obedecer à Santa Lei de Deus, e desta maneira Ele é nosso exemplo. O Senhor Jesus veio ao nosso mundo, não para revelar o que Deus podia fazer, e, sim, o que o homem podia realizar, mediante a fé no poder de Deus para ajudar em toda emergência. O homem deve, pela fé, ser participante da natureza divina e vencer toda tentação com que é assaltado.” {AV 43}, *Nossa Alta Vocação*, 48.

De que outra forma poderia ser, porque conclui-se que se esta prova é válida para toda a humanidade, Jesus tinha realmente tornar-se homem, a fim de estabelecer essa validade para além de qualquer contestação. Ele devia ter propriamente Suas, todas as fraquezas, fragilidades, desvantagens e enfermidades comuns à humanidade, e como tal, conheceria por experiência pessoal toda a força e poder de cada tentação que é comum ao homem. Não poderia ter sido de outra forma. Jesus não poderia ter outra humanidade senão a que Ele veio salvar, nem por um fio de um cabelo, pois, se assim fosse, então a Sua vida nada provaria para Deus e para a verdade. Em vez disso, seria um poderoso argumento de Satanás, porque ele poderia e iria alegar que onde Cristo não enfrentou e triunfou sobre a tentação, aí a graça de Deus não era suficiente para solucionar o problema do pecado, e a lei afinal não podia ser obedecida. Para nós, isso significaria que teríamos todos os pretextos possíveis para pecar, porque, se Cristo não poderia fazê-lo, o que podíamos nós esperar?

Há uma estreita relação entre a manifestação de Cristo nesta Terra no mesmo sangue e carne mortal, como o que tem o resto da humanidade, e o fim do pecado na vida dos filhos de Deus. O facto é que aqueles que negam a plenitude da humanidade de Cristo, também negam a possibilidade da contínua vitória total sobre cada pecado conhecido na vida. Para esses, o seu suposto cristianismo é um padrão sempre repetido, do pecar e confessar, pecar e confessar, pecar e confessar.

Mas a Bíblia claramente diz “que convinha que, em tudo, fosse semelhante aos irmãos.” *Hebreus* 2:17. Ora, “em tudo” quer dizer exactamente isso, “todas as coisas” não algumas coisas, ou muitas coisas, ou mesmo a maior parte das coisas.

Não percamos no entanto o ponto essencial de que a semelhança em todas as coisas é a semelhança com os Seus irmãos, e não a semelhança com tudo ou todos, bons ou maus, pois seria criada uma incontornável contradição. Tenham em mente que Cristo não veio à Terra para provar que a lei poderia ser guardada por um homem ainda dominado pelo senhor do pecado, mas por aqueles que foram libertados do seu poder. Aqui reside uma importante distinção. No capítulo anterior mostrei como é impossível um homem em quem a velha natureza pecaminosa reside, obedecer a qualquer dos mandamentos do Senhor. Vimos como a Bíblia ensina claramente o princípio de que o homem deve tornar-se bom antes de poder fazer o bem.

A partir daí, são imediatamente visíveis duas conclusões. Uma é que Jesus nunca veio para provar que um homem mau, enquanto permanecer assim, poderia guardar a lei de Deus. Há duas boas razões para isso. No primeiro caso, era impossível de qualquer maneira e, no segundo ter feito isso não teria sido mais do que a tentativa de provar que a Bíblia estava errada, uma coisa que Ele como a Verdade nunca poderia sequer pensar em fazer.

A segunda conclusão é que Jesus nunca foi feito em todas as coisas semelhante a um homem em quem o senhor do pecado habita, pois se tivesse, também teria sido impossível Ele guardar a lei. Ele teria sido uma árvore má e, portanto, por natureza, só poderia ter produzido frutos maus. Nem em qualquer lugar das Escrituras se diz que Ele foi feito em todas as coisas como o homem em quem reside a velha natureza, mas que Ele foi feito em todas as coisas como os Seus irmãos. Sem dúvida, há uma diferença muito clara entre aqueles que são Seus irmãos e aqueles que não são, nem todos os homens são os irmãos de Cristo do lado espiritual, porém, do lado físico, todos nós somos irmãos.

Isto é muito evidente nas próprias Escrituras e também nos factos do que constitui ser irmãos. Os irmãos são de uma família e têm um pai comum, uma relação que Paulo negou ter com os judeus incrédulos a quem classificou como “gentios” e “estrangeiros”. Paulo lembrou aos efésios do seu tempo de onde eles anteriormente eram:

“Lembrem que vocês, os não judeus, eram chamados de incircuncidados pelos judeus, que chamam a si mesmos de circuncidados por praticar a circuncisão. Lembrem do que vocês eram no passado.

“Naquele tempo vocês estavam separados de Cristo; eram estrangeiros e não pertenciam ao povo escolhido de Deus. Não tinham parte nas suas alianças, que eram baseadas nas promessas de Deus para o seu povo. E neste mundo viviam sem esperança e sem Deus.

“Mas agora, unidos com Cristo Jesus, vocês, que estavam longe de Deus, foram trazidos para perto dele pela morte de Cristo na cruz.” *Efésios* 2:11-13, (NTLH 2000).

É impossível um homem ser irmão e estrangeiro ao mesmo tempo. Quando Paulo encontrou pela primeira vez aquelas pessoas que mais tarde se tornaram cristãs em Éfeso, eram gentios e estrangeiros, mas através da pregação do evangelho, a separação foi tirada, e a irmandade substituiu o distanciamento. Neste ponto, o que não deve ser ignorado é o facto de que eles tinham um novo pai no lugar daquele que os dominava anteriormente. Aquele que já tinha sido seu pai não era outro senão o próprio Satanás.

É verdade que Satanás, juntamente com os anjos em geral, não tem o poder de reproduzir-se fisicamente, mas ele é com certeza capaz de ser pai da vida espiritual da humanidade no mal. Daqueles em quem o espírito maligno é implantado é dito serem “os filhos do maligno.” *Mateus* 13:38. Por isso, o maligno que é Satanás deve ser o pai desses filhos.

Mais uma confirmação de que Satanás é de facto um pai é dada na declaração de Cristo para este efeito quando foi dito aos dirigentes judeus hostis que estavam sempre oposição:

“Vós tendes por pai ao diabo. . .” *João* 8:44.

A conclusão poderosa e cheia de verdade a tirar da declaração de Cristo é que, ao passo que Satanás era o pai dos judeus incrédulos, Cristo Se identificou como filho de Seu pai — Deus!

Os filhos de Satanás e de Deus não eram descendentes do mesmo pai, um era mau, e o outro bom, e por causa dessa diferença de parentesco, eles nunca poderiam ser irmãos, até que um ou o outro mudasse a sua linhagem. Esta definição de irmãos relativamente à encarnação de Cristo é extremamente importante para o nosso entendimento da encarnação de Cristo. Caso contrário, se não tivermos formado uma definição correcta do que é ser irmão, em termos físicos e espirituais, não podemos compreender a mensagem vital de *Hebreus 2:11*.

“Porque, assim o que santifica como os que são santificados, são todos de um; por cuja causa não se envergonha de lhes chamar irmãos.” *Hebreus 2:11*.

Vamos estudar um pouco este versículo. Ele diz que tanto o que santifica como os que são santificados, têm uma origem comum. Eles são todos de um. Ora, neste contexto, Ele que é o Santificador, ou Aquele que faz os outros santos, é Cristo. Ele é o sujeito tanto no versículo como no seu contexto.

É de notar que o texto fala agora no tempo presente daqueles que são santificados. E quem são os santificados? Não pode haver qualquer dúvida sobre quem são eles. São os que nasceram de novo; aqueles de quem o velho senhor do pecado foi removido, e que, tendo-se tornado árvores boas, são capazes de dar bons frutos e, assim, obedecer à lei de Deus. Estes são aqueles de quem estudámos no capítulo anterior como sendo muito diferentes do homem pecador, não regenerado que não podia obedecer à lei de Deus.

E eles são aqueles a quem Cristo não se envergonha de chamar irmãos, porque eles são os Seus irmãos em virtude do facto de terem pais comuns. É a eles que Ele chamará de irmão e a nenhum outro. E foi com eles que se tornou semelhante em todos os pontos, e em todos os pontos são tentados como Ele foi tentado.

Por causa desta distinção ser tão importante, estudemos um pouco mais a origem comum desses dois, o Santificador e o santificado.

Estudaremos primeiramente a origem dos santificados por ser mais facilmente compreendido por nós, que temos de partir do conhecido para o desconhecido em toda a aprendizagem.

Os santificados têm, em primeiro lugar, uma herança física que tem sido adquirida pelo processo normal de reprodução humana que inevitavelmente assegura que os filhos têm a mesma caída, pecadora carne e sangue mortal dos pais. Ninguém pode chegar ou chegou a esta Terra por qualquer outra via ou de qualquer outra forma, ou com qualquer outra carne e sangue. Não há um dos irmãos de Cristo que alguma vez tenha contornado este procedimento. Ou vieram à Terra desta maneira ou nunca chegaram sequer.

Cada um de nós conhece as desvantagens, deficiências, fragilidades, fraquezas e enfermidades da nossa natureza caída. Temos aprendido alguma coisa do poder dessa natureza humana para lutar contra tudo o que ameaça a preservação da sua própria vida, conforto, prosperidade e bem-estar. Conhecemos também, quão firmemente essa carne resistirá ao chamamento de Deus quando esse chamamento, como sempre acontece, exige sacrifício e prova. Só podemos descrever essa carne como sendo pecadora nas suas tendências e propósito. Ela é mortal e corruptível, como tal, não pode entrar no reino do Céu.

“E, agora, digo isto, irmãos: que carne e sangue não podem herdar o Reino de Deus, nem a corrupção herda a incorrupção.” *1 Coríntios 15:50*.

“Vimos pelos textos citados que, quando o Filho do homem vier, os mortos serão ressuscitados incorruptíveis, e os vivos serão transformados. Por esta grande mudança ficam preparados para receberem o reino; pois Paulo diz: ‘A carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herda a incorrupção.’ *1 Coríntios 15:50*. O homem, em seu estado presente, é mortal, corruptível; o reino de Deus, porém, será incorruptível, permanecendo para sempre. Portanto, o homem, em sua condição atual, não pode entrar no reino de Deus. Mas, em vindo Jesus, confere a imortalidade a Seu povo; e então os chama para possuírem o reino de que até ali têm sido apenas herdeiros.” *O Grande Conflito, 322-323*.

Nós, os que foram verdadeiramente nascidos de novo também sabemos que a experiência do novo nascimento não faz qualquer alteração na carne, excepto que pela prática da temperança e abnegação, há nítida melhoria no estado geral de saúde e bem-estar da pessoa que foi libertada do poder do senhor do pecado. Não se trata de negar que há uma grande mudança que ocorre no pecador quando ele renasce. Há uma enorme mudança, mas essa não é na natureza carnal, mas na espiritual, o facto é que quando nascemos de novo não deixamos de ser seres humanos. Não somos neste momento libertados da carne pecaminosa, mas continuamos a ser, de facto, os filhos dos homens.

No entanto, como já antes indicámos, o homem não convertido tem uma segunda linhagem ou origem, uma como humano, a outra que é satânica. “Vós tendes por pai ao diabo,” disse Jesus claramente aos incrédulos, judeus não convertidos. Como pai, que ele certamente é, Satanás apenas pode reproduzir-se de acordo com o que é. Ele é um mentiroso e um homicida; assim são os seus descendentes. Ele é orgulhoso e mau; assim são eles! Todos eles são da mesma origem no lado espiritual, do mesmo modo como são de uma origem quanto aos homens, convertidos ou não, do lado físico.

Um ponto-chave aqui é que seja o antigo senhor do pecado ou a natureza do nosso Salvador, os dois não habitam ao mesmo tempo na nossa pecadora carne e sangue mortal, ou temos o velho senhor do pecado ou a natureza do nosso Salvador na mesma carne e sangue mortal, nunca ambos ao mesmo tempo. Para vos ajudar a entender isso, dirigirei a vossa atenção mais uma vez para verdes o evangelho ilustrado no livro da natureza, com referência específica à árvore boa e árvore má.

Quando o agricultor se aproxima do espinheiro com a intenção de resolver o problema da sua presença, ele arranca-o do seu terreno e destrói-o. Depois, no mesmo solo, ele planta uma árvore boa. Assim, uma árvore má é substituída por uma árvore boa, por isso, no mesmo solo ou temos uma árvore boa ou uma árvore má em crescimento, nunca ambas ao mesmo tempo no mesmo lugar. Uma tem de substituir a outra, mas o solo é o mesmo.

No caso dos santificados aqueles de quem estamos a estudar, aquilo que era de origem satânica foi removido, e eles nasceram de novo de uma filiação divina que não é pecaminosa e mortal, nem humana. É de Deus, sendo nascido d’Ele através de Jesus Cristo, de acordo com leis da reprodução aplicada à concepção e nascimento espiritual. Neste processo, a velha natureza pecaminosa foi removida e uma nova vida tomou o seu lugar.

Há muitas Escrituras que se referem aos verdadeiros cristãos como filhos de Deus. A realidade desta filiação precisa ser apreciada muito mais do que é, porque há os que não levam a sério esta realidade como se fosse nada mais do que uma mera figura de retórica, embora a *Bíblia* fale claramente desta filiação como sendo uma verdadeira relação entre um verdadeiro Pai e aqueles que nasceram d’Ele.

“Mas a todos quantos o receberam deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus: aos que crêem no seu nome,

“Os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus.” *João 1:12-13*.

“Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifesto o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como é o veremos.” *1 João 3:2*.

“Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus.

“Porque não recebestes o espírito de escravidão, para, outra vez, estardes em temor, mas recebestes o espírito de adoção de filhos, pelo qual clamamos: ‘Aba, Pai.’

“O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus.

“E, se nós somos filhos, somos, logo, herdeiros também, herdeiros de Deus e coerdeiros de Cristo; se é certo que com ele padecemos, para que também com ele sejamos glorificados.” *Romanos 8:14-17*.

Assim, pode-se dizer de cada cristão verdadeiramente nascido de novo, que ele é um filho do homem e filho de Deus; ele tem a mente de Cristo. Ele tornou-se um participante na Divina Natureza, *2 Pedro 1:4*, e é na verdade um ser humano divino.

É verdade que muitos têm dificuldade em discernir as diferenças entre a natureza humana, por um lado, e por outro, a natureza pecaminosa que habita na carne e governa sobre ela. Para muitos, elas são a mesma coisa, mas a diferença existe e é muito importante. Na verdade seria totalmente impossível compreender a encarnação de Cristo e o novo nascimento se não conseguirmos compreender essa distinção.

Agora que estudámos a natureza do homem, passemos ao estudo da natureza de Cristo, para ver se as Escrituras ensinam que Ele era, verdadeiramente feito em todas as coisas semelhante aos Seus irmãos.

Em primeiro lugar, vamos considerar o lado humano da Sua natureza, do qual a *Bíblia* afirma o seguinte:

“Os filhos, como ele os chama, são pessoas de carne e sangue. E por isso o próprio Jesus se tornou igual a eles, tomando parte na natureza humana deles. Ele fez isso para que, por meio da sua morte, pudesse destruir o Diabo, que tem poder sobre a morte.” *Hebreus 2:14*, (NTLH, 2000).

Esta é uma declaração muito clara a mensagem da qual é que Cristo participou da mesma carne e do sangue que os filhos têm, da mesma maneira que os filhos adquiriram o deles, ou seja, através do processo de nascimento humano normal. Essa comparação com os filhos, e não com o pai, torna a diferença inequívoca sobre que tipo de carne e sangue Cristo tinha, e o que Ele poderia ter tomado. Se ele tivesse declarado apenas que o nosso Salvador tinha participado da carne e do sangue, nós perguntaríamos “que carne e sangue? — a sem pecado, imortal, pura, o sangue e a carne, de Adão antes de pecar, que lhe foi dada pela criação directa — ou foi a pecadora, caída, carne mortal dos filhos do Adão antes de pecar, adquiridos unicamente como poderia ter sido, através do processo normal de reprodução?”

A informação fornecida neste versículo responde a essas perguntas muito apropriadamente. Ele esclarece vários pontos importantes em relação à encarnação de Cristo. Jesus quando apareceu como um bebé em Belém não foi criado como um ser distinto, sem pecado, imortal, como foi o pai, Adão. Se tivesse sido, então não poderia ter tido a mesma carne e sangue, como os filhos. A Sua teria sido sem pecado e imortal; a deles, do pecador e mortal. A Sua teria sido perfeita e sem mácula; a deles desfigurada pelo pecado, e muito imperfeita. Claramente, a mensagem é que Ele nasceu, não do pai justo, Adão, ou pela directa obra criadora de Deus, mas sim dos filhos pecadores.

Esta verdade é reafirmada muitas vezes nas Escrituras:

“Tomou a descendência de Abraão.” *Hebreus 2:16*.

“Acerca de seu Filho, que nasceu da descendência de Davi segundo a carne,” *Romanos 1:3*.

“Mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei.” *Gálatas 4:4*.

Estes e outros textos semelhantes confirmam que Jesus Cristo participou da mesma carne e sangue, como os filhos exactamente da mesma maneira.

Como é que nós recebemos o nosso?

Recebemo-lo pelo processo de nascimento humano normal de filiação. A *Bíblia* diz que ele *também* participou da *mesma* carne e sangue, como os filhos. A palavra “da mesma” significa “exactamente da mesma forma.”

“Teria sido uma quase infinita humilhação para o Filho de Deus, revestir-Se da natureza humana mesmo quando Adão permanecia em seu estado de inocência, no Éden. Mas Jesus aceitou a humanidade quando a raça havia sido enfraquecida por quatro mil anos de pecado. Como qualquer filho de Adão, aceitou os resultados da operação da grande lei da hereditariedade. O que estes resultados foram, manifesta-se na história de Seus ancestrais terrestres. Veio com essa hereditariedade para partilhar de nossas dores e tentações, e dar-nos o exemplo de uma vida impecável.” {DTN 25}, *O Desejado de Todas as Nações*, 49.

Assim é tornado para sempre claro para nós que Ele tomou a mesma carne e sangue que temos com tudo o que isso significa, e que Ele a tomou da mesma maneira que nós. Por isso, entre a nossa origem do lado humano, e a Sua origem do lado humano, não há a mínima diferença. Ele veio até nós exactamente onde estamos e, exactamente como nós somos e ficou connosco, completamente um de nós e para nós.

Deus disse claramente que a lei pode ser guardada com perfeição pelos seres criados, incluindo a humanidade caída. Mas Ele não deixou o assunto por aí apenas pelas palavras. Ele fez mais do que dizê-lo. Ele provou-o, e essa prova é feita na vida terrena de Jesus, o Filho de Deus e do homem. E a maravilhosa vitória desse Filho, na mesma carne e sangue, como o que os filhos possuem, é o ponto final para sempre sobre o argumento de Satanás. Ele simplesmente fica sem caso para apresentar.

Até agora no estudo da resposta de Deus à mentira de Satanás, temos salientado a plenitude da humanidade do Salvador, que Ele era verdadeiramente e em todos os aspectos, o Filho do Homem, e foi feito em todas as coisas como os Seus irmãos. E vimos que, se Ele tinha realmente de conquistar a vitória sobre o diabo e, assim, provar que a lei pode ser guardada, então era absolutamente necessário que Ele fosse verdadeiramente homem.

Mas, embora sofrendo todas as limitações e desvantagens da carne humana pecaminosa, também era, no entanto, o Filho de Deus e possuidor em todos os momentos e em todas as circunstâncias, do carácter imaculado do Seu Pai no Céu. E deve ser entendido que como Filho de Deus Ele era o Deus, eterno, existindo por Si mesmo, onnipotente. *Ele era Deus na carne.*

“O ideal do carácter cristão, é a semelhança com Cristo. Como o Filho do homem foi perfeito em Sua vida, assim devem Seus seguidores ser perfeitos na sua. Jesus foi em todas as coisas feito semelhante a Seus irmãos. Tornou-Se carne, da mesma maneira que nós. Tinha fome, sede e fadiga. Sustentava-Se com alimento e refrigerava-Se pelo sono. Era Deus em carne. Ele compartilhou da sorte do homem; não obstante, foi o imaculado Filho de Deus. Seu carácter deve ser o nosso. Diz o Senhor dos que nEle crêem: ‘Neles habitarei, e entre eles andarei; e Eu serei o seu Deus e eles serão o Meu povo.’” 2 Coríntios 6:16. {DTN 213}, *O Desejado de Todas as Nações*, 311.

Significa que Ele lutou a batalha contra o pecado do ponto de vista de um Deus? Se não, então, em que sentido veio Ele para vencer o pecado como Deus em carne?

É evidente que, se Cristo viesse como Deus, no exercício do poder onnipotente, Ele estaria onde nenhum homem jamais poderia estar, porque as vantagens que Ele teria possuído tê-l’O-iam colocado numa posição de total imunidade ao pecado, que é possuída apenas pelos membros da Trindade. Não teria havido qualquer possibilidade de Ele alguma vez cometer pecado sob qualquer aspecto ou forma. Ele teria tal vantagem sobre a humanidade, que a Sua vida sem pecado não teria provado nada no que diz respeito à possibilidade de o homem viver uma vida pura e santa.

Mas Ele veio como *Deus* em carne. O que significa isso?

Jesus veio como Deus. Esta é a verdade, mas Ele cuidadosamente deixou de lado todos os poderes que tinha como Deus, para que não tivesse vantagem alguma sobre nós no mais pequeno grau. Este ponto essencial é tornado claro pela caneta da inspiração comentando a quietação da selvagem tempestade no lago por Cristo:

“Quando Jesus foi despertado para enfrentar a tempestade, estava em perfeita paz. Nenhum indício de temor na fisionomia ou olhar, pois receio algum havia em Seu coração. Contudo, não era na posse da força onipotente que Ele descansava. Não era como o ‘Senhor da Terra, do mar e do Céu’ que repousava em sossego. Esse poder, depusera-o Ele, e diz: ‘Eu não posso de Mim mesmo fazer coisa alguma’. João 5:30. Confiava no poder de Seu Pai. Foi pela fé — no amor e cuidado de Deus — que Jesus repousou, e o poder que impôs silêncio à tempestade, foi o poder de Deus.” {DTN 233}, *O Desejado de Todas as Nações*, 336.

Foi então assim que Jesus, apesar de Deus no mais completo sentido da palavra, não estava na posse de qualquer poder na batalha contra o mal que nós não possamos ter.

Para compreender melhor que Jesus era Deus, no verdadeiro sentido da palavra, temos apenas que ter em mente que o Seu nascimento era uma encarnação, o que equivale a dizer que a Sua existência

não começou com o Seu nascimento em Belém, porque a mesma Pessoa que estava no Céu *antes* desse nascimento, era a própria Pessoa que apareceu na Terra *através* desse nascimento. A diferença entre o Cristo que habitou no Céu antes de nascer neste mundo, e o Cristo como Filho de Deus e do homem, é que, enquanto estava no Céu, estava vestido de arcanjo, agora aparece revestido da humanidade, e como tal está rodeado por todas as limitações e desvantagens daquela humanidade exposta ao poder da tentação e ao mesmo risco de queda como qualquer outro dos filhos de Deus sobre a Terra.

Cristo não era somente existente antes de Belém, mas era pré-existente antes de todos os seres criados em todo o universo. Por isso o Apóstolo João disse acerca d'Ele:

“No princípio, era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.

“Ele estava no princípio com Deus.

“Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez.” *João 1:1-3*.

Por conseguinte, d'Ele é declarado que no início da criação da primeira criatura, Ele estava presente, e por Ele essa criação foi realizada. Quão distante para trás na eternidade do passado aconteceu isso, nós não sabemos, porque em nenhum lugar das sagradas Escrituras esta informação foi revelada. Nós só sabemos que história da criação desta terra é um registo de quase seis mil anos. A idade das galáxias poderia ser de milhões de milhões de anos, talvez mais ou talvez menos. Qualquer que fosse a obra de criação, quando aconteceu, foi trabalho de Cristo, como está escrito:

“E ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por ele.” *Colossenses 1:17*.

Cristo é, então, o Criador de toda a obra criada realizada no universo, o que Lhe deu o direito de testemunhar de Si mesmo aos judeus incrédulos do Seu tempo.

“Abraão, vosso pai, exultou por ver o meu dia, e viu-o, e alegrou-se.

“Disseram-lhe, pois, os judeus: Ainda não tens cinquenta anos e viste Abraão?”

“Disse-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que, antes que Abraão existisse, eu sou.” *João 8:56-58*.

Não há como escapar às implicações da resposta do Salvador, porque aqui Ele tomou para Si o título particular que o Deus do Céu usou para Se identificar a Si mesmo como o Eterno, o Único que poderia dizer de Si próprio em qualquer ponto do tempo que podia ser indicado ou nomeado e, até mesmo, para além de qualquer ponto do tempo que qualquer ser criado pudesse nomear: “Eu Sou o Que Sou.” Com isso, o Deus da sarça-ardente, identificou-se a Moisés há muito tempo:

“E disse Deus a Moisés: ‘Eu Sou o Que Sou.’ Disse mais: Assim dirás aos filhos de Israel: Eu Sou me enviou a vós.” *Êxodo 3:14*.

Os judeus perante quem Jesus reivindicou esse título, compreenderam perfeitamente que Ele com isso a reclamava para Si o título do próprio Deus, e na sua suposta justa indignação pegaram em pedras para O apedrejar, pouco percebendo que a afirmação era a verdade, e que era Deus que estava diante deles de facto.

Em tudo isto estamos agora a falar de um Mistério, cuja profundidade não pode ser sondada por mentes humanas. O apóstolo Paulo fala do assunto como se segue:

“E, sem dúvida alguma, grande é o mistério da piedade: Aquele que se manifestou em carne foi justificado em espírito, visto dos anjos, pregado aos gentios, crido no mundo e recebido acima, na glória.” *1 Timóteo 3:16*.

A manifestação de Deus na carne é realmente um mistério. Desconhecemos como exactamente isso podia acontecer, não sabemos e não podemos saber, porque é demasiado profundo para nós entendermos. Como poderíeis explicar o próprio Deus caber dentro de um pequeno tabernáculo no deserto. Ele, o Ser Altíssimo com a capacidade para chamar vastos sistemas solares à existência visto como um fogo ardendo num arbusto sem o consumir. Isso é verdadeiramente um mistério, mas para experimentar a salvação, devemos aceitar o facto de que o Todo-poderoso habitou num corpo humano — Deus em carne. Deixai que seja para sempre estabelecido nas nossas mentes que foi Deus que apareceu em forma humana e na carne, para enfrentar e vencer todas as tentações como aquelas

que cada um dos Seus irmãos têm de enfrentar, e, nessa vitória, provou que nós também podemos ter o mesmo domínio sobre toda a tentação que alguma vez possa vir contra nós.

Deus estava na carne. Nenhuma verdade a Bíblia mais solidamente salienta do que essa. É tão firmemente revelada como o facto de que Ele se tornou verdadeiramente homem no mais certo e completo sentido da palavra.

Se isso parecer demasiado para nós crermos e receber, avancemos com cuidado, porque nos é dito distintamente na Palavra do próprio Filho, que somente aqueles que são ensinados por Deus recebem e compreendem a verdade de que Jesus é o Filho de Deus e do homem. A mente iluminada pode estar disposta a acreditar que é um ou o outro, ou seja, que Ele era verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, mas não que Ele era ambos, Deus e homem. Por exemplo, as pessoas que viram Cristo como homem entre elas, não tiveram dificuldade em ver que Ele era um homem de verdade, mas não tinham o entendimento de que Ele era, ao mesmo tempo Deus. Isto é revelado na conversa que Cristo teve com os discípulos, como registado em *Mateus* 16.

Eu digo novamente que não havia dúvida nas mentes das pessoas dos dias em que Cristo foi um homem. Todas podiam ver com seus próprios olhos. Ele tinha toda a aparência de um homem, e estava cercado com todas as limitações com que elas próprias estavam familiarizadas. Sabendo disso, Jesus fez a pergunta:

““Quem dizem os homens ser o Filho do Homem?””

Observai que Jesus descreveu-Se a si mesmo como o Filho do homem nesta questão. Ele não disse, “Quem dizem os homens que eu sou?” mas “Quem dizem os homens ser *o Filho do Homem?*”

Pedro, respondendo em nome do resto dos discípulos, relatou o pensamento da população em geral, com estas palavras:

“Uns, João Batista; outros, Elias, e outros, Jeremias ou um dos profetas.”

Assim, o registo mostra claramente que os homens dessa geração, que não tinham a unção celestial, não podiam ver no Salvador mais do que a Sua humanidade. O mistério estava escondido. Eles não podiam vê-lo e não o veriam.

Mas os discípulos podiam ver mais do que as restantes pessoas. Isto é provado pela sua resposta à pergunta seguinte que se destinava a esclarecer o mistério da encarnação na mente dos Seus discípulos, disse-lhes: “E vós, quem dizeis que eu sou?”

“E Simão Pedro, respondendo, disse: ‘Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo’.

“Jesus respondeu, e disse-lhe: ‘Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue quem to revelou, mas meu Pai, que está nos céus.

““Pois também eu te digo que tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela.

““E eu te darei as chaves do Reino dos céus, e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus.’

“Então, mandou aos seus discípulos que a ninguém dissessem que ele era o Cristo.” *Mateus* 16:13-20.

Estes homens podiam ver o mistério de Deus. Eles podiam discernir o Divino escondido no corpo da humanidade. Eles sabiam que Deus estava com eles, estava perto deles e caminhava com eles no dia-a-dia. Mas eles não o viam pela mera visão e compreensão humana. Isso era impossível. Eles viram-no pela iluminação do Espírito de Deus nas suas mentes, assim como eu e vós devemos ver a mesma verdade hoje, da mesma forma. Não há nenhuma outra maneira de compreender o que pode ser conhecido pelos mortais acerca desta verdade senão pela iluminação do ministério do Espírito Santo. Isto é tornado claro pelas palavras de Jesus para Pedro:

“Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue quem to revelou, mas meu Pai, que está nos céus.”

Portanto, se descobirmos hoje, que a Encarnação do Filho de Deus é uma doutrina obscura e proibida; se acharmos que não podemos aceitar o facto de que Ele era verdadeiramente Deus e homem, então podemos saber que nos falta a iluminação do Espírito, e recebemos, a menos que

encontremos um escape, precisamos de humilhar os nossos corações e pedir a iluminação divina que nos permitirá compreender esta verdade fundamental.

Tornando-se Filho de Deus e do homem, Cristo colocou-Se na única posição pela qual poderia trazer a salvação à humanidade. Ele é a escada que Jacó viu, com a metade superior chegando ao trono da onnipotência de Deus, enquanto a metade inferior nos alcança onde estamos. Esta verdade é maravilhosamente revelada na seguinte declaração:

“A representação dada a Jacó de uma escada cuja base repousava na terra, e o topo chegava até o trono de Deus; pela qual subiam e desciam os anjos do Céu, é uma representação do plano de salvação. Tivesse a escada falhado em ligar-se com a Terra uma polegada, a ligação entre a Terra e o Céu teria sido quebrada, e o homem estaria irremediavelmente perdido. Mas a escada está firmemente plantada na Terra, para que o Céu se possa ligar com a terra, e os filhos dos homens caídos sejam resgatados e remidos. Cristo é a escada que Jacó viu, tendo a base na terra, e o topo chega ao trono de Deus. Por esta escada flui a glória de Deus, e por ela sobem e descem os anjos do Céu para comunicar a luz e a glória de Deus, cujo séquito enche o templo, para os filhos perdidos da terra. Através de Cristo os seres celestiais podem comunicar-se com os agentes humanos.” *Signs of the Times*, 4 de Abril de 1895.

A mais maravilhosa e incrível parte do mistério de Deus na carne é que Ele pôs totalmente de lado o eterno poder criador e nunca o usou. Fazendo isso, Ele colocou-Se na mesma posição de total fragilidade em que cada crente se encontra na batalha com o pecado. Isto é de forma clara declarado para nós na Palavra, pois Jesus disse de Si mesmo:

“Eu não posso de mim mesmo fazer coisa alguma;” *João 5:30*.

Esta é uma declaração de completa e total fraqueza. Ela descreve a medida em que Jesus Se despiu do Seu infinito poder, e Se colocou numa posição de total dependência de seu Pai celestial. Nessa posição de total dependência de Deus, ficou preparado para receber o Espírito Santo em larga medida, e essa é a medida em que Lhe foi dado. Isto é evidente pelas palavras do próprio Jesus, porque Aquele que testificou de Si mesmo que por Si não podia fazer coisa alguma também disse do Seu povo, “sem mim vocês não podem fazer nada.” *João 15:5*. (NTHL 2000).

Não temos o poder criador da divindade em nós mesmos para enfrentar e afastar as tentações do diabo, também Ele colocou tudo de lado e desceu e tornou-se tão impotente na Sua humanidade como estamos na nossa, e que, em verdade, tendo sido feito em todas as coisas semelhante aos Seus irmãos, poderia ser e foi tentado em todos os pontos como nós somos tentados, e nessa situação, teve de enfrentar todos os riscos de fracasso que enfrentamos e, no entanto, venceu provando para sempre que nós também podemos vencer em cada tentação que alguma vez possa ser tentada contra nós.

Para consolo de todos os crentes em Jesus está escrito que Paulo não disse que “Ele foi tentado em todos os pontos como *eu* sou tentado” mas, “como *nós* somos tentados.” Esse facto, certamente, alarga o âmbito da aplicação do ministério de salvação de Cristo pelos perdidos, pois isto revela o facto de que a salvação é para todos os homens, não apenas para uns poucos privilegiados.

Vejamos como isso funciona numa realidade prática. Existem certas fraquezas que são um problema grave na minha natureza humana, mas que não apresentam qualquer dificuldade especial para vós e para os outros. Mas devo compreender pela verdade desta Escritura que estou incluído nesse “nós”, pois, cada um de nós deve saber por si mesmo que as tentações que são peculiares na minha situação foram para Ele tentações muito reais para Ele, e que Ele as sentiu e sofreu exactamente como eu as tenho de sentir e sofrer, e venceu cada uma delas da mesma forma precisamente como nós temos de as vencer.

Mas Ele também foi tentado em todas as coisas, tal como vós tendes tentações que para mim não representam qualquer tentação. Elas não têm apelo algum para mim ao passo que as mesmas coisas para as quais eu tenho propensão para tropeçar são coisas que não trazem preocupação para vós. Mas a Palavra de Deus diz que não foi exactamente como eu fui tentado que Jesus sofreu sendo tentado em todos os pontos como nós, vós ou eu, somos tentados. Isto é dizer, que Ele sentiu e sofreu todas as tentações que eu devo sofrer e sentir, e também sofreu e sentiu todas as tentações que são

particulares a vós do modo como as sofreis e sentis, porque só então podia ser verdade que Ele foi tentado em todos os pontos como nós, isto é, vós e eu, somos tentados.

Para lá disso há as terríveis pressões para pecar que alguns homens sentiram que nem vós nem eu já conhecemos, mas esses homens também estão incluídos na especificação que Cristo foi tentado em todas as coisas como nós somos tentados, mas não cometeu pecado.

Por isso, Cristo também sofre sendo tentado exactamente como esse outro homem é tentado em áreas que não vos afectam nem a mim, porque só então poderia ser totalmente e verdadeiramente dito que Ele foi tentado em todas as coisas como nós, isto é, vós e eu e a terceira pessoa, são tentados.

Essa é uma maravilhosa verdade salvadora. Pensai no que isso significa para vós e para mim.

“Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado.” *Hebreus 4:15*.

Isso significa que Jesus veio a esta Terra numa humanidade que chegou não apenas onde um de nós, ou dois de nós está, mas até onde qualquer um de nós possa estar a qualquer hora, em qualquer lugar. E ele vem para cada um, onde quer que estejamos, com uma humanidade precisamente igual à que esse homem tem na sua necessidade individual na desesperada condição perdida desse homem.

E, para isso, Ele teve de vir a esta Terra amaldiçoada pelo pecado, com uma humanidade tão completamente identificada com a caída, pecaminosa, carne e sangue mortal, como a que possuía em Si mesmo com todas as fraquezas e desvantagens que é possível essa humanidade ter. Cristo Jesus tinha e conhecia tudo isso, porque não foi feito em todas as coisas como o Seu *irmão*, mas como os Seus *irmãos*. Ele não foi feito em todas as coisas semelhante a *um* de nós, mas em *todas as coisas* semelhante a *todos* nós. Ele não veio para salvar *um de nós*. Ele veio para salvar *todos nós*.

Desta forma, Jesus apresentou-Se diante do tentador, no sentido da palavra mais completo possível como Representante do homem. Assim, quando o astuto tentador veio contra Ele, encontrou n’Ele todas as fraquezas, desvantagens, e tendências para o pecado na Sua natureza humana semelhantes aos que podem ser encontradas em qualquer natureza humana do homem onde quer que ele esteja, ou quando vivesse. Supondo que ele poderia vencer o Salvador, Satanás exerceu contra esse Homem cada tentação possível que poderia trazer contra mim, e depois de se ter esgotado a si próprio na tentativa, descobriu que o Salvador não cedeu no mais pequeno grau.

Porém, isso não é tudo, porque Jesus estava ali com as Suas fraquezas, e as fraquezas de outros seguidores, e Satanás veio contra Ele com todas as tentações que poderiam eventualmente ser intentada contra vós e os outros seguidores também. Quando ele e todas as legiões do inferno que estavam consigo tivessem exaurido completamente todas as armas do mal contra Ele, ainda descobriria que Ele não cederia à pressão e subtileza. É a viva verdade de Deus que “convinha que, em tudo, fosse semelhante aos irmãos.”

Vemos assim, que o Salvador na Sua vida na Terra enfrentou e superou todas as tentações que é possível o inimigo das almas trazer contra qualquer homem. Vimos que, qualquer homem que possua, como Cristo possuía, a natureza divina, pode vencer como Ele venceu e encontrará nessa Vida a resposta total para a mentira de Satanás de que a lei não pode ser guardada.

Mas isso não é tudo o que é comprovado pela encarnação do Filho de Deus. Há uma verdade mais profunda que ainda está para ser vista e entendida em relação a isso. Passarmos sobre este aspecto da questão seria deixar o assunto parcialmente apresentado, e isso não podemos fazer. Temos de ver o Salvador como um Salvador completo.

É o caminho da verdade que ela tem sempre mais e mais níveis de profundidade que precisam ser entendidos, mas também é o caminho da verdade, que por mais profunda essa verdade seja jamais contradirá a verdade fundamental já compreendida. Do mesmo modo, este estudo ainda mais profundo da encarnação não irá contradizer a verdade já vista e estudada nesta série. Ele nunca foi um homem carnal escravo do pecado. Ele foi sempre Deus na carne.

A verdade apresentada até agora neste estudo é que Jesus veio no mesmo nível do homem convertido, e nessa posição provou que o homem convertido poderia obedecer a todos os

mandamentos do Senhor. Para aqueles que já receberam a nova vida de Deus na alma, é um grande refrigério e certeza saber que não há nenhuma tentação que possa vir sobre nós que não tenha vindo já a Jesus na mesma natureza que possuímos, e foi vencida por Ele.

Ao estar nessa posição, Jesus é o exemplo perfeito e completo para aqueles que foram colocados em terreno vantajoso. Para eles a Sua vida dá perfeita garantia de que eles não precisam de ser vencidos e não necessitam de serem perdidos.

Mas isto não é uma ajuda para o homem não convertido. Ele não está firmemente estabelecido em terreno vantajoso. Ele está em baixo no poço do pecado com o terrível fardo de desânimo e desespero sem esperança quando o diabo coloca todo o peso da maldição do pecado sobre ele. Deus e a salvação estão escondidos dele quando o diabo usa as suas armas altamente bem-sucedidas para prender as suas vítimas neste terrível cativo. O Diabo ao ver o pecador procurar escapar do seu poder, apresenta a sua situação na luz mais desencorajadora para que ele desista em desespero, e falhe em obter a preciosa vitória sobre os estratagemas de Satanás. Uma coisa é muito clara — o homem não tem poder para se livrar a si próprio das garras do diabo. Ele é totalmente impotente e deve depender de um poder fora e acima de si mesmo a fim de ser salvo e ter a esperança da vida eterna.

Todo o pecador que for salvo, tem que ser resgatado deste reino de servidão, a fim de conseguir isto, Cristo tinha que descer àquela incrível escuridão do poço, e, sem Ele mesmo Se tornar um escravo do pecado, subir acima da escuridão, desespero e desânimo de tudo isso, a fim de demonstrar que não é demais para a humanidade caída ser elevada ao nível de filhos de Deus. Ele demonstrou que, se colocarmos toda a fé em Deus, é possível sair das mais desesperadas profundezas do pecado, subindo para terreno vantajoso, e viver uma vida de vitória sobre todo o pecado. Tão grande era o maravilhoso amor de Jesus para com os pecadores à beira da morte, que Ele, voluntariamente, desceu à mais baixa profundidade da degradação sem ser degradado, e ressuscitou dessa posição onde foi estabelecido sobre a Rocha da salvação. Como poderia Ele fazer isso sem Ele mesmo ser contaminado é um profundo mistério. Embora além da nossa compreensão, podemos entender esse facto.

Na *Bíblia*, são-nos fornecidas com uma gráfica descrição este aspecto da incrível demonstração de Cristo da Sua ascensão do poço do pecado. A ilustração da passagem de Cristo por essa experiência está registada profeticamente em *Salmos 40*. Que este salmo é uma profecia da experiência pessoal de Cristo, e não apenas da experiência de Davi, que escreveu o salmo, é evidente pelo facto que Paulo assim o aplica à experiência de Cristo no livro de *Hebreus 10:5-7*.

Neste Salmo, é-nos dada uma descrição verdadeiramente exacta da situação de cada pecador na profundidade desse poço e da sua saída dessas trevas para a maravilhosa luz da Sua presença.

“Esperei com paciência no Senhor, e ele se inclinou para mim, e ouviu o meu clamor.

“Tirou-me de um lago horrível, de um charco de lodo; pôs os meus pés sobre uma rocha, firmou os meus passos;

“E pôs um novo cântico na minha boca, um hino ao nosso Deus; muitos o verão, e temerão, e confiarão no Senhor.” *Salmos 40:1-3*.

Estudaremos a seguir estes versículos como uma descrição dos passos dados por Jesus quando ascendeu desse “poço” (NVI-PT), mas, em primeiro lugar, vamos considerar o versículo 12 do mesmo capítulo:

“Porque males sem número me têm rodeado; as minhas iniquidades me prenderam, de modo que não posso olhar para cima; são mais numerosas do que os cabelos da minha cabeça, pelo que desfalece o meu coração.” *Salmos 40:12*.

A gloriosa verdade de que Cristo não tinha qualquer pecado é claramente ensinada nas Escrituras, pelas quais aprendemos que nem mesmo um ligeiro pensamento O fez ceder ao poder da tentação. Se o tivesse feito, tudo estaria perdido: Mas, Ele foi perfeitamente justo.

“Nem mesmo por um pensamento poderia Cristo ser levado a ceder ao poder da tentação. Satanás encontra nos corações humanos algum ponto onde pode encontrar algum ponto de apoio; algum

desejo pecaminoso acariciado, por meio do qual as suas tentações afirmam o seu poder. Mas Cristo declarou de si mesmo, ‘o príncipe deste mundo e nada tem em mim.’ A tempestade da tentação irrompeu sobre Ele, mas ela não podia levá-lo a desviar-se de Sua fidelidade para com Deus.” *The Review and Herald*, 8 de Novembro de 1887.

“Tivesse Satanás podido induzir Cristo a Se render à mais leve tentação, tivesse ele podido levá-Lo por um ato ou mesmo um pensamento a manchar Sua perfeita pureza, o príncipe das trevas teria triunfado sobre o Penhor do homem, e teria ganho para si toda a família humana. Mas embora Satanás pudesse angustiar, não poderia contaminar. Ele poderia causar agonia, mas não envilecimento. Ele tornou a vida de Cristo uma longa cena de conflito e provação; mas em cada ataque ele perdia seu domínio sobre a humanidade.” {PR 360}, *Profetas e Reis*, 701.

No entanto, à luz da afirmação da perfeita e total ausência de pecado de Jesus, lemos o testemunho de Cristo:

“As minhas iniquidades me prenderam.” *Salmos* 40:12.

Como poderia Ele, o completamente sem pecado, dizer isso quando nunca teve qualquer iniquidade ou transgressão propriamente Sua para colocar sobre Si? Podia dizê-lo porque, de acordo com as circunstâncias e as condições em que foi dito, era a verdade. Para compreender o princípio envolvido aqui requer que vejamos quão totalmente Cristo tomou sobre Si as nossas iniquidades. Ele não as tomou meramente como uma semelhança, mas tomou-as como se fossem propriamente Suas.

“Não foi uma mera semelhança de humanidade que Cristo tomou sobre si. Ele tomou a natureza humana e viveu a natureza humana. Cristo não operou milagres em Seu próprio benefício. Ele estava cercado de enfermidades, mas a Sua natureza divina conheceu o que estava no homem. Ele não necessitava que alguém lhe desse testemunho disto. O Espírito foi-Lhe dado sem medida; porque a Sua missão na Terra requeria isto.” *The S.D.A. Bible Commentary* 5:1124.

Ele não simulou que tomou a nossa pecaminosidade sobre Si mesmo, mas fê-lo na verdade e sentiu-a como se fosse propriamente Sua: como se Ele mesmo tivesse cometido todos os pecados de todo o mundo. Ele sentiu a culpa, a escuridão, a vergonha e o remorso, como se Ele próprio fosse pessoalmente culpado de todos eles. Por isso aquilo que teve origem connosco tornou-se real e completamente Seu, de maneira que Ele podia correctamente dizer:

“As minhas iniquidades me prenderam.” *Salmos* 40:12.

Este reconhecimento da responsabilidade pela pecaminosidade com todo o sofrimento associado, pode ser compreendido quando aceitamos a Sua justiça, que nunca tem origem em nós no mínimo grau. Ela torna-se nossa, do mesmo modo como a nossa pecaminosidade se torna Sua. Realizado isto, experimentamos a plenitude da alegria, paz e poder que acompanha a sua posse. Para os que conseguem esta experiência, um grande, brilhante novo dia começou.

Por isso, da mesma forma, quando foi colocado sobre Ele a iniquidade de todos nós, o meu pecado, o vosso pecado, e o pecado de todos os outros homens; quando Ele tomou aquilo que nunca foi d’Ele no mínimo grau, tomou-o tão realmente que sentiu todo o peso da angústia e desânimo causado por isso, como se fosse de facto Seu tal como cada pecador perdido e desesperado sente o peso da maldição sobre si mesmo.

E como todo o pecador tinha de esperar pacientemente no Senhor, até Ele ouvir o Seu clamor e se inclinar para Ele. Tinha que colocar a Sua fé em Deus para O erguer, porque Ele jamais poderia levantar-Se para sair desse charco de lodo, porque era tão impotente como qualquer um de nós alguma vez poderia ser. Ele experimentou todo o peso do desânimo, e a terrível tentação de desistir de tudo e deixar o pecador entregue a si mesmo para perecer.

Mas, quando Cristo desceu a esse poço, quanto tempo permanecerá lá, e quando é que o Senhor O tirou do charco de lodo?

É evidente pela informação registada no parágrafo seguinte, que Ele não esteve no poço toda a Sua vida na Terra. Pelo contrário, durante o período até à Sua última entrada no Jardim do Getsémani, Ele certamente andou em solo firme. Foi quando, nesse jardim, os pecados de todos nós foram colocados sobre Si, que Ele desceu ao horrível “poço” (NVI-PT), ao “charco de lodo”. A

evidência é que Ele não foi levantado novamente até sexta-feira à tarde, quando na cruz, a Sua fé O elevou acima das trevas e da desesperança aparente da Sua situação durante a crucificação. É em *Salmos 22* que o Seu triunfo da fé viva O fez sair da para fora do “lago horrível.”

A sua entrada nesse “poço”, é descrita no parágrafo a seguir:

“Jesus estivera conversando animadamente com os discípulos, instruindo-os; mas ao aproximar-Se do Getsêmani, tornou-Se estranhamente mudo. Muitas vezes lá estivera, para meditar e orar; mas nunca com o coração tão cheio de tristeza como nessa noite de Sua última agonia. Durante Sua vida na Terra, andara à luz da presença de Deus. Quando em conflito com homens que eram inspirados pelo próprio espírito de Satanás, podia dizer: ‘Aquele que Me enviou está comigo; o Pai não Me tem deixado só, porque Eu faço sempre o que Lhe agrada’. João 8:29. Agora, porém, parecia excluído da luz da mantenedora presença de Deus. Era então contado entre os transgressores. Devia suportar a culpa da humanidade caída. Sobre Aquele que não conheceu pecado, devia pesar a iniquidade da raça caída. Tão terrível Lhe parece o pecado, tão grande o peso da culpa que deve levar sobre Si, que é tentado a temer que ele O separe para sempre do amor do Pai. Sentindo quão terrível é a ira de Deus contra a transgressão, exclama: ‘A Minha alma está profundamente triste até à morte’. Marcos 14:34.” {DTN 484}, *O Desejado de Todas as Nações*, 685.

Este testemunho certamente descreve como Cristo não estava no “lago horrível” antes de entrar no Jardim do Getsêmani, onde os pecados de todo o mundo em todos os tempos foram carregados sobre Ele. Quando isso aconteceu, Ele foi contado com os transgressores, condenado, atacado pela ira de Deus, separado do Seu Pai, cheio de terrível angústia física e mental, e torturado pelo remorso.

Nenhum pecador jamais passou por luta tão terrível, mais desencorajadora, ou mais desesperada do que a enfrentada por Cristo em nosso nome quando, no jardim, Ele desceu ao “poço” e ao “charco de lodo”. Ao fazer isso, Ele foi para as profundezas mais profundas do que a aquelas já vividas pelos transgressores que carregavam somente o peso do seu próprio pecado, ao passo que Cristo estava sobrecarregado com os pecados do mundo inteiro durante todo o período de reinado do pecado.

Está muito além da capacidade de qualquer ser humano compreender a altura, a largura e a profundidade do amor de Deus manifestado pela vontade do Salvador em descer ao mais baixo limite da miséria e sofrimento em que homem algum tenha estado, de modo que ninguém pode honestamente alegar justificação para rejeitar a salvação.

Há em tudo isto aquilo que sela o argumento de Deus completamente, porque Jesus não parou antes da medida mais total de identificação com tudo o que a humanidade deve vencer humanidade?

Quando eu enfrentei o tentador como uma alma perdida que necessitava de salvação, enfrentei-o apenas com o desencorajamento dos meus próprios pecados que estavam sobre mim. Isso para mim, é verdade, foi um terrível peso de desânimo e fui tentado a pensar que era demais para eu suportar, mas o que é que eu posso pensar quando olho para Jesus com todo o peso dos pecados que eu tinha, e o desânimo por causa disso, e adicionar-lhe todo o peso e o desânimo que vós tendes, e além disso juntar todo o peso e todo o desânimo de todos os pecados de todo o mundo?

E como se isso não bastasse, Ele carregou aquele peso não apenas com as fraquezas da minha humanidade, mas também com as vossas fraquezas, e além disso, as enfermidades que qualquer outro homem pudesse ter.

E, portanto, nesta posição de desvantagem e peso muito maior do que eu possa possivelmente ter, e carregando um peso de culpa duma fantástica medida muito além do que eu jamais poderia ser chamado a suportar, Ele venceu e viveu uma vida inteira sem nunca pecar.

Que completa, final e conclusiva sentença de morte, é isso para os argumentos de Satanás. Como são caladas as nossas bocas em vergonha pelo lamento devido às mais ligeiras tentações para desculpar o mais pequeno e mais comum pecado em nós mesmos.

E que Salvador! Que poderoso Conquistador! A vitória está ganha! Os portões do inferno e da sepultura foram quebrados! As hostes do pecado estão abatidas, e Jesus convida os cativos a serem

libertados! Satanás está exposto e visível para sempre pelo que ele é, um mentiroso e um homicida. Cristo é sempre revelado e para sempre pelo que Ele é, o Caminho, a Verdade e a Vida.

Capítulo 5

A Marca do Anticristo

É muito possível que nas mentes de alguns dos meus leitores tenha surgido o pensamento de que dei demasiada importância à demonstração viva de Cristo de que a lei poderia ser guardada por seres humanos santificados, expondo assim Satanás como um homicida mentiroso.

Mas posso dizer com ousadia pela autoridade da Palavra de Deus, que não é assim. Pelo contrário, o facto é que esta verdade não pode ser subestimada, pois é da maior importância que cada um de nós tenha a mais clara compreensão deste assunto. Não é demais dizer que, se as nossas crenças estiverem erradas neste assunto, então, também estarão erradas em todas as outras verdades essenciais e fundamentais sobre a salvação. Este é um facto. Na verdade, a questão é que a Bíblia considera este assunto tão fortemente que identifica como anticristo todo o que acredita nesta doutrina como errada, enquanto só aqueles que a defendem como verdadeira são de Deus.

Pode parecer para alguns que isto é tomar uma posição muito extrema e injustificada, mas isso não é assim, pois, uma vez bem compreendido o tema será prontamente visto que, pela própria natureza do caso, tal como ele se apresenta, esta é a forma como unicamente pode ser. Não pode ser de nenhuma outra maneira senão essa. Portanto, este não é um teste arbitrário imposto de acordo com a escolha pessoal de Deus, mas uma prova inevitável e, ao mesmo tempo, perfeitamente coerente com todas as grandes verdades, consideradas neste livro até agora. Tentaremos mostrar isto muito claramente à medida que avançarmos com este estudo.

Aqui está o registo bíblico desse teste:

“Amados, não creiais em todo espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo.

“Nisto conhecereis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus;

“E todo espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus; mas este é o espírito do anticristo, do qual já ouvistes que há de vir, e eis que está já no mundo.” *1 João 4:1-3*.

Antes de examinarmos o teste em si, permitam-me que torne um aspecto muito claro, e assim proteger-nos da possibilidade de entrar em grave condenação. Refiro-me à advertência dada nas palavras: “Não julgueis, para que não sejais julgados.” *Mateus 7:1*. Existem os que acreditam que nós não temos direito algum de questionar as crenças do outro com base neste ensinamento de Jesus.

Mas o facto é que Aquele que disse: “Não julgueis”, também disse: “Provai os Espíritos.” Provar significa testar ou examinar com a intenção de chegar a uma decisão se a pessoa a ser examinada passa. Assim, numa Escritura, Jesus ordena ao Seu povo “provai os espíritos para ver se eles são de Deus”, enquanto noutra Ele nos adverte para não julgar, para que não sejamos julgados.

Nenhum cristão jamais poderia concluir que Cristo ensinou contra Si próprio, de modo que estes versículos não podem conter contradições.

Mas como devemos entender estas aparentes contradições?

A resposta é muito simples!

Quando em *Mateus 7*, Jesus nos adverte para não julgar o outro, está a advertir contra julgarmos as acções e motivações dos nossos semelhantes, pois nós não temos a capacidade de ler o coração do

outro. Muitos são os avisos escritos contra este tipo de julgamento, e não existem testemunhos escritos a favor.

“Aquele que toma sobre si a tarefa de julgar e criticar outros, coloca-se em posição de receber crítica e julgamento na mesma medida. Os que estão prontos a condenar seus irmãos, fariam bem em examinar suas próprias obras e caráter. Tal exame, feito honestamente, revelará que também eles possuem defeitos de caráter e cometeram graves erros em seu trabalho. Se o grande Juiz lidasse com os homens como estes lidam com seus semelhantes, eles O considerariam rude e cruel.” {LC 92}, *The Review and Herald*, 14 de Setembro de 1905.

Mas, quando uma pessoa se aproxima de nós afirmando ser o portador de uma mensagem do Céu, o nosso destino eterno depende de aceitarmos ou rejeitarmos a sua mensagem. Se ele vem com a luz do Céu, e nós a rejeitamos e, em seguida, voltamos as costas à salvação, enquanto, por outro lado, se o que nos é oferecido são as trevas do maligno, e as aceitamos como a voz de Deus, uma vez mais estamos a negar o dom da nossa salvação. Temos, portanto, de possuir a capacidade de “provar os espíritos”, e devemos exercer essa capacidade. Estamos a provar a natureza da sua doutrina e, ao mesmo tempo, a recusar-nos a julgar o seu carácter ou os seus motivos, ou seremos nós mesmos julgados. Por outras palavras, devemos julgar o que o mensageiro ensina, mas não o seu carácter.

Então, quando aqueles que professam ser professores do evangelho vêm a nós para instar os seus ensinamentos, não nos cabe a nós julgar o seu carácter. Não nos cabe a nós conjecturar porque ensinam e agem como fazem. Isso é determinado pelo Altíssimo.

Mas embora não seja legítimo nós julgarmos a motivação de uma pessoa e o seu carácter, é o nosso próprio dever diante de Deus examinar cuidadosamente, provar e chegar a uma conclusão em relação aos que afirmam ter uma mensagem do Céu.

Não é o modo de Deus proceder vir e dizer-vos pessoalmente, “não fui Eu quem enviou este homem”. Em vez disso, Ele fornece-nos o meio pelo qual podemos determinar por nós mesmos se é um mensageiro do Céu ou do inferno. É de nós que se exige identificar aqueles que ensinam a verdade e os que proclamam o erro. Deus não fará esse trabalho para nós.

Quando obedecemos fielmente a esta ordem para provar os espíritos e verificar se eles são falsos mestres, o Senhor nos abençoa ricamente para salvaguardar os nossos interesses espirituais e os da igreja. Um excelente exemplo disto é encontrado na obediência da igreja de Éfeso para “provar os espíritos”, e a recomendação de Deus pela sua obediência:

“Eu sei as tuas obras, e o teu trabalho, e a tua paciência, e que não podes sofrer os maus; e puseste à prova os que dizem ser apóstolos e o não são e tu os achaste mentirosos;” *Apocalipse 2:2*.

Estas foram palavras de aprovação muito animadoras concedidas por Deus à igreja cristã primitiva, palavras que devem ter sido muito apreciadas.

Por isso, temos a ordem divina para provar os pretensos mestres da verdade que só pode ser realizada com sucesso usando as normas de medição que o Senhor nos deu e pelo uso das quais nos é prometido o sucesso nas nossas investigações. Com estas palavras, Ele garante com a maior certeza de que saberemos quem tem o Espírito de Deus quando Ele declara:

“Amados, não creiais em todo espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo.

“Nisto conhecereis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus;

“E todo espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus; mas este é o espírito do anticristo, do qual já ouvistes que há de vir, e eis que está já no mundo.” *1 João 4:1-3*.

Não há qualquer dúvida sobre o facto de que estão a aparecer muitos mestres no mundo, e existirão muitos mais ao aproximar-nos do final do tempo. Cada um vem com a sua própria mensagem que se destina a induzir em erro. Se alguma vez precisámos de uma regra infalível pela qual podemos separar o falso do verdadeiro, é agora.

Esta Escritura não especifica qual o tipo de carne em que Cristo devia aparecer. Na realidade, existem apenas dois tipos:

Há a santa, sem pecado, e imortal como a possuída por Adão antes de ter caído e há a pecaminosa, pecadora, e mortal, possuída por Adão e todos os seus filhos depois da queda.

Sabendo que a Bíblia é coerente consigo própria, que toda ela é inspirada pelo mesmo Autor infalível, o Espírito Santo, sabemos que essa carne específica aqui indicada será encontrada em algum lugar da Bíblia. E mais ainda, nós já a identificámos no nosso estudo e sabemos o que ela é. É a mesma carne e sangue, como os filhos de carne e sangue. Ele foi feito em tudo semelhante aos Seus irmãos, para que pudesse ser tentado em todos os pontos como eles são tentados.

Portanto, em sua plenitude, o teste leria; Todo o espírito que não confessa que Jesus Cristo veio na mesma carne e sangue como os filhos, não é de Deus. Não há nada que pudesse ser mais claro nem mais consistente com o ensinamento do Evangelho. Não há nenhum teste mais exacto do que este para determinar com precisão a posição de qualquer ensinamento.

Satanás sabe disto e, por isso procura tornar difícil para nós aplicar este teste fazendo parecer que os seus agentes realmente ensinam que Cristo veio em carne. Um exemplo clássico disto é encontrado nos ensinamentos da Igreja Católica Romana. Quando a grande reforma Protestante surgiu no século XVI, os reformadores, com base na sua compreensão da profecia bíblica, identificaram o papado como sendo o anticristo.

Todavia, a Igreja romana argumenta que deve haver uma má aplicação da profecia, porque, enquanto o anticristo ensina que Jesus Cristo não veio em carne, a Igreja Romana ensina. Por isso, afirmam que ela não é o anticristo.

E podemos ir tão longe ao ponto de admitir que a Igreja Romana tem sido muito inteligente na formação de uma falsa fachada para cobrir o que realmente acredita. Com este engano ela é capaz de fazer parecer que passa no teste, e que alguém disposto a ser superficial certamente será enganado. Passo agora a citar uma recente publicação católica para ver a capa enganadora criada por esta igreja para se proteger desta acusação.

Esta citação é de *A Catechism for Non-Catholics* pelo Pe. Martin Farrel, publicado pela United Book Service, Box 127, Orland Park, Ill., USA, em 5 de Novembro de 1961, e está disponível em qualquer livraria católica.

P. “É Cristo o ser humano como vós sois?”

R. “Cristo é realmente um ser humano igual a vós. Cristo nasceu de uma mulher, comeu, dormiu, e sofreu, e até foi tentado pelo diabo. Vereis Cristo o homem no céu.” Página 14.

À primeira vista, esta prova mostraria que a Igreja Católica Romana ensina na verdade que Jesus veio em carne e, portanto, não poderia ser o anticristo. Se fosse assim, então, *1 João 4:1-3* seria um teste falso por sabemos de *Daniel 7:8, 9 e 11*, bem como das grandes profecias do *Apocalipse*, que o Papado é o anticristo da história, nunca deixou de o ser, e que figurará como tal nas cenas de encerramento da grande controvérsia.

Além disso, significa que se o papado não é o anticristo, então todo o reavivamento e a reforma protestante foi um grande erro, e que todos nós devemos retornar sem demora ao rebanho da Igreja Romana. Isto nunca podemos fazer.

Qual é então a resposta?

A resposta é ver novamente e a olhar um pouco mais fundo.

Ao fazer isso verificamos que a afirmação acima da publicação católica não é o verdadeiro ensinamento dessa igreja, mas somente uma frente para esconder a sua verdadeira posição, que é a de que Jesus Cristo não veio em carne, e, portanto, ela é o anticristo juntamente com todos os outros que ensinam o mesmo.

A Igreja Católica é a mãe de todas as igrejas de Babilónia. Ela, acima de tudo, é Babilónia. A palavra “Babilónia” significa confusão, e um realista, honesto, sem preconceitos, estudo das suas doutrinas claramente patenteará o carácter hipócrita das suas doutrinas. Será visto que ela tem uma língua dupla. Com uma ela fala as palavras da verdade até certo ponto, mas com a outra ela formula uma doutrina que é a total negação da verdade.

É importante que não cheguemos às nossas conclusões no que diz respeito aos ensinamentos do papado com base numa declaração isolada aqui e ali, porque o facto não é a declaração isolada, mas a estrutura formulada das suas doutrinas que é o ensino dessa igreja. É por isto que ela deve ser avaliada.

Aqui deve ser feita a pergunta: ensina a Igreja Católica Romana que Jesus Cristo veio em carne?

Para encontrar a resposta a essa pergunta é preciso ir à parte de seus ensinamentos, onde a encarnação do Filho de Deus e do homem como ensinada pela igreja, está explicada. Ao fazer isso descobrimos que a Igreja Papal é clara na sua explicação do tipo de natureza humana que Jesus tinha quando andou na Terra, e não deixa qualquer dúvida quanto ao que é a sua doutrina sobre este assunto. Tudo é encontrado sob o título de “Imaculada Conceição”, onde lemos:

“É de se salientar que a imaculada concepção não se refere à concepção milagrosa de Cristo no seio da Virgem Mãe, sem a intervenção de um pai humano, como muitos não católicos imaginam, mas à concepção de Maria, no ventre da sua mãe, sem a mancha do pecado original.” *The Faith of Millions*, por John A. O’Brian, (R.C.) publicado em 1962 por W.H. Allen, Londres. Página 509.

Aqui é onde a lei da hereditariedade deve dar o seu testemunho, a lei que determina que o filho será uma verdadeira e fiel reprodução dos seus pais. Assim, acreditamos que, na medida em que Maria, a mãe de Jesus, como qualquer outra mãe do seu tempo, bem como, antes e depois, teve uma natureza humana que sofreu os efeitos da queda original, e os efeitos subsequentes de mais de quatro mil anos de decadência pecaminosa, ela poderia apenas, como de facto aconteceu, transmitir a Jesus a mesma natureza humana que ela tinha. Por conseguinte, a sua humanidade era caída, pecaminosa apesar de não pecar, e mortal. A menos que houvesse uma especial isenção no caso dela pela qual houvesse uma anulação das leis da hereditariedade, ela só poderia ter sido uma verdadeira reprodução dos seus pais. O plano de salvação não dá espaço para anular qualquer parte da lei de Deus, seja ela natural ou moral. Por conseguinte, Maria não nasceu isenta dos efeitos das leis de Deus. Isso teria sido impossível.

A Igreja Romana reconhece igualmente este princípio, e declara-o assim:

“Por outras palavras, afirmamos,” como salienta o Cardeal Gibbons, ‘que a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, o Verbo de Deus, que na Sua natureza Divina é desde toda a eternidade gerado do Pai, consubstancial com Ele, foi, na plenitude dos tempos, gerado outra vez, ao ser nascido da Virgem, tirando assim para Si mesmo, do seu ventre materno, uma natureza humana da mesma substância que a dela.” *The Faith of Millions*, 507.

Portanto, a Igreja Romana ensina correctamente que o quer que Maria foi na sua natureza humana, assim Cristo deve ter sido na Sua, pois foi dela e por ela que Ele recebeu a Sua natureza humana.

Tendo estabelecido este importante princípio, em seguida a Igreja Romana, a fim de tornar realmente clara a doutrina da humanidade de Cristo como gostaria que nós a víssemos, descreve em pormenor a humanidade de Maria. E acerca dela é ensinado que,

“Não só era ela livre de toda a mancha de pecado, mas por um milagre singular da Divina Graça, ela também foi livre do pecado original, com o qual todos os outros filhos de Adão são nascidos neste mundo. Era eminentemente adequado que ela que estava destinada a ser a Mãe de Cristo, que devia dar-Lhe a carne da sua carne e sangue do seu sangue, estivesse livre da mais pequena sombra dessa queda de Adão. Somente a ela dentre todos os membros da raça, foi concedida esta imunidade singular.” *The Faith of Millions*, 509.

Notai quão distinta e claramente isto ensina que Maria era diferente de todos os outros seres humanos que já viveram até agora quanto à sua carne e sangue. Isto ensina que ela não participou da mesma carne e sangue como o resto da família humana, mas tinha uma carne e sangue que era completa e totalmente isenta de tudo o que na natureza humana, é uma propensão para com o pecado. Por outras palavras, isto claramente, embora erradamente, ensina que ao contrário de qualquer outro ser humano, ela tinha carne e sangue santo, imortal, sem pecado, e não a pecaminosa, carne e sangue mortal, e pecadora como o resto da família humana.

Agora deve concluir-se que, se Maria era diferente de qualquer outro ser humano na Terra, como o papado afirma, então Jesus também deve ter sido diferente de qualquer outro ser a quem Ele veio salvar, como o papado também afirma, porque Maria só poderia dar-Lhe o que ela era. Ela não podia fazer outra coisa. E a Igreja Romana ensina a sua Imaculada Conceição e a resultante carne e o sangue diferente, para poderem apresentar Cristo como não tendo a mesma carne e sangue, como os filhos. Portanto, não pode haver dúvida de que a Igreja Católica Romana é o anticristo da história, e que *1 João 4:1-3* é perfeitamente consistente com as profecias de *Daniel* e *Apocalipse*.

Não temos espaço aqui para examinar o credo de todas as denominações a quem aplicar este teste, embora isso trouxesse à luz um surpreendente número de filhas que possuem a mesma doutrina. Isto nunca é declarado exactamente nas mesmas palavras como as citadas acima, mas é no entanto a mesma doutrina. Tanto quanto sei a Igreja Católica Romana é a única organização anticristã que procura estabelecer a imaculada conceição de Cristo, dando em primeiro lugar uma a Maria, Sua mãe biológica. Todas as igrejas com as quais estou familiarizado não atribuem esse papel especial a Maria, mas dão-no directamente a Cristo com a Sua imaculada conceição.

Para terminar este capítulo examinemos como é que na sua natureza real este ensino é a doutrina do anticristo, ou uma que é contra Cristo ou se opõe a Ele e à Sua obra, pelo que para fazer isso temos apenas que mostrar que tirando a unicidade de Cristo com a humanidade por um lado, ou a Sua unidade com a divindade pelo outro, colocaria qualquer um do lado do argumento de Satanás auxiliando-o e sendo cúmplice dele na sua guerra contra Cristo e Deus.

É importante que lembremos que toda a verdadeira fé é baseada na Palavra de Deus, e nossa fé é definitivamente moldada de acordo com a nossa crença. Portanto, é de vital importância que acreditemos na verdade de Deus e não nos erros de Satanás. É a verdade que nos torna livres, e é o erro ou a mentira de Satanás que manda para a destruição eterna. É essencial que nós saibamos por nós próprios que ensinamentos são a verdade, e a razão pela qual eles são a verdade.

Se ensinássemos que Cristo veio numa carne diferente e muito superior à possuída pelos filhos dos homens como provámos que a Igreja Católica faz, então teríamos adoptado uma posição em directa oposição às declarações bíblicas da verdade. Fazer isso, seria assumir erros mortais em oposição directa à verdade de Deus, mas porque seria isso assim?

Seria porque não só eliminaria a prova de que o povo de Deus pode viver em rectidão enquanto revestido de carne mortal, mas, pior ainda, provaria que ele não pode viver em obediência à santa lei de Deus enquanto tiver essa contingência. Considerai cuidadosamente o argumento que prova este ponto.

Suponhamos que um homem precisa subir uma grande montanha com uma mochila pesada às costas. Na base, ele analisa a dantesca tarefa, decide que não pode ser realizada, e recusa-se mesmo a fazer a tentativa. Até agora, tudo o que foi demonstrado é que o homem não tem sequer a fé e a coragem para tentar.

Então, acontece que um segundo homem sem a pesada mochila junta-se ao primeiro de quem ouve o dilema do primeiro homem e prossegue garantindo-lhe que a montanha pode ser escalada. Depois começa a subir a montanha sem levar nas costas a pesada mochila. O primeiro homem argumenta que o segundo não tinha provado que a montanha podia ser escalada carregando uma pesada mochila às costas, e convida-o a demonstrar que isso podia ser feito.

Se o segundo homem se recusasse a subir a montanha com a pesada mochila às costas, estaria a admitir que, na sua opinião, não poderia ser feito nessas condições.

Nesta ilustração, o homem com a mochila que tem de subir a montanha, é cada pobre pecador desejando alcançar uma vida de justiça enquanto carrega com mortal, carne pecaminosa.

O segundo homem que está disposto a subir a montanha *sem* o terrível peso da pecadora natureza caída, é Cristo e a Sua mãe *como a Igreja Católica Romana os vê*. Segundo eles, Cristo não está preparado para demonstrar que podemos viver em rectidão, enquanto sobrecarregados com carne e sangue pecador e mortal. Na verdade, trata-se de uma negação de que efectivamente pode ser feito.

Se alguém argumenta que uma determinada coisa pode ser feita sob certas condições muito difíceis, porém, quando desafiado a provar que pode ser feito, fá-lo a partir de uma posição de vantagem sem aceitar o peso das dificuldades com as quais os outros têm de o fazer, então aquele está a admitir que não pode ser feito nas mesmas condições. Caso contrário, teria prazer em submeter-se às mesmas contingências, e ainda mais acrescidas, de modo que o seu argumento seria provado de forma convincente. A lógica disto é evidente.

Mas, o Senhor declarou que a lei podia ser guardada por seres humanos, mesmo no ambiente deste mundo pecaminoso. Satanás tem apostado todo o seu caso no argumento de que isso não é possível. Portanto, se Jesus veio a esta Terra para provar que Satanás está errado, mas não estava preparado para aceitar o terrível risco envolvido em fazer essa prova na mesma carne e sangue, como os filhos, com todas as desvantagens e fraquezas do pecado a ela inerente, então estaria a admitir directamente que não poderia ser feito nessa carne e sangue.

O próprio Deus concordar com isso seria admitir que tinha feito uma falsa acusação e que Ele, e não a Satanás é o mentiroso. Não podia ser tirada outra conclusão, pois seria visto que Deus havia feito uma alegação que Ele próprio não estava preparado para provar.

Quanto podemos louvar Deus por não ter feito uma afirmação que nem Ele próprio podia defender, mas que ao fazê-lo, provou a verdade tão convincentemente que nunca mais precisa haver a menor dúvida que eu e vós podemos guardar cada um dos mandamentos de Deus.

Por isso, conclui-se, então, que qualquer pessoa que apresenta Jesus na Sua batalha contra a injustiça como tendo uma carne e sangue diferente dos filhos, está nesse momento, acusar Deus de fazer uma falsa afirmação. Eles estão a acusá-l'O de homicídio por colocar uma norma no julgamento para a vida eterna à qual de qualquer maneira ninguém podia chegar. Isto é exactamente como Satanás teria feito. Este é o fim para o qual ele está a trabalhar, e deve ser visto que todo aquele que apresenta estes argumentos não pode estar do lado de Deus, mas somente do lado de Satanás. Na própria natureza do caso, eles não podem ser outros senão o anticristo.

Para piorar a situação, vemos que não são aqueles que se opõem a Deus abertamente, como o ateu, que são os agentes de Satanás mais eficazes em todo este conflito, mas aqueles que professam ser a Igreja de Cristo. Enquanto afirmam ser Seus servos, estão enviando almas à perdição, ensinando a grande mentira de Satanás e aliando-se a ele. E quanto mais estreitamente ligados com Deus estiveram no passado, mais eficazmente servem o diabo quando se ocupam desta mentira.

Na verdade, são temíveis as consequências do entendimento errado e de ensinar a mensagem errada sobre a Sua humanidade, Cristo participou da mesma carne e sangue como os filhos, e da mesma forma. Na própria natureza do caso, os que não ensinam que Ele veio na mesma carne e sangue como os filhos, são o anticristo não importa qual seja o seu credo ou chamamento no passado.

Na identificação de quem é o anticristo mortal, há apenas uma pergunta que precisa de ser feita: “Ensina ele ou nega que Cristo veio na mesma carne e sangue, como os filhos”. Essa é uma pergunta que precisa de ser feita, e se um grupo de pessoas ou um professor individual defende a doutrina de que Cristo não veio na mesma carne e sangue, como os filhos, então, enquanto o fizerem estão do lado do anticristo, não importa quem ele seja, quão elevada a sua posição, ou quão insistentes as suas alegações de viver em rectidão. Não deixai qualquer consideração quanto à aparência agradável ou argumento subtil ou boas maneiras, enfraquecer no mínimo a natureza clara deste teste.

“Porque já muitos enganadores entraram no mundo, os quais não confessam que Jesus Cristo veio em carne. Este tal é o enganador e o anticristo.

“Olhai por vós mesmos, para que não percamos o que temos ganhado; antes, recebamos o inteiro galardão.

“Todo aquele que prevarica e não persevera na doutrina de Cristo não tem a Deus; quem persevera na doutrina de Cristo, esse tem tanto o Pai como o Filho.

“Se alguém vem ter convosco e não traz esta doutrina, não o recebais em casa, nem tampouco o saudeis.

“Porque quem o saúda tem parte nas suas más obras.” *2 João 7-11.*

Prezado leitor, toda esta questão exige que vós e eu cheguemos a uma compreensão e decisão muito clara sobre esta questão. A posição que tomareis estará do lado de Deus, ou em ligação com o anticristo. De que lado estareis neste assunto? A decisão é vossa.

Capítulo 6

No Julgamento

Vendo agora como vemos pelas informações reunidas nos últimos capítulos, que a justiça é totalmente tangível para aqueles que foram libertados do pecado interior e cheios do espírito de Cristo. Apesar da clareza desta mensagem, há ainda os que questionam a sua veracidade. Muitos irão reclamar um lugar no Céu para si e para o qual não estarão preparados porque não lançaram mão das provisões para a sua salvação que Deus colocou ao seu alcance. Por isso, terá de haver um exame de cada candidato para determinar se essa pessoa preenche as condições da vida eterna ou não. Portanto, é tempo agora de considerar este assunto como ele se relaciona com o julgamento que o Altíssimo, cujos decretos são inteiramente justos, rectos, e irrevogáveis, presidirá.

Não deve haver dúvida alguma quanto à existência de um julgamento, porque o Senhor nos tem advertido repetidamente que ninguém entrará no reino dos céus, a menos que preencha certas condições, que são determinadas por Deus para Ele julgar cada caso. Ainda existem, no entanto, aqueles que negarão o ensinamento de que cada homem, mulher e criança será examinado e não será admitido no Céu, salvo se possuir certas qualificações, conhecidas como a norma do julgamento.

O pensamento de enfrentar um exame dos registos da vida é uma perspectiva muito assustadora para os não preparados para esse escrutínio, mas a solução nunca pode ser encontrada no esforço de o eliminar completamente. A tentativa de fazer isso recorda-nos o homem que estava oprimido pelo calor do verão cuja temperatura o termómetro confirmava muito elevada. Ele pensou resolver o problema quebrando o instrumento que tinha fielmente e com exactidão fornecido as informações necessárias para avaliar o nível de calor que tornavam as condições tão insuportáveis. Quebrar o termómetro não mudou nada, pois a temperatura permaneceu a mesma. Da mesma forma, a negação da verdade de que haverá um julgamento, não pode mudar e não muda o facto de que haverá um.

Do mesmo modo como vai haver o julgamento, também precisamos em seguida de conhecer todas as informações disponíveis sobre ele para que possamos estar totalmente preparados para o enfrentar quanto possível.

Assim, antes de qualquer outra coisa, vamos estabelecer a verdade pelas Sagradas Escrituras, de que haverá um julgamento, e que o vosso nome e o meu serão chamados nesse julgamento. E verificaremos como um facto de que nada é mais claramente ensinado nas Escrituras do que um exame do carácter.

Paulo ensinou com muita clareza sobre o juízo vindouro para um rei ímpio.

“E, tratando ele da justiça, e da temperança, e do Juízo vindouro, Félix, espavorido, respondeu: ‘Por agora, vai-te, e, em tendo oportunidade, te chamarei;’” *Atos 24:25*.

Novamente, o mesmo Paulo, sob a inspiração do Espírito de Deus, disse:

“Porquanto tem determinado um dia em que com justiça há de julgar o mundo, por meio do varão que destinou; e disso deu certeza a todos, ressuscitando-o dos mortos.” *Atos 17:31*.

Novamente lemos: “Porque todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem ou mal.” *2 Coríntios, 5:10*.

“Os livros de registro no Céu, nos quais estão relatados os nomes e ações dos homens, devem determinar a decisão do juízo. Diz o profeta Daniel: ‘Assentou-se o juízo, e abriram-se os livros.’ O escritor do Apocalipse, descrevendo a mesma cena, acrescenta: ‘Abriu-se outro livro, que é o da

vida; e os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras.' Apocalipse 20:12." *O Grande Conflito*, 480.

"Embora todas as nações devam passar em juízo perante Deus, examinará Ele o caso de cada indivíduo, com um exame tão íntimo e penetrante como se não houvesse outro ser na Terra. Cada um deve ser provado, e achado sem mancha ou ruga, ou coisa semelhante." *O Grande Conflito*, 490.

Não é de surpreender, portanto, que a verdade presente para este tempo seja um aviso aos habitantes da Terra para se prepararem para o julgamento.

"João escreve: 'E vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sobre a Terra, e a toda nação, e tribo, e língua, e povo, dizendo com grande voz: Temei a Deus e dai-Lhe glória, porque vinda é a hora do Seu juízo. E adorai Aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas.' Apocalipse 14:6-8." *Testemunhos* 8:94.

Há muitos mais textos e declarações na *Bíblia* e no *Espírito de Profecia* que declararam que haverá um julgamento, mas eles são demasiado numerosos para listá-los todos aqui como prova deste acontecimento iminente. Foi citado o suficiente para estabelecer o assunto, portanto, passemos ao próximo.

Na Terra, quando sabemos que temos de enfrentar um exame, uma das primeiras coisas que queremos saber é o assunto que o teste que se aproxima revelará, para podermos entender exactamente que tipo de preparação fazer de modo a estar prontos para passar o rigoroso exame.

Se estamos conscientes das questões essenciais em jogo para agora e para toda a eternidade, assim vai ser a nossa atitude para o julgamento no Céu. Descobriremos que pesquisaremos as Escrituras até entendermos exactamente o que é necessário, conhecendo a solene verdade de que teremos apenas uma oportunidade para realizar o teste, apenas um período de tempo de provação para alcançar as qualificações necessárias.

A Bíblia não deixa dúvidas quanto ao que é essa expectativa e de quem é esperado. Muito naturalmente esperamos encontrar uma perfeita harmonia e coerência na *Bíblia* e em todas as relações de Deus com os homens. Esperamos, portanto, que os requisitos do julgamento, e a natureza das suas decisões, sejam consistentes com as questões do conflito, especialmente quando se considera que o julgamento é o auge ou o final de toda a argumentação do conflito. E isto é exactamente o que encontramos.

Vamos resumir as questões em jogo no grande conflito, como elas se relacionam com o julgamento. No início da terrível crise, foram apresentadas determinadas afirmações e contra-afirmações pelas partes em confronto. Satanás argumentou que a lei não poderia ser guardada, que Deus é injusto, opressivo, e que ele requer das Suas criaturas o que elas são incapazes de dar, e pretende puni-las com a destruição eterna por não fazerem o que de qualquer maneira não podiam fazer por ser demasiado para elas. O inimigo de Deus e do homem tem sido determinado a apresentar o nosso amoroso Pai Celestial na pior luz possível, e também tem sido muito bem-sucedido nos seus esforços. Sobre o Senhor do amor, o inimigo de toda a verdade e rectidão coloca as acusações de todos os crimes, sofrimento, doença, miséria, guerras, mortes e aflição que se têm desenvolvido ao longo de todos os milénios, da presença do pecado neste triste planeta. Infelizmente há muitos que estão totalmente dispostos a dar ouvidos e crer em tais acusações ridículas.

A relação de Deus totalmente coerente tanto com os Seus inimigos como com o Seu próprio povo testemunha da integridade, amor, bondade, misericórdia, justiça e rectidão do Seu carácter e dos Seus caminhos. Ele demonstrou o Seu amor infinito realmente entregando-Se na Pessoa do Seu Filho amado para trazer a salvação à humanidade morrendo e voltando à vida. Os homens têm sido encorajados a ver que não é Deus que ameaça destruí-los, mas este horrível, destino eterno é imposto por si próprios ao rejeitarem a salvação.

A impossibilidade de determinar se Deus ou Satanás fala a verdade, tornou necessário que as questões sofram os mais severos testes sob todas as condições possíveis até que todas as forças na posição de Deus tenham sido testadas ao extremo, e até todas as inumeráveis fraquezas do lado de Satanás serem exaustivamente expostas.

Deliberadamente não referi cada força *e fraqueza* do lado de Deus, pois não há *pontos fracos* no Todo-poderoso, do mesmo modo como não há força no de Satanás. No entanto, tão habilmente tem o diabo pintado os seus disfarces de branco como os lírios, tão habilmente tem ele imitado a justiça, de modo a confundir as questões, e com isso fazer parecer com sucesso que a sua causa parece justa, verdadeira e boa, que não havia outra alternativa senão submeter os dois princípios opostos à prova máxima no campo de provas do campo de batalha da Terra.

Mas esta contenda não pode continuar por resolver para sempre. Tem que chegar o momento em que Satanás terá esgotado todas as armas sob o seu comando, nas condições mais favoráveis para ele, sem conseguir quebrar a fé e a obediência do remanescente final do Senhor, que provar a sua lealdade inabalável nesta hora de prova suprema. Ao mesmo tempo, todos aqueles que rejeitaram a oferta da salvação divina atingem os limites da sua rejeição de Deus e do oferecimento do dom de amor do perdão e da justiça. Cada classe terá tomado a sua decisão final, e tudo o que resta a Deus fazer é reconhecer a posição tomada e dar a cada um de acordo com a escolha feita.

Nesta decisão final não está apenas o problema global da grande controvérsia em si a ser justificada, mas a vida individual daqueles que ficaram do lado de Deus no conflito a ser também vindicada e totalmente e por fim justificada.

Tendo em vista a bem estabelecida realidade de que Deus afirma que a lei pode ser guardada por seres humanos, mesmo quando eles estão revestidos de carne pecaminosa, e que apenas aqueles que de facto guardam a lei podem ter entrada no Céu, então, esse julgamento deve determinar aqueles que estão, de facto, a guardar a lei ao contrário daqueles que não. Nenhuma outra conclusão coerente com a natureza do caso poderia ser tirada. Chegar a qualquer outra seria negar a doutrina de Cristo e colocar-se a si mesmo no campo do anticristo como mostra o capítulo anterior.

Não há nenhuma maneira pela qual esta justiça seja de nós, porque nunca pode ser. Há apenas uma fonte da justiça, e essa Fonte é Deus que, por sua vez, a canaliza de Si próprio para nós através de Jesus Cristo, nosso Salvador. Esta justiça é-nos oferecida como um dom e não pode chegar a nós de qualquer outra maneira senão como uma dádiva de Deus.

Uma vez recebida por nós, torna-se a vida de Deus na alma, porque a própria vida de Deus é a justiça em si mesma. Portanto, Ele não se limita a viver em justiça. Ele é a justiça. Através da implantação da Sua vida nas nossas almas, a Sua justiça torna-se nossa tão realmente e literalmente que pode ser verdadeiramente declarado que se tornou a nossa justiça, a “justiça dos santos”, como está escrito:

“E foi-lhe dado que se vestisse de linho fino, puro e resplandecente; porque o linho fino são as justiças dos santos.” *Apocalipse 19:8*.

Aquele que tem esta justiça é um observador da lei, porque, tal como uma árvore boa produz bons frutos, assim o crente em quem Cristo habita fará boas obras como produto natural da sua natureza transformada. É uma simples questão do resultado das leis da reprodução. Deixai que Deus implante a Sua própria vida o crente, e o resultado só pode trazer boas obras, ou a observância da lei. Tendo dado a Sua própria vida como Fonte e Suprimento desta maravilhosa justiça, Deus tem todo o direito de esperar que no dia do julgamento, sejam encontrados homens que obedecem a todos os mandamentos de Deus na perfeição. Como mostra o testemunho seguinte, é uma questão de fazer o que vem naturalmente, desde que se tenha uma natureza espiritual que venha de Deus, e já não ser escravo da natureza pecaminosa:

“Um homem sadio, que está em condições de atender às vocações da vida e que, dia após dia, se dedica ao seu trabalho, com espírito alegre e uma saudável corrente de sangue em suas veias, não chama a atenção de todos aqueles a quem encontra para a sanidade de seu corpo. Saúde e vigor são as condições naturais de sua vida e, portanto, ele raramente se lembra de que está no gozo de tão rico dom.

“Assim se dá com o homem verdadeiramente justo. Ele anda inconsciente de sua bondade e piedade. O princípio religioso tornou-se o motivo de sua vida e conduta, e é-lhe tão natural produzir frutos do Espírito como para a figueira produzir figos ou a roseira carregar-se de rosas. Sua natureza

está tão inteiramente imbuída do amor a Deus e ao próximo, que faz as obras de Cristo com espírito voluntário.

“Todos os que entram na esfera de sua influência, percebem a beleza e fragrância de sua vida cristã, ao passo que ele próprio está inconsciente desta, visto estar ela em harmonia com seus hábitos e inclinações. Ele ora pedindo luz divina, e ama o andar nessa luz. É sua comida e bebida fazer a vontade de seu Pai celestial. Sua vida está escondida com Cristo em Deus; contudo, não se jacta disto, nem parece ter disto consciência. Deus sorri para os humildes e meigos que seguem de perto as pisadas do Mestre. Os anjos são atraídos a eles e apreciam demorar-se ao seu redor. Eles podem ser passados por alto como indignos de consideração por aqueles que alegam exaltadas consecuições e se deleitam em tornar preeminentes suas boas obras; mas os anjos celestiais curvam-se amavelmente sobre eles e são como uma parede de fogo ao seu redor.” *Santificação*, 13.

Conclui-se então que o julgamento será um exame de cada um pessoalmente. Por isso, a minha grande preocupação é que será uma pesquisa dos pensamentos, palavras e acções da *minha* vida. Haverá uma avaliação do *meu* espírito, do *meu* carácter, dos *meus* motivos, das *minhas* obras, ou falta delas, para ver se *eu* estou à altura dos padrões divinos revelados nos dez mandamentos. Não há outra alma que pode ficar ou ficará no meu lugar, não, nem mesmo o próprio Salvador. Vós e eu passaremos ou cairemos nesse momento, de acordo com o que somos, não de acordo com o outro que esteja disposto a ficar nos nossos lugares.

Esta verdade da prestação de contas individual é tão claramente e explicitamente ensinada que não há desculpa para alguém se apresentar no julgamento trabalhando na ilusão de que Deus ignorará os seus pecados e os admitirá no Céu.

De todos os escritores da Bíblia nenhum tem mais autoridade do que o poderoso apóstolo Paulo. Notai como ele apresenta de maneira clara a mensagem que cada um será julgado por aquilo que é:

“Mas, segundo a tua dureza e teu coração impenitente, entesouras ira para ti no dia da ira e da manifestação do juízo de Deus.

“O qual recompensará cada um segundo as suas obras.” *Romanos 2:5-6*.

Não pode haver confusão quanto à mensagem destes versículos. Eles dizem inequivocamente e distintamente que cada um receberá o seu galardão segundo o que ele próprio tenha feito durante a sua vida. Será à luz dos seus actos, que a grande decisão final para a vida eterna ou morte eterna será tomada.

Para assegurar que nós não perdemos a mensagem solene deste versículo, Paulo repete-a com adição de pormenores específicos. Ele afirma que a vida eterna é só para aqueles que:

“Com perseverança em fazer bem, procuram glória, e honra, e incorrupção;

Mas “aos que são contenciosos e desobedientes à verdade e obedientes à iniquidade” a indignação e a ira de Deus com tudo o que isso significa. *Romanos 2:7, 8*.

Apesar de claros e explícitos como são estes testemunhos da verdade, Paulo não ficou satisfeito em deixar o assunto por aí, mas repete a mensagem novamente nos próximos versículos:

“Tribulação e angústia sobre toda alma do homem que faz o mal, primeiramente do judeu e também do grego;

“Glória, porém, e honra e paz a qualquer que faz o bem, primeiramente ao judeu e também ao grego;

“Porque, para com Deus, não há acepção de pessoas.

“Porque todos os que sem lei pecaram sem lei também perecerão; e todos os que sob a lei pecaram pela lei serão julgados.

“Porque os que ouvem a lei não são justos diante de Deus, mas os que praticam a lei hão de ser justificados.” *Romanos 2:9-13*.

No grande dia do juízo, essa é a regra pela qual o Altíssimo operará. Será então que não são os que ouvem a lei, mas unicamente aqueles que guardam todos os mandamentos de Deus serão justificados.

Poderá parecer a alguns que há uma contradição entre estes versículos e *Romanos 3:20 e 28* nos quais lemos:

“Por isso, nenhuma carne será justificada diante dele pelas obras da lei, porque pela lei vem o conhecimento do pecado. . . Concluimos, pois, que o homem é justificado pela fé, sem as obras da lei.”

Qualquer contradição aparente desaparece quando é visto que *Romanos 3:20 e 28* está a descrever a relação da lei para a entrada numa vida de rectidão, enquanto *Romanos 2:5-13* trata do papel da lei no julgamento. Há duas situações aqui diferentes uma da outra, embora ambas se refiram à justificação. Quando essa distinção é feita, todos os sinais de alguma desarmonia desaparecem. Em primeiro lugar, considerai *Romanos 3:20 e 28*, para ver como é que estes versículos não podem ser escritos de melhor forma como expressão da verdade.

Há muito mais sobre a justificação do que muitos pensam. É crido em geral que ser justificado é somente o perdão no sentido de ser considerado justo. Qualquer ideia de ser feito justo é vista a preservação da santificação. Mas, nenhum homem é justificado enquanto permanecer num estado de injusto, o que é testemunhado pelas seguintes declarações:

“O perdão, porém, tem sentido mais amplo do que muitos supõem. Dando a promessa de que perdoará ‘abundantemente’, Deus acrescenta, como se o significado dessa promessa excedesse a tudo que pudéssemos compreender: ‘Os Meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os Meus caminhos os vossos caminhos, diz o Senhor. Porque, assim como os céus são mais altos do que a Terra, assim são os Meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os Meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos.’ Isaías 55:7-9. O perdão de Deus não é meramente um ato judicial pelo qual Ele nos livra da condenação. É não somente perdão pelo pecado, mas livramento do pecado. É o transbordamento de amor redentor que transforma o coração. Davi tinha a verdadeira concepção do perdão ao orar: ‘Cria em mim, ó Deus, um coração puro, e renova em mim um espírito reto.’ Salmos 51:10. E noutro lugar ele diz: ‘Quanto está longe o Oriente do Ocidente, assim afasta de nós as nossas transgressões.’ Salmos 103:12.” *O Maior Discurso de Cristo*, 114.

Então, o perdão de Deus é a Sua obra criadora através da qual Ele transforma o coração, ou, por outras palavras, Ele remove a natureza maligna e implanta a Sua própria vida em seu lugar. Quando essa transformação ocorre, o pecador é justificado, mas ela não pode ser pelas obras da lei, porque os injustificados não têm capacidade para produzir os frutos da justiça. Assim, se alguém espera produzir justiça para ser justificado, está a tentar alcançar o impossível.

Para tornar o assunto claro, consideremos a situação de um espinheiro no jardim de uma pessoa. Naturalmente, o jardineiro tem planos para erradicar a planta maligna e substituí-la por uma macieira. Mas, vamos supor que o espinheiro tendo o poder da fala e implora pela sua vida. Ele promete dar maçãs para justificar a sua existência no jardim. Se essas foram as condições que justificam o seu pedido, que esperança poderia ter o espinheiro de sobreviver?

A resposta é que não haveria esperança alguma. Cada vez que o jardineiro passasse só iria ver espinhos no espinheiro até a sua paciência se esgotar, e arrancá-lo do seu lugar e queimá-lo.

Não devia haver dificuldade em aplicar este princípio às coisas espirituais. Nós somos o espinheiro na história que tem de perceber que nos é impossível produzir um único acto de verdadeira justiça. Portanto, não podemos ser justificados pelas obras da lei, pois não temos nada para dar, nem alguma vez seremos capazes de a produzir, a menos que sejamos habilitados a fazê-lo pelo poder vindo de fora como um dom de Deus. Só existe uma maneira pela qual o espinheiro poderia encontrar um lugar justificado no jardim, e seria pela vinda de Deus que, exercendo o seu poder criador o transformasse numa macieira que desse maçãs. Nessa altura, a sua existência seria justificada, não pelas suas próprias obras, nem como espinheiro, mas como o dom de Deus recebido unicamente pela fé. Assim, na situação debatida por Paulo em *Romanos 3:20, 28*, a justificação deve preceder a produção das boas obras.

A única razão pela qual Deus mudaria a espinheiro numa macieira, seria para que dessa altura em diante produzisse maçãs. O único motivo pelo qual Deus muda os homens pecaminosos em novas

criaturas, é para que a partir daí produzam justiça sem pecar. Então, nós que somos justificados pela fé sem as obras da lei, somos justificados para fazer as obras da lei. As obras da lei são o fruto, não a raiz da justiça. Portanto, a evidência, ou a prova de termos sido justificados, é visto nas obras da justiça. Se as obras não estiverem lá, então também não há justificação alguma.

Este foi o argumento no livro de *Tiago*.

“Mas dirá alguém: ‘Tu tens a fé, e eu tenho as obras; mostra-me a tua fé sem as tuas obras, e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras.’” *Tiago 2:18*.

Por outras palavras, sabeis que esta árvore é uma macieira porque dá maçãs.

Mas o julgamento não vai ocupar-se daqueles que precisam de ser salvos do pecado. Será demasiado tarde para estar nessa situação. O julgamento é para aqueles que foram salvos do pecado e, como tal, estão à procura de um lugar no Céu.

A condição da vida eterna é a salvação do pecado, ou justificação, como está escrito:

“A condição de vida eterna é hoje justamente a mesma que sempre foi — exatamente a mesma que foi no paraíso, antes da queda de nossos primeiros pais — perfeita obediência à lei de Deus, perfeita justiça. Se a vida eterna fosse concedida sob qualquer condição inferior a essa, correria perigo a felicidade do Universo todo. Estaria aberto o caminho para que o pecado, com todo o seu cortejo de infortúnios e misérias, se imortalizasse.” *Caminho a Cristo*, 62.

É certo que o julgamento é o meio pelo qual será determinado se este padrão foi atingido ou não. Então, o julgamento vai olhar para a evidência dessa justificação, que é a justiça ou boas obras. E aquele em quem se encontram essas boas obras, o julgamento pronunciará como justo. Ele justificará a sua rectidão ou aptidão para o Céu e a eternidade. Portanto, no grande dia do juízo, “os que ouvem a lei não são justos diante de Deus, mas os que praticam a lei hão de ser justificados.” Tende cuidado para não interpretar mal estas palavras da Inspiração que não dizem que serão justificados *pelas suas obras*. Se fossem, seriam justificados pelas suas próprias obras, mas isso é uma absolutamente impossível. Recebemos o dom de uma vida justificada pela fé viva. Desse modo, recebemos a aptidão para passar o julgamento em que não são os que ouvem a lei que serão justos diante de Deus, mas os que praticam a lei serão justificados.

Como Cabeça da Sua igreja e dos Seus filhos, Jesus, que não só fala a verdade, mas Ele próprio é a Verdade, confirmou o princípio de que somente os que são cumpridores da justiça serão julgados aptos para herdar a vida eterna.

“Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no Reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus.” *Mateus 7:21*.

Jesus ensinou esta mesma verdade na parábola das bodas que é a descrição do julgamento. Esta parábola está registada em *Mateus 22:1-14*.

Os primeiros dez versículos da profecia são dedicados à descrição dos esforços do rei para reunir os convidados para que as bodas prosseguissem até à sua consumação. Quando dois convites enviados aos que tinham sido convidados inicialmente não conseguiram trazê-los às bodas, os servos receberam então indicação para irem a outra classe, aos que estavam nos caminhos. Os servos dirigiram-se a estes e a sala do banquete ficou por fim cheia de convidados.

Mas os convidados eram obrigados a cumprir determinadas condições. Estas são simbolizadas pelo uso da veste nupcial. Esta veste nupcial era uma oferta do rei e os convidados eram obrigados a usar o que o rei tão amavelmente tinha dado. Antes das bodas se realizarem de facto, o rei vem para examinar os hóspedes pessoalmente e individualmente. O Monarca está focado na forma como cada um está vestido neste momento. Todo o que é encontrado sem a veste nupcial é lançado nas trevas exteriores para sempre.

“E o rei, entrando para ver os convidados, viu ali um homem que não estava trajado com veste nupcial.

“E disse-lhe: ‘Amigo, como entraste aqui, não tendo veste nupcial?’ E ele emudeceu.

“Disse, então, o rei aos servos: ‘Amarrai-o de pés e mãos, levai-o e lançai-o nas trevas exteriores; ali, haverá pranto e ranger de dentes.

“Porque muitos são chamados, mas poucos, escolhidos.” *Mateus 22:11-14*.

A chave para a compreensão da mensagem desta parábola reside em definir correctamente o que é a veste nupcial. Devemos entender o que o rei espera ver quando olha para cada um daqueles vestidos de casamento. A resposta está nas próprias Escrituras. Num assunto de tal importância vital, dificilmente esperaríamos que elas fossem silenciosas. Nem são. Elas declaram que a veste nupcial é a justiça dos santos.

Em *Apocalipse 19:7*, as nossas mentes são transportadas para o tempo em que por fim se consumam as bodas, e a noiva está pronta.

“Regozijemo-nos, e alegremo-nos, e demos-lhe glória, porque vindas são as bodas do Cordeiro, e já a sua esposa se aprontou.” *Apocalipse 19:7*.

A noiva não está pronta, se não estiver vestida com o seu vestido de casamento que aqui é descrito como “linho fino, puro e resplandecente.” *Apocalipse 19:8*.

O “linho fino” é a “justiça dos santos.” A veste nupcial é a justiça, e notai cuidadosamente que a Escritura afirma que aqui é a justiça *dos santos*. Isto não se destina a ensinar que esta é uma justiça egoísta adquirida pelos seus próprios esforços. Originalmente e sempre, é a justiça do próprio Deus e é inteiramente e totalmente d’Ele. Mas o que ele tem dá aos Seus santos, e o que Ele dá não é emprestado, mas dado tornando-se assim posse deles. Por isso, pode ser simplesmente e realmente dito que os santos são justos ou que a justiça é dos santos.

O que devemos entender mais e mais é a absoluta realidade deste dom. Devemos aprender que, quando Deus nos promete a Sua justiça como um dom, Ele de facto quer dizer que a promessa e o dom são reais. Nós entramos verdadeiramente na posse da Sua justiça. Isto não é, portanto, algo etéreo que nos é creditado, mas que nós nunca possuímos realmente. É um verdadeiro dom que nos leva à posse da justiça de Deus em si mesma. Tenham em mente que a palavra a usar aqui é a rectamente e o prefixo “mente” indica sempre “estar no estado.” Portanto, se uma pessoa tem justiça, significa claramente que ela está no estado ou na condição de ser justa. É uma declaração simples e directa daquilo que ela é. Ela é uma boa árvore, e como tal deve produzir frutos bons. Para não haver erro na nossa compreensão do que é realmente a justiça, João tem isto a dizer:

“Filhinhos, ninguém vos engane. Quem pratica justiça é justo, assim como Ele é justo.” *1 João 3:7*.

Salientámos que o verdadeiro problema é uma questão daquilo que somos, não o que fazemos, e alguns podem sentir que João aqui está a colocar a tónica no que fazemos como sendo o mais importante. Não é assim. Não há diferença alguma entre a declaração de João como acima e alguém dizer: “ninguém vos engane. Apenas as árvores que dão maçãs são macieiras.” Da mesma maneira como uma árvore que dá maçãs é uma macieira, assim quando vemos uma árvore tendo maçãs, sabemos com certeza que ela é uma macieira.

Exactamente da mesma forma, apenas um homem que foi feito justo dentro de si pelo poder e dom de Deus, tem a possibilidade de fazer obras justas. Por isso, aquele que está verdadeiramente a fazer as obras da justiça, mostra com isso a prova de que é justo. Assim, a declaração do apóstolo João está em perfeita harmonia com o testemunho da Escritura que ensina claramente que aquilo que somos é o assunto de principal interesse.

Assim, pelas Escrituras citadas atrás, podemos ver claramente que a veste nupcial é a justiça dos santos o que significa que eles estarão numa condição ou estado de justiça dentro de si de cujo estado sairão as obras de rectidão na sua vida diária.

Quando o rei que é Deus, o governante supremo do universo e Juiz de todas as coisas, vem para examinar os convidados, é exactamente isto que Ele espera encontrar em cada pessoa — a veste imaculada da Sua gloriosa justiça. Se a justiça de Deus está presente, então essa pessoa permanece para as bodas. Mas, se for encontrada sem essa justiça, então não há lugar para ela nas bodas, mas apenas uma expulsão para as trevas e destruição eterna. Esta é a norma clara e requisito do julgamento.

E tendo em conta o simples facto de que Deus tem clara e completamente dito e provado, que a Sua santa lei pode ser total e perfeitamente guardada por todos os seres criados, mesmo pelos que possuem a enfraquecida carne pecaminosa, então não está a pedir o impossível quando espera encontrar em nós a veste nupcial da perfeita justiça. À luz da grande controvérsia, Deus deve, para ser coerente Consigo mesmo, manter esse requisito inicial de perfeita justiça por parte do candidato. Se Deus no mínimo grau baixasse esse padrão, então nesse mesmo grau estaria a admitir que Satanás estava certo. Seria o reconhecimento de que a acusação de Satanás de que a lei é demasiado difícil para os seres criados guardarem e obedecer. Se a lei é demasiado difícil de guardar, então, para alguém entrar no Céu, esse nível de exigência para ser admitido tem de ser diminuído. Assim, qualquer redução na referida norma por parte de Deus é imediatamente uma admissão da Sua parte de que a lei não pode ser guardada.

Mas Deus não precisa de fazer tais concessões a Satanás. A lei pode ser obedecida na perfeição e, portanto, permanece como o único padrão possível do julgamento.

Caro leitor, quer vos importeis ou não com o pensamento, vós e eu temos de enfrentar esse julgamento e o nosso destino eterno será decidido por esse tribunal. Portanto, hoje, enquanto é presente, é dada a oportunidade para nós aprendermos a justiça de modo que ao vir o Rei para nos examinar sejamos encontrados completa e perfeitamente vestidos da veste nupcial, uma vida vivida em perfeita justiça.

Até agora temos vindo a estudar o padrão que é possível e o que Deus espera. Com isto claramente assente nas nossas mentes, estamos prontos para a próxima parte do nosso estudo, ou seja, como estabelecer e manter todos os dias uma experiência viva de vitória sobre todas as iniquidades.

“E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma, e corpo sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.

“Fiel é o que vos chama, o qual também o fará.” *1 Tessalonicenses 5:23, 24.*

“As condições da vida eterna, sob a graça, são exatamente as mesmas que eram no Éden — perfeita justiça, harmonia com Deus, conformidade perfeita com os princípios de Sua lei. A norma de carácter apresentada no Velho Testamento é a mesma apresentada no Novo. Esta norma não é de molde a não podermos atingi-la. Em toda ordem ou mandamento dado por Deus, há uma promessa, a mais positiva, a fundamentá-la. Deus tomou as providências para que nos possamos tornar semelhantes a Ele, e cumpri-las-á para todos quantos não interpuserem uma vontade perversa, frustrando assim a Sua graça.” *O Maior Discurso de Cristo, 76.*

Capítulo 7

O Evangelho É Poder

Até agora no nosso estudo, temos considerado o facto de que a lei de Deus pode ser guardada e que no julgamento, apenas aqueles que na verdade a guardaram serão admitidos no reino. Não fizemos até aqui qualquer tentativa para lidar com a forma como a obediência deve ser alcançada. O nosso plano é levar toda a questão da vida em rectidão, passo a passo, numa ordem lógica com a intenção de resolver um problema de cada vez e confirmar cada fase da verdade no seu tempo.

Um passo que deve ser dado logo no início é a obtenção de uma definida compreensão e a confiança de que os requisitos para a passagem no julgamento podem ser cumpridos por todos os que, pela fé viva, se apropriam de todos os recursos colocados ao seu dispor pelas promessas de Deus. Mas só serão bem-sucedidos quando aprenderem a aplicar a solução de Deus para o problema exactamente como Deus planeou que deve ser aplicado. Devemos receber a salvação de acordo com a fórmula divina para a sua aplicação. Eu verifiquei que este é um princípio da maior importância. Aceitai-o para garantir o sucesso; desrespeitá-lo é tornar o fracasso uma certeza.

Existem várias supostas versões do caminho da salvação em circulação no tempo presente, muitas das quais são muito populares. De facto, qualquer pessoa talentosa que vem pregando uma mensagem que não foi concebida na mente do Senhor, mas que oferece um caminho fácil para o Céu, dá a certeza de atrair um grande número de seguidores, e encher os seus cofres com grande riqueza.

A grande questão que dividirá a igreja e o mundo nos últimos dias, dos verdadeiros filhos de Deus, não será sobre se o reino de Deus tem de ser construído ou não, porque todos concordarão que isto tem de ser feito. Será salientado por todos que nunca houve uma necessidade tão grande de fazer isso com a maior urgência do que agora, mas a diferença reside na forma como ele será construído. Por outras palavras, enquanto as igrejas e o mundo se unirem nos seus esforços para construir o reino de Deus de acordo com as ideias dos homens de como ele deve ser construído, os que são fiéis ao Senhor, estarão construindo o reino de Deus com uma rigorosa atenção à forma como o Soberano do universo tem especificado que ele deve ser constituído.

Este livro é totalmente dedicado à construção do reino de Deus, à maneira de Deus, para a total rejeição de quaisquer princípios ou procedimentos humanos, porque sabemos que em nenhum outro pode ser encontrado o sucesso. Temos a intenção de obedecer rigorosamente segundo as instruções seguintes:

“Obediência a toda palavra de Deus é outra condição de sucesso. As vitórias não são alcançadas por meio de cerimônias ou ostentação, mas mediante a simples obediência ao mais exaltado General, o Senhor Deus do Céu. Aquele que confia nesse Líder jamais conhecerá a derrota. Esta vem em consequência da confiança em métodos e planos do homem, deixando o divino em segundo lugar. Obediência era a lição que o Capitão dos exércitos do Senhor procurou ensinar ao extenso exército de Israel — *obediência mesmo naquilo em que não podiam ver nenhum sucesso*. Quando houver obediência à voz de nosso Líder, Cristo conduzirá Suas batalhas de tal modo que surpreenderá os maiores poderes da Terra.” {6T 140}. *Testemunhos para a Igreja* 6:91. Ênfase acrescentada.

Tendo compreendido pela fé a verdade viva de que ninguém precisa de falhar no cumprimento do padrão do julgamento, temos estabelecido uma base sólida para a aprendizagem de como obter a aptidão para enfrentar o teste que todos devem passar antes da entrada no Céu.

No último capítulo, analisámos a questão de observância da lei no contexto do julgamento e vimos que chegou, seguramente, o tempo da advertência do juízo e a crítica necessidade de preparar-se para ele, soar a todos os povos da terra. A mensagem está presentemente saindo e as pessoas estão respondendo a ela em todo o mundo, embora ainda não em grandes números veremos em breve a aceitação da chamada para tornar a sua vocação e eleição seguras. Preparai-vos para receber o vosso Deus, é a instrução urgente a ser seguida agora.

Foi assim que João viu esta mensagem ganhando uma adesão de muitos sob o símbolo de anjos voando pelo céu proclamando a necessidade de preparar sem demora para o evento em aproximação.

“E vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sobre a terra, e a toda nação, e tribo, e língua, e povo,

“Dizendo com grande voz: ‘Temei a Deus e dai-lhe glória, porque vinda é a hora do seu juízo. E adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas.’” *Apocalipse 14:6-7*.

Assim é representada uma mensagem de dimensão mundial e também de enorme urgência, para o anjo vai falando enquanto voa, uma visão clara de velocidade e urgência, e ele fala com um alto clamor, indicando a autoridade e o poder da mensagem que proclama. Essa mensagem é de facto da mais severa importância, pois ela envolve para cada alma a questão de vida e morte que é a salvação e o bem-estar eterno. À medida que essa mensagem é apresentada no poder do Espírito de Deus, a alma treme quando vê a si mesma perante o solene tribunal no qual a sua vida é examinada “com um exame tão íntimo e penetrante como se não houvesse outro ser

na Terra.” *O Grande Conflito*, 490.

E depois vem a pergunta muito natural e apropriada, “Como! Oh, como posso eu estar pronto para enfrentar esse, escrutinador, implacável, exame imparcial?”

Na mensagem em si encontra-se a resposta, pois o próprio anjo que traz a advertência também traz a solução. Notai que ela diz que ele voa no meio do céu, tendo o evangelho eterno.

Por que vem ele tendo o evangelho eterno?

Ele trá-lo porque é o único meio pelo qual uma alma pode ser salva do pecado e preparar-se para o julgamento. Deus não tem qualquer desejo de ver alguém perecer, mas está completamente dedicado a salvar todos se isso fosse possível. Infelizmente não é, pois sabemos que apenas um remanescente de cada geração será salvo. Isso não indica qualquer falha da parte de Deus, pois Ele deu tudo o que pode ser dado para providenciar um meio de escape para o homem cuja própria existência está ameaçada de extinção, e é típico do amor e misericórdia de Deus que Ele o declare para nós na Sua Palavra, mesmo antes da mensagem do anjo ser anunciada, porque este anjo com estas terríveis novas, vem com o evangelho eterno, a própria solução para o problema.

Considerai este evangelho e o que ele é!

O apóstolo Paulo apresenta-nos com perfeita definição o que esse evangelho é. Ele diz:

“Porque não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego.” *Romanos 1:16*.

Pensai em todas as coisas que ele poderia ter descrito como sendo o evangelho — uma doutrina, um credo, uma teoria, um argumento, uma teologia, ou um ensinamento. Mas ele não escolheu nenhuma destas expressões para descrever esse evangelho, pois nenhuma delas seria uma definição verdadeiramente correcta ou adequada do que é o evangelho.

Ele disse: “é o poder”!

Aqui está a apresentação de a uma força todo-poderosa com capacidade para fornecer restauração física, mental e espiritual àqueles que ficam sob o seu ministério, pois ela não é um poder comum, mas é de facto, o poder onipotente, todo-conquistador, criador, do Deus vivo. E não pode haver dúvida alguma se este é o maior poder que existe. Qualquer poder, seja ele conhecido ou desconhecido do homem, é apenas uma pequena parte dessa infinita fonte de energia e não tem

existência separada dessa Fonte. Este poder é tão infinito e tão grande que está além do alcance da mente humana avaliá-lo ou compreendê-lo e medi-lo. Vemos isso revelado nas poderosas obras da criação e, se fosse possível nós entendermos e medirmos o poder necessário para manter e sustentar aqueles mundos no espaço, então começaríamos a compreender a medida do poder de Deus.

Esse poder é infinito, o que significa que é ilimitado. Colocai-o perante o maior problema possível a precisar de ser resolvido e nenhuma inadequação será encontrada nele. Em vez disso, será visto que haverá mais do que suficiente poder para solucionar a necessidade à vossa frente. Verificar-se-á que ele é tudo o que é necessário para resolver esse problema, e ainda restará uma infinita reserva além disso. Esse é o poder de Deus e esse é o poder do Evangelho de Jesus Cristo, pois esse Evangelho é o poder de Deus.

É verdade que quanto melhor formos capazes de adquirir uma noção exacta da magnitude desse poder vivo que é o evangelho de Jesus Cristo, mais eficazmente, seremos capacitados pela fé para descansar em tudo o que Deus prometeu fazer por nós através da aplicação desse poder à nossa situação.

O que significa isto para nós pessoalmente? Significa que o mesmo poder infinito, criador e restaurador do Todo-Poderoso Governante do universo tem estado totalmente dedicado à nossa libertação tanto do senhor do pecado como do senhor da doença. Quanto mais claramente virmos isto, e quanto mais firmemente o compreendemos, mais firme e mais viva será a nossa fé, e mais certa será a nossa libertação. Que verdade inspiradora da fé é essa!

Paulo, ao definir o evangelho de Jesus Cristo como sendo o incrível, poder infinito do Deus vivo, não fica por aí, mas continua com estas palavras: “. . . para salvação. . .” É o poder de Deus *para salvação*, mas a questão agora é: “do que é que o evangelho nos salva?”

A resposta para essa pergunta está nas seguintes palavras:

“E ela dará à luz um filho, e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo *dos seus pecados*.” *Mateus 1:21*.

Por conseguinte, a definição do evangelho dada pelo Espírito Santo por meio de Paulo na sua carta aos romanos é:

“Porque não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação *do* pecado.”

O apóstolo João expressa a mesma verdade com estas palavras:

“E bem sabeis que ele se manifestou para tirar os nossos pecados; e nele não há pecado.” *1 João 3:5*.

A manifestação de Jesus Cristo é o evangelho de Jesus Cristo, introduzido para tirar ou remover os nossos pecados. Não deixeis escapar a questão que o assunto desses versículos aqui não é o perdão dos pecados, mas a remoção da própria pecaminosidade. É prometida a nossa salvação *do* pecado, não a salvação *no* pecado. Naturalmente, como entenderemos melhor à medida que este estudo progrida, a libertação *do* pecado e o perdão *pelo* pecado são inseparáveis. Se tiverdes realmente um, podeis ter a certeza de que sois abençoados com o outro.

Mas por agora, estou especialmente interessado em tratar a salvação do pecado pela vitória sobre ele através do poder do evangelho, porque o assunto deste capítulo é “O poder do Evangelho”. É o poder sob controlo e comandado por Deus votado à exterminação total e eterna do pecado, também conhecido como pecaminosidade ou iniquidade. Estas palavras definem o pecado como uma força ou como uma qualidade, ou uma entidade.

Por isso, o evangelho é poder, mas o pecado também é um poder. Se algum de nós tem qualquer dúvida na sua mente de que o pecado é um poder, então é evidente que nunca lutou contra esse poder e aprendeu quão firmemente ele segura a vítima sob o seu domínio. É um grande poder, muito maior do que o poder da vontade humana. Por ser um poder, só pode ser removido por outro poder maior do que ele. É uma simples lei da natureza e da ciência que quando dois poderes entram em combate, então o poder inferior é sempre vencido pelo poder maior, e quanto maior a diferença entre eles, se o

poder mais forte dispuser as suas forças de maneira eficaz, então mais significativa e absoluta é a vitória do poder mais forte.

Portanto, conclui-se que, onde o poder de Deus entrou, o poder do pecado foi expulso, pois o poder do pecado não pode permanecer diante do poder de Deus. Por conseguinte, o pecado tem que dar lugar ao poder de Deus. Nunca pensemos que os dois podem habitar juntos, pois são inimigos mortais e nunca pode haver qualquer tratado ou trégua entre eles. Luz e escuridão nunca podem habitar juntos. Se tendes um, então não tereis o outro. E tão verdadeiramente como a luz é a mais poderosa dos dois, assim é o poder de Deus maior do que o poder do pecado, porque somente a ausência de luz permite que as trevas reinem. No momento em que a luz entra, a escuridão desaparece e vai-se embora.

À luz dos factos da verdade acima, vamos examinar novamente a nossa profissão de cristianismo, a nossa afirmação de que temos o evangelho de Jesus Cristo, pois, se tivermos esse evangelho, então temos o poder de Deus. E se temos esse poder, então não estamos mais sob o domínio do pecado. O seu poder terá sido quebrado e eliminado das nossas vidas, porque o pecado não pode permanecer onde está o poder de Deus, mais do que a escuridão pode manter-se na presença da luz.

Hoje, estamos vivendo no tempo predito em *Apocalipse 14:6*. Durante este tempo, João viu um anjo voando pelo meio do céu, tendo o evangelho eterno. Por isso, ele vem *tendo* o poder de Deus. Notai bem, não diz apenas que ele vem pregando o evangelho eterno, mas que ele vem *tendo*, ou *possuindo* o evangelho. Isto vem em primeiro lugar e sobre tudo, e é seguido pela declaração de que aquilo que ele tem, prega-o àqueles que habitam no comprimento e largura da Terra. Vede a linguagem exacta desta importante profecia!

“E vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sobre a terra, e a toda nação, e tribo, e língua, e povo.” *Apocalipse 14:6*.

Este anjo é um símbolo de um povo ou de um movimento e, por isso, conclui-se que aquilo que o anjo tem, o povo que ele simboliza também tem — o mesmo evangelho, o mesmo poder de Deus vivo para a salvação do pecado, e, portanto, será um povo em cujas vidas o poder do pecado está desfeito.

Aqui está agora uma excelente oportunidade para nos testarmos a nós próprios para ver se estamos entre aqueles que cumprem as especificações desta profecia.

Enfrentemos e respondamos honestamente à pergunta:

“Cometeis pecado?”

E a resposta certamente será:

“Porquê? Claro que sim. Não cometem todos?”

Essa é uma resposta justa, honesta e previsível. Mas agora vem a próxima importante.

“Dizei-me, quando cometeis pecado, o que fazeis sobre isso?”

“Bem,” é a resposta “eu arrependo-me e confesso o pecado e creio que o Senhor me perdoa”.

Não há dúvida de que, quando pecamos, devemos confessar esse pecado, mas agora, insisto mais ainda na pergunta com estas palavras:

“Dizei-me, quando vos arrependeis desse pecado e o confessais, é isso o final desse pecado particular ou descobris que cometeis o mesmo pecado repetidamente?”

Em resposta a esta última pergunta, um olhar surpreendido se espalha pela face daquele a quem se fez a pergunta e algo indignado responde:

“Porquê, evidentemente que cometo esse pecado uma e outra vez como todos fazem. Depois, devo trazer a minha culpa diante do propiciatório para pleitear o sangue de Cristo para perdão desses pecados!”

Assim, a franca e honesta admissão por parte do professo filho de Deus é que a sua experiência é a de pecar e arrepender-se, pecar e arrepender-se, pecar e arrepender-se dos mesmos pecados ano após ano. E acredito que todos os nossos leitores estejam suficientemente familiarizados com a experiência real do professo filho de Deus comum como sendo a sua própria experiência, para saber que a imagem acima é verdadeira e exacta, pelo menos em muitos casos.

Certamente que podemos apontar o facto de que muitos de nós temos afastado boa parte dos nossos pecados grosseiros e abertos que nos angustiavam e ofendiam o nosso Salvador. Aprendemos a respeitar o sábado do sétimo dia, não acreditamos mais nos ensinamentos falsos de Babilónia, agora praticamos uma vida saudável e, em geral, vivemos um modo de vida muito melhor. A mudança de viver de acordo com os caminhos do mundo para os caminhos de uma organização da igreja têm sido grande e abrangente, e sob todas as aparências externas somos respeitáveis bons cristãos.

Mas estamos perturbados pela falta em nós da certeza de que tudo está bem com as nossas almas. Verificamos que ainda estamos amaldiçoados com um mau temperamento, com o ódio nos nossos corações, com orgulho efervescente nos nossos corações, e maus pensamentos que assolam as nossas mentes. Há muitas coisas sobre as quais não ganhámos a vitória; há aquela crescente onda de ressentimento quando são feitas coisas que prejudicam o nosso orgulho e amor ao eu; há aqueles pensamentos concupiscentes e maus desejos e ambições profanas que destroem a nossa paz e nos deixam com um sentimento de condenação e perdidos. Da alegria e frescor do nosso primeiro amor na mensagem, a nossa experiência degenerou num triste programa de perda e derrota.

E embora tenhamos determinado que teremos a vitória sobre essas coisas, e não temos mais a ver com elas; não obstante as fervorosas orações e esforços que fizemos; apesar do facto de termos clamado por perdão e ajuda de Deus muitas vezes, constatamos que pecamos e nos arrependemos repetidas vezes. Exactamente os mesmos pecados que foram o maior problema da vida há dez anos ainda estão lá. Tudo é muito frustrante!

É isto a salvação do pecado?

Repetidamente tenho feito esta pergunta às audiências em todo o mundo e nunca ninguém ainda estava preparado para dizer que sim. Todos concordam que isto não é a salvação do pecado, porque os pecados continuam lá e bem no comando.

Por isso, temos de concluir que muitos de nós têm repousado numa falsa esperança, pois, se esta experiência, que é o melhor que muitos do povo professo tem, e que parecem estar satisfeitos em continuar não tendo a salvação do pecado, *então também não é a salvação*. E se pensamos isso na sua derradeira e inescapável conclusão, significa que não temos sequer o evangelho. Isto é evidente pelo facto de que se o pecado ainda está presente na vida, então quer dizer que o poder de Deus não está lá, pois o pecado não pode estar mesmo por breves momentos desde a entrada do poder de Deus. E se nós não temos o poder de Deus, então não temos o evangelho, pois o evangelho é o poder de Deus. Ter um é ter o outro.

É muito importante que nunca mais confiemos na esperança de que, de alguma forma, teremos a salvação quando este não é o caso. Haverá muitos que enfrentarão o grande dia do julgamento final, confiantes de que as suas vidas têm a aprovação e aceitação de Deus, mas na verdade descobrirão que não têm a aprovação nem a aceitação do Céu. Agora é tempo de ser um cristão vitorioso, é agora que temos de ter o evangelho de Jesus Cristo, que é ter o poder do Deus vivo, que é ter a salvação *do* pecado. Agora é a hora de termos a certeza de que tudo está bem entre nós e o Juiz deste mundo. Não haverá desculpa para não ser encontrado com o artigo genuíno no grande dia final. O próprio Jesus alertou solenemente acerca desta terrível conclusão com estas palavras:

“Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no Reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus.

“Muitos me dirão naquele Dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? E, em teu nome, não expulsamos demônios? E, em teu nome, não fizemos muitas maravilhas?

“E, então, lhes direi abertamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade.” *Mateus 7:21-23*.

Ninguém pode tratar estas palavras de ânimo leve, excepto com perigo da sua alma. Tão grande é o risco de pensarmos que temos o Evangelho salvador de Jesus Cristo, o poder de Deus para salvar do pecado real, quando temos de facto algum substituto sem poder, que esta advertência é repetida na

mensagem aos laodiceanos que pensam serem ricos e de nada precisando quando na verdade são “um desgraçado, e miserável, e pobre, e cego, e nu”, *mas não o sabem*. Veja-se *Apocalipse 3:14-22*.

“Muitos são laodiceanos, vivendo iludindo-se espiritualmente a si mesmos. Revestem-se da própria justiça, imaginando-se ricos e prósperos em bens e sem nada lhes faltar, quando necessitam de aprender diariamente de Jesus, Sua mansidão e humildade, quando afinal são destituídos, sendo toda a sua vida uma mentira.” *The S.D.A. Bible Commentary 7:962*.

São muitos os que serão encontrados em estado de terrível destituição espiritual sem conhecerem o seu verdadeiro estado. E enquanto permanecerem na ignorância da sua verdadeira condição e desesperada necessidade, continuando a ser desgraçados, e miseráveis, e pobres, e cegos, e nus, não fazem nada para chegar à solução do problema. A primeira experiência essencial, para nós, é uma compreensão da nossa própria miséria e necessidade, porque o Senhor não pode fazer nada mais por nós até que isso seja compreendido e reconhecido. Se, antes que seja demasiado tarde para sempre, nós não chegarmos ao lugar onde nos sentimos desgraçados, e miseráveis, e pobres, e cegos, e nus, então vamos continuar nesse estado até o fim e depois, quando já for demasiado tarde, despertamos para a nossa verdadeira condição estaremos para sempre perdidos.

É um facto da vida que a natureza humana resiste à apresentação do conhecimento da verdade sobre si mesma. Ela não gosta que lhe seja dito que é destituída daquela vida espiritual necessária para lhe garantir um lugar no Céu. Muitos preferem que lhes seja dito que está tudo bem, mesmo se na verdade, tudo está mal.

“Em todas as gerações Deus tem enviado Seus servos para repreender o pecado, tanto no mundo como na igreja. Mas o povo deseja que se lhes falem coisas agradáveis, e a verdade clara e pura não é aceita.” *O Grande Conflito, 606*.

Esta falta de vontade de enfrentar e aceitar a verdade sobre a si mesmo é mais e mais perceptível quando a igreja mergulha mais profundamente na condição de Laodiceia. Há uma boa razão para este desenvolvimento.

Quando um novo movimento surge sob inspiração pessoal de Deus, os seus membros estão cheios com o evangelho na sua pureza e poder, como estavam os crentes do grande movimento do segundo advento de 1844. Cheios de fé, eles fizeram grandes proezas para Deus, em quem eles colocaram a sua confiança. No início, a obra é pequena e humilde, mas, com o passar do tempo, maravilhosa é a prosperidade material que auxilia a obra, enquanto, ao mesmo tempo, virgens loucas insistem nos seus caminhos entre as sábias.

Em seguida, desenvolve-se a tendência para colocar mais confiança em coisas materiais do que no Dador dessas bênçãos. Grande actividade toma conta dos crentes deixando cada vez menos tempo para a comunhão com Deus. Apesar de cheios de grande zelo por Deus, a fé n’Ele enfraquece muito, e as obras humanas tornam-se a sua garantia de salvação. Tornam-se, assim, um corpo legalista dependendo das suas boas obras para a salvação.

Tendo perdido a fé de Jesus unicamente pela qual a salvação pode ser obtida, voltam-se para as suas próprias obras para compensar a deficiência. Se isto também lhes for tirado, então não fica nada senão a destruição pelo fogo juntamente com o resto do mundo impenitente. Quando confrontado com a chamada para abandonar este programa de obras, esta religião legalista, a poderosa lei da auto preservação, reage com diferentes graus de violência ao ponto da perseguição até à morte.

A experiência de Abraão é uma perfeita ilustração deste problema. Na falta de fé verdadeira e viva para ver o cumprimento de que o filho da promessa havia de nascer dele e de Sara, concebeu um meio pelo qual ele próprio cumpriria a promessa. Assim nasceu Ismael e Abraão estava plenamente convencido de que tinha produzido o filho da promessa. Durante os treze anos seguintes, ele concentrou as suas capacidades e energias na educação de Ismael como o filho da promessa, pensando o tempo todo que Deus tinha aceitado completamente Ismael como tal. De qualquer modo, tanto Abraão como Sara já tinham passado da idade fértil, por isso concluiu que tinha de ser Ismael ou nenhum outro. Na medida em que tinha de ser alguém, e Ismael era a única pessoa, no pensamento de Abraão, Ismael era o prometido.

Podeis então compreender a angústia sentida por Abraão quando Deus rejeitou Ismael e disse que Isaque era o filho da promessa. Mas Isaque ainda não tinha sido concebido, e o casal já estava demasiado velho para ter filhos. Deus, ao que parecia, estava a ignorar tudo o que Abraão e Sara confiavam, e não dava nada em troca. Não admira que Abraão clamasse em agonia de alma: “Tomara que viva Ismael diante de teu rosto!” *Génesis 17:18*.

Como Abraão e Sara, todos nós temos de enfrentar o mesmo teste. Não vos surpreendais se virdes que estais a opor-vos a este trabalho claro enquanto tenazmente e protectoramente vos manteis fiéis a essa antiga forma de religião legalista. Reconheci isto como sendo a resistência ao doce ministério do Espírito Santo chamando-vos da incredulidade das trevas da incredulidade para a luz da fé salvadora. A transição é dolorosa, mesmo agonizante, mas uma vez feita a travessia, tudo é luz radiante, serenidade e liberdade.

Conhecemos, então, por nós mesmos que o evangelho eterno de Jesus Cristo é o poder de Deus para a salvação do pecado. Veremos e testemunharemos que, durante anos, tínhamos vindo a tentar guardar a lei de Deus, mas temos de encarar o facto de termos falhado nos nossos esforços e na maior parte, o nosso serviço para Deus tem degenerado num formalismo.

Não há dúvidas quanto à sinceridade de tais esforços. Tem havido um amplo conhecimento do que é certo e tem havido a vontade de obedecer, mas a falha estava numa destituição do conhecimento de como fazer o que é certo.

Mas agora está aqui o tempo em que o fim de todas as coisas e a mensagem para este tempo é apenas isto,

“Acordai para a justiça e não pequeis mais; porque alguns ainda não têm conhecimento de Deus; digo-o para vergonha vossa.” *1 Coríntios 15:34*, (JFA Actualizada, 1974.)

O objectivo deste capítulo foi para despertar-nos para tomada de consciência de que a menos que tenhamos o poder do pecado quebrado, então não temos o poder de Deus e, portanto, não temos o evangelho nem a salvação.

Capítulo 8

O Que É o Pecado?

No capítulo anterior, aprendemos que, ter o evangelho é possuir o poder de Deus, e a evidência de que temos esse poder é encontrada no facto de que o poder do pecado nas nossas vidas foi quebrado. Descobrimos que uma contínua experiência de pecar e confessar, pecar e confessar dos mesmos pecados que assediou todos os dias do passado das nossas vidas, é a prova de que o poder do pecado governa na vida, e que, por conseguinte, nós simplesmente não temos o poder de Deus no seu lugar, e seguramente não temos o evangelho de Jesus Cristo.

Se, enquanto assim privado da salvação, percebemos que não é a experiência do verdadeiro cristão, então, as coisas não são tão graves, mas um grande número de neste estado, pensam que têm salvação. Mas, como vimos, este é um erro fatal, porque é impossível viver sob o poder do pecado se a pessoa está cheia com o evangelho de Jesus Cristo, que é o todo-poderoso poder do Deus Criador para a salvação do pecado.

O poder, que é o evangelho de Jesus Cristo, torna inteiramente possível viver uma vida de vitória sobre todos os pecados conhecidos. Quando esta condição é atingida, será posto um fim ao ciclo de pecar e arrepender, pecar e arrepender dos mesmos pecados dia após dia, e terá sido feito um novo começo na vida. A vitória toma o lugar da derrota, o sucesso o lugar do fracasso, e a alegria o lugar de frustração. As promessas de Deus, não sendo mais a base do cepticismo, tornam-se realidades vivas e de confiança.

Central à certeza do sucesso infalível da aplicação do evangelho ao problema do pecado está o ministério de Jesus Cristo. Ele tem-Se dedicado juntamente com todos os recursos do céu completamente sob o Seu comando, à mais célere possível extinção da existência do pecado. Não há nada mais certo do que Ele salvará cada alma que vem a Deus, através d'Ele como está escrito:

“Portanto, pode também salvar perfeitamente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles.” ‘Cristo recebido acima, na glória, feito mais sublime do que os céus, santo, inocente, imaculado, vivendo sempre para interceder por nós. Podemos dizer como Jó, ‘Porque eu sei que o meu Redentor vive.’ Cristo identifica os seus interesses com os da humanidade sofredora. Muitos que afirmam ser cristãos têm avançado a ideia de que o Senhor através de Cristo nos redimiu, e que tendo dado a Sua vida por nós, deixou-nos então, fazer o nosso caminho o melhor que podemos, para lutar em meio a tentações e perigos, e para enfrentar sozinhos os ataques de um inimigo cruel e implacável. Ainda assim devemos vencer e aperfeiçoar o carácter cristão.

“O Senhor que fez o mundo não o deixou entregue a si mesmo; Ele administra os seus assuntos pelo Seu altíssimo poder. O mesmo Deus que amou o mundo de tal maneira que deu Seu Filho unigénito, para que todo aquele que n'Ele crê não pereça, mas tenha a vida eterna, não deixou a aquisição do sangue de Cristo à mercê do adversário de Deus e do homem. Tendo dado ao mundo a melhor dádiva do céu, deu o próprio Céu. O amor e a benevolência de Deus não cessaram; a Sua misericórdia ainda está dirigida para os filhos caídos de Adão. Em todas as épocas, a toda hora, o amor de Deus tem sido exercido para com o mundo, apesar da perversidade dos homens; e quando chegou a plenitude do tempo, a Divindade foi glorificada, derramando sobre o mundo uma torrente de graça curadora que nunca deveria ser obstruída ou detida até que o plano de salvação estivesse

cumprido. O Senhor colocou diante do mundo uma porta aberta, e nenhum homem a pode fechar. Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho que era igual a Si não poderia reter o próprio Céu. Tendo dado a maior dádiva, não podia reter o que restava. ‘Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?’ ‘Mas Deus prova o seu amor para conosco em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores. Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira. Porque, se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida.’” *The Youth's Instructor*, 13 de Dezembro de 1894.

Assim, o Senhor da glória, o Salvador do mundo, derramou a salvação sem restrição sobre um mundo a perecer. Tão abundante é o derramamento da graça divina, que não há desculpa para alguém ser um escravo do pecado, pois o poder onnipotente do Deus vivo é mais do que suficiente para lidar com o poder do pecado.

Então, tendo em vista a adequação das provisões divinas para lidar com o problema do pecado, devemos obter uma experiência muito diferente e totalmente vitoriosa daquela que a maioria de nós tem conhecido, ou nunca encontraremos um lugar no reino dos céus. É esta pergunta — tenho eu o domínio sobre o pecado, ou pecado tem ele o domínio sobre mim? — que irá determinar a nossa permanência eterna com o Senhor, e não a questão da nossa fidelidade à igreja, ou a um credo, ou coisa semelhante.

Quando se trata de viver em rectidão, há apenas dois senhores e não há homem, nem anjo, que possa servir a ambos ao mesmo tempo como o próprio Jesus disse:

“Ninguém pode servir a dois senhores, porque ou há de odiar um e amar o outro ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom.” *Mateus 6:24*.

Muitos estão satisfeitos com evidências que não são provas fiáveis de que têm a aceitação do Céu. Por exemplo, um homem pode, numa reunião de reavivamento, ou num estudo bíblico, ficar convencido da teoria da verdade, sem ganhar a vitória pessoal sobre o senhor do pecado. Esta aceitação das verdades produzirão consideráveis mudanças comportamentais exteriores para melhor, mas tudo isso pode acontecer sem o estabelecimento da vitória sobre o senhor do pecado ser adquirido. No entanto, pessoas dependerão dessas evidências para se assegurarem de que têm ao seu dispor a melhor experiência possível, apesar das advertências bíblicas de que podem estar tragicamente enganadas neste campo.

Não há segurança numa visão superficial do assunto. Em vez disso, devemos aceitar o facto solene do caso. Estejamos preparados para aplicar o teste examinador:

“Porque de quem alguém é vencido, do tal faz-se também servo.” *2 Pedro 2:19*.

Por outras palavras, se vós, como um cristão professo, estais habitualmente a cometer pecados conhecidos, mesmo que o façais involuntariamente, então sois servos desse poder que vos tem vencido. Isto é verdade porque estais sendo vencidos pelo poder do pecado.

Portanto, estais a servir a esse poder e não a Deus. Podeis pensar que estais a servir a Deus, mas a Palavra de Deus torna claro que, se estais a servir a um outro senhor, então não pode estar a servir a Deus. Não podeis servir a dois senhores, apenas um. Ou pertenceis a Deus ou ao diabo.

“Todo aquele que comete pecado”, disse Jesus, “é servo do pecado.”

O próprio facto de que sois incapazes de deixar de pecar é a prova simples de quem é o senhor na vossa vida, e como a quem estais a servir. Quantos virão ao grande dia do juízo tranquilos na certeza de que são filhos de Deus por causa da atitude mental de aceitação formal e ensino da verdade, mas sem uma experiência viva do poder salvador de Deus para os livrar do pecado. Eles serão um povo que durante toda a sua professa vida cristã estarão a pecar e confessar, pecar e confessar, os mesmos pecados ano após ano. Escravos do poder do pecado, eles servem um outro senhor e não Cristo, mas quando vierem ao julgamento, dirão:

“‘Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? E, em teu nome, não expulsamos demônios? E, em teu nome, não fizemos muitas maravilhas?’”

Mas qual será a resposta de Jesus para eles?

“E, então, lhes direi abertamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade.” *Mateus 7:22, 23*.

Essa revelação virá a esses quando for para sempre demasiado tarde para garantirem o seu chamamento e eleição. Quanto melhor teria sido para eles terem permitido o Senhor Jesus, pelo Seu Espírito, trazer-lhes a revelação quando alguma coisa poderia ter sido feito para os salvar. Não haverá desculpas naquele dia por não terem entendido essa verdade essencial, pois há evidências abundantes na Palavra de Deus para alertar a todos quanto à sua grande necessidade.

Mas aqui está um problema.

A natureza humana é muito relutante em aceitar tal revelação sobre si mesma. De facto, a natureza humana claramente resiste a qualquer tentativa de estabelecer uma verdade assim. Pode ser que enquanto ledes estas palavras, todo o vosso ser também se levante contra tal pensamento. Se não, então não vos surpreendais, mas reconhecei esta resposta como um aviso de que nem tudo está bem dentro de vós. Sede muito cuidadosos para não permitir que a vossa natureza humana leve a melhor e sobre as evidências das Escrituras. Tal revelação é essencial para a salvação da sua alma e não importa o quanto possais querer e desejar outra maneira de escapar, não há alternativa. O eu tem de morrer antes da vitória ser garantida.

Se chegámos ao lugar onde reconhecemos que estamos perdidos e arruinados, então essa é a melhor coisa que jamais nos poderia acontecer nesta fase, porque enquanto não percebemos que estamos desamparados, e com nada para nos recomendar a Deus, pode Ele salvar-nos.

Agora que entendemos que só os que têm verdadeiramente uma experiência viva da vitória sobre o pecado é um crente em Jesus, vejamos os passos práticos pelos quais aprendemos como entrar nessa experiência. A primeira dessas etapas como descrito acima é adquirir o conhecimento de que nós não temos a justiça de Cristo, o nosso Salvador, e que, portanto, estamos numa condição de perdidos e destituídos. O próximo passo, então, é compreender a natureza do problema que enfrentamos.

Neste ponto temos de perguntar e responder à pergunta:

“O que é o pecado?”

Por favor, notai que a questão não é:

“O que são pecados?” mas:

“O que é o pecado?”

A resposta à pergunta, “O que são pecados?” é simplesmente dada como segue, — transgressão do sábado, idolatria, tomar o nome de Deus em vão, mentira, roubo, homicídio, cobiça, e assim por diante! A resposta para a outra pergunta, “o que é o pecado?” não é assim tão fácil.

Alguns podem perguntar qual é a diferença? E pode ser sentido que a distinção é pequena demais para ser significativa, mas está longe disso. Esta é a pergunta que todos os que querem encontrar a libertação do seu poder devem responder — o que é o pecado?

Sempre que esta questão é colocada a uma audiência, quase invariavelmente, a resposta dada é, “o pecado é a transgressão da lei.” *1 João 3:4*.

Essa resposta está totalmente certa, mas apenas se entendida em toda a sua amplitude. Dizemos isto porque, ao citar o versículo as pessoas em geral apenas pensam no pecado como sendo as acções erradas cometidas, ou o que se omite fazer indevidamente. Pecados *omitidos* podem ser tão graves como pecados cometidos como confirma o testemunho seguinte:

“Como ilustração da falha de sua parte em vir em socorro da causa de Deus, como era seu privilégio, foram-me lembradas as palavras: ‘Amaldiçoai a Meroz, diz o anjo do Senhor, duramente amaldiçoai aos seus moradores; porquanto não vieram em socorro do Senhor, em socorro do Senhor com os valorosos.’ Juízes 5:23. Que fez Meroz? Nada. E este foi seu pecado. Eles não foram ‘em socorro do Senhor com os valorosos.’” *Testemunhos para a Igreja 2:247*.

Por agora, então, vamos tomar o texto como normalmente é entendido, e notai que o pecado, então, é a prática de uma *acção* errada. Sabemos que cada acção errada incorre em culpa, e que só o

perdão de Deus nos pode libertar dela. Portanto, temos diante de nós a simples definição do pecado como sendo uma *acção*, o resultado da qual é uma condição de *culpa*, cujo divino remédio para tal é o *perdão*.

Esta definição é bastante boa, tanto quanto possível, mas não é profunda o suficiente para fornecer a solução para o problema. O que fizemos foi olhar apenas para o *fruto*, pelo que devemos agora identificar a *raiz*. Por isso, procuraremos noutros lugares das Escrituras para encontrar um significado melhorado para *1 João 3:4*, pois há muito mais envolvido neste texto do que a acção física de fazer algo errado ser tudo o que existe para o pecado.

As palavras de Jesus lançam mais luz sobre o problema da identificação do que é o pecado. O Salvador disse:

“Todo aquele que comete pecado é servo do pecado.” *João 8:34*.

Jesus iniciou a Sua declaração referindo-se a uma certa classe de pessoas. Ele descreveu estas como “todo aquele que comete pecado. . .” Por outras palavras, Ele estava simplesmente a dizer, “quem quer que realize as acções do pecado. . .” ou, “aquele que pecar. . .” tendo depois claramente indicado, o tipo de pessoas para quem estava a falar, declarando o que essas pessoas são, tal como se pode identificar um espinheiro pelos espinhos que produz. Ele disse que elas são “servos do pecado.” Realmente isso seria mais bem traduzido como, “escravos do pecado”.

Portanto, é a verdade quando se diz que qualquer que cometa pecado como um padrão regular ao longo de cada dia, fá-lo porque é servo ou escravo do pecado. Esta escravidão é tal que o pecador é incapaz de deixar de transgredir, pois é forçado a cometer pecado.

A partir destes factos, devemos tirar certas conclusões válidas. Se o pecador é escravo do pecado, então o que deve ser o pecado para o pecador?

A resposta é óbvia.

O pecado deve ser o senhor, o senhor do pecado.

Que esta definição e aspecto do pecado precisa ser estudada com cuidado até serem completamente entendidos é evidente por causa da relação que têm com a acção de pecar. Uma é a causa da outra. Uma é a raiz, que produzirá sempre de acordo com a sua espécie enquanto a sua existência continuar; a outra é o fruto.

Observai novamente as palavras de Jesus. Ele disse: “*Todo aquele. . .*” isso inclui todos de uma determinada classe e, por conseguinte, estabelece um princípio invariável e definitivo de operação do qual não há qualquer excepção. “Todo aquele que comete pecado é servo do pecado.”

Com estas palavras, Jesus claramente mostra, assim, que a prática das acções do pecado é apenas a concretização, ou fruto de uma causa profunda subjacente. Naturalmente, as acções do pecado é o mais facilmente e claramente visto, mas por trás está a verdadeira causa, o senhor do pecado.

Jesus poderia na verdade declarar a mensagem nestes termos:

“Quem é o escravo do pecado comete pecado.”

Pensai então outra vez nesse texto e vejam a importância da sua mensagem. Ela afirma que o problema básico não é *o que fazemos*, mas é *o que nós somos*. Na verdade, “Nenhuma verdade a Bíblia ensina mais claramente do que aquela segundo a qual o que fazemos é o resultado do que somos.” {Ed 146}, *Educação*, 146.

O assunto do presente texto é o homem que, por ser o escravo do senhor do pecado, não pode parar de pecar. Por ser um escravo, fará o que o seu senhor exige que ele faça, ou seja, as acções do pecado. A causa de todas as suas aflições é o que ele é. Mesmo se ele fosse capaz de enterrar todos os pecados do seu passado culpado até ao ponto de estar livre de toda a condenação, imediatamente se encontraria com uma renovada colheita de acumulação de pecados, pela simples razão de que ele ainda não está transformado em si mesmo. Portanto, a sua inalterada vida continua a ser uma fonte de mal.

Esta mesma verdade Jesus declarou noutro lugar, quando disse:

“Porque não há boa árvore que dê mau fruto, nem má árvore que dê bom fruto.

“Porque cada árvore se conhece pelo seu próprio fruto; pois não se colhem figos dos espinheiros, nem se vindimam uvas dos abrolhos.” *Lucas 6:43-44*.

Assim Jesus remete-nos para uma lei da natureza que é fixa e fiel. Na verdade, não há um único exemplo na história do mundo em que esta lei tenha sido quebrada. Mantém-se inviolada e inquebrável. Nunca um espinheiro produziu figos, nem foram produzidas uvas dos abrolhos. O facto é que se desejais ter figos tendes em primeiro lugar que ter uma figueira, e se quereis ter uvas, então primeiramente precisais de uma videira. Uma árvore tem de tornar-se primeiramente uma árvore boa antes de ser capaz de produzir bons frutos.

Ao chamar a nossa atenção para a lei inviolável em que todas as plantas se reproduzem segundo a sua própria espécie, Jesus estabeleceu para nós um argumento que ninguém pode refutar, porque está baseado numa lei com a qual todos estão familiarizados. Até mesmo as crianças sabem que é inútil procurar bons frutos num espinheiro, ao passo que os agricultores de todo o mundo só plantam boa semente a fim de obter boa comida para alimentar as suas famílias. Ninguém semeia boa semente na simples esperança de que *poderia* esperar colher o mesmo tipo de boa comida. Ele não fica ansiosamente à espera de saber que tipo de comida brotará da semente que lançou no solo. Ele sabe que, desde que haja uma colheita apesar das tempestades, seca, ou outros acontecimentos, a sua boa semente com certeza produzirá bons frutos.

Ao dirigir a nossa atenção para essa lei que todos conhecemos, Jesus preparou o caminho para anunciar que esse mesmo princípio que opera no mundo natural também opera no mundo espiritual. Ele declarou na Sua indiscutível autoridade que, assim como só árvores boas podem dar bons frutos, assim apenas os homens bons podem fazer boas obras. Por outras palavras, é o tipo de pessoa que vós sois que determinará o tipo de acções que praticareis. Um homem tem primeiro de ser bom antes de poder fazer o bem. Na medida em que cada um de nós nasceu mau e, como tal, não pode produzir os frutos da justiça então conclui-se que os homens devem, antes de tudo, ser *feito justos* antes de poderem fazer as obras da justiça.

Olhai e vede como isto é claramente expresso nas palavras de Jesus:

“O homem bom, do bom tesouro do seu coração, tira o bem, e o homem mau, do mau tesouro do seu coração, tira o mal, porque da abundância do seu coração fala a boca.” *Lucas 6:45*.

Então aqui está uma definição de pecado mais alargada. Agora vemos que não é apenas uma acção errada, mas é um dominador, um poder escravizador. De maneira que agora temos uma definição de pecado como sendo um senhor, que produz a condição resultante do nosso cativo, a solução divina para o qual é a libertação.

Mas porque insistimos nós nesta pergunta, “o que é o pecado,” tão fervorosamente e perseverantemente? Por que é tão importante que encontremos a resposta para essa pergunta?

Aqui está o motivo. Sabemos que é uma lei da graça recebermos apenas aquilo que pedimos pela fé. Assim, somente aqueles que pedem perdão receberão, desde que o façam de harmonia com as condições estabelecidas na Palavra. Mas os que pedirem o perdão fá-lo-ão alguma vez se não sentirem o sentimento de culpa?

Ninguém, claro!

E quem poderia ter um sentimento de culpa se não compreender que acções são pecaminosas?

Novamente a resposta é que ninguém o faria! Portanto, o entendimento do que é o pecado é essencial para nos levar a dar os passos que nos trarão aquela bênção da salvação do pecado e das suas consequências. Aquilo que é verdade no pedido e recebimento do perdão é igualmente verdadeiro quanto ao pedir e receber o livramento! Na verdade, ninguém pode receber o perdão sem ser libertado ao mesmo tempo. São dados os dois ao mesmo tempo em conjunto ou nenhum deles como *1 João 1:9* tão claramente se ensina. Ver *Confissão Aceitável*, por F.T. Wright.

Os dons do Céu nunca são dados sem o nosso conhecimento e consentimento. A salvação não é concedida automaticamente mesmo que estejamos arrependidos. Portanto, somente aqueles que pedem a libertação com verdadeira contrição e fé viva a receberão.

Mas quem vai pedir a libertação se não entender que, por causa de estar em cativeiro precisa de ser libertado?

Ninguém o fará!

E quem vai entender que é escravo do pecado se não entende a natureza, o poder, e o papel do senhor do pecado?

Novamente a resposta é que ninguém!

Portanto, a compreensão da questão que se nos coloca é extremamente importante, e isto é duplamente assim quando se compreende que não foi geralmente entendido que o verdadeiro problema que temos pela frente não são as *acções* do pecado, mas a *raiz* do pecado. Esta ignorância tem limitado as nossas orações de petição ao trono da graça pelo perdão para o que temos feito indevidamente. Nenhuma atenção tem sido dada à necessidade premente da libertação da *escravidão* do pecado.

Assim, a raiz tem permanecido. O machado não foi colocado à raiz da árvore do mal, que tem continuado a dar frutos maus. O senhor do escravo está vivo no controlo da vida. O problema do pecado foi resolvido não importa quão sincero o penitente possa ter sido.

O único resultado possível para tal situação é uma experiência de pecar e depois confessar. Mas porque o senhor do escravo continua vivo, e a única consequência possível é que pecamos novamente, por isso temos de confessar outra vez. E assim deve continuar até a miserável raiz do problema ser finalmente tratada ou, se nunca for tratada, morreremos nos nossos pecados e estaremos perdidos.

Assim, a importância de compreender a verdadeira natureza do nosso problema não pode ser subestimada. Uma e outra vez na Palavra de Deus, através do ensino e da ilustração, é esta lição ensinada. Ela encontra-se na experiência dos filhos de Israel, quando eram escravos na terra do Egipto. A sua escravidão física era um tipo ou ilustração de todos os professos filhos de Deus que vivem na escravidão do pecado. A validade do uso deste acontecimento histórico para ilustrar o cativeiro espiritual de milhões de pessoas, é confirmada na seguinte declaração:

“A páscoa devia ser tanto comemorativa como típica, apontando não somente para o livramento do Egito, mas, no futuro, para o maior livramento que Cristo cumpriria libertando Seu povo do cativeiro do pecado. O cordeiro sacrificial representa o ‘Cordeiro de Deus’, em quem se acha nossa única esperança de salvação. Diz o apóstolo: ‘Cristo, nossa páscoa, foi sacrificado por nós’. 1 Coríntios 5:7.” {PP 192}, *Patriarcas e Profetas*, 277.

Há uma declaração ainda mais específica classificando a libertação do Egito como uma “lição” da redenção.

“A Páscoa era seguida pela festa dos sete dias de pães asmos. No segundo dia da festa, os primeiros frutos da colheita anual, um molho de cevada, eram apresentados ao Senhor. Todas as cerimônias da festa eram símbolos da obra de Cristo. A libertação de Israel do Egito era uma lição objectiva da redenção, que a Páscoa se destinava a conservar na memória. O cordeiro imolado, o pão asmo, o molho dos primeiros frutos, representavam o Salvador.” {DTN 46}, *O Desejado de Todas as Nações*, 77.

Uma lição objectiva é uma lição em que certos objectos são usados para ensinar a verdade viva. Assim, a imolação do cordeiro, o trigo e o joio, a chuva temporã e a chuva serôdia, o escravo e o senhor do escravo, e assim por diante, são tudo lições objectivas pelas quais diferentes aspectos do plano da salvação são ensinados. Estamos em vias de utilizar a escravidão de Israel no Egito como uma lição da situação do homem que vive na escravidão do pecado. A plena autoridade para isso é fornecida nas declarações acima citadas.

Deixemos que a nossa imaginação capte cada detalhe da cena! Há o trabalho cotidiano do escravo na tarefa de construir as cidades do Egito.

Mas, quem eram essas pessoas?

Elas não eram escravos comuns!

Eram filhos de Abraão, o professo povo de Deus, e eram as últimas pessoas na Terra que deveriam participar na construção das cidades do Egípcio. Pensai quão difícil era a sua situação. Eles conheciam a palavra de Deus como ensinada pelos seus anciãos que naquele tempo, o sistema de adoração egípcio era o reino de Satanás na Terra, e eram naturalmente os inimigos de Deus e do Seu povo. E em oposição directa aos fins dos egípcios, os israelitas haviam sido chamados para construir o reino de Deus e só de Deus. Eles sabiam para o que tinham sido chamados, e eram as únicas pessoas vivas na Terra para quem o Senhor poderia olhar como sendo pertença Sua.

Em cada século e geração tem havido esse professo povo de Deus e ele está na Terra hoje. Eles são aqueles que sabem que os cristãos são chamados por Deus para construir e estabelecer o Seu reino, e não devem dedicar o seu tempo, capacidades, energias, e riqueza para edificação do reino de Satanás. Ainda assim, esses professos cristãos que vivem uma vida de escravidão ao poder do senhor do pecado estão a fazer exactamente isso — estão construindo o reino de Satanás. O facto é que o reino do Egípcio não era senão o reino de Satanás, e construir uma era construir o outro. Aqui está na verdade uma situação curiosa — o professo povo de Deus, e na verdade só o professo povo de Deus sobre a Terra naquele tempo, estava completamente ocupado na tarefa de edificar o reino do pior inimigo que o Senhor tinha na época.

Então por que fizeram eles isso?

Foi porque era um trabalho agradável?

Foi porque o salário era bom?

Não por qualquer destes motivos, pois o trabalho era duro, não era remunerado, e era ingrato. Realizado como trabalho duro, implacável e sob o impiedoso calor do sol egípcio, era um jugo desagradável. Não só era um trabalho árduo e desagradável, mas essas pessoas sabiam nos seus corações e mentes que não tinham nada a ver com o tipo de trabalho que estavam a fazer. De todos os povos da Terra este era o último que se esperaria ver nestas condições! Nunca poderia ser alegado que eles fizeram isso de bom grado. O serviço que estavam a fazer era forçado, mas de uma forma altamente rentável para os egípcios e, portanto, para Satanás.

“Os filhos de Israel suspiraram por causa da servidão e clamaram; e o seu clamor subiu a Deus por causa de sua servidão.” *Êxodo 2:23*. (Almeida Revista e Corrigida.)

Como o homem em *Romanos 7:15* podiam dizer; “Porque o que faço, não o aprovo, pois *o que quero*, isso não faço; mas *o que aborreço*, isso faço.” Então porque o faziam eles?

A resposta simples é que faziam *o que faziam* por causa do *que eram*.

Eles eram escravos — escravos dos cruéis exactores que estavam sobre eles todos os dias com terríveis açoites nas mãos. O pobre escravo não ousava desobedecer às ordens dos capatazes. Ele era incapaz de fazer o contrário. O que fazia, sabia ser errado, e as coisas que queria fazer não podia, embora fosse o que mais odiava, era aquilo que tinha de fazer.

Seria impossível dar uma ilustração melhor dos professos filhos de Deus que vivem sob a tirania do senhor do pecado. Aqui toda a situação é retratada com perfeição. Quanto mais se estuda a experiência de Israel durante o período de servidão no Egípcio, melhor se vê o problema do pecador involuntário que conhece a lei e deseja guardá-la, mas ainda está sob o poder do senhor do pecado.

Consideremos, por exemplo, as orações que estes pobres escravos no Egípcio, na ignorância do seu verdadeiro problema, teriam feito e comparemo-las com as orações dirigidas ao Céu por muitos professos filhos de Deus hoje. Em primeiro lugar, centremos a nossa atenção na oração do escravo hebreu.

Quando chegava a hora de ir deitar-se, curvava-se em oração com um dia inteiro passado em serviço dedicado à edificação do reino de Satanás. Desde que ainda estivesse consciente do propósito divino de Deus para Israel e estivesse empenhado numa vida dedicada à construção do reino de Deus, ele sentir-se-ia culpado por ter passado esse dia a construir o reino de Satanás. Isso teria sido verdade mesmo que houvesse algum consolo no pensamento de que o tinha feito apenas porque havia sido forçado.

Por isso, começaria a sua oração com uma franca, honesta, e verdadeiramente sincera confissão de ter passado o dia inteiro a construir o reino do Egipto, que era, na verdade, o reino de Satanás. A isso, ele gostaria de acrescentar a expressão de genuíno arrependimento de coração, que seria algo como isto:

“Amado Senhor, passei o dia inteiro usando os meus conhecimentos, energias e tempo na edificação do reino do Egipto, que não é outro senão o reino de Satanás. Arrependo-me verdadeiramente de ter o feito e muito fervorosamente rogo-Te que me perdoes apesar de saber que amanhã vou ser obrigado a fazê-lo mais uma vez.”

Tal oração está tão longe de resolver o problema real que aquele que a profere não encontrará qualquer alívio da condenação. Pensai cuidadosamente na situação deste homem! Todos os dias ele havia servido a vontade de Satanás através do Egipto por causa de ser o que era — um escravo. Quando fez essa oração, depois da qual se deitou para repousar durante a noite, nada mudou porque continuava a ser um escravo. Ele dormia a noite toda — como escravo, e acordava, na manhã seguinte, — escravo.

Obviamente, nada tendo mudado, ele não tem qualquer escolha senão ir para a construção do reino do inimigo. A sua oração não incluiria um apelo para a remoção do senhor dos escravos, por isso permanecia sem libertação.

Vamos agora fazer uma comparação entre a oração do escravo no Egipto, e as orações de muitos professos filhos de Deus hoje.

Como o escravo no Egipto antigo, o filho de Deus que não tenha experimentado a libertação da escravidão do pecado, chega ao fim do dia, com um registo de acções atrás dele que construíram reino do maligno. Ele não queria que tivesse sido assim, mas, no seu coração, ele sabe que foi dessa maneira apesar de não compreender o princípio de que fazemos *o que fazemos* por causa *daquilo que somos*.

Na sua oração, ele francamente confessa a sua culpa, expressa seu profundo pesar pelo seu procedimento, e declara o seu arrependimento, enquanto promete fazer um grande esforço para obedecer a todos os mandamentos no dia seguinte.

Mas é como um escravo do senhor do pecado que ora, como um escravo, vai para a cama, e como o mesmo escravo se levanta para enfrentar o novo dia. Obviamente, não pode haver mudança no seu *comportamento*, pela simples razão de que a oração feita não o *transformou* de escravo em homem livre. O seu problema não foi resolvido.

A única solução possível para ele era ter o poder do senhor do pecado quebrado pela condenação à morte, e a sua substituição por uma nova vida juntos. Somente quando isso fosse feito poderia ele ser livre para servir o Deus vivo como sabia e devia.

Esse é o ponto essencial a que este capítulo é dedicado a ensinar muito claramente, sendo o ponto que devemos identificar a verdadeira natureza da causa do nosso problema e, em seguida, deixar o Senhor tratar dele. Tão verdadeiramente como a escravidão física dos israelitas terminou com a quebra do poder do Egipto, assim, a escravidão espiritual dos professos filhos de Deus acabará com a quebra do poder do senhor do pecado.

Não havia poder algum desta Terra que os israelitas pudessem procurar a fim de obter a solução para o seu problema. Não havia poder algum em si mesmos para acabar com o poder do Egipto e, em seguida, o incontestado governante de todo o mundo. Eles não podiam encontrar qualquer ajuda nas nações vizinhas como os cananeus, os heteus, os amalequitas. A cultura, a disciplina, a educação e a formação de nada valia. Por outras palavras, não havia nada nem ninguém entre todos os poderes à face da terra que pudesse ao menos esboçar o começo da sua salvação dessa situação. Somente o Deus do Céu tinha poder para livrá-los.

Exactamente da mesma forma não há ajuda para nós excepto pelo poder de Deus directamente. A educação, a cultura, e a disciplina são impotentes para salvar-nos aqui. Não há nada em todo o mundo para o qual possamos olhar em busca da solução dos nossos problemas. A lei que só uma

árvore boa produz bons frutos, e que abrolhos não podem produzir maçãs, peras, uvas, é fixa e imutável. O lobo não pode viver a vida de um cordeiro ou vice-versa.

É muito bom nunca ter havido uma única exceção à lei que cada planta se reproduz segundo a sua própria espécie. Se essa lei fosse anulada, pensai na consternação que reinaria se um agricultor semeasse um campo com semente de trigo, mas nascesse qualquer coisa menos trigo. Em lugar disso, tomates, abóboras, abrolhos, tabaco, entre outras coisas, brotasse dessas sementes. A vida animal e humana, não seria capaz de sobreviver por muito tempo sob essas condições.

Pensai também no horror com que as mães esperavam o nascimento dos seus bebês sem saber o que seria o filho uma vez que a lei já não estava em operação. Poderia ser um animal, um réptil, uma ave, ou até mesmo um ser humano. O que quer que pudesse ser, o mundo muito rapidamente clamaria por um retorno da lei em que a macieira desse maçãs e abrolhos os espinhos. Não há ninguém que gostasse que esta inestimável, totalmente confiável, lei fosse abolida se ponderasse seriamente nas terríveis consequências que inevitavelmente seguiriam um acontecimento como esse.

O pecado é a transgressão da lei e neste texto encontra-se a verdade de que o pecado é mais do que apenas o que vós fazeis, ele é o que vós sois. Quando realmente compreendida, a transgressão da lei é uma maneira de ser. É uma posição, que significa muito mais do que uma acção. A palavra “transgressão” significa dar um passo para além dos limites que foram estabelecidos, neste caso, a justa lei Deus. Somente aqueles em quem os princípios da justiça estão entronizados, e nos quais reside o poder de Deus, estão dentro dos limites estabelecidos pela lei e vida de Deus. Todos os outros já saíram da harmonia, ultrapassaram os limites estabelecidos e, por isso, estão noutro campo.

E estar no outro campo também envolve uma outra forma de estar. Significa que se saiu de uma maneira de viver, nomeadamente da justiça e passou para outra forma de viver, ou seja, para um estado de injustiça.

A realização de uma tal mudança é, então, transgressão. Portanto, o pecado é uma forma de estar, como uma descrição daquilo que sois, de facto, a transgressão da lei.

De volta no Egipto, o senhor do escravo era facilmente visto, e o seu papel claramente reconhecido e compreendido, mas o senhor do pecado espiritual não é tão facilmente percebido. Ele está escondido na carne onde reside e a sua presença é difícil de detectar. Para superar esta dificuldade, na *Bíblia* o senhor do pecado, é descrito de várias maneiras, de modo a melhor nos revelar o carácter deste poder e, assim, permitir-nos-á compreender melhor como ele funciona e como está a ser tratado.

Em *Ezequiel 36:26*, ele é descrito como “o coração de pedra;” em *Romanos 6:6* é “o corpo do pecado.”

Em *Romanos 7:1-5*, é revelado como sendo o fruto do casamento com o velho homem, o diabo.

E em *Romanos 8:7*, é a “inclinação da carne.”

Na Bíblia, a doença, principalmente a paralisia e a lepra, são utilizados para ilustrar a natureza deste poder no homem.

Por todos estes nomes e ilustrações somos alertados para a verdadeira causa da nossa dificuldade. Seja qual for o nome pelo qual é chamado, ele está a falar do poder maligno interior no indivíduo que responde tão facilmente e rapidamente ao apelo do diabo. É uma inimidade viva contra a lei de Deus à qual nunca se submeterá, pela simples razão de que, pela sua própria natureza, nunca pode ser.

Este é o verdadeiro pecado.

As acções do pecado são apenas o fruto ou a realização do propósito deste problema básico. Elas são o fruto. Aqui está a raiz. Conclui-se então que a solução para o problema não reside na tentativa de tornar as acções do pecado justas, mas corrigir a causa das acções. Chegou para nós o tempo de deixar de concentrar a nossa atenção nas acções do pecado evidente e facilmente vistas como são, e fazer da pecaminosidade em si a causa das nossas preocupações e da nossa confissão. Deixemos que as acções do pecado sejam para nós uma indicação do tipo de pessoa que somos no interior.

Assim como os espinhos no espinheiro nos indicam o tipo de árvore que ele é, e que é do tipo que apenas merece a destruição, por isso, deixai que as acções do pecado, revelem o que somos e nos

mostrem aquilo que em nós só merece a destruição. Depois devemos continuar o caminho da aprendizagem no qual podemos ir ao Senhor e permitir-Lhe lidar com esta coisa tão conclusivamente que o problema será totalmente solucionado.

Antes, no entanto, voltemos à forma de como isso pode ser alcançado, precisamos de estudar um pouco mais o problema no sétimo capítulo de *Romanos*, porque em lado algum é o problema do homem sob a escravidão do pecado mais claramente tratado do que neste capítulo.

Capítulo 9

O Homem de Romanos Sete

Como prometido nas palavras finais do capítulo anterior deste livro, voltamos a nossa atenção para *Romanos 7* a fim de continuar o estudo da questão, “o que é o pecado?” porque em nenhum outro lado é o problema de um homem na servidão do pecado mais claramente tratado do que em *Romanos sete*.

Duas vezes neste capítulo digno de nota, Paulo descreve e debate o problema em primeiro lugar, usando a ilustração da mulher e dois maridos e, em seguida, de um escravo nas garras do pecado. Para este capítulo do nosso estudo, daremos consideração à segunda parte de *Romanos sete* começando no versículo 9.

Neste versículo, Paulo descreve a sua experiência no tempo em que não estava consciente dos profundos requisitos espirituais da lei sobre a sua vida. Ele diz:

“E eu, nalgum tempo, vivia sem lei.” Ou seja, ele vivia a sua vida sem referência aos mandamentos de Deus e, como tal, era um inconsciente pecador voluntário. A obediência à santa lei de Deus nunca foi uma consideração para ele. A cada semana, por exemplo, ele fazia o seu próprio trabalho no santo dia de sábado sem saber que era um transgressor do sábado.

São aqui apresentadas duas classes de pessoas e, no entanto, elas podem ser classificadas juntamente como duas partes de um todo. Em primeiro lugar ela inclui todos aqueles no mundo que nunca foram confrontados face a face com a mensagem da justiça e viveram as suas vidas totalmente sem ela, e, em segundo lugar, inclui aqueles que nas igrejas conhecem a lei apenas como um documento legal. Os mais zelosos destes esforçam-se continuamente para produzir uma obediência perfeita à lei, e são bem-sucedidos em chegar a uma conformidade exterior com os seus requisitos. Estes consideram com orgulho e sentem-se seguros de que por isso serão aceites por Deus, mas não é assim. Essa “justiça” é a sua própria justiça, e, longe de ser a veste branca da pura e perfeita justiça de Cristo, elas são os vestidos sujos.

A verdade é que é possível uma pessoa estar familiarizada com cada letra da lei, amá-la, e obedecer exteriormente aos mais exigentes requisitos de observância, sem conhecer nada da lei de Deus. O testemunho de Paulo acerca de si mesmo prova isto. Ao descrever-se a si próprio durante o período em que viveu sem a lei, Paulo disse:

“. . . Conforme a mais severa seita da nossa religião, vivi fariseu.” *Atos 26:5*.

Novamente, em *Filipenses 3:6*, lembra que: “segundo o zelo, perseguidor da igreja; segundo a justiça que há na lei, irrepreensível.”

Numa posição como essa, ele estava bem familiarizado com todos os estatutos, leis, preceitos e mandamentos, como revelados no Antigo Testamento. Havia grandes porções das Escrituras que ele tinha memorizado. Ele era um observador cuidadoso do sábado da lei, e um intensamente zeloso trabalhador para a igreja. A sua vida era preenchida com a mais movimentada actividade religiosa. Aqueles que o observassem partilhariam com ele a convicção de que se alguém era um filho de Deus, então ele o era com certeza; se alguém estava guardando a lei; ele era um deles.

Mas quando os seus olhos espirituais se abriram e ele viu a lei de Deus na sua profundidade e beleza espiritual, então olhou para trás para esse tempo e declarou que estava tão longe de entender

aquilo que a lei realmente é, que vivia completamente sem ela. Para alguns, isto pode ser difícil de compreender. Para a mente legalista que vê apenas a rígida letra da lei, e passou a sua vida a submeter todas as energias para observar cada pormenor dessa lei de modo irrepreensível, é impossível compreendê-la.

Como poderia alguém tão bem versado em cada pormenor da lei dizer que não tinha a lei de todo? Foi porque a lei em si mesma é um grande reflexo do maravilhoso amor e carácter de Deus e, como tal, só pode ser vista e compreendida pela mente iluminada pelo Espírito Santo. O legalista conhece a lei como sendo apenas um código limitado, restritivo, que seguido rouba ao devoto com a sua severidade a alegria da salvação. Mas, juntamente com o Apóstolo Paulo, o homem espiritualmente convertido vê algo mais elevado e maior, um maravilhoso princípio que liberta a alma do cativo e lhe dá a gloriosa liberdade dos filhos de Deus.

Por isso Paulo, quando os seus olhos se abriram, olhou para trás para aquele período da sua vida e declarou que tinha vivido sem lei.

Foi na verdade uma tomada de consciência que dá que pensar e assustador, achar que aquilo que ele pensava ser a verdade ou a guarda da lei ou a justiça pela fé, estava tão completamente sem a lei, como se nunca tivesse ouvido falar dela.

E a cada leitor destas palavras, esta verdade deve chegar como uma causa para a mais lúcida e séria reflexão sobre o seu estado e situação espiritual para que não sejamos como Paulo antes de ter encontrado a forma de ser liberto do pecado para a justiça. Nós também podemos orgulhar-nos por ter a justiça de Cristo, e ser zelosos trabalhadores na causa do Mestre, no entanto, estar de facto tão longe da justiça que é pela fé que estamos como se nunca tivéssemos conhecido a lei. Nunca tendo conhecido algo melhor, nós estamos a viver como pecadores voluntários. Reflecti sobre a mensagem de advertência aos laodicenses que pensam que e são ricos e de nada terem falta, e não sabem que são miseráveis, e pobres, e cegos, e nus, e pensai seriamente sobre o perigo de se terem desastrosamente enganado a si mesmos.

O Senhor mantém uma vigilância sobre cada alma fiel, e em todas e por todas Ele operará a Sua obra divina da graça se Lhe derem a oportunidade. A Sua primeira obra será levar-nos a uma convicção da nossa verdadeira condição, e para isso a lei deve ser-nos revelada na sua beleza e poder espiritual. Essa é a cura para a complacência e auto-satisfação espiritual. Assim, Paulo diz-nos:

“Eu vivia sem a lei, mas quando veio o mandamento, reviveu o pecado, e eu morri”.

É verdade que as coisas espirituais se discernem espiritualmente e que o homem natural não recebe as coisas do Espírito de Deus, mas o Senhor é capaz de trazer o suficiente da iluminação do Espírito à alma para Lhe permitir ver algo da verdadeira natureza e força da lei. Se o coração natural se recusa a receber esta revelação de convencimento, então não há nada mais que o Senhor possa fazer por essa alma, mas se é recebida, então, a mente é aberta para receber a revelação da verdade espiritual.

Isto é o colírio oferecido aos laodicenses para que eles possam ver o verdadeiro estado e natureza do seu estado perdido. É o dom de Deus através do ministério do Espírito, que é tão necessário; pois, sem ele, ninguém jamais poderia ser levado ao ponto onde estaria preparado para seguir para a salvação.

“É possível que nos tenhamos lisonjeado, como o fez Nicodemos, com a idéia de que nossa vida tem sido justa, nosso carácter moral reto, julgando não termos necessidade de humilhar perante Deus o coração, como um pecador vulgar. Mas quando a luz de Cristo nos ilumina a alma, vemos quão impuros somos; discernimos o egoísmo dos nossos motivos, nossa inimizade contra Deus, que têm maculado todos os atos de nossa vida. Reconhecemos então que nossa própria justiça é na verdade como trapos imundos, e unicamente o sangue de Cristo nos pode lavar da mancha do pecado e renovar-nos o coração à Sua semelhança.

“Um raio da glória divina, um vislumbre da pureza de Cristo que nos penetre na alma, tornará dolorosamente visível toda mancha do pecado, pondo a descoberto a deformidade e defeitos do carácter humano. Torna patentes os desejos profanos, a infidelidade do coração, a impureza dos

lábios. Os atos de deslealdade do pecador, invalidando a lei de Deus, expõem-se-lhe à vista e seu espírito se abate e aflige sob a influência perscrutadora do Espírito de Deus. Aborrece-se a si mesmo ao contemplar o puro, imaculado carácter de Cristo.” *Caminho a Cristo*, 28, 29.

Assim são dados o primeiro dos nossos passos para Cristo. O primeiro passo é o conhecimento da lei de Deus, não como um mero documento legal, mas como um poder de convencimento. Paulo tinha obtido esse conhecimento como é evidente por aquilo que ele diz:

“Assim, a lei é santa; e o mandamento, santo, justo e bom. . . Porque bem sabemos que a lei é espiritual.” *Versículos 12 e 14*.

Paulo já não testifica de que está sem a lei, porque a sua ignorância do verdadeiro carácter da lei de Deus foi trocada pela consciência de que a lei é agora uma força viva na sua experiência. Caso contrário, ele não poderia ter dado testemunho de si mesmo como faz agora. Esse conhecimento trará sempre à alma profunda e significativa convicção quando o pecador necessitado se vê a si próprio como é, e tal convicção, se não resistida, levará ao arrependimento genuíno. “O arrependimento compreende tristeza pelo pecado e afastamento do mesmo.” *Caminho a Cristo*, 23.

Aqui devemos distinguir entre o falso arrependimento de Esaú, Balaão, Acã e Judas, e o verdadeiro arrependimento. Todos estes homens odiavam, não o pecado em si, mas as suas consequências, e se entristeciam somente quando começavam a colher o resultado do seu mau caminho. O verdadeiro arrependimento significa que odiamos o pecado em si, porque é pecado, exactamente como nós odiamos a sujidade porque é sujidade.

A confirmação de que Paulo chegou ao verdadeiro arrependimento é evidente na própria confissão. Ele disse:

“O que aborreço (fazer), isso faço.”

Não há dúvida de que aqui existe um verdadeiro ódio pelo pecado e com ele um esforço muito claro para se afastar dele também. O facto de ele não ter aprendido a verdadeira e bem-sucedida forma de se afastar do pecado, não altera a verdade de que ele estava a afastar-se com todas as forças da sua vontade ao seu alcance. Na verdade, tão grande era o seu esforço e determinação, que isso era tudo para ele.

“Eu sou carnal”, exclamou ele, “vendido sob o pecado. Porque o que faço, não o aprovo, pois o que quero (fazer), isso não faço; mas o que aborreço (fazer), isso faço. E, se faço o que não quero, consinto com a lei, que é boa. De maneira que, agora, já não sou eu que faço isto, mas o pecado que habita em mim. Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum; e, com efeito, o querer está em mim, mas não consigo realizar o bem.” *Versículos 14-18*.

No momento em que Paulo podia testemunhar como fez nestes versículos, ele tinha dado uma série de passos definidos em direcção a Cristo. Estes na sua ordem, foram: Conhecimento, convicção, arrependimento, confissão, e uma óbvia decisão de ser um cristão dedicado, mas deve ser entendido, que, embora estes sejam passos decisivos para Cristo, ainda não são passos com Cristo. Ao mesmo tempo, não se pode dizer que, uma pessoa ao começar a caminhar com Cristo, estes passos sejam deixados para trás, porque isso estaria muito longe da verdade. O que acontece realmente é que cada uma dessas etapas continua a ser passos em direcção a um nível cada vez mais elevado, e, ao mesmo tempo, tornam-se passos com Cristo.

Vamos resumir brevemente cada uma dessas progressões como elas se relacionam com a nossa vinda a Cristo.

O conhecimento de Deus é o primeiro passo rumo ao nosso Salvador. À medida que as janelas da alma se abrem em direcção ao Céu como resultado do ministério do Espírito Santo, e a divina luz começa a iluminar a mente e o coração da pessoa, a beleza e o poder da verdade de Deus começa a despontar sobre ele, e, por contraste, vê-se como um pecador culpado.

Esta é a convicção da imaculada perfeição da justiça de Cristo, e da sua própria pecaminosidade pessoal, e da necessidade de um Salvador.

Quando Paulo chegou a esta fase da sua aproximação a Cristo, podia testificar da perfeição e do poder da lei, com estas palavras:

“Assim, a lei é santa; e o mandamento, santo, justo e bom.” *Romanos 7:12*.

Então, ele contrasta a natureza espiritual da verdadeira lei de Deus por um lado, com a sua injustiça do outro neste testemunho. Disse ele:

“Porque bem sabemos que a lei é espiritual; mas eu sou carnal, vendido sob o pecado.” *Romanos 7:14*.

Esta confissão da santidade da lei de Deus é a expressão do seu arrependimento para com Deus. Arrependimento, como já foi dito, é odiar o pecado e afastar-se dele, como Paulo se descreve a si próprio pelo que fazia nesta fase da sua experiência em desenvolvimento. Estão aqui as palavras com que ele identifica os dois elementos que compõem o arrependimento, ou seja, ódio ao pecado e afastamento dele.

“Porque nem mesmo compreendo o meu próprio modo de agir, pois não faço o que prefiro, e sim o que detesto.” *Romanos 7:15*. (Almeida Revista Atualizada 1993.)

Pode argumentar-se que ele não está realmente afastar-se do pecado, mas apenas a tentar. Portanto, poderia ser alegado que este não é o genuíno arrependimento mesmo apesar de odiar o que está fazendo. É verdade que ele não está a conseguir a *vitória* no afastamento do pecado, mas está a fazer o esforço. Ele está a afastar-se do pecado que agora tanto odeia o melhor que sabe como fazê-lo. Por conseguinte, nesta fase, é classificado como arrependido, e, como tal, é um passo para mais perto de Cristo, embora ainda não ande com Ele.

Este arrependimento sem o seu bem-sucedido afastamento do pecado deve ser seguido sem demora pelo arrependimento que inclui o *bem-sucedido* afastamento do pecado em verdadeira santificação. Se não for assim, o valor e o efeito será perdido, e a pessoa também.

É muito importante neste momento, que uma decisão definitiva seja tomada que, como Jacó, não a deixemos partir antes de ter obtido a bênção do livramento da escravidão do pecado. Descobriremos que isso pode envolver uma luta terrível antes de alguns verem que são capazes de agarrar a bênção prometida pela fé. Quando por fim o rompimento for feito há a necessidade de uma profunda e duradoura consagração de tudo o que temos e somos ao serviço eterno do Mestre. Com isso vem o início da caminhada com Cristo.

É importante que compreendamos que o homem retratado em *Romanos* sete obteve um grande avanço relativamente ao que é possuído pelo homem do mundo que vive sem lei. Ele tem um conhecimento da lei de Deus e algo da sua justiça vindica sobre ele, embora com tristeza de coração, verifique que é incapaz de o fazer.

Ele renuncia a muito que é aceitável para o mundo. Ele não encontra prazer nos pecados que se cometem ao seu redor. Ele está desinteressado dos entretenimentos oferecidos pelo mundo. Ele come, veste, e anda entre diferentes pessoas. Ele acalenta a esperança de vida eterna num mundo diferente deste. O homem de *Romanos* sete está a lutar por justiça, mas os seus esforços são todos inválidos, mesmo assim a aparência exterior pode parecer tão promissora.

Então, qual é o problema?

Porque é que ele não tem sucesso?

É porque está em estado de activa rebelião contra Deus?

Não! O homem de *Romanos* sete não é um rebelde contra a santa lei de Deus, que descreve como sendo “santa; e o mandamento, santo, justo e bom.” *Romanos 7:12*.

É porque, apesar de saber claramente o que deseja ser, não aprendeu como conseguir isso, como ele diz:

“Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum; e, com efeito, o querer está em mim, mas não consigo realizar o bem.” *Versículo 18*.

Então ali estava o seu problema. Ele não entendia como prestar a obediência a Deus. Ele precisava de uma solução prática eficaz dos procedimentos que, correctamente aplicados o resgatariam da sua difícil situação.

Felizmente para ele, o tempo veio em que ele compreendeu o caminho de Deus para a salvação. Quando depois de descobrir a solução divina para esse problema, passou a ser capaz de discernir que

os membros do povo judeu estavam na mesma situação difícil de presos na escravidão do pecado sem saber como escapar. Isso eles não podiam aprender a fazer sem a compreensão que só o Espírito Santo poderia fornecer. Consequentemente, como os laodicenses, eles pensavam que eram um povo santo, quando era completamente o oposto. Quando ele veio a perceber tudo isso, um grande fardo foi colocado sobre Paulo para esclarecer os seus irmãos que ainda continuavam na antiga organização, da futilidade de tentar alcançar justiça usando os métodos errados. Disse ele do seu povo que ainda estava na antiga igreja judaica:

“Irmãos, o bom desejo do meu coração e a oração a Deus por Israel é para sua salvação.

“Porque lhes dou testemunho de que têm zelo de Deus, mas não com entendimento.

“Porquanto, não conhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria justiça, não se sujeitaram à justiça de Deus.” *Romanos 10:1-3*.

Há muitas maneiras erradas pelas quais os homens tentam encontrar a salvação, mas há apenas um procedimento que trará sucesso. Esse deve ser encontrado e seguido ou o escravo do pecado permanecerá em cativeiro para sempre. Não importa quanto tempo leva, ou quão desesperada seja a necessidade, nenhuma alternativa será fornecida, porque não há outro por onde escolher.

Paulo descrevendo a sua viagem através da experiência de *Romanos sete*, sempre se agarrou à convicção de que havia uma maneira esperando a sua descoberta, embora fosse obrigado a confessar que na passagem por *Romanos sete*, não o tinha encontrado. Ele disse:

“Porque, mesmo tendo dentro de mim a vontade de fazer o bem, eu não consigo fazê-lo.” Versículo 18, *Nova Tradução na Linguagem de Hoje 2000* (NTLH).

Deixai que seja lembrado que, nesta fase, Paulo tinha conseguido muito na sua busca de libertação — o conhecimento de que a lei era santa, justa e boa; um profundo ódio pelo pecado; o reconhecimento da sua própria condição desesperada de pecado; uma firme decisão de servir o Senhor; e fazia o maior esforço para fazer isso; todavia, faltando-lhe o conhecimento do caminho da justiça de Deus, ele só poderia confessar-se a si mesmo como sendo “carnal, vendido sob o pecado!”

É evidente então que, apesar de Paulo ter recebido tanto, ele ainda tinha mais um passo para dar antes de poder encontrar a paz e o repouso de Deus. Ele havia dado alguns passos essenciais para Cristo, mas ainda não tinha dado nenhum com Ele, e a forma de dar esse próximo passo era a grande perplexidade da sua vida.

Como já mencionado neste capítulo, o que foram passos para Cristo durante a caminhada até à conversão total, tornam-se passos com Ele uma vez adquirida a libertação do cativeiro. Um momento de reflexão mostrará que isto é verdadeiro. Todos reconhecerão que nós não podemos receber todo o conhecimento da justiça de Cristo, porque na verdade, não nos é possível recebê-la no início da nossa experiência cristã. A *Bíblia* declara claramente que:

“A vereda dos justos é como a luz da aurora, que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito.” *Provérbios 4:18*.

O conhecimento que recebemos no início será depois seguido por mais profundas e progressivas iluminações da verdade, cada uma das quais irá trazer uma maior consciência da profundidade da pecaminosidade do pecado. Isto revelará aspectos da injustiça na vida que nós não pensávamos antes, e assim a nossa convicção do pecado pessoal e o nosso arrependimento do pecado irá aprofundar e alargar.

À medida que novas profundidades do pecado até agora não vistas por nós são reveladas, a nossa confissão de pecado ampliar-se-á e aprofundará, seguida por repetidas consagrações de nós mesmos ao serviço de Deus e à Sua verdade e justiça.

E ao longo de todo o caminho para o reino repetiremos essas experiências nessa sequência, mas será sempre num nível cada vez mais elevado. Não será uma confissão de pecados e problemas como foram os do dia anterior. Na vida dos verdadeiros cristãos, cada um será tratado e deixado para trás.

O princípio de que fazemos o que fazemos por causa do que somos, é fortemente descrito em *Romanos sete*. Ali, Paulo faz uma declaração daquilo que ele é quando escreve:

“Eu sou carnal, vendido sob o pecado”.

Tendo afirmado isto, ele imediatamente fornece a prova de que a sua declaração é verdadeira, apontando para o resultado do que ele é.

“Porque o que faço, não o aprovo, pois o que quero, isso não faço; mas o que aborreço, isso faço.” Versículo 15.

Claramente então, ele reconhece que um é o fruto do outro. Se ele não fosse carnal, vendido sob o pecado, então não haveria a emissão deste fluxo de pecado vindo dele que não era capaz de controlar.

Notai também quão fortemente na ilustração do Antigo Testamento da escravidão da pessoa, ela o impede de o fazer apesar de desejar servir apenas a Deus. Nos dias de Paulo, a escravidão era comum. Homens, mulheres e crianças eram compradas e vendidas como animais domésticos, assim, quando Paulo disse: “mas eu sou carnal, vendido sob o pecado”, deve ser entendido como dizendo “Eu sou um escravo, o pecado é o meu senhor, e o que faço é o resultado do que eu sou.”

Para entender realmente o que impede o homem de *Romanos* sete de viver uma vida vitoriosa, devemos tornar-nos conhecedores das três naturezas possuídas pela humanidade. Paulo compreendeu-as, e ensinou a sua existência e papéis com vigor e clareza.

- Em primeiro lugar, há a natureza humana ou física;
- Em segundo lugar, a natureza intelectual ou mental, e
- Em terceiro lugar, há a natureza espiritual.

Na busca da vida eterna, as distinções entre cada uma destas três deve ser sempre mantida em mente. Com isto em vista, consideremos cada uma na sua vez. Em primeiro lugar, vamos considerar a natureza física ou humana que é muito adequadamente identificada como sendo o instrumento pelo qual as acções de pecado são realizadas. Em *Romanos 6:13* Paulo refere-se a isso como o instrumento com as seguintes palavras:

“Nem tampouco apresenteis os vossos membros ao pecado por instrumentos de iniquidade; mas apresentai-vos a Deus, como vivos dentre mortos, e os vossos membros a Deus, como instrumentos de justiça.”

Assim como um instrumento não tem poder de escolha e, portanto, pode ser usado para executar um serviço profano ou santo, assim os membros dos nossos corpos humanos podem ser utilizado para fazer as obras da justiça ou da injustiça, mas a escolha de qual será não reside nos nossos membros, o instrumento do corpo. A escolha é feita pela vontade, desde que tenha sido emancipada da escravidão espiritual.

O segundo aspecto da constituição humana é a mente intelectual ou natureza mental. Aqui está o poder real da razão, o poder de aprender, de pensar, de escolher, e tomar decisões. É possível neste departamento chegar a um conhecimento da verdade de Deus até certo ponto, e aceitá-la como verdade de Deus por um lado, ou rejeitar a luz por outro. Ela pode operar em opondo-se ao senhor do pecado residente, embora sem êxito, porque o senhor do pecado não pode ser sujeito à santa lei de Deus.

“Porquanto a inclinação da carne é inimizade contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser.” *Romanos 8:7*.

O mundo tem visto alguns grandes pensadores que trabalharam para melhorar a humanidade e que foram honrados pelos seus serviços conforme está escrito:

“O mundo tem tido seus grandes ensinadores, homens de poderoso intelecto e vasto poder investigativo, homens cujas palavras têm estimulado o pensamento e revelado extensos campos ao saber; tais homens têm sido honrados como guias e benfeitores do gênero humano...” *Educação, 13, 14*.

É verdade que estes homens adquiriram os seus conhecimentos na grande luz que os precedeu, e, no entanto, demonstram apenas alguma coisa do poder da natureza intelectual para adquirir e divulgar informação, e de tomar decisões sensatas ou insensatas. Muitos deles habitam na Terra actualmente, e, sem ser crentes em Cristo, manifestam estar na posse de considerável poder mental.

Isto traz à luz o facto de que não são aqueles que detêm os mais altos ideais e padrões que têm a verdadeira religião, mas os que não só mantêm esses padrões, mas ensinam como alcançá-los.

Muitos dos grandes homens da história ensinaram elevados padrões de moralidade e virtude, apesar de eles próprios não terem o conhecimento da maneira como viver o que ensinaram como sendo recto. E o problema é precisamente este no homem de *Romanos* sete. Ele sabe o que é certo e deseja fazer o que é certo, decidiu até fazer o que está certo, mas descobre que não consegue.

Isto traz-nos à existência, o poder e o papel da terceira natureza, que é o poder dominador na vida de cada pessoa em que é residente. Na Bíblia este aspecto tem toda uma lista de nomes descritivos.

Em *Romanos* 8:7, é chamado de “inclinação da carne”;

Em *Romanos* 6:6, é chamado de “velho homem”;

Em *Ezequiel* 36:26, ele é chamado de “coração de pedra”;

E em *Romanos* 7:1-4, é chamado de “marido”.

Na *Bíblia*, é simbolizado pela lepra e outras doenças mortais. Assim como estas governam sobre os corpos das suas vítimas, assim também o pecado domina as mentes e os corpos daqueles em que habita.

“De todas as doenças conhecidas no Oriente, a lepra era a mais temida. Seu carácter incurável e contagioso, e seu terrível efeito sobre as vítimas, enchiam de temor aos mais corajosos. Entre os judeus era considerada um juízo pelo pecado, e daí ser chamada ‘o açoite’, ‘o dedo de Deus’. Profundamente arraigada, inextirpável, mortal, olhavam-na como símbolo do pecado.” *A Ciência do Bom Viver*, 67.

Temos de compreender este testemunho para dizer que ela era um símbolo da pecaminosidade, em vez das acções do pecado.

É ainda simbolizado pelo senhor do escravo no Egipto, e pelo espinheiro no vosso jardim. Sempre que uma pessoa é retratada como estando em cativeiro, excepto no sentido especial em que somos escravos de Cristo, é-nos fornecida outra ilustração da natureza do senhor do pecado, e da sua relação com o pecador.

Estes símbolos da pecaminosidade são na sua maioria bastante simples e facilmente compreendidos, com excepção de um, que alguns acham um pouco difícil de entender. Aquele a que me refiro é o seguinte:

“Porquanto a inclinação da carne é inimizade contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser.” *Romanos* 8:7.

A palavra “carne” significa simplesmente “carne”, e aparece no Espírito de Profecia pelo menos seis centenas de vezes. A maioria desses testemunhos chama-lhe a *natureza* carnal a ser subjugada ou controlada. Aqui está um exemplo:

“Nenhuma quantidade de evidências convencerá os homens da verdade quando não estiverem dispostos a ceder seu orgulho, subjugar sua *natureza* carnal, e tornarem-se discípulos na escola de Cristo.” *Mensagens Escolhidas* 1:72.

Este testemunho ensina que a *natureza* física ou carnal deve ser subjugada ou, por outras palavras, controlada. Por conseguinte, não exige que a *natureza* carnal seja destruída, morta, ou eliminada, para que possa ser sujeita à lei de Deus.

Sendo esta a verdade da *natureza* carnal, não é a verdade da *mente* carnal, porque tem de ser uma força completamente diferente, porque:

“A *mentalidade da carne* é inimiga de Deus, pois não se submete à Lei de Deus, nem consegue fazê-lo.” *Romanos* 8:7. (King James Atualizada 1999.)

Assim, somos confrontados com uma *natureza carnal*, que pode ser sujeita, e uma *mente carnal* que não pode. Eles não podem ser uma e a mesma, mas têm de ser diferentes uma da outra. Esta distinção deve estar sempre presente. Ao longo deste livro, qualquer referência à *natureza carnal* será para a natureza de carne, enquanto as que se referem à *mente carnal* será para a natureza espiritual do mal que deve ser erradicada e destruída. A distinção não está tanto em que uma é chamada a *mente carnal*, e a outra chamada a *natureza carnal*, mas em que uma não pode ser submetida à vontade de Deus, enquanto a outra pode.

Veja-se como Paulo distingue entre as aspirações intelectuais do homem, por um lado, e a inclinação contrária da mente carnal, por outro, com estas palavras:

“Porque, segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus.

“Mas vejo nos meus membros outra lei que batalha contra a lei do meu entendimento e me prende debaixo da lei do pecado que está nos meus membros.” *Romanos 7:22, 23*.

Por isso, vemos aqui a existência de duas forças opostas em operação no homem de *Romanos sete*. Uma é a lei da sua mente, que é também conhecida como sua natureza intelectual. Esta, ele verifica estar em completa harmonia com a vontade de Deus e tem prazer na lei de Deus. O único interesse e desejo desta lei da sua mente é de servir a Deus com inteira fidelidade. Se este fosse o único factor que determinasse o seu comportamento, a sua vida seria na verdade uma vida justa.

Mas, “batalha contra” esta lei da sua mente outra lei que o leva em cativo à lei do pecado. Sem sombra de dúvida, esta força que se opõe à lei da sua mente é das duas a mais forte. Isto é evidente pelo facto de que o resultado desta luta é que “a lei do pecado” traz o homem em cativo, contra a vontade da mente intelectual que é a vontade do homem. Não importa quão resolutamente o homem determine a sua vontade de obedecer a Deus, a lei do pecado nos seus membros levá-lo-á em cativo todas as vezes que houver um confronto entre eles.

Façamos agora uma pausa para observar a diferença entre o homem que passa pela experiência descrita em *Romanos sete*, e o homem que ele era antes que de entrar nessa experiência.

Anteriormente à sua entrada na experiência de *Romanos sete*, ele vivia sem a lei que não desempenhava, então, qualquer papel na determinação do seu comportamento. Portanto, nesta altura ele era um pecador voluntário não dando naturalmente pensamento à classificação onde pertencia. De consciência livre, estava satisfeito por pecar continuamente.

É particularmente aplicável às pessoas como o orgulhoso fariseu que na sinagoga levantou a cabeça e agradeceu ao Senhor por ser um homem justo que não tinha necessidade de arrependimento. Ele considerava-se a si próprio diferente do convicto publicano, que com o coração contrito confessou os seus pecados. É o terrível estado de Laodiceia, que pensa que é rico e de nada tendo falta, mas não sabe que é desgraçado, e miserável, e pobre, e cego, e nu. Desconhecendo a sua grande destituição está satisfeito por continuar assim até o fim do seu caminho. Ele é de facto um pecador voluntário.

Em contraste, o homem de *Romanos sete* tem um conhecimento da lei, uma convicção da sua pecaminosidade, uma consciência da sua necessidade, um ódio pelo pecado que tão facilmente o aborrece, e está fazendo o esforço para se afastar dele o que marca o verdadeiro arrependimento. Ele fez uma confissão da sua condição e declara o seu prazer na lei de Deus e decidiu obedecer-lhe.

Intelectualmente, ele está convencido de que a lei do Senhor é perfeita e os mandamentos são santos, justos e bons. Eles têm para ele um apelo forte o suficiente para o motivar a uma tentativa de tornar os seus princípios o seu modo de vida. Ele, portanto, tem uma conversão intelectual que manifesta numa área muito extensa conformidade com os requisitos da lei no que respeita à acção exterior. Ele adquire o estatuto de membro da igreja, é um trabalhador fiel à causa, nunca deixa de pagar os seus dízimos e as suas ofertas, e sob todas as aparências pode ser olhado como um verdadeiro cristão.

Assim ele ganhou muito, mas ainda era um pecador. Enquanto anteriormente era um *pecador voluntário* agora, era um *pecador involuntário*, mas, deixai que seja repetido, um pecador ainda. Não pode haver possibilidade alguma para o homem de *Romanos sete* ser classificado como sendo justo — livre do pecado, porque todo o capítulo é uma franca confissão de emaranhamento com o pecado. Ele luta para ser livre, mas totalmente sem sucesso.

Isto não é uma negação de que algumas alterações foram efectuadas, pois ele experimentou uma mudança de hábitos, padrões de lealdade e atitudes mentais, e deixou muitos maus hábitos, mas não houve substituição da mente carnal com a mente de Cristo. Esta é a mudança que tem de ser experimentada antes de uma pessoa obter a libertação da pecaminosidade, ou tiver qualquer

esperança de salvação. A mortalidade e a corruptibilidade ainda reinam, como será em qualquer caso, até ao segundo advento de Cristo.

Se tivermos entendido a imagem que Paulo está a tentar descrever neste capítulo, será reconhecido que esta é a descrição da experiência dos membros da igreja de hoje em geral. Um dia estava eu no escritório de um homem que era um alto funcionário de uma grande igreja. Ele tinha sido o principal ancião da igreja durante muitos, muitos anos, e gozava de uma boa reputação entre os seus semelhantes, mas ele confessou cheio de tristeza que a imagem de derrota em *Romanos* sete era uma figura exacta da sua vida. E o que é verdade sobre esse homem é igualmente verdadeiro para a maioria dos outros. Basta ler *Romanos* sete aos membros da igreja em geral e fazer a pergunta, “é esta a vossa experiência?” e eles seguramente responderão que sim.

Então, se, e somente se, um claro entendimento da posição e condição do homem em *Romanos* sete foi adquirido, podemos fazer a pergunta muito séria e importante. A pergunta é esta: Se qualquer homem na condição espiritual descrita em *Romanos* sete chegasse ao fim da sua provação da vida enquanto ainda nessa condição, poderia ele acordar para a vida eterna na manhã da ressurreição?

A esta pergunta algumas pessoas sem hesitação respondem, sim! Outras do mesmo modo rapidamente respondem, Não! Enquanto outras ficam indecisas.

Vamos deixar que a Bíblia responda por si mesma.

Nos últimos versículos de *Romanos* sete, Paulo grita em desespero, “Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?”

Este agonizante apelo por libertação nunca viria de alguém que já estivesse livre do cativeiro do pecado. Só há uma resposta para a pergunta sobre o que é essa liberdade vem somente através de Jesus Cristo, nosso Senhor. Obviamente, ninguém que não tenha sido libertado por Jesus Cristo é salvo para a vida eterna. Os salvos são livres!

As palavras de abertura de *Romanos* oito introduzem um contraste, um novo estado de coisas: “Portanto, *agora*. . .” são as palavras de abertura e a utilização da palavra “*agora*” indica que as coisas são muito diferentes do que eram antes.

Então o que é que não estava lá antes?

“Portanto, *agora* nenhuma condenação há.”

O versículo seguinte diz-nos por que razão não há condenação e é “. . . Porque a lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte.”

Se não há condenação, agora que ele está livre, o que deve ter havido antes dele ser libertado? A resposta óbvia é que ainda devia haver condenação.

A partir destas evidências, devemos concluir que o homem que está sob a escravidão do pecado está sob condenação, enquanto o homem que foi liberto do pecado por Jesus Cristo não está sob condenação. Seria impossível verdadeiramente dizer que o homem que estava em cativeiro poderia estar sem condenação. À luz destes factos, a fim de saber se a experiência do homem de *Romanos* sete está livre de condenação ou não, temos apenas de fazer a pergunta quanto a qual é a sua posição — ele é escravo ou livre?

Não há dúvida sobre a resposta. Todo o testemunho do capítulo é que ele está em cativeiro. “Mas eu sou carnal, vendido sob o pecado. Porque o que faço, não o aprovo, pois o que quero, isso não faço; mas o que aborreço, isso faço.”

Esta não é a linguagem de quem é um homem livre. É a expressão do homem que está no cativeiro e não pode fazer as coisas que deseja fazer, e o que poderia fazer se estivesse livre. Ele não está livre da escravidão da lei do pecado e da morte e, por isso, deve estar sob condenação.

A palavra que é mais habitualmente usada para descrever o não condenado é “justificado.” Onde não há condenação, há justificação. Onde há condenação, não há certamente justificação, na medida em que, como o homem de *Romanos* sete está sob condenação, então com certeza ele não tem a justificação.

Então o homem em *Romanos* sete está em cativeiro, portanto, está sob condenação, e por isso não tem o maravilhoso dom e bênção da justificação. A justificação é o nosso título de entrada título para

o Céu. O injustificado nunca caminhará ali. Todos estão bem cientes disso. Então, o homem em *Romanos* sete não tem sequer o título para o Céu. Ele está injustificado, não salvo, e se morresse antes de sair dessa experiência, com certeza pereceria eternamente. A Palavra de Deus Vivo torna isso muito claro.

Todos sabem e entendem que, se o homem não está justificado, então certamente ele não é salvo, e em seguida a Bíblia diz-nos claramente que até agora o homem de *Romanos* sete não se levantará na ressurreição se morreu no estado em que se encontra.

Mas a Bíblia tem mais a dizer sobre esta questão do que isso.

A propósito disto ainda está escrito:

“Porque todo o que é nascido de Deus vence o mundo.” *1 João 5:4*.

Portanto, todo o que não é nascido de novo é vencido pelo mundo, e, portanto, mais uma vez, o que é vencido pelo mundo não é nascido de novo. Para determinar se o homem de *Romanos* sete é nascido de novo ou não, tudo o que temos a fazer é perguntar, “está ele vencendo o mundo, ou está sendo vencido pelo mundo?”

Ele está a ser vencido pelo mundo e, portanto, não nasceu de novo.

Jesus sempre deixou claro que, se um homem não nascer de novo não pode entrar no reino do Céu. Ele disse a Nicodemos:

“Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus.” *João 3:3*.

Este é então o segundo testemunho bíblico de que o homem em *Romanos* sete não está preparado para a ressurreição dos justos.

Um terceiro testemunho precioso foi trazido à nossa atenção por E.J. Waggoner como segue:

“O facto de que o pecado controla, prova que um homem é um escravo; e embora todo aquele que comete pecado seja servo do pecado, a escravidão torna-se insuportável quando um pecador teve um vislumbre da liberdade, e anseia por ela, mas não pode quebrar as cadeias que o prendem ao pecado. A impossibilidade de o homem não regenerado fazer o bem que gostaria de fazer já foi mostrado em *Romanos* 8:7, 8 e *Gálatas* 5:17.

“Quantas pessoas têm em sua própria experiência comprovado a verdade dessas Escrituras. Quantas têm repetidamente decidido, e contudo as suas mais sinceras resoluções revelam-se tão frágeis como a água em face da tentação. Não têm poder, e não sabem o que fazer, e, infelizmente os seus olhos não estavam fixos em Deus, tanto como em si próprios e no inimigo. A sua experiência foi a de constante luta contra o pecado, é verdade, mas também de constante derrota.”

“Chamais a isso uma verdadeira experiência cristã? Há alguns que imaginam que é. Por que, então, o apóstolo, na sua angústia de alma, clamou: ‘Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?’ *Romanos* 7:24. É a verdadeira experiência cristã um corpo de morte tão terrível que a alma é constrangida a clamar por libertação? — Não, verdadeiramente.

“O que essa escravidão e cativo são já foi mostrado. É a servidão do pecado, a escravidão de ser compelido a pecar, mesmo contra a vontade, pelo poder das propensões e hábitos adquiridos. Libertaria Cristo de uma genuína experiência cristã? Certamente que não. Então a escravidão do pecado, da qual o apóstolo se queixa no sétimo capítulo de *Romanos*, não é a experiência de um filho de Deus, mas a de um servo do pecado.” *Christ and His Righteousness*, 86, 87.

Deste modo, a Bíblia deixa bem claro que, apesar do homem em *Romanos* sete ter ganho muito, ele não foi abençoado com a salvação da morte eterna e, por conseguinte, não está justificado. Nenhum lugar no Céu lhe foi atribuído ainda.

É verdade que ele tem um conhecimento da lei de Deus; tem profunda convicção pessoal do seu próprio pecado, tem o arrependimento tanto quanto odeia o pecado e com o seu próprio poder se afastou dele. Ele franca e abertamente confessou o seu problema a Deus através de Jesus Cristo, não há dúvida de que se juntou à igreja, e pode até mesmo, como o próprio Paulo ser um obreiro muito zeloso para a igreja, todavia ele ainda tem a mente carnal e, portanto, é um escravo do pecado, não

pertence a Cristo, mas ao velho mestre de Satanás, e, desse modo, ainda está carregando esse corpo de morte. Ele ainda não ganhou a vida eterna.

A constatação de que a experiência de *Romanos* sete não é a experiência de um verdadeiro filho de Deus, pode ser uma revelação muito confrangedora e angustiante para aqueles que se têm orgulhado por muitos anos de terem sido verdadeiros filhos de Deus. De facto, é demasiado para alguns assumir e eles preferem pensar apesar das evidências dizerem o contrário, que a sua posição para com Deus está certa. Eles preferem ignorar e rejeitar esta clara revelação da sua verdadeira situação.

Mas não há qualquer necessidade para esta revelação causar sofrimento. Pelo contrário, devemos estar muito gratos a Deus por Ele nos revelar a nossa verdadeira condição espiritual para que possamos, com profunda convicção, ser levados a compreender realmente o dom inestimável da salvação que nos é oferecido. Loucura é realmente a pessoa preferir acreditar a respeito de si mesma o que não é verdade, em vez do verdadeiro diagnóstico espiritual da sua verdadeira condição.

Confortai-vos pela certeza de que não há nenhum problema de pecado que o Senhor não possa resolver, e de que a libertação das angústias de *Romanos* sete está disponível e será detalhada nas próximas páginas deste livro.

Capítulo 10

Não Pela Tentativa, Mas Morrendo

No capítulo anterior, uma investigação cuidadosa da situação do homem em *Romanos sete* revelou a natureza do problema que enfrentam todos aqueles que procuram viver em rectidão. Agora é tempo de considerar a solução para o nosso problema, quando descobrimos que somos incapazes de fazer o que é certo.

De modo a garantir que compreendemos a mensagem apresentada até agora, vou fazer uma breve referência a alguns dos pontos principais, pelos quais entendemos que o nosso verdadeiro problema então não é o que fazemos, mas o que nós somos. Por esta altura, já devíamos estar muito conscientes do facto de que é esta mente carnal que reside em nós e domina sobre nós que é o problema básico. O factor crítico nesta força é que não é possível submetê-la à autoridade da vontade humana. Na verdade, não pode ser posta em sujeição, até mesmo da autoridade divina. A partir disso, concluímos, então, que a natureza má interior é a fonte do pecado e as acções do pecado é a corrente do pecado. Com isto a única conclusão a ser tirada é de que a corrente é impura pela simples razão que a fonte é impura, ou, para usar outra ilustração, a fruta da árvore é o fruto mau, porque a árvore é uma árvore má.

Por conseguinte, todos sabem que a única forma de resolver o problema de uma corrente impura é purificar a fonte impura; a única maneira de parar a produção de frutos maus é destruir a árvore má. O problema em cada caso não é a corrente ou o fruto, mas a fonte e a árvore. A corrente e o fruto são apenas os inevitáveis resultados do problema básico.

Da mesma forma as acções do pecado não são nosso verdadeiro problema. Elas são apenas os inevitáveis resultados da causa do problema — a natureza má no interior. É a verdade de Deus que nós fazemos o que fazemos por causa do que somos.

Por tudo isto podemos concluir que devemos voltar a nossa atenção para o problema real — a origem do pecado; para acabar as acções do pecado nas nossas vidas. Tão certo quanto a limpeza de uma fonte impura limpará a corrente que corre da fonte, a limpeza da natureza do homem irá purificar as acções do homem. Esta é a única conclusão sólida e lógica a que podemos chegar.

Mas como lidaremos com esta fonte de pecado? Esta é a questão fundamental.

A primeira coisa a ficar firmemente estabelecida é que a mente carnal jamais pode ser posta em sujeição aos princípios da lei de Deus. Isso é absolutamente impossível, tal como a possibilidade de um espinheiro produzir uma única maçã em toda a sua vida. Somente os que não têm qualquer conhecimento das mais simples operações da natureza esperariam que uma árvore má produzisse bons frutos.

É possível haver pessoas na Terra que sejam desprovidas de tal conhecimento, como sugere a história que segue.

Durante o que é chamado de “A Segunda Guerra Mundial”, um grande número de crianças foram evacuadas de Londres, Inglaterra, para áreas do país onde se considerava que estariam muito mais seguras do que sendo deixadas nas constantemente bombardeadas grandes cidades inglesas. Muitas delas foram colocadas em explorações agrícolas.

Um rapaz que nunca tinha saído de Londres antes, chegou tarde à quinta e foi imediatamente mandado para a cama. Cheio de excitado interesse nesta grande aventura, não dormiu e vestiu-se na

manhã seguinte às primeiras horas da luz e em breve descobriu o agricultor na ordenha das vacas. O rapaz nunca tinha visto tal coisa antes e estava cheio de perguntas.

“O que está a fazer?” perguntou ele.

“Estou a ordenhar as minhas vacas”, respondeu o agricultor.

De olhos arregalados, perguntou; “é aí que vai buscar o *seu* leite — às vacas?”

“Claro,” respondeu o agricultor. “De onde mais vais obter leite?”

“Quem diria!”, exclamou o rapaz. “Em Londres, o nosso leite vem das garrafas!”

Nesta era esclarecida, é difícil acreditar que ainda exista esse isolamento da realidade. Esperamos que todos compreendam o princípio universal de que se desejais ter bons frutos, tendes de ter em primeiro lugar uma árvore boa. Eu nunca encontrei alguém em qualquer lugar do mundo que, apesar desta lei imutável ser procurar bons frutos numa árvore má. Até mesmo as criancinhas sabem melhor do que procurar os figos num espinheiro. Com certeza ainda maior, o agricultor compreende este princípio de operação. Perguntai a qualquer agricultor como encher os seus silos de milho, e certamente assegurar-vos-á que é garantindo a aquisição de quantidade suficiente de milho para semear os seus campos na confiança de que os resultados sejam uma colheita de milho. Ele sabe sem a menor incerteza de que nenhuma outra cultura, boa ou má, brotará dessa semente. Se isso acontecesse, o agricultor ficaria estupefacto e cheio da mais profunda ansiedade.

No entanto, tenho conhecido pessoalmente muitos agricultores e outras pessoas que ignoram solenemente e até mesmo rejeitam o conceito de que, se aplicam as mesmas leis no mundo espiritual. Isso é muito surpreendente quando é lembrado que Jesus, o maior expoente da verdade salvadora que jamais andou na Terra, declarou que como é na natureza, assim é no mundo espiritual. Portanto, aqueles que estão determinados a viver em rectidão devem em primeiro lugar ser justos.

Uma vez discuti o evangelho com um agricultor no Tennessee o qual descobri de imediato acreditar na repressão e controlo do senhor do pecado, e não na sua erradicação. Estávamos num dos seus campos lavrados, onde para ilustrar o assunto, ele dirigiu a minha atenção para um pequeno espinheiro.

“Isso” disse ele, “representa a minha natureza espiritual má. Quando acordo de manhã eu esmagar até o solo sob a minha grande bota, e assim triunfo sobre ele. Desta forma, ao longo de todo o dia mantenho-o sob controlo. Depois, chega a altura ao fim do dia em que tenho de deixar o campo e ir descansar. Para fazer isso, tenho de retirar o meu pé do controlo do espinheiro. Na manhã seguinte, tenho de esmagá-lo contra o chão mais uma vez. Sempre que eu não posso mantê-lo debaixo dos pés, ele levanta-se outra vez para arranhar e rasgar os que entram em contacto com ele.

“Da mesma maneira”, disse ele, devo manter minha velha natureza pecaminosa, esmagada, debaixo do rigoroso controlo, ou estou certo de cair em pecado”.

Este homem estava a tentar viver uma vida sem pecado, não pela morte, mas pela tentativa. Cada manhã, quando acordava do sono, ele oraria para que o Senhor o ajudasse a controlar a sua natureza espiritual pecaminosa, e lhe desse o poder para obedecer à santa lei de Deus. Se realmente compreendesse a verdadeira natureza dessa a oração, perceberia que Deus nunca poderia responder-lhe, porque fazê-lo seria pedir-lhe que quebrasse a lei, em vez de guardá-la.

A lei é que, tanto no mundo natural como no espiritual uma espécie produz segundo a sua espécie, nunca produz algo diferente. Porém, este homem, que pela sua própria confissão, ainda tinha a velha natureza pecaminosa em si, rogava a Deus que pelo Seu incrível poder transformasse a fonte do mal numa fonte de bondade. Ele estava literalmente orando para que o amor divino, a alegria e a paz fluíssem de um coração carregado de ódio, tristeza, e desassossego.

Isto é tentar o absolutamente impossível. Nenhuma fonte impura poderia alguma vez enviar uma corrente pura. Nenhum coração cheio de ódio pode jamais originar amor. Isto não pode ser feito no mundo natural ou no mundo espiritual. A imutabilidade desta lei é tão absoluta que não faz a menor concessão a qualquer um, em qualquer altura ou lugar.

Porquê, então, perder tempo e energia sem qualquer esperança de alcançar resultados satisfatórios? Porquê continuar a tentar alcançar a justiça pelos procedimentos errados? Porquê não abandonar toda a confiança na maneira errada de viver em rectidão em favor dos caminhos de Deus?

Qual é então esse intransigente caminho pelo qual podemos alcançar a vida de justiça?

Comecemos pela mente carnal que não pode ser sujeita à lei de Deus. Se não podemos obrigá-la a obedecer à lei de Deus, não importa quão grande a pressão exercida sobre ela, então Deus tem de ter alguma outra providência para resolver este problema. A menos que Ele tenha, a nossa situação não tem resolução!

Há outra solução, e uma só — o caminho da morte da velha natureza pecaminosa, e a ressurreição para uma vida completamente nova. Isto implica a total erradicação do senhor do pecado. Deus oferece-Se para remover de nós esta estrangeira, dominadora, natureza do mal, e substitui-la por uma nova vida justa de onde correrão rios de águas vivas. Não tentando mas morrendo, a libertação terá chegado. Então, a óbvia e única coisa a fazer é livrar-se dessa mente carnal, ficar despojado dela, e não ter mais nada a ver com ela.

Isto é o que faríeis com uma árvore má. Não gastaríeis um minuto tentando fazer com que um espinheiro produzisse maçãs. Arrancá-lo-íeis pela raiz e queimá-lo-íeis. De igual maneira, a natureza má tem de ser arrancada e destruída. E descobrimos ser este o principal e único plano que Deus tem para ela. Deve ser reconhecido que, embora tenhamos o poder para arrancar o espinheiro, não temos o poder para nos libertar da velha vida. Este é o trabalho que só Deus pode fazer e Ele está deseioso de fazer.

Paulo, tornando-se consciente do facto de que o poder onipotente de Deus, que é o evangelho, é usado pelo nosso Salvador, não para nos dar o controlo sobre a nossa natureza pecaminosa, mas para a erradicar e substituí-la com uma nova natureza, exclamou:

“Miserável homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?” *Romanos 7:24*.

Em resposta às suas perguntas vieram as palavras:

“Dou graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor. Assim que eu mesmo, com o entendimento, sirvo à lei de Deus, mas, com a carne, à lei do pecado.” *Romanos 7:25*.

Tendo sido libertado, em seguida, ele testemunha a maravilhosa liberdade em que se encontra em consequência, dizendo:

“Portanto, agora, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o espírito.

“Porque a lei do Espírito de Vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte.” *Romanos 8:1, 2*.

Esta é a gloriosa liberdade obtida através do poder do evangelho como é administrado por Jesus Cristo, nosso Salvador, que nos liberta da lei do pecado e da morte.

“Porquanto o que fora impossível à lei, no que estava enferma pela carne, isso fez Deus enviando o seu próprio Filho em semelhança de carne pecaminosa e no tocante ao pecado; e, com efeito, condenou Deus, na carne, o pecado,

“A fim de que o preceito da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito.” *Romanos 8:3, 4*. (Almeida Revista Atualizada 1993).

O que faz Jesus?

Ele torna-nos livres da lei do pecado e da morte!

Como é que Ele faz isso?

Ele fá-lo condenando o pecado na carne.

Note-se que não é a carne que fica sob condenação, mas é o pecado *na carne* que sofre este destino. O pecado na carne, não é outro senão o senhor do pecado, o despótico senhor que governa as nossas vidas contra a nossa vontade e desejo.

O que é a condenação dirigida contra este senhor do pecado que habita na nossa carne?

A sua sentença é nada menos do que a morte como é verificado nesta Escritura:

“Sabendo isto: que o nosso velho homem foi com ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, a fim de que não sirvamos mais ao pecado.

“Porque aquele que está morto está justificado do pecado.” *Romanos 6:6,7*.

Em primeiro lugar nesta Escritura, está plenamente declarado um facto, a saber, que o nosso velho homem foi com ele crucificado.

O nosso velho homem não é outro senão o senhor do pecado, que é o pecado que habita em nós até ser morto.

A crucificação não é prisão, exílio, ou subjugação, mas é o meio pelo qual os romanos executavam os criminosos. O nosso velho homem, o senhor do pecado, é um criminoso da pior espécie, pois é a fonte de toda a possível acção criminosa. Ele, portanto, deve ser morto. Este é o único desígnio que Deus tem em mente para o senhor do pecado. Ele deve ser tirado do caminho sendo crucificado para acabar com a sua existência. Não há outra solução para o senhor do escravo senão esta.

No entanto, não é suficiente condenar a velha natureza à morte. Deve ser colocada outra vida no seu lugar. Caso contrário, seremos como o homem de quem Cristo falou que tendo sido purificado de um demónio que é apenas outra maneira de dizer que a sua mente carnal foi erradicada. O espírito mal voltou e descobriu que a casa estava vazia, varrida e adornada, então ele foi e trouxe de volta outros sete espíritos piores do que ele e todos habitaram naquela casa, e o último estado desse homem é pior do que o primeiro.

Isto ensina que não é suficiente ter uma casa vazia, como é feito pela morte do velho senhor do escravo. Um ocupante inteiramente novo deve estar estabelecido no lugar vago em virtude da expulsão do senhor do pecado.

“Precisamos esvaziar-nos de nós mesmos. Isto não é tudo, porém, que se requer; pois quando houvermos renunciado aos nossos ídolos, o vácuo precisa ser preenchido. Se o coração ficar desolado e o vácuo não for preenchido, estará na mesma condição que aquele cuja casa se achava ‘vazia, varrida e ornamentada’ (Mateus 12:44), mas sem um hóspede para ocupá-la. O mau espírito levou consigo outros sete espíritos, piores do que ele, e, entrando, habitaram ali; e o último estado daquele homem tornou-se pior do que o primeiro.” {RP 350}, *Review and Herald*, 23 de Fevereiro de 1892.

A segunda parte de *Romanos 6:6* é introduzida pela palavra, “Porque”. Esta palavra é usada para significar um propósito. Neste caso, a crucifixão do nosso velho homem para *que* o corpo do pecado seja desfeito com o *que* devemos deixar de ser escravos do pecado.

Assim, em linguagem simples demais para não ser compreendida, afirma-se que o caminho da libertação da nossa natureza pecaminosa interior é a morte do nosso velho homem. Nada menos do que isso será suficiente para obter o resultado desejado de liberdade do pecado. Não é por tentar, mas morrendo que a vitória é alcançada.

Uma compreensão mais clara da mensagem de *Romanos 6:6* é obtida ao reescrevê-la para descrever a fuga de Israel da escravidão egípcia. Temos inteira justificação para fazer isto porque a libertação dos hebreus da sua aflitiva servidão era um tipo ou lição objectiva do nosso resgate da escravidão imposta pelo senhor do pecado sobre nós.

Aqui está como o versículo passaria a ser lido:

“Sabendo isto, que os primogénitos do Egipto foram condenados à morte, para que o poder do senhor dos escravos pudesse ser eliminado ou destruído, para que os israelitas não mais fossem escravizados pelos egípcios.”

No Egipto, não houve de facto libertação da escravidão até a morte do primogénito ocorrer e foi seguida pela aniquilação do exército egípcio no Mar Vermelho. Depois disso, o povo de Deus foi para sempre livre da escravidão egípcia. A primeira condição teve que ser estabelecida antes da segunda suceder. Uma vez que este princípio de erradicação e substituição esteja claro nas nossas mentes, seremos surpreendidos com o número de vezes que ela aparece nas Escrituras, mas que tem

sido ignorado por nós. Um excelente exemplo disso é encontrado em *Ezequiel 11:19, 20*. Notai cuidadosamente a redação desta promessa.

“E lhe darei um mesmo coração, e um espírito novo porei dentro deles; e tirarei da sua carne o coração de pedra e lhes darei um coração de carne;

“Para que andem nos meus estatutos, e guardem os meus juízos, e os executem; e eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus.”

Considerai cuidadosamente o que Deus propõe fazer. Ele diz: “e tirarei *da sua carne* o coração de pedra.” Ele não Se oferece para tirar a nossa carne mortal, ainda que ela seja pecadora, porque esse ministério está reservado para a ressurreição dos justos — no dia do regresso de Cristo. Em vez disso, a carne permanece, mas um elemento estranho é retirado e removido dela. Agora o que é retirado e mandado para longe já não está lá, por que é impossível tirar uma coisa de outra e ela ainda estar ali.

Portanto, após a expulsão da velha natureza má do nosso coração, fica uma casa completamente vazia — uma casa que tenha sido esvaziada do ocupante mau, e preparada para um novo, que por contraste, é puro e santo, é assim, porque Deus não pára por aí com a limpeza, mas prossegue preenchendo o vácuo.

O novo ocupante, sendo “Cristo em vós, a esperança da glória”, é um novo coração e espírito, que é a descendência da vida do próprio Deus. Isto não pode ser mais nem menos do que a instalação da justiça. Isto significa que, nos casos em que a injustiça e o erro reinaram no coração e dominaram a vida, a justiça e a verdade da mesma forma reinam literalmente no coração, mas não dominam a vida.

Considerai o que isso significa. Onde havia uma fonte do mal e de morte, que originava um fluxo do pecado e de morte, agora há uma fonte de vida, mesmo a vida da justiça de Deus, e esta fonte só pode produzir uma corrente de justiça.

Quando se pensa através desta solução, torna-se evidente que este é o único procedimento possível pelo qual a justiça pode ser trazida às vidas humanas. Não há nada no homem quando ele aparece na Terra que seja fonte de justiça. Portanto, não é uma questão de reformular o que já existe, pois isso seria simplesmente reformar ou modificar o mal. No processo de criar uma nova versão do velho, podem ser alcançadas melhorias significativas, mas não haveria mudança alguma na sua natureza má. Portanto, não poderia haver mudança no produto, porque o mal só pode produzir o mal, e é eternamente incapaz de produzir justiça.

Isto significa que a humanidade deve procurar uma fonte de justiça fora de si, e, quando a encontrar, depois de ser criado um vácuo pela eliminação da natureza do mal com a qual nasceu, deve aceitar a oferta do Salvador para o preencher com pureza de vida. Notai quão clara e poderosamente essa verdade é enunciada nas seguintes Escrituras:

“Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo.” *2 Coríntios 5:17*.

Se alguém está em Cristo, é uma nova criação, não uma velha criação modificada ou mesmo melhorada. Nesse homem abençoado as coisas velhas já passaram. Tal como temos aprendido, aquelas coisas velhas são a mente carnal, a natureza espiritual má, e o antigo senhor do escravo. Nele, todas as coisas se tornaram novas, porque Deus não mistura o novo e o antigo. Aquilo que Ele nos dá é inteiramente e só novo.

Jesus tornou este ponto claro quando apresentou a parábola que ilustrava o ponto que não se pode colocar remendo novo em veste velha. Ele declarou que, assim como isso não pode ser feito, então ninguém pode juntar a religião errada à nova e verdadeira.

“O mesmo se dá com a religião. Quando a urdidura e a trama da religião não resistem à experiência da prova, o material de que se compõe é sem valor. E um esforço para remendar o velho pano com um pedaço novo não melhora a condição das coisas; pois o material gasto, fraco, rompe-se de novo, tornando maior o rasgão. Remendo não serve. O único meio é rejeitar a veste antiga e procurar uma nova. A religião do eu, composta de fios que desbotam e gastam sob a pressão da

tentação, precisa ser posta de lado, para ser substituída pela religião tecida por Aquele em cuja vida o egoísmo não encontrou nenhum lugar.” {CD 117}, *The Signs of the Times*, 8 de Janeiro de 1902.

Este conceito de uma nova vida do Criador, tomando o lugar do antigo, é claramente ensinado na próxima declaração:

“Quando a pessoa se rende inteiramente a Cristo, novo poder toma posse do coração. Opera-se uma mudança que o homem não pode absolutamente operar por si mesmo. É uma obra sobrenatural introduzindo um sobrenatural elemento na natureza humana. A alma que se rende a Cristo, torna-se Sua fortaleza, mantida por Ele num revoltoso mundo, e é Seu desígnio que nenhuma autoridade seja aí conhecida senão a Sua. Uma alma assim guardada pelos seres celestes, é inexpugnável aos assaltos de Satanás.” {DTN 223}, *O Desejado de Todas as Nações*, 324.

Para experimentar o sucesso na vida vitoriosa, devemos ser dotados com este elemento sobrenatural que deve ser colocado na natureza humana, e para que isso seja introduzido nas nossas vidas, o antigo tem que ser expulso em primeiro lugar. Um novo poder, deve tomar posse do novo coração.

Uma causa de tantos fracassos decepcionantes na busca de salvação do pecado reside no facto de que os homens procuram obter o dom usando procedimentos de sua própria invenção. Em vez de fazerem todas as coisas de acordo com o modo como Deus tem especificado, os homens introduzem os seus próprios caminhos, que de uma forma ou de outra acomodam a continuidade da presença do pecado, e justificam a sua continuidade até pelo ao segundo advento.

Não há qualquer desculpa para isto, porque Deus tem explicado tão claramente o caminho da salvação que não há necessidade de errar neste assunto. Por exemplo, há uma maneira de lidar com um espinheiro com a qual estamos muito familiarizados. Ele deve ser arrancado pelas raízes, lançado no fogo, e totalmente destruído. Nenhum agricultor faz qualquer tentativa de fazer o espinheiro produzir fruto de algum valor tal como maçãs, uvas, peras ou pêsegos. Todo o agricultor sabe que um espinheiro não é sujeito à lei do cultivo de frutas nem em verdade o pode ser. Por conseguinte, ele não perde tempo ou dinheiro com podas, adubação, ou rega, mas com o machado e a enxada arranca-o. Mas agora há apenas um espaço vazio onde estava o espinheiro, e ainda não há fruto para ser visto, então no lugar onde estava o velho espinheiro ele coloca uma árvore boa, como uma videira, uma macieira, pessegueiro, ou qualquer outra árvore de fruto à sua escolha. Agora que ele tem uma boa árvore, então, no devido tempo, o bom fruto aparecer. Como é na natureza, assim é na graça, e aqui está uma ilustração perfeita do único caminho pelo qual a vida pode ser mudada e uma corrente de justiça começar a fluir na vida humana. Um novo coração tem de ser colocado no lugar do antigo.

Jesus diz: “e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.” *João 8:32*.

Isto deixa claro para nós uma compreensão porque ainda não encontrámos a verdade acerca do senhor do pecado, do seu poder e do seu papel. Nem conhecemos a maneira como Deus lidará com ele.

Agora que conhecemos a natureza do nosso problema, como Deus lida com ele, e o facto de que só Ele pode tratar dele, vamos perante Deus e oremos de maneira inteligente em total cooperação com a vontade divina. Tal oração se carregada com fé viva, certamente trará vida, vitória pessoal sobre o senhor do pecado, e será seguida por uma vida recta. Ela seria mais ou menos como se segue:

“Amado Senhor aprendi agora o facto de que eu sou um pecador em mim mesmo, no sentido de que sou um escravo sob o poder do senhor do pecado, chamado por Paulo a mente carnal, a lei do pecado nos meus membros. Tenho verificado ser impotente sob o seu controlo. Uma vida de tentar vencer este senhor do pecado finalmente me convenceu à luz da palavra da verdade que eu não tenho poder algum para prevalecer contra ele. Mas eu sou seu escravo miserável. Mas Senhor, prometeste afastar de mim esta natureza pecaminosa para longe para que eu nunca mais precise de lhe servir outra vez. Obrigado por esta maravilhosa promessa desta admirável obra, e aqui e agora, me entrego a ti com a mais sincera e fervorosa súplica.

"Toma esta natureza pecaminosa e crucifica-a à morte, e em seu lugar colocar a Tua própria vida perfeita, a fonte da justiça. Senhor Tu prometeste fazer isto e eu aceito a promessa. Eu acredito que tenhas feito a obra em mim, e agradeço-Te por isso. Peço-Te isto em nome de Jesus, Amém."

Aprendamos a fugir da antiga oração da incredulidade, "Senhor nós confiamos que Tu possas dar-me a vitória sobre o pecado".

Tais orações estão cheias de dúvida e de incredulidade e uma completa falta de compreensão daquilo que Deus se propõe a fazer por nós. Venhamos corajosamente ao trono da graça e ali diante de Deus através de Jesus Cristo, de forma clara e explícita reivindicamos as promessas e creiamos e descansamos. Assim, começará uma vida completamente nova, o tipo de vida com a qual nunca sonhámos ser possível.

Capítulo 11

O Antigo Marido

A verdadeira força das palavras de Jesus: “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”, tornar-se-ão cada vez mais evidentes à medida que o nosso conhecimento e experiência na verdade progredam. Durante muito tempo temos negligenciado a estrita necessidade de aplicar o evangelho de acordo com os caminhos de Deus e não os nossos. Por ignorar esses princípios, não fomos capazes de encontrar a vitória e a paz que os acompanha e que desejamos tanto. Mesmo quando nos são mostradas estas verdades e os procedimentos correctos que brotam delas, somos muitas vezes lentos em aprendê-las, tendo mesmo receio de as aprender, e muito relutantes em colocá-las em prática. Para ajudar a combater eficazmente este problema, esta verdade é repetidamente salientada na esperança de que possa, finalmente, entrar completamente nas nossas mentes, e tornar-se a nossa experiência de vida. É necessário, portanto, repetir esta verdade antes de prosseguir.

Passemos então a *Romanos 7:1-4*. Nestes versículos, Paulo examina de novo o problema da passagem da escravidão para a liberdade espiritual, como o ilustra a situação de uma mulher casada com um marido, enquanto deseja casar-se com outro.

“Não sabeis vós, irmãos (pois que falo aos que sabem a lei), que a lei tem domínio sobre o homem por todo o tempo que vive?”

“Porque a mulher que está sujeita ao marido, enquanto ele viver, está-lhe ligada pela lei; mas, morto o marido, está livre da lei do marido.

“De sorte que, vivendo o marido, será chamada adúltera se for doutro marido; mas, morto o marido, livre está da lei e assim não será adúltera se for doutro marido.” *Romanos 7:1-3*.

Assim Paulo apresenta a aplicação de uma das leis do casamento usando-a, não como um argumento relativo ao casamento, mas como uma ilustração do problema de um indivíduo pessoalmente mantido em cativeiro do pecado. Será dada força adicional à ilustração se pensarmos neste marido como sendo um senhor despótico, cruel, um homem sem simpatia, ternura, bondade, amor, ou fidelidade aos seus votos nupciais, e assim por diante.

Esta mulher descobre que o seu casamento com este homem é irritante e opressivo, e é um relacionamento que simplesmente a impede de viver a vida que legitimamente deveria ser autorizada a viver, e que no seu coração deseja seguir. Ela geme sob esta terrível escravidão; sob este cruel serviço forçado. Ela odeia-o, e quer ser libertada dele.

Para tornar as coisas ainda mais difíceis para ela, há a presença na situação de um homem que está disposto e ansioso por casar-se com ela, e que tem todos os atributos para ser um verdadeiro marido. Ele é gentil, forte, amoroso, atencioso e fiel.

Mas há um problema.

É absolutamente impossível ela casar-se com este outro marido mais preferido, enquanto estiver unida ao primeiro marido. Ela tem de ser totalmente libertada dele para total cumprimento da lei antes da segunda união poder ter lugar. A lei será cumprida pela morte do primeiro marido, porque, se há uma coisa que a lei nunca vai permitir, é o casamento de uma mulher entre dois parceiros ao mesmo tempo. Qualquer tentativa da sua parte para ser casada com o segundo homem enquanto ainda estiver unida ao primeiro seria veementemente condenado pela lei. Portanto, ela tem de ser em primeiro lugar libertada do actual marido a fim de cumprir toda a lei, antes de poder haver qualquer

união com outro homem. Mas logo que ele saia da sua vida e a deixe livre, então está livre para se casar com o novo marido. Agora, a mesma lei que antes condenava qualquer relação com o novo homem, na verdade a une a ele. Para tal, tinha que haver uma mudança em algum lugar, mas notai cuidadosamente que não era na lei.

Repito que não é na lei que reside o problema. O problema reside na situação da mulher e é onde a mudança deve ter lugar. Há muitos professos cristãos que tentam resolver todo o problema da salvação acabando com a lei, mas não é aí onde reside o problema. Ele está no pecador, porque ele é o único que deve ser mudado. Quando isso é feito, então o problema não existe mais.

Tendo estabelecido a lei do casamento que exige a morte do antigo marido, Paulo dirige a nossa atenção para o paralelo espiritual, com estas palavras:

“Assim, meus irmãos, também vós estais mortos para a lei pelo corpo de Cristo, para que sejais doutro, daquele que ressuscitou de entre os mortos, a fim de que demos fruto para Deus.” *Romanos 7:4*.

Não é difícil determinar a partir da informação contida nestes versículo quem são as três partes simbolizadas — a mulher, o marido, e o outro homem. Vamos identificá-los um por um.

Em primeiro lugar, o outro homem é Aquele que ressuscitou dos mortos, e que não é outro senão Cristo, o Senhor.

A mulher na ilustração indica aqueles que buscam uma viva relação de casamento espiritual com o Senhor.

Isto, então, deixa apenas o terceiro para ser identificado, ou seja, o antigo marido. Já vimos que o novo marido, sendo Aquele que ressuscitou dos mortos, não pode ser outro senão Jesus Cristo. Portanto, se Cristo é o novo marido, o seu homólogo, o antigo marido, o único outro concorrente pelas afeições da raça humana, tem de ser Satanás. Quem mais poderia possivelmente ser?

A resposta é “Nenhum outro!”

Não podemos dizer que o velho marido que é uma pessoa, é a mente carnal, que não é uma pessoa, porque, se assim fosse, então, o novo marido, que é a pessoa Jesus Cristo, teria de ser a natureza divina, que não é uma pessoa, para a interpretação ser consistente.

O nosso estudo desta passagem das Escrituras revelará em breve que o casamento com o antigo marido produz a mente carnal, mas que o próprio marido não é a mente carnal. Esse marido é Satanás.

Por isso, não é difícil identificar o antigo marido uma vez que nos foi claramente dito quem é o novo marido. Depois de feita esta identificação, é tempo de avançar e ganhar uma compreensão da finalidade do novo casamento. Isto é afirmado nas Escrituras como sendo dar fruto para Deus.

“Assim, meus irmãos, também vós estais mortos para a lei pelo corpo de Cristo, para que sejais doutro, daquele que ressuscitou de entre os mortos, a fim de que demos fruto para Deus.” *Romanos 7:4*.

Não percamos de vista o facto de que o simbolismo aqui empregado por Paulo é a ilustração do casamento. Por conseguinte, temos de, em primeiro lugar, compreender a relação de cada um dos símbolos entre si num casamento terrestre e, em seguida, encontrar a mesma relação para o mesmo símbolo no casamento espiritual.

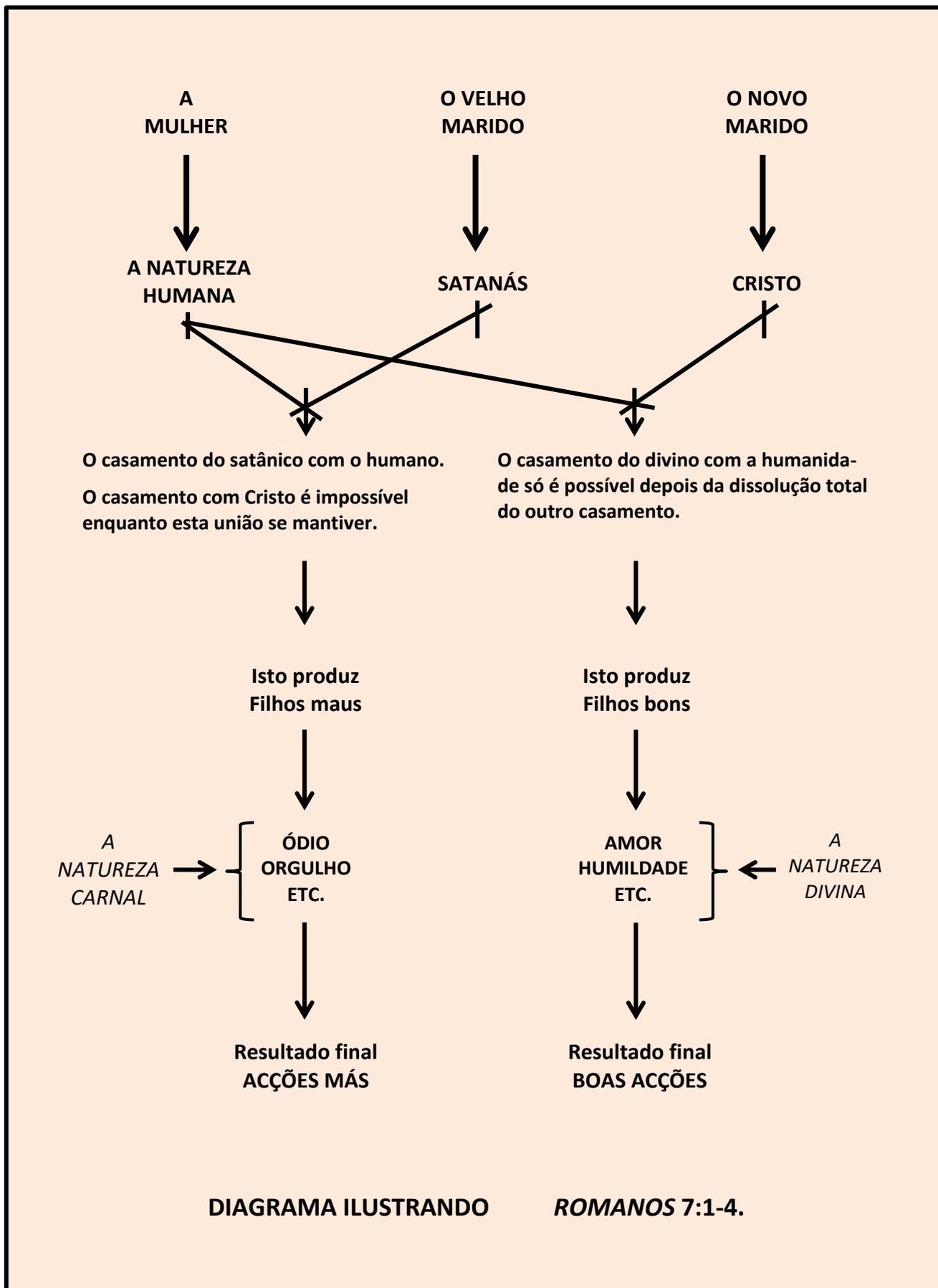
Estamos então confrontados com a pergunta:

“O que é o fruto de um casamento físico ou terreno?” para entender a finalidade do matrimónio espiritual, no qual devemos dar fruto para Deus.

Quando um homem e uma mulher se unem em matrimónio, é com o propósito de trazer filhos ao mundo, como Deus instruiu Adão e Eva “Frutificai e multiplicai-vos”, *Génesis 1:28*.

Eles deviam dar fruto segundo a sua própria espécie, e o fruto da sua união era uma família com filhos.

Portanto, o fruto do casamento de Cristo com o crente é uma família de filhos espirituais. Se assim não fosse, toda a ilustração seria sem sentido e propósito.



Estamos sempre interessados nos nomes dos filhos de um casamento físico, porque deste modo é estabelecida a sua identidade. Semelhantemente, estamos interessados em encontrar os nomes dos filhos, que são o fruto, ou a descendência do casamento espiritual entre Cristo e o crente. Estes nomes são listados em *Gálatas 5:22, 23*:

“Mas o fruto do Espírito é: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança. Contra essas coisas não há lei.”

É verdade que esses atributos são aqui descritos como sendo os frutos do Espírito. Mas ninguém deve ter qualquer dificuldade em ver a ligação entre os resultados da presença do Espírito no crente individualmente, e o fruto do casamento com Cristo. Estas são apenas duas formas de dizer a mesma coisa.

Se como é o caso, o fruto da presença do Espírito é dado como listado acima, e se a presença do Espírito no crente é a mesma coisa como sendo casado com Cristo, então o fruto do Espírito é a descendência do casamento com Cristo. Isto é o mesmo que dizer que os nomes dos filhos que são o fruto do casamento com Cristo devem também ser amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão e temperança.

A soma desses atributos é a mente divina. Estas são as características de uma vida na qual habita a presença de Cristo pelo Seu Espírito, e este facto corrobora o pensamento apresentado acima, que a natureza divina é o resultado da união com o novo marido, e não o marido em si mesmo. Da mesma maneira, a união do satânico com a humanidade produz no ser humano uma família inteira de maus característicos, a soma daquilo que é a mente carnal, que não é em si mesmo o antigo marido, mas o fruto ou o resultado da união com ele.

Nós temos plena consciência apenas quanto ao resultado da nossa relação com a família humana, que esses filhos são filhos sempre muito ocupados e activos. Isto é verdade, quer se trate de filhos bons ou maus. Isto não é menos verdadeiro no que se refere ao fruto espiritual do casamento espiritual. Os atributos divinos de amor, alegria, paz, etc., são elementos activos, produzindo um fluxo de factos na vida que estão em harmonia com o seu próprio carácter. Como o amor não pode agir e não agirá de um modo odioso, mais do que uma árvore má não pode produzir frutos bons, de modo que a natureza do filho determina a natureza da acção.

Se consultardes o diagrama que acompanha este capítulo, observareis que há uma sequência de acontecimentos, cada um dos quais nunca poderia acontecer, sem que em primeiro lugar, houvesse o cumprimento do anterior. Isto é, se não houver filhos, certamente não haverá acções, e, por sua vez, se não houver casamento, então, não haverá filhos.

De imediato será evidente que o nosso problema básico e fundamental, não é o tipo de obras que estão a aparecer nas nossas vidas através do instrumento da nossa humanidade. O problema básico é de um casamento. Um casamento errado do satânico com o humano que produzirá os filhos maus, que por sua vez darão origem a uma corrente de maldade. E isso só pode significar que seria totalmente inútil tentar fazer boas acções, enquanto ainda tivermos os maus filhos do senhor do pecado e formos casados com o antigo marido.

Valeria a pena fazer aqui uma pausa para salientar uma precaução necessária. É compreender as limitações da aplicação de cada um dos símbolos utilizados na ilustração. Por exemplo, quando se diz que os filhos bons não podem produzir más acções, está a ser feita referência à descendência do novo marido e à mulher que são amor, alegria, paz, benignidade, mansidão, e assim por diante. Devemos ter cuidado para limitar o simbolismo dos filhos bons à natureza divina, e não à pessoa na sua totalidade. Há ainda o lado humano do indivíduo no qual existe o poder de escolher, e isso é ilustrado pela mente intelectual da mulher em si mesma. A principal ênfase no estudo de Paulo não é sobre a natureza humana tanto como o fruto do casamento, que é a mente carnal, ou a mente divina. Ao mesmo tempo o lado humano não é deixado de fora como é muito bem simbolizado pela própria mulher.

Então, para voltar ao assunto, é evidente que, na medida em que o problema básico é o tipo de casamento em que estamos envolvidos, então cada um de nós deve ter o novo marido — Cristo Jesus

— antes de poder haver qualquer esperança no mundo de criarmos uma boa família de filhos espirituais que inundarão as nossas vidas com rectidão e paz.

Mas, assim que ela decide no seu coração casar-se com o novo homem, a suma da justiça, ela depara-se com o problema de não poder casar-se com o novo marido, porque ela já está ligada a um marido anterior.

Isso acontece na vida humana quando uma jovem que não teve grande oportunidade para casar, finalmente, numa espécie de desespero, casa-se com um homem que não corresponde ao que seria a sua escolha. E assim, ela casa-se, passado algum tempo, aparece dentro do círculo da sua convivência, um homem a quem ela reconhece que faria um marido muito superior ao que tem agora.

Embora possa ser moralmente incorrecto, o homem pode até mesmo ir tão longe quanto propor-lhe casamento se ela fosse livre. Mas ela tinha arruinado toda a possibilidade de se casar com outro homem, porque ela já tem o seu primeiro marido.

O ponto forte que Paulo está determinado a apresentar através de *Romanos 7:14* quando mostra a imagem das leis do casamento, é que é absolutamente impossível alguém casar-se com o marido bom, Jesus Cristo, enquanto ainda estiver casado com o mau, Satanás. No entanto, enquanto a pessoa não casar com Cristo, não tem qualquer esperança de salvação, e nunca vai ver o Céu.

Aqui, então, está o problema que tem de ser resolvido ou caso contrário o plano de salvação de Deus será um fracasso total. A mulher deve de algum modo ser livre para não haver mais nenhum impedimento para o seu casamento com o novo marido. Já estudámos este problema e a sua solução no simbolismo da árvore boa e da árvore má, mas esta ilustração dada *Romanos 7:14* para nós é de grande valor, pois retoma os mesmos problemas e ilustra-os com tal evidência que a informação anterior ganha força e significado renovados.

Consideremos então o problema no qual o professo cristão se encontra como ilustrado pela mulher neste casamento. É preciso relacionar isso com os últimos versículos de *Romanos 7*, ou seja, 9-25 que nós estudámos anteriormente e nos quais Paulo começou por dizer que estava vivo, sem a lei, mas quando o mandamento veio, o pecado reviveu e ele morreu. Aqui ele está a começar no mesmo ponto onde atrás começou no primeiro desses versículos. É aquele ponto onde uma pessoa está fora no mundo do pecado e, sem ter ainda a consciência de pecado, de livre vontade, e satisfeita acompanha o senhor do pecado. Não há qualquer batalha, pois há uma unidade entre o pecador e Satanás.

Considerai, então, a condição da mulher, que, no seu próprio coração é totalmente mundana, e que, por sua vez, é casada com um marido mundano. Ela está perfeitamente disposta a viver o tipo de vida que ele deseja que ela viva, uma vida em busca do prazer mundano e auto gratificação. Este estado de coisas continua até que, por meio do ministério do Espírito Santo, ela é trazida onde compreende algo da pecaminosidade do pecado, e é profundamente convencida da impureza da sua própria vida e da sua necessidade de arrependimento.

Ela reconhece que, na sociedade do Céu é condenada à morte eterna por causa do comportamento dos seus filhos, o ódio, a malícia, o ressentimento, o orgulho, e todos os outros males que saem do seu coração. Ela olha para o homem perfeito Jesus Cristo e reconhece n'Ele o modelo de pureza, paz, e poder e por isso começa a desejar viver uma vida que agrade a Ele. Ela anseia ser casada com Ele, e tê-lo como seu marido legítimo.

Mas o marido que ela já tem não partilha a conversão da sua esposa. Ele não tem nem vontade nem interesse em abandonar a vida antiga do mal e planeia continuar a viver a vida como sempre fizera antes. Aqui estão agora duas pessoas casadas com objectivos diferentes. A mulher no casamento deseja servir a Deus. O marido não tem tais intenções porque Satanás, o marido, nunca em circunstância alguma, desiste dos seus maus caminhos para seguir o Senhor Jesus Cristo.

O que vai acontecer agora?

A mulher e o seu marido, Satanás, enfrentam-se em guerra aberta, que se torna cada vez mais intensa com o passar dos dias. A paz, como existia antes — porque nunca pode ser a verdadeira paz que excede o entendimento e que deve ser encontrada num verdadeiro lar cristão — está agora

quebrada e, enquanto a mulher puxa numa direcção, procurando levar os seus filhos a respeitar e obedecer aos preceitos divinos, o marido ímpio na ilustração que Paulo está a usar, resistirá a incitará os filhos a rebelarem-se contra ela, para quebrar todas as leis de Deus, e a continuar na sua teimosia de fazer o mal.

Considerai agora a impossibilidade desta mulher conseguir alguma vez o desejo do seu coração de ser a mãe de uma adorável família de filhos justos. É ela, como uma frágil mulher, capaz de resistir a um marido e uma família de robustos e vigorosos filhos aliados contra ela?

Certamente que não! Quanto mais ela procura levá-los à submissão dos princípios da justiça, mais o seu marido será determinado a resistir-lhe e a despertar a natureza má daqueles filhos que não têm a mente para servir a Deus sob qualquer aspecto. Ela achará que todos os esforços da sua parte parecem levar a questão de mal a pior.

Deve ser muito evidente para os nossos leitores que esta é uma ilustração perfeita da situação em que se encontra cada um dos chamados cristãos até escaparem do seu casamento com Satanás. Quão bem esta frustrada mãe poderia dizer com o apóstolo Paulo:

“Porque o que faço, não o aprovo, pois o que quero, isso não faço; mas o que aborreço, isso faço.”

Ela quer que os filhos obedeçam a Deus tanto como queremos que a nossa natureza apresente o fruto da justiça. Mas a própria natureza daqueles filhos é tal que não pode e não irá obedecer a Deus mais do que um lobo comportar-se como um cordeiro. Em *Romanos* sete nós aprendemos que só há futilidade e derrota nos esforços do homem, enquanto tiver a mente carnal, na tentativa de produzir bons frutos. Isto é impossível. Simplesmente não pode ser feito.

Aprendemos também que a árvore má não pode dar bons frutos e nunca o fará. Isso impossível. Nós também aprendemos que a natureza humana tenta produzir justiça a partir de uma fonte de injustiça, assim como esta mãe está com valentia a tentar induzir os seus filhos pela força a submeterem-se obedientemente às normas da justiça de Deus. Mas ela não tem nenhuma esperança de sucesso, pois, confrontado com ela, estão as vontades desses filhos rebeldes e o poder de um marido que, em total solidariedade com os seus filhos, os incita a lutar contra todo o esforço da parte dela para estabelecer a justiça na sua casa.

Sem a menor sombra de dúvida a situação dela da maneira como as coisas estão, é uma esperança vã. Pareceria que ela devia perder toda a esperança de sucesso e submeter-se aos desejos do seu marido e dos seus filhos e regressar com eles à velha vida de pecado.

Mas não!

Tem que haver uma maneira que lhe traga o sucesso que está procurando. Certo é que, continuar no caminho em que tem andado somente lhe trará repetidas derrotas. Os procedimentos dela são fracassos comprovados, necessitando que seja encontrada alguma outra forma de alcançar a vitória, mas tem de a encontrar!

Que há uma maneira de conseguir com sucesso obedecer a toda a lei de Deus está sucessivamente declarado nas Escrituras. Estudai de novo os primeiros capítulos deste livro se essa verdade se tornou menos clara aos vossos olhos.

Vendo que deve haver uma maneira, embora ainda não descoberta por vós, então a tarefa é encontrá-la e aplicá-la.

Então, qual é o procedimento, a forma pela qual ela pode lançar-se à tarefa de obter obediência onde agora só há desobediência? Como ela pode ver uma colheita de boas acções, onde agora aparece apenas maldade e dificuldades? Esta é a questão. Há uma resposta e essa resposta tem de ser encontrada por causa da nossa salvação.

A primeira resposta é natural que se nos pode apresentar é instintiva. Se o poder da mulher não é suficiente para enfrentar o poder combinado dos filhos e do pai, então, tem de pedir mais ajuda para se juntar a ela contra eles. Tudo o que ela tem que fazer em seguida, é ver que o homem a quem ela pede auxílio é suficientemente forte para dominar as forças combinadas contra si.

Mas esta não é a solução.

Não há homem justo e honrado sobre a face da terra que consideraria sequer por um momento qualquer proposta envolvendo ele assumir o controlo da vida doméstica no lar de outro homem a fim de impor a vontade da mulher sobre o seu marido e seus filhos. Ninguém, ninguém mesmo, assumiria esse tipo de tarefa, nem estaria certo ela fazer isso. Além do mais, essa solução seria totalmente inaceitável para Deus.

Esta é a verdade da situação que enfrentamos no mundo das relações humanas e é ainda mais verdadeiro no reino espiritual. Há um só Homem que tem mais força do que o poder combinado do diabo e seus filhos, e é o homem Cristo Jesus. E se há uma coisa que Ele não fará, é entrar na casa de outro homem e retirar-lhe o controlo da sua casa. Jesus não faria isso, nem mesmo ao diabo. Ele não dividirá a casa com outro marido. Isso é absoluto e final. Portanto, é inútil vir a Jesus e pedir-lhe para entrar no vosso coração a fim de controlar o vosso antigo marido e os seus filhos ímpios. Essa não é a maneira pela qual Ele opera.

Uma vez que vejamos não haver ser esta a solução, então não devemos desperdiçar um minuto procurando ter a resposta à questão dessa forma.

Qual é então a solução testada e comprovada para o problema?

O que quer que seja, deve incluir o término do seu casamento com o antigo marido e sua consagração em santo matrimónio com o novo, para, como está bem claro em *Romanos 7:1-4*, que enquanto ela permanecer juridicamente vinculada ao antigo marido, não tem esperança nenhuma de apresentar filhos bons. Ela tem de ser liberada desse casamento.

Mas como pode isso ser feito?

Existem várias maneiras possíveis que ela pode considerar apesar de se provar serem unicamente dignas de rejeição porque não têm valor como soluções para o problema.

A primeira opção é esperar pacientemente na esperança que o seu marido morra.

Mas esta não é a resposta para o seu problema. Porque esse marido é forte e vigoroso, cada dia do seu casamento com ele está a reduzir drasticamente o tempo da vida dela, e, se ela tem que esperar pela morte dele, então, certamente, ela é quem morrerá primeiro ainda ligada a ele e, por isso, ainda sob condenação. Reconhecemos o facto que transpor a ilustração para a nossa própria experiência, isto é, se esperarmos pela morte de Satanás antes de nós para estarmos livres dele, então com certeza vamos esperar em vão porque ele vai sobreviver a todos nós. Ele sobreviveu aos nossos pais, e aos nossos antepassados antes deles.

Por isso temos que descartar esta primeira sugestão como não tendo mérito na resolução deste problema.

Em segundo lugar, a fim de certificar-se de que o seu antigo marido morre antes dela pode pensar em pôr termo ela própria à vida dele — assassiná-lo.

Mas aqui este plano cairá por terra por duas razões. No primeiro caso, o segundo marido não a aceitará como esposa se os meios pelos quais ela alcançou a sua liberdade é consentindo que ela cometa homicídio. Deve ser lembrado que Jesus Cristo é a justiça perfeita, o que significa que Ele nunca opera pelo princípio errado de que os fins justificam os meios. Portanto, Ele nunca usa procedimentos pecaminosos, a fim de livrar do pecado, o que significa que Ele nunca decide realizar este ou qualquer outro objectivo, a não ser por meios legais.

A segunda razão pela qual a opção de assassinar o antigo marido falhará é que é absolutamente impossível para essa mulher com a sua fraca força matar o marido de qualquer maneira. Ele é demasiado inteligente para ser vencido por ela, e demasiado forte para ser dominado por ela. Assim, este plano não tem possibilidade de sucesso.

E assim, ela não pode sobreviver-lhe, nem matá-lo, e não pode ter esperança num pedido de divórcio porque ele negará o seu pedido, e assim dar-lhe a liberdade. Ele nunca fará isso, pois a sua posição como esposa é essencial para a construção da maior família de filhos injustos.

Além disso, como iremos ver em breve, proporciona-lhe um lugar de refúgio, uma protecção, um lugar onde ele pode escapar pelo menos por enquanto da pena justa pendente sobre a sua cabeça.

Parece, então, como se a situação fosse desesperada e impossível. Aparenta não haver escapatória, e que ela tem de permanecer vinculada a este cruel e despótico senhor do pecado, seu marido até que por fim morra sob condenação eterna, sem Deus e sem esperança no mundo.

Mas há uma saída!

Há uma salvação para ela!

Ela não precisa continuar este relacionamento não santificado mais um dia!

O que é então esta escapatória?

A resposta reside no facto de que este velho marido mau não é o nosso verdadeiro esposo, mas é o grande usurpador que veio e usurpou o lugar legítimo do nosso verdadeiro Esposo, Jesus Cristo, e das Suas posses. Assim fazendo, ele violou a cada um dos dez mandamentos e, por isso tornou-se o criminoso mais temível de todos os tempos. A sua quebra de todas as leis de Deus plantou uma semente tão terrível que só pode produzir uma colheita de morte eterna.

Na cruz do Calvário, Jesus expôs para sempre o verdadeiro carácter do antigo marido e dos seus filhos, e de forma justa declarou que a sentença de morte sobre eles como o resultado natural do carácter deles é justa e equitativa.

O antigo marido foi examinado e considerado como sendo um mentiroso e um homicida. O seu caso foi julgado, a decisão tomada. Ele foi considerado culpado no julgamento e a sentença foi passada. Tudo o que resta é a execução do castigo eterno.

Por que, pois, não foi esta sentença de morte executada imediatamente? Há mais de uma razão para este adiamento.

Primeiro de tudo, se Deus procedesse imediatamente à execução da sentença de morte eterna, muitos pecadores também teriam que morrer sem a oportunidade de serem salvos.

Em segundo lugar, a fim de proteger o reino de Deus para sempre de sofrer outra invasão do pecado, a presente versão devia ser autorizada a desenvolver-se até ao ponto em que a exposição do seu verdadeiro carácter é completa. Então, totalmente condenada por si própria, destruir-se-á completamente para sempre, não podendo jamais atormentar qualquer parte do belo reino de Deus. “Mesmo quando foi decidido que ele não mais poderia permanecer no Céu, a Sabedoria infinita não destruiu a Satanás. Visto que apenas o serviço por amor pode ser aceito por Deus, a submissão de Suas criaturas deve repousar em uma convicção sobre a Sua justiça e benevolência. Os habitantes do Céu e de outros mundos, não estando preparados para compreender a natureza ou conseqüências do pecado, não poderiam ter visto então a justiça e misericórdia de Deus com a destruição de Satanás. Houvesse ele sido imediatamente excluído da existência, e teriam servido a Deus antes por temor do que por amor. A influência do enganador não teria sido destruída por completo, tampouco o espírito de rebelião se teria desarraigado totalmente. Devia-se permitir que o mal chegasse a amadurecer. Para o bem do Universo inteiro, através dos séculos sem fim, devia Satanás desenvolver mais completamente seus princípios, para que suas acusações contra o governo divino pudessem ser vistas sob sua verdadeira luz por todos os seres criados, e para sempre pudessem ser postas acima de qualquer dúvida a justiça e misericórdia de Deus e a imutabilidade de Sua lei.” *O Grande Conflito*, 498, 499.

Entretanto, o antigo marido e os seus filhos têm-se enraizado solidamente na fortaleza dos nossos corações a partir do qual desafiam as forças da justiça a desalojá-los. Deus não vai invadir pela força a cidadela da alma, mas espera pacientemente que nós respondamos aos Seus apelos para consentir com a Sua entrada no nosso ser interior e erradicar o antigo marido mau e a sua prole, e restabelecer-Se no Seu legítimo lugar. Mas enquanto resistirmos negando este processo de erradicação, o antigo marido e os seus filhos maus permanecerão no domínio das nossas vidas, e nós vamos produzindo apenas uma corrente de maldade. Temos então de enfrentar o facto de que nos tornamos um abrigo de criminosos, uma posição que é uma grave ofensa contra as forças da lei e da ordem.

Pensai por um momento na posição que ocupamos, dando protecção a um criminoso condenado.

Suponde que uma manhã acordais para irdes buscar o vosso jornal que relatava a notícia de que um assassino havia escapado da prisão durante a noite. Ficaríeis alarmados uma vez que o fugitivo

era vosso conhecido, e ele, por seu lado, vos conhecia, e era muito provável o risco de serdes procurados por este homem para o esconderdes dos agentes da lei. Seguramente, não muitas horas se passariam antes das vossas piores expectativas se concretizarem, pois, exactamente como esperado, lá estava ele à vossa porta em busca de ajuda. Se o abrigásseis sem o denunciar à polícia, seríeis considerados culpados de um crime grave.

Pensai no que isso significa para nós como professos filhos de Deus. Temos dado abrigo ao nosso marido mau e à sua família de filhos igualmente maus nos tabernáculos dos nossos corações. Isto significa que temos vindo a acolher e proteger um criminoso condenado — o próprio diabo e sua família. Se fosse possível, e é claro que não é, termos o antigo marido ímpio, na casa do nosso coração, e no entanto nunca cometermos um acto errado, mas o facto de termos ali a sua presença é tudo o que é necessário para nos colocar sob a condenação da lei de Deus.

Durante todo o tempo do nosso casamento com Satanás temos vivido sob esta condenação, temos consciência de que as coisas estavam longe de estar certas, mas nas nossas tentativas para a correcção do problema, temos procurado a solução de forma errada. Isto é verdade, porque todo o tempo em que a lei tem estado tão pacientemente à porta esperando para nos livrar do antigo marido e dos seus filhos com a execução da sua sentença, temos lutado desesperadamente para os colocar em sujeição à lei. Isso é assim para que possamos salvá-los da morte. Temos procurado reformá-los até ao ponto em que a lei os aceite como são, mas isso não pode ser alcançado com mais sucesso do que qualquer tentativa de fazer um espinheiro produzir uvas, ou um lobo agir como um cordeiro. Isto é tentar o impossível, é verdadeiramente impossível.

Existe uma maneira e apenas uma para sair da situação. Trata-se de em primeiro lugar, reconhecer francamente a natureza incorrigível dos filhos e do marido, e desistir de toda a esperança de os reformar. Em vez disso, sem um momento de hesitação, caminhar até à porta e abri-la de par em par com o convite à lei para entrar e tirar o velho homem e os seus filhos.

Não demoreis. A lei nunca forçará a entrada. Pacientemente o Salvador espera que nós abramos a porta, mas o tempo está a esgotar-se. A nossa provação não vai durar para sempre e se ela chegar ao fim antes do trabalho ser feito, então, se o antigo marido ainda estiver em nós, a nossa condenação, com a sua, será eterna. Vamos fugir disso hoje, enquanto a porta da misericórdia ainda permanece aberta e o tempo de graça ainda dura. Assim que a porta é aberta e o antigo marido e os seus filhos são expulsos, então ficamos livres para casarmos com o novo Marido, Jesus Cristo, mas não antes.

Não só tem de ir o marido, mas os filhos também devem ir com ele. Jesus Cristo nunca vai adoptar esses filhos na Sua família. Eles nunca podem ter lugar na Sua casa. Ele nunca tolerará em sua casa, ódio, maldade, rancor, orgulho, inveja, ciúme, ou coisas parecidas. Ele sabe bem qual é a natureza destes filhos, e nunca pode consentir transformá-los em bons filhos.

Neste ponto os meus leitores bem podem perguntar se isto não é ir além da ilustração do matrimónio na vida humana, um homem casa com uma mulher e adopta os filhos dela do casamento anterior. Isto é com certeza verdadeiro nos casamentos modernos, mas o que está em causa é o princípio bíblico estabelecido para nós na palavra de Deus. Digamos que as nossas mentes recuam a Acã, no Antigo Testamento, que escondeu o tesouro proibido sob a terra no meio da sua tenda depois da queda de Jericó, e se recusou a reconhecer o grande pecado que havia cometido contra Israel, até que foi tarde demais para fazê-lo.

Agora, este homem era culpado de um grande crime, mas igualmente culpado com ele porque eram do mesmo carácter, foram todos os seus filhos. Eles conheciam a ordem de Deus. Eles sabiam o que o seu pai tinha feito, mas não o confessaram. Em vez disso, participaram na tentativa de esconder o saque, por cujas acções se tornaram tão culpados como os seus iníquos pais. O que tornou as coisas ainda piores para a família inteira foi a retirada da bênção do Céu que os expôs com menos protecção ao poder dos seus inimigos. O resultado foi que trinta e seis guerreiros hebraicos morreram em frente da fortaleza de Ai. Por conseguinte, porque compartilharam a condenação do pai, eles tinham que compartilhar a sua punição. Assim é também com os filhos do velho marido. Porque os

filhos são a expressa imagem do seu pai, também eles estão sob a mesma condenação e devem morrer com ele antes de Cristo poder vir e ser o novo marido.

Aqui é exposta a razão pela qual as pessoas religiosas resistirão ao evangelho de Jesus Cristo, que requer a morte do antigo marido e dos seus filhos, e, ao mesmo tempo, ouvem as pregações da palavra de Deus, exaltando as virtudes de Cristo como o único Salvador, expressando o amor a Deus e a fidelidade a Ele, e passarão por formas e cerimónias solenes para expressar o grau de sacrifício pessoal que estão dispostas a fazer, mas que, quando o mensageiro de justiça vem junto deles, como Jeremias, Isaías, João Baptista, Cristo, Paulo, Lutero ou qualquer um desses outros grandes pregadores da justificação pela fé, vão impiedosamente, persegui-los até à morte. Considerai o facto de que esse tem sido, durante todo o percurso através da história, o modo como as grandes organizações religiosas foram os destruidores dos mensageiros de Deus.

Aqui podemos descobrir porquê.

Pensai no amor que uma mãe tem pelos seus filhos. Não importa quão desonesto um filho ou filha possa ser, ou quão terríveis sejam os crimes que ele ou ela possam ter cometido, a última coisa que uma mãe está preparada para enfrentar é a execução da sentença de morte sobre os seus filhos, independentemente de quanto eles possam ser culpados.

Uma ilustração perfeita disto está na atitude do rei Davi para com o seu ímpio filho Absalão. Aqui estavam os seus soldados que lhe tinham sido fiéis, que arriscaram as suas vidas para salvar o seu reino e, no entanto, quando Absalão morreu, o rei apenas podia pensar na sua grande dor pela perda do filho. Ele esqueceu o sacrifício e a devoção dos exércitos de Israel. Ele esqueceu a sua lealdade e entrega, e teve que ser severamente repreendido por um dos seus generais, caso contrário, teria caído em desgraça perante o campo de Israel.

Davi cometeu o mesmo erro que tem marcado o registo da vida de muitos. Ele deixou de ser estritamente objectivo no alinhamento do seu sentido de valores. Estrita honestidade de pensamento tornaria claro para ele o facto que Absalão tinha recebido apenas a sua recompensa e que pela fidelidade e sacrifício dos exércitos de Israel, o reino havia sido preservado. Mas ele permitiu que os seus próprios sentimentos de afecto para com o seu filho o cegassem para a verdadeira situação, e ele pecou gravemente na forma como reagiu.

Toda a história sublinha fortemente a tendência muito humana de proteger aqueles a quem amamos, porque eles são uma parte de nós, mesmo do mais justo castigo. Este é erro humano comum. Na verdade, é raro que a grande qualidade divina, na qual os homens, mesmo que sejam despedaçados em virtude do seu profundo amor pelo filho ou filha, reconhecem abertamente e honestamente a culpa em que eles incorrem, e os entregam à justa punição por causa do seu procedimento errado.

Semelhantemente, também os filhos maus, ódio, malícia, ressentimento, orgulho, ciúme, etc., que nascem dentro de nós como resultado do casamento da nossa humanidade com Satanás, são os nossos filhos, são uma parte de nós, são a nossa própria vida, e todo o instinto humano luta contra o simples pensamento de serem tirados de nós e entregues à morte. Isto é difícil de aceitar, mas nesta coisa temos de compreender que a morte é justa, e embora seja difícil entregá-los para morrer, tem de ser feito para defender o reino de Deus e vê-lo estabelecido e prosperando.

Não esqueçamos que a questão a investigar neste momento é a razão pela qual as organizações religiosas são tão diligentes e aparentemente muito sinceras, mas perseguem e algumas vezes até à morte, o mensageiro através de quem o Senhor envia a mensagem da vida em justiça. Os acontecimentos da história têm repetidamente confirmado que esta reacção inesperada se manifestou frequentemente.

Mas porque é que isto acontece?

A resposta já foi dada no comportamento de Davi, quando o seu filho Absalão foi morto na batalha na qual tinha tentado assumir o controlo do reino do seu pai. Tivesse o rebelde sido outro, que não um membro da própria família, o rei ter-se-ia alegrado porque o reino de Deus tinha sido preservado, e que um dos seus inimigos mortais a saber, o seu filho, o príncipe Absalão, tivesse sido

eliminada. Mas, tão forte era o laço familiar, que a morte do seu filho foi aos olhos de Davi uma tragédia maior do que a perda do reino de Deus na Terra.

É a mesma lição ensinada na experiência de Abraão acerca de Ismael e Isaque.

Sigamos o assunto resumidamente.

Abraão, como tantos outros que têm procurado sinceramente construir o reino de Deus, não entendeu exactamente como o reino de Deus devia ser construído. O que ele foi capaz de compreender era a verdade de que um filho tinha que nascer e ele esperava que, na ordem normal de concepção e parto, o filho iria aparecer em breve.

Porém os anos passavam cada um dos quais anunciando que Sara era incuravelmente estéril, até que ambos, Abraão e Sara, estavam convencidos de que o filho prometido só poderia nascer se algum outro plano fosse introduzido. Sara tinha que ser rejeitada em favor de outra mulher. Foi assim que, eventualmente, Sara propôs ao agora ansioso Abraão que fosse atribuída a Agar a posição de mãe do filho prometido, e Ismael entrou em cena.

Agora, eles tinham um filho, mas não era o filho que havia sido prometido, mas foi o produto das suas próprias obras, uma tentativa de construir o reino de Deus, pelos procedimentos do homem, em vez de o fazer de acordo com o procedimento divino. Abraão e Sara estavam completamente convencidos de que Ismael era o filho prometido, e, convencidos de que Deus estava muito satisfeito com o seu programa de obras dedicadas, trataram-no como se ele fosse o filho da promessa. Derramaram nele o seu amor, e deram-lhe a melhor educação que podiam, a fim de que ele pudesse tornar-se qualificado para preencher “o seu suposto elevado chamamento”.

Durante treze anos, este trabalho de amor continuou, enquanto a idade de Abraão avançou de oitenta e seis para noventa e nove anos. Durante esse tempo, Deus não fez qualquer manifestação de desaprovação, ou de aprovação, um silêncio que Abraão erradamente interpretou como sendo a aprovação divina dos seus procedimentos.

A aprovação do Céu nunca poderia ser obtida para o esquema proposto por Sara e realizado por Abraão, porque pelo menos por um motivo a sua execução necessitava da transgressão da santa lei de Deus que proibia a prática da poligamia, ou pluralidade no casamento, que é o adultério, como confirma a seguinte declaração:

“O Senhor disse de Noé e sua família, os que foram salvos na arca: ‘Porque reconheço que tens sido justo diante de Mim no meio desta geração.’ Gênesis 7:1. Noé tinha apenas uma esposa e a disciplina que ambos ministravam à família foi abençoada por Deus. Porque os filhos de Noé eram justos, foram preservados na arca com seu justo pai. Deus não sancionou a poligamia num único exemplo sequer. Ela é contrária a Sua vontade. Ele sabia que a felicidade do homem seria destruída por ela. A paz de Abraão foi grandemente turbada por seu infeliz casamento com Hagar.” *História da Redenção, 76.*

Nunca o Deus do Céu e da Terra foi conivente com esse tipo de relação. Antes de aceitar o plano proposto por Sara, Abraão deveria ter verificado para ver se ele estava em harmonia com a lei moral, o grande padrão para todo o comportamento dos justos. Quando ele confirmasse, como devia ter feito, que não poderia pôr em prática o plano e, ao mesmo tempo, continuar a viver sem pecar, ele deveria ter abandonado o esquema sem um momento de hesitação.

Em seguida chegou o dia em que Deus falou novamente ao patriarca sobre o prometido filho sem fazer qualquer referência a Ismael como tal. De facto, a reafirmação da promessa de aliança, quando Abraão tinha noventa e nove anos ignorou Ismael. O relato bíblico desta entrevista está registado em *Gênesis 17:1-22*. Abraão ouviu atentamente até que Deus chegou ao ponto onde anunciou o papel de Sara na promessa, como está escrito:

“Disse Deus mais a Abraão: ‘a Sarai, tua mulher, não chamarás mais pelo nome de Sarai, mas Sara será o seu nome.

“‘Porque eu a hei deabençoar e te hei de dar a ti dela um filho; e aabençoarei, e será mãe das nações; reis de povos sairão dela.’” *Gênesis 17:15,16.*

Isso era demais para Abraão. Ele caiu sobre o seu rosto, e riu-se perante a ideia de que um casal tão velho como ele e a sua esposa poderia possivelmente ter um bebê, especialmente porque nunca tinha sido capaz de ter um até agora.

A sua reacção foi a resposta da incredulidade na palavra falada pelo Todo-Poderoso. Foi também o ruir de tudo o que ele tinha conseguido em Ismael durante os últimos treze anos. Além disso, Ismael representava o que ele supôs ser a aceitação de Deus dele e das suas obras, a certeza de ser um membro da família de Deus, e a convicção da salvação pessoal.

Agora, tudo aquilo em que ele tinha depositado a sua confiança de salvação desapareceu, ficando apenas um vazio no seu lugar. Isso deixou-o nesse momento de frente com a morte, o que pode ser uma experiência devastadora. Não é de admirar que ele gritasse em agonia de alma, “Tomara que viva Ismael diante de teu rosto!” *Gênesis 17:18*.

Sem dúvida, Abraão tinha declarado às nações em redor de que Ismael era o filho prometido através de quem a aliança seria realizada. Agora, ele tinha que enfrentar o embaraço de admitir que ele, o grande líder espiritual da época, se tinha enganado. Depois, havia aqueles treze anos em que dedicou a Ismael o treino para preencher uma posição que ele nunca iria ocupar. Havia ainda, o seu grande, grande amor por este filho da sua velhice ao qual tinha atribuído a posição de primogénito, para ser agora removida dele.

Considerai as pressões trazidas sobre este grande homem para se agarrar às suas próprias obras, ao invés de sair renunciando-as para caminhar no caminho da fé. Felizmente para a causa de Deus, Abraão fez a opção por renunciar a tudo o que tinha feito a vida querida para ele, e saiu na fé viva de que Deus estabelecerá a semente justa em todos aqueles que confiam n’Ele para o fazer. A experiência de Abraão foi repetida muitas vezes durante a história, tanto nas vidas individuais como em movimentos. O padrão do desenvolvimento é sempre o mesmo.

Na parte inicial da sua história, os novos movimentos, que são chamados de Deus, vivem pela fé, tal como fez Abraão quando deixou Ur dos caldeus. Avançando com forte confiança no seu Guia divino, prosperaram a um nível surpreendente. As cidadelas das trevas são derrubadas, os conversos à fé revivida dos nossos pais aumentam, e a mensagem estende-se a novos campos.

Mas com a prosperidade vem o perigo mortal da auto-suficiência com a qual os homens se lançam na tarefa de construir o reino de Deus pelos procedimentos humanos. Equipados com a invencível verdade, triunfam uma e outra vez nos argumentos religiosos, e chegam a confiar mais na capacidade para o debate do que no poder de convencimento do Espírito Santo. O orgulho espiritual substitui a humildade cristã, e a luz brilhante da verdade apaga-se no coração.

Esta trágica transição é claramente descrita nos parágrafos seguintes:

“Depois da descida do Espírito Santo, quando os discípulos saíram para proclamar um Salvador vivo, seu único desejo era a salvação dos perdidos. Rejubilavam-se na doçura da comunhão com os santos. Eram ternos, prestativos, abnegados, voluntários em fazer qualquer sacrifício pelo amor da verdade. Em seu contato diário entre si, revelavam aquele amor que Cristo lhes ordenara. Por palavras e obras de altruísmo, procuravam acender esse amor em outros corações.

“Um tal amor deviam os crentes sempre acariciar. Deviam viver em obediência voluntária ao novo mandamento. Tão intimamente tinham de estar unidos com Cristo a ponto de estar habilitados a cumprir todos os seus reclamos. Sua vida devia magnificar o poder de um Salvador que poderia justificá-los por Sua justiça.

“Mas gradualmente se operou uma mudança. Os crentes começaram a olhar os defeitos uns dos outros. Demorando-se sobre os erros, dando lugar a severo criticismo, perderam de vista o Salvador e Seu amor. Tornaram-se mais estritos na observância de cerimônias exteriores, mais rigorosos na teoria que na prática da fé. Em seu zelo para condenar a outros, passavam por alto os próprios erros. Perderam o amor fraternal que Cristo lhes ordenara, e, o que é mais triste, não tinham consciência dessa perda. Não reconheceram que a felicidade e a alegria lhes estavam abandonando a vida, e que, havendo excluído o amor de Deus do coração, estariam logo andando em trevas.” {AA 306, 307}, *Atos dos Apóstolos*, 547, 548.

Uma vez chegados a esta fase, então as obras dos homens realmente começam a multiplicar-se. Admiráveis são os esforços despendidos para construir o movimento, aumentar os membros, e alargar as suas fronteiras. Ano após ano passa, durante os quais os enormes esforços testemunham a existência do poderoso zelo por Deus, pois tudo isso é feito para Ele. Torna-se então impossível convencer os envolvidos neste programa de que Deus não pode aceitar estes zelosos esforços. Em vez disso, eles chegam ao ponto em que sentem que Deus está obrigado a recompensá-los pela sua dedicação sacrificial à Sua causa.

Isto não é desacreditar o zelo por Deus, dedicação ao Seu serviço, auto-sacrifício pela causa, e o nosso amor para com a verdade presente. O problema é que, nesta fase, do crescimento do movimento e o seu correspondente declínio na verdadeira espiritualidade, os membros estão dedicados a fazer a coisa certa da maneira errada.

Mas o esforço produz realmente uma aparência de justiça. Abraão de facto gerou um filho. Nós procuramos nos nossos esforços produzir o que parecem ser boas obras, abandonando muitos hábitos maus e trabalhando com zelo para a organização. A igreja como o esforço cumulativo de tais indivíduos constrói uma organização que faz uma grande quantidade de “boas obras”.

À medida que o número de membros aumentam, as impressionantes instituições multiplicam-se e alargam, e a estrutura organizacional torna-se mais protectora, e a sensação de bem-estar aumenta. O pensamento de todos é que esta é a igreja de Deus. A comparação com outras denominações reforça a convicção e a certeza de que seguramente estão no caminho para o Céu.

Mas tão seguramente como Ismael não era um filho nascido pela fé no caminho da justiça, Deus não poderia e não iria aceitá-lo.

Tão certo como as “boas obras”, produzidas de forma errada não são as obras da justiça, mas apenas os nossos próprios trapos imundos, os nossos próprios filhos deformados do pecado, o Senhor simplesmente não pode e, portanto, não os aceitará. Da mesma forma, se as “boas obras”, e a bem oleada máquina de uma afinada organização são o resultado de outros que não os verdadeiros princípios da justiça, o Senhor não pode aceitá-las e não as irá aceitar.

Mas Ismael foi o próprio filho amado de Abraão, e Abraão ficou cheio de consternação quando o Senhor o chamou a crer que o herdeiro viria através de Sara e que não havia lugar algum para Ismael na aliança prometida. Quanto cada instinto em Abraão lutou contra isso. Como deve ter irrompido dos seus angustiados lábios o grito “Tomara que viva Ismael diante de teu rosto!” *Gênesis 17:18*.

Mas Deus não vacila nem se desvia do rigoroso princípio. Ismael não seria e não poderia encontrar qualquer lugar na promessa da aliança. Louvai ao Senhor por Abraão ser suficientemente honesto para deixar que fosse dessa maneira e ver que tudo o que havia construído no seu tempo de vida tinha sido em vão, para começar tudo de novo. Ele teria ficado feliz por aceitar qualquer mensagem excepto a que declarava a rejeição de Ismael.

Tudo menos isso!

Qualquer coisa!

Mas do Senhor veio somente uma resposta intransigente declarando que com Isaque, o filho de fé, e não com Ismael, o filho das obras, devia a aliança a ser formada.

E esta é a ilustração das pessoas e das igrejas. O Senhor fala-lhes como falou a Abraão, e a mensagem é que o concerto não é com as “boas obras” pessoais construídas por elas. Tudo isso deve ser abandonado efectuado um novo começo. Não há nada a ser adquirido pela confiança em todo o zelo e devoção, na alta posição e anos de serviço, na aquisição de instalações e edifícios, e sacrifícios feitos para o Senhor. Tudo isso tem que ser reconhecido como o resultado de uma tentativa de fazer a coisa certa da maneira errada e, como tal, não tem parte na aliança prometida. Tudo tem que ser sacrificado para morrer e começar tudo completamente de novo. Não há vida através de Ismael.

Contudo, esta é a última coisa que as igrejas estão dispostas a fazer. Se um mensageiro viesse apresentando-lhes uma mensagem anunciando que o Senhor está muito satisfeito com tudo o que têm feito em Seu nome, então, esse mensageiro seria bem recebido entre eles e há esses mensageiros. Essa é a mensagem do pregador popular.

É esta a razão pela qual o mensageiro enviado por Deus é tão impopular, porque ele não traz confirmação para todas aquelas coisas em que os homens confiam para ganhar a vida eterna. Mas quando o Senhor envia um mensageiro, Ele envia-o com apenas uma mensagem em que nenhuma destas coisas conta, e que tem de haver um novo começo feito com princípios completamente novos. Abraão teve que aceitar o facto de que todo o esforço e formação gasto com Ismael era bom apenas para benefício de Ismael.

Mas para as organizações e a maioria dos indivíduos, é demais para o seu orgulho e amor de si mesmos. Eles não podem suportar ver essa morte. Em consequência, levantam-se contra a mensagem e recusam-se a recebê-la enquanto fazem tudo o que podem durante o tempo todo para silenciar a voz do mensageiro enviado pelo Céu.

Tudo isto é tão perfeitamente mostrado na ilustração da mulher com o velho marido e seus filhos. Todos eles são maldade, a união dela com eles está, literalmente, a minar a sua vida, e todos estão condenados pela lei, mas o seu maior terror é que a lei execute a sanção e eles perderão as suas vidas. Esta é a coisa que ela mais teme e está disposta a fazer qualquer sacrifício pelo qual ela pudesse salvá-los deste destino. Ela está mesmo disposta a que um novo homem entre em sua casa e tome o controlo da situação, na esperança de que o antigo marido e os seus filhos possam ser impedidos de cometer obras más.

Tudo isto é bem ilustrado por uma experiência de um amigo meu. Uma noite este homem ia pela rua de uma determinada cidade, quando se deparou com um colega bêbado batendo sem piedade na esposa. Ela estava a gritar de dor e medo por alguém que a livrasse, e, naturalmente, o meu amigo correu em sua ajuda. Imaginai a sua surpresa quando no momento em que tentou separar os dois, a mulher virou-se contra ele e começou a bater-lhe furiosamente enquanto lhe pedia para deixar de atacar o marido. Ora, ela não era louca nem estava embriagada. Ela estava simplesmente agindo, não pela razão ou bom senso, mas pelo instinto cego e receava que o único marido que ela conhecia, e que era o seu meio de sustento e apoio, estivesse em perigo de lhe ser tirado. Ele era uma parte da sua vida e temia perder essa vida.

Novamente, isso ajuda a explicar a diferença entre uma religião popular e a verdadeira religião de Jesus Cristo e, ao mesmo tempo, mostra como as duas podem parecer quase idênticas. Vejamos, antes de tudo as semelhanças. Tanto a falsa como a verdadeira condenam o pecado. Mesmo que vão tão longe ao ponto de ensinar que a lei foi abolida, continuam ainda assim a pregar contra o adultério, o homicídio e assim por diante. Tanto a falsa como a verdadeira declaram que Jesus Cristo é a única resposta para o problema. A religião moderna fará os mais comoventes apelos para que recebam Jesus Cristo no coração, para que Lhe entreguem toda a vida, e façam d'Ele o único verdadeiro marido.

Ambas pregam a partir da mesma Bíblia, cantam os mesmos hinos, e compartilham a mesma esperança da Sua segunda vinda. Ambas ensinam que não há debaixo do céu outro nome senão o de Jesus Cristo para salvação. Assim, podíamos continuar a listar ponto por ponto onde o falso e o verdadeiro são idênticos, ou quase assim.

Ao mesmo tempo há diferenças, algumas das quais são suficientemente importante para criar um grande número de movimentos separados ou igrejas.

Estas diferenças são principalmente superficiais, até chegarmos à diferença que, ao ser claramente compreendido, na verdade, expõe a verdadeira natureza da divisão entre a falsa e a verdadeira religião.

Na falsa, nunca será encontrado o pleno, claro ensinamento que a velha vida deve ser tirada do indivíduo antes da nova vida poder entrar. Satanás não se importa quanto o ouvinte possa ser exortado a receber Cristo na vida, desde que não seja ensinado que o diabo e os seus filhos têm em primeiro lugar que ser tirados. Uma religião assim é muito aceitável para o diabo, porque ele sabe que ninguém que acredite nela jamais encontrará libertação do seu poder, e é uma religião mundialmente aceitável, pois parece ser um caminho pelo qual se pode manter a velha vida e ter também a nova.

Aquilo que a moderna religião faz é convidar para receber o novo marido Jesus Cristo na vida e partilhá-lo com o diabo. Esta religião em seguida propõe que a solução do problema do pecado reside no facto de ter dois maridos espirituais ao mesmo tempo. Isso não é nada menos do que adultério espiritual, que é uma versão pior deste pecado do que a física.

Evidentemente, se os acusardes disso negá-lo-ão categoricamente, expressando horror só de pensar nisso. Bem pode ser que eles estejam completamente inconscientes da verdadeira natureza da doutrina que estão ensinando, mas isso não altera a natureza e o resultado dela. A sua doutrina é realmente um ensinamento onde estão a exortar e admoestar os seus ouvintes para entrar numa relação de adultério espiritual com Jesus Cristo. Isto não só é a coisa mais iniqua e terrível a fazer, mas é uma degradação do carácter de Jesus ao nível de um adúltero.

É compreensível que não exista o mínimo de salvação numa tal doutrina, por algum tempo, do ponto de vista dos homens, tal relação de adultério espiritual é inteiramente aceitável, mas para Cristo muito certamente não é. Poderíeis vós alguma vez imaginar o Cordeiro imaculado de Deus entrar num relacionamento como este?

Nunca!

Embora Ele deseje muito ter-vos como Sua noiva, nunca renunciará ao mais pequeno princípio para o fazer. Primeiro o antigo marido e os seus filhos têm de partir. Isto é imperativo e Cristo não Se afastará nem pela grossura de um cabelo deste princípio. Então, e só então poderá haver uma nova relação e um novo casamento. Quão vital é este facto e, no entanto, infelizmente quão esquecido e perdido de vista. Possa o Senhor abrir os olhos do nosso entendimento para vermos isso e dar-nos a fé para agarrar a sua maravilhosa realidade.

A Verdadeira Honestidade

Neste ponto, temos de considerar a questão do que é realmente a verdadeira honestidade, porque: “Toda alma verdadeiramente sincera [honest] virá à luz da verdade.” *O Grande Conflito*, 521.

Aqui está um testemunho que tem intrigado muitos de nós durante muito tempo por esta razão. Temos encontrado muitas pessoas que são, aparentemente, de facto muito honestas. Elas são-no especialmente quanto a pagar as suas dívidas, nunca defraudam ninguém, e são cuidadosas para não enganar ninguém. Naturalmente espera-se que estas sejam as mais seguras a aceitar a mensagem quando esta lhes é apresentada. No entanto, para nosso maior espanto e decepção, podem ser aquelas que mais vigorosamente lutam contra ela. Isto significa que o testemunho é falso, ou significa que ainda temos que aprender um pouco melhor de como avaliar a honestidade? Satanás tem a sua falsificação disto tão certamente como de qualquer outra parte da mensagem do evangelho.

Isto não deve ser interpretado no sentido de que a honestidade não envolve o fiel e exacto pagamento das dívidas, mas significa que podemos fazer tudo isso e, no entanto, não conseguirmos ser verdadeiramente honestos.

Aqui está uma situação que ajudará a esclarecer o assunto. Um certo rapaz é excepcionalmente desregrado e indisciplinado para crescente grande preocupação da sua mãe. Ela teme que logo caia no braço forte da lei com lamentáveis consequências. Todos os apelos e esforços da sua parte têm falhado, procura um conselheiro e conta-lhe as tristes histórias das actividades do filho.

O conselheiro escuta seriamente e com atenção o problema e depreende que a mulher honesta procura uma solução. Aqui reside o seu erro. O que ela está realmente procurando é uma garantia de que o seu filho não é, afinal, tão mau. Se o conselheiro que ela escolheu lhe dissesse que o filho estava apenas a passar por uma fase passageira do seu crescimento, e que embora ele possa entretanto causar algum dano e até mesmo transgredir a lei, não havia necessidade para preocupação, porque no final, ele sairia da experiência e assentaria, ela teria ficado muito feliz e acabaria a pensar nele como um bom conselheiro.

Todavia ela pediu-lhe o seu conselho e por isso ele o dá honestamente. Ele começa por concordar que o filho é certamente o pior jovem da cidade, e que, se ele não for reformado do seu mau e destruidor caminho, então com certeza acabará na prisão e pode desenvolver-se num criminoso

habitual. Ele diz isso sem rancor ou amargura, numa abordagem calma e objectiva. Aqui está um problema, enfrentemo-lo, e reconheçamos a sua existência, se alguma vez pretendemos resolvê-lo. Esta é a abordagem dele.

Neste ponto, onde o conselheiro começa a avaliar objectivamente o problema por aquilo que este realmente é, um olhar de temor aparece no semblante dela. Sem esperar para ouvir mais, ela apressa-se a assegurar-lhe que o filho não tem um coração mau. Ele tem muita energia e entusiasmo, e algumas companhias a que se juntou não são as melhores. Assim, precipitadamente ela continua. O conselheiro, a menos que seja experimentado no funcionamento da mente humana, maravilhar-se-á com essa súbita mudança de atitude.

Aqui está o verdadeiro teste da honestidade. Essa mulher não era honesta. Ela permitiu que o seu instinto assumisse o comando da razão de maneira que a lei da auto preservação teve permissão para tomar ascendência sobre a verdade e a rectidão. Isto não é a honestidade e muitas pessoas caminham para a perdição eterna por não estarem preparadas para enfrentar os factos como eles são e reconhecer, mesmo nos familiares mais próximos, as coisas exactamente como elas são.

A mesma coisa é verdadeira nos relacionamentos na igreja. Mais de uma vez, fui convidado para visitar lares de membros da igreja onde há um desejo expresso de ouvir a mensagem. Em particular, querem entender o que resolverá a apostasia prevalecte e estão ansiosos para ouvir o que eu tenho a dizer. Eu encontro-os com a mente cheia de angústia sobre as condições na igreja, quando contam uma história longa sobre os muitos males que estão surgindo na organização. Eu escuto até estar convencido de que estão prontos para a verdade sobre a separação da organização decaída. No entanto, tenho o cuidado de não dizer nada sobre os males da igreja, mas basta abrir a Palavra da profecia e mostrar-lhes que isto é exactamente o que aconteceria e que a igreja, de acordo com a segura palavra de Deus, está acabada.

Agora vem o choque. De repente, e completamente contrário à sua posição, tornam-se intensamente leais e defensores da igreja. Esquecem completamente todas as coisas más de que estavam falando e, subitamente, não é possível a igreja cometer erros. A partir desse momento sois transformados, aos seus olhos, na pior pessoa no mundo e nunca mais vos querem ver.

Isto não é honestidade.

Trata-se duma tentativa de protecção própria. Se ao menos os que estão procurando salvar dessa maneira a sua vida, pudessem ver que essa é a própria maneira de perdê-la, veríamos muitos crentes mais estabelecidos na verdadeira igreja de Deus. Se há uma coisa que faz com que um homem perca o respeito dos outros é isso mesmo. Da mesma forma é a própria coisa que fará com que as portas do Céu sejam fechadas contra nós para sempre.

O preço que temos de pagar pelo reino é pesado. Realmente isso exige tudo o que temos. Nesta ilustração de *Romanos 7:14*, a mulher tem um marido a quem ela está unida e tem toda uma família com filhos fortes e robustos. Ela quer o novo marido, com certeza, mas olhai o preço! Colocai-vos na posição desta mulher, e senti a dor e a angústia que ela deve sofrer para ganhar o novo marido.

Semelhantemente, ser o cristão que desejamos ser significa que tudo aquilo que foi adquirido durante a vida inteira tem de ser abandonado e fazer um começo totalmente novo. Para muitos, isso é muito, o preço é demasiado elevado.

No entanto, quando se pensa no assunto, o que há no antigo casamento que valha a pena manter? Por comparação, não há nada. Então, deixai tudo. O novo marido tem coisas melhores do que o velho poderia oferecer e para sempre também. Com franqueza e honestidade confessai a natureza do mal, o marido espiritual que tendes, declarando junto com ele o vergonhoso carácter dos filhos desse casamento. Reconhecei que todos estão condenados à morte e entregai-os à lei que aguarda para executar a sentença. Depois deixai o Salvador entrar, e Ele fará em vós um novo começo de uma vida de alegre satisfação e felicidade.

O único caminho para a vida é a morte. Não há nenhuma outra maneira senão essa.

Vós não podeis ter dois maridos ao mesmo tempo, deixai a lei executar a pena e, em seguida, sobre as ruínas, deixai o novo marido construir um novo lar eterno e muito melhor para vós.

E não vai ser um lar vazio sem filhos. Este novo casamento dará sempre muito fruto na construção de um lar vivo pleno da alegria da felicidade e filhos bons enchendo os nossos dias com as boas obras da justiça do Pai. Embora a cruz da crucificação do antigo marido e dos seus filhos seja difícil de tomar, porém feito isto, quando o deixamos partir e permitimos ao Senhor realizar isso, vem uma sensação de alívio abençoado como nunca pensámos ser possível e no vazio das câmaras do coração virá a alegria da presença do verdadeiro marido e seus filhos. Então surpreendemo-nos por ter mantido o antigo marido tanto tempo e nunca mais queremos voltar à sua dura servidão.

Mas lembrai-vos que, para obter a verdadeira força da lição que esta passagem de *Romanos* pretende ensinar, nunca devemos esquecer que, se não houver filhos justos, não haverá qualquer actividade justa ou boas obras, e para ter filhos justos, tendes de ter o marido certo, o qual nunca podereis ter até que tenhais sido libertados do pai injusto dos filhos da injustiça cuja presença é sempre manifesta em más obras. Esta é a situação. Se entendeis isto, então podeis tê-lo em conformidade.

Capítulo 12

Carnal Versus Humano

Antes de prosseguir neste estudo sobre viver em rectidão e como alcançá-lo, será necessário esclarecer um determinado ponto, de modo a fornecer uma salvaguarda contra a possibilidade da mensagem ser mal compreendida. É importante que este ponto seja claramente explicado, pois, caso contrário, haverá alguns que podem muito bem ser desencorajados no caminho e, assim, serem mais prejudicados do que ajudados.

O problema decorre do facto que, uma vez nascidos de novo, não deixarão de ser seres humanos dotados com a liberdade de escolha e com o poder de pôr em prática essas escolhas. Isso significa que qualquer cristão que na hora da tentação escolha pecar é livre de o fazer. A prova de que isso é inteiramente possível é fornecida com a queda de Lúcifer, um terço dos anjos do Céu, e Adão e Eva, que escolheram passar da justiça para o pecado. Se ignorarmos estes factos, é inteiramente possível ter exageradas expectativas da mensagem.

Ajudará todos a compreender melhor as verdades da salvação, quando se percebe que a situação que temos estudado até agora é aquela em que uma pessoa encerrada na escravidão do pecado é libertada da servidão. Até certo ponto, essa pessoa foi devolvida à mesma situação como a de Adão e Eva antes de caírem. Isto é, eles precisavam ser protegidos de entrar num estado de pecado, em vez de serem salvos de estar num estado de iniquidade.

Não deve ser difícil para todos compreender como um tal problema poderia afirmar-se. Considerai o facto de que nesta série tem sido repetidamente salientado que não há solução possível para o problema do pecado que não a erradicação da velha natureza, e a sua substituição pela nova. Isso tem sido salientado em termos diferentes, tais como o pensamento de que não é tentando mas morrendo que a vitória é adquirida; que devemos tornar-nos árvores boas antes de podermos fazer o bem; que o antigo marido deve destituído e morto antes que possa haver qualquer possibilidade de casamento com o novo marido, Cristo Jesus.

A partir de uma incompleta compreensão desses factos, alguns tiraram conclusões de que esta mensagem ensina que é impossível para os que nasceram de novo voltarem a pecar. A minha resposta a isso é, que isto é esperar demais da mensagem, a qual não torna uma pessoa incapaz de pecar, mas coloca-a na posição em que ela é capaz de não pecar, sem a privar do poder para pecar se o quiser fazer.

O raciocínio que leva à ideia errada de que seria impossível os que se tornaram novas criaturas em Cristo Jesus pecar mais, baseia-se em factos e os factos são os seguintes:

Até à erradicação da antiga mente carnal, estamos cheios de maus desejos e impulsos que estão em harmonia com as tentações vindas do exterior, mas com a expulsão da natureza má, não há resposta no interior, e, portanto, nenhuma possibilidade de pecar. Isso significa que, *por natureza*, anteriormente fazíamos as coisas más da injustiça, assim, *por natureza*, agora, fazemos o oposto das coisas que costumávamos fazer.

Todos nós sabemos por experiência quão naturalmente fazemos as coisas erradas. Nós nunca tínhamos de decidir que ficaríamos irritados e nos enfureceríamos. Isso acontecia tão naturalmente e espontaneamente e era uma força tão forte que, mesmo depois de termos resolvido nunca mais permitir que essas explosões ocorressem novamente, aconteceu a mesma coisa. Agora nós verificamos que, enquanto antes de termos sido libertados do controlo do poder e presença do senhor

do pecado, era natural e espontâneo perder a paciência, esperamos que seja semelhantemente tão natural manifestar um espírito manso e humilde.

Considerai o espinheiro como é usado para apoiar este ensinamento. Enquanto ele permanecer no vosso jardim, não há esperança alguma de colher bons frutos. Mas, se por outro lado é substituído por uma árvore boa, o último é igualmente incapaz de produzir frutos maus. Não há qualquer mistura. É inteiramente uma ou a outra.

Há algumas Escrituras que são usadas para apoiar esta mensagem da liberdade absoluta de todos os pecados dos quais as seguintes são exemplos:

“Muita paz têm os que amam a tua lei, e para eles não há tropeço.” *Salmos 119:165*.

“Os que se tornaram novas criaturas em Cristo Jesus, produzirão os frutos do Espírito — ‘amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio’. Gálatas 5:22-23. Não se conformarão por mais tempo com as concupiscências anteriores, mas pela fé do Filho de Deus seguirão as Suas pisadas, refletir-Lhe-ão o caráter e se purificarão, assim como Ele é puro. As coisas que outrora aborreciam, agora amam; e aquilo que outrora amavam, aborrecem agora. O orgulhoso e presunçoso torna-se manso e humilde de coração. O vanglorioso e arrogante torna-se circunspecto e moderado. O bêbado torna-se sóbrio e o viciado, puro. Os vãos costumes e modas do mundo são renunciados.” *Caminho a Cristo, 58*.

“Um homem sadio, que está em condições de atender às vocações da vida e que, dia após dia, se dedica ao seu trabalho, com espírito alegre e uma saudável corrente de sangue em suas veias, não chama a atenção de todos aqueles a quem encontra para a sanidade de seu corpo. Saúde e vigor são as condições naturais de sua vida e, portanto, ele raramente se lembra de que está no gozo de tão rico dom.

“Assim se dá com o homem verdadeiramente justo. Ele anda inconsciente de sua bondade e piedade. O princípio religioso tornou-se o motivo de sua vida e conduta, e é-lhe tão natural produzir frutos do Espírito como para a figueira produzir figos ou a roseira carregar-se de rosas. Sua natureza está tão inteiramente imbuída do amor a Deus e ao próximo, que faz as obras de Cristo com espírito voluntário.” *Santificação, 13*.

É verdade que, uma vez substituída a antiga mente carnal pela natureza divina, nos tornamos novas criaturas em e através de Cristo Jesus. Como novas criações, ficamos transformados na natureza, e, em muitas áreas, perdemos toda a resposta ao pecado. Novos interesses substituem aqueles que lá estavam anteriormente, e a vida se torna muito diferente do que era antes. Mas, a menos que essa mudança ocorra, nunca podemos chamar-nos, cristãos, nem nunca seremos capazes de fazer a vontade de Deus.

O Factor Humano

Porém, isso não significa que deixamos de ser seres humanos, com todos os afectos, paixões e apetites de um ser humano.

O cristianismo não faz uma pessoa ser não-humana, mas em algo muito mais humano.

Na verdade, em alguns aspectos tornar-se um cristão fará realmente alguns destes aspectos da nossa natureza mais fortes e mais sensíveis. É dito nas Escrituras, por exemplo, que, nos últimos dias, haverá uma geração má que será “sem afeto natural.” *2 Timóteo 3:3*. Se a maldade priva a pessoa da afeição natural, então, conclui-se que o recebimento da vida de Deus na alma restaurará a afeição natural ao seu próprio poder e lugar.

Assim é na questão de apetite. Quando o homem apareceu pela primeira vez na Terra como um produto perfeito, sem pecado da capacidade criativa de Deus e do Seu poder, o Senhor deu-lhe um apetite natural saudável pela boa comida, e que comida maravilhosa era essa!

Na queda, os homens pecaminosos desenvolveram apetites pervertidos que são destrutivos para a saúde e inteligência humana. O evangelho foi introduzido na cena activa a fim de recuperar o que foi perdido por causa do pecado, para que, quando a pura justiça de Cristo for estabelecida no interior do

crente, ele passe a possuir um forte desejo de desenvolver um apetite saudável pelo simples, natural, alimento sustentador da vida.

Da mesma forma, o Senhor deu ao homem as paixões, que é outra maneira de dizer que Ele lhe deu certos desejos, o cumprimento dos quais, no lugar certo e para o seu propósito divinamente ordenado, são para o bem, bênção, saúde e felicidade da raça humana. Estes o Senhor também não tira.

E tal como estes, existem os sentimentos e as respostas naturais do ser humano a determinadas situações específicas. Nós respondemos a algumas destas com um sentimento de tristeza, a outras com decepção, mais uma vez haverá um sentimento de frustração quando vemos goradas as esperanças e aspirações arruinadas. Nós conheceremos a alegria e prazer na beleza e na comunhão juntos. Alegrar-nos-emos com os que se alegram e choraremos com os que choram, e comungaremos com aqueles que partilham as mesmas verdades divinas, e as esperanças que lhes assiste. Não é pecado ser sensível e responsivos a todos esses sentimentos.

Contudo, eles podem levar ao pecado, e o diabo sabe como usá-los a todos para sua vantagem na sua determinação para nos tentar a pecar. Na verdade foi por meio desses mesmos caminhos que ele conseguiu provocar a queda dos nossos primeiros pais. Na sua abordagem a Eva e depois a Adão, ele não podia encontrar nenhum mal através do qual pudesse apelar, pois eles eram um produto perfeito, sem pecado do poder criador de Deus, ainda assim ele podia tentá-los tão convincentemente que eles foram levados a pecar.

Assim também Lúcifer era impecavelmente perfeito quando a tentação veio a ele. Até ao momento em que ele respondeu aos maus pensamentos de rebelião, e caiu em tentação, tinha um carácter perfeito. Mas ele foi tentado e vencido pela tentação. Estes exemplos confirmam que ninguém tem que ser pecaminoso em si mesmo antes de poder sofrer a tentação e ser vencido por ela, desde que escolha ceder aos seus argumentos e poder. Homens e mulheres justos têm caído em pecado.

Mas como pode ser isto? O que faz com que as acções de um ser perfeitamente sem pecado possam ser pecaminosas?

A resposta é que as acções de uma pessoa verdadeiramente justa se tornam pecadoras quando aquelas acções, pela satisfação dos seus desejos naturais, paixões, afeições e sentimentos são obtidas na hora, lugar e forma errada. Isso pode acontecer a qualquer um, e tem, na verdade, acontecido a todos, seja com aqueles que têm o sangue e a carne sem pecado, como Lúcifer, os milhões de anjos que caíram com ele, e Adão e Eva, ou todos aqueles que estão amaldiçoados com a carne e o sangue pecaminosos, que inclui todos os caídos filhos de Adão e Eva, sejam eles verdadeiramente convertidos, crentes nascidos de novo ou não. Ninguém ao tornar-se um cristão verdadeiro, de quem a mente carnal foi erradicada, se liberta dessa carne e sangue.

Portanto, o facto de que o cristão já não tem as respostas da mente carnal que podem ser definidas como ódio, rancor, ira, luxúria, orgulho, inveja, entre outros, nem os ferozes e sequiosos apetites por coisas como a nicotina e o álcool, não deve ser entendido que não possa mais ser tentado pelo diabo. O facto é que, enquanto o diabo viva, nós podemos e seremos poderosamente tentados por ele a cometer pecado, porque o diabo é o maior de todos os especialistas na arte de transformar o que é inocente e puro em impureza pecaminosa.

Para compreender isto um pouco melhor retornemos à experiência de Adão e Eva no Jardim do Éden. Este exemplo é de especial valor para nós, pois sabemos que eles eram, de facto, um par sem pecado, em quem não havia traço algum da propensão pecaminosa como a que se encontra nas almas não convertidas, que têm a mente carnal. Portanto, o diabo teve que encontrar algum outro acesso à cidadela das suas almas que não através da mente carnal, um feito que ele executou com sucesso. A pergunta é, como é que ele alcançou a sua vitória; o que encontrou ele para apelar neles para chegar a um tal assinalável sucesso?

Ele foi capaz de derrubá-los separando o funcionamento dos seus apetites, paixões, afeições do controlo rigoroso do supremo poder da razão. Eles tinham que aprender que o caminho da vitória

para eles poderia ser mantido apenas enquanto mantivessem as naturais, mas poderosas forças, obedientes aos rigorosos princípios de operação.

“O homem deveria ter a imagem de Deus, tanto na aparência exterior como no carácter. Cristo somente é a ‘expressa imagem’ do Pai (Hebreus 1:3); mas o homem foi formado à semelhança de Deus. Sua natureza estava em harmonia com a vontade de Deus. A mente era capaz de compreender as coisas divinas. As afeições eram puras; os apetites e paixões estavam *sob o domínio da razão*. Ele era santo e feliz, tendo a imagem de Deus, e estando em perfeita obediência à Sua vontade.” {PP 18}, *Patriarcas e Profetas*, 45.

A verdade importante contida nesta declaração é a que afirma que os apetites e paixões de Adão estavam sob o domínio da razão, isto é, sob o controlo da razão de Adão. Deus, com infinita sabedoria, fez o homem à Sua semelhança, e dotou-o com maravilhosos poderes, que continha a promessa de infinitas bênçãos sob condição de obediência, ou o potencial para ilimitado sofrimento e perda caso falhassem em usar esses poderes de acordo com a lei. Todos os poderes, incluindo o poder do amor são uma grande bênção ou uma terrível maldição. Sem dúvida que estais familiarizados com a afirmação de que o fogo é um maravilhoso servo, mas um mestre terrível. O fogo serve-nos bem enquanto é mantido sob rigoroso controlo. Deus providenciou este poder para a bênção do homem, mas o uso e o controlo desse poder é da responsabilidade do homem. Assim, Deus dotou o homem com apetites, paixões e afeições que são poderes investidos no homem para sua bênção e benefício mas, se não estiver controlado pelo homem, o utilizador, certamente destruirá a bela criação e o homem com ela.

Deus, naturalmente poderia ter mantido o controlo absoluto do homem e da natureza nas Suas mãos, mas isso teria privado a humanidade da gloriosa liberdade que faz com que o reino de Deus seja tão desejável para habitar. A espécie humana teria sido uma raça de meros autómatos sem qualquer poder de pensar ou de escolher. Evidentemente, se isto tivesse sido o melhor que Deus pudesse ter planeado e colocado em operação, então, é o que Ele teria dado aos seres criados à Sua própria imagem, à Sua própria semelhança.

Mas o amor infinito de Deus para com o homem, a obra suprema do Seu maravilhoso poder criador, só ficaria satisfeito dando aos Seus filhos nada menos do que o melhor que Ele poderia produzir que era um nível de excelência muito acima de meros autómatos. Ele desejava ter um mundo cheio de nobres seres inteligentes com carácter de tal força em quem se pudesse confiar para consistentemente tomar as decisões certas em todos os tempos e lugares.

Ao mesmo tempo, eles devem ser absolutamente livres para decidir não fazer a escolha certa se assim quisessem. A obediência não devia ser imposta sobre eles, ou exigida deles, mas eles a deviam dar livremente.

Este testemunho é, de facto, claro e simples, e declara a situação como foi para Adão no Jardim do Éden. Não foi um erro da parte do Criador, porque ao fazer o homem, tal como todas as outras criaturas, fê-los de facto com perfeita liberdade. “Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente, sereis livres.” *João 8:36*.

Deus dota-nos com estes poderes. Eles são-nos dados para nosso benefício e bênção, e somos perfeitamente livres de usá-los conforme queremos. Mas é um simples facto de que tudo na vida é uma bênção se usado correctamente, mas torna-se uma maldição e uma destruição se usado de forma errada. Estamos familiarizados com a afirmação de que o fogo é um servo bom, mas um mau senhor.

E Satanás sabia disso e foi assim que ele abordeou Adão no Jardim e orientou as suas subtis tentações para a queda dos nossos primeiros pais. Tendo assegurado para si a fidelidade de Eva, fazendo-a perder o controlo e redireccionar a paixão da sua ambição de ser semelhante a Deus, que na sua esfera e lugar certos era um espírito e uma ambição santificada, o diabo então usou Eva como meio para derrubar Adão. Imediatamente, ela se tornou um agente do diabo muito eficiente.

“Em um estado de exaltação estranha e fora do natural, com as mãos cheias do fruto proibido, procurou a presença dele, e relatou tudo que ocorrera.” {PP 27}. *Patriarcas e Profetas*, 56.

Naturalmente, isto surpreendeu Adão com a terrível constatação de que aquilo que o Senhor advertira que não fosse feito tinha acontecido e que ele estava prestes a perder a sua bela e amada esposa. Todos os poderes do seu natural e muito bom afecto pela sua companheira dado por Deus, surgiu fortemente dentro dele e tanto mais sob a ameaça de perder a sua bela companheira de casamento.

“Uma expressão de tristeza sobreveio ao rosto de Adão. Mostrou-se atônito e alarmado. Às palavras de Eva replicou que isto devia ser o adversário contra quem haviam sido advertidos; e pela sentença divina ela deveria morrer. Em resposta insistiu com ele para comer, repetindo as palavras da serpente, de que certamente não morreriam. Ela raciocinava que isto deveria ser verdade, pois que não sentia evidência alguma do desagrado de Deus, mas ao contrário experimentava uma influência deliciosa, alegre, a fazer fremir toda a faculdade de uma nova vida, influência tal, imaginava ela, como a que inspirava os mensageiros celestiais.” {PP 27}, *Patriarcas e Profetas*, 56.

Porém, Adão não foi enganado como foi a sua esposa. Isto é tornado muito claro nas Escrituras.

“E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão.” *1 Timóteo* 2:14.

Ele sabia o que tinha acontecido e ele sabia que a sua amada esposa devia morrer e ser totalmente e eternamente separada dele. Portanto, ele não foi enganado pensando, como ela, que tudo isto foi para os levar a uma mais elevada e mais gloriosa experiência. A sua tentação foi de uma estrutura diferente daquela pela qual a serpente enganou Eva. Em vez de tentar enganar Adão, o diabo exibiu perante ele o terrível custo da continuação da obediência. Essa perda era aquela a quem ele amava muito. Portanto, quanto maior fosse esse amor que Deus havia dado e estava em Adão, por Eva, mais poderosa se tornou a tentação de Adão para pôr de lado toda a lealdade ao seu Pai celestial.

“Adão compreendeu que sua companheira transgredira a ordem de Deus, desrespeitara a única proibição a eles imposta como prova de sua fidelidade e amor. Teve uma terrível luta íntima.

“Lamentava que houvesse permitido desviar-se Eva de seu lado. Agora, porém, a ação estava praticada; devia separar-se daquela cuja companhia fora sua alegria. Como poderia suportar isto? Adão havia desfrutado da companhia de Deus e dos santos anjos. Havia olhado para a glória do Criador. Compreendia o elevado destino manifesto à raça humana, se permanecessem fiéis a Deus. Todavia, estas bênçãos todas foram perdidas de vista com o receio de perder ele aquela única dádiva, que, a seus olhos, sobrepujava todas as outras.

“O amor, a gratidão, a lealdade para com o Criador, tudo foi suplantado pelo amor para com Eva. Ela era uma parte dele, e ele não podia suportar a idéia da separação.” {PP 27}, *Patriarcas e Profetas*, 56.

A intensidade da luta produzida dentro do puro e imaculado Adão neste momento só pode ser medida pela enorme força do seu amor e afeição dada por Deus para com Eva. Quanto mais forte fosse esse amor, tanto maior era a pressão para ceder à tentação de Satanás. Ou escolhia manter essa afeição e amor sob o controlo da razão, ou cederia à terrível tentação de sacrificar a sua lealdade a Deus e à Sua justiça.

Satanás foi naturalmente determinado para exercer pressão suficiente sobre ele para levá-lo a fazer a escolha errada. Mas, para ser bem-sucedido, o inimigo tinha de encontrar algo em que Adão que lhe desse a vantagem.

Mas, não havia nada carnal ou maligno que ele encontrasse nele, como existe no homem decaído que o diabo pudesse chamar à vida para produzir o fruto da desobediência. Nem ele estava enganado quanto à natureza da tentação. Portanto, a única coisa nele a que o diabo poderia recorrer era o que em si era justo e bom, mas que poderia ser transformado em mal e errado. Ele moldaria as circunstâncias e interpretaria as questões, de modo que Adão tivesse que realinhar o seu senso de valores de maneira a tornar Deus aos seus olhos cada vez de menor valor, e a sua própria posição e autoridade cada vez maior. Se isto não pudesse ter sido feito a uma pessoa justa, Satanás nunca teria tentado sobre Adão, e se ele ainda assim o fizesse, certamente não teria alcançado o sucesso que conseguiu.

É evidente pela queda dos nossos primeiros pais como foi com os anjos caídos antes deles, que não é preciso haver mal algum interior através do qual possa ser tentado e vencido pelo pecado. Há muitos sentimentos genuínos pelos quais o inimigo pode tentar e penetrar as nossas defesas e assim derrubá-las.

Não importa o quão forte e resistente e longa a nossa experiência cristã possa ser, haverá sempre em nós os desejos e necessidades normais da vida humana. Estaremos sujeitos a sentimentos de tristeza e decepção. Haverá a pressão do desânimo sobre nós e a frustração dos nossos planos e as nossas esperanças e ambições. Seremos submetidos ao ridículo e perseguição, e isto manifestará em nós reacções e sentimentos que será uma verdadeira prova para nós, mas essas reacções são naturais e não pecaminosas, a menos que sejam autorizadas a cumprir a vontade de Satanás para nos fazer perder a confiança no Senhor.

Mas o diabo fará o seu melhor para nos fazer sentir que estas coisas são pecaminosas em si mesmas, e se nós não entendemos os princípios envolvidos, ele pode causar-nos desnecessariamente perplexidade e tristeza de coração, e o resultado será que cairemos em pecado, especialmente quando a desgastada e cansada carne humana é tentada a protestar contra o abuso que está a sofrer.

Muito mais pode ser dito sobre este assunto e à medida que esta série de estudos continue, esta questão tornar-se-á cada vez mais clara. Por agora, como regra geral, podemos compreender e esperar que as coisas que são a expressão dos desejos da mente carnal são totalmente e completamente erradicadas e removidas da vida, de modo que ali não existe mais a sua presença. Essas coisas estão na categoria de orgulho, ódio, malícia, amargura, rebelião entre outras. Também aqui são os problemas da dependência de determinados desejos prejudiciais, tais como da nicotina e do álcool. Tudo isto, o Salvador removerá e substituirá com atributos opostos.

Todavia, por outro lado, as respostas naturais que surgem sob estímulos permanecerão no campo dos apetites, paixões e afeições naturais. O diabo sabe disso, e sabe também que estas são forças poderosas na vida. De facto, em algumas áreas, elas se tornam mais fortes à medida que a nossa experiência cristã avança. Por isso, o diabo organiza as circunstâncias para desse modo sermos poderosamente tentados a perder a fé em Deus ou para satisfazer os desejos naturais da vida de forma errada.

Portanto, conclui-se que o início da vida cristã, na realidade, não significa o fim da tentação. Isto é comprovado pelo facto de que Adão e Eva no jardim do Éden foram poderosamente e com sucesso tentados, e se eles puderam ser vencidos quando estavam na sua força espiritual, intelectual e física total, então, quanto mais certamente, podemos nós mesmo depois de ter nascido de novo sofrer a tentação.

Mas não temos que nos render. Há poder suficiente para nos tornar capazes de sair totalmente vitoriosos.

“O Salvador tomou sobre Si as enfermidades humanas, e viveu uma vida sem pecado, a fim de os homens não terem nenhum temor de que, devido à fraqueza da natureza humana, eles não pudessem vencer. Cristo veio para nos tornar ‘participantes da natureza divina’ (2 Pedro 1:4), e Sua vida declara que a humanidade, unida à divindade, não comete pecado.” *A Ciência do Bom Viver*, 180.

Mas uma grande parte do segredo do sucesso reside na capacidade para entender a diferença entre a mente carnal e a natureza humana, e lidar com cada tipo de tentação da forma adequada. A mente carnal deve ser erradicada, mas a natureza humana deve ser submetida e controlada. Por outras palavras, o velho homem tem de ser crucificado para morrer, enquanto os apetites, afeições e paixões, devem ser mantidos sob controlo rigoroso.

Capítulo 13

Fraca, Carne Pecaminosa

As diferenças entre a natureza humana e a mente carnal, como discutido no capítulo anterior, são ainda mais clarificadas no estudo da mulher e os dois maridos. Enquanto a lição predominante a ser aprendida dessa Escritura é que nunca poderemos ter o segundo marido, seus filhos, e as suas obras até o primeiro marido e os seus filhos serem tirados completamente das nossas vidas para sempre, mas a relação da natureza humana, a mente carnal, e a natureza divina são claramente explicadas nesta passagem. Um certo grau de confusão é possível nas mentes de alguns que estudam estes versículos, mas tudo isso desaparece quando as distinções tiverem sido feitas. Além disso, deve ser tomado cuidado para assegurar que não se pede que os símbolos digam mais do que originalmente devem dizer.

A mulher aqui representa o ser humano como tal, com todos os desejos, fragilidades, fraquezas e necessidades de um ser humano. A mente carnal, que evidentemente é residente em cada coração não convertido, é aqui simbolizada como algo fisicamente separado dela, ou seja, os seus filhos, o primeiro marido, enquanto a natureza divina é simbolizada pelos filhos bons que nascem através da união com o novo marido.

O uso de lições de objectivas é aqui empregado de forma a certificar que compreendemos realmente as distinções entre cada um dos elementos envolvidos nas operações do pecado e da justiça. Temos que compreender que o pecado não é uma função do organismo humano, mas algo que habita nele e domina sobre ele, usando-o como instrumento para o cumprimento dos seus próprios desejos e propósitos maus.

A referência ao capítulo oito mostrará que ali é usado o mesmo método. Desta vez a mente carnal é simbolizada pelo senhor dos escravos do Egito, que estava fora dos corpos dos israelitas, e os governava e dominava, assim como a mente carnal habita no corpo do indivíduo e seguramente governa totalmente sobre ele.

Quão adequadamente a ilustração do casamento aqui demonstra certas verdades maravilhosas na matéria da salvação do pecado! Quando Satanás veio a este mundo ele estava no ponto em que todos os esforços para perpetuar a sua iniquidade em todo o Céu e mundos não caídos tinham sido frustrados e não havia mais nada para ele senão a perspectiva da aniquilação eterna. Ele precisava de ter algum meio de reproduzir a vida do mal que estava nele, e na sua busca abordou o par sem pecado no Éden. Ele sabia que se pudesse plantar a semente do mal do espírito e natureza da sua própria rebelião na família humana, então ter-se-ia reproduzido a si próprio e ao mesmo tempo alargaria o seu reino.

O sucesso teria fornecido uma base a partir da qual operar na sua procura de supremacia universal, e argumentos em favor do seu reconhecimento e aceitação nessa posição. E ele conseguiu. Mas notai quão essencial era haver um ser humano cooperando no esquema antes de poder haver sucesso.

Se há uma coisa que a humanidade procura hoje é a imortalidade. Cada homem está à procura da perpetuação do seu nome. No Antigo Testamento, era sempre encarada como uma severa punição se o nome de um homem fosse destruído da Terra. Eu conheço um homem cujos irmãos tinham gerado apenas filhas. Quando ele casou, o primeiro de vários filhos eram meninas e houve uma crescente e muito real preocupação quanto à continuação do nome da família. Finalmente, para grande alívio de

todos os envolvidos, o quarto filho era um menino que foi a partir de então conscientemente considerado e, muitas vezes referido como o único perpetuador do nome da família.

Mas para aquele jovem continuar o nome da família tinha de encontrar uma mulher através de quem pudesse reproduzir-se. Caso contrário, o nome pararia nele e isso era o fim da linhagem. Assim aconteceria com Satanás. Ele tinha de ter “a mulher” através de quem reproduzir o seu próprio mau carácter e, desse modo, continuar “o nome da família.” Estes factos deviam expor o papel que Satanás tem atribuído à família humana na sua determinação para obter a sua cooperação na consecução dos seus objectivos totalmente egoístas.

Ao mesmo tempo, Cristo, o divino Esposo, está a tentar fazer-nos cumprir o Seu propósito de reproduzir-se espiritualmente na natureza humana de cada pessoa viva sobre a Terra. Assim, tanto o Senhor da vida como o príncipe do mal precisam da humanidade para se reproduzirem.

Pode considerar-se que Deus pode fazer um trabalho de criar directamente pessoas cheias de justiça, e isto Ele fez na criação dos anjos e dos nossos primeiros pais. Todavia, Deus tinha decretado que o povoamento da Terra antes e depois da queda seria realizado através da aplicação das leis da reprodução. Foi uma solução que Satanás também viu que poderia usar com grande vantagem, porque desse modo, também era possível ao inimigo multiplicar-se numa incrível extensão.

Então, se pudermos ter claro nas nossas mentes a natureza exacta do simbolismo neste estudo, seremos, por isso, capazes de aprender a mensagem que o Senhor destina para nós por intermédio do Apóstolo Paulo.

A mulher, como temos visto até agora, simboliza a nossa natureza humana, e até aqui, temos vindo a estudar as grandes mudanças que vêm ocorrendo na sua vida. Vimos que o antigo marido, simbolizando o diabo, é retirado juntamente com os seus filhos do mal. Esses filhos do maligno que foram identificados como sendo a mente carnal, o espírito da pecaminosidade. Obviamente, esta substituição da mente carnal, como ilustrado na morte do antigo marido, representa uma enorme mudança na sua vida.

Agora é tempo de olhar e ver o que não foi alterado e o que isto significa para nós na nossa experiência cristã. É tão importante entender o que não foi alterado por meio da conversão como o que foi alterado. Sem compreender esta distinção, não seremos capazes de interpretar correctamente as nossas reacções a determinadas situações, nem saber como lidar com essas situações. A consequente confusão resultará em derrota e desalento.

Na ilustração, o marido foi substituído, os filhos foram mudados, mas a mulher é a mesma.

Em termos espirituais, isto corresponde à derrota de Satanás, do seu trono nos nossos corações, a erradicação da sua descendência, a mente carnal, e a continuação da natureza humana pecadora e mortal. Portanto, o antigo senhor, Satanás, foi removido da sua posição dominante sobre nós, e Cristo tomou o seu lugar. Isso significa também que a mente carnal se foi embora, e a natureza divina tomou o lugar dela. Porém, isso também significa que o organismo de carne e sangue com todas as suas fragilidades, fraquezas, e propenso ao pecado ainda continua e vai ficando até ao fim da história da vida. Somente, na vinda de Jesus será o corpo substituído por um eterno e indestrutível.

O facto de termos que viver ainda num corpo de carne e sangue, enfraquecido e degenerado por quase seis mil anos de pecado, continua a não dar absolutamente qualquer desculpa para pecar, mas é um factor que em nenhum sentido da palavra deve ser esquecido. O reconhecimento disto e da provisão para isso deve ser feito na guerra contra o pecado. Isso significa que vamos precisar sempre de confessar a pecaminosidade dessa natureza, nunca colocar qualquer confiança na carne, e estar sempre vigilante para o seu colapso.

Ao mesmo tempo, através do poder de Deus disponível para nós, manteremos o mais rigoroso controlo e inflexível disciplina caso contrário seremos desviados.

Muito apropriadas são as seguintes declarações da Palavra de Deus.

“Antes, subjugo o meu corpo e o reduzo à servidão, para que, pregando aos outros, eu mesmo não venha de alguma maneira a ficar reprovado.” *1 Coríntios 9:27.*

Uma leitura da margem lê, “mas esmurro o meu próprio corpo...” (King James Atualizada 1999), sendo o pensamento de que ele nega ao seu corpo qualquer desses desejos e anseios, que, de alguma forma, reduz a sua capacidade de desenvolver uma verdadeiramente justa, vida sem pecado. Em vez disso, ele traz todos esses impedimentos sob sujeição aos poderes superiores da mente e da sua natureza divina.

“Quando o Espírito de Deus controla a mente e o coração, a pessoa convertida entoia um novo cântico; pois reconhece que a promessa de Deus se tem cumprido em sua experiência, que sua transgressão foi perdoada e seu pecado coberto. Ele exerceu arrependimento para com Deus, pela transgressão da divina lei, e fé para com Cristo que morreu para justificação do homem. ‘Sendo pois justificados pela fé’, ele tem ‘paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo’. Romanos 5:1.

“Mas porque essa é sua experiência, o cristão não deve cruzar os braços, satisfeito com o que já conseguiu. Aquele que tem determinado entrar no reino espiritual verificará que todos os poderes e paixões da natureza não regenerada, apoiados pelas forças do reino das trevas, estão arregimentados contra ele. Ele precisa renovar a sua consagração cada dia, e cada dia batalhar contra o mal. Velhos hábitos, tendências hereditárias para o erro, lutarão para manter a supremacia, e contra isso deve ele estar sempre em guarda, lutando na força de Cristo pela vitória.” {AA 267}, *Atos dos Apóstolos*, 476-477.

Por isso, “Nenhum dos apóstolos e profetas declarou jamais estar sem pecado. Homens que viveram o mais próximo de Deus, que sacrificariam a vida de preferência a cometer conscientemente um ato mau, homens a quem Deus honrou com divina luz e poder, confessaram a pecaminosidade de sua natureza. Eles não puseram a sua confiança na carne, nem alegaram possuir justiça própria, mas confiaram inteiramente na justiça de Cristo.” {AA 267}, *Atos dos Apóstolos*, 561.

Na primeira leitura, parece que estamos aqui a citar as declarações que são a completa negação da própria mensagem proposta nas páginas anteriores deste livro. Para aqueles que não compreendem a diferença entre a mente carnal e a natureza humana, mas vêem a mulher como ilustração da pessoa como um todo e não apenas a parte humana do indivíduo, estas declarações certamente parecerão ser a contradição e a negação da mensagem até agora apresentada. De facto, quem sugere a teoria de que é impossível um ser humano ser sem pecado nesta vida, usa estas declarações como evidências para apoiar o seu ponto de vista.

Mas não há a mais pequena contradição entre as declarações e a mensagem estabelecida nestas páginas e em toda a Palavra de Deus.

O verdadeiro cristão certamente “verificará que todos os poderes e paixões da natureza não regenerada, apoiados pelas forças do reino das trevas, estão arregimentados contra ele.”

Ele certamente “confessará a pecaminosidade da sua natureza.”

De que outra forma pode ser quando a mulher não é transformada, mas é ainda a mesma mulher, para usar o simbolismo da ilustração de Paulo?

Para entender isso, vamos olhar mais atentamente as declarações acima. Observai que ele especifica qual a natureza alinhada contra nós. Será não a natureza regenerada, simbolizada pelos filhos do casamento, mas a natureza não regenerada, simbolizada pela mulher.

O que é a natureza não regenerada?

Para encontrar a resposta voltemos ao Jardim do Éden e à primeira criação do homem. Por esse tempo o Senhor deu ao homem três naturezas que, apesar de estarem todas muito intimamente interrelacionadas, são ainda três entidades distintas e separadas. A primeira destas era o mundo natural e o mundo da natureza. Em segundo lugar, era o corpo de carne e sangue, a que podemos chamar a natureza humana. Em terceiro lugar, havia a natureza espiritual, que é o carácter e a vida de Deus que estava no homem.

Todas estas três estavam na perfeição da obra das mãos de Deus no Jardim do Éden, mas quando o homem se vendeu com tudo o que tinha ao diabo, então as três com efeito foram perdidas pela humanidade que passaram a estar sob o domínio da morte. Como tal, são descritas como sendo não regeneradas, ou mortas, em cujo estado estão realmente.

É verdade que a sanção da lei ainda não foi executada, mas isso é apenas uma questão de tempo, um atraso possível pela interposição de Cristo, entre o castigo do pecado e o pecador. Não é executado agora pela simples razão de que Jesus está entre a lei transgredida e a execução da pena, a fim de dar ao homem uma segunda oportunidade para saber se vai servir a Deus ou não. Mas, entretanto, a condenação está ali e não há possibilidade alguma de escapar a essa pena. O que o evangelho oferece é a substituição da vida para aqueles que sofrem a condenação da morte. Isto, nós vimos quando o novo marido e a sua família tomam o lugar do antigo e da sua família. O que é verdade aqui é igualmente verdade em relação às outras duas naturezas.

“A sentença de morte foi pronunciada sobre todos os homens, e essa sentença será executada. Cada homem deve morrer pois que todos pecaram.

“Mas é dada a cada homem uma escolha a respeito de quando vai morrer. Cristo morreu por todos os homens. Podemos reconhecer a Sua morte, e morrer n’Ele e desse modo obter a Sua vida; ou, por outro lado, nós podemos, se quisermos, recusar a reconhecê-l’O, e morrer em nós mesmos. Mas temos de morrer. A morte passou a todos os homens e todos os homens devem morrer. A vida de todo homem está perdida, de nós mesmos não temos vida.” *Estudos Bíblicos Sobre o Livro de Romanos*, por E. J. Waggoner, página 17.

Como já salientámos antes, as religiões deste mundo procuram efectivamente oferecer-nos um escape desta penalidade. Elas procuram permitir que tenhais dois maridos ao mesmo tempo, mas este não é o evangelho, nem é lícito. Até irmos a Cristo, temos um marido e uma família que estão sob a condenação da morte, e quanto mais cedo deixarmos a lei executar a pena melhor para nós. E uma vez executada a punição exigida pela lei levando o velho marido à crucificação para morrer, e vindo o novo marido para tomar o lugar do antigo, então, “nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus.” *Romanos 8:1*.

Estamos agora regenerados no que respeita à nova natureza e essa nova natureza em nós, em nenhum sentido da palavra estará perfilada contra nós, mas será poderosamente a nosso favor.

Ora, se esta fosse a única natureza que possuíssemos, então quão mais simples seria viver a vida cristã, e quão impossível jamais voltar a cair, ou pelo menos, assim o imaginariámos. Mas não é a única natureza que temos. Há duas outras naturezas, ambas ainda não regeneradas e ambas se arregimentam contra nós na batalha contra o pecado e a impureza.

Existe o mundo natural sobre o qual repousa tão fortemente a maldição do pecado, e continuará a fazê-lo até ao fim dos tempos.

Há também a natureza humana pecadora e mortal, que é, certamente, não regenerada. É nesta natureza que mora a nova natureza regenerada pelo implante da vida de Cristo. O resultado é que nós temos a natureza sem pecado habitando em carne pecaminosa.

O que isso significa pode ser bem ilustrado pelo mundo da natureza como segue. Suponhamos que o Senhor vos entregou uma semente trazida directamente do Jardim do Éden. Deve ser óbvio que, nessa semente haveria vida e vitalidade, como não podem ser encontradas em qualquer semente na Terra hoje. Em nenhum sentido da palavra podia dizer-se que essa semente não era regenerada, que havia morte nela, como deve ser dito de qualquer semente que possamos encontrar agora que é de origem terrestre.

Mas esse solo, o único solo onde podíeis possivelmente semear essa semente, não é o solo do Jardim do Éden, que presentemente não está disponível para qualquer um de nós, mas é o solo de uma natureza degenerada, em guerra activa contra o homem nos seus esforços para cultivar alimentos e roupas. Pensai como todos os poderes dessa natureza não regenerada estará em confronto contra ele nos seus esforços para fazer crescer essa boa semente. Constantemente ele teria que batalhar com ela, não importa quão perfeita fosse a semente.

Não vai ser assim para sempre. Está a chegar o tempo em que, mais uma vez, toda a natureza do mundo será regenerada. Isso não acontecerá senão no fim do milénio, quando após a sanção da lei ter sido executada na destruição total do mundo da natureza, Deus criará uma inteiramente nova e perfeita no seu lugar. Então, e somente então, o agricultor descobrirá que todos os poderes de uma

natureza degenerada não estão em oposição contra ele. Ele sabe que a natureza, nessa altura, será boa e altamente produtiva.

E esse mesmo mundo não regenerado da natureza está, sem dúvida, arregimentado contra nós na nossa busca por uma experiência cristã. Somos sensíveis todos os dias à dificuldade que isso impõe sobre nós. No dia-a-dia temos de fazer pressão contra ela na pesada tarefa de vencer a nossa existência física até que a mente e o corpo estejam tão cansados, que há pouco tempo ou inclinação para o estudo da Palavra de Deus. Este facto é tão bem conhecido pela experiência de todo o professo povo de Deus que não precisa de ser aprofundado aqui.

Mas observemos este ponto com cuidado. O facto de viverdes num mundo cuja natureza tem a destruição garantida, não faz de vós participantes da sua condenação. “Portanto, agora, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o espírito.” *Romanos 8:1*.

Desde que tenhais a vida de Cristo dentro de vós, esta libertação da condenação permanece verdadeira mesmo que estejais o tempo todo vivendo no mundo natural corrompido, caído, pecador, mortal, da humanidade, que está sob condenação. O factor mais importante não é onde estais, mas o que sois. Não é o mundo em que viveis, nem a carne e o sangue mortais em que a vossa nova natureza habita pelo nascimento de Cristo dentro de vós, que faz de vós o que sois, nem é o corpo de carne e sangue em que viveis, mas o carácter interior, a natureza espiritual. Isto é o que faz de vós o que sois.

Por outras palavras, a questão importante é quem tendes por marido? Se tendes o marido certo, então não tendes alternativa senão criar uma família de filhos justos, que por sua vez manifestam o tipo de carácter e acções certas.

“Jesus disse: ‘Sede perfeitos como é perfeito vosso Pai.’ Se sois filhos de Deus, sois participantes de Sua natureza, e não podeis deixar de ser semelhantes a Ele. Todo filho vive pela vida de seu pai. Se sois filhos de Deus — gerados por Seu Espírito — viveis pela vida de Deus. Em Cristo habita ‘corporalmente toda a plenitude da divindade’ (Colossenses 2:9); e a vida de Cristo se manifesta ‘em a nossa carne mortal’. 2 Coríntios 4:11. Essa vida em vós produzirá o mesmo carácter e manifestará as mesmas obras que nEle produziu. Assim estareis em harmonia com todo preceito de Sua lei; pois ‘a lei do Senhor é perfeita, e refrigera a alma’. Salmos 19:7. Mediante o amor, ‘a justiça da lei’ será cumprida em nós, ‘que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito’. Romanos 8:4.” *O Maior Discurso de Cristo, 77, 78*.

Então o facto de vivermos num mundo condenado não nos coloca sob a sua condenação. Como vimos, esta verdade é tornada clara pelo facto de que é sobre as pessoas que vivem nesse mesmo mundo que o Senhor diz, “Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus.”

Se fosse verdade que viver num mundo sob a condenação da lei significava que nós também estamos sob a sua condenação, então, essa Escritura nunca teria sido escrita.

Mas essa Escritura vai ainda mais longe do que isso, pois ela fala não só de um povo que vive num mundo condenado, mas também vive num corpo de carne e sangue, condenado, e mesmo assim declara acerca deles, “Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus.”

A vida divina de Cristo na alma do homem como resultado do casamento com o Cordeiro, não é uma disposição transitória para esta vida, mas é a divina, imortal, vida eterna com que cada pessoa deve estar dotada quando for levada para o Céu. Isto é verdadeiro porque qualquer vida recebida através do processo reprodutivo contido dentro do casamento, pode ter apenas uma origem. Se essa vida morresse, ela nunca podia ser substituída.

Mas se fiel, então, essa vida é boa para a eternidade, mas o corpo em que essa vida reside presentemente, e através do qual encontra a sua expressão e acção, é bom apenas para este mundo. Ele nunca pode entrar e nunca entrará no reino celestial. É a “carne pecaminosa”, a “natureza pecaminosa”, a qual os apóstolos e os profetas confessaram ter. Ele está sob a condenação da morte e destruição e essa sentença será executada. O facto deste corpo mortal de carne e sangue ter de

desaparecer de qualquer forma, é de grande conforto para o mártir quando enfrenta a morte. Com jubilosa satisfação ele pode dizer da sua vida terrena, “Deixai-a ir. Não é boa para mim de qualquer maneira. O Senhor tem um novo, incorruptível, imortal, corpo sem pecado, que me aguarda e que está apto para o céu e para a eternidade. Por isso, ao perder este não estou a perder nada de facto.”

Ainda assim os homens adornam-no enquanto está vivo, embalsamam-no quando estiver morto, e constroem-lhe monumentos dispendiosos para o seu último lugar de descanso. Que triste é este comentário sobre os distorcidos valores do julgamento humano.

A certeza de que esta carne e sangue que temos agora, nunca vai entrar no reino é clara nas palavras de Deus através de Paulo:

“E, agora, digo isto, irmãos: que carne e sangue não podem herdar o Reino de Deus, nem a corrupção herda a incorrupção.

“Eis aqui vos digo um mistério: Na verdade, nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados,

“Num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soar, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados.

“Porque convém que isto que é corruptível se revista da incorruptibilidade e que isto que é mortal se revista da imortalidade.

“E, quando isto que é corruptível se revestir da incorruptibilidade, e isto que é mortal se revestir da imortalidade, então, cumprir-se-á a palavra que está escrita: ‘Tragada foi a morte na vitória.’” *1 Coríntios 15:50-54.*

“O homem, em seu estado presente, é mortal, corruptível; o reino de Deus, porém, será incorruptível, permanecendo para sempre. Portanto, o homem, em sua condição atual, não pode entrar no reino de Deus. Mas, em vindo Jesus, confere a imortalidade a Seu povo; e então os chama para possuírem o reino de que até ali têm sido apenas herdeiros.” *O Grande Conflito, 323.*

Mas isto não deve ser entendido como indicação de que a carne pecaminosa em que habitamos não é algo a ser levado em conta. Pelo contrário, ele é um factor muito importante na vida do cristão. Por conseguinte, temos de entender o que esperar dele e o que, por sua vez, através do poder de Deus pode ser exigido dele.

Voltemos à mulher de *Romanos 7:1-4*, e procuremos as respostas ali. Para isso, vamos considerar o tempo de vida de uma mulher casada, que passou muitos anos vivendo com o marido em íntimo relacionamento que é a característica de um casamento bem-sucedido. Consequentemente, durante esse tempo ela aprendeu bem os hábitos desse marido e formou determinados hábitos de vida, que não vão desaparecer no momento em que se casa com o novo marido. Ela vai precisar de tempo e paciência da parte do outro que escolheu casar-se com ela.

A fim de dar mais evidência a estes factores para que eles sejam mais claramente visíveis, examinemos um caso extremo. Neste exemplo, pensemos num homem casando-se com uma jovem, que depois vai viver com ele na sua fazenda numa área muito remota do norte da Austrália Ocidental. Ela é a única mulher branca em muitas milhas ao redor, não tem filhos, e realmente ocupa muito do seu tempo no exterior entre os homens. Tendo casado e levada para a vida rural aos vinte anos de idade, e tendo vivido ali durante quarenta anos, pode imaginar-se que ela seria uma alma rude e áspera depois de todo esse tempo. A voz dela seria uma voz estridente e autoritária, usando “linguagem exuberante” com maus hábitos de vida na necessidade de profunda reforma.

Imaginemos que depois de quarenta anos de vida, o marido morre e ela decide vender a propriedade e ir para uma área muito mais civilizada do país. Ali, uma coisa surpreendente acontece, quando ela menos esperava, recebe uma proposta de casamento de um homem que normalmente se movia entre a “Sociedade” da sua cidade. O seu estilo de vida seria o totalmente oposto ao dela como poderia ser imaginado.

A escolha das suas palavras e formas de expressar de maneira geral não seriam iguais às dele. O seu guarda-roupa teria que ser mudado, as suas maneiras à mesa refinadas, e o seu padrão de higiene melhorado antes de poder viver a sua vida com ele.

Para tal casamento resultar, ambos, como primeiro passo, terão de compreender os graves problemas que enfrentam. Em seguida, precisam dedicar-se à resolução das suas grandes diferenças no estilo de vida, a fim de se tornarem compatíveis no modo de vida a que estavam agora comprometidos. Ela teria que passar por um processo de reeducação, a fim de se preparar para a sua nova etapa na vida. Durante o processo de aprendizagem de como viver de novo, ela cometerá erros. Ela terá de os confessar e pedir perdão por eles.

Da sua parte como símbolo de Cristo como novo marido, ele teria de ser paciente, compreensivo e perdoador. Ele teria que entender que a sua esposa tinha agora nele um novo marido que tomara o lugar do antigo marido. Ela morava num novo ambiente, numa grande cidade moderna, longe da poeira e calor da herdade rural. Seria demais para uma instantânea mudança completa na sua vida. Ele teria de entender isso. Os velhos hábitos esforçam-se para se imporem, mas gradualmente desapareceriam.

Não é difícil ver como esta ilustração tem a sua contrapartida no reino espiritual, onde também é possível fazer uma completa mudança dos nossos padrões habituais. Isto é verdade na questão dos nossos padrões habituais religiosos.

O Salvador sabe disso e faz plena provisão para isso. Faríamos bem em começar com ilustrações mais simples disto. Sob o antigo casamento, Martinho Lutero, João Wicliffe e outros reformadores foram educados a observar o primeiro dia da semana como dia de adoração. Todas as suas vidas tinham feito isso. Tão profundamente foram eles mergulhados na escuridão Papal pelo velho marido, que era demasiado para eles verem e conhecer a natureza deste hábito quando chegaram à nova família de Jesus Cristo. De facto, por todo o resto das suas vidas, eles permaneceram muito firmes na observância do domingo.

Todavia, apesar de trazerem este hábito do antigo para o novo casamento, em nenhum sentido da palavra trouxeram o seu espírito ou o seu carácter. Eles tinham em si a vida divina do Filho de Deus e no espírito e na vida eram observadores do sábado, mesmo que ainda guardassem o dia da semana errado como sábado. E o novo marido compreendeu tudo isto, e com infinito amor e paciência instruiu esses crentes, procurando sempre levá-los para longe desses hábitos errados para a forma correcta de vida. E embora Ele não tivesse sido capaz de levá-los no seu próprio tempo de vida ao ponto onde entenderam isso, foi capaz de os levar no tempo de vida dos seus filhos, dos quais um remanescente mostrou que eles ainda tinham o espírito dos seus pais para andarem perfeitamente em todos os caminhos do Esposo celestial, logo que pudessem aprendê-los.

E há outros hábitos também. Hábitos alimentares e de vestir, que têm sido por tanto tempo o caminho habitual da vida sob o antigo casamento e não desaparecem no momento em que o novo casamento é celebrado. Algumas destas coisas levam tempo a aprender, mas têm de ser aprendidas. O novo marido está sempre a procurar preparar-nos para a morada que Ele tem guardado para nós. Ele veio a um país distante para reclamar-nos como Sua noiva, e agora estamos com Ele na viagem de volta à Terra da promessa e esperança. Na viagem ao longo da vida para essa bela morada temos muitas lições para aprender, e muitas a desaprender. Sempre com amor e diligência, o Senhor está procurando ensinar-nos estas coisas, e da nossa parte, devemos ser diligentes e ansiosos para aprender e cooperar. Apesar dos velhos hábitos se esforçarem por dominar, temos ainda assim de resolutamente recusar a viver novamente no modo antigo, mas viver nos novos quanto aprendemos.

Alguma coisa disto pode muito bem ser resumido na verdade que não é suficiente ter um bom marido para ter uma família feliz. Temos também de ter uma esposa educada e eficiente.

Da mesma forma viver com êxito no caminho cristão não é apenas uma questão de ter um coração puro, no qual apenas há os melhores motivos. Sem ele evidentemente, não nos é possível viver a vida cristã, mas isso só por si, ainda não é suficiente. Precisamos também de uma educação cristã. Isto não significa que temos de ir para uma faculdade para a obter. Tal educação tem início no lar e deve ser realizada diariamente ao longo da vida pela nossa própria oração assídua e vida de estudo. É, pois, o dever e a responsabilidade de cada filho de Deus estudar e pesquisar a compreensão do modo

de vida celeste, para que possamos enfrentar inteligentemente os problemas que nos testarão dia após dia.

Fraca Também

Antes de encerrar este capítulo, precisamos voltar-nos para a consideração de um problema que os cristãos enfrentam e que faz muitos duvidarem se foram realmente convertidos. Este problema surge porque nós simplesmente não compreendemos o que foi tirado na conversão e o que não foi levado.

Como vimos, o antigo marido desapareceu e com ele os seus filhos que representam Satanás e a mente carnal. A mente carnal que sabemos ser o mal de um residente, ódio, maldade, rancor, orgulho e afins. Enquanto estas coisas se foram e não têm parte alguma nem lugar na vida de um cristão, as fragilidades, fraquezas, e tendência para o pecado da natureza humana ficam. E nessa natureza humana podemos experimentar alegria, tristeza, desapontamento, frustração e a pressão da vida. Porque o espírito humano pode ser provocado, há a tentação de irritabilidade e a desistência devido à impaciência. Estas coisas podem ser avivadas dentro de nós e quando são, então, é quando surgem muitas dúvidas se já foram convertidas.

É verdade que pode soar como se houvesse uma contradição, mas não há se definirmos claramente a diferença nas nossas mentes entre o mal do ódio e orgulho por um lado, os quais não podem ter lugar no cristão, e estas respostas humanas por outro. Este ponto é claramente ilustrado pelas experiências através das quais Ellen White passou. Muito cedo na sua vida Ellen White ganhou uma ligação verdadeira e viva com o novo Marido e ainda assim como mãe poderia escrever acerca da sua experiência como segue:

“Quando me sentia perturbada e era tentada a pronunciar palavras de que me envergonharia, ficava silenciosa e saía da sala, pedia a Deus que me desse paciência para eu ensinar essas crianças.” {OC 162.1}, *Orientação da Criança*, 254, 255.

Como devemos entender estes factos?

Como uma sábia precaução muito necessária, Deus incorporou no organismo humano, a maravilhosa e muito poderosa lei da auto preservação. Esta tem de estar sujeita às leis mais elevadas da abnegação e amor, mas ela vai sempre procurar ter o primeiro lugar na vida. Ela pode lançar um apelo muito forte para ser a força predominante da mente e precisamos entender o seu funcionamento a fim de a manter no seu lugar correcto.

Deveria ser bastante simples para qualquer um de nós, entender o seguinte pois nós estamos a experimentá-lo todos os dias. Há um certo limite que o organismo físico de um indivíduo pode esperar resistir numa base diária. Isso varia de pessoa para pessoa. Para alguns isso é muito menor do que para outros por causa do seu estado debilitado de vitalidade e saúde resultante da combinação da hereditariedade e da vida errada desde o nascimento. No entanto diariamente, este organismo humano está a ser submetido a exigências e pressões que minam a nossa força e vitalidade. À medida que estas constantes chamadas vêm e temos a obrigação de as cumprir e essa responsabilidade, a nossa força está a ser esgotada. Como temos apenas uma quantidade limitada de força, se este processo não for detido o tempo suficiente para nos permitir recuperar os nossos recursos físicos perdidos, então o resultado óbvio seria a morte.

Portanto, conclui-se que tem de haver algum sistema interior de orientação e alerta incorporado para nos informar quando nos aproximamos do limite da nossa resistência. Caso contrário, poderíamos continuar sem parar inconscientes do perigo até termos chegado e ultrapassado o ponto de não retorno. Aqui, então, é o ponto onde lei da sobrevivência vem. Quanto mais desgastada e esgotada a força se torna, mais essa lei preservadora exerce um aviso sobre a mente e apela para um descanso desta situação.

Este aviso toma a forma de tensão, frustração, uma crescente sensação de ansiedade e assim por diante. Eventualmente, o espírito pode quebrar completamente, e manifestar o seu protesto por este tratamento em palavras de impaciência e irritação. O facto de vivermos hoje numa carne, que está tão

enfraquecida devido a seis mil anos de pecado, significa que as limitações e falhas são alcançadas muito mais cedo do que alguma vez poderia ter sido no início da história humana.

É importante entender a natureza desses sentimentos no interior. Tudo o que não entendemos é misterioso e assustador. Portanto, o primeiro passo para ter uma vida de vitorioso sucesso sobre essas coisas, é compreendê-las como parte daquilo que não foi tirado de nós no novo casamento. O próximo passo é tomar conhecimento do que elas nos estão a dizer e, em seguida, estudá-las, para evitar situações que tragam o espírito humano ao ponto de ruptura. Assim, a irmã White no testemunho citado acima, diz como fez isso. Quando a pressão se tornava tão grande que ela era tentada a irritar-se, calmamente se retirava da pressão até ter tido tempo para orar e ganhar força e perfeito controlo sobre o seu espírito, depois do que podia voltar mais uma vez em total controlo de si mesma vitoriosamente para lidar com a situação.

Mas pode bem ser que nós nos encontremos numa situação da qual não há escapatória no momento. Sentimos que chegámos ao fim dos nossos recursos e que estamos na iminência de perder o controlo sobre as prementes solicitações do corpo que clama por uma saída dessa grande pressão, que receamos não poder suportar por muito mais tempo. Não se desesperem, pois nesta altura uma oração da fé viva ao trono da graça trará a força para lidar com o problema e sereis habilitados a prosseguir na crise sorrindo e calmamente vitoriosos até ao fim.

É a verdade eterna de Deus que não importa quão fraco o instrumento humano possa ser, não importa quão forte é a lei de auto preservação, não importa quão forte seja pressão sobre nós, não há desculpa para o pecado. Por muito fracos e humanos que sejamos, temos um maravilhoso, amoroso e todo-poderoso Marido que, certamente, nunca permitirá que as tentações venham a nós acima do que podemos suportar nesta determinada fase do nosso desenvolvimento. Se entendermos estas coisas e conhecermos o poder vivo de Deus, então podemos enfrentar qualquer coisa com uma calma consistência que nada no poder do diabo pode destruir.

Não há razão alguma para duvidar de que tendes o novo marido, porque a lei da auto preservação está a fazer o seu trabalho designado por Deus. Compreendi o lugar destas coisas na experiência e, em seguida, apliquei a solução, tal como indicado no Evangelho de Jesus Cristo. Lembrai-vos de que há algumas coisas que devem permanecer. Se o Senhor nos tirasse os apetites, paixões e afectos, então deixaríamos de existir. Se perdêssemos o apetite, que é escutar o testemunho que o corpo está a precisar de reabastecimento, esgotaríamos a energia e todos os nossos sistemas paralisariam. Muito em breve morreríamos de fome.

Mas, ao mesmo tempo não podemos, e não o faremos como cristãos, dar rédea livre aos apetites, pois, um apetite descontrolado é pecado, enquanto um apetite sob controlo, apesar de ser defeituoso devido à depravação geral do pecado, é Cristianismo. Todavia, por outro lado, o ódio ainda que controlado continua a ser ódio, orgulho continua a ser orgulho. Em nenhum sentido da palavra, se pode dizer que eles são o amor e a humildade. Nunca! Assim, enquanto o primeiro deve ser mantido sob estrito consciente controlo, o último deve ser totalmente eliminado e substituído pelo seu oposto.

Toda a lição ensinada nos primeiros versículos de *Romanos* sete, então, é muito clara e simples. Ela mostra que não pode haver boas obras na vida, a menos que haja, antes de tudo, um bom carácter, que, por sua vez, nunca existe a menos que antes de tudo se faça a união do divino com o humano. Isto, por seu lado, só pode acontecer quando tiver havido, em primeiro lugar, uma libertação da antiga ligação e carácter. Mas, embora tudo isto tenha sido levado, ainda somos seres humanos e, por conseguinte, estamos rodeados de todas as fraquezas e debilidades do organismo humano. Mas, se compreendermos isto e o que esperar do organismo humano, então, podemos dar sempre um passo em frente e saberemos que não precisamos de pecar.

“Todos os que professam piedade estão sob a mais sagrada obrigação de guardar o espírito, e exercitar o domínio próprio sob a maior provocação. Os encargos colocados sobre Moisés eram muito grandes; poucos homens serão tão severamente provados como ele foi; contudo, isto não lhe permitiria desculpar o pecado. Deus fez amplas provisões para Seu povo; e, se depositarem confiança em Sua força, jamais se tornarão o joguete das circunstâncias. A tentação mais forte não pode

desculpar o pecado. Por maior que seja a pressão exercida sobre a alma, a transgressão é o nosso próprio ato. Não está no poder da Terra nem do inferno compelir alguém a fazer o mal. Satanás ataca-nos em nossos pontos fracos, mas não é o caso de sermos vencidos. Por mais severo ou inesperado que seja o ataque, Deus nos proveu auxílio e em Sua força podemos vencer.” {PP 305.4}, *Patriarcas e Profetas*, 421.

Portanto, devemos ter bom ânimo, porque a fraqueza e a fragilidade desta carne humana continua a não ser desculpa para o pecado. É verdade, o diabo fará tudo o que puder para que olheis para vós como fracos e frágeis em contraste com o seu poder. Se cairdes nas suas armadilhas, ficareis tão cheios de desespero e desânimo que nunca alcançareis de modo algum a vitória. Olhem para lá da fraqueza da fragilidade humana para o poder do Deus vivo no evangelho de Jesus Cristo, e sabemos que podemos fazer tudo que o Deus tem projectado para a felicidade e realização do ser humano por meio de Cristo, que é a nossa força e salvação.

Não esqueçamos, porém, que temos de ter em conta esta carne e estar cientes das suas deficiências e limitações. Quando no parágrafo acima, se afirma que deveríamos olhar para lá da fraqueza da nossa humanidade, é dito no sentido de que o devemos estudar não como uma arma para lutar contra o diabo, pois isto é muito fraco e impotente para isso. No entanto, enquanto temos de olhar para lá dela nesse sentido, temos de compreendê-lo, para que saibamos como tratar e lidar com as suas exigências. Por isso, conhecer a verdade da natureza divina e o que podemos esperar dela, e a natureza humana e o que podemos esperar dela, e do poder de Deus e o que Ele fará por nós através da natureza divina para controlar e disciplinar a humana, então podemos conhecer a perfeita paz da vitória por meio do nosso Salvador o tempo todo.

Capítulo 14

“Cada Dia Morro”

Foi o poderoso apóstolo, Paulo, que declarou:
“Eu protesto que cada dia morro gloriando-me em vós, irmãos, por Cristo Jesus, nosso Senhor.” *1 Coríntios 15:31*.

Esta é provavelmente a escritura mais frequentemente citada por aqueles que rejeitam o evangelho de Jesus Cristo. Alguém tem apenas que apresentar a verdade viva do poder de Deus para salvar do pecado na vida pela erradicação do velho homem e a sua substituição por homem completamente novo, e seguramente haverá alguém na assistência que se levantará para dizer:

“Ah! Mas nós devemos morrer diariamente como Paulo fez”.

Paulo fê-lo de facto, mas quando usou essa expressão, “cada dia morro,” quer ele dizer com isso o que o habitual opositor à mensagem entende que ele disse? Essa é a questão. Falando por experiência, nós diríamos que há muita diferença entre os dois, por isso, podíamos concluir correctamente que o texto aqui em estudo é um dos mais mal compreendidos e mal interpretados versículos nas Escrituras da Verdade.

Então, o que quer dizer o habitual opositor ao citar este texto? É claro que ele não entende que a palavra “morro” realmente significa que há uma morte que de facto tem lugar. Em vez disso, a palavra dada significa supressão, subjugação, ou controlo. Eles vêem isto como uma condição que deve ser restabelecida todas as manhãs. Falhar em fazer assim resultará em ser o jogo das tentações do inimigo.

O simbolismo da árvore boa e da árvore má, não dá suporte esta teoria por um momento. Uma árvore má não pode morrer diariamente. A morte pode vir para ela apenas uma vez. A partir daí, ela está destruída.

Da mesma forma, a ilustração dos dois maridos no casamento não oferece defesa a esta teoria. Se sim, então encontraríamos o antigo marido a reinstalar-se na casa todas as noites, para ser expulso novamente todas as manhãs. Uma vez dissolvido um casamento, o velho marido e os seus filhos vêm furtivamente todas as noites instalar-se para serem expulsos outra vez todas as manhãs?

Claro que não! Pensar assim não é sensato nem lógico não é mais razoável ou lógico do que a referida abordagem para o problema do espinheiro. Quando o velho espinheiro precisa de ser tratado, nenhum agricultor sensato vai ficar lá com o pé sobre ele todos os dias, dia após dia, para mantê-lo em sujeição. Ele não perderá um único minuto fazendo isso mas arrancá-lo-á pelas raízes e queimá-lo-á, sabendo que este será o fim dele. Outros arbustos espinhosos podem crescer onde o outro cresceu, especialmente se for um agricultor negligente, mas o anterior está definitivamente acabado.

Da mesma forma, quando um homem e uma mulher se casam, ele está ali para ficar. Ele não tem que se casar com ela todas as noites. É verdade que há verdadeira renovação da consagração, mas não um novo casamento. Este é definitivo.

Mas Paulo disse, “cada dia morro.”

O que queria ele dizer com isso?

Em primeiro lugar, esclareçamos o que ele não quis dizer. Ele não disse que a mente carnal tinha que morrer novamente todos os dias. Isto é claro não só na ilustração do casamento já discutida em *Romanos 7:1-4*, mas também nas palavras claras encontradas no capítulo 6:1-14.

O versículo principal é o 6, que diz o seguinte:

“Sabendo isto: que o nosso velho homem foi com ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, a fim de que não sirvamos mais ao pecado.” *Romanos 6:6*.

Em nenhum sentido da palavra este versículo ensina que a velha natureza deve ser subjugada mantida em submissão, mas que deve ser crucificada até ser destruída. O que foi destruído não volta à vida todos os dias e tem que ser crucificado outra vez. Tomai o espinheiro, tão apropriadamente escolhido pelo Salvador como símbolo da mente carnal, e destruam-no, e isso resolve o assunto. Sabereis que não tereis de destruir a mesma árvore todas as manhãs.

Do mesmo modo a salvação de Deus determina que a mente carnal deve ser destruída apenas uma vez, logo no início da nossa experiência cristã actual. Paulo, à medida que avança através de sua explicação da verdade em *Romanos 6:1-14*, põe em evidência a finalidade da destruição final do velho homem, ou a mente carnal. Assim como Cristo morreu e ressuscitou novamente apenas uma vez, assim é com o verdadeiro filho de Deus.

“Sabendo que, havendo Cristo ressuscitado dos mortos, já não morre; a morte não mais terá domínio sobre ele.

“Pois, quanto a ter morrido, de uma vez morreu para o pecado; mas, quanto a viver, vive para Deus.

“Assim também vós considerai-vos como mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus, nosso Senhor.” *Romanos 6:9-11*.

Uma vez e apenas uma vez, teve Jesus teve ir para a cruz do Calvário e morrer ali pela raça humana e tendo morrido ali uma vez para sempre, Ele vive para Deus. Ele não tem que vir e repetir esta morte dia a dia e dia após dia. Isso foi feito uma vez para todo o sempre. Tendo estabelecido este facto no versículo nove e dez, Paulo faz então a aplicação directamente ao ser humano, afirmando que, exactamente como foi com Ele, assim é connosco. Como Ele morreu uma vez e vive para Deus, assim nós devemos morrer uma só vez e para sempre e depois viver para Deus.

Paulo sabia disso, não só como uma verdade, mas como uma viva experiência pessoal da qual podia testemunhar:

“Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou e se entregou a si mesmo por mim.” *Gálatas 2:20*.

Este brilhante e sincero testemunho de Paulo deixa claro que ele entendeu o que significava ser uma nova criação em Cristo Jesus, e percebeu a bem-aventurança de ter a vida de Cristo manifestando-se na sua vida. Ele sabia que a nova vida nele não estaria em luta contra os princípios do governo divino e Suas leis, de modo que ao executar as ordens de Deus estaria apenas a seguir os impulsos que brotavam do seu coração renovado. Isto constituiu a verdadeira obediência, que é fruto do ministério do evangelho.

“Toda a verdadeira obediência vem do coração. Deste procedia também a de Cristo. E se consentirmos, Ele por tal forma Se identificará com os nossos pensamentos e ideais, dirigirá nosso coração e espírito em tanta conformidade com o Seu querer, que, obedecendo-Lhe, não estaremos senão seguindo nossos próprios impulsos.” {DTN 472.5}. *O Desejado de Todas as Nações*, 668.

“Assim se dá com o homem verdadeiramente justo. Ele anda inconsciente de sua bondade e piedade. O princípio religioso tornou-se o motivo de sua vida e conduta, e é-lhe tão natural produzir frutos do Espírito como para a figueira produzir figos ou a roseira carregar-se de rosas. Sua natureza está tão inteiramente imbuída do amor a Deus e ao próximo, que faz as obras de Cristo com espírito voluntário.” *Santificação*, 13.

Se alguma vez houve um homem que compreendeu, ensinou e viveu o evangelho, foi Paulo. Então podemos estar certos de que ele consentiu que Cristo Se identificasse de tal forma com o eu pensamento que ao obedecer-Lhe Paulo não estava senão a seguir os seus próprios impulsos. Para Paulo seria certamente tão natural colher os frutos do Espírito como para a figueira dar figos, ou a roseira produzir rosas.

Se isso não fosse verdade acerca do Apóstolo Paulo, então as palavras acima citadas não seriam verdadeiras para ninguém, nem eram verdadeiras em si mesmas. Isso significaria que a alegação do diabo, de que a lei não pode ser guardada por seres humanos mortais era uma afirmação verdadeira afinal, e que Deus era o mentiroso e não Satanás.

Mas essas palavras são verdadeiras.

Esta é a experiência de um homem verdadeiramente convertido e é a evidência da verdadeira conversão. Era verdade nos dias de Paulo e é igualmente verdade hoje não apenas nos chamados países civilizados, onde o nome de Cristo é conhecido e a palavra escrita de Deus está disponível para todos, mas é igualmente verdadeiro para o homem realmente convertido, que ainda não ouviu o nome de Cristo, porque está isolado do resto do mundo. Mesmo estes, "... fazem naturalmente as coisas que são da lei." *Romanos 2:14*.

Nada escrito em qualquer parte da palavra de Deus jamais pode contradizer os factos da experiência de vida de Paulo que fazia "naturalmente as coisas que são da lei."

"Era-lhe tão natural produzir frutos do Espírito como para a figueira produzir figos ou a roseira carregar-se de rosas."

Quando obedecia a Deus estava apenas "seguindo" os seus "próprios impulsos".

Como poderia ele então dizer com igual veracidade, "cada dia morro", quando o sentido dessa passagem da Escritura é explicada como segue:

"A santificação de Paulo era um constante conflito com o eu. Disse ele: 'Cada dia morro.' 1 Coríntios 15:31. Sua vontade e seus desejos todo o dia conflitavam com o dever e a vontade de Deus. Em vez de seguir a inclinação, ele cumpria a vontade de Deus, embora desagradável e torturante à sua natureza." *Testemunhos para a Igreja 4:299*.

Quão totalmente oposto isto parece ser ao testemunho acima no que se refere à experiência de um homem verdadeiramente convertido. Mais uma vez temos o que parece ser uma clara contradição, mas, na medida em que não existem verdadeiras contradições em lugar algum na Bíblia, precisamos de estudar um pouco mais para descobrir a harmonia entre estas duas passagens da Escritura.

Na Bíblia há duas coisas, muitas vezes, chamadas pelo mesmo nome e no entanto, em cada particular são diferentes, e como estudantes da Bíblia, devemos entender essas diferenças entre as coisas que são diferentes mas chamadas pelo mesmo nome. Assim é que, em ambos os conjuntos de passagens citadas acima aparentemente opostas, a natureza em questão é diferente. Se formos capazes de compreender e ver isto, então, todas as dificuldades desaparecem e o nosso entendimento das Escrituras será apenas muito mais abrangente e preciso.

As duas naturezas de que se fala naquelas citações são a natureza divina do primeiro conjunto e a natureza humana no último. Não se chega a esta conclusão por conjecturas porque o contexto dos testemunhos se torna evidente por si mesmo com o que está a ser tratado.

Olhemos para o primeiro antes de tomar o segundo. Nele somos informados de que será tão natural produzir os "frutos do Espírito", como para a figueira dar figos ou para a roseira produzir rosas. Isto é dizer que pela própria natureza, ou disposição, é ser amoroso, alegre, pacífico, gentil, bom, ter fé, mansidão e temperança, sendo estes os frutos do Espírito.

Agora devíamos saber perfeitamente que estes são os atributos da natureza divina e nunca da natureza humana. Não é e nunca poderia ser da natureza humana produzir tais características. É a natureza divina, residente na natureza humana, que é a fonte de tais bons frutos e quando obedece a Deus está a seguir os impulsos dessa natureza, a natureza divina que foi adquirida como o dom de Deus, mediante a expulsão da velha mente carnal. Estas coisas nunca poderiam ser o impulso da natureza humana, que sempre se oporá aos apelos de Deus ao crente. Se estamos a falar da natureza humana, então teremos de dizer que obedecemos a Deus, não como um impulso desta natureza, mas contrariamente a ela, e apesar disso, contra a sua inclinação e disposição.

Enfrentemos agora o facto de que nunca importa quão profunda e completamente participais da vida de Deus na alma, não olhareis em frente com grande prazer o sofrimento, tragédia, perda, dor, etc. A natureza humana, o corpo de carne e sangue, o organismo sempre vai recuar e procurar

escapar disso, mas o chamado de Deus ao serviço uma e outra vez nos levará a este tipo de experiência da qual Paulo escreveu o seguinte:

“Para conhecê-lo, e a virtude da sua ressurreição, e a comunicação de suas aflições, sendo feito conforme a sua morte;” *Filipenses 3:10*.

Portanto, quando Deus nos chama a fazer qualquer sacrifício necessário para avançar a verdade, devemos demonstrar a nossa vontade de dar tudo o que Deus pede para esse dia, não importa o quão exigente seja. O sacrifício pedido pode ser muito pequeno, mas, quando é dado com todo o coração, ele conta como se tivéssemos dado tudo, inclusivamente a própria vida. Assim, com efeito morremos.

No entanto, enquanto podemos desenvolver um espírito de serviço voluntário, mesmo ao nível de dar glória nas tribulações, estamos, ao mesmo tempo, a fazê-lo contra a vontade e contra a inclinação da natureza humana, cuja motivação mais forte é a auto preservação. Isto não deve ser entendido como a afirmando que a lei da auto preservação é uma lei má, pois está longe disso. É uma necessidade implantada por Deus para nos salvar de desperdiçar a nossa vida e Deus pede obediência a essa lei.

O cuidado dos pais sobre os seus filhos é uma parte dela, na sua própria esfera e lugar opera para a preservação da vida de cada um de nós, mas existe a lei maior do abnegado serviço aos outros e esta lei superior tem precedência sobre a lei mais inferior quando as condições o exigirem.

Esta suspensão da lei da auto preservação em favor da lei da abnegação não é uma coisa automática, mas depende de um acto da vontade pessoal do indivíduo que está a ser chamado a fazer o sacrifício. Temos de escolher dar a morte às exigências do nosso interesse próprio e temos de fazê-lo todos os dias das nossas vidas, em maior ou menor grau. E é nesse sentido que estamos a morrer diariamente exactamente como neste mesmo sentido Paulo morria cada dia.

Tudo isto mostra que Paulo estava a referir-se aos sofrimentos físicos quando disse “cada dia morro”, e à morte espiritual quando declarou que tinha sido crucificado para morrer.

Para confirmar a verdade desta distinção, temos apenas que olhar para o contexto das palavras de Paulo, tanto em *1 Coríntios 15:31*, e *2 Coríntios 4:7-12*, pois estas são Escrituras paralelas.

Aqui está a primeira referência e o seu contexto.

“Por que estamos nós também a toda hora em perigo?”

“Eu protesto que cada dia morro gloriando-me em vós, irmãos, por Cristo Jesus, nosso Senhor

“Se, como homem, combati em Éfeso contra as bestas, que me aproveita isso, se os mortos não ressuscitam? Comamos e bebamos, que amanhã morreremos.” *1 Coríntios, 15:30-32*.

A referência a lutar contra as bestas em Éfeso, aponta para a ocasião quando Demétrio o fabricante de nichos de prata agitou toda a cidade contra Paulo, de modo que a sua vida estava em perigo. É bom perguntar neste ponto, porém, que vida estava em perigo, a sua integridade física ou a sua vida eterna espiritual?

Todos devem reconhecer que era a sua vida física que estava ameaçada. Reconhecemos que a ameaça à vida física em condições como estas coloca uma pressão sobre nós para sacrificar a vida eterna a fim de manter a presente vida física, mas em termos directos, era a vida de Paulo, que estava a ser ameaçada. Isto estabelece o facto de que o sujeito do contexto, então, não era a vida espiritual de Paulo, mas a sua vida humana física. Era isso que estava ameaçado ali e ele declarou que estava disposto a dar a vida, mesmo até à morte, se necessário. Portanto, ele poderia dizer “cada dia morro”, Deus aceita a prontidão para o efeito, assim como o homem que odeia o seu irmão em seu coração é contado por Deus como um homicida.

Não há injustiça da parte de Deus ao fazer isto, pois, o homem que tem ódio no seu coração é na verdade um assassino por natureza esperando apenas a oportunidade para executar o mal dos impulsos dessa natureza. Semelhantemente, na questão de morrer diariamente, Deus conta isso como se de facto acontecesse. Analisemos a situação como se segue.

Entramos num novo dia de vida com uma determinada reserva de saúde física, mental e recursos materiais. Estas coisas são muito preciosas para nós e são o suporte da nossa vida. À medida que

avançamos durante o dia ficamos face a face com uma situação que exige de nós a entrega de alguns desses recursos, o que equivale a dizer que somos chamados a dar a nossa própria vida. Mas neste dia Deus ainda não está a pedir que dêmos tudo o que temos, mas apenas uma parte, todavia, se estamos verdadeiramente possuídos do espírito vivo de abnegação, então daremos tudo o que o Senhor nos pede nesse dia, mesmo que tenhamos de o fazer contra a inclinação e a vontade da natureza humana tão inclinada como é para se preservar a si própria.

Amanhã, o Senhor vem ter connosco novamente e pede tudo o que pediu ontem e um pouco mais e uma vez mais damos tudo o que a necessidade exige de nós. Portanto, o que damos hoje é mais do que aquilo que demos ontem no que respeita à quantidade real, mas não tanto quanto no que diz respeito ao grau. Nisto em ambos os casos foi igual — tudo. Então, quando no dia seguinte ou mais tarde, o Senhor exige ainda mais, nós também daremos tudo e muito mais ainda quando a exigências mais tarde pedirem de nós. Agora, numa rendição voluntária de tudo o que o Senhor nos pede hoje, damos testemunho de que não há limite para o sacrifício que faremos. Portanto, no literal facto de em cada acto darmos tudo o que nos é pedido, entregamos não apenas os recursos da vida, mas toda a vida sobre o altar, de modo que, se o Senhor precisar de tudo isso agora, então é d'Ele agora. Por isso, é verdade que nós submetemos a nossa humanidade à morte de cada vez que fazemos um verdadeiro sacrifício para Deus e desse modo morremos diariamente.

Isto é ainda mais claramente mostrado na segunda referência. “Temos, porém, esse tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós.

“Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados;

“Perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos;

“Trazendo sempre por toda parte a mortificação do Senhor Jesus no nosso corpo, para que a vida de Jesus se manifeste também em nossos corpos.

“E assim nós, que vivemos, estamos sempre entregues à morte por amor de Jesus, para que a vida de Jesus se manifeste também em nossa carne mortal.

“De maneira que em nós opera a morte, mas em vós, a vida.” *2 Coríntios 4:7-12.*

As palavras, “cada dia” e “sempre”, significam a mesma coisa. É assim que a expressão, “cada dia morro”, é o mesmo que dizer, “somos sempre entregues à morte por amor de Jesus”.

Há um comentário directo em *Atos dos Apóstolos* confirmando que:

“Referindo-se a sua experiência, Paulo mostrou que ao escolher servir a Cristo não fora movido por motivos egoístas, pois seu caminho tinha sido assediado por provas e tentações. ‘Em tudo somos atribulados’, escreveu, ‘mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados; perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos; trazendo sempre por toda a parte a mortificação do Senhor Jesus no nosso corpo, para que a vida de Jesus se manifeste também em nossos corpos’. *2 Coríntios 4:8-10.*

“Paulo recordava a seus irmãos que, como mensageiros de Cristo, ele e seus companheiros de trabalho estavam continuamente em perigo. As privações que suportaram estavam comprometendo suas forças. ‘E assim nós, que vivemos’, escreveu, ‘estamos sempre entregues à morte por amor de Jesus, para que a vida de Jesus se manifeste também em a nossa carne mortal. De maneira que em nós atua a morte, mas em vós a vida’. *2 Coríntios 4:11, 12.* Sofrendo fisicamente através de privações e fadigas, esses ministros de Cristo estavam imitando Sua morte. Mas o que neles estava operando a morte, levava vida e saúde espiritual aos coríntios que, por crerem na verdade, estavam sendo feitos participantes da vida eterna. Em vista disso, os seguidores de Jesus deviam ser cuidadosos para não aumentar, por negligência e desafeição, as cargas e trabalhos dos obreiros.” **{AA 184.3}**, *Atos dos Apóstolos*, 330.

Esta declaração, juntamente com os versículos bíblicos tornam muito claro que Paulo ao falar de morrer diariamente, estava a falar da sua escolha de uma vida de serviço abnegado, e da sua rejeição de qualquer tentação de servir a si mesmo. Ele não estava definitivamente a referir-se à sua libertação do antigo senhor do pecado. Que tinha sido crucificado para a morte no início da sua experiência cristã. Naquela altura ele tinha adquirido o novo marido, uma nova árvore tinha tomado

o lugar da antiga, e ele tinha nascido de novo para uma vida completamente nova. Ele poderia testemunhar em verdade,

“Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo.” 2 *Coríntios* 5:17.

Mas nunca poderia ser agradável para ele suportar tal sofrimento e dificuldades. A natureza humana não se orienta nesse sentido, mas tende a tornar-se protectora de si mesma. Por isso, todos os dias, a vontade e os desejos de Paulo “conflitavam com o dever e a vontade de Deus.” Naturalmente, mas, “em vez de seguir a inclinação, ele cumpria a vontade de Deus, embora desagradável e torturante à sua natureza.” Todavia, o facto de ele ter que fazer isto todos os dias e o facto de nós termos de o fazer não é uma indicação de que não temos a nova natureza, a vida de Deus na alma. Isto só prova que nós ainda somos seres humanos com todos os poderes, paixões, fraquezas e enfermidades de um ser humano, embora haja agora uma nova vida residente no organismo humano, um novo carácter, e uma disposição totalmente nova.

Apesar de ser verdade que todo o egoísmo, quando esta palavra é definida como a preferência para o eu acima dos interesses dos outros, sobretudo quando levado ao ponto onde se manifesta o espírito em palavras e acções reais, ser pecado, os interesses próprios, quando mantidos dentro dos limites das leis superiores do serviço de amor, não são necessariamente pecado em si. Aqui, na verdade, está um ponto que muitos não conseguem entender, prevalecendo a ideia de que todo o eu é pecado.

O facto de que nem todo o eu é pecado torna-se evidente pelo facto de que os seres humanos não caídos também têm um eu, ou um interesse próprio, o que os torna em pessoas precisamente como a nossa própria identidade nos faz indivíduos diferentes de cada outro indivíduo. E no Céu muito antes de haver um tentador ou mesmo o primeiro pecado, os anjos precisavam de viver a lei da abnegação, da renúncia aos interesses pessoais e autodisciplina para viver em perfeita harmonia uns com os outros. Na verdade, foi quando chegou o ponto em que um das hostes celestiais não estava mais preparado para continuar a fazer isso, mas determinado a colocar o seu interesse pessoal em primeiro lugar, que o pecado entrou e o grande conflito começou. Do lado de Satanás, a alegação é que quanto mais cuidardes de vós próprios e atrairdes todas as coisas para vós mesmos, mais felizes sereis, enquanto o Senhor afirma que este é o caminho certo para a miséria, a morte e a destruição. Este foi o argumento que dominou a grande controvérsia nos últimos seis mil anos, e que agora está a aproximar-se o momento da sua aniquilação final. Será à luz do Calvário que isso será feito como está escrito:

“À luz do Calvário se patenteará que a lei do amor que renuncia é a lei da vida para a Terra e o Céu; que o amor que ‘não busca os seus interesses’ (1 *Coríntios* 13:5) tem sua fonte no coração de Deus; e que no manso e humilde Jesus se manifesta o carácter dAquele que habita na luz inacessível ao homem.” {DTN 9} *O Desejado de Todas as Nações*, 20.

Aqui está uma declaração que claramente mostra que a lei do amor que renuncia é a lei da vida para o Céu. No Céu, portanto, o eu e o interesse próprio são renunciados como uma questão de princípio cristão, mas nunca poderia ser entendido que o eu renunciado ali fosse um eu pecaminoso. Não é, de todo, porque ele apenas se tornar pecaminoso quando já não está sob o controlo benéfico do amor abnegado, como foi o caso com Lúcifer. Quando isso acontece e o eu sem pecado se torna num eu pecaminoso, ele não encontra lugar para si no Céu.

A suprema fonte desse espírito que encontra expressão contínua em amor abnegado e renunciador está no coração de Deus. Tudo o que vem d’Ele é esse amor na sua forma mais pura.

A revelação desse princípio de renúncia pessoal da existência é fornecida para nós através das obras vitoriosas de Jesus Cristo durante a Sua vida e morte. Isto é verdade, pois Jesus viveu a vida de Seu pai na perfeição, enquanto estava na Terra.

Seria de supor que o Pai Eterno seria tão infinitamente completo em Si mesmo, que nunca chegaria o tempo em que Ele tivesse de fazer uma escolha entre a sacrificar-Se, por um lado, e salvar-Se a si próprio por outro. Mas veio o tempo quando a salvação da humanidade que perecia

estava em jogo. Então o Pai nos deu a maior demonstração da renúncia do Seu próprio interesse pessoal quando deu Jesus à família humana. E não era uma coisa fácil para Ele e exigiu uma luta de proporções enormes, antes que Ele fizesse isso. A inclinação e a vontade de Deus se opuseram à exigência no que respeita ao Seu interesse próprio, todavia, Ele obedeceu ao cumprimento do dever e deu a morte ao desejo de Se proteger a Si mesmo e ao Seu Filho da morte no Calvário. Leiamos a história como se segue:

“A tristeza encheu o Céu ante a realidade de que o homem se perdera e que o mundo que Deus havia criado se encheria de mortais condenados à miséria, enfermidade e morte e que não havia meio de escape para o ofensor. Toda a família de Adão tinha que morrer. Vi então o amável Jesus e contemplei em Seu semblante uma expressão de simpatia e pesar. Logo O vi aproximar-Se da inextinguível luz que envolvia o Pai. Disse o meu anjo assistente: ‘Ele está em conversa íntima com Seu Pai.’ A ansiedade dos anjos parecia ser intensa enquanto Jesus estava em comunhão com Seu Pai. Três vezes Ele foi envolvido pela gloriosa luz em torno do Pai, e na terceira vez Ele veio do Pai e pudemos ver Sua pessoa. Seu semblante estava calmo, livre de toda perplexidade e angústia, e brilhava com uma luz maravilhosa que palavras não podem descrever. Ele fez então saber ao coro angélico que se abria um caminho de escape para o homem perdido; que estivera pleiteando com o Pai, e obtivera permissão de dar Sua própria vida como resgate para a raça, de levar os seus pecados, e receber sobre Si a sentença de morte, abrindo desta maneira caminho pelo qual pudessem, mediante os méritos do Seu sangue, encontrar perdão para as transgressões passadas, e mediante a obediência ser levados de volta ao jardim do qual haviam sido expulsos. Então poderiam ter acesso ao glorioso, imortal fruto da árvore da vida a que tinham perdido agora todo o direito. {PE 126}...

“Disse o anjo: ‘Pensais que o Pai entregou o bem-amado Filho sem luta? Não, não.’ Foi de fato uma luta para o Deus do Céu decidir se deixaria perecer o homem culpado ou daria o Seu querido Filho para morrer por eles.” {PE 127}, *Primeiros Escritos*, 149, 151.

Custou tudo a Paulo morrer diariamente, renunciar ao seu próprio interesse e colocou pressão no seu caminho de abnegado serviço de amor pelo homem que perecia. Da mesma forma, custou tudo a Cristo deixar o Céu e descer e dar-Se a Si mesmo pela humanidade que perecia.

Tão verdadeiramente e certo como Paulo podia testemunhar de si mesmo, “cada dia morro”, assim também Cristo pode realmente dizer a mesma coisa de Si próprio. Para nenhum deles foi isso realizado sem sofrimento e dor, mas eles foram em frente contra cada instinto humano natural e desejo. Eles fizeram a vontade de Deus, sem importar quão crucificada fosse a sua natureza humana.

E assim também custou tudo ao Deus do Céu dar-Se a si mesmo no Seu Filho para salvar um mundo da morte, e foi preciso uma verdadeira luta para o fazer. Deus tinha que morrer completamente para o eu, da mesma maneira como Cristo, e Paulo, também Deus poderia dizer, “cada dia morro”.

Mas em nenhum caso foi uma questão de pôr à morte a mente carnal, o velho homem do pecado. No caso do Pai e do Filho, nenhum deles teve alguma vez essa natureza, tendo sido sempre puros no interior, e, no caso de Paulo, tinha morrido, de uma vez por todas com a experiência do novo nascimento. Ele nunca permitiu que o diabo encontrasse novamente um lar no seu coração para regenerar nele aquela vida má.

Segue-se então que não devemos confundir a morte diária para o interesse próprio para que possamos dar ilimitado serviço a Deus e ao homem, por um lado, com a morte da mente carnal pelo outro. A primeira deverá ser repetida em cada dia, enquanto a última Deus pretende que seja uma experiência única, localizada no início da nossa vida cristã. As duas são separadas e distintas, envolvendo cada uma o seu tempo e natureza diferente.

Deve ser entendido que quando dizemos que era a intenção de Deus que a morte da mente carnal fosse uma vez em todo o tempo de experiência no início da vida cristã, não é dizer que nós nunca mais podemos cair depois outra vez numa condição carnal. Podemos renunciar ao casamento com Cristo e voltar ao antigo marido novamente se quisermos. Podemos arrancar a árvore boa e plantar

outra árvore má no seu lugar, mesmo que a primeira tenha sido destruída pelo fogo. Nós não somos salvos uma vez, e ficamos salvos para sempre.

E vai ajudar muito na batalha com o pecado, se entendermos que vamos encontrar relutância sempre que a natureza humana é chamada a fazer sacrifícios. Se soubermos que vai ser assim, então podemos saber como negar o protesto da natureza humana e fazer a mesma coisa que o impulso divino dentro de nós está a dizer que façamos. Por outras palavras, aprender a viver, não pela inclinação, mas pelo princípio.

Capítulo 15

A Páscoa.

No capítulo onze deste livro, vimos a experiência da morte da velha natureza, e a ressurreição para uma vida nova, totalmente ilustrada pela relação de casamento. Isto está descrito nos primeiros versículos de *Romanos 7*. No início desse capítulo foi apresentado o assunto, que por sermos tão lentos de coração para aprender, Deus tem que ilustrar repetidamente esta questão sob muitos ângulos diferentes. Para que o impacto total e o propósito desta série de estudos sejam realizados, não passaremos desta fase do nosso estudo, sem considerarmos pelo menos mais uma dessas ilustrações.

Para fazer isso, passamos agora ao Antigo Testamento, e aqui vamos ver que Deus, através de uma série de cerimônias, nos deu uma maravilhosa ilustração da experiência do novo nascimento, que é o começo de uma nova vida. Israel foi convidado a observar estas até ao momento em que Cristo deveria vir. Em *Levítico 23*, são listados os detalhes das sete grandes festas cerimoniais do ano religioso judeu. Na sua ordem conforme se distribuía ao longo do ano, eram:

1. A Páscoa, que era no décimo quarto dia do primeiro mês;
2. A festa dos pães ázimos, que era no décimo quinto dia.
3. Depois seguia-se a oferta de Primícias no décimo sexto;
4. Cinquenta dias depois deviam observar a festa das semanas.

Estas primeiras quatro cerimônias religiosas eram agrupadas nos dias iniciais do mês, e será visto que as três restantes se agrupavam nos primeiros quinze dias do sétimo mês, que marcava o encerramento do ano religioso judeu. As três últimas eram:

5. A festa das trombetas, marcada para o primeiro dia do sétimo mês;
6. O grande dia da expiação, que se seguia no décimo dia;
7. A festa dos Tabernáculos, que se realizava no décimo quinto dia do mesmo mês.

Esta série de festas era profética dos grandes eventos a ter lugar durante a época em que o tipo daria lugar ao antítipo. Por outras palavras, cada uma destas festas era um tipo, e cada festa era típica de um acontecimento a ter lugar no período entre o primeiro e o segundo advento de Cristo.

Por exemplo, a Páscoa era um tipo da morte de Cristo na cruz, e a Sua morte foi o antítipo, ou o cumprimento dessa festa, ou desse tipo. Mas como podemos saber isso com certeza? Nós sabemos-lo porque é assim declarado nas Escrituras com estas palavras:

“Alimpai-vos, pois, do fermento velho, para que sejais uma nova massa, assim como estais sem fermento. Porque Cristo, nossa páscoa, foi sacrificado por nós.” *1 Coríntios 5:7*.

Da mesma forma, a festa dos Pães Azimos era típica da experiência do povo na sua tristeza por causa da morte de Cristo, e também da obra especial de deixar o pecado, que se seguiu à verdadeira compreensão da Sua morte sacrificial. A festa das Primícias que se seguia, referia-se à ressurreição de Jesus Cristo, enquanto a festa das Semanas apontava para o poderoso derramamento do Espírito no dia de Pentecostes.

Como já foi mencionado, notareis que todas estas festas tinham lugar no início do ano cerimonial e estavam agrupadas bem próximas entre si. De forma semelhante, o antítipo de cada uma ocorria muito próximo uns dos outros no início do que conhecemos como a dispensação cristã.

As últimas três festas tinham lugar num grupo muito perto do final do ano, e isso indicaria que o antítipo de cada uma de igual modo seria no fim do tempo. Isto é verdade. A festa das trombetas apontava ao futuro para a advertência do julgamento iminente que não foi anunciado como uma realidade presente senão no início do século dezanove. O Grande Dia da Expição apontava para o futuro para o início do Juízo Investigativo no santuário celestial quando Jesus deixou o primeiro compartimento do santuário celestial e foi para o segundo compartimento no final dos 2.300 anos da profecia. Esta investigação teve início em 1844 com os casos daqueles que, em suas vidas tinham sido contados entre o povo do Senhor, e, no devido tempo, passará aos casos dos vivos que, da mesma forma, afirmam ser membros da família de Deus. Nunca tendo recebido os benefícios do ministério de Cristo no primeiro compartimento, os ímpios não se qualificam para receber as bênçãos do glorioso segundo compartimento, como é confirmado na seguinte declaração:

“No cerimonial típico, somente os que tinham vindo perante Deus com confissão e arrependimento, e cujos pecados, por meio do sangue da oferta para o pecado, eram transferidos para o santuário, é que tinham parte na cerimônia do dia da expiação. Assim, no grande dia da expiação final e do juízo de investigação, os únicos casos a serem considerados são os do povo professo de Deus. O julgamento dos ímpios constitui obra distinta e separada, e ocorre em ocasião posterior. ‘É tempo que comece o julgamento pela casa de Deus; e, se primeiro começa por nós, qual será o fim daqueles que são desobedientes ao evangelho?’ 1 Pedro 4:17.” *O Grande Conflito*, 480.

Finalmente, uma vez terminada a tensão do solene dia da expiação, todo o Israel se reunia para celebrar a festa dos tabernáculos com início no décimo quinto dia do sétimo mês e estendia-se pelos sete dias seguintes. Esta era a figura das coisas boas que virão quando todos os resgatados do Senhor se reunirem no Céu quando Jesus voltar.

Os homens e as mulheres não têm dificuldade em lembrar e celebrar os grandes acontecimentos da sua história passada, e especialmente quando orientados pelo Senhor a fazê-lo. Mas, tanto eles como todos nós somos muito propensos a perder a mensagem espiritual, que também está gravada nela. Temos de compreender que essas festas não só servem como memoriais de acontecimentos do passado, mas também eram tipos ou lições objectivas da experiência que o Senhor procurou que cada um dos Seus filhos possuísse e desfrutasse. Por isso, devemos compreender a natureza das experiências que temos de atingir, a ordem em que elas devem vir, e como obter o propósito destas lições objectivas.

Portanto, seria bom para nós entendê-las e experimentá-las. Por outras palavras, se conhecemos estas lições do Velho Testamento apenas como cerimónias que apontavam para futuros acontecimentos da era cristã, e apenas conhecemos isto, falhamos em encontrar a sua contrapartida na nossa experiência de vida, então, o verdadeiro valor e intenção de tudo isso está perdido para nós. Seria tão mau, como se não soubéssemos nada.

Observámos atrás que estas festas mostravam as experiências desejadas na ordem em que as primeiras coisas vêm em primeiro lugar. Portanto, seria de esperar que a primeira experiência na saída da escravidão do senhor do pecado, e o novo nascimento como filhos de Deus, seria a mensagem ensinada na primeira festa. Isto é exactamente certo e verdadeiro. A primeira destas festas, a Páscoa, é uma lição da experiência do novo nascimento, o que, por sua vez, é a primeira experiência em andar com Cristo.

Fariamos bem aqui fazer a pergunta para saber o que é uma lição objectiva. Às vezes, usamos um termo sem parar para pensar qual é o seu real significado e, portanto, perder muito do que podemos aprender. Uma lição objectiva é um sistema de ensino onde a instrução não é dada pelo ensino oral directo ou escrito, mas em vez disso é explicado, usando objectos para representar a realidade. Assim, também é usado o caminho do olho para a mente, bem como o do ouvido.

Este é um meio particularmente eficaz de ensino especialmente para o iniciante que está sentindo o seu caminho e ainda não aprendeu a entender as coisas mais profundas da Palavra. Todavia, o aluno mais avançado não despreze este método, pois há muito que ele também pode aprender com o sistema.

Neste sistema, os objectos e as acções tomadas por eles são de significado espiritual. Portanto, a pergunta constante que devemos fazer é a seguinte:

“Quais são as lições espirituais que estes objectos e a sua aplicação se destinam a ensinar-me, e como encontrar o seu lugar como uma parte viva da minha própria experiência?”

Descobriremos que à medida que fazemos essas perguntas e encontramos as respostas para elas, nos maravilharemos com a beleza e o poder da lição que Deus nos tem dado na forma de lição objectiva.

Assim olhamos a Páscoa como a lição objectiva da primeira experiência do crente no evangelho, que é a primeira experiência no poder de Deus para salvar do pecado. Que há uma dessas lições a ser aprendida no serviço da Páscoa é evidente pelo estudo de *Patriarcas e Profetas*, 277-278, {PP 192}, aqui citado em parte.

“A páscoa devia ser tanto comemorativa como típica, apontando não somente para o livramento do Egito, mas, no futuro, para o maior livramento que Cristo cumpriria libertando Seu povo do cativeiro do pecado.”

Agora façamos a pergunta: “Quando é que somos libertados da escravidão do pecado?”

A resposta deverá ser, “na experiência do novo nascimento!” e aqui no testemunho acima é dito muito claramente que a Páscoa é um tipo, ou uma lição objectiva da experiência da libertação da escravidão do pecado. E se até aqui vimos menos do que isso na lição objectiva da Páscoa, então nós simplesmente não temos visto o que o Senhor tem para nós nessa instrução. A Páscoa ainda não significa nada para nós.

Neste livro, já vimos como a situação dos filhos de Israel na terra do Egito era uma ilustração completa da situação dos professos filhos de Deus controlados pelo poder do pecado. Nessa fase da série de estudos não levámos o estudo mais além, porque estávamos centrados em ver claramente a natureza do problema que enfrentamos. Agora chegamos ao lugar onde nos focaremos na necessidade de libertação e, por isso, é hora de seguir a lição da Páscoa até ao fim.

A história é contada em *Êxodo* capítulo 12. Sigamos essa gloriosa lição para ver a experiência mais gloriosa da realidade como disse Paulo,

“Porque, se o que era transitório foi para glória, muito mais é em glória o que permanece.” *2 Coríntios 3:11*.

As instruções detalhadas para a observância da Páscoa, de maneira a garantir que ensinasse a mensagem clara e forte que Deus pretendia, deve começar com a declaração do Instrutor celestial que o mês em que a Páscoa foi celebrada pela primeira vez ensinada e para sempre depois, foi o primeiro mês do ano.

“E falou o Senhor a Moisés e a Arão na terra do Egito, dizendo:

“Este mesmo mês vos será o princípio dos meses; este vos será o primeiro dos meses do ano.” *Êxodo 12:1-2*.

Esta designação do mês da Páscoa como sendo o primeiro mês do ano religioso, distinto do seu ano civil era altamente significativo. Embora cada uma dessas pessoas que comeram o cordeiro da Páscoa deixasse completamente para trás a velha vida de escravidão, a maioria deles levou consigo a sua escravidão ao pecado. Somente alguns daquele grande grupo saíram do Egito espiritualmente e também fisicamente. Portanto, para a maioria deles, a mensagem contida na lição objectiva de uma nova localização para o primeiro mês do ano manteve-se não discernida.

Mas deve ter sido o habitual remanescente que leu a mensagem correctamente, e, pela fé no poder salvador do evangelho, foi capaz de traduzir a lição objectiva para a realidade. A sua libertação da escravidão do pecado foi tão real quão total foi o livramento dos senhores do pecado da nação do Nilo. Eles conheciam o poder contido em escrituras como esta:

“Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente, sereis livres.” *João 8:36*.

Eles, certamente podiam ver quão adequado era a designação do primeiro dia do mês do ano para a Páscoa. Para eles, foi o início de uma nova vida. Era um absoluto deixar para trás a antiga vida de escravidão, e a saída para uma nova vida de liberdade e de justiça.

Esta maravilhosa transformação em lado algum é melhor descrita do que na experiência do nobre de Cafarnaum que foi a Cristo em busca de cura para o seu filho. A caminho de Caná, ele via-se a viver num hostil mundo de trevas, mas quão diferente ele se olhou no caminho de regresso!

“Caná não distava muito de Cafarnaum, de modo que o oficial poderia haver chegado a casa na tarde do dia em que estivera com Jesus; mas não se apressou na jornada de regresso. Só na manhã seguinte chegou a Cafarnaum. Que chegada, aquela! Ao partir em busca de Jesus, tinha o coração oprimido de dor. O brilho do Sol afigurava-se-lhe cruel, uma ironia o cântico dos pássaros. Agora, quão diversos eram os seus sentimentos! Dir-se-ia que toda a natureza se revestira de novo aspecto. Novos são os olhos com que contempla o que o rodeia. Enquanto, no sossego das horas matinais, prosseguia em sua jornada, afigurava-se-lhe que toda a natureza o acompanhava num louvor a Deus. Estando ainda a alguma distância de casa, servos lhe saíram ao encontro, ansiosos de lhe sossegar a alma que acreditavam suspensa. Nenhuma surpresa mostra, entretanto, em face das novas que lhe trazem, mas, com profundidade de interesse que não podem compreender indaga a que horas a criança melhorara. Respondem: ‘Ontem à sétima hora a febre o deixou.’ Na mesma hora em que a fé se apegara à afirmação: ‘Teu filho vive’, o divino amor tocara a moribunda criança.” {DTN 131}, *O Desejado de Todas as Nações*, 199.

Na Páscoa, foi feita a total provisão para todo o israelita passar pela mesma experiência como a deste nobre, e todo o que não conseguiu fazê-lo, não entrou porque, e somente porque, deixou de valer-se das bênçãos oferecidas. Nenhuma culpa ou lacuna devia ser atribuída a Deus por isto, mas apenas e só às pessoas e si mesmas.

E assim é ainda. Na experiência do novo nascimento o Senhor leva-nos ao início de uma nova vida. Para trás está a velha vida de servidão, extorsão e pecado. O futuro à nossa frente é a nova vida de liberdade e de justiça. Foi feita pelo Senhor a mais completa provisão possível para isto, e aqueles que não conseguem entrar nesta experiência não o fazem, por causa de qualquer falha ou erro do Senhor, mas apenas porque não conseguem aproveitar a maravilhosa salvação oferecida. Quão pouco nós temos daquilo que o Senhor gostaria que tivéssemos!

O procedimento passo a passo destinado a conduzi-los ao livramento do Egito e do senhor do pecado começou com o angustiante clamor por parte do povo para a salvação da sua servidão cruel como está escrito:

“E aconteceu, depois de muitos destes dias, morrendo o rei do Egito, que os filhos de Israel suspiraram por causa da servidão e clamaram; e o seu clamor subiu a Deus por causa de sua servidão.

“E ouviu Deus o seu gemido e lembrou-se Deus do seu concerto com Abraão, com Isaque e com Jacó;

“E atentou Deus para os filhos de Israel e conheceu-os Deus.” *Êxodo 2:23-25*.

Este era o mesmo agonizante grito que saiu do homem de *Romanos 7*, quando em desespero gritou:

“Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?” *Romanos 7:24*.

Os elementos essenciais de tal oração necessários para garantir a sua aceitação pelo do trono da graça, são uma grande consciência da nossa desesperada condição, e da nossa total dependência de Deus. Nós devemos conhecer nos nossos corações que não há ninguém que possa salvar outro senão Ele. Tão dolorosa é a cruel escravidão do pecado, que é essencial que ganhemos uma verdadeira compreensão de quão má é a nossa transgressão.

Esta percepção do mal da nossa parte é visível apenas para aqueles cujos olhos estão abertos para o ministério do Espírito Santo.

Como ensinado pelo Senhor, no décimo dia do primeiro mês, cada família devia tomar um cordeiro das ovelhas, ou um cabrito das cabras e, depois de ter sido especialmente separado até ao décimo quarto dia, devia ser morto na tarde desse dia pelas próprias pessoas, e o sangue espargido nas ombreiras e vergas da porta das suas casas.

Esse perfeito e imaculado cordeiro é um símbolo de Jesus, o Cordeiro de Deus, e nunca deixai ser esquecido que, tal como o próprio israelita tinha de tirar a vida ao Cordeiro, assim foi o vosso pecado e o meu que tirou a vida do Filho de Deus. Ele não morreu na cruz por causa dos efeitos físicos da crucificação. Ele morreu devido ao peso terrível do pecado que esmagou a Sua vida. Pelos nossos pecados nós matámos o Salvador na cruz. Esta verdade devia revelar-nos as terríveis consequências do pecado, que o seu salário é a morte, à medida que vemos o Puro e Imaculado morrer como um resultado directo das nossas acções, deve levar-nos a odiar o pecado como nunca o odiámos antes, e fugir dele com toda a abominação que ele merece.

O sangue tinha de ser aplicado à porta para ser eficaz, portanto, da mesma forma, lembrai-vos de que nada do que é feito por nós, tal como a morte do velho homem do pecado e o recebimento da nova vida é possível, excepto pelo que Cristo realizou na cruz do Calvário. Esse grande acto de sacrifício do Redentor abriu a todos os homens as bênçãos do Céu, e sem ele não há esperança nem vida para qualquer pessoa, em qualquer lugar, ou tempo algum.

Mas não é suficiente que reconheçamos e acreditemos nisto. Seria seguro dizer que todo o professo mundo cristão acredita que Cristo morreu pelos nossos pecados e que temos a redenção pelo Seu sangue, e, no entanto, a maior parte dele, apesar disso, perecerá. O sangue deve ser aplicado a cada um de nós individualmente, assim como cada família tinha que aspergir o sangue às ombreiras e vergas das suas portas. O que o Senhor realizou na cruz deve tornar-se eficaz na vida de cada crente e é deixado com cada um aplicar os benefícios dessa expiação para si mesmo. Ninguém pode fazê-lo por nós.

Agora, observai que o Senhor lhes trouxe os benefícios do serviço da Páscoa onde estavam ainda fisicamente ou geograficamente na terra do pecado. Cada pessoa que recebeu e comeu o cordeiro da Páscoa fê-lo sem ter dado um único passo para fora da terra do pecado. Eles ali estavam ainda no Egipto, embora vivessem um pouco fora na terra de Gósen, que ainda era parte da terra do Egipto, por isso ainda estavam nesse país. Pensai sobre isso. Era a nação onde habitava o pecado, a escravidão, tribulação, servidão, sofrimento, tristeza, frustração, trevas e morte. E eles estavam lá nesse reino de trevas e de morte e experimentando por si próprios todas as condições dessa terra, em si mesmos, enquanto lá estivessem.

Do mesmo modo, estamos na terra do pecado e da escravidão, da miséria e da morte, e precisamente aí onde estamos no nosso cativeiro e na nossa grande necessidade, o Senhor traz-nos o evangelho, e ali o oferece a nós. Não vamos a Ele; Ele vem até nós. Não há maior erro do que imaginar que temos primeiro de nos tornar melhores antes de podemos receber as bênçãos da redenção.

“Quando virdes vossa pecaminosidade, não espereis até que vos tenhais melhorado. Quantos há que julgam não ser suficientemente bons para ir a Cristo! Tendes esperança de tornar-vos melhor mediante vossos próprios esforços? ‘Pode o etíope mudar a sua pele ou o leopardo as suas manchas? Nesse caso também vós podereis fazer o bem, sendo ensinados a fazer o mal.’ Jeremias 13:23. Só em Deus é que há socorro para nós. Não devemos esperar persuasões mais fortes, melhores oportunidades ou um temperamento mais santo. De nós mesmos nada podemos fazer. Temos de ir a Cristo exatamente como nos achamos.” *Caminho a Cristo*, 31.

Ora, antes dos israelitas poderem deixar a terra da escravidão, duas coisas tinham de acontecer como simbolizado pela aplicação do sangue do cordeiro imolado. Enquanto esses dois acontecimentos estivessem realizados não poderiam partir e não partiram. Notai bem porque os mesmos dois acontecimentos espirituais devem ter lugar nas nossas vidas antes de deixarmos a terra do pecado e da escravidão do pecado.

O primeiro desses dois acontecimentos era este.

- O senhor do pecado tinha de morrer.

O segundo destes dois acontecimentos era que os israelitas tiveram que,

- Comer o cordeiro pascal.

Os factos são que apenas quando ambas as acções tiveram lugar foi o povo libertado da escravidão fisicamente, e, esperava-se, espiritualmente.

Analisemos com maior detalhe, o cumprimento do primeiro requisito, a morte do primogénito.

Nove terríveis e devastadoras pragas haviam efectuado a sua destruidora marcha através das terras férteis, mas tudo isso não tinha sido suficiente para quebrar o poder do senhor dos escravos. Os israelitas ainda permaneceram seguros sob o seu poder.

Mas quando a décima praga desceu sobre os egípcios, estes não puderam deter os israelitas com força suficiente. Eles apressaram a saída do povo de Deus ao ponto deles saírem sem estar preparados para ir.

“E aconteceu, à meia-noite, que o Senhor feriu todos os primogênitos na terra do Egito, desde o primogênito de Faraó, que se sentava em seu trono, até ao primogênito do cativo que estava no cárcere, e todos os primogênitos dos animais.

“E Faraó levantou-se de noite, ele, e todos os seus servos, e todos os egípcios; e havia grande clamor no Egito, porque não havia casa em que não houvesse um morto.

“Então, chamou a Moisés e a Arão de noite e disse: Levantai-vos, saí do meio do meu povo, tanto vós como os filhos de Israel; e ide, servi ao Senhor, como tendes dito.

“Levai também convosco vossas ovelhas e vossas vacas, como tendes dito; e ide e abençoai-me também a mim.

“E os egípcios apertavam ao povo, apressando-se para lançá-los da terra; porque diziam: ‘Todos seremos mortos.’

“E o povo tomou a sua massa, antes que levedasse, e as suas amassadeiras atadas em suas vestes, sobre seus ombros.” *Êxodo 12:29-34.*

“E cozeram bolos asmos da massa que levaram do Egito, porque não se tinha levedado, porquanto foram lançados do Egito; e não se puderam deter, nem prepararam comida.” *Êxodo 12:39.*

Assim, a morte do primogénito de facto desencadeou a partida da terra da escravidão. Nenhuma libertação da servidão havia sido concedida a hebreus até essa terrível praga roubar à nação mais poderosa da época o seu primogénito. Assim também, não será até à morte do nosso primogénito espiritual que seremos libertados da nossa escravidão à servidão do pecado.

O Faraó não sabia isso, mas naquela noite fatídica para todos os envolvidos, ele pronunciou uma verdade poderosa quando disse aos hebreus que fossem a fim de servir ao Senhor.

“Ide, servi ao Senhor, como tendes dito”, disse ele.

Eu tenho-me referindo ao primogénito em termos de símbolo do senhor dos escravos. Isto não significa que somente os primogénitos individualmente poderiam ocupar esta posição, pois nós procuramos a contrapartida espiritual do primogénito.

O facto é que todo o homem que não tenha renascido, ainda está no seu primeiro nascimento ou no seu primogénito. O pai dessa vida que entra no mundo é Satanás. Esse é o filho espiritual que Deus quer ver substituído pelo recém-nascido que é “Cristo em vós, a esperança da glória”.

A nossa justificação para equiparar os primogénitos do Egipto com o senhor do escravo reside no facto de que o primogénito herdava todo o poder dessa nação senhora de escravos. Portanto, quebrar o poder dos primogénitos do Egipto, era quebrar o poder do Egipto. O Faraó reconheceu isto, pelo menos temporariamente, quando, após a morte do primogénito da sua nação, libertou os israelitas da sua servidão. Pouco tempo depois, ele tentou inverter as suas convicções tentando reconduzir os hebreus à sua escravidão, mas o seu sepultamento no fundo do mar Vermelho só serviu para confirmar a verdade que, uma vez libertados pelo Senhor do Céu e da Terra sois livres de facto.

Agora, é evidente que nada mais, nada menos do que a morte do primogénito poderia dar a liberdade aos escravos. Enquanto o senhor dos escravos vivesse permaneceriam em cativeiro. Portanto, quando o primogénito morreu o poder do Egipto morreu com ele.

Exactamente da mesma forma, não há nada que nos possa libertar do poder do pecado senão a morte do senhor do pecado em si. Enquanto o senhor do pecado viver, permaneceréis escravos do

pecado. Apenas isso e nada mais. Nenhuma verdade deve ser mais claramente compreendida, mais firmemente defendida, nem mais decididamente experimentada do que essa.

Mas, notai bem, os israelitas não foram obrigados a pegar numa espada e sair para matar os primogênitos. Isso era algo que estava muito além do seu poder fazer. Em vez disso, deviam deixar isso para Aquele que poderia fazê-lo e, pela fé, esperar n'Ele a execução da sentença de morte.

Deste modo, lembremo-nos de que é inútil para nós tentar derrubar a velha natureza. Essa é a obra de Deus. Ele nos pede para entregar o velho senhor do pecado à morte nas Suas mãos, porque nós não temos o poder para executar a punição do homem do pecado. Só o Altíssimo tem a capacidade de trazer a morte deste inimigo mortal. Qualquer tentativa da nossa parte para assumir a tarefa do Senhor é frustrar a obra da salvação em nosso favor. É a tentativa de trazer justiça pelas nossas próprias obras.

Mas a destruição do senhor do pecado, era apenas a primeira das duas coisas que tinha que acontecer antes que os israelitas fossem libertados. A segunda foi a participação de uma vida nova para substituir a antiga. Foi por isso que todo o israelita nessa noite comeu do cordeiro antes de deixar a sala e começar a sua viagem em liberdade. Ao participar da carne desse cordeiro, a vida dele tornou-se a sua vida, como escreveu um certo padeiro na parede exterior da sua padaria,

“O que comeis hoje caminha e fala amanhã.”

Isto é verdade. A vida e a vitalidade do que comeis torna-se a vossa vida.

Vede, então, quão claramente e quão simplesmente é ensinada a lição de que na vida dos israelitas de que tinha de haver o fim de uma vida e o início de outra, antes de poderem deixar a terra do Egito. Era o fim de uma vida de escravidão e o início de uma vida de liberdade e justiça. Quando e somente quando estes dois acontecimentos tiveram lugar, o Faraó chamou Moisés e Arão, para lhes dizer:

“Levantai-vos, saí do meio do meu povo, tanto vós como os filhos de Israel; e ide, servi ao Senhor, como tendes dito.” *Êxodo 12:31*.

Como já mencionado acima, o Faraó falou muito mais do que sabia, mas tendo rejeitado o ministério do Espírito Santo, jamais poderia conhecer a verdade e o significado das palavras que tinha falado, mas a verdade ali estava da mesma maneira. Só agora que esses dois acontecimentos tiveram lugar, eram eles um povo livre capaz de deixar o Egito, e ir e servir ao Senhor em vez do Egito.

Da mesma forma, antes de sermos capazes de escapar do cativo da nossa natureza espiritual má, a mente carnal deve ser condenada à morte e erradicada, e a vida de Cristo preencher o vácuo, reproduzindo-se no interior.

Até aqui, temos lidado com o comer do cordeiro nos termos mais simples. Agora é altura de ver mais a respeito deste grande símbolo que contém mensagens espirituais do maior valor. Estas são, de facto, tão grandes, tão profundas, e de tão vasto alcance que o estudo da eternidade não irá esgotar estas poderosas verdades.

O ponto para o qual voltamos agora a nossa atenção é que os israelitas começaram a comer o cordeiro antes do primogénito morrer, estavam no acto de o comer quando ele morreu, e estavam ainda a comê-lo depois dele ter morrido. Assim, enquanto a morte do primogénito ocupava apenas um momento do tempo, o acto de comer o cordeiro tomou muito mais tempo.

Agora procuremos entender o significado destas três fases no comer do cordeiro como revelado no seguinte parágrafo:

“A carne devia ser comida. Não basta mesmo que creiamos em Cristo para o perdão dos pecados; devemos pela fé estar recebendo constantemente força e nutrição espiritual dEle, mediante Sua Palavra. Disse Cristo: ‘Se não comerdes a carne do Filho do homem, e não beberdes o Seu sangue, não tereis vida em vós mesmos. Quem come a Minha carne e bebe o Meu sangue, tem a vida eterna.’ E para explicar o que queria dizer, juntou: ‘As palavras que Eu vos disse são espírito e vida’. João 6:53, 54, 63. Jesus aceitou a lei de Seu Pai, levou a efeito em Sua vida os princípios da mesma, manifestou-lhe o espírito, e mostrou o seu benéfico poder no coração. Diz João: ‘O Verbo Se fez

carne, e habitou entre nós, e vimos a Sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e verdade'. João 1:14. Os seguidores de Cristo devem ser participantes de Sua experiência. Devem receber e assimilar a Palavra de Deus de modo que esta se torne a força impulsora da vida e das ações. Pelo poder de Cristo devem ser transformados à Sua semelhança, e refletir os atributos divinos. Devem comer a carne e beber o sangue do Filho do homem, ou não haverá vida neles. O espírito e a obra de Cristo devem tornar-se o espírito e obra de Seus discípulos." {PP 193}, *Patriarcas e Profetas*, 277.

Em primeiro lugar, somos avisados de que “devemos pela fé estar recebendo constantemente força e nutrição espiritual dEle, mediante Sua Palavra.”

Esta não é uma referência ao novo nascimento, que não é um *constante* recebimento de força e alimento espiritual através da palavra de Deus. Pelo contrário, o nascido de novo é na realidade a vida de Cristo que é implantada dentro do crente e que deve ser fortalecida constantemente e alimentada para crescer. É a responsabilidade do crente em Jesus adquirir e aplicar este alimento por si mesmo. Isto é realizado comendo a carne e bebendo o sangue do Filho do homem numa base diária.

A participação na carne do cordeiro antes da morte do primogénito, salienta a necessidade da aplicação destas poderosas influências espirituais que preparam a alma para a experiência da morte do velho homem e para receber o novo nascimento no seu coração e na vida. Esta é a segunda aplicação quanto a comer a carne de Cristo e beber o Seu sangue. Por este meio, o crente é transformado à imagem divina, e traz a semelhança divina onde quer que vá.

“À medida que esvaziáis o coração do eu, deveis aceitar a justiça de Cristo. Apoderaí-vos dela pela fé; pois deveis ter a mente e o espírito de Cristo para poderdes realizar as obras de Cristo. Se abirdes a porta do coração, Jesus suprirá o vácuo pelo dom do Seu Espírito, e então podeis ser um pregador vivo no vosso lar, na igreja e no mundo.” *Review and Herald*, 23 de Fevereiro de 1892.

Apesar de essencial, o perdão não é suficiente. Foi da vida que Adão e Eva foram separados, e agora o que é necessário é uma nova vida com a qual substituir a que foi perdida. Um homem morto perdoado não é melhor do que um homem morto não perdoado.

Aquilo que era verdade na experiência da Páscoa é igualmente verdadeiro na obra da salvação. Estas duas coisas devem ser realizadas antes de podermos começar a fazer as obras de Deus em justiça. Esta verdade é repetida uma e outra vez nas Escrituras. O Senhor diz-nos isto com estas palavras, para citar apenas um exemplo.

“Dar-lhes-ei um só coração, espírito novo porei dentro deles; tirarei da sua carne o coração de pedra e lhes darei coração de carne;

“Para que andem nos meus estatutos, e guardem os meus juízos, e os executem; eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus.” *Ezequiel 11:19-20* (ARA 1993).

Observai o uso da expressão, “para que” nesta construção. Ela mostra que certas coisas devem ser realizadas para que outras também possam ser. E as coisas a fazer são duas. Elas são tirar o coração de pedra, que não é senão uma outra maneira de definir o velho homem do pecado, e a colocação do novo que é a nova vida no lugar da antiga. E tudo isso é feito para que possamos começar com alegria a ajustar a nossa vida com os princípios divinos.

Outras referências que ensinam a mesma verdade são *Ezequiel 36:26*; *Romanos 6:6*; *8:3,4*, e assim por diante.

Se considerais as posições do sangue em ambas as ombreiras e na verga superior, não esquecei que, na aplicação do sangue na verga este desceria até ao degrau, ireis então perceber que os israelitas haviam traçado a forma da cruz do Calvário. depois considerai o significado do facto de cada homem e cada mulher e criança que saíram do Egito naquela noite, saiu por aquela porta, ou, por outras palavras, para o caminho da cruz.

No seu trajecto pelo caminho da cruz, deixaram para trás a terra da escravidão egípcia para sempre, e ficaram sob a orientação directa e pessoal do Senhor. Contudo, eles tinham apenas começado a sua exigente jornada. A Terra Prometida ainda estava longe, e não saíram da terra do

Egipto directamente para a Terra de Canaã. Entre elas havia uma obra de preparação e formação. Eles eram livres, era verdade, mas havia ainda muito a aprender em fé e obediência antes de poderem entrar na posse da sua herança.

Assim eles foram.

Tinham realizado uma bela e completa lição objectiva da salvação do pecado, quanto ao início da obra em causa. A grande tragédia de tudo isso é que, para a maioria deles, foi unicamente uma representação, a realização dos ritos de uma cerimónia que o Senhor tinha ordenado. E depois de terem feito isso, eles pensavam que tinham feito tudo o que era necessário, que com isso eram filhos obedientes.

Mas era a intenção do Senhor que eles vissem que tudo o que tinham realizado fisicamente e materialmente, devia ser-lhes a revelação do que deviam fazer e ser espiritualmente, e entrar em nada menos do que isso. Mas a triste verdade é que, embora todos eles saíssem do Egipto, fisicamente, muitos não o deixaram espiritualmente, mas levaram consigo no coração o velho senhor dos escravos. E por terem feito isto eram os mais miseráveis de todos os homens. A isto podem ser atribuídas as murmurações no deserto, as várias rebeliões, o desejo de voltar ao Egipto e ao triste fracasso na entrada na Terra Prometida.

Diante de nós está a escolha sobre se olharemos o êxodo como sendo sem importância, ou nada mais do que a interessante história da libertação de Israel do Egipto, ou se, pela graça de Deus, obteremos a libertação espiritual retratada na forma de lição objectiva na forma da Páscoa.

Pela obra da viva, fé activa, é possível submeter o senhor do escravo à morte, e receber a vida de Cristo em seu lugar. Ninguém precisa viver mais tempo no cativeiro do pecado:

“Porque o pecado não terá domínio sobre vós, pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça.” *Romanos 6:14*.

“Sabendo isto: que o nosso velho homem foi com ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, a fim de que não sirvamos mais ao pecado.” *Romanos 6:6*.

Sabendo isto, que os primogénitos do Egipto morreram com o cordeiro da Páscoa, para que o senhor do escravo pudesse ser desfeito, para que os israelitas não fossem mais escravos dos egípcios.

Sabendo que a nossa mente carnal foi com Ele crucificada, para que o senhor do pecado pudesse ser destruído, para que não fôssemos mais escravos do pecado.

“Estai, pois, firmes na liberdade com que Cristo nos libertou e não torneis a meter-vos debaixo do jugo da servidão.” *Gálatas 5:1*.

Capítulo 16

Pela Fé



té agora nestas páginas, a principal concentração da nossa investigação tem-se centrado nas questões,

- O que é pecado? e
- O que deve ser feito para se livrar dele?

Descobrimos que o pecado é o senhor do escravo que deve ser arrancado pela raiz e erradicado. O Senhor reconhece que o problema deve ser resolvido arrancando a causa do mal e a sua substituição por uma nova e justa força de vida. Então, uma vez resolvida a raiz do problema, o fruto será naturalmente bom.

“A fonte do coração se deve purificar para que a corrente se possa tornar pura. Aquele que se esforça para alcançar o Céu por suas próprias obras em observar a lei, está tentando o impossível. Não há segurança para uma pessoa que tenha religião meramente legal, uma forma de piedade. A vida cristã não é uma modificação ou melhoramento da antiga, mas uma transformação da natureza. Tem lugar a morte do eu e do pecado, e uma vida toda nova. Essa mudança só se pode efetuar mediante a eficaz operação do Espírito Santo.” {DTN 111}, *O Desejado de Todas as Nações*, 172.

Este princípio de purificar a fonte, de modo que o fluxo possa tornar-se puro, é uma simples e muito eficaz solução para todo o problema. Mas, devemos ser cuidadosos para garantir que busquemos a coisa certa de acordo com os procedimentos correctos. Podemos tentar fazer o trabalho nós mesmos em que, nesse caso, estamos envolvidos num programa de trabalho pessoal. Somos advertidos solenemente pelo próprio Deus que os israelitas não entraram no repouso de Deus, porque eles tentaram fazê-lo sem o conhecimento dos caminhos de Deus. A isso Ele respondeu com estas palavras:

“Por isso, me indignei contra esta geração e disse: Estes sempre erram em seu coração e não conheceram os meus caminhos.

“Assim, jurei na minha ira que não entrarão no meu repouso.” *Hebreus 3:10-11*.

Os homens amam fazer a obra de Deus, de acordo com as suas próprias ideias de como ela deve ser levada avante, apesar desta ser uma das mais perigosas e enganadoras doutrinas. Ela tem este carácter porque possui a capacidade de produzir um resultado aparentemente satisfatório, especialmente à primeira vista. Esta solução pode ser comparada com cobrir totalmente uma árvore má com bons frutos. No início, o resultado é razoavelmente atraente, mas como não há nenhuma ligação real à Fonte da vida, o fruto apodrece e torna-se impróprio para consumo.

A alternativa para o programa de trabalho é a salvação pela fé e só pela fé. Ninguém compreendeu isto melhor do que os primeiros apóstolos, entre os quais estava Paulo cujo tema favorito era a justificação pela fé.

Ouvi o seu sonante testemunho na noite em que ele e Silas foram libertados da prisão quando Deus permitiu que um terramoto quebrasse as suas cadeias. O carcereiro aterrorizado, depois de ter percebido o carácter dos seus dois notáveis prisioneiros, fez uma pergunta muito importante.

“E, tirando-os para fora, disse: ‘Senhores, que é necessário que eu faça para me salvar?’” *Atos 16:30*.

Em resposta, Paulo disse:

“Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo, tu e a tua casa.

“E lhe pregaram a palavra do Senhor e a todos os que estavam em sua casa.

“E, tomando-os ele consigo naquela mesma hora da noite, lavou-lhes os vergões; e logo foi batizado, ele e todos os seus.” *Atos 16:31-33*.

Temos, porém, ouvido esse versículo citado repetidamente e com muita frequência! Temos sentido que o havemos entendido e crido. Estamos confiantes de que cremos no Senhor Jesus Cristo, mas ainda não encontramos a paz de Deus no coração e na alma, e temos de encarar o facto de que a vida ainda é um pecar e confessar, pecar e confessar os mesmos pecados, uma e outra vez. Temos de admitir que ainda somos escravos do pecado e que as coisas que queremos fazer, não podemos fazer, enquanto aquelas coisas que odiamos fazer, são as que estamos praticando.

Então, o que é que está errado?

Só pode haver uma resposta. É uma resposta que não estamos muito dispostos a admitir, mas vamos pensar nela do seguinte modo:

A Bíblia diz: “Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo;” e o “evangelho de Cristo, é o poder de Deus para salvação (do pecado) de todo aquele que crê,” e muitos mais testemunhos semelhantes.

Portanto, se temos a fé, exercida correctamente, temos a salvação do poder do pecado, e, também do mesmo modo, se não temos a salvação do pecado, é porque não temos a fé necessária para adquirir tal experiência. É tão simples e tão óbvio quanto isso. Ter realmente fé é ter a vitória, e não podeis ter uma sem a outra.

No entanto, uma vez que ao professar serdes cristãos, podeis testemunhar ter tido muitas respostas às orações da fé. Problemas foram resolvidos, as respostas têm sido dadas, curas experimentadas, hábitos errados abandonados, e o vosso conhecimento da verdade tem aumentado.

Podeis apontar as muitas bênçãos que tendes recebido em resultado da oração da fé e perguntais por que é que a fé que tem sido tão eficaz nestas áreas, carece de eficácia quando se trata de obter o livramento do senhor do pecado. Não tendes dúvida de que isto é de algum modo confuso. Estais seguros de que fé é fé, e que ela opera tão bem tanto numa área como noutra.

Não há dúvida alguma de que já recebestes muitas respostas à oração no passado, e que a vossa fé foi forte no poder de Deus para vos dar o que precisavas, nem há qualquer dúvida quanto à sinceridade das vossas orações.

A resposta está no facto de que existem dois níveis de fé. Há um que nos une a Deus como nosso Libertador da escravidão temporal, e há outro que atinge a libertação do cativo espiritual. É possível, e, de facto, muito usual ter o nível mais baixo de fé sem ter o outro, ou o nível mais elevado, pelo menos por enquanto.

Esta distinção era muito clara para a mente de Paulo, como é bastante evidente nas suas próprias palavras:

“Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine.

“E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria.

“E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria.” *1 Coríntios 13:1-2*.

Isto parece ser uma clara contradição. Como pode alguém ter toda a fé e, no entanto, não ter amor? Como pode isto ser possível?

Se alguém tiver toda a fé, então, como a fé é uma força activa, cada um deve ter tudo o que a fé traz, inclusivamente o amor. A salvação vem a nós por meio da fé, e a salvação é a libertação do pecado. O pecado é, entre outras coisas, o ódio, e se somos salvos do pecado, então somos salvos do ódio e temos amor.

A verdadeira fé não é só acreditar em alguém ou alguma coisa, mas acreditar ao ponto onde na verdade se confia nas bênçãos prometidas. Portanto, ter toda a fé é ter todas as bênçãos. A grande bênção da fé é a vida de Deus na alma.

Portanto, Paulo está dizendo: “Com efeito, ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e as dificuldades físicas e problemas, mas não fosse nascido de novo pela fé viva na nova vida de Deus para que tivesse o amor de Deus em mim; nada sou.”

Esta verdade é maravilhosamente e claramente revelada na experiência dos filhos de Israel nas jornadas no deserto. No capítulo anterior, vimos como a Páscoa era a perfeita lição objectiva do novo nascimento, mas a coisa triste foi que muitos do povo saíram do Egito ainda com o Egito nos seus corações. Eles saíram pela fé, é verdade, mas foi a fé em Deus como seu Salvador do sofrimento físico, e eles ainda tinham muito a aprender antes da justiça se tornar a experiência mesmo de um remanescente deles.

Na história da travessia do Mar Vermelho, e do recebimento da lei no Monte Sinai, é dada a oportunidade para discernir esta distinção entre a fé que move montanhas de dificuldade temporal, e que trará à alma a salvação do pecado e da injustiça.

Os filhos de Israel tinham vivido por muitas gerações na terra do Egito, onde, salvo na terra de Gósen, tinham estado rodeados pela imponente grandeza das obras humanas como exibido na arquitectura egípcia. Eles também estavam familiarizados com a forma como o Egito construiu o seu reino passo a passo, até se tornar na nação mais poderosa no mundo de então. Nem ignoravam os feitos do seu próprio campeão, Moisés, enquanto desempenhava a sua importante parte em toda esta actividade e crescimento.

O resultado para os hebreus e também para os egípcios foi a exaltação do humano acima do divino. Isto levou ao esquecimento de Deus, e ao desenvolvimento da confiança em si mesmos entre aqueles que não conheciam os caminhos do Senhor, nem entendiam o sagrado sábado de Deus. Mesmo Moisés foi moldado desta maneira, o que explica o seu pensamento de que seu povo seria libertado pela guerra.

“Moisés estivera a aprender muito que tinha de desaprender. As influências que o haviam cercado no Egito — o amor de sua mãe adotiva, sua própria posição elevada como o neto do rei, a dissipação de todos os lados, o requinte, a subtileza e o misticismo de uma religião falsa, o esplendor de um culto idólatra, a solene grandiosidade da arquitetura e escultura — tudo deixara profundas impressões em sua mente em desenvolvimento, e modelara, até certo ponto, seus hábitos e carácter. O tempo, a mudança de ambiente e a comunhão com Deus podiam remover estas impressões. Renunciar o erro e aceitar a verdade requeria da parte de Moisés mesmo uma luta tremenda; mas Deus seria seu auxiliador quando o conflito fosse demasiado severo para a força humana.” {PP 173}, *Patriarcas e Profetas*, 248.

Deus teve de afastar Moisés para o deserto de Midiã por quarenta anos de treino especial antes que ele estivesse preparado para a obra da sua vida. Os israelitas, em geral, necessitaram de uma preparação para receber a fé que opera pelo amor e purifica a alma. Deus determinou que eles recebessem isto antes de entrarem na Terra Prometida, mas muitos deles mostraram uma falta de vontade de aprender e ser convertido, que amadureceu no aparecimento de rebelião diversas vezes. Dezenas de milhares estavam preparados para morrer em vez disso, e morreram. A todos esses faltou mesmo a fé que liberta da escravidão material e temporal, e, portanto, não sabiam nada da fé que oferece a libertação da escravidão do pecado.

Hoje, de um modo inigualável a qualquer tempo anterior, o homem desenvolveu múltiplas soluções numa crescente variedade de problemas de todos os tipos. É verdade que ainda há algumas soluções que têm desafiado a investigação, mas o homem tornou-se tão confiante nas suas notáveis capacidades, que não é desanimado por isto. Em vez disso, ele considera que é somente uma questão de tempo antes que cada um desses obstáculos seja derrubado sucessivamente.

E qual é a mensagem que soa em todas as instituições educacionais, competições desportivas, conflitos militares, triunfo da ciência, e assim por diante? Em resposta “o homem é o maior e não precisa de Deus”.

O tema de quase todas as apresentações de ficção como retratadas nas novelas, dramas televisivos, filmes, etc., é “o Homem, o poderoso solucionador de problemas”.

Tão universalmente aclamadas são exaltações do homem de si mesmo, que inevitavelmente são incorporadas fortes impressões na sua mente que tendem a orientar a própria fé para longe do seu Criador, e redireccioná-la para os seus grandes inimigos — o eu e o diabo. Muito mais do que percebemos, mesmo aqueles de nós que são professos filhos de Deus estão contaminados, em maior ou menor grau com esta confiança própria. É mister que sintamos que a humanidade está a caminhar para o confronto cara a cara com problemas que nunca vai ser capaz de resolver.

A fim de reeducar o nosso pensamento ao ponto onde compreendamos o nosso verdadeiro desamparo total e nossa necessidade de um Salvador que têm a capacidade de resolver todos os problemas, não importa quão grande ou pequeno, o Senhor fala-nos como nosso professor, antes de tudo, numa linguagem com a qual estamos familiares — o mundo das coisas materiais.

Foi assim que, depois de ter alcançado de Faraó a permissão para partirem, Deus deliberadamente conduziu os israelitas para as margens da água do mar Vermelho. Aqui estava uma armadilha mortal de proporções monstruosas. À frente deles estava o Mar Vermelho. Em ambos os lados estava uma imponente parede de rocha impossível de escalar, depois viraram-se para olhar e apareceram os egípcios atrás deles.

De repente, eles viram-se reduzidos a uma extremidade, e aquilo que eles mais estimavam em todo o mundo — a sua própria existência física material — estava no mais evidente perigo. E, o que era pior, eles não podiam ver maneira alguma de escapar. Nas suas mentes, Deus agora parecia ser Aquele que, deleitando-se na sua destruição, os colocou nesta terrível situação. Eles estavam verdadeiramente em completo desamparo e não precisam de ser convencidos para verem isso.

Nesta hora escura e desesperada, o Senhor lhes apresentou as evidências da Sua protecção, colocando a Sua presença entre eles e os egípcios. No lado egípcio, tudo era escuridão, mas, por outro lado, o acampamento foi inundado de luz.

“A nuvem que era uma grande parede de trevas para os egípcios, para os hebreus era uma grande inundação de luz, iluminando o acampamento todo, e derramando todo o brilho no caminho diante deles.” {PP 202}, *Patriarcas e Profetas*, 290.

O que estava ameaçado neste momento era a sua existência física, e não a sua vida espiritual. Esse era o problema em causa, embora decerto se tivessem perdido as suas vidas físicas, a sua natureza espiritual também teria perecido. Mas, para já, era um caso de liberta o da miserável servidão, ou o regresso   escravidão, um destino pior do que a morte.

O objectivo de Deus era ensinar-lhes a fé e o modo de exerc -la, e o melhor lugar para aprender esta li o neste momento foi no contexto da temível ameaça imposta pelos exércitos egípcios. Então, Deus os fez descer até o Mar Vermelho, onde lhes deu a ordem, “Avan ai!”

“Deus, em Sua providência, trouxe os hebreus ao aperto das montanhas, diante do mar, para que pudesse manifestar Seu poder no livramento deles, e humilhar de maneira extraordinária o orgulho de seus opressores. Ele os poderia ter salvo de qualquer outro modo, mas escolheu este, a fim de lhes provar a fé e fortalecer a confiança nEle. O povo estava cansado e aterrorizado; todavia, se se tivessem conservado para tr s quando Moisés lhes ordenou avançar, Deus nunca lhes haveria aberto o caminho. Foi ‘pela fé’ que ‘passaram o Mar Vermelho, como por terra seca’. Hebreus 11:29. Descendo em marcha para a própria água, mostraram que acreditavam na palavra de Deus, conforme fora proferida por Moisés. Fizeram tudo que estava em seu poder, e então o Poderoso de Israel dividiu o mar a fim de preparar um caminho para os seus pés.” {PP 201}, *Patriarcas e Profetas*, 290.

A frase chave deste parágrafo é que foi pela fé que Israel atravessou o Mar Vermelho. Isso não significa que todas as pessoas nessa vasta multidão tinham a fé necessária para garantir uma travessia segura. Muitos ter-se-ão amparado na fé dos seus irmãos. Isso pode ser possível, quando se ora por b n os terrenas ou materiais, mas não é assim quando se busca a satisfa o das nossas necessidades espirituais.

É a solene verdade que foi pela fé que eles atravessaram. Se tivessem falhado em avançar quando Deus deu a ordem, ide em frente, não havia nada que o Senhor pudesse ter feito para salvá-los. Pode parecer que Deus estava a correr um sério risco de perder o Seu povo por afogamento no Mar

Vermelho, mas o Todo-poderoso não corre riscos desnecessários. Ele sabe exactamente onde os seus filhos estão em determinado momento de tempo e nunca permite que venha sobre eles tentação demasiado difícil de suportar para o seu nível actual de experiência. Aqui está essa preciosa promessa:

“Não veio sobre vós tentação, senão humana; mas fiel é Deus, que vos não deixará tentar acima do que podeis; antes, com a tentação dará também o escape, para que a possais suportar.” *1 Coríntios 10:13*.

“A tentação não é pecado, e não é indicação de que Deus está descontente connosco. O Senhor permite que sejamos tentados, mas Ele mede todas as tentações, e as dimensiona de acordo com a nossa capacidade de resistir e vencer o mal. É em tempo de provação e tentação que somos habilitados a medir o grau de nossa fé e confiança em Deus, e para estimar a estabilidade do nosso carácter cristão. Se somos facilmente empurrados e vencidos, deveríamos ficar alarmados; porque a nossa força é fraca. Vejamos as palavras de conforto que foram deixadas em registo para nossa instrução: ‘Não veio sobre vós tentação, senão humana; mas fiel é Deus, que não vos deixará tentar acima do que podeis, antes com a tentação dará também o escape, para que a possais suportar.’ Deus tem dimensionado a tentação à proporção da força que Ele pode fornecer, e nunca permite que sejamos tentados acima da nossa capacidade de resistir ou suportar. ‘Assim, sabe o Senhor livrar da tentação os piedosos.’ ‘Bem-aventurado o homem que sofre a tentação; porque, quando for provado, receberá a coroa da vida, a qual o Senhor tem prometido aos que o amam.’ Através da oração e da palavra de Deus seremos habilitados para vencer a tentação.” *The Signs of the Times, 18 de Dezembro de 1893*.

Os hebreus deveriam estar na posse de um alto nível de fé activa nesta altura, porque eles tinham visto a palavra de Deus proclamar dez grandes declarações de libertação em seu favor quando praga atrás de praga caiu sobre os egípcios. Onde Deus fala, especialmente quando é tão poderosamente dito como no anúncio dos terríveis flagelos sobre os egípcios, a fé é gerada desde que aquele a quem a palavra é dirigida não resista à palavra.

“De sorte que a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus.” *Romanos 10:17*.

Foi a fé, gerada pela palavra de Deus, que deu aos filhos de Israel confiança suficiente em Deus para agir à Sua ordem de atravessar. A verdade real é que se não tivessem agido pela fé, o Senhor não teria sido capaz de fazer nada por eles. Eles teriam perecido.

“O povo estava cansado e aterrorizado; todavia, se se tivessem conservado para trás quando Moisés lhes ordenou avançar, Deus nunca lhes haveria aberto o caminho. Foi ‘pela fé’ que ‘passaram o Mar Vermelho, como por terra seca’. Hebreus 11:29. Descendo em marcha para a própria água, mostraram que acreditavam na palavra de Deus, conforme fora proferida por Moisés. Fizeram tudo que estava em seu poder, e então o Poderoso de Israel dividiu o mar a fim de preparar um caminho para os seus pés.” {PP 201}, *Patriarcas e Profetas, 290*.

Os filhos de Israel emergiram da passagem do Mar Vermelho grandemente enriquecidos tanto no conhecimento espiritual como na experiência pessoal. Aqui está um resumo de muitas dessas aquisições conforme resumidos no seguinte testemunho.

“Libertando-os do Egito, Deus procurou revelar-lhes Seu poder e misericórdia, a fim de que fossem levados a amá-Lo e confiar nEle. Trouxe-os ao Mar Vermelho — onde, perseguidos pelos egípcios, parecia impossível escaparem — a fim de que se compenstrassem de seu completo desamparo, e da necessidade de auxílio divino; e então lhes operou o livramento. Assim eles se encheram de amor e gratidão para com Deus, e de confiança em Seu poder para os ajudar. Ele os ligara a Si na qualidade de seu Libertador do cativo temporal.” {PP 266}, *Patriarcas e Profetas, 371*.

Assim todos eles tinham fé;

- Eles tiveram livramentos milagrosos;
- Eles tiveram a diária, orientação visível de Deus;
- Eles foram alimentados todos os dias pela mão de Deus;
- Eles tinham o Espírito de Profecia entre eles;
- Eles estavam na organização na qual repousava a aprovação pessoal de Deus;
- Eles eram o povo escolhido de Deus;
- Eles eram filhos de Abraão, Isaque, e Jacó;
- Eles tinham a promessa de que para eles nasceria o Salvador;
- Eles tinham a certeza de que entrariam na posse da Terra Prometida;
- Eles eram ricos e de nada tinham falta;
- Eles estavam cheios de amor e gratidão a Deus;
- Deus tinha-os ligado a Si como seu libertador da escravidão temporal;
- E muito, muito mais.

O seu amor e gratidão a Deus foi poderosamente expresso numa explosão espontânea de louvor ao Senhor, quando em segurança nas margens do Mar Vermelho perceberam quão perfeitamente o Todo-poderoso tinha alcançado a solução para o problema deles. A sua consciência da magnitude da obra de Deus em seu benefício, e a beleza do Seu carácter de amor como lhes foi revelado ali, inspirou um dos maiores cânticos de livramento jamais proferido pelos pecadores mortais. Só a leitura das suas palavras ainda é uma inspiração. O que deveria ter sido unir as vozes ao canto deles!

“Quando rompeu a manhã, esta revelou às multidões de Israel tudo que restava do seu poderoso adversário: os corpos, vestidos de malha, arremessados à praia. Do mais terrível perigo restara um completo livramento. Aquela vasta e indefesa multidão — escravos não acostumados à batalha, mulheres, crianças e gado, com o mar diante de si, e os poderosos exércitos do Egito fazendo pressão na retaguarda — vira seu caminho aberto através das águas e os inimigos submersos no momento do esperado triunfo. Apenas Jeová lhes trouxera livramento, e para Ele volveram os corações com gratidão e fé. Sua emoção encontrou expressão em cânticos de louvor. O Espírito de Deus repousou sobre Moisés, que dirigiu o povo em uma antífona triunfante de ações de graças, a primeira e uma das mais sublimes que pelo homem são conhecidas.

“Cantarei ao Senhor, porque sumamente Se exaltou;

“Lançou no mar o cavalo e o seu cavaleiro.

“O Senhor é a minha força, e o meu cântico;

“Ele me foi por Salvação;

“Este é o meu Deus, portanto Lhe farei uma habitação;

“Ele é o Deus de meu pai, por isso O exaltarei.

“O Senhor é varão de guerra;

“O Senhor é o Seu nome.

“Lançou no mar os carros de Faraó e o seu exército;

“E os seus escolhidos príncipes afogaram-se no Mar Vermelho.

“Os abismos os cobriram;

“Desceram às profundezas como pedra.

“A Tua destra, ó Senhor, se tem glorificado em potência;

“A Tua destra, ó Senhor, tem despedaçado o inimigo [...]

“Ó Senhor, quem é como Tu entre os deuses?

“Quem é como Tu glorificado em santidade,

“terrível em louvores, obrando maravilhas? [...]

“Tu, com a Tua beneficência, guiaste a este povo, que salvaste;

“Com a Tua força o levaste à habitação da Tua santidade.

“Os povos o ouvirão, eles estremecerão. [...]

“Espanto e pavor cairá sobre eles;
 “Pela grandeza do Teu braço emudecerão como pedra;
 “Até que o Teu povo haja passado,
 “ó Senhor, até que passe este povo que adquiriste.
 “Tu os introduzirás, e os plantarás no monte da Tua herança, no lugar que Tu,
 “ó Senhor, aparelhaste para a Tua habitação.’ Êxodo 15:1-17.

“Semelhante à voz do grande abismo, surgiu das vastas hostes de Israel aquela sublime tributação de louvor. Deram-lhe início as mulheres de Israel, indo à frente Miriã, irmã de Moisés, ao saírem elas com tamboril e danças. Longe, por sobre o deserto e o mar, repercutia o festivo estribilho, e as montanhas ecoavam as palavras de seu louvor: ‘Cantai ao Senhor, porque sumamente Se exaltou’.

“Esse cântico e o grande livramento que ele comemora, produziram uma impressão que nunca se dissiparia da memória do povo hebreu. De século em século era repercutido pelos profetas e cantores de Israel, testificando que Jeová é a força e livramento daqueles que nEle confiam. Aquele cântico não pertence ao povo judeu unicamente. Ele aponta, no futuro, a destruição de todos os adversários da justiça, e a vitória final do Israel de Deus. O profeta de Patmos vê a multidão vestida de branco, dos que ‘saíram vitoriosos’, em pé sobre o ‘mar de vidro misturado com fogo’, tendo as ‘harpas de Deus. E cantavam o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro’. Apocalipse 15:2, 3.”
 {PP 201}, *Patriarcas e Profetas*, 287-289.

Todas estas riquezas eram deles, e deu-lhes a confiança, tal como a tinham no cuidado de Deus por eles. Mas, deixai que seja visto o que lhes faltava ainda:

“Havia, porém, uma verdade ainda maior a ser-lhes gravada na mente. Vivendo em meio de idolatria e corrupção, não tinham uma concepção verdadeira da santidade de Deus, da excessiva pecaminosidade de seu próprio coração, de sua completa incapacidade para, por si mesmos, prestar obediência à lei de Deus, e de sua necessidade de um Salvador. Tudo isto deveria ser-lhes ensinado.”
 {PP 267}, *Patriarcas e Profetas*, 371.

Que destituição espiritual é aqui retratada. Avaliemos cada uma delas por sua vez a fim de mostrar que estas pessoas não têm salvação pessoal, e estavam destituídas da graça salvadora de Deus.

Em primeiro lugar, não tinham a verdadeira concepção da santidade de Deus. Se não tinham uma verdadeira concepção da santidade de Deus, então as suas percepções acerca do Seu carácter eram falsas e enganadoras. Deus é justiça, o que significa que o conceito deles sobre a justiça também era falso e enganador. Por conseguinte, enquanto esta destituição continuasse, não lhes era possível ter a verdadeira convicção pessoal do pecado, um passo tão fundamental para o desenvolvimento do arrependimento e da confissão escrutinadora do coração. Por conseguinte, eles não eram nascidos de novo, não tendo a fé pela qual a pessoa é libertada do cativo espiritual. Assim, o povo não conhecia a excessiva pecaminosidade dos seus próprios corações, e a sua incapacidade de por si mesmos obedecer à lei de Deus.

Tudo isto significa que aqueles que tinham sido salvos dos egípcios, também precisavam de um salvador da escravidão das suas transgressões. Para obter isto, precisavam da fé que fosse além da libertação da escravidão física, a salvação do cativo espiritual. Eles não a tinham, e ela tinha de lhes ser ensinada.

Mas quem seria o seu mestre, e como poderia Ele ensiná-los?

As respostas simples são as seguintes:

“Deus é o Mestre do Seu povo. Todos os que diante dEle humilharem o coração, serão ensinados de Deus. ‘Se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e o não lança em rosto, e ser-lhe-á dada.’ O Senhor deseja que todo o membro da igreja ore fervorosamente por sabedoria, para que saiba o que o Senhor quer que ele faça. É privilégio de todo o crente obter uma experiência individual, aprendendo a levar a Deus os seus cuidados e perplexidades. Está escrito: ‘Chegai-vos a Deus, e Ele Se chegará a vós.’” *Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos*, 478.

Assim, Deus foi o Mestre da hoste hebraica e Ele ensinar-lhes-ia a sua necessidade do Salvador do pecado que eles não conheciam. Para fazer isso:

“Deus os levou ao Sinai; manifestou Sua glória; deu-lhes Sua lei, com promessa de grandes bênçãos sob condição de obediência: ‘Se diligentemente ouvirdes a Minha voz, e guardardes o Meu concerto, então [...] Me sereis um reino sacerdotal e o povo santo’. Êxodo 19:5, 6. O povo não compreendia a pecaminosidade de seus corações, e que sem Cristo lhes era impossível guardar a lei de Deus; e prontamente entraram em concerto com Deus. Entendendo que eram capazes de estabelecer sua própria justiça, declararam: ‘Tudo o que o Senhor tem falado faremos, e obedeceremos’. Êxodo 24:7. Haviam testemunhado a proclamação da lei, com terrível majestade, e tremaram aterrorizados diante do monte; e no entanto apenas algumas semanas se passaram antes que violassem seu concerto com Deus e se curvassem para adorar uma imagem esculpida. Não poderiam esperar o favor de Deus mediante um concerto que tinham violado; e agora, vendo sua índole pecaminosa e necessidade de perdão, foram levados a sentir que necessitavam do Salvador revelado no concerto abraâmico e prefigurado nas ofertas sacrificais. Agora, pela fé e amor, uniram-se a Deus como seu Libertador do cativo do pecado. Estavam então, preparados para apreciar as bênçãos do novo concerto.” *Patriarcas e Profetas*, 371, 372.

Quando Deus tomou sobre Si a educação espiritual de Israel, o povo não entendeu duas coisas. A primeira foi a pecaminosidade do seu próprio coração e a segunda a sua incapacidade para mudar os seus corações.

Por outras palavras, eles não entendiam a verdade de que o que fazemos é o resultado do que somos. Pensando que a obediência ao Senhor não era mais do que a acção da vontade humana, concordaram com o Senhor em fazer tudo o que Ele exigia deles. Mas eles eram escravos do pecado, tão certo como tinham sido escravos dos egípcios. Portanto, uma coisa era eles prometerem a obediência, mas outra cumprir a promessa. Enquanto a sua fé não chegasse ao ponto onde se firmassem no poder de Deus para eliminar o velho homem do pecado, e estabelecer a justiça dentro de si, não obteriam a vitória.

Aqueles que dentre eles aprenderam estes princípios, aprenderam-no como faz o homem descrito em *Romanos 7*, o qual descobre que as suas melhores resoluções são acompanhadas de fracasso uma e outra vez, até descobrir a causa de pecar e arrepender, pecar e arrepender, repetidamente.

Portanto, devia estar agora estabelecido nas nossas mentes, desde que tenhamos adquirido honestamente a nossa prosperidade, que estas bênçãos de prosperidade material são do Senhor, mas mesmo assim, elas não são a prova de que somos crentes em Jesus nascidos de novo. Além disso, existem dois níveis de fé — um que nos une a Deus como nosso Libertador da escravidão temporal, e outro que nos liga a Ele como nosso Libertador da escravidão espiritual. A vida eterna só é encontrada no segundo.

Neste ponto do estudo, temos de compreender que, semelhantemente aos filhos de Israel que tinham tantas evidências do favor e bênçãos de Deus sem entrar na posse da fé que opera pelo amor e purifica a alma, assim pode ser connosco. Temamos, pois, ser encontrados repousando numa falsa segurança. Um exame cuidadoso da nossa condição espiritual é necessária para salvar-nos da falsa sensação de segurança que assola os laodicenses que dizem:

“Como dizes: Rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta (e não sabes que és um desgraçado, e miserável, e pobre, e cego, e nu).” *Apocalipse 3:17*.

Quando esta Escritura é lida à luz da experiência dos filhos dos israelitas, é uma questão simples de entender como eles podiam dizer que eram ricos e de nada tinham falta, quando na verdade estavam destituídos de tudo o que era necessário para a sua caminhada na fé de Jesus. Embora o seu testemunho não fosse verdadeiro, eles não eram mentirosos intencionais porque eram ignorantes da sua verdadeira condição.

Agora as palavras de Paulo podem ser melhor compreendidas quando ele escreveu:

“E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria.” *1 Coríntios 13:2*.

Tanto para os israelitas, como para nós, Deus abriu as Suas mãos e deu cada maravilhosa bênção em prosperidade material como garantia do Seu poder para lhes providenciar toda a provisão necessária para o seu bem-estar espiritual.

A tragédia é que interpretamos mal as mensagens de Deus para nós. Compreendemos as bênçãos recebidas como certas indicações do favor de Deus, pensando que Deus nunca nos daria tal libertação e orientação se não fôssemos Seus filhos. Somos, assim, levados a concluir que a experiência que temos deve ser a experiência de um verdadeiro filho de Deus. É assim que as coisas que Deus projectou para nos levar a uma completa e viva experiência, se tornam o meio pelo qual somos impedidos de obter essa experiência.

Estamos a aprender “. . . que a bondade de Deus leva ao arrependimento.” *Romanos 2:4*.

Este é o propósito de Deus. Não é o Seu plano que a Sua bondade nos conduza a um contentamento não espiritual mas uma materialmente abençoada existência. Então, se a bondade de Deus tem esse efeito indesejável sobre a mente humana, como é evidenciado pelos israelitas, e como vemos na nossa própria experiência, por que trabalhar Deus desta forma?

É porque isto tem de ser visto por nós mesmos, na nossa própria experiência pessoal, antes que possamos compreender estas verdades salvadoras da alma. Assim, Deus nos chama, não para uma vida de contentamento com bênçãos materiais, e não no pressuposto de que por termos isto, temos a garantia de que somos filhos de Deus, mas para uma experiência de poder sobre o pecado cuja experiência é a verdadeira evidência da nossa filiação com Deus. Se não temos essa experiência, então, tereis a certeza de que tudo o resto é inútil afinal. Tudo isto teve de lhes ser ensinado.

Como? Levando-os a outra situação onde eles iriam ver o seu desamparo espiritual, e desse modo levados a ver que apenas havia ajuda no Senhor. Assim, como apenas o Mar Vermelho foi a situação que lhes mostrou sua fraqueza física, o Monte Sinai tornou-se o lugar onde foram levados a ver sua fraqueza espiritual. Ali Deus manifestou a Sua glória e deu a Sua lei. O povo estava cheio de terror enquanto testemunhava o poder e a majestade de Deus; mas, sem conhecer a terrível fraqueza em si mesmos, prontamente entraram em concerto com o Senhor, e disseram:

“Tudo o que o Senhor tem falado faremos e obedeceremos.” *Êxodo 24:7*.

“Haviam testemunhado a proclamação da lei, com terrível majestade, e tremeram aterrorizados diante do monte; e no entanto apenas algumas semanas se passaram antes que violassem seu concerto com Deus e se curvassem para adorar uma imagem esculpida. Não poderiam esperar o favor de Deus mediante um concerto que tinham violado; e agora, vendo sua índole pecaminosa e necessidade de perdão, foram levados a sentir que necessitavam do Salvador revelado no concerto abraâmico e prefigurado nas ofertas sacrificais. Agora, pela fé e amor, uniram-se a Deus como seu Libertador do cativo do pecado. Estavam então, preparados para apreciar as bênçãos do novo concerto.” {PP 267}, *Patriarcas e Profetas*, 371, 372.

Agora sua fé ligava-os a Ele como seu libertador da escravidão, tanto material como espiritual.

Capítulo 17

A Fé de Abraão

A nossa pesquisa está agora centrada em descobrir a fé viva de Jesus — a única fé que traz a libertação do poder do controlo do pecado nas nossas vidas. É pela fé que somos salvos. Não há outra maneira senão essa. Mas, como vimos no último estudo, devemos compreender a distinção entre a fé que alcançará a libertação da escravidão temporal e a fé que chega mais além e acima disso à libertação do cativeiro espiritual.

Na vida de Abraão, que é chamado de “o pai da fé,” estas verdades são muito claramente e maravilhosamente ilustradas. Ele também teve que aprender a fé que vai além da promessa física até às grandes promessas espirituais, e, que mais ainda, levou muitos anos até a diferença começar a formar-se na sua mente. Ele ter sido tão lento é um consolo para as nossas ansiosas almas, porque nós também nos sentimos seriamente preocupados com a nossa correspondente lentidão para compreender a verdadeira fé e fazer com que ela se torne um poder activo nas nossas vidas.

Na sua mensagem aos crentes gálatas, Paulo escreveu o seguinte:

“Porque está escrito que Abraão teve dois filhos, um da escrava e outro da livre.

“Todavia, o que era da escrava nasceu segundo a carne, mas o que era da livre, por promessa,

“O que se entende por alegoria; porque estes são os dois concertos: um, do monte Sinai, gerando filhos para a servidão, que é Agar.

“Ora, esta Agar é Sinai, um monte da Arábia, que corresponde à Jerusalém que agora existe, pois é escrava com seus filhos.

“Mas a Jerusalém que é de cima é livre, a qual é mãe de todos nós;

“Porque está escrito: ‘Alegra-te, estéril, que não dás à luz, esforça-te e clama, tu que não estás de parto; porque os filhos da solitária são mais do que os da que tem marido.’

“Mas nós, irmãos, somos filhos da promessa, como Isaque.

“Mas, como, então, aquele que era gerado segundo a carne perseguia o que o era segundo o Espírito, assim é também, agora.

“Mas que diz a Escritura? Lança fora a escrava e seu filho, porque, de modo algum, o filho da escrava herdará com o filho da livre.

“De maneira que, irmãos, somos filhos não da escrava, mas da livre.” *Gálatas 4:22-31.*

“Estai, pois, firmes na liberdade com que Cristo nos libertou e não torneis a meter-vos debaixo do jugo da servidão.” *Gálatas 5:1.*

É claramente afirmado que os dois filhos de Abraão vieram ao mundo por meio de um pai, Abraão, mas através de duas mães diferentes. Uma mãe era uma mulher escrava, enquanto a outra era livre. Também é claro que Paulo viu esses casamentos e os filhos que saíram deles, como sendo, tal como a Páscoa, uma lição objectiva do evangelho de Jesus Cristo.

Os primeiros registos bíblicos da vida de Abraão aparecem em *Génesis 11:26-32*. Ele descendia de uma linha justa, embora vivesse numa cidade muito próspera de adoradores de ídolos, Ur dos caldeus. O tempo veio quando Abrão e Sarai, sua esposa, juntamente com um grande conjunto de parentes e crentes a quem eles tinham ganho para o evangelho, partiram de Ur para Harã, onde residiu até Tera, pai de Abraão, morrer.

Foi então que o Senhor falou a Abrão, com as grandes e gloriosas promessas do seguinte modo:

“Ora, o Senhor disse a Abrão: ‘Sai-te da tua terra, e da tua parentela, e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei.’

“‘E far-te-ei uma grande nação, e abençoar-te-ei, e engrandecerei o teu nome, e tu serás uma bênção.

“‘E abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; e em ti serão benditas todas as famílias da terra.’” *Gênesis 12:1-3*.

A grande promessa foi precedida pela ordem para deixar o seu país, e viajar para uma terra distante que lhe seria mostrada nalgum momento no futuro. Este foi um acto de amor abnegado e obediência realizado pela fé no Senhor do Céu e da Terra. A condição da fé e da obediência estava assegurada.

É essencial que compreendamos que Deus não estava meramente a prometer-lhe a prosperidade temporal, mas estava, na verdade, a oferecer-lhe o evangelho de Jesus Cristo, o eterno poder de Deus para salvação do domínio do pecado. Era a promessa mais tarde a ser esclarecida e mostrada, que por meio dele nasceria o Salvador, e assim, em Abrão “... serão benditas todas as famílias da terra.”

A única Pessoa por quem todas as famílias da Terra serão benditas é Jesus Cristo, o Messias. Para Paulo, a identidade d’Aquele que tinha saído dos lombos de Abraão, não era problema. Pela revelação do Espírito Santo, Ele conhecia Aquele que tinha sido profetizado. Aqui está o seu testemunho inspirado:

“Desse mesmo modo, as promessas foram feitas a Abraão e ao seu descendente. A Escritura não declara: ‘E aos seus descendentes’, como se referindo a muitos, mas exclusivamente: ‘Ao seu descendente’, transmitindo a informação de que se trata de uma só pessoa, isto é, Cristo.” *Gálatas 3:16*. (King James Atualizada 1999.)

Por conseguinte, foi prometido a Abrão um Descendente e esse Descendente era o Filho, Cristo. Mas o dom do Filho para qualquer um de nós, bem como para Abrão não é apenas uma promessa, mas é a promessa, — é a promessa de justiça, todo aquele a quem o Filho é dado tem a justiça que é esse dom. Não podeis ter o Filho da justiça sem ter a justiça do Filho.

É impossível receber este dom, excepto pela fé. Não há força no homem para produzir essa geração de justos, e Abrão não tinha a fé quando a promessa foi dada pela primeira vez para se apropriar dela e receber a promessa. De facto, ele tinha a fé para crer que o Senhor o tinha mandado sair da terra onde havia nascido e sido educado, e ele teve fé para abandonar todas as associações com a sua vida anterior. Mas ainda não tinha a fé para compreender a viva verdade que, para vir o vital filho vindouro, Abrão tinha que entender e acreditar verdadeiramente que a promessa só poderia ser cumprida se Deus implantasse vida no ventre de Sarai, onde agora reinava morte. Foram necessários mais de vinte e cinco anos para conseguir esta fé, e os conhecimentos na qual ela se baseia.

Isso pode fazer parecer que Abrão era muito lento a aprender os simples fundamentos dos princípios do evangelho, mas ele foi, de facto, mais ou menos o comum. Perguntai a vós mesmos por quanto fostes uma pessoa religiosa, sincera, confiante de que prestavas um serviço fiel ao Altíssimo, antes da verdade de que Deus é vosso libertador da escravidão espiritual começar a brilhar na vossa mente?

No meu caso, eu fiz um compromisso firme de servir a Deus somente quando tinha catorze anos de idade, mas não sabia nada sobre a fé viva em Deus como meu libertador do cativeiro espiritual. No entanto, eu fui sincero, dedicado à causa da verdade do advento, e frequentei uma faculdade missionária com a intenção de obter formação para ser ministro da religião. Eu vivia para a igreja pelo que nenhum sacrifício era grande demais. Tudo aquilo a que fui chamado a fazer para a causa da verdade, eu fiz com consumidora, abnegada diligência e zelo.

Lembro-me de experimentar livramentos de acidentes e morte em várias ocasiões, e de ter sido guiado em decisões difíceis, mais de uma vez.

Todas estas coisas se prolongaram por mais de vinte anos antes de chegar ao conhecimento de Deus como meu Salvador espiritual, e também da escravidão física. Lede as histórias da vida de

outros filhos de Deus para descobrir que eles levaram muito tempo a deixar as trevas e entrar na luz da verdade.

Apesar do facto que Abrão não tinha o conhecimento fundamental que lhe teria dado uma salvadora compreensão da verdade presente, Deus ainda pôde levá-lo onde Ele queria que ele fosse. Por outras palavras, Deus ainda podia desempenhar e assim fez, o papel de Guia e Protector de Abrão sem tornar-se ainda no seu Salvador pessoal. Ele também foi grandemente abençoado materialmente. Foi por isso que, em obediência à vontade de Deus, Abrão partiu de Harã. Ele tinha, então, setenta e cinco anos de idade.

“Então partiu Abrão como o orientara o Senhor, e Ló o acompanhou. Abrão tinha setenta e cinco anos de idade quando saiu das terras de Harã.

“Levou consigo sua esposa Sarai, seu sobrinho Ló, todos os bens que haviam conseguido amealhar e todos os escravos comprados em Harã; tomaram o rumo das terras de Canaã e lá chegaram.” *Génesis 12:4-5*, (King James Atualizada 1999.)

Abraão saiu de Harã, crendo que a promessa de Deus seria realizada, apesar de não ter sido especificado como e quando. Deus não tinha feito nenhuma menção de intervalos de tempo ao fazer o Seu anúncio ao Seu servo, que foi em frente com fé, acreditando que o Todo-poderoso honraria a Sua palavra, mesmo que ele não soubesse como ou quando isso seria feito.

Não houve falha na promessa ou com Aquele que a fez. Era em Abrão que estava a falta. Ele estava olhando para a realização da vinda da divina certeza de uma forma contrária aos princípios da operação divina. Enquanto a sua mente não fosse iluminada pelo Espírito Santo para ver como Deus resolveria o problema de acordo com os Seus procedimentos, o atraso iria continuar, não importava quanto tempo levasse.

Entretanto, Abrão continuou o seu caminho. Houve uma fome que os levou a refugiar-se temporariamente no Egipto, de onde voltou mais uma vez para Canaã. À medida que se aproximavam da terra do Egipto, Abrão, ficou profundamente perturbado ao tornar-se ciente de um problema grave que o ameaçava quando chegasse ali.

Sarai era uma mulher excepcionalmente bela, a quem se esperava o Faraó cobiçaria para sua esposa, e assim foi. O “assunto de pouca importância” de Abrão sendo casado com ela, seria rapidamente resolvido matando-o. Como bem podia imaginar que acontecesse, Abrão temeu este resultado e assim concebeu um plano que ele esperava lhe salvaria a vida. Ele instruiu Sarai para se anunciar como sua irmã e não esposa. Sarai não pareceu ter levantado objecções ao plano.

Certamente, à sua chegada ao Egipto, o Faraó foi informado da extraordinária beleza de Sarai, e trouxe-a para o palácio, e planeava fazer dela sua esposa. Foi pela fé na direcção pessoal de Deus que Abrão tinha virado para o sul do Egipto a fim de aguardar o fim da fome a norte. Assim, ele demonstrou a sua fé na orientação geral e protecção de Deus, mas nem sempre exerceu a mesma fé quando confrontado com graves problemas. Através da elaboração de um esquema que ele esperava iria mantê-lo vivo, mostrou que ainda não tinha aprendido a fazer de Deus o seu único Solucionador de problemas.

Foi muita sorte para ele, sua mulher, e a causa de Deus, que o Todo-Poderoso os salvou do desastre total. Mas ele era um homem de grande fé em Deus, mas como os israelitas estudados no último capítulo, a sua confiança no Senhor ficou aquém de ligar-se nesta fase a Deus como seu libertador da escravidão espiritual. Para a fé que ele tinha, é-lhe dado um alto nível de merecido crédito como segue:

“‘Pela fé, Abraão, sendo chamado, obedeceu, indo para um lugar que havia de receber por herança; e saiu, sem saber para onde ia’. Hebreus 11:8. Aquela obediência expedita de Abraão é uma das provas mais notáveis de fé a serem encontradas em toda Bíblia. Para ele, a fé era ‘o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não vêem’. Hebreus 11:1. Confiando na promessa divina, sem a menor garantia exterior de seu cumprimento, abandonou o lar, os parentes e a terra natal, e saiu, sem saber para onde, a fim de seguir aonde Deus o levasse. ‘Pela fé

habitou na terra da promessa, como em terra alheia, morando em cabanas com Isaque e Jacó, herdeiro com ele da mesma promessa'. Hebreus 11:9.

“Não fora uma pequena prova aquela a que foi assim submetido Abraão, nem pequeno o sacrifício que dele se exigira. Fortes laços havia para o prender ao seu país, seus parentes, seu lar. Ele, porém, não hesitou em obedecer ao chamado. Não teve perguntas a fazer concernentes à terra da promessa — se o solo era fértil, e o clima saudável, se o território oferecia um ambiente agradável, e proporcionaria oportunidades para se acumularem riquezas. Deus falara, e Seu servo devia obedecer; o lugar mais feliz da Terra para ele seria aquele em que Deus quisesse que ele se achasse.” {PP 81}, *Patriarcas e Profetas*, 126.

Mas eles eram um casal sem filhos. Sarai era estéril e a morte reinava no seu útero, impedindo-a de ter filhos. Naqueles dias, quando a população da Terra era comparativamente baixa em comparação com os 5,7 bilhões que agora pisam a Terra era muito importante na mente das pessoas ter filhos em grande número. Mas no caso de Abrão e Sarai, era muito importante que tivessem pelo menos um filho porque a promessa de Deus para eles envolvia terem um filho. Através desse filho, todas as nações do mundo seriam abençoadas.

Para entender a situação em que estas duas pessoas notáveis se encontravam, ela deve ser vista à luz da queda do homem e suas consequências.

Quando Adão e Eva foram originalmente criados, “Deus os abençoou e Deus lhes disse: ‘Frutificai, e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra.’” *Gênesis 1:28*.

Não havendo pecado nem morte, estavam prontos para multiplicar e encher a terra, como lhes havia sido ordenado, com inúmeras gerações de pessoas sem pecado, imortais. O dom do processo reprodutivo tornou possível essa multiplicação da espécie humana.

Mas, com a entrada do pecado, seguiu-se a morte, de modo que eles não eram mais capazes de transmitir a rectidão e a vida imortal aos seus filhos. A condição estéril de Sarai é uma ilustração da nossa situação como pecadores mortais. O que nós precisamos é a vida imortal para tomar o lugar da mortalidade, e só Deus pode gerar essa qualidade de vida em qualquer um de nós. Esta é a grande mensagem que o Senhor ensinou a Abraão, e procura ensinar-nos hoje também.

Assim, as posses de Abrão e Ló eram tão grandes que eles não podiam viver juntos e, por isso, escolheram separar-se. Após essa divisão, Deus apareceu a Abrão para reconfirmar a promessa que havia feito, com estas palavras:

“E disse o Senhor a Abrão, depois que Ló se apartou dele: ‘Levanta, agora, os teus olhos e olha desde o lugar onde estás, para a banda do norte, e do sul, e do oriente, e do ocidente;

“‘Porque toda esta terra que vês te hei de dar a ti e à tua semente, para sempre.

“‘E farei a tua semente como o pó da terra; de maneira que, se alguém puder contar o pó da terra, também a tua semente será contada.

“‘Levanta-te, percorre essa terra, no seu comprimento e na sua largura; porque a ti a darei.’

“E Abrão armou as suas tendas, e veio, e habitou nos carvalhais de Manre, que estão junto a Hebrom; e edificou ali um altar ao Senhor.” *Gênesis 13:14-18*.

A separação de Ló não terá sido passo fácil para Abrão tomar, pois representava uma incapacidade da parte dos filhos de Deus de viver em harmonia, fossem quais fossem as pressões que viessem sobre eles. O problema não era entre Abrão e Ló, no entanto, mas entre os seus respectivos pastores.

Abrão deu a Ló a opção de escolha para onde ir, ele escolheu as ricas planícies de Sodoma e Gomorra, que eram cidades extremamente ímpias. Abrão afastou-se desses centros do mal e habitava o menos produtivo, embora ainda belo país. É digno de nota ressaltar que o resultado das escolhas feitas foi que Abrão prosperou sempre, e Ló eventualmente perdeu tudo, sua esposa, sua família, seus rebanhos e manadas, os seus pastores e servos, e a sua casa.

Antes dessa eventualidade se desenvolver na sua plena maturidade, houve a guerra pela qual os reis de Sodoma e de Gomorra foram vencidos, o que naturalmente absorveu Ló e as suas posses. Isso teria sido o fim de Ló, não fosse a intervenção do homem de fé — Abrão.

Este servo do Senhor, embora ainda não abençoado com a fé que o teria ligado a Deus como seu Salvador do cativo espiritual, teve o mais baixo nível de fé pelo qual confiava em Deus para o salvar da servidão temporal. Por outras palavras, ele tinha a fé necessária para fazer a expedição para livrar Ló e os reis com quem ele se aliara.

Naturalmente então, em primeiro lugar, ele procurou orientação divina antes de perseguir o inimigo fugido. Tendo-se ligado a Deus como seu Protector da escravidão física tornou isso totalmente possível. Foi pela fé que ele foi para o campo de batalha.

“Procurando antes de tudo o conselho divino, Abraão preparou-se para a guerra.” {PP 88}, *Patriarcas e Profetas*, 135.

Que maravilhosa, completa e decisiva vitória ele ganhou. Os seus inimigos foram mortos, os prisioneiros foram libertados, e o despojo recuperado. Eles voltaram em triunfo.

“A Abraão, abaixo de Deus, foi devido o triunfo.” {PP 88}, *Patriarcas e Profetas*, 135.

Mas há algo vazio sobre as vitórias obtidas pelo uso da força. Por uma razão, não está de acordo com o carácter de Deus que não destrói ninguém. (Ver *Eis o vosso Deus*, por F. T. Wright.)

Então, novamente, aqueles que utilizam as armas de força para resolver os seus problemas, perecem pelo mesmo meio. No intervalo, quando usam a espada sobre os outros, e é utilizada contra eles por sua vez, os que usam a força, têm de manter incansável vigilância sobre seus ombros inquietos nunca sabendo quando ou onde o vingador irá atacar.

Abrão verificou que isto é assim, e a despeito do facto dele ser crente em Deus como seu libertador da escravidão dos outros seres humanos, estava profundamente inquieto quanto à perspectiva do regresso dos vingadores. Tudo o que precisavam era de tempo para reagrupar o que restava das suas forças e juntarem com os aliados guerreiros suficientes para garantir um resultado diferente no próximo encontro.

“Abraão voltou com alegria para as suas tendas e rebanhos; mas seu espírito estava perturbado por pensamentos que o incomodavam. Tinha sido um homem de paz, excluindo tanto quanto possível a inimizade e a contenda; e com horror lembrava-se das cenas de carnificina que testemunhara. Mas as nações cujas forças ele havia derrotado, sem dúvida renovariam a invasão de Canaã, e dele fariam o objeto especial de sua vingança. Envolvendo-se desta maneira em questões nacionais, quebrar-se-ia a calma pacífica de sua vida. Demais, ele não havia entrado na posse de Canaã, tampouco poderia ter então esperança de um herdeiro, a quem pudesse cumprir-se a promessa.” {PP 89}, *Patriarcas e Profetas*, 136.

Nesse momento, Abraão estava a perder a sua fé em Deus como seu libertador da escravidão temporal, sem descobrir a fé em Deus como seu libertador da escravidão espiritual. Deus reconheceu isto e resolveu a necessidade repetindo novamente a promessa que Abrão já não podia acreditar como antes.

“Em uma visão da noite ouviu de novo a voz divina. ‘Não temas, Abraão’, foram as palavras do Príncipe dos príncipes; ‘Eu sou o teu escudo, o teu grandíssimo galardão’. Gênesis 15:1-5. Mas sua mente estava tão oprimida com sinais que ele não pôde então apreender a promessa com implícita confiança, como antes fazia. Orou pedindo alguma prova palpável de que ela se cumpriria. E como deveria cumprir-se a promessa do concerto, enquanto o dom de um filho lhe era recusado? ‘Que me hás de dar’, disse ele, ‘pois ando sem filhos?’ Gênesis 15:2. ‘E eis que um nascido na minha casa será o meu herdeiro’. Gênesis 15:3. Propôs fazer de seu fiel servo Eliézer seu filho adotivo, e herdeiro de suas posses. Mas foi-lhe assegurado que um filho dele mesmo seria o seu herdeiro. Levado para fora de sua tenda, foi-lhe dito que olhasse para as incontáveis estrelas a resplandecer nos céus; e, fazendo ele isto, foram proferidas estas palavras: ‘Assim será a tua semente’. Gênesis 15:5. ‘Creu Abraão a Deus, e isso lhe foi imputado como justiça’. Romanos 4:3.” {PP 89}, *Patriarcas e Profetas*, 136, 137.

Nesta hora escura quando Abrão estava a perder a fé em Deus como seu libertador dos perigos temporais, Deus lembrou-lhe que ele não tinha nada a temer nesse sentido.

“Depois destas coisas veio a palavra do Senhor a Abrão em visão, dizendo: ‘Não temas, Abrão, eu sou o teu escudo, o teu grandíssimo galardão.’” *Gênesis 15:1*.

É evidente que a fé de Abraão em Deus como seu Salvador dos problemas temporais foi renovada depois de ouvir essas palavras, mas a fé salvadora em Deus como seu libertador da escravidão espiritual ainda não tinha despertado.

Como podemos saber isto?

Como pode o momento maravilhoso ser reconhecido no qual a fé de Abrão estendeu a mão e agarrou a salvação do pecado? Como pode ser conhecido que Deus havia ligado com sucesso Abrão e Sarai a Si mesmo como seu Libertador da escravidão, tanto material como espiritual?

Foi quando percebeu a promessa do filho através de quem todas as nações da Terra seriam abençoadas. Este não era um filho qualquer, mas foi aquele que nasceu com Deus colocando a vida onde a morte reinava anteriormente. Quando a sua fé recebeu esse filho, ele também tinha encontrado a salvação do senhor do pecado. Por outras palavras, a mesma fé necessária para gerar o filho da promessa, Isaque, era necessária para expulsar do coração de Abraão o senhor do pecado e estabelecer a justiça em seu lugar.

Esse tempo deve ter vindo quando Deus apareceu a Abrão após o resgate de Ló, e repetiu a duas grandes promessas. A primeira delas foi que Ele era a proteção de Abrão; a segunda, que o filho da promessa seria nascido dele. Tão firmemente agarrou Abrão a certeza de que estava protegido sob o cuidado constante de Deus, que não mostrou mais preocupação quanto a isso. A partir de então, o seu ansioso interesse incidiu sobre o filho prometido.

“Então, disse Abrão: ‘Senhor Jeová, que me hás de dar? Pois ando sem filhos, e o mordomo da minha casa é o damasceno Eliézer.’” *Gênesis 15:2*.

Foi agora alcançada a fase onde Abrão começou a apresentar a Deus a sua própria nomeação para o cargo de filho da promessa. Era um pensamento ao qual nunca teria dado expressão tivesse a sua fé chegado ao ponto de receber o dom do filho da promessa. Eliézer era um homem íntegro e digno da mais alta confiança, mas ele nunca poderia ser aquele através de quem o Salvador viria. Todavia, a Abraão, ele parecia ser uma possibilidade. Isto é indicado pelas suas palavras ao dizer: “Não me deste descendência; na verdade ninguém da minha casa é meu herdeiro!”

Ele estava a dizer, com efeito, que a promessa tinha falhado. Para eles, parecia que tinham esperado tempo suficiente, e a promessa ainda estava por cumprir, portanto, como podiam esperar que ela acontecesse agora? O que eles não conseguiram compreender era que iriam continuar a esperar até terem recebido o dom da fé que os elevaria ao reino da salvação do pecado.

Deus não foi tocado pelas suas expressões de incredulidade, e não fez concessões que, de alguma forma, permitissem a inclusão de qualquer proposta de origem humana. Em vez disso, Ele simplesmente reiterou a garantia de que a promessa seria cumprida:

“E eis que veio a palavra do Senhor a ele, dizendo: ‘Este não será o teu herdeiro; mas aquele que de ti será gerado, esse será o teu herdeiro.’

“Então, o levou fora e disse: ‘Olha, agora, para os céus e conta as estrelas, se as podes contar.’ E disse-lhe: ‘Assim será a tua semente.’

“E creu ele no Senhor, e foi-lhe imputado isto por justiça.” *Gênesis 15:4-6*.

Mas o que é que ele acreditou?

Obviamente, o que quer que tenha sido, ou quão longe o levou para receber a promessa, não foi suficiente. Se tivesse sido suficiente o primogénito teria sido concebido, mas não foi, mesmo assim Abrão era agora capaz de acreditar que seria o pai de milhões de pessoas. Ele estava preparado para crer que Sarai não seria incluída no plano, tal como é evidenciado pela formação de uma solução para produzir o filho prometido na qual Sarai não desempenhava qualquer papel. Isto foi tentar o impossível, porque Sarai, não Agar, era a mulher de Abrão, e, enquanto ela fosse fiel ao marido, a

ninguém mais poderia ser dado o seu lugar como mãe do filho da promessa. O reino de Deus deve ser estabelecido em justiça, não em adultério.

Deus, por seu lado, não apenas declarou que o primeiro das multidões de descendentes de Abraão e Sarai ainda estava para vir, também revelou na visão muitos pormenores do plano de redenção. Isto foi feito através da indicação do sacrifício de uma bezerra, uma cabra e um carneiro, ao qual foi acrescentado uma rola e um pombinho. Abrão guardou estes até o pôr-do-sol.

“Aproximadamente ao pôr-do-sol, caiu em um profundo sono; ‘e eis que grande espanto e grande escuridão caiu sobre ele’. Gênesis 15:7-18. Ouvida a voz de Deus, ordenando-lhe que não esperasse a posse imediata da terra prometida, e indicando no futuro os sofrimentos de sua posteridade antes de seu estabelecimento em Canaã. O plano da redenção foi-lhe desvendado, tanto em relação à morte de Cristo, o grande sacrifício, como à Sua vinda em glória. Abraão viu também a Terra restabelecida à sua beleza edênica, para lhe ser dada em posse eterna, como o cumprimento final e completo da promessa.” {PP 90}, *Patriarcas e Profetas*, 137.

Ainda nenhum filho estava a caminho, o que significa que, embora entendesse muito dos princípios e procedimentos do grande conflito e do caminho da salvação para os pecadores culpados, ele falhou em vivê-los na sua própria vida. Por este tempo a busca de Abrão pela alegria e a paz da salvação estava a crescer muito, de facto tanto, que alguém pode questionar as interpretações que estou a dar aos registos da Escritura. Mas os registos não são menos dramáticos. Para ajudar a esclarecer este ponto, só é necessário comparar a luta de Abrão com a de Jacó.

Como Abrão, Jacó tinha uma mente muito espiritualizada mesmo desde a sua infância. Ambos receberam uma visão em que lhes foi dada grande luz sobre o plano de salvação, e os dois cerca de vinte anos antes encontraram a paz verdadeira, ou, por outras palavras, experimentaram o evangelho e nasceram de novo. Isto não significa que todas as pessoas precisam de vinte ou mais anos para encontrar e experimentar a graça salvadora, mas não temos de ficar surpreendidos se assim for.

Para o ansioso, casal sem filhos, o tempo parecia estar a esgotar-se, como de facto foi. Tinha Abrão setenta e cinco anos quando saiu de Harã com tudo o que possuíam. Logo depois, estabeleceram-se em Canaã, onde dez anos se passaram. Abrão tinha, portanto, oitenta e cinco, e Sarai setenta e cinco anos depois de estarem em Canaã durante dez anos. Ver *Gênesis 16:3*. Havia uma diferença de idade de dez anos entre Abrão e Sara. Ver *Gênesis 17:17*.

Em sua busca incessante pela justiça, eles tinham-se esforçado para obedecer, como se as obras agradassem a Deus de tal modo que, em Seu prazer por causa da obediência deles os abençoaria com o filho da promessa. Juntamente com isso, eles acreditavam n’Ele como o Todo-poderoso, Criador do Céu e da Terra, para quem nenhum sacrifício é grande demais, e nenhum serviço muito caro ou difícil, para executarem. No entanto, nenhum filho vinha.

Agora eles iriam recorrer às suas próprias obras, ao seu próprio planeamento. Eles usariam os meios à sua disposição — as faculdades reprodutivas de uma serva escrava — para produzir o que eles acreditavam que seria a semente de Abraão.

Deus não interferiu, mas deu-lhes total liberdade para tentar fazer o seu trabalho — a realização do qual exigiu o exercício de nada mais nada menos do que o poder criador — de acordo com as suas próprias invenções e pelos seus próprios poderes. Apesar disto ser uma impossibilidade, eles ainda não tinham aprendido isto por si próprios, e por isso confiaram tanto nas suas próprias obras para alcançá-lo.

O seu plano, depois de tudo parecer ter falhado, envolvia que Abrão entrasse numa relação adúltera com Agar, uma serva egípcia, e Abrão finalmente alcançou a paternidade. Além do mais, o esquema não só reuniu a aprovação de Sarai, como a ideia foi dela. Foi ela quem propôs a Abrão que tivesse um filho através de Agar.

Quão imediatos foram os resultados, e quão satisfeito deve Abrão ter ficado. Eles devem ter concluído que, ao longo de todo o problema o fracasso da sua parte, de acordo com o seu pensamento, fora encontrar uma substituta para a esposa de Abrão. Eles devem ter pensado que, se tivessem pensado neste plano anteriormente, quão felizes todos teriam sido!

Mas tal pensamento revela um grave desconhecimento do carácter de Deus e dos Seus procedimentos. No primeiro caso, enquanto é verdade que Deus não faz o que o homem pode fazer, ao mesmo tempo, o homem não deve tentar o que só Deus pode fazer! Esta verdade é claramente ilustrada na ressurreição de Lázaro. Enquanto por seu lado os homens podiam rolar a pedra, e em resposta à ordem de Cristo eles rolaram-na, somente Deus, através de Cristo, poderia dar novamente a vida a Lázaro.

“‘Tirai a pedra’. João 11:39. Cristo podia ter ordenado à pedra que se deslocasse por si mesma, e ela Lhe teria obedecido à voz. Poderia ter mandado aos anjos que se Lhe achavam ao lado, que fizessem isso. Ao Seu mando, mãos invisíveis teriam removido a pedra. Mas ela devia ser retirada por mãos humanas. Assim queria Cristo mostrar que a humanidade tem de cooperar com a divindade. O que o poder humano pode fazer, o divino não é solicitado a realizar. Deus não dispensa o auxílio humano. Fortalece-o, cooperando com ele, ao servir-se das faculdades e aptidões que Lhe foram dadas.” {DTN 375}, *O Desejado de todas as Nações*, 535.

A parte do homem nunca será gerar o filho da promessa, pois só Deus tem o poder de criar e colocar a vida onde a morte é o poder reinante. Os homens podem olhar para as suas obras maravilhosas, como prova de que têm a capacidade de resolver qualquer problema, se lhes for dado o tempo e os recursos. Essa é a doutrina chamada, “Evolucionismo”, que afirma que o homem está lentamente, mas seguramente, a ser elevado das formas de vida mais primitivas a deuses com o poder de criar.

Por treze anos desde a concepção de Ismael, Deus não apareceu a Abrão, nem falou com ele além de comunhão diária regular. Abrão continuou a prosperar, tanto como sempre, de modo que era fácil concluir que os processos que levaram ao nascimento de Ismael foram aprovados e abençoados pelo Todo-poderoso. Eles tinham crescido assustadoramente de modo que o Senhor fora incapaz de cumprir as Suas promessas, e precisava de ajuda para finalizar o plano.

Durante esses treze anos, Abrão tinha dedicado a Ismael todo o melhor cuidado de amor, instrução religiosa, educação geral de que era capaz. Essa não era qualquer formação inferior porque Abrão terá sido uma pessoa muito inteligente e capaz. Nada, senão o melhor teria sido o aceitável, pois “não era este o filho da promessa?”, Abrão estava muito ansioso para que o Eterno pudesse dar a Sua aprovação incondicional aos seus esforços.

Então, depois de treze anos, quando Abrão tinha noventa e nove anos, Deus Lhe apareceu outra vez e reconfirmou a aliança com ele. Aqui está o relato dessa entrevista:

“Sendo, pois, Abrão da idade de noventa e nove anos, apareceu o Senhor a Abrão e disse-lhe: ‘Eu sou o Deus Todo-Poderoso; anda em minha presença e sê perfeito.

“‘E porei o meu concerto entre mim e ti e te multiplicarei grandissimamente.’

“Então, caiu Abrão sobre o seu rosto, e falou Deus com ele, dizendo:

“‘Quanto a mim, eis o meu concerto contigo é, e serás o pai de uma multidão de nações.

“‘E não se chamará mais o teu nome Abrão, mas Abraão será o teu nome; porque por pai da multidão de nações te tenho posto.

“‘E te farei frutificar grandissimamente e de ti farei nações, e reis sairão de ti.

“‘E estabelecerei o meu concerto entre mim e ti e a tua semente depois de ti em suas gerações, por concerto perpétuo, para te ser a ti por Deus e à tua semente depois de ti.

“‘E te darei a ti e à tua semente depois de ti a terra de tuas peregrinações, toda a terra de Canaã em perpétua possessão, e ser-lhes-ei o seu Deus.’” *Génesis 17:1-8*.

Agora observai que nenhum nome foi mencionado por Deus além do nome de Abrão, mas a quem supondes vós que ele aplicou estas palavras quando Deus as disse. A resposta deve ser “Ismael”. Isaque não era para Abrão ou mais alguém no mundo nesta altura senão uma antecipação.

Então, como um símbolo da aliança entre Deus e Abraão, como era chamado doravante, o Senhor instituiu o rito da circuncisão — a promessa feita por Abraão e sua casa de que todas as forças do seu corpo e dos seus bens seriam utilizados somente no serviço de Deus.

Tudo isto até agora não conseguiu penetrar a escuridão que ainda cobria a mente de Abraão, porque em tudo isso, ele lia que era Ismael que receberia todas as bênçãos do pacto. Depois veio o prometedor anúncio de que Sarai, pessoalmente nomeada, seria a mulher de Abraão, por quem todas as famílias da Terra seriam abençoadas através da vinda e ministério — tanto celeste como terrestre — e morte sacrificial no Calvário, do Messias prometido.

“Disse Deus mais a Abraão: ‘a Sarai, tua mulher, não chamarás mais pelo nome de Sarai, mas Sara será o seu nome.

“‘Porque eu a hei de abençoar e te hei de dar a ti dela um filho; e a abençoarei, e será mãe das nações; reis de povos sairão dela.’” *Gênesis 17:15-16*.

Neste estudo, estamos a procurar aquele ponto de tempo quando Abraão finalmente por meio de fé viva ficou ligado a Deus como seu Libertador da escravidão espiritual tão certamente como tinha sido libertado do cativo temporal.

Cada ocasião em que o Senhor falou a Abraão, foi um dia de oportunidade para ele compreender a fé que é a vitória, mas nesta importante ocasião, as suas expressões foram de incredulidade. Aqui estão elas:

“Então, caiu Abraão sobre o seu rosto, e riu-se, e disse no seu coração: ‘A um homem de cem anos há de nascer um filho? E conceberá Sara na idade de noventa anos?’

“E disse Abraão a Deus: ‘Tomara que viva Ismael diante de teu rosto!’” *Gênesis 17:17-18*.

Até esta altura, agora avançado em idade na vida, Abraão tinha demonstrado uma incapacidade de compreender pessoalmente a promessa do filho que seria o Salvador do mundo, e que Ele viria através deles, Abraão e Sara. Após cada encontro, parecia que a sua incredulidade se tornou mais forte e mais determinada, apesar do seu ardente desejo de ter as promessas cumpridas conforme anunciado.

Durante os treze anos entre o nascimento de Ismael e a instituição da lei da circuncisão, Ismael foi o único filho a ter a sua atenção. Afinal, ele era o único a ser considerado, pois era o único que existia. Eles agiram como se ele fosse o filho da promessa, porque acreditavam que assim era. Consequentemente, estas convicções, rejeitavam qualquer expectativa do advento de Isaque, o designado por Deus para ser o herdeiro.

Mas durante todos esses anos, ele permaneceu fiel ao seu divino Soberano e viveu de acordo com toda a luz que tinha recebido. Ele ainda tinha muito para aprender, e trabalhou diligentemente para salvaguardar a fé entre os seus seguidores. Embora o efeito fosse, em grande parte invisível, era muito real, e preparou-o para finalmente chegar e, pela fé, segurar o tesouro celestial.

Foi uma decisão muito difícil e dolorosa para ele tomar, pois envolvia aquilo que, até aquele momento era a coisa mais próxima e querida na Terra para ele — o seu único filho, Ismael. Além disso, era necessária a total renúncia do filho que era o produto do seu próprio trabalho, não apenas como seu filho, mas como o filho da promessa. Considerando o que lhe havia custado obter esse filho, e o grande e maravilhoso amor que nutria por ele, e o tempo, energia, dinheiro e assim por diante que ele tinha investido nele, pode compreender-se algo da angústia do grito:

“Tomara que viva Ismael diante de teu rosto!” *Gênesis 17:18*.

Ninguém aprecia trabalhar com dedicação total e ilimitado auto-sacrifício por uma causa e, em seguida, ser convencido de que era tudo para nada. Esse foi o terrível entendimento que ele enfrentou. No caso de Abraão, ele investiu todo o seu futuro religioso em Ismael, e foi agora obrigado a reconhecer que tinha cometido um erro terrível, e que tinha de renunciar ao seu amado filho a posição em que ele o tinha colocado.

Já era grave o suficiente, mas o problema foi agravado pelo pensamento terrível de que não havia alternativa visível, nem do ponto de vista de Abraão havia qualquer meio de produzir uma. De acordo com Abraão, Sara tinha deixado a sua capacidade de ter filhos há muitos anos, e que ele, com cem anos de idade, já não podia mais gerar um filho. Aqui está o seu testemunho para o efeito:

“Então, caiu Abraão sobre o seu rosto, e riu-se, e disse no seu coração: ‘A um homem de cem anos há de nascer um filho? E conceberá Sara na idade de noventa anos?’” *Gênesis 17:17*.

Este é o mesmo dilema terrível confrontado pelas pessoas e organizações religiosas. Eles geralmente começam numa mensagem de reavivamento, ou um forte, novo movimento religioso. Muitos são atraídos pelo interesse e a emoção dominante, sem a criação de uma genuína experiência de novo nascimento para si próprios. A religião deles degenera numa forma sem vida para a qual os membros tentam compensar com uma sempre crescente devoção a um programa das suas próprias obras. Isto corresponde à completa formação de Ismael por Abraão, com a qual eles estão confiantes de que o Senhor ficará satisfeito com a sua devoção aos Seus interesses.

Eventualmente, uma grande organização religiosa é construída como foi nos dias da igreja judaica, quando Cristo esteve na Terra. A igreja tornou-se orgulhosa da grande obra que estava a fazer e esperou que Deus aceitasse a sua oferta com prazer. Mas a resposta de Deus foi completamente o oposto, não havendo lugar para a “serva e seu filho”.

Ouve-se o grito angustiado do que estava estabelecido: “Tomara que viva Ismael diante de teu rosto!” Por outras palavras, que a todas as nossas obras seja dado um lugar no Teu reino universal. Se Deus lhes pudesse dar um lugar sob estes termos, eles teriam prazer em servi-l’O todos os dias.

No entanto, quando a crise chegou a este ponto no curso de Abraão na instrução de Jeová, Deus foi muito inflexível. Em resposta ao apelo de Abraão em favor de Ismael, Deus disse:

“E disse Deus: ‘Na verdade, Sara, tua mulher, te dará um filho, e chamarás o seu nome Isaque; e com ele estabecerei o meu concerto, por concerto perpétuo para a sua semente depois dele.’” *Gênesis 17:19*.

Por isso, o concerto de Deus pelo qual a salvação eterna é trazida a todos os que da humanidade a receberão é firmado e selado no nascimento de Isaque, e excluído o nascimento de Ismael.

“Mas que diz a Escritura? ‘Lança fora a escrava e seu filho, porque, de modo algum, o filho da escrava herdará com o filho da livre.’” *Gálatas 4:30*.

Por fim Abraão foi capaz de adicionar a fé à fé — a fé que o ligava a Deus como seu libertador da escravidão espiritual, além da fé, pela qual ele encontrou a libertação da escravidão física.

Mas como sabemos que esta grande descoberta tinha sido feita?

Em primeiro lugar, foi alcançado por Abraão a compreensão de que ele só poderia ser o pai de muitas nações, por meio da fé no poder criador de Deus para colocar vida onde só havia morte. Este conhecimento era a base fundamental sobre a qual a fé devia ser criada e crescer. Este foi o conhecimento salvador.

Em segundo lugar, logo que Deus estabeleceu a fé na promessa de que haveria um filho prometido, ele apareceu. Portanto, o não aparecimento do filho especial revelava que a fé salvadora ainda não estava presente.

Mas, finalmente, quando ele chegou aos cem anos, o filho apareceu, pelo que sabemos que Abraão tinha alcançado a fé. A nova vida tinha-se estabelecido nele. Ele era agora nascido de novo.

Mas, de que forma entrou ele na posse de tão maravilhosos dons?

Foi pela fé e só pela fé!

Mas como poderia Deus considerar que Abraão tinha atingido esse nível mais alto da fé que tornaria os seus filhos tão inumeráveis como as estrelas, quando as suas respostas eram tão fortemente as da incredulidade?

Na procura pela resposta, deve ser dada consideração à visão inspirada do apóstolo Paulo, que escreveu aos crentes em Roma sobre o alcance da justiça de Abraão pela fé. Aqui estão as suas palavras:

“Portanto, é pela fé, para que seja segundo a graça, a fim de que a promessa seja firme a toda a posteridade, não somente à que é da lei, mas também à que é da fé de Abraão, o qual é pai de todos nós

“(como está escrito: ‘Por pai de muitas nações te constituí’), perante aquele no qual creu, a saber, Deus, o qual vivifica os mortos e chama as coisas que não são como se já fossem.

“O qual, em esperança, creu contra a esperança que seria feito pai de muitas nações, conforme o que lhe fora dito: ‘Assim será a tua descendência.’”

“E não enfraqueceu na fé, nem atentou para o seu próprio corpo já amortecido (pois era já de quase cem anos), nem tampouco para o amortecimento do ventre de Sara.

“E não duvidou da promessa de Deus por incredulidade, mas foi fortificado na fé, dando glória a Deus;

“e estando certíssimo de que o que ele tinha prometido também era poderoso para o fazer.

“Pelo que ‘isso lhe foi também imputado como justiça.’”

“Mas também por nós, a quem será tomado em conta, os que cremos naquele que dos mortos ressuscitou a Jesus, nosso Senhor,

“o qual por nossos pecados foi entregue e ressuscitou para nossa justificação.” *Romanos 4:16-25*.

Que contraste é mostrado aqui entre o estado espiritual de Abraão, como é descrito em *Gênesis 17* e, por sua vez, *Romanos 4*.

Num ele estava fraco na fé e vacilante;

No outro era forte na fé, nada vacilante;

Num ele considerava o seu corpo sem a capacidade da produção de um filho;

No outro, olhou para isso como não havendo problema;

Num, o amortecimento do ventre de Sara tornou as coisas parecerem sem esperança;

No outro, isso não era obstáculo;

Num ele não tinha fé na capacidade de Deus para fazer o que tinha prometido;

No outro, ele tinha plena confiança no poder de Deus para fazer tudo o que havia prometido.

Apesar de parecerem dois relatos contraditórios da mesma situação, eram na verdade dois relatos harmoniosos de duas situações diferentes, um após o outro em rápida sucessão. Quando Deus estava a falar com ele, de repente, as escamas caíram dos olhos de Abraão enquanto a revelação do evangelho de Jesus Cristo aparecia perante si como o vivo poder criador de Deus. Quando isso sucedeu, a visão de Abraão brilhando com fé e a quem a bênção prometida se havia tornado uma realidade gloriosa, substituiu a sombria escuridão da incredulidade. Realmente ele tornou-se um novo homem em Cristo Jesus. Ele nunca mais seria a mesma pessoa novamente.

Agora, estava unido pela fé a Deus como seu libertador temporal e também espiritual.

Aqueles que têm lutado uma longa e dura batalha de pecar e confessar repetidamente, até raiar o dia quando de repente, ou assim parecia, o Senhor falou as palavras de salvação para satisfazer a nossa desesperada necessidade, irão compreender a experiência de Abraão muito bem.

Eles saberão o que significa ter tirado todas aquelas coisas em que confiavam como garantia de que, se alguém tinha salvação, eram eles. Esse dia chegou quando veio a eles o poder do Espírito Santo que convence como nunca antes e revelou o seu verdadeiro estado de total destituição. Quanto essa revelação os remeteu ao lugar de total desespero e desolação, onde a escuridão de estar eternamente perdidos os envolveu!

Em busca de alívio para esta terrível opressão, eles olharam para a sua posição na igreja de Deus, para as suas boas obras, e a sua firmeza aos seus próprios olhos, como evidências da aceitação e aprovação de Deus, mas aquilo que no passado sempre tinha sido tão grande ajuda, agora provava ser sem valor.

Descobriram que tinham que aceitar essa avaliação da sua condição espiritual, por horrível que fosse, mas quando o fizeram, subitamente, todas as promessas de Deus se tornaram vivas, como se tivessem sido escritas apenas para cada um deles. Ansiosamente agarram o proferido dom e, parece que, num instante o milagre aconteceu enquanto a paz inundava todo o ser. Deus que fielmente os tem observado durante o tempo de pesquisa e luta, seja longa ou curta, como seu Salvador dos perigos temporais e físicos, estende agora o Seu papel a Salvador espiritual.

Assim resumidamente foi a experiência de Abraão e Sara, que pela adição de fé em fé, por fim se tornaram completos em Cristo. Nas pegadas deles cada filho da esperança pode trilhar o seu caminho até que a sua experiência seja de paz com Deus, e vitória sobre todo traço de pecado. Não importa quanto tempo leve, Cristo esperará até que aprendais a vir a Ele.

Capítulo 18

Fé e Aceitação

Nos dois capítulos anteriores, foi estabelecida a verdade que existem pelo menos dois níveis de fé — aquele que nos une a Deus como nosso Libertador da escravidão temporal e o que nos une a Ele como nosso Salvador da escravidão do pecado. Enquanto o primeiro nos traz um maravilhoso conjunto de bênçãos materiais, incluindo a protecção contra acidentes, a cura de doenças graves, e prosperidade material, não traz a redenção através do sangue de Cristo. Essa obra da graça está limitada ao ministério do nível mais elevado de fé.

Há um outro tipo de fé, que crê no facto de que Deus existe, mas o qual também não tem acesso ao poder de Deus para salvar qualquer pessoa para a vida eterna. Mencioná-lo-ei de passagem, porque não é um problema para aqueles que buscam a vida eterna:

“Quando falamos em fé, devemos ter presente uma distinção. Existe uma espécie de crença que é inteiramente diversa da fé. A existência e poder de Deus, a veracidade de Sua palavra, são fatos que mesmo Satanás e seus exércitos não podem sinceramente negar. Diz a Bíblia que ‘também os demônios o crêem e estremecem’ (Tiago 2:19); mas isto não é fé. Onde existe não só a crença na Palavra de Deus, mas também uma submissão à Sua vontade; onde o coração se Lhe acha rendido e as afeições nele concentradas, aí existe fé — a fé que opera por amor e purifica a alma. Por esta fé o coração é renovado à imagem de Deus. E o coração que em seu estado irregenerado não era sujeito à lei de Deus, agora se deleita em Seus santos preceitos, exclamando com o salmista: ‘Oh! quanto amo a Tua lei! É a minha meditação em todo o dia!’ Salmos 119:97. E cumpre-se a justiça da lei em nós, os que não andamos ‘segundo a carne, mas segundo o espírito’. Romanos 8:1.” *Aos Pés de Cristo*, 66.

Os que têm fome e sede de justiça, mas ainda não encontraram a fé através da qual a salvação é aplicada à alma necessitada, deve aprender o que é viver a fé e aceitação eficaz. Isto exige que eles não descansem satisfeitos com a libertação da escravidão temporal, mas sigam em frente até que, adicionalmente experimentem a salvação do cativo espiritual. Eles devem ser capazes de identificar um nível da fé do outro, devem ser capazes de distinguir aquele através do qual a salvação vem do outro que pára antes de estar em conformidade, e deve ser capaz de aplicá-lo à satisfação da necessidade da alma.

E por isso está escrito:

“Deve-se explicar bem como exercer a fé.” *Educação*, 253.

A fé aqui referida é a fé que, trazendo a libertação do pecado, chama o penitente passo a passo mais perto de Cristo. Um excelente guia neste estudo é encontrado nas três primeiras páginas do capítulo seis em *Aos Pés de Cristo*, intitulado “Confiar em Deus” [Fé e Aceitação].¹

Este capítulo está numa sequência que revela progressivamente os passos para Cristo na sua ordem, começando com um conhecimento do que é o pecado, seguido pela convicção pessoal do pecado, arrependimento, consagração e confissão apropriada.

¹ Neste Capítulo as citações de *Steps To Christ* da versão em inglês foram transcritas da versão em português de *Aos Pés de Cristo*, impresso pela Publicadora Atlântico, 5ª edição.

Esta progressão avançou, até este ponto, até à explicação do que é a fé e a aceitação, e como o praticar. Deste modo o primeiro parágrafo deste capítulo em *Aos Pés de Cristo* é uma recapitulação do assunto já tratado no livro. Esse capítulo começa com estas palavras:

“Quando a vossa consciência é despertada pelo Espírito Santo, começais a ver o carácter odioso do pecado, a sua culpabilidade, a sua miséria; e passais a considerá-lo com horror.” *Aos Pés de Cristo*, 53.

Esta frase fala do despertar da consciência que só pode ser despertada pelo ministério do Espírito Santo na aplicação da lei de Deus no coração do pecador culpado. Ele vê-se a si próprio como destituído da pureza da santidade de Deus em contraste com a sua própria pecaminosidade. Vendo por si mesmo a diferença entre a perfeição dos estatutos divinos e a sua própria pecaminosidade, o que o leva a exclamar:

“Assim, a lei é santa; e o mandamento, santo, justo e bom.” *Romanos 7:12*.

Esse conhecimento, atingindo como faz o coração de quem o possui, só pode conduzir a uma profunda convicção do indivíduo, e é um passo essencial rumo a Cristo, embora ainda não seja um passo com Ele. Esta convicção é confessada na seguinte frase:

“Sentis que o pecado vos separou de Deus, que estais cativos do poder do mal.” *Aos Pés de Cristo*, 53.

Foi quando Paulo chegou a este mesmo ponto na sua experiência que exclamou, “mas eu sou carnal, vendido sob o pecado.” *Romanos 7:14*.

Então ele prosseguiu como está registado em *Romanos 7*, para descrever a batalha onde verificou que as coisas que queria fazer era incapaz de realizar, ao passo que as coisas que ele odiava eram as coisas ele verificava que fazia. Esta dura luta continuou até ao ponto onde foi levado a reconhecer o seu próprio total desamparo e, foi então que o livramento veio.

Em *Aos Pés de Cristo*, é descrita a mesma batalha nestas palavras:

“Quanto mais vos debateis para lhe fugir, tanto mais reconheceis a vossa impotência. Os vossos intentos são impuros; impuro é o vosso coração. Vedes que a vossa vida tem sido repleta de egoísmo e pecado. Almejais então o perdão, a pureza, a liberdade, estar em harmonia com Deus, ser-Lhe semelhante: que fazer para o alcançar?”

É por esta valiosa razão que Deus permite que a luta continue até os desejos do coração pela justiça, por um lado, e a consciência da absoluta incapacidade do ser humano o alcançar por si mesmo por outro, seja intensificada ao ponto onde em desespero, o necessitado deixe de tentar e Lhe entregue a obra que só Ele pode fazer.

Só Deus nos pode salvar. Só Ele tem o poder para o fazer. Nós não podemos mudar os nossos corações e tornar-nos santos, mas Deus promete fazer isto para nós, se entregarmos nas Suas poderosas mãos todo esse trabalho. Isto pode fazer parecer que é muito fácil ser salvo, e na realidade é fácil, no sentido em que nós não temos de fazer o trabalho, mas é uma coisa muito difícil chegar ao lugar onde, por fim abandonamos o esforço inútil de tentar salvar-nos a nós mesmos. Nenhum sucesso será experimentado em garantir a libertação do cativo até que deixemos o Senhor fazer por nós o que não podemos fazer por nós próprios. Quando nos propusermos a encontrar o Salvador, seremos confrontados com ideias que têm sido sistematicamente e com sucesso inculcadas durante todo o período do reinado do pecado nesta Terra. A filosofia que está aqui a ser referida é a ideia de que o homem é o senhor do seu próprio destino, o solucionador de todos os seus problemas, o executante de todas as suas ambições.

Gravado na mente de cada um de nós, desde a nossa infância está o conceito de que não há nada que o homem não possa fazer, se lhe for dado tempo e dinheiro suficiente. Olhai para o ensino dos livros de História e vede que eles contêm a descrição das obras humanas, sendo Deus geralmente deixado sem qualquer factor de intervenção. Pensai na mensagem passada diariamente na imprensa, na rádio, e na televisão e, mais uma vez, este é o tema contínuo transmitido aos ouvidos humanos. Nas obras de ficção, que, acima de quaisquer outras produções reflectem o pensamento dos seres humanos, há sempre um herói. Ele é um super soldado, membro da tripulação de um avião,

explorador, detective, advogado, ou algo semelhante que é sempre representado como sendo capaz de dominar a maioria das situações impossíveis e alcançar as vitórias mais improváveis.

Todavia, apesar de ser verdade que os homens têm resolvido alguns problemas formidáveis, e realizado algumas coisas surpreendentes, há uma área em que eles são absolutamente impotentes. Eles podem mudar o curso de um rio, a altura de uma montanha, construir um porto, derrotar os seus inimigos, colocar um homem na lua, e estabelecer uma estação espacial em Marte, mas não podem mudar o seu próprio coração mau e transformá-lo. O homem pode moldar um espinheiro a fim de crescer numa certa forma, mas não pode transformá-lo numa árvore que produza maçãs. Ele pode treinar um lobo para fazer alguns truques, mas não pode transformá-lo num cordeiro. Aqui é onde o homem é absolutamente impotente.

Semelhantemente, ele pode abandonar muitos hábitos maus e apresentar bastante aparência de justiça, mas não pode mudar o coração maligno e torná-lo bom. Aqui é onde ele é totalmente incapaz. Mas isto nunca nos foi ensinado. Pelo contrário, toda a educação do mundo em que vivemos é o oposto disto, e tornámo-nos tão habituados a pensar na superioridade da mente humana e aptidão, e tão enraizada esta noção tem sido que, quando se trata do problema do coração pecaminoso, procuramos então resolver isso do mesmo modo como temos vencido os problemas do ambiente material — pelos nossos próprios esforços, capacidades e recursos materiais. Mas nenhum destes em conjunto ou isoladamente, pode produzir os resultados desejados. Por isso, porque termos sido ensinados a abordar este problema de modo tão incorrecto, temos de em primeiro lugar aprender a sua futilidade antes de abandonar este erro.

Não é suficiente saber muito bem o que está certo, e desejar fazer o que é certo. Também deve ser aprendido como fazê-lo. Tentar alcançar a coisa certa de uma forma tão errada que nunca trará sucesso, falhará tão certamente como se nunca tivéssemos tentado de todo.

Mas como deve ser aprendido o procedimento correcto?

Como nos ensinará o Senhor?

A instrução directa tem-se revelado insuficiente, porque ela falhou em trazer o sucesso mesmo sendo o Senhor, Ele mesmo, o Instrutor. Isto não deve ser tomado como inferindo que há incapacidade de Deus para ensinar competências. O problema encontra-se no elemento humano, não em Deus.

Mas, mesmo que o Senhor fale a Sua verdade com clareza e poder, a mente humana tem uma venda nos olhos, que só pode ser penetrada quando limpa pelo colírio celestial. Até essa altura os necessitados caminham na escuridão, tropeçando para sua ruína. Felizmente, o Senhor ouve o seu clamor, e sabendo que eles buscam a luz de forma errada, faz a única coisa que Ele pode fazer de melhor por eles — deixar eles tentarem salvar-se a si próprios.

Ele sabe que, até serem libertados da escravidão do pecado, irão falhar repetidamente enquanto com incrível tenacidade, tentam reiteradamente ganhar a batalha. Há, naturalmente, uma infeliz proporção dos que se permitiram ficar convencidos de que, para eles, o caminho é demasiado difícil e abandonaram a luta. Ao fazer isso perdem a vida eterna. A sua chegada a esta decisão não era inevitável, porque eles não tinham de se render na sua crença na busca de um lugar no reino. Deus não salva arbitrariamente um, e rejeita outro. Se estamos perdidos, será culpa nossa não de Deus.

Um pensamento encantador que melhora o relacionamento de Deus com todo o problema é que ele monta uma vigilância especial sobre aqueles que ainda lutam pela vida. Tem-me sido feita a pergunta seguinte em mais de uma ocasião quando se faz menção de que o homem no estado de *Romanos 7* não acordaria na ressurreição dos justos. A questão é a seguinte:

“Que decisão tomará Deus no julgamento acerca de uma pessoa que estava lutando segundo a experiência de *Romanos 7*, mas que morreu antes de obter a vitória e celebrar a experiência do homem de *Romanos 8*. No decurso da luta deste homem, ele fazia o mais sinceramente o melhor que sabia, mas ainda não tinha sido ligado a Cristo como seu Libertador da escravidão espiritual.”

É a minha firme convicção de que o nosso amoroso Pai celestial não permitiria que essa pessoa morresse antes de ter ganho a vitória sobre o senhor do pecado. Isto seria verdade somente se o indivíduo estivesse sinceramente à procura da vida eterna como o ladrão na cruz.

Existem mais pontos importantes neste primeiro parágrafo, que não devem ser ignorados. O primeiro para o qual vou chamar a vossa atenção está contido nestas palavras:

“Sentis que o pecado vos separou de Deus, que estais cativos do poder do mal.”

O conceito de que o pecado é um senhor dominador é, quando encontrado pela primeira vez, algo de que não estávamos previamente cientes. Em geral, os pecados têm sido vistos como a prática de acções más, para cujas transgressões, o perdão deve ser obtido.

Embora a ideia de pecado, seja a de uma força do mal vindo através de algo como um despertar para a realidade de sua natureza e actividades destruidoras, mas uma vez que tenhamos sido alertados para a sua existência como tal, é surpreendente como frequentemente aparece em locais onde anteriormente era negligenciado. Aqui está um outro aspecto do conceito:

“Sentis... que estais cativos do poder do mal.”

Seria muito útil se quem está estudando estas verdades com a determinação de entrar na experiência viva de vitória sobre todo o pecado, fizesse uma lista de cada menção pela qual passou referindo-se ao pecado como um senhor dominador, da escravidão espiritual, da libertação da pecaminosidade, e assim por diante. Isto ampliará o seu conceito sobre o que é o pecado, e, portanto, reforçará a sua capacidade para resistir ao mal. Descobrirá que o número de referências pelas quais passou será surpreendentemente grande, e surpreender-se-á por não as ter visto antes.

O próximo testemunho importante para o qual dirigiria a vossa atenção é o seguinte:

“Vossos intentos são impuros; impuro é o vosso coração. Vedes que a vossa vida tem sido repleta de egoísmo e pecado. Almejais então o perdão, a pureza, a liberdade, estar em harmonia com Deus, ser-Lhe semelhante: que fazer para o alcançar?”

Esta última frase precisa de cuidadosa atenção por causa da sua estrutura. Seria de esperar ler-se:

“Estar em harmonia com Deus, ser-Lhe semelhante — que podeis fazer para alcançá-los?”, mas não, lê-se: “que podeis fazer para o alcançar?”

Que conclusão deve ser tirada disto? Só pode ser que a harmonia com Deus, e a semelhança com Ele não são duas coisas, mas uma e a mesma coisa.

Isto é lógico, pois é uma lei da natureza que “pássaros de uma pena voam juntos”, para citar um velho provérbio.

Harmonia com Deus só está presente onde há semelhança com Ele em espírito e carácter. Muito mais do que temos compreendido, o crente em Jesus, que fervorosa e diligentemente persegue uma experiência espiritual rica e poderosa, torna-se mais semelhante ao seu Mestre, dia a dia porque o efeito de o evangelho é restaurar e reconstruir, não apenas perdoar. Para conseguir isso, a velha natureza má deve ser totalmente erradicada, e uma totalmente nova tomar o seu lugar. Esta questão perguntando como harmonia com Deus e a semelhança com Ele pode ser alcançado, é uma confissão de pecado, de desamparo, impureza e desesperada necessidade, que cria um grande desejo de ser perdoados, purificados e libertados.

Tudo isso é um retrato perfeito do homem em *Romanos 7*, que juntamente com a pessoa descrita aqui em *Aos Pés de Cristo, 53*, partilha das mesmas condições, tem os mesmos anseios, e nenhum recebeu o perdão ainda. Ambos estão em servidão sob o senhor do pecado. Para isso, Deus tem a resposta completa e perfeita. Ele diz:

“Necessitais de paz — do perdão, da paz e do amor de Deus em vossas almas. Dinheiro, inteligência e sabedoria não podem granjear essas coisas, tão pouco podeis esperar obtê-las pelos vossos próprios esforços.” *Vereda de Cristo, 47* (2ª. edição revista e corrigida), Sociedade Internacional de Tratados no Brasil, São Paulo.

Estas palavras são uma repetição e uma confirmação de uma verdade essencial já apresentada neste capítulo. É importante que ela seja repetida, porque não haverá progressos para os que não a compreendem. E o que é esse factor tão essencial?

É que:

“Tão pouco podeis esperar obtê-las pelos vossos próprios esforços.”

Não temos esperança alguma de nos salvarmos do senhor do pecado. Curiosamente, porém, nem sequer podemos admitir com os nossos lábios que é assim e nem o compreendemos ainda.

Isso significa que, se quisermos receber a bênção, ela tem que ser disponibilizada por alguém que tenha o poder de ganhar a liberdade em nosso lugar e, em seguida, dá-la como um dom à nossa necessidade. Não pode haver outro caminho. Cristo tem o poder e a vontade de usá-lo para a nossa salvação e assim está escrito:

“Mas Deus vo-la oferece como um dom, ‘sem dinheiro e sem preço’. (Isaías 55:1). Ela pertence-vos: basta que estendais a mão para a receber. Diz o Senhor: ‘Ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve: ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a branca lã’ (Isaías 1:18). ‘E vos darei um coração novo e porei dentro de vós um espírito novo’ Ezequiel 36:26). *Aos Pés de Cristo, 53.*

Pensai por um momento sobre estas palavras:

“Mas Deus vo-la oferece *como um dom.*” “Ela pertence-vos: basta que estendais a mão para a receber.”

Isso faz com que soe tão simples e tão fácil, que é apenas isso mesmo — simples e fácil, desde que o suplicante pecador deixe de tentar salvar-se a si mesmo, e lance o seu desamparado eu no seu todo-poderoso Redentor. E ainda assim muitos não conseguem obter o dom precioso!

Em que consiste a dificuldade?

Ela está em não compreender a causa da separação entre Deus e o homem, como descrito nos capítulos anteriores deste livro. Não vou aqui repetir as informações, excepto para dizer que quando isto é verdadeiramente entendido, verificaremos que estamos preparados para receber o dom da salvação — *como um dom.* Entretanto, uma reverente contemplação desta poderosa verdade que apenas pode chegar a nós como um dom preparar-nos-á para receber a bênção, como um dom.

A experiência de Abraão como considerada no último capítulo, intitulado “A Fé de Abraão”, demonstra a verdade da salvação que vem como um dom. Depois de todos aqueles anos de sincera luta e planos, por fim abandonou toda confiança naquilo que ele poderia fazer, e, estendendo as mãos para o Céu, recebeu a bênção — *como um dom.* Quando fez isso, um novo dia raiou completamente para ele. A vida nunca mais foi a mesma para ele depois do grande despertar.

Nunca deve ser esquecido que um dom nunca é dado a alguém como compensação por serviços prestados. Não é uma coisa conquistada. Em vez disso, ele vem como uma expressão de amor do doador ao receptor, e está a ser recebido com gratidão pelo que o recebe, tanto mais que, neste caso, é o dom da vida no lugar da morte, que nos está a ser tão livremente oferecido. Tudo o que temos a fazer é estender a mão e segurá-lo pela fé, que é tomar posse dele na realidade.

O texto continua:

“Confessastes os vossos pecados e de coração os renunciastes. Resolvestes entregar-vos a Deus.”

Por outras palavras, o dia da decisão chegou, e felizmente, resolvestes entregar-vos a Deus. Mas, a decisão de casar não é o casamento. É essencial que isto seja entendido. Porque estamos a lidar com realidades aqui, este ponto deve ser tornado muito claro.

Para alcançar este objectivo, vou usar a ilustração de um namoro para ensinar esta verdade vital da consagração a Deus. Pensemos numa jovem que está solteira e deseja casar. Como geralmente acontece mais cedo ou mais tarde, algum jovem aparece e está atraído por ela, e em resultado segue-se um namoro pelo qual ele tenta levá-la a tomar a decisão de casar-se com ele. Suponhamos que, neste caso, ele é bem-sucedido e, eventualmente, ela chega a uma decisão definitiva de se tornar sua companheira para o resto da sua vida.

Mas aqui está o ponto importante.

Essa decisão não é o casamento — ainda!

Não faz dela uma mulher casada.

É apenas uma decisão de casar-se, e não é o casamento em si. Se ela nunca agir influenciada por aquela decisão, se ela não passar disso, então nunca irá casar-se, embora tenha decidido unir-se a esse homem.

Nunca ouvi que qualquer moça não soubesse o que era estar envolvida em como começar um casamento com um homem, apesar dos procedimentos específicos variarem de sociedade para sociedade e mesmo dentro das sociedades. Ela estaria familiarizada com os procedimentos adequados à sua situação, e de um modo geral, conformar-se-ia com eles.

Mas supõe que uma moça não sabia como casar-se e ninguém sabia como dizer-lhe, então ela teria um grave problema. Ela estaria cheia de desejo para se casar, mas não sabia como proceder, e por conseguinte, sentir-se-ia frustrada, desapontada, e infeliz.

Esta observação podia parecer desnecessária, mas tem a sua importância e faremos a aplicação da ilustração.

Vede, nós somos a mulher da ilustração e Cristo através do Espírito Santo é o pretendente que está a tentar conquistar cada um de nós para Si. Com alguns, Ele é bem-sucedido em levá-los a um ponto de decisão. Mas o facto de chegarmos a um ponto de decisão para servir o Senhor por si só não faz com que sejamos casados com Cristo. Deixai que este facto seja claramente compreendido. Uma decisão de se unir a Cristo ainda não é o casamento com Ele, embora certamente seja um passo na direcção certa. Isto contém o erro de chamar as pessoas a tomar uma decisão por Cristo e, em seguida, deixá-las confiantes de que agora se tornaram verdadeiramente unidas a Ele, embora não tivessem feito mais do tomarem uma decisão.

Houve um tempo em que Paulo confessou ter tomado uma decisão por Cristo sem ter casado com Ele. Escrevendo aos cristãos romanos disse o seguinte:

“... Com efeito, o querer está em mim, mas não consigo realizar o bem... Assim que eu mesmo, com o entendimento, sirvo à lei de Deus, mas, com a carne, à lei do pecado.” *Romanos 7:18, 25*.

O exercício do poder da sua vontade e a decisão da sua mente para servir a lei de Deus, são decisões para Cristo. O poder da vontade é o poder de escolha, os quais Paulo havia colocado em operação, mas sem sucesso, porque a sua vida permaneceu inalterada. Por outras palavras, ele tinha tomado a decisão de casar-se com Cristo, sem dar o passo real de se unir a Ele.

Na ilustração do casamento, eu disse que as mulheres que desejam casar estão geralmente bem versadas nos procedimentos para se tornarem mulheres casadas, mas isto não é verdade no que toca à forma de se unir a Cristo. As pessoas que têm fome e sede de vida eterna, a qual é fornecida apenas aos que são casados com Cristo, não sabem a diferença entre tomar uma decisão de casar com Ele e, na verdade, tornar-se casado com Ele. Se isto fosse conhecido como geralmente devia ser, nunca teria havido necessidade de escrever este livro.

Até um certo ponto do tempo na vida de Paulo, ele não sabia a resposta para as questões que ele próprio colocava, nem encontrava quem as pudesse dar. Por isso, ele estava no estado de total frustração, desapontamento, e infelicidade em que desejava, acima de tudo, estar unido a Cristo, todavia não sabia como estar, e ninguém era capaz de lhe dizer. E esta é exactamente a situação de muitos professos cristãos. Quão desesperadamente necessária é a mensagem que dirá às almas famintas como procurar, como a confiar, e como viver.

Felizmente veio o tempo em que a instrução necessária está disponível para todos aqueles que estão determinados a casar-se com o Salvador. Ela está contida no parágrafo seguinte, bem como em outras porções da sagrada palavra de Deus. Ela foi escrita para nossa instrução há muito tempo, mas temos sido cegos demais para a ver.

Chegámos a uma fase onde a futura noiva na ilustração decidiu casar-se.

Agora o que deve ela fazer?

Deve ir ao que pretende ser o seu marido,

E onde é que ela vai encontrá-lo?

Encontrá-lo-á esperando-a no altar da consagração.

Se pensardes nisso por um momento, então perceberéis que um casamento é um serviço de consagração onde a mulher consagra toda a sua vida ao seu marido, e o marido consagra a sua vida a ela. Então ambos, que haviam sido duas vidas separadas, tornam-se agora uma única vida indivisivelmente unidos pelos laços mais próximos que a experiência humana pode conhecer.

Agora observai como exactamente as palavras do capítulo que estamos a estudar se encaixa nesta imagem.

“Ide agora a Ele e pedi-Lhe que vos lave dos vossos pecados e vos dê um coração novo.” *Aos Pés de Cristo*, 54.

Exactamente como a jovem deve ir ao altar da consagração e entregar a sua vida ao seu marido, assim também nós devemos ir a Cristo do mesmo modo e nos mesmos termos.

E onde vamos encontrá-l’O?

O grande ponto de encontro entre Deus e o homem é a cruz de Cristo e este foi tipificado no serviço do santuário do Antigo Testamento pelo altar do sacrifício no pátio do santuário. Lá encontrareis o Mestre como o Grande Sumo-Sacerdote, à espera de vós.

(Isso não é negar o facto de que o Senhor está hoje a ministrar no Lugar Santíssimo do santuário celestial, mas ler a lição retratada nos serviços típicos. Tudo o que o Senhor Jesus conquistou para nós foi obtido na cruz do Calvário, mas Ele ministra isso do santuário celestial hoje.)

Precisamente aqui é importante salientar o facto de que nós devemos realmente ir a Cristo e fazer esta consagração. Ninguém pode fazer isso por vós. É uma questão inteiramente pessoal. Deveis ir e fazer esta consagração. Podeis encontrá-l’O onde quer que possais estar a sós com Ele. Esse altar da consagração pode ser o vosso próprio quarto, a quietude da floresta, do lago, os secretos recessos do vale, ou a solene grandeza das fortalezas da montanha.

Isso não é impossível no meio de uma movimentada, activa multidão humana, mas é pouco provável. Ele escolherá o tempo e o lugar, e estará a atrair-vos para Si. Quando Ele chama, vós deveis ir. A vossa entrega deve ser feita a sós com Deus, e a menos que deis o passo para ir, e realmente ir, sereis então como a jovem donzela, que quis ser casada, e havia decidido casar-se, mas nunca procurou o casamento.

“Ide agora a Ele e pedi-Lhe que vos lave dos vossos pecados e vos dê um coração novo.” *Aos Pés de Cristo*, 54.

Quando a jovem vai ao altar para jurar o seu amor e lealdade àquele que passará a ser o seu parceiro de toda a sua vida, ela literalmente lhe entrega a vida, e ele em troca dá-lhe a sua vida sem reservas.

Agora, da mesma maneira, deveis entregar sem reservas a vossa vida a Cristo e, em troca, receber totalmente a Sua vida. Ao formar e levar avante este concerto simples, as duas vidas — de Deus e do homem — o casamento entre Cristo e o crente — está consumado.

Mas, que tipo de vida tendes que Lhe oferecer em troca da vida maravilhosa, imortal e pura que Ele vos oferece?

Porque é uma vida desesperadamente ímpia e impura. É uma vida de pecado e sem valor que nunca mais desejamos ver por ser tão má. Além disso, o diabo está ali para vos dizer que o Senhor também nunca a quererá, mas não deveis ouvi-lo porque ele foi um mentiroso desde o princípio. *João 8:44*.

Para superar este problema, há muitos que adoptam a atitude de que devem primeiro purificar as suas vidas do pecado a fim de se tornarem aptos para Cristo as receber. Recordo com muita clareza, que ao ser abordado por um homem numa audiência na Califórnia a cujos membros eu tinha dado um estudo. Este homem declarou que tinha entendido que não poderia vir a Cristo até que em primeiro lugar tivesse deixado todos os seus pecados. Mas agora estava muito aliviado por saber que podia vir a Cristo tal como era. O testemunho que se segue foi um grande conforto para ele:

“Se virdes o vosso estado de pecado, não espereis até que vos tenhais melhorado. Quantos há que julgam não ser suficientemente bons para ir a Cristo! Tendes esperança de tornar-vos melhor por vossos próprios esforços? ‘Pode o etíope mudar a sua pele ou o leopardo as suas manchas? Nesse

caso também vós podereis fazer o bem, sendo ensinados a fazer o mal.’ (Jeremias 13:23). Só em Deus é que há socorro para nós. Não esperemos que a convicção se torne mais forte, ou que a oportunidade seja mais favorável, ou que tenhamos um temperamento mais santo. De nós mesmos nada poderemos fazer. Temos de ir a Cristo exactamente como nos encontramos.” *Aos Pés de Cristo*, 30.

Por isso, ide ao Salvador, mas não façais a velha oração inútil:

“Senhor ajuda-me a superar este pecado”.

Esta é uma oração vã porque ela põe Deus no papel de ajudador, e vos eleva ao nível de salvador. Esse é o grande pecado com que o grande conflito começou, e com o qual tem continuado desde então — a elevação do homem ao lugar de Deus. Os verdadeiros cristãos rejeitam inteiramente este tipo de oração, porque não querem participar em qualquer abordagem a Deus que rebaixa o Todo-poderoso, e exalta o homem.

Em vez dessa, façam orações muito mais inteligentes:

“Senhor, eu posso ver agora que a vida que tenho é pecaminosa e, portanto, apenas uma fonte de pecado. Aprendi que é impossível tirar algo puro de uma coisa impura. Por conseguinte, desde que tenho esta vida apenas posso continuar pecando, pecando e pecando. Mas Tu prometeste tirar esta vida de mim.

“Senhor, aqui está ela.

“Toma-a, pois eu já não a quero mais. Agora é Tua e não minha.

“E, Senhor, Tu prometeste dar-me a Tua própria vida em seu lugar. Pela fé estendo a minha mão e tomo o dom oferecido. Agora é meu e eu agradeço-Te por tê-lo na minha posse.”

Depois, o que devemos fazer?

Então devemos crer “... que o fará, porque assim prometeu.” *Aos Pés de Cristo*, 54.

Não há mais bela ilustração da fé do que aquela que uma noiva tem no seu marido quando descem do altar no dia do casamento. Ela não tem nada, absolutamente nada, senão a palavra dele, ainda assim vai em frente com a mais doce e mais implícita confiança de que ele é o melhor marido que o mundo jamais lhe poderia dar. Outros casamentos, outros maridos podiam falhar, mas não este casamento e não este marido. Ela tem um brilho de uma paz perfeita, de perfeita confiança. Ela tem nele uma fé que parece ser inabalável.

Essa é exactamente a fé que todo o verdadeiro filho de Deus tem em Cristo no dia em que vêm ambos da experiência da verdadeira consagração. Os maridos terrenos podem falhar e falham, uns mais do que outros, e muitas pobres mulheres têm sido tristemente desiludidas, mas isso nunca acontecerá com o homem Cristo Jesus. Ele não pode falhar e não irá falhar.

Por isso é que lemos:

“Esta é a lição que Jesus ensinou, nos dias da Sua vida terrestre. O dom que Deus nos prometeu, é preciso simplesmente crer que o recebemos, e será nosso.” *Aos Pés de Cristo*, 54.

Portanto, se esta é a lição que Jesus ensinou enquanto esteve na Terra, conclui-se então que esta é a lição que, acima de tudo, temos que aprender não apenas na teoria, mas na própria vida da experiência pessoal. Devemos concentrar o tempo e esforço sem poupar nada, na nossa determinação de ser abençoados com a fé que traz a justificação pela fé, nosso título para o Céu, e a justiça pela fé, que é a nossa aptidão para o Céu.

Ao mesmo tempo, será a lição que acima de tudo o diabo tentará impedir que aprendamos, pois ele sabe que, para o filho de Deus tudo depende da sua vida pela fé. Se o inimigo pudesse incutir nas nossas mentes pelo menos a dúvida e a incredulidade, podia privar-nos do nosso lugar no reino de Deus. A sua vitória estaria assegurada.

De acordo com o elevado grau de importância presente nesta lição, que é aquilo que temos de acreditar que Ele faz isso porque prometeu, Jesus trabalhou para ensiná-la ao povo. O Seu método favorito e altamente eficaz era demonstrá-la curando o povo das suas doenças. Uma e outra vez repetiu Ele a lição que poderia ser bem aprendida, vivida pessoalmente, e nunca esquecida. É ensinada em cada milagre de cura.

Examinaremos agora um desses milagres de cura da doença — a restauração do homem no tanque de Betesda — para que pudéssemos ter a lição de salvação revelada mais claramente aos nossos “embotados sentidos.” *Educação*, 107.

Acerca desse notável acontecimento, lemos:

“Do singelo relato bíblico sobre a maneira como Jesus curava os doentes, podemos aprender alguma coisa acerca do modo como devemos crer n’Ele para obter o perdão dos pecados. Voltemos ao caso do paralítico de Betesda.” *Aos Pés de Cristo*, 54.

Como todas as outras, esta Escritura foi escrita para cumprir um fim muito específico que é podermos aprender a crer n’Ele para o perdão dos pecados. Tomai nota que o principal objectivo não é ensinar-nos que devemos crer, nem o que devemos crer, mas como crer. Portanto, é uma lição prática, e não apenas teórica.

Guiado por essa informação, nós ficamos naturalmente ansiosos para tirar o máximo proveito dela. Assim, concentremos em primeiro lugar a nossa atenção nos pormenores do acontecimento, após o que iremos estudar a lição contida no assunto de como exercer a fé. Então, vamos obedecer à sequência e voltaremos à história do paralítico de Betesda. Sobre ela lemos:

“O pobre enfermo era um inválido; havia trinta e oito anos que não fazia uso das suas pernas. No entanto Jesus lhe ordenou: ‘Levanta-te; toma a tua cama, e vai’. O doente poderia ter dito: ‘Senhor, se quiseres curar-me, obedecerei à Tua palavra’. Mas não; creu na palavra de Cristo, creu que estava curado, e fez imediatamente o esforço: decidiu andar, e andou. Agiu sobre a palavra de Cristo, e Deus lhe concedeu a força. Estava são.” *Aos Pés de Cristo*, 54.

Tendo descrito a escravidão do paralítico, segue-se uma frase muito curta, mas muito significativa:

“De igual modo sois vós um pecador.”

Vamos então considerar o estado físico do homem, para ver de que forma é uma verdadeira ilustração da nossa condição de pecadores. Aquele homem nasceu no mundo físico para viver uma vida normal. Ele nasceu para se mover, e trabalhar, e fazer as acções normais de cada dia. Em suma ele nasceu para viver uma vida produtiva, agradável, activa, mas nós verificamos que, em vez disso, toda a sua vida foi desprovida de tais satisfações. Ele era impotente — um paralítico desamparado — que estivera ali penosamente deitado ano após ano, na sua esteira junto ao tanque.

Da mesma maneira, nós nascemos com o propósito divinamente ordenado de realizar as acções de justiça e fazer as coisas que a lei do amor e da justiça requerem mas, tão seguramente como houve uma ausência completa de qualquer uma das funções normais da vida do homem impotente, assim seguramente existe a mesma impotência espiritual da parte de todos os que ainda não foram libertados do senhor do pecado. Isto pode vir como uma surpresa para muitos que olham para as suas “boas obras” do passado, para a sua boa reputação, e tudo o que se parecia como acções de justiça, saber o que o Senhor diz que essas coisas não são no mínimo grau o serviço do amor que Ele pode aceitar. Tão certo como o homem deitado junto ao tanque não realizava nenhuma das acções normais de vida diária, também o pecador não faz quaisquer obras da justiça.

No capítulo que estamos a estudar em *Aos Pés de Cristo*, o autor disse, “... Vedes que a vossa vida tem sido repleta de egoísmo e pecado.” *Aos Pés de Cristo*, 54.

E com palavras semelhantes o Apóstolo Paulo disse a mesma coisa, “Porque, quando éreis servos do pecado, estáveis livres da justiça.” *Romanos* 6:20.

Ser livre da justiça é outra maneira de dizer que há uma ausência completa de justiça na vida. Esse é o triste quadro daquele que ainda não aprendeu a estar unido a Cristo no verdadeiro sentido da palavra.

Agora, por que é que o enfermo não podia fazer nada?

Por causa do que ele era.

E o que era ele?

Era um escravo de uma doença que estava nos seus membros. Essa doença era de facto o seu senhor, e ditava-lhe exactamente o que ele podia fazer, e o que não podia fazer.

E que ilustração mais perfeita se pode obter da situação do pecador. Ele faz o que faz por causa do que ele é. Em todo o pecador está a doença do pecado. Ela é o seu senhor e, enquanto a lei do pecado e da morte estiver nos seus membros, então ele não pode fazer nada do que o Senhor deseja que ele faça, e que ele próprio aspira fazer. Ele está livre da justiça.

Agora, vamos considerar o estado desse homem. Ele estava totalmente sem esperança, e sabia disso. Ele tinha chegado ao ponto onde havia esgotado a esperança, e podia ver-se agora como alguém que estava de facto perdido, e se aproximava do seu fim. Ele tinha abandonado toda a esperança de que o seu problema fosse resolvido, e apenas podia ver a morte a aproximar-se.

Da mesma forma, à medida que lutamos para encontrar salvação, devemos ser levados ao mesmo lugar onde perdemos toda a fé nas soluções humanas, e, em consequência nos afastámos de todas elas. É muito importante que compreendamos que o Salvador não vos faz Seus parceiros na obra de salvar a vossa alma. Ele fará com sejais Seus parceiros ou cooperadores na obra de salvar outras almas, mas não para salvar a vossa. A cada beneficiário do evangelho, ela vem totalmente e apenas como o dom de Deus, naquele ponto de tempo em que temos abandonado completamente toda a esperança ou confiança em qualquer outro dom ou sistema.

Ao parálítico no tanque de Betesda, Jesus colocou a pergunta simples e directa: “é a tua vontade ser curado?”

A resposta do homem mostrou que compreendeu o total desespero da sua condição e situação, e confessou ao poderoso Médico debruçado sobre ele quão desesperadas as coisas estavam. Já não havia quem o ajudasse a descer à piscina, e outros mais fortes do que ele eram sempre capazes de entrar na água antes dele. Agora, trinta e oito anos se tinham passado. Como poderia ele alguma vez esperar alívio depois de não encontrar nenhum durante todo esse tempo.

Em resposta a isto, Jesus não mostrou o menor sinal de desânimo, nem preocupação. Ele simplesmente disse:

“Levanta-te, toma a tua cama e anda!”

Tudo agora dependia da maneira como ele respondesse a Cristo.

Por exemplo:

“O homem se podia haver detido a duvidar, perdendo a única oportunidade de cura. Creu, porém, na Palavra de Cristo, e agindo sobre ela, recebeu a força.” {DTN 134}, *O Desejado de Todas as Nações*, 203.

Foi pela fé no poder de Deus que o homem se levantou e foi embora. Vejamos o funcionamento dessa fé mais de perto, pois temos de aprender a imitá-la.

A Palavra diz, “O doente poderia ter dito: ‘Senhor, se quiseres curar-me, obedecerei à Tua palavra’. Mas não; creu na palavra de Cristo, creu que estava curado, e fez imediatamente o esforço: decidiu andar, e andou. Agiu sobre a palavra de Cristo, e Deus lhe concedeu a força. Estava são.” *Aos Pés de Cristo*, 54.

Agora, usando a nossa imaginação vejamos o homem deitado no pórtico, desamparado e doente depois de trinta e oito anos de miséria. Olhai e vede o compassivo Salvador debruçado sobre ele dizendo: “Levanta-te, toma a tua cama e anda.”

Ele poderia ter dito ao Mestre:

“Eu ouvi a Teu respeito e os maravilhosos milagres de que és capaz. Eu acredito em Ti. Eu sei que tens todo o poder no Céu e na Terra e que podes curar-me e o farás. E eu estou somente à espera até poder sentir uma nova vida surgindo no meu corpo. Portanto, logo que eu possa sentir isso, e saiba desse modo que tenha sido curado, então eu estarei de pé num ápice.”

Ele não se teria levantado num instante, porque esse não é o caminho da fé. Se o homem tivesse feito isso então o Senhor nunca poderia tê-lo curado. A libertação é pela fé e não pela vista, e, se ele tivesse esperado para sentir que estava curado antes de agir, então teria sido agir pela vista e não pela fé.

Mas o que fez ele quando Cristo lhe deu a ordem?

Quando Jesus lhe disse: “Levanta-te, toma o teu leito, e vai”, o doente não esperou para questionar. Ele simplesmente creu na palavra de Jesus e aceitou essa Palavra para si mesmo e, em seguida agiu segundo essa palavra. Sem esperar o mínimo sentimento de força e de saúde ou qualquer outra evidência visível, obedeceu à palavra de Deus e, no momento que o fez, então o Senhor deu-lhe o poder e ele foi curado.

Esse é o caminho da fé. E não há nenhuma outra forma de fé senão essa. A fé não espera até o caminho estar desimpedido e podermos ver a evidência visível de que estamos salvos. A fé aceita a Palavra de Deus contra o testemunho da vista e das circunstâncias. A fé crê que tudo o que a palavra de Deus declara como existindo o que já existe, é de facto assim. Portanto, a fé aceita Deus pela Sua palavra, sabendo que essa palavra pode ser posta em prática, e que se pode agir com base nela, por isso podemos deixar tudo nas perfeitamente capazes mãos de Deus. A fé é viva e activa. A fé é agir com base na palavra, sabendo que a palavra se realizará sem falhas ou hesitações.

Passemos agora ao estudo do paralelo espiritual deste importante acontecimento. Temos justificação para fazer isto com a autoridade destas palavras:

“Como este era um enfermo, vós sois um pecador.

“Não podeis expiar os vossos pecados do passado, nem mudar o vosso coração ou fazer-vos santo.” *Vereda de Cristo*, 49. (2ª edição revista e corrigida, Sociedade Internacional de Tratados do Brasil, São Paulo.

Observai que dois aspectos inseparáveis do problema são apresentados aqui. Há o problema do que temos feito, e há o problema do que nós somos.

Para o primeiro, precisamos de expiação ou perdão, e para o segundo, necessitamos de uma mudança de coração e que nós mesmos sejamos feitos santos.

Todos sabem que é absolutamente impossível nós expiarmos os nossos pecados passados. Seria bom se todos vissem com igual força e clareza a verdade de que, além disso, precisamos de uma mudança de coração para sermos feitos santos. Este segundo aspecto da obra da graça recebe muito pouca se alguma atenção de todos, pela simples razão que os pecadores não estão cientes de que esta é a causa de todos os seus males.

Mas quer o compreendamos ou não, esses problemas têm de ser resolvidos, e estas mudanças têm de ocorrer. Deve ser totalmente compreendido que é tão impossível mudardes o vosso coração e fazer-vos santos, como transformares um lobo num cordeiro, ou até mesmo fazê-lo comportar-se como um cordeiro. É tão impossível fazer-vos santos, como fazer um espinheiro produzir maçãs.

Então porque tentá-lo!

Não podeis fazê-lo, mas:

“Deus promete fazer tudo isto por vós, mediante Cristo.”

É importante que obtenhamos uma compreensão exacta desta promessa para ver o que Deus realmente diz e o que Ele não disse. Ele não prometeu fazer tudo por nós, porque há uma parte para nós fazermos.

É na verdade uma parte muito pequena, mas o Senhor não pode fazer nada até que essa pequena parte seja feita.

“E qual é essa parte?”

“Vós *acreditardes* nessa promessa.”

Isso significa que aceitamos a palavra do Senhor. O que é que ela diz que Ele fará? Ele diz que expiará os pecados do passado, e que tirará o velho coração, nos dará um novo e nos fará santos.

Fará Ele o que disse?

Com certeza que sim!

Na verdade a honra do Seu trono depende d’Ele cumprir as Suas promessas. Se o Senhor fizesse uma promessa e depois não a cumprisse, então a confiança do Universo n’Ele seria quebrada e isso seria apenas o primeiro passo para o colapso do Seu reino. Mas Deus é fiel e o que Ele diz que vai fazer, Ele fará. Portanto, aceitai a Sua palavra e deixai toda a questão com Ele, — acreditai na

promessa implícita com verdadeira e inspiradora fé, e Deus certamente cumprirá a Sua palavra para vós.

Em seguida, “confessastes os vossos pecados e resolvestes entregar-vos a Deus.”

Como já vimos, esta confissão deve ir mais além do que aquilo que temos feito. Ela deve incluir um reconhecimento do facto de que a própria vida que está em nós, somente é capaz de cometer o pecado e, portanto deve ser tirada. Por isso, tendo feito a confissão de ambos, o que tendes feito e o que sois, ao Senhor, acreditai que Ele o faz porque assim prometeu.

Não cometais o erro de pensar que primeiro deveis tornar a vossa vida um pouco melhor antes de a entregar. Se esperais por isso nunca ireis entregá-la, porque não podeis torná-la melhor. Entregai-Lhe essa vida agora, pecaminosa, poluída, morta em ofensas e pecados, e deixai-O lidar com ela como só Ele pode. Ela não vale nada, senão para ser abandonada.

“Querei servi-l’O”

O exemplo do paralítico de Betesda é a verdadeira imagem do que significa a vontade de servi-l’O. Isso significa que nós damos o passo para O servir em confiante obediência com base da Palavra de Deus. Não pensamos em termos de uma obra no futuro, mas de uma transformação já alcançada.

Então aqui estão os passos simples que devemos dar para ser libertados da escravidão do pecado:

- “Acreditai na promessa;
- “Confessai os vossos pecados;
- “Entregai-vos a Deus;
- “Querei servi-l’O.”

Essa é a vossa parte do pacto. Não façais tentativa alguma para fazer qualquer parte do Senhor, pois qualquer intrusão na Sua parte, conseqüentemente, privar-vos-á da própria bênção que procurais e tanto precisais.

Agora ouvi essas maravilhosas palavras de vida:

“Logo que tendes feito isto, Deus cumprirá a Sua palavra a vosso respeito. Se credes na promessa de que estais perdoados e purificados — Deus transformará a vossa fé em realidade: sereis curados, tão certamente como o paralítico a quem Jesus deu a força para caminhar quando acreditou na sua cura. Assim é, desde que o creais.”

Por isso é extremamente importante que noteis a redacção deste parágrafo. Mais uma vez, está no tempo presente. Ele declara que, se acreditais que estais perdoados e que estais limpos, então e somente então o Senhor faz que seja assim. Isso é, para dizer mais claramente, que unicamente se acreditardes que já está feito pode isso ser realizado.

Se a vossa fé não vai além da confiança de que Deus pode fazer a obra, e que se espera que em algum momento no futuro, Ele irá fazê-lo, então não é suficiente. Deveis acreditar que no momento em que as condições foram cumpridas está cumprido e assim é, então o Senhor imediatamente o torna real. Torna-se de facto uma realidade. Estais perdoados dos pecados do passado e vos é dada uma nova vida de pureza e santidade no lugar da antiga.

Nesta transacção não podeis e não deveis depender dos vossos sentimentos. Eles podem ser grandemente influenciados pelo que vos rodeia e pode mudar de momento para momento, mas a promessa e o poder de Deus nunca mudam, e é com base no testemunho dessa palavra que temos de ficar firmados, e apenas nela.

Assim lemos, “Não espereis sentir que estais curados, mas dizei: ‘Creio-o; assim é, não porque eu o sinto, mas porque Deus o prometeu.’”

Uma e outra vez as pessoas me têm dito: “Mas seria presunção fazer isso!”

A minha resposta é:

“O que quereis dizer com, seria presunção? Se o Senhor diz, que, se viermos e Lhe entregarmos as nossas vidas, Ele tirará a antiga vida pecaminosa e nos dará uma vida nova, e se aceitarmos a Sua palavra e crermos exactamente naquilo que Ele prometeu, pode isso ser presunção?”

Claro que não!

Mas seria ímpia incredulidade não crer nisso.

Na verdade, a Bíblia chama a isso "... um coração mau e infiel." *Hebreus 3:12*.

"Diz Jesus: 'Tudo o que pedirdes, orando, crede que o recebereis, e tê-lo-eis' (Marcos 11:24). Mas esta promessa tem uma condição: que oremos segundo a vontade de Deus. Ora é vontade de Deus purificar-nos do pecado, tornar-nos Seus filhos e habilitar-nos a viver uma vida santa. Podemos pois, pedir essas bênçãos, crer que as havemos de receber e agradecer a Deus havê-las já recebido. Da nossa parte não temos mais do que ir a Jesus para ser purificados e para subsistir perante a Sua lei sem confusão nem remorso. 'Portanto agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o espírito' (Romanos 8:1)." *Aos Pés de Cristo, 55*.

Assim, pela fé e pela fé somente a nova vida começa, e, pela fé, e pela fé somente deve ela ser mantida. E lembrai-vos que ela tem de ser mantida. Tal como o perfeito recém-nascido que precisa de ser diligentemente e adequadamente bem alimentado e cuidado de todas as formas. A fé deve ser mantida e reforçada e devemos estar sempre em guarda contra um inimigo que tirará de nós o dom da nova vida se alguma vez lhe for dada a oportunidade. Este é apenas o início da nova vida. Muitas batalhas ainda esperam por aquele que estará no reino, mas dessas iremos falar depois.

Por agora lembrai-vos que viver pela fé é crer que é assim porque Ele prometeu. Portanto, o homem de fé não avança para o campo de batalha para conquistar a vitória, mas a equipa-se com a vitória antes de ir ao encontro do inimigo. Ele começa com a vitória obtida por Aquele que derrotou Satanás em nosso nome, e leva o triunfo do Calvário consigo para onde quer que vá. Portanto, o diabo enfrenta não um homem que espera conseguir a vitória, mas um que já tem a vitória.

"E esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé." *1 João 5:4*.

Capítulo 19

A Verdadeira Ciência da Oração

O primeiro grande pecado no Céu, com Lúcifer, começou com uma perda de fé na sabedoria e bondade da justiça de Deus, e todos os subsequentes pecados da mesma forma têm sido o resultado de uma perda de fé em Deus. Isto é evidente nas palavras de Paulo em *Romanos 14:23*, porque “tudo o que não é de fé é pecado”.

Então, se a descida ao pecado e toda a perda que isso implica, foi o resultado de uma perda de fé, também a recuperação de tudo o que foi perdido tem de ser adquirido pela recuperação de uma fé perfeita. Portanto, está escrito:

“Por meio da fé em Cristo,
toda deficiência de caráter pode ser suprida,
toda contaminação removida,
corrigida toda falta, e
toda boa qualidade desenvolvida.

“‘Estais perfeitos nEle.’ Colossenses 2:10.” *Educação, 257.*

Em lições anteriores temos vindo a salientar na Palavra de Deus, o facto de que existe uma diferença muito clara entre o que nós comumente aceitamos como sendo a fé, e a real e viva versão que realmente traz a libertação do antigo problema de pecado. Para muitos de nós, isto pode ter vindo como uma surpreendente revelação da verdade, e, se temos entendido e aplicado a instrução, como a introdução de uma experiência mais rica em toda a vida.

Agora é a hora de obter uma compreensão significativamente alargada da oração eficaz, porque, da mesma maneira como fé viva é algo muito mais do que aquilo que temos compreendido até agora, assim a oração verdadeira e eficaz é algo muito mais do que temos aceite anteriormente.

“Na oração da fé há uma ciência divina; é uma ciência que tem de compreender todo aquele que deseja fazer do trabalho [da obra da sua vida] um êxito.” *Educação, 257.*

Não deve ser esquecido que o objecto do presente testemunho não é a “oração”, mas a “divina ciência da oração”.

A única oração que é eficaz, que alguma vez faz qualquer bem, é a oração da fé, portanto, não estamos interessados em qualquer outra senão essa. Mas, esse tipo de oração não é uma questão de fortuita descoberta por acaso. Não é algo que “dizemos” a cada manhã e à noite, quando passamos alguns momentos apressados de joelhos. Esse tipo de oração não é uma ciência.

Este é um testemunho muito importante e levanta imediatamente a questão,

“O que é, afinal, uma ciência?”

Uma ciência é, em primeiro lugar, um conhecimento das leis que regem as operações de um campo específico em causa, ou com o qual estamos a trabalhar. Exemplos disto são as ciências da aviação, navegação, meteorologia, nutrição, agricultura, mineralogia, engenharia, impressão offset, para referir apenas algumas. Estas leis são certas e fixas nas suas operações e o sucesso é determinado apenas por uma cuidadosa adesão aos procedimentos exigidos por estas leis. Falhar em compreender e obedecer a essas leis irá certamente resultar no nosso fracasso em alcançar o objectivo desejado.

Por conseguinte, a ciência deve ser distinguida da maneira de fazer as coisas como resultado das nativas, ou naturais, capacidades não treinadas ou inclinações.

Em segundo lugar, é a competência que surge desse conhecimento e o diligente desenvolvimento de tais capacidades rumo à perfeição final do procedimento.

De tudo isto podemos concluir que uma ciência, incluindo a divina ciência de oração, não é algo que vem até nós fácil e naturalmente. É algo que tem de ser aprendido, geralmente com metucioso esforço. Isto é dificultado pela preocupação das nossas mentes com padrões de hábito que foram estabelecidos ao longo de vários anos de errado pensar e agir.

E, no entanto, tem de ser aprendido. Esta é a mensagem inequívoca com a qual somos confrontados em *Educação 257*, onde lemos:

“É uma ciência que tem de compreender todo aquele que deseja fazer do trabalho [do trabalho da sua vida] um êxito.”

Ela não diz, que seria bom entendermos, nem deveríamos compreender, nem mesmo seria melhor entendermos. Ela diz apenas e enfaticamente que *tem que ser compreendida*. A pena para o fracasso em compreender esta ciência divina é verificar que não seremos capazes de fazer da nossa vida um sucesso.

Isto é, de facto, uma coisa muito séria. No entanto, a seriedade total disso nunca vai ser entendida na mente, a menos que claramente compreendamos o que é a obra da nossa vida. Muitos responderão que a sua vida é ser um construtor, um fazendeiro, um técnico, um professor, um dactilógrafo, ou algum outro tipo de vocação, conforme o caso. Mas nada disso é a obra da sua vida, ou pode alguma vez ser o trabalho da vida. Estas são apenas vocações da vida, o meio de ganhar o sustento necessário para continuar os processos da vida.

O trabalho da vida de cada indivíduo sobre a face de toda a Terra é o mesmo. Trata-se de uma obra. Ela não difere de pessoa para pessoa. É verdade que a grande maioria dos habitantes da Terra não sabe o que é o trabalho das suas vidas e, assim, nunca o realizam, mas isso não altera o facto do que ele é. Qual é então o trabalho da nossa vida? *É a fiel construção de um templo com um carácter preparado para a eterna habitação da presença do Espírito Santo.*

Podemos até ser completamente miseráveis fracassados na escolha da vocação da nossa vida e, ainda assim, encontrar o nosso caminho para o reino. Isto é, como um professor, um agricultor, ou um dactilógrafo que pode vir a ser bastante mal sucedido e ainda assim qualificar-se para um lugar no reino, mas se provarmos falhar na obra da edificação desse templo para o carácter, que é provar que falhámos na obra da nossa vida, então, as portas do Céu serão barradas contra nós para sempre.

Portanto, é absolutamente importante que façamos da nossa vida um êxito, e para isso temos de compreender a verdadeira ciência da oração. Isto deve ser estudado, aprendido e praticado.

Leiamos agora outra vez esse testemunho, lenta e cuidadosamente de forma que todo o peso da sua mensagem possa penetrar profundamente na nossa consciência.

“A oração e a fé são aliadas íntimas, e necessitam de ser estudadas juntas. Na oração da fé há uma ciência divina; é uma ciência que tem de compreender todo aquele que deseja fazer do trabalho [do trabalho da sua vida] um êxito.” *Educação, 257.*

Por isso, é muito evidente que dificilmente poderíamos estudar um tema mais importante do que a verdadeira ciência da oração, porque na correcta compreensão disto, e na correcta aplicação dos princípios envolvidos, depende o nosso destino eterno. Todas as orações da verdadeira fé eficazes têm nelas a ciência divina, e é a este aspecto que nosso estudo aqui vai ser dirigido.

É um homem sábio aquele que aprende com os erros dos outros, e por essa razão a Bíblia dá exemplo após exemplo da maneira errada de fazer as coisas para que nós possamos evitar os mesmos erros. Ao mesmo tempo, a Palavra de Deus coloca claramente diante de nós os procedimentos correctos de aplicação da ciência divina da oração, com os resultantes abençoados resultados da aprendizagem e da sua prática.

Vamos considerar em primeiro lugar uma ilustração da forma errada de ir a Deus em oração e, em seguida, retomaremos os princípios correctos para que possamos ter uma clara e precisa linha de

orientação pela qual saibamos se a nossa aproximação a Deus é correcta ou não. Uma lição que mostra a errada e, em seguida, a correcta maneira é encontrada na experiência do nobre que se dirigiu a Jesus pedindo a cura do seu filho. A história encontra-se em *João 4:46-54*. Vamos ler em primeiro lugar os versículos 46-47.

“Segunda vez foi Jesus a Caná da Galileia, onde da água fizera vinho. E havia ali um oficial do rei, cujo filho estava enfermo em Cafarnaum.

“Ouvindo este que Jesus vinha da Judeia para a Galileia, foi ter com ele e rogou-lhe que descesse e curasse o seu filho, porque já estava à morte.” *João 4:46-47*.

Aqui, então, estava um homem que foi a Jesus com um pedido que colocou diante do Salvador. Por outras palavras, ele foi a Ele em oração. O caso deste homem era muito urgente, o seu filho estava à morte.

“Os médicos o haviam desenganado.” {DTN 129}, *O Desejado de Todas as Nações*, 197.

Até ali, no que respeita à ajuda terrena, não havia nada que pudesse ser feito. O caso não tinha esperança e agora era apenas uma questão de esperar a morte. O pai já havia tentado todos os recursos médicos disponíveis ao seu dispor, mas nenhum se mostrou melhor do que o outro. Então o pai ouviu falar acerca do poderoso Médico, Jesus, e decidiu dar-lhe uma oportunidade.

Houve uma lamentável atitude naquela altura cujo procedimento ainda prevalece nos dias de hoje. É que, entrando a doença em casa, a primeira medida para a eliminar que a família toma é chamar os médicos, ou o recurso a tratamentos com os quais estão familiarizados. É apenas quando tudo o mais tiver falhado que, como último recurso, recorrem ao Grande Médico, quando ir a Ele deve ser o nosso primeiro e único recurso. É de lamentar que tantas vezes o homem espere até um momento como este para ser conduzido ao Senhor em busca da ajuda necessária, quando o Deus do Céu deve ser o primeiro a ser procurado para as nossas grandes necessidades.

Considerai agora os factos sobre a abordagem que este homem fez ao Mestre.

No primeiro caso, podemos dizer que ele veio à Pessoa certa com o seu pedido. Ele veio com um verdadeiro sentido de necessidade, na verdade ele estava num estado de desespero. Ele chegou pedindo o que era a vontade de Deus dar-lhe. Que isto é verdade é evidente pelo facto de que o pedido foi, no final, concedido.

Então, para resumir,

Ele veio com o sentimento correcto de necessidade,

À Pessoa certa,

Pedir a coisa certa,

Mas, fez o pedido da forma errada;

E, por causa disso, colocou-se numa posição em que era impossível ao Senhor responder à sua oração. Por outras palavras, ele não compreendeu a verdadeira ciência e a prática da oração.

O modo como ele veio ao Senhor em oração, por ser incorrecto, é de interesse para nós compreender o seu erro, para que possamos evitar cometer a mesma falha dele. Da mesma maneira que ele fez uma abordagem errada ao Senhor e não recebeu a resposta à sua oração, assim também nós iremos igualmente receber a mesma negação ao nosso pedido, se viermos da mesma maneira errada.

Qual foi então a forma errada na sua aproximação feita ao Mestre?

A resposta é totalmente revelada por Cristo na Sua resposta à petição. Em vez de conceder o pedido para curar o seu filho, Jesus disse-lhe:

“Se não virdes sinais e milagres, não creéis.”

Bem entendido, isto estava a dizer:

“Lamento, mas não posso fazer por ti o que me estás a pedir, enquanto te dirigires a Mim dessa maneira, porque esse não é o caminho da fé. Em vez disso, só estás disposto a acreditar quando vires realmente o cumprimento do teu pedido. Essa forma de incredulidade que não tem lugar no Meu reino. Tens que rever a forma como vens a Mim em oração antes de tornares possível Eu responder às tuas orações.”

Tenhamos consciência do facto que o nobre orou a Cristo, porque ele possuía alguma fé. (Ver *O Desejado de Todas as Nações*, 198, {DTN 130}). Vejamos quando e como é que a fé encontrou o acesso ao seu coração e se estabeleceu ali. O clímax da história chegou quando a oração se tornou verdadeiramente científica, e, como tal, tornou-se uma verdadeira oração da fé e produziu a libertação da família tanto da doença como do pecado.

Quando o nobre primeiro ouviu falar de Cristo, o relato captou o seu interesse porque ele e a sua família estavam em necessidade. O filho do nobre tinha uma doença terminal, não tendo conseguido responder ao procedimento dos médicos que o tinham abandonado para morrer. Ali estava alguém que ele não tinha procurado ainda, e a boa notícia era que o maravilhoso Médico tinha chegado a Caná vindo de Jerusalém.

Caná estava apenas a uma curta distância de Cafarnaum, onde vivia o régulo ao serviço do rei. Imaginando como se desenvolveria a entrevista com o poderoso Médico partiu para Caná.

“Chegando a Caná, encontrou grande multidão rodeando a Jesus. Coração ansioso, procurou abrir caminho até à presença do Salvador. Ao ver apenas um homem simplesmente vestido, poento e exausto da viagem, vacilou-lhe a fé. Duvidou que esse Homem pudesse realizar o que viera pedir-Lhe; obteve, no entanto, uma entrevista com Jesus, expôs-Lhe o objetivo de sua presença, e rogou ao Salvador que O acompanhasse a casa. Mas Jesus já conhecia essa dor. Antes que o nobre houvesse partido de casa, vira-lhe o Salvador a aflição.” {DTN 129}, *O Desejado de Todas as Nações*, 197.

Por que vacilou a fé do homem quando viu um homem de vestido simples, empoeirado e cansado da viagem?

Foi porque ele tinha uma expectativa diferente do Salvador diferente da que possuiria se tivesse compreendido o espírito de abnegado serviço de amor que penetra o reino de Deus, do qual Cristo era o seu verdadeiro representante.

No mundo, os homens associam a posse de poder com pompa e exibição. Roupas finas, um séquito de assistentes, um comportamento arrogante, e cavalos e carros, marcando um homem de prestígio e autoridade. Quanto maior fosse a sua posição na vida e maior o seu poder para mandar, mais visíveis, valiosos, eram os sinais da sua exaltação.

O nobre estava consciente de que Cristo era um homem de poder, mas apenas pela reputação, não pela experiência pessoal. Relatos vivos de Cristo de uma só vez ter purificado o templo tinham chegado de Jerusalém até ele. Essa manifestação da notória autoridade de Cristo como sendo uma pessoa em quem tinha sido investido um poder notável, levaram o nobre a formar expectativas preconcebidas do tipo de homem perante quem ele iria colocar o seu pedido para a cura do seu filho moribundo.

Mas esses relatos concentravam-se na manifestação da capacidade de Cristo para expulsar aqueles que estavam profanando o templo, e na cura de qualquer enfermidade que tivessem todos aqueles que vinham a Ele. Estes não forneciam uma descrição detalhada da aparência geral. À luz da Sua maravilhosa vitória, o modo como Ele estava vestido parecia pouco relevante.

Isto não é uma desvalorização da reforma do modo de vestir que permanece como um padrão para todos os cristãos, mas o aspecto de que atenção de todos os interessados não estava focada na aparência. Portanto, os relatos trazidos de Jerusalém não continham descrições detalhadas dos adornos pessoais de Cristo. Mas, o que ele ouvia era a verdade até ao ponto onde ela chegava, mesmo que contasse apenas um lado da história. Na base daqueles testemunhos, ele formou uma fé limitada em Jesus que ele não tinha visto, senão através dos olhos dos outros.

Deve salientar-se, neste ponto, que a fé que é para salvação, é o que nós ganhamos por nós mesmos através das nossas experiências pessoais com Cristo na batalha contra o mal. Não podemos apoiar-nos na fé dos outros, não importa quão forte a sua fé possa ser, mas devemos aprender a apresentar as nossas petições ao trono da graça de Deus, até que o Céu ouça.

“Fé semelhante é necessária no mundo hoje — fé que descansa nas promessas da Palavra de Deus, e recuse desistir até que o Céu ouça. Fé semelhante a esta liga-nos intimamente com o Céu, e traz-nos força para batalhar com os poderes das trevas. Pela fé os filhos de Deus ‘venceram reinos,

praticaram a justiça, alcançaram promessas, fecharam as bocas dos leões, apagaram a força do fogo, escaparam ao fio da espada, da fraqueza tiraram forças, na batalha se esforçaram, puseram em fuga os exércitos dos estranhos'. Hebreus 11:33, 34. E pela fé devemos alcançar hoje os mais altos propósitos de Deus para nós. 'Se tu podes crer; tudo é possível ao que crê'. Marcos 9:23." {PR 77}, *Profetas e Reis*, 157.

Esta era a fé que o nobre necessitava porque a sua fé, como era, tinha como base o que os outros tinham visto e ouvido do Salvador. Era uma fé que ele poderia adquirir apenas familiarizando-se pessoalmente com Jesus e o poder que estava n'Ele.

No entanto, apesar da natureza limitada da sua fé, e do facto dela vacilar ao encontrar Cristo, ainda conseguiu uma entrevista com o poderoso Médico, e rogou-Lhe que fosse a sua casa. Foi então que Jesus claramente entendeu a falta de fé genuína do nobre, e viu que ele não tinha a noção real da verdadeira ciência da oração. Vendo tudo isso, ele sabia que o homem diante dele nunca poderia receber a bênção que tanto precisava, a menos que aprendesse e aplicasse a verdadeira ciência da oração.

Mas a mudança veio muito rapidamente, as palavras que Jesus pronunciou foram proferidas no poder do Espírito Santo, e pôs a nu ao espantado pai, a sua própria deficiência espiritual terrível.

"Como um jato de luz, as palavras do Salvador ao nobre Lhe desnudaram o próprio coração. Viu que seus motivos em buscar a Jesus eram egoístas. Sua vacilante fé apareceu-Lhe em seu verdadeiro caráter. Em profunda aflição, compreendeu que sua incredulidade poderia custar a vida do filho." {DTN 130}, *O Desejado de Todas as Nações*, 198.

Todo o relacionamento do perturbado pai foi agora transferido da triste dúvida para a firme fé no Salvador. Esta análise de Cristo à primeira abordagem deste homem ao poderoso Médico prova, sem sombra de dúvida, que a primeira aproximação deste homem a Cristo não era a da fé viva. Portanto, não era, nem poderia ser, uma oração da fé, cuja oração é uma ciência divina. Isto não era dizer que o homem não tinha alguma fé. Ele tinha uma medida de fé, mas ficou aquém de Lhe fornecer o conhecimento e o poder da aplicação da verdadeira ciência da oração. Por isso, era impossível a Cristo curar a criança até o correcto procedimento ser adoptado.

Mas agora, como o Espírito de Deus pôs a claro a sua triste condição espiritual ao homem em si, ele viu por si mesmo a terrível pena para a incredulidade.

"Em profunda aflição, compreendeu que sua incredulidade poderia custar a vida do filho." {DTN 130}, *O Desejado de Todas as Nações*, 198.

Ao mesmo tempo, ele terá compreendido a sua própria condição perdida e a sua necessidade de um Salvador. Para atender à sua necessidade, o Senhor revelou-Lhe o Seu forte poder, demonstrando quão eficientemente, de forma abrangente, e com exactidão Deus lê o seu íntimo. Para o homem suplicante, foi uma revelação do poder divino tal, como ele nunca tinha conhecido antes. Ele não se importava se as vestimentas de poder tão amadas pela orgulhosa humanidade eram agora vistas. Os seus olhos tinham sido abertos para contemplar as realidades eternas, e nada mais importava.

"Conheceu que estava em presença dAquele que lia os pensamentos, e a quem tudo era possível." {DTN 130}, *O Desejado de Todas as Nações*, 198.

Ele não fez qualquer esforço para lutar contra a convicção, mas aceitou humildemente a avaliação que Deus fazia dele como sendo a verdade. Isto permitiu a Jesus prosseguir com a obra de o levar ao caminho da justiça. A resistência à educação provida até agora teria fechado os portais do Paraíso contra ele para sempre.

Até aqui, temos vindo a discutir o principal defeito da oração da incredulidade não científica, que é a falta de fé sem reservas em tudo o que Deus prometeu. Agora, vamos deixar para trás o modo não científico e sem êxito de orar a Deus, para passar à aproximação a Deus de acordo com os procedimentos correctos.

No momento em que se abriram os olhos espirituais do nobre onde ele viu o grande poder de Deus, então na nova fé, ele clamou:

"Senhor, desce antes que meu filho morra!" {DTN 130}, *O Desejado de Todas as Nações*, 198.

Esta foi a sua segunda oração a Jesus proferida num curto espaço de tempo, em minutos no máximo. Na aparência não parece ter havido qualquer diferença entre elas. Em ambos os casos, o motivo da viagem do pai a Caná foram os relatos que ele havia ouvido do poderoso poder de cura possuído pelo Salvador, e tinha vindo a Cristo para pedir a cura do seu filho.

Mas há toda a diferença entre a fé, por um lado, e a incredulidade por outro. Sobre a sua segunda oração, está escrito:

“Sua fé apoderou-se de Cristo, como a de Jacó, quando, lutando com o anjo, exclamara: ‘Não Te deixarei ir, se me não abençoares’. Gênesis 32:26.

“Como Jacó, prevaleceu. O Salvador não pode recusar o pedido de uma pessoa que a Ele se apega, alegando sua grande necessidade. ‘Vai’, disse: ‘o teu filho vive’. João 4:50. O nobre deixou a presença do Salvador com uma paz e alegria que nunca antes experimentara. Não somente crera que seu filho seria restabelecido, mas com firme confiança esperou em Cristo como o Redentor.” {DTN 130}, *O Desejado de Todas as Nações*, 198, 199.

Podeis sentir que não podemos cometer o erro que esse homem cometeu; que nós nunca vamos a Deus da maneira sem fé, incrédula, em que esse homem veio.

Mas um momento de reflexão mostrará que esta é a maneira como nós fazemos quando nos aproximamos do Senhor em oração muitas vezes. É obviamente verdade que o erro desse homem é mais facilmente visto do que o nosso, porque a Palavra de Deus nos mostra tão claramente o erro da sua abordagem ao Salvador. A história está registada para que vejamos no erro deste homem o nosso erro, e foi escrito para nosso benefício e salvação.

Quantas vezes ajoelhamos em oração e pedimos à Pessoa certa, a coisa certa, da forma errada! Quantas vezes estamos a orar pela bênção do derramamento do Espírito, e a nossa oração é algo como isto:

“Senhor, temos a confiança que podes dar-nos a bênção do derramamento do Espírito”.

Outra vez nos juntamos para uma reunião a fim de estudar a Palavra da verdade e oramos para que o Senhor possa dar-nos uma bênção. Depois, erguemo-nos dos nossos joelhos e não procuramos especialmente, nem esperamos uma bênção em especial, pareceria até que ficaríamos grandemente surpreendidos se o Senhor nos visitasse com uma verdadeira efusão do Seu poder.

Vamos agora examinar as orações que pronunciamos e descobriremos que, se não aprendermos a prática e a verdadeira ciência da oração, as nossas orações serão repletas de dúvida, incerteza e incredulidade; que não viemos ao Senhor no caminho da fé, que estamos realmente à espera de ver a evidência com os nossos sentidos físicos antes estarmos dispostos a acreditar. Tanto a errada como a correcta forma são colocadas perante nós no seguinte testemunho:

“O nobre queria ver atendida a sua oração antes de crer; teve, porém, de aceitar a palavra de Jesus, de que seu pedido era satisfeito, e a bênção concedida. Cumpre-nos também a nós aprender esta lição. Não porque vejamos ou sintamos que Deus nos ouve, devemos nós crer. Temos de Lhe confiar nas promessas. Quando a Ele nos chegamos com fé, toda súplica penetra o coração de Deus. Tendo pedido Suas bênçãos, devemos crer que as recebemos, e dar-Lhe graças porque as temos recebido. Então, vamos ao cumprimento de nossos deveres, certos de que a bênção terá lugar quando mais dela necessitarmos. Quando houvermos aprendido a assim fazer, saberemos que nossas orações são atendidas. Deus fará por nós ‘muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos’, ‘segundo as riquezas da Sua glória’ (Efésios 3:20, 16) e ‘segundo a operação da força do Seu poder’. Efésios 1:19.” {DTN 131}, *O Desejado de Todas as Nações*, 200.

Notai com cuidado que é:

“Quando houvermos aprendido a assim fazer, saberemos que nossas orações são atendidas.”

É preciso esforço bem direccionado, incansável diligência, dedicada determinação, bem-sucedida aplicação prática, antes de nos tornarmos verdadeiramente proficientes na arte de orar de acordo com a divina ciência da oração da fé. Então, o que, em seguida, temos nós que aprender?

Primeiro, façamos um resumo dos passos apresentados na sua ordem neste parágrafo, depois do que, analisaremos cada passo com mais detalhes. Essas etapas são:

- Conhecer as promessas;
- Confiar nelas;
- Vir a Cristo em fé;
- Pedir a promessa;
- Acreditar que a tendes recebido;
- Agradecer por a ter recebido;
- Ir no cumprimento dos nossos deveres;
- Ter a certeza de que a bênção já está na vossa posse; e,
- Será realizada quando mais dela necessitarmos.

A promessa é que, quando houvermos aprendido essa progressão, saberemos que as nossas orações são respondidas. Deus fará maravilhas pelo Seu povo.

O primeiro passo, então, é conhecer as promessas de Deus. Deve ser tomado cuidado para confirmar que na realidade conhecemos estas palavras de poder. Este não deve ser um conhecimento casual, ou uma mera lista memorizada, ou nada mais do que um conhecimento da sua existência.

As promessas do Todo-poderoso Governante do Universo têm em si o poder do próprio Deus, e conhecer as promessas é conhecer o poder de Deus que está nas promessas.

“Estas coisas não foram escritas meramente para que as pudéssemos ler e admirar, mas para que a mesma fé que na antigüidade operava nos servos de Deus, possa operar em nós. De maneira não menos assinalada do que Ele operava naquele tempo, fará hoje onde quer que haja corações de fé, que sejam os condutores de Seu poder.” *Educação*, 256.

“O mesmo poder exercido por Cristo enquanto andava visivelmente entre os homens acha-se em Sua Palavra. Era por Sua palavra que Jesus curava a doença e expulsava os demônios; por Sua palavra, acalmava o mar, e ressuscitava os mortos; e o povo dava testemunho de que Sua palavra tinha autoridade. Ele falava a Palavra de Deus, a mesma que falara a todos os profetas e mestres do Antigo Testamento. Toda a Bíblia é uma manifestação de Cristo.

“As Escrituras devem ser recebidas como a Palavra de Deus a nós, não meramente escrita, mas falada também. Quando os aflitos iam ter com Cristo, Ele os via não somente a eles que pediam auxílio, mas a todos quantos, através dos séculos, haviam de buscá-Lo com igual necessidade e idêntica fé. Quando disse ao parálítico: ‘Filho, tem bom ânimo; perdoados te são os teus pecados’ (Mateus 9:2); quando disse à mulher de Cafarnaum: ‘Tem bom ânimo, filha, a tua fé te salvou; vai em paz’ (Lucas 8:48), dirigia-Se a outros sofredores, oprimidos do pecado, que haviam de ir ter com Ele em busca de auxílio.

“O mesmo se dá quanto a todas as promessas da Palavra de Deus. Por meio delas, Ele nos está falando a nós, individualmente; falando tão diretamente, como se Lhe pudéssemos ouvir a voz. É por intermédio dessas promessas que Cristo nos comunica Sua graça e poder. Elas são folhas daquela árvore que é ‘para a saúde das nações’. Apocalipse 22:2. Recebidas, assimiladas, elas serão a fortaleza do caráter, a inspiração e o sustentáculo da vida. Nenhuma outra coisa pode possuir tal poder restaurador. Nada além delas pode comunicar o ânimo, e a fé que dá energia vital a todo o ser.” *A Ciência do Bom Viver*, 122.

A fim de orar de acordo com a verdadeira ciência da oração da fé, o indivíduo deve ter acesso ao poder infinito contido nas promessas. Mas como é que isto deve ser feito?

Começai por apresentar uma promessa individual entre as muitas espalhadas em profusão em todos os escritos inspirados. É melhor deixar o Senhor fazer a escolha por vós, porque o Espírito Santo, o vosso Mestre pessoal, sabe exactamente qual a promessa que melhor se aplica à vossa necessidade no momento presente. Ser Deus o vosso Solucionador de problemas é uma parte muito importante na prática da ciência divina da oração.

“Não temos sabedoria suficiente para planejar nossa vida. Não nos compete determinar o futuro. ‘Pela fé, Abraão, sendo chamado, obedeceu, indo para um lugar que havia de receber por herança; e saiu, sem saber para onde ia.’ Hebreus 11:8... Deixai que Deus faça os Seus planos para vós. Como

criancinhas, confiai-vos à guia dAquele que ‘guarda os pés dos Seus santos.’” *A Ciência do Bom Viver*, 478, 479.

A vossa tarefa é confessar a Deus que tendes o problema de ter a necessidade de ser guiados à promessa em particular apropriada para satisfazer as vossas necessidades imediatas. Em seguida, submetei essa tarefa ao vosso todo-sábio Pai celestial e esperar que Ele escolha uma ou mais para vós. Quando Ele o fizer, sabereis que é exactamente a apropriada para a vossa necessidade.

O vosso passo seguinte é estudar a promessa. Concentrai todos os vossos poderes mentais e espirituais em descobrir exactamente o que ela diz. À medida que fazeis isso, desde que permaneçais o tempo suficiente junto às águas vivas, começareis a ver a luz e a força nessa Escritura, e vereis que ela continha a resposta exacta que necessitavas.

Um exemplo excelente do poder das promessas de Deus em acção é fornecido na experiência de Jacó durante a noite, quando estava a lutar para ganhar a vitória, sobre si mesmo em primeiro lugar e, em seguida, sobre o seu irmão furioso.

“Enquanto estava assim a batalhar em defesa de sua vida, a intuição de sua falta lhe oprimia a alma; seus pecados levantavam-se diante dele para o separarem de Deus. Mas, em sua terrível situação, lembrou-se das promessas de Deus, e todo o coração se lhe externou em petições pela Sua misericórdia. A luta continuou até perto do romper do dia, quando o estranho colocou o dedo à coxa de Jacó, e este ficou manco instantaneamente.” {PP 135}, *Patriarcas e Profetas*, 197.

Jacó conhecia aquelas promessas das quais tinha feito suas amigas familiares muito tempo antes daquela noite de extrema dificuldade ter passado sobre ele. Ele sabia o que elas diziam, e o que elas significavam por aquilo que diziam. Ele também estava muito consciente da certeza, da luz, da vida e da energia contida nelas. Foi por conhecer as promessas de Deus, que Jacó foi salvo naquela noite.

Quando tiverdes aprendido a luz e o poder contido numa promessa, então, adicionai outras promessas da mesma maneira como ganhastes a posse da primeira, até obterdes um armazém cheio com elas. Enquanto o fazeis, a vossa luz tornar-se-á mais e mais radiante com a glória de Deus.

“As palavras de Deus são a fonte da vida. Ao buscardes esses vivos mananciais haveis de, mediante o Espírito Santo, ser postos em comunhão com Cristo. Verdades familiares apresentar-se-ão ao vosso espírito sob novo aspecto; como o clarão de um relâmpago, novas significações cintilarão de textos familiares da Escritura; vereis a relação de outras verdades com a obra da redenção, e sabereis que Cristo vos está guiando; que tendes ao lado um Mestre divino.” *O Maior Discurso de Cristo*, 20.

O pensamento é que, para orar mais eficazmente a oração da fé, devemos começar por conhecer as promessas, e não conheceremos as promessas a menos que realmente nos esforcemos por fazê-lo.

Foi assim que Moisés instruiu o povo dos seus dias e dos nossos a ser mais diligente a viver as palavras da verdade. Ele disse:

“E estas palavras que hoje te ordeno estarão no teu coração;

“E as intimarás a teus filhos e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te, e levantando-te.

“Também as atarás por sinal na tua mão, e te serão por testeiros entre os teus olhos.

“E as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas.” *Deuteronómio* 6:6-9.

Esta instrução não pretende ser cumprida literalmente pintando promessas nas vossas portas e portões. Mas é uma acção simbólica, significando que cada coisa feita nessa casa é uma resposta à lei de Deus e às promessas de grandes bênçãos em relação à nossa observância da mesma.

Eu poderia dedicar uma grande quantidade de tempo, e encher muitas páginas apresentando a necessidade vital de conhecer as promessas de Deus, mas esta devia ser suficiente para dar relevo à verdade que conhecer as promessas é indispensável para o sucesso de uma vida de oração.

Agora vamos passar para a próxima etapa, que é confiar nas promessas do nosso maravilhoso Pai celestial sem a menor hesitação ou suspeita, dúvida ou medo.

Confiar realmente em Deus incondicionalmente é uma experiência probante, porque, muitas vezes, a decisão de Deus parecerá conduzir directamente à perda ou até mesmo à morte. Isto é

simplesmente devido ao facto de que vivemos num mundo hostil aos princípios da justiça onde cada obstáculo que pode ser erguido para impedir que os filhos de Deus sigam até à vitória, é lançado no seu caminho.

Ao mesmo tempo, Deus leva o Seu povo em frente através de várias experiências ameaçadoras da vida, a fim de os preparar para responsabilidades maiores. O sofrimento deve ser suportado, perdas sofridas, e perseguição vivida como consequência inevitável de viver em rectidão.

“E também todos os que piamente querem viver em Cristo Jesus padecerão perseguições.”
2 *Timóteo* 3:12.

Uma dessas experiências ameaçadora de vida foi a ocasião da fuga de Israel do Egipto, da terra da escravidão. Deus não cedeu nada da Sua posição como Planeador e Guia naquele imenso êxodo de pessoas. Apenas Ele tomou a decisão. Eles deviam avançar por onde o Senhor indicasse o caminho. Mas a direcção da sua jornada foi para sul em vez de norte, e para crescente consternação do povo, levou-os pela costa ocidental do Mar Vermelho. Pelo menos, viajar pela costa leste, teria feito algum sentido. Em breve eles não poderiam ir mais além porque o caminho não tinha saída. Nem poderiam voltar pela rota que os trouxera a este lugar, porque a perseguição dos egípcios tinha cortado completamente toda a possibilidade de regressarem de novo para norte.

Tudo parecia ser uma perfeita armadilha mortal, e muitos do povo manifestaram a sua irada convicção de que era precisamente isso. Situações como essa são aquelas em que temos de confiar no Senhor implicitamente. Então é hora de lembrar que:

“A senda por onde Deus guia, pode estender-se através do deserto ou do mar, mas é um caminho seguro.” {PP 202}, *Patriarcas e Profetas*, 290.

O facto é que Deus fez um número de brilhantes promessas tão grande que são demasiado numerosas para mencionar aqui. Ele também Se comprometeu quanto ao seu cumprimento desde que cumpramos as condições simples. Tendo feito isso, Ele não pode quebrar a Sua palavra, nem o fará. Esta é uma verdade maravilhosa, porque se Deus quebrasse uma só promessa a uma única pessoa, todo o Seu reino ficaria tão comprometido ao ponto de enfrentar a ruína. Seria assim porque Deus é a Verdade que não pode mentir porque não está n’Ele fazê-lo. Se Ele o fizesse, Satanás apontaria isso imediatamente como prova de que Deus era imperfeito e, portanto, não era de confiança. A influência maléfica alastrar-se-ia até todo o Universo ser corrompido.

Mas, felizmente, o nosso Deus é perfeito e imaculado. Ele não pode mentir, e Ele não pode pecar. Ele nunca o fez e nunca o fará. Por isso:

“Com a perseverante fé de Jacó, com a inquebrantável persistência de Elias, podemos apresentar nossas petições ao Pai, reclamando tudo o que nos tem prometido. A honra de Seu trono está comprometida no cumprimento de Sua palavra.” {PR 77}, *Profetas e Reis*, 158.

Quando colocado em lugares de aperto onde continuar a confiar nas promessas de Deus é um severo teste, é ainda muito fortificador reviver mentalmente as grandes histórias do que Deus fez pelo Seu povo ao longo da História. Descobriremos que não há um único caso em que Deus falhou em salvar o Seu povo, desde que preenchidas as condições adequadas.

“Diz Jesus: ‘Tudo o que pedirdes, orando, crede que o recebereis, e tê-lo-eis’ (S. Marcos 11:24). Mas esta promessa tem uma condição: que oremos segundo a vontade de Deus. Ora é vontade de Deus purificar-nos do pecado, tornar-nos Seus filhos e habilitar-nos a viver uma vida santa. Podemos pois, pedir essas bênçãos, crer que as havemos de receber e agradecer a Deus havê-las já recebido. Da nossa parte não temos mais do que ir a Jesus para ser purificados e para subsistir perante a Sua lei sem confusão nem remorso. ‘Portanto agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o espírito’ (Romanos 8:1).” *Aos Pés de Cristo* 55.

Então analisai pessoalmente o tratamento de Deus no passado convosco fazendo sempre a pergunta:

“Quando é que o Senhor alguma vez falhou comigo?”

Novamente será verificado que tal traição não existe.

Davi demonstrou a eficácia desta abordagem depois dele e os seus soldados regressarem a Ziclague e encontrá-la destruída pelo fogo e todas as suas esposas e filhos levados cativos.

“Davi parecia desligado de todo o apoio humano. Tudo que lhe era caro na Terra, dele havia sido arrebatado. Saul o expulsara de seu país; os filisteus o expulsaram do arraial; os amalequitas pilharam sua cidade; suas mulheres e filhos haviam sido feitos prisioneiros; e os próprios amigos de seu grupo ligaram-se contra ele, e o ameaçavam mesmo de morte. Nesta hora de extrema angústia, Davi, em vez de permitir que seu espírito se ocupasse com tais circunstâncias dolorosas, olhou com fervor a Deus à espera de auxílio. Ele ‘animou-se no Senhor’. Reviu sua vida passada, cheia de peripécias. Em que o havia o Senhor abandonado? Sua alma refrigerou-se, lembrando-se das muitas provas do favor de Deus. Os seguidores de Davi, pelo seu descontentamento e impaciência, tornaram sua aflição duplamente atroz; mas o homem de Deus, tendo mesmo maior motivo de pesar, portou-se com coragem. ‘No dia em que eu temer, hei de confiar em Ti’ (Salmos 56:3) — era a expressão de seu coração. Embora ele mesmo não pudesse divisar um meio para sair da dificuldade, Deus podia vê-lo, e quis ensinar-lhe o que fazer.” {PP 510}, *Patriarcas e Profetas*, 692, 693.

Davi não se permitiu a conceber um livramento, mas confiava no Senhor para sua salvação, e o resultado foi maravilhoso. Assim também nós devemos confiar implicitamente na palavra de Deus para nós na certeza de que aquilo que Ele prometeu, Ele tem poder para executar. Existem poderosas Escrituras projectadas para carregar-nos com fé, esperança e coragem, como é encontrado em *1 Coríntios 10:13*.

“Não veio sobre vós tentação, senão humana; mas fiel é Deus, que vos não deixará tentar acima do que podeis; antes, com a tentação dará também o escape, para que a possais suportar.” *1 Coríntios 10:13*.

Que garantias há de tal promessa! Pensai acerca disso. Isto significa que não há uma única tentação que possa vir sobre vós que não tenha já sido enfrentada pelo homem e vencida. E o homem de todos os homens que é referido aqui é o homem Cristo Jesus. Ele era:

“Um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado.” *Hebreus 4:15*.

Pensai então no que isso significa para vós. Significa que não há tentação alguma que possa eventualmente vir sobre vós que seja única, que seja diferente, que nunca tenha sido enfrentada antes. Isso significa que não há nada que possa apanhar o Senhor de surpresa. Para Ele é um terreno vulgar. Ele sabe tudo, e, portanto, tem a plena e completa solução para ele muito antes que chegue a vós. Satanás não tem uma única tentação em falta com que vos atacar, e nunca mais terá. Tudo o que ele tem no seu arsenal já foi absoluta, total e completamente vencido. Tudo o que ele tem para mandar contra vós são coisas velhas que já foram enfrentadas respondidas total e completamente antes.

Tem isto algum significado para nós?

Com certeza que sim!

Isso significa tudo para nós, e nós temos de total e completamente acreditar. Temos de estar plena e inamovivelmente convencidos de que não vem tentação senão a que é comum ao homem, e que não precisamos temer por um único momento.

Sabeis isso e absolutamente acreditais?

Mas podeis argumentar que Jesus é mais forte do que vós, e que Ele pode lidar com tentações que são fortes demais para vós.

É verdade que Satanás é mais forte do que vós ou eu, mas não é a nossa tarefa lutar e vencer o inimigo. Essa é a responsabilidade de Cristo. No primeiro caso não sois vós mas Ele que deve lutar contra o diabo e afastá-lo. A peleja não é vossa, mas do Senhor. Por isso não é uma questão de quão fortes vós sois, mas apenas de quão forte Ele é. Desviái os olhos da vossa fraqueza, e enchei a vossa visão com a vista maravilhosa da Sua força e poder.

Porém, no segundo caso nesta mesma Escritura, é fornecida a resposta para esse problema. Ele diz que Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados acima do que sois capazes de suportar. Isto não contém qualquer contradição com a verdade de que a batalha é do Senhor e não nossa, pois o

testemunho de que não seremos tentados acima do que somos capazes de suportar tem a ver com o nível da nossa fé, o grau em que somos capazes de lançar mão do poder de Deus e deixá-lo lutar a batalha por nós.

Assim como os pais não permitirão que qualquer responsabilidade ou risco venha sobre o filho que não tem idade suficiente para lidar com a situação, assim o Senhor nos protege dos testes de fé que são difíceis demais para nós no nosso actual nível de desenvolvimento.

Pensai na forma como os pais sábios progressivamente expõem os seus filhos em crescimento aos perigos da vida. Quão mais cuidadosamente o nosso Pai celestial guardará, dirigirá e protegerá os Seus filhos. Portanto, podeis absolutamente saber e crer que nenhuma tentação vem sobre vós que não sejais capazes de suportar. O Senhor conhece o nível da vossa fé e Ele está simplesmente a fornecer-vos uma maravilhosa oportunidade de exercer essa fé e viver para Ele. Agarrai a oportunidade com coragem e com zelo. Assim, devemos não apenas conhecer as promessas, mas absolutamente acreditar nelas, e estar preparados para agir e viver essa fé.

Uma vez que conheceis e acreditais verdadeiramente na promessa, e vedes nela a resposta para a vossa necessidade, o passo seguinte é vir a Jesus para pedir o dom. Jesus disse especificamente:

“Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á.” *Mateus 7:7*.

Jesus não disse para pedir porque *poderia* ser que vos fosse dado, nem procurásseis porque talvez *pudésseis* receber, nem a bater pois talvez que *fosse* aberto para vós. As Suas instruções foram muito mais específicas.

Por conseguinte pedi. Mas aqui está um ponto onde muitos procedem muito mal. Eles não pedem realmente as bênçãos que o Senhor prometeu. Eles manifestam uma esperança de que o Senhor tenha misericórdia e lhes conceda os seus desejos, mas falham em pedir tão especificamente e directamente o dom como uma criança em fé simples se aproxima do seu pai. Quantas vezes ouvimos bem-intencionadas e fervorosas pessoas que professam ser filhos de Deus, virem a uma reunião de oração ajoelhando-se dizendo nas suas orações, “Senhor, nós confiamos que possas visitar-nos com uma bênção”.

Poder-se-ia obter a impressão de que esses ficariam grandemente surpreendidos se o Senhor o fizesse. Aproximemo-nos do Senhor e, com fé viva, apresentemos a promessa perante Ele e a peçamos, aguardando o seu recebimento. Isto deve ser feito num verdadeiro espírito de respeito e humildade, mas o Senhor não é honrado por duvidosas e hesitantes orações. Ele espera que o nosso pedido seja especificamente aquilo que necessitamos de acordo com a Sua vontade e promessa. Depois de ter pedido, devemos receber o dom pela fé ali mesmo enquanto estamos ajoelhados.

Notai que o testemunho que estamos a considerar não diz que temos de ter esperança de receber, mas que devemos recebê-lo pela fé ali mesmo. O que recebemos em resposta à nossa oração da fé fica na nossa posse apesar de ainda não termos a realização do dom. Entretanto ele virá no tempo devido. Ele torna-se nosso, então, quando nós pela fé nos apoderamos dele e dele tomamos posse.

Então, enquanto ainda nos nossos joelhos, devemos agradecer ao Senhor por já termos recebido o dom.

Esta é a parte mais difícil para os crentes aprenderem. Todos estão dispostos a acreditar que existe a esperança de que irão receber o dom no futuro, e eles, como fez o nobre, esperam ver a resposta antes de acreditar. Mas o testemunho não nos diz que temos de agradecer ao Senhor por virmos a receber a tão necessária bênção, mas que devemos agradecer-Lhe por já a termos recebido.

Isto só é possível se tivermos realmente chegado ao conhecimento daquelas promessas, termos visto o poder contido nelas, e inquestionavelmente nos tornarmos crentes nestas certezas do Altíssimo. Então depois de Lhe agradecermos por ter *recebido* o dom seguimos o nosso caminho, e o “dom, que nós já possuímos, se efetivará quando dele mais necessitarmos.” *Educação, 258*.

“Quando houvermos aprendido a assim fazer,” — e é preciso aprender, pois não é natural ao ser humano, então — “saberemos que nossas orações são atendidas. Deus fará por nós ‘muito mais abundantemente’, ‘segundo as riquezas da Sua glória’ (Efésios 3:20, 16) e ‘segundo a operação da força do Seu poder’. Efésios 1:19.” {DTN 131}, *O Desejado de Todas as Nações, 200*.

E, do modo oposto, até aprendemos a fazer isto, o Senhor não pode trabalhar por nós conforme o Seu poder. Quão vital é que aprendamos a poderosa ciência da oração! Não até que o façamos, pode a obra ser concluída.

Se, em seguida, descobrimos que o Senhor não tenha trabalhado poderosamente através de nós e por nós só pode ser porque não aprendemos a fé viva — não aprendemos nem seguimos a verdadeira ciência da oração. Deve ser entendido que há muito mais relativo ao assunto da oração do que o contido nas palavras acima. Este estudo destina-se a chamar a nossa atenção para o factor vital da fé na verdadeira ciência da oração, sem a qual a nossa oração nunca pode ser eficaz.

Até o nobre aprender o verdadeiro modo de vir ao Senhor em oração, o Salvador não podia fazer nada por ele. Quando ele pela primeira vez se apresentou ao Salvador, sentiu que não podia crer até ver o resultado que desejava. Em resposta, Jesus, no poder do Espírito Santo, avisou-o de que a salvação não poderia ser sua enquanto não revisse a sua abordagem em conformidade com a divina ciência da oração.

Ao mesmo tempo, Jesus deu-lhe uma revelação do espantoso poder residente na palavra de Deus. Esta manifestação foi tão convincente que o nobre não precisou de mais provas para estabelecer a verdade de que o dom está na promessa. Embora o seu filho estivesse a alguma distância em Cafarnaum, o pai sabia que ele fora liberto da morte, que a bênção já era de facto sua, e que ele iria perceber isso quando dela precisasse.

Ele poderia facilmente ter-se apressado a ir para casa nessa noite para ver se o filho havia sido restaurado, mas não o fez. Ele não precisava de se apressar a regressar a casa para confirmar o que já sabia, por isso passou um tempo de tranquilidade sozinho durante o resto do dia, a noite, e manhã seguinte. No dia seguinte, quando foi para casa e os servos vindo ao seu encontro simplesmente lhe disseram algo que ele já sabia. Esta é a verdadeira ciência da oração em acção. Ou nós a aprendemos ou não. Se o fizermos, então as portas do reino eterno serão abertas para nós, mas se não, então elas serão para sempre fechadas para nós, porque “é uma ciência que tem de compreender todo aquele que deseja fazer da obra da sua vida um êxito.” *Educação, 257*. (Confira original.)

Capítulo 20

Os Dois Testemunhos

No último capítulo, estudámos “a verdadeira ciência da oração”, em termos bastante gerais. Agora é hora de olhar para este tema um pouco mais profundamente. Vamos começar com o pensamento de que a bênção da qual temos que entrar em posse, geralmente não se torna um facto visível no momento em que é recebida pela fé. Em vez disso, aprendemos que:

Devemos vir ao nosso Salvador e pedir-Lhe a bênção, recebê-la pela fé, agradecer ao Senhor por a termos recebido e seguir o nosso caminho, possuindo o dom que se efectivará quando mais dele precisarmos. Entre o momento em que a oração é apresentada e o tempo para o dom ser manifestado, o único testemunho será a voz da fé.

Veja-se, novamente, a experiência do nobre de Cafarnaum, que veio em busca da cura do seu filho, como registado em *João 4:46-54*. Este homem veio a Jesus e fez o seu pedido. Em primeiro lugar, como já visto anteriormente, ele fez o pedido de forma errada, mas, como as palavras de Jesus lhe puseram a descoberto a deficiência da sua fé, ele pediu novamente de acordo com a verdadeira ciência da oração, e Jesus lhe disse: “Vai, o teu filho vive”.

A sua fé tomou posse dessa palavra. Ele soube que naquela mesma hora o seu filho havia sido curado. Ele sabia-o, sem a menor dúvida ou incerteza e partiu sabendo que tinha o dom; sabendo que, nessa altura ele estava na sua posse.

Como é que ele sabia?

Qual era o testemunho pelo qual ele sabia ser este o caso?

Certamente não foi o testemunho da vista, pois, a localização da cura estava muito além do seu alcance visual. Nem era o testemunho de qualquer mensagem vinda de casa para lhe dizer que o filho estava curado e restaurado. Isso não veio senão no dia seguinte. O testemunho da vista e das circunstâncias não forneceram qualquer apoio para o efeito de que o seu filho tinha sido libertado da morte. A única certeza que ele tinha era o testemunho da fé baseada na Palavra de Jesus, que era a Palavra de Deus. Este completamente sobrepujou o testemunho do sentimento, que era baseado na vista e das circunstâncias. Este último é o pai da incredulidade.

O Senhor do Céu e da Terra está sempre procurando fazer-nos viver pelo testemunho da fé baseada na Sua imutável, infalível, absolutamente confiável, Palavra todo-poderosa. O Seu Espírito Santo e os anjos celestiais trabalham incessantemente para concentrar a nossa atenção sobre este testemunho com exclusão de tudo o resto, e parece que eles têm uma tarefa difícil, porque os seres humanos dão muito mais valor à segurança material do que à espiritual.

Mas o diabo e os seus anjos estão sempre tentando encher as nossas mentes com a voz do outro testemunho, ou seja, ter a nossa atenção sempre fixada na imagem mutável e desencorajadora da vista e das circunstâncias. Se ele puder ter êxito — e parece que tem mais sucesso do que fracasso — então, perdemos de vista o testemunho da fé e o poder da Palavra e, por isso, perdemos a firmeza nas promessas de Deus e falhamos no conflito com o diabo.

Mas se pudermos manter os nossos olhos fixos na Palavra da verdade, e manter uma confiança firme nessa Palavra, então, todo o poder do diabo não pode ter qualquer efeito sobre nós. Nós nos tornamos “... inexpugnáveis aos assaltos de Satanás.” {DTN 223}, *O Desejado de Todas as Nações*, 324.

Assim, os dois testemunhos procuram atrair a nossa atenção e, assim, direccionar as nossas vidas. Mas nenhum deles pode ter sucesso sem o nosso consentimento e cooperação. Os dois testemunhos estão lá, mas a escolha é nossa quanto à voz que vamos ouvir.

Se estiverdes dispostos a ouvir o testemunho da vista e das circunstâncias, e assim tornar este o guia pelo qual orientareis os vossos passos, o diabo fornecerá evidências mais do que suficientes para apagar todo o testemunho positivo sobre o qual construir uma fé firme.

Mas, ninguém pode ser obrigado a ouvir esse testemunho, muito embora volteis as costas à visão desanimadora dos assuntos quando tudo parece perdido, às vezes exige uma luta desesperada para se afastar dessa tentação e seguir aonde Jesus guia o caminho. Podeis não querer ouvir tudo isso e recusar dar-lhe ouvidos. Isto nem sempre será fácil e, às vezes, exigirá uma batalha muito real para obter e manter a vitória, mas isso pode ser feito e deve ser feito.

Satanás sabe que, embora possa exercer forte pressão sobre uma pessoa para fazer a escolha errada, ele não pode obrigá-la a ceder. Deus providenciou amplas ferramentas, de modo que, não importa quão súbita, atraente, hábil ou poderosa seja a tentação, ninguém precisa ser vencido. A vida de Cristo vivida sob constante tentação, sem que Ele jamais se tenha submetido a ela, prova que a escolha é nossa, não de Satanás.

“O tentador pensava aproveitar-se da humanidade de Cristo, e incitou-O à presunção. Mas ao passo que pode instigar, não lhe é possível forçar ao pecado. Disse a Jesus: ‘Lança-Te de aqui abaixo’, sabendo que O não podia lançar; pois Deus Se interporia para livrá-Lo. Tampouco poderia o inimigo forçar Jesus a Se lançar. A menos que Cristo consentisse na tentação, não poderia ser vencido. Nem todo o poder da Terra ou do inferno O poderia forçar no mínimo que fosse a Se apartar da vontade de Seu Pai.

“O tentador jamais nos poderá compelir a praticar o mal. Não pode dominar as mentes, a menos que se submetam a seu controle. A vontade tem que consentir, a fé largar sua segurança em Cristo, antes que Satanás possa exercer domínio sobre nós. Mas todo desejo pecaminoso que nutrimos lhe proporciona um palmo de terreno. Todo ponto em que deixamos de satisfazer à norma divina, é uma porta aberta pela qual pode entrar para nos tentar destruir. E todo fracasso ou derrota de nossa parte, dá-lhe ocasião de acusar a Cristo.” {DTN 78}, *O Desejado de Todas as Nações*, 125.

Embora Satanás não possa forçar-nos a escolher o seu caminho, ele pode exercer grande pressão sobre uma pessoa para ceder ao seu controlo. Ele faz isso através da poderosa lei da auto preservação, que motiva a pessoa a salvar-se, não importa qual possa ser o custo para os outros.

É no contexto do serviço a Deus e aos nossos semelhantes caídos que Satanás pode trazer essa pressão aterrorizadora sobre nós com severidade e súbita ameaça à vida. Por meio da Sua orientação divina, o crente é conduzido a uma situação difícil, da qual o Senhor parece ter partido e levado Consigo as Suas promessas.

Pior do que isso, enquanto o testemunho da fé luta para trazer alívio ao nosso coração magoado, o testemunho da vista e das circunstâncias proclama que tudo estará perdido, a menos que a acção mais imediata seja tomada para nos salvar a nós mesmos. Até nos tornarmos experientes na arte da oração da fé, a nossa humanidade curvar-se-á e quebrará sob essa pressão. A humanidade gosta de ver, ouvir e sentir o visível e o tangível. Tende a perder a segurança no Senhor se não ouvir respostas audíveis às orações proferidas audivelmente.

Mas o testemunho da fé convida-nos a confiar naquilo para o qual não temos evidências dos sentidos, e isso é muito difícil para nós. Mas se isso fosse tudo, já seria suficientemente difícil, mas o caso é ainda pior a esse respeito, porque o testemunho dos nossos sentidos está realmente contra o testemunho da fé. Deus declarou as Suas promessas em termos claros, tal como, proverá para todas as necessidades ou situações possíveis, e nós as compreendemos pela fé n’Ele e em Sua palavra, esperando que Deus faça grandes coisas por nós descobrindo afinal que o testemunho da vista e das circunstâncias, realmente nega a verdade. E o diabo está lá, bem perto, em insinuações sussurradas tanto na voz de amigos como de inimigos, a fim de dar força a esse testemunho sobre nós da maneira mais desencorajadora possível.

A posição contrária, geralmente adoptada pelo testemunho da vista e das circunstâncias, não torna o seu testemunho verdadeiro, mas impõe-nos a exigência de testar para escolher um e rejeitar o outro. Essa é uma responsabilidade muito séria, repleta de consequências eternas para vida ou para morte.

Para realmente entender isso melhor, passemos a algumas lições da história da Bíblia. Uma das mais claras nesse sentido foi a experiência dos filhos de Israel na sua partida do Egipto. Muito antes dos que partiram do Egipto o fazerem, o Senhor havia garantido que os faria sair e os levaria a Canaã. Essa foi a promessa feita a Abraão e renovada a Isaque e Jacó.

Foi declarado especificamente que mais de quatrocentos anos se passariam entre a comunicação inicial do compromisso de Deus com Seu povo e o seu cumprimento. Durante todo esse tempo de espera, com expectante esperança, eles não tinham nada além do testemunho da fé a que pudessem agarrar-se. Porém, eles tinham achado isto difícil, pois aqueles que confiavam no testemunho da vista e das circunstâncias tinham muitos argumentos para desanimar o povo, e havia tantas perguntas a por responder.

Pensar, como Moisés, que eles seriam libertados pela guerra, teriam perguntado onde estavam as armas necessárias para se envolverem em tal conflito?

Por quem e quando poderiam eles treinar com rigor o uso dessas armas, mesmo que as tivessem?

Como poderiam ser mantidos em segredo todos os preparativos para a partida?

De onde viriam as armaduras para proteger os soldados hebreus?

Como carregariam eles comida suficiente para uma jornada tão longa?

Como suportariam as mães e os seus filhos a viagem por um terreno tão difícil?

E haveria muito mais perguntas a propor além destas.

Aqueles que escolheram agir de acordo com o testemunho da vista e das circunstâncias eram livres para fazer essa escolha, mas colheram uma triste colheita de incredulidade, desânimo, murmuração e derrota, mas é animador entender que, por mais que alguém se submeta ao testemunho infiel, a voz de Deus permanece inalterada.

Deus havia declarado quatrocentos e trinta anos antes do acontecimento que Ele garantiria a libertação de Israel da escravidão egípcia e, quando esse dia chegou, eles saíram como prometido nem um dia antes nem um depois:

“O tempo que os filhos de Israel habitaram no Egito foi de quatrocentos e trinta anos.

“E aconteceu que, passados os quatrocentos e trinta anos, naquele mesmo dia, todos os exércitos do Senhor saíram da terra do Egito.” *Êxodo 12:40-41*.

No momento exacto desse cumprimento da profecia, o testemunho da fé foi justificado.

Isso não significa que não houve testemunhas de apoio para estabelecer fé no povo do Senhor nesse meio tempo. Havia, por exemplo, as histórias cuidadosamente memorizadas e muitas vezes repetidas do trato fiel de Deus com o Seu povo durante aqueles séculos de escravidão. Depois, no final desse longo período, quando, por exemplo, pragas e mais pragas assolaram os egípcios, os hebreus recebiam visões e circunstâncias que confirmavam qualquer fé que já tivessem. No entanto, quão instável foi a sua firmeza nos princípios da aliança!

Quão rapidamente voltaram à incredulidade quando deveriam ter fixado firmemente o olhar no testemunho da fé, ignorando a vista e as circunstâncias!

Eles começaram a jornada fortemente seguros de que aquilo que o Senhor havia prometido que faria, estava fazendo com muita competência, e o povo, portanto, não tinha motivos para duvidar de que os Seus grandes compromissos fossem cumpridos plena e fielmente. O que o povo deveria fazer era confiar em Deus implicitamente de igual modo nos dias bons e maus. Não eram eles a decidir quaisquer movimentos do povo de Deus. Eles tinham apenas que seguir para onde a coluna de fogo durante a noite e a nuvem durante o dia os levava ou descansava, conforme o caso.

Tranquilizados por isso, o povo colocou-se confiantemente nas mãos de Deus e Ele começou a longa tarefa de os levar para fora do Egipto para a Terra Prometida. Começaram com grandes

esperanças e grande coragem, mas não demorou muito para o testemunho da vista e das circunstâncias surgirem contra eles da maneira mais assustadora.

Tudo aconteceu da seguinte maneira: primeiro eles começaram a duvidar, depois a temer e finalmente a entrar em pânico, à medida que a situação se tornava cada vez mais alarmante.

“Através de um caminho assustador e semelhante a um deserto, jornadaavam eles. Já começavam a considerar para onde sua marcha os iria levar; estavam tornando-se cansados com o caminho dificultoso, e em alguns corações começou a surgir receio de perseguição pelos egípcios. Mas a nuvem ia adiante, e a seguiam. E agora determinou o Senhor a Moisés passar ao lado de um desfiladeiro rochoso, e acampar-se junto do mar. Foi-lhe revelado que Faraó os perseguiria, mas que Deus seria honrado em seu livramento.” {PP 197}, *Patriarcas e Profetas*, 283.

A coluna de nuvem levou-os até a beira do Mar Vermelho e parou ali. Eles não poderiam ir mais longe, pois:

“Ao Sul, uma áspera montanha lhes obstruía o avançamento.” {PP 198}, *Patriarcas e Profetas*, 284.

Então, eles estavam numa situação que, a princípio, parecia permitir apenas uma solução — um recuo por onde haviam vindo. Mas essa solução levantou sérias dúvidas em relação à competência de Deus como Guia e Solucionador de problemas consistente e digno de confiança. Parecia que o Senhor não sabia o que estava a fazer, que tinha um conhecimento deficiente da geografia do Médio Oriente e, como resultado, levou o povo a uma armadilha.

Logo, para aumentar a sua confusão e alarme, perceberam que o exército egípcio os perseguia. O faraó e os seus senhores da guerra haviam recuperado dos seus medos gerados pela queda das pragas sobre eles e, bastante impenitentemente, decidiram recuperar o exército de escravos perdido. Desarmado e não acostumado à guerra, a única perspectiva visível era que o povo de Deus voltasse pela força à sua servidão, que teria sido administrada com muito mais crueldade do que antes. Que armadilha eles sentiram que estavam! Eles consideraram que não poderiam ter sido apanhados em lugar pior. O voo era impossível. O mar estava diante deles. As montanhas acidentadas e intransitáveis ao sul cortavam a fuga nessa direcção, e os egípcios estavam descendo do oeste e do norte.

Pensai agora no argumento poderoso e convincente que o diabo teve no testemunho da vista e das circunstâncias naquele dia. Quase todas as evidências visíveis apontavam para a certeza da sua destruição, testemunharam a suspeita de que Deus havia cometido um erro terrível e não era realmente capaz de levar as pessoas com segurança à Terra Prometida, e apresentou-lhes o argumento de que o Senhor realmente não cuidava deles, mas apenas os levou para fora do Egito para os destruir.

“Os hebreus estavam acampados ao lado do mar, cujas águas apresentavam uma barreira aparentemente intransponível diante deles, enquanto, ao Sul, uma áspera montanha lhes obstruía o avançamento. Subitamente viram a distância a armadura luzente e os carros a moverem-se, pressagiando a guarda avançada de um grande exército. Aproximando-se a força, os exércitos do Egito logo foram vistos em plena perseguição. O terror encheu os corações de Israel. Alguns clamavam ao Senhor, mas a grande maioria ia apressadamente a Moisés com suas queixas: ‘Não havia sepulcros no Egito, para nos tirares de lá, para que morramos neste deserto? Por que nos fizeste isto, que nos tens tirado do Egito? Não é esta a palavra que te temos falado no Egito, dizendo: Deixanos, que sirvamos aos egípcios? pois que melhor nos fora servir aos egípcios do que morrermos no deserto’. Êxodo 14:10-22.

“Moisés ficou grandemente perturbado por seu povo manifestar tão pouca fé em Deus, apesar de terem repetidamente testemunhado a manifestação de Seu poder em favor deles. Como poderiam acusá-lo dos perigos e dificuldades de sua situação, quando ele havia seguido o mando expresso de Deus? Na verdade, não havia possibilidade de salvamento, a menos que o próprio Deus interviesse para os livrar; mas, tendo sido levados àquela situação em obediência à instrução divina, Moisés não tinha receio das conseqüências. Sua resposta calma e afirmativa ao povo foi: ‘Não temais; estai

quietos, e vede o livramento do Senhor, que hoje vos fará; porque aos egípcios, que hoje vistes, nunca mais vereis para sempre. O Senhor pelejará por vós, e vos calareis.’

“Não era coisa fácil conservar as hostes de Israel em espera, perante o Senhor. Faltando-lhes disciplina e domínio próprio, tornavam-se violentos e desarrazoados. Esperavam cair imediatamente nas mãos de seus opressores, e seus prantos e lamentações eram altos e intensos. A maravilhosa coluna de nuvem tinha sido seguida como sinal de Deus, para prosseguirem; mas agora entre si discutiam se acaso não poderia ela prefigurar alguma grande calamidade; pois que não os havia a mesma conduzido pelo lado errado da montanha, para um caminho intransitável? Assim o anjo de Deus pareceu às suas iludidas mentes como o prenúncio da desgraça.

“Agora, porém, que o exército egípcio se aproximava, esperando deles fazer fácil presa, a coluna de nuvem levantou-se majestosamente para o céu, passou sobre os israelitas, e desceu entre eles e os exércitos do Egito. Um muro de trevas se interpôs entre perseguidos e perseguidores. Os egípcios não mais puderam divisar o acampamento dos hebreus, e foram obrigados a parar. Mas, intensificando-se as trevas da noite, o muro de nuvem se tornou uma grande luz para os hebreus, inundando o acampamento todo de claridade.

“Então a esperança voltou aos corações de Israel.” {PP 198, 199}, *Patriarcas e Profetas*, 283-287.

Deus começou a inversão dos testemunhos, de modo que o negativo se tornou positivo, e o positivo se tornou negativo. A coluna de nuvem que passara a ser vista como um chamariz da destruição total, agora era correctamente vista como o Protector dos israelitas, enquanto as hostes do Egito eram privadas de todo o seu potencial como destruidores.

Agora que o povo do Senhor podia ver essas forças sob uma nova luz, a fé retornou e eles puderam retomar a sua jornada. Eles também foram capacitados para entender algo da perfeição dos planos de Deus, de modo que o encontro com os exércitos egípcios, que os israelitas pensavam ser no pior lugar que eles poderiam ter encontrado, era de facto o melhor lugar onde eles poderiam ter-se enfrentado.

Eles deviam aprender ainda que a coluna de nuvem durante o dia que se tornava uma coluna de fogo durante a noite lhes proporcionava orientação infalível dia e noite. A liderança não poderia ser nada menos do que perfeita, pois o próprio Cristo, pessoalmente, era a presença na nuvem. “Os israelitas estavam continuamente a perder de vista que se encontravam sob guia divina. Esqueciam-se de que o Anjo do concerto era seu diretor invisível, e que, velada pela coluna de nuvem, a presença de Cristo ia adiante deles, e dEle Moisés recebia todas as instruções.” {PP 286}, *Patriarcas e Profetas*, 395-396.

O mero facto de que as instruções para o caminho que deviam seguir vinham de Deus no Céu, de Cristo na coluna de nuvem por meio de Moisés, o mensageiro delegado de Deus ao povo, era todo o testemunho que eles precisavam. Se Deus disse isso, isso era suficiente. Portanto, quando se encontraram entre os egípcios e o Mar Vermelho, não deveria ter havido pânico, nem lamentos, acusações contra Deus ou Moisés, nem focado a atenção no testemunho da vista e das circunstâncias.

Em vez disso, não deveriam ter-se preocupado com as terríveis ameaças que a situação continha, concentrando a atenção na alegre expectativa da libertação iminente dos seus inimigos mortais.

Tudo estava seguindo conforme o plano divino para garantir a libertação permanente do Seu povo da servidão egípcia. Um segmento importante dessa estratégia envolveu Deus levar o Seu povo a uma posição em que seriam protegidos por defesas naturais, como era o caso, uma montanha impossível ao sul e o Mar Vermelho à frente deles. Para as mentes dos filhos de Israel, o esquema não poderia funcionar, mas eles esqueceram-se de que era o Senhor que os havia conduzido até ali e, ao conduzi-los àquele lugar, havia um plano que não poderia ser realizado, excepto levando-os até lá.

Ele não lhes disse nada sobre este plano. Ele não estava obrigado ao cumprimento de um contrato. Ele prometera conduzi-los com segurança e, portanto, era Sua responsabilidade fazer isso, e a deles confiar n’Ele sem uma única pergunta ou dúvida de qualquer espécie.

Aqui está uma lição para todos os tempos. Haverá ocasiões repetidas vezes em que o Senhor nos levará a situações que parecem de solução impossível e repletas apenas de um potencial desastre. O

testemunho da vista e das circunstâncias preencherá toda a nossa visão, e nosso coração afundará e falhará. Mas nessa hora, lembrai-vos de ficar quietos e calmos, confiando no silêncio esperando até que essa solução surja. Não importa quais sejam as circunstâncias, nunca permitais que o diabo vos roube a verdade que:

Nenhuma situação apanhará o Senhor de surpresa.

Nunca!

Como poderia!

Não há nada que já tenha acontecido que o Senhor não soubesse que iria acontecer e permitiu que acontecesse. E, sabendo que isso estava chegando e o que aconteceria, o Senhor teria uma solução preparada muito antes da situação surgir. Ele não nos diria a solução com antecedência. Isso não é necessário. Devemos confiar e esperar até que essa solução surja. Para que estejamos certos de que Deus tem a capacidade de prever com precisão todos os acontecimentos desde a eternidade no passado, está escrito nas seguintes palavras:

“Os que submetem a vida a Sua direção e a Seu serviço, jamais se verão colocados numa posição para a qual Ele não haja tomado providências.” *A Ciência do Bom Viver*, 248.

Esta é uma promessa para tornar nossa. É a resposta certa e segura para os argumentos desafiadores do testemunho da vista e das circunstâncias. Se os israelitas se tivessem lembrado disso naquele dia, nunca teriam manifestado a triste incredulidade que mostraram. O Senhor sabia para onde os estava a levar. O Senhor sabia que os egípcios os perseguiram; Ele sabia que eles os alcançariam naquele mesmo local. E Ele sabia que não havia um lugar melhor em todo o mundo para serem alcançados. Assim, o que parecia aos israelitas o pior lugar do mundo era de facto o melhor lugar de todos.

Numa situação como essa, os israelitas deveriam ter desviado o olhar da visão sombria apresentada pelo testemunho da vista e das circunstâncias, e fixado os olhos no testemunho da fé baseado na palavra de Deus. Eles deveriam simplesmente ter dito:

“O Senhor nos trouxe aqui. Portanto, é Sua a tarefa de nos livrar desta situação. Esperemos com calma para ver o que o Senhor planeou para nós. Ele não nos trouxe tão longe para nos abandonar à maldade dos nossos inimigos. O nosso Deus não é esse tipo de Deus. Nunca!”

Mas eles não fizeram isso. Tudo o que podiam ver era o testemunho da vista e das circunstâncias e, cheios de terror correram para Moisés e disseram:

“... ‘Não havia sepulcros no Egito, para nos tirares de lá, para que morramos neste deserto? Por que nos fizeste isto, que nos tens tirado do Egito?’

“Não é esta a palavra que te temos falado no Egito, dizendo: ‘Deixa-nos, que sirvamos aos egípcios? Pois que melhor nos fora servir aos egípcios do que morreremos no deserto.’” *Êxodo 14:11-12*.

Quão tristemente típico isto é da família humana. Quão bem-sucedido é o diabo em nos tornar totalmente preocupados com o testemunho da vista e das circunstâncias, com exclusão de tudo o mais.

Mas havia ali um homem que não compartilhava da sua incredulidade maligna. O seu nome era Moisés. Que contraste se manifestou entre a sua resposta a essa aparente crise e a reacção da maioria de Israel. Ele podia ver quão intransponíveis eram as montanhas ao sul, que impediam a sua fuga naquela direcção; ele podia ver o mar cintilante diante deles, sabendo que as águas eram profundas demais para atravessar. Ele sabia que eles não tinham barcos para transportá-los para o outro lado. Ele compreendeu que eles não tinham tempo, pois os egípcios estavam quase a chegar. Ele sabia que a chegada do Faraó e dos seus soldados ali seria inicialmente marcada por um massacre sem sentido que continuaria até que o inimigo satisfizesse a sua ira. Ele não teve dificuldade em entender que, na ordem natural dos acontecimentos, não havia mais do que um vestígio de esperança de que cada um deles sofresse de uma maneira ou de outra. Ele podia ver tudo aquilo exactamente como era, mas isso não o incomodava nada.

O que fez a diferença?

Ele manteve os seus olhos fixos no testemunho da fé com base na Palavra do Deus Todo-Poderoso. Ali ele colocou a sua segurança. Ele não podia acreditar que o seu Deus, que amava tanto o Seu povo, os levasse a uma armadilha de morte. Para ele, essa era uma avaliação impensável, como de facto era.

O sofrimento dele era a incredulidade do povo. “Moisés ficou grandemente perturbado por seu povo manifestar tão pouca fé em Deus, apesar de terem repetidamente testemunhado a manifestação de Seu poder em favor deles. Como poderiam acusá-lo dos perigos e dificuldades de sua situação, quando ele havia seguido o mando expresso de Deus? Na verdade, não havia possibilidade de salvamento, a menos que o próprio Deus interviesse para os livrar; mas, tendo sido levados àquela situação em obediência à instrução divina, Moisés não tinha receio das conseqüências. Sua resposta calma e afirmativa ao povo foi: ‘Não temais; estai quietos, e vede o livramento do Senhor, que hoje vos fará; porque aos egípcios, que hoje vistes, nunca mais vereis para sempre. O Senhor pelejará por vós, e vos calareis.’” {PP 198}, *Patriarcas e Profetas*, 284.

Moisés podia ficar naquele dia imperturbável pela vista e pelas circunstâncias, porque olhou acima e além delas para o testemunho da fé. Ele sabia absolutamente que o Senhor os trouxera para este lugar e que Ele não os traria lá para os abandonar e destruir. Ele sabia que o Senhor tinha um plano todo elaborado para atender à situação e estava ansioso com a maior expectativa de ver esse plano executado. Aquilo que, para os israelitas, era apenas a causa do mais sombrio desespero, era para ele a causa da mais elevada esperança e alegre antecipação.

Não foi fácil, mas sua palavra de coragem e fé acalmou a multidão, e com um temor inquieto, eles esperaram os acontecimentos. Em pouco tempo, a coluna de nuvem que os precedera se ergueu e, passando sobre o acampamento, ficou entre eles e os egípcios. Para os israelitas, tornou-se um muro de luz e protecção, mas para os egípcios nada mais era do que um muro de trevas que eles não puderam e não ousaram tentar penetrar.

Agora o que se segue?

A lição vital que é ensinada nesta história até agora é que, quando a vida é conduzida pelo Senhor, devemos esperar ser levados a lugares repletos de perigos e ameaças de destruição. Mas não deixemos que essa situação nos faça tremer e duvidar por um momento sequer. Deus não nos trouxe lá para nos abandonar, e Ele terminará o bom trabalho iniciado e nos levará gloriosamente se Lhe permitirmos. Portanto, a palavra para nós é:

“Ficar quietos e esperar.”

Às vezes, isto pode levar a algum tempo de espera, mas devemos esperar até que o Senhor mostre o Seu poder e sabedoria na solução do problema. O que nunca devemos fazer é tirar o problema das mãos do Senhor e tentar resolvê-lo nós mesmos. Isso significaria que o Senhor seria impedido de nos salvar e que, portanto, eventualmente pereceríamos.

O Senhor não nos manterá para sempre em espera. Mais cedo ou mais tarde virá a Palavra, “Avançai.”

E em pouco tempo essa palavra veio para os Israelitas, “ide em frente.”

Mas mais uma vez o testemunho da vista e das circunstâncias estava contra eles, porque ir em frente significava ir para o Mar Vermelho e afogamento garantido. Mas foi Deus quem deu a ordem, que era para ser obedecida pela fé.

Não havia nenhum caminho aberto através do Mar Vermelho quando o Senhor disse estas palavras. Ele ainda não era necessário, e não seria até eles chegarem junto às águas. Então, viria o tempo exacto da necessidade real e, em seguida, eles receberiam o dom. Entretanto, tinham de aceitar essa palavra, possuir pela fé viva a salvação nela contida e a agir em conformidade. Eles deviam descer até junto da água, confiando que Deus abriria o caminho para eles quando ali chegassem.

E eles fizeram isso.

Ainda bem que o fizeram, porque a vitória apenas foi alcançada pela fé. Se tivessem recusado a caminhar até à beira da água, porque dependiam de um caminho aberto primeiro, então, Deus nunca poderia ter aberto o mar para eles e não o faria.

Foi pela fé que eles atravessaram o Mar Vermelho, como está escrito:

“Pela fé, passaram o mar Vermelho, como por terra seca; o que intentando os egípcios, se afogaram.” *Hebreus 11:29*.

Mas, como já lemos nas Escrituras, os israelitas não eram um povo de fé, mas de incredulidade. Como foi então que num minuto o comportamento deles foi como seria de esperar de um incrédulo abandonado, e motivado por uma fé forte, no seguinte? O que havia feito essa grande mudança?

Um factor poderoso foi a fé inabalável de Moisés. Quando o povo se juntou ao redor dele com os seus desprezíveis lamentos, ele respondeu calmamente:

“... Não temais; estai quietos e vede o livramento do Senhor, que hoje vos fará; porque aos egípcios, que hoje vistes, nunca mais vereis para sempre.

“O Senhor pelejará por vós, e vos calareis.” *Êxodo 14:13-14*.

Em resposta à sua declaração de fé, as multidões foram impedidas de tomar qualquer acção selvagem e sem sentido que realmente teria empurrado as coisas para fora de controlo. Então, quando a coluna de nuvem se mudou colocando-se entre os israelitas e os egípcios, e assumiu o papel de Libertador, viram que Moisés tinha motivos para estar tranquilo, e a fé começou a afirmar-se nos seus corações. Quando lhes foi ordenado para seguir em frente, estavam prontos para fazê-lo pela fé no amor de Deus por eles e em Sua capacidade de protegê-los e salvá-los.

Infelizmente, essa conquista no exercício da fé viva não foi estabelecida no povo em geral, pois nesse ponto eles fracassavam inúmeras vezes, antes e depois da ocupação da Terra Prometida. Milhares e dezenas de milhares pereceriam por causa de sua incredulidade, enquanto Israel era sacudido repetidamente.

Mas, desta vez a fé triunfou. Atravessaram o mar como em terra firme. Para realizar isso pela fé, eles pediram e reivindicaram o dom precioso da libertação antes que ele se realizasse. Assim, chegaram à posse real do dom, embora pudessem saber isso somente pela fé e não pela vista. Essa situação continuou até chegarem à beira da água, momento em que a água se abriu diante deles e começou a travessia. O dom que eles já possuíam foi realizado quando mais precisavam.

Mas supõe que eles tinham dado ouvidos ao testemunho da vista e das circunstâncias. Então, nunca teriam avançado para o mar e este jamais se teria aberto para eles. Nunca teriam atravessado o mar Vermelho, “pela fé”, nem por esse motivo, por qualquer outro meio.

“Foi ‘pela fé’ que ‘passaram o Mar Vermelho, como por terra seca’. *Hebreus 11:29*. Descendo em marcha para a própria água, mostraram que acreditavam na palavra de Deus, conforme fora proferida por Moisés. Fizeram tudo que estava em seu poder, e então o Poderoso de Israel dividiu o mar a fim de preparar um caminho para os seus pés.

“A grande lição ali ensinada é para todos os tempos. Frequentemente a vida cristã é assediada de perigos, e o dever parece difícil de cumprir-se. A imaginação desenha uma ruína iminente perante nós, e, atrás, o cativo ou a morte. Contudo, a voz de Deus fala claramente: ‘Avante!’ Devemos obedecer a esta ordem mesmo que nossos olhares não possam penetrar nas trevas, e sintamos as frias vagas em redor de nossos pés. Os obstáculos que embarçam o nosso progresso nunca desaparecerão diante de um espírito que se detém ou duvida. Aqueles que adiam a obediência até que toda a sombra da incerteza desapareça, e não fique perigo algum de fracasso ou derrota, nunca absolutamente obedecerão. A incredulidade fala ao nosso ouvido: ‘Esperemos até que os impedimentos sejam removidos, e possamos ver claramente nosso caminho’; mas a fé corajosamente insiste em avançar, esperando tudo, em tudo crendo.

“A nuvem que era uma grande parede de trevas para os egípcios, para os hebreus era uma grande inundação de luz, iluminando o acampamento todo, e derramando todo o brilho no caminho diante deles. Assim, o trato da Providência traz aos incrédulos trevas e desespero, enquanto à alma

confiante é repleta de luz e paz. A senda por onde Deus guia, pode estender-se através do deserto ou do mar, mas é um caminho seguro.” {PP 202}, *Patriarcas e Profetas*, 290.

“A verdadeira fé apreende e reclama a bênção prometida, antes que esta se realize e a experimentemos. Devemos, pela fé, enviar nossas petições para dentro do segundo véu, e fazer com que nossa fé se apodere da bênção prometida e a reclame como sendo nossa. Devemos então crer que recebemos a bênção, porque nossa fé se apoderou dela, e segundo a Palavra, é nossa. ‘Tudo quanto em oração pedirdes, crede que recebestes, e será assim convosco.’ Marcos 11:24. Isto é fé, e fé pura; o crer que recebemos a bênção, mesmo antes que a vejamos. Quando a bênção prometida se realiza, e é fruída, cessa a fé.” *Primeiros Escritos*, 72.

Olhando para o futuro, até ao fim dos tempos, Jesus disse tristemente:

“Quando, porém, vier o Filho do Homem, porventura, achará fé na terra?” *Lucas* 18:8.

Mas, embora a fé, a fé viva, seja um bem extremamente raro, haverá um pequeno grupo que a possuirá e deles se diz: “aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus.” *Apocalipse* 14:12.

Somente aqueles que aprenderam a ignorar o testemunho da vista e das circunstâncias e a depositar toda a sua confiança no testemunho da fé com base na imutável e poderosa Palavra de Deus viva, se encontrarão nesse número e, portanto, na Terra Prometida. Vamos aprender esta lição, a lição da Verdadeira Ciência da Oração, antes que seja tarde demais para aprender.

Vou encerrar este capítulo com este testemunho desafiador de *Educação*, 257, 258.

“A oração e a fé são aliadas íntimas, e necessitam de ser estudadas juntas. Na oração da fé há uma ciência divina; é uma ciência que tem de compreender todo aquele que deseja fazer do trabalho um êxito. Diz Cristo: ‘Tudo o que pedirdes, orando, crede que o recebereis, e tê-lo-eis.’ Marcos 11:24.

“Ele deixa bem esclarecido que o nosso pedido deve estar de acordo com a vontade de Deus; devemos pedir as coisas que Ele prometeu, e o que quer que recebamos deve ser empregado no fazer a Sua vontade. Satisfeitas as condições, a promessa é certa.

“Podemos pedir o perdão do pecado, o Espírito Santo, um temperamento cristão, sabedoria e força para fazer Sua obra, ou qualquer dom que Ele haja prometido; então devemos crer que recebemos, e agradecer a Deus por havermos recebido.

“Não precisamos esperar por qualquer evidência exterior da bênção. O dom acha-se na promessa. Podemos empenhar-nos em nosso trabalho certos de que o que Deus prometeu Ele pode realizar, e de que o dom, que nós já possuímos, se efetivará quando dele mais necessitarmos.” *Educação* 257, 258.

Capítulo 21

Como Ele Venceu

!! **A**o que vencer, lhe concederei que se assente comigo no meu trono, assim como eu venci e me assentei com meu Pai no seu trono.” *Apocalipse 3:21*.
Esta Escritura contém muito do que é alimento para o pensamento mais profundo, mas o que desejamos extrair dela como base deste capítulo é que aqueles que se sentam com o Filho no Seu trono serão os que venceram como Ele venceu. Isto é, pelas mesmas armas e pelos mesmos métodos e procedimentos pelos quais Ele venceu, assim eles terão vencido.

Temos muita sorte em ter como nosso Salvador, alguém que veio antes de nós e percorreu o mesmo caminho da tentação e venceu todos os artifícios do inimigo, para que possamos ter uma demonstração prática de como isso deve ser feito. Ele é o pioneiro, o explorador que provou ser um guia infalivelmente preciso. Todos os que põem os pés no caminho marcado pelos Seus viajarão com infalível precisão para o reino da luz e da paz.

Nos capítulos anteriores, estudámos algo da maneira pela qual devemos vencer. Voltemos agora às vitórias de Jesus para ver que a mesma maneira como devemos vencer foi de facto a maneira pela qual Ele venceu.

Uma das vitórias verdadeiramente grandes e significativas obtidas pelo Filho de Deus e pelo homem foi no deserto da tentação após o Seu baptismo. Começaremos o nosso estudo desta maravilhosa batalha e sua subsequente vitória, no momento em que Jesus saiu da água depois de ter sido imerso no rio Jordão. A Escritura diz:

“E, sendo Jesus batizado, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba e vindo sobre ele.

“E eis que uma voz dos céus dizia: ‘Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo.’

“Então, foi conduzido Jesus pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo.

“E, tendo jejuado quarenta dias e quarenta noites, depois teve fome;

“E, chegando-se a ele o tentador, disse: ‘Se tu és o Filho de Deus, manda que estas pedras se tornem em pães.’

“Ele, porém, respondendo, disse: ‘Está escrito: Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus.’” *Mateus 3:16, 17; 4:1-4*.

Foi quando acompanhou os Seus pais terrenos a visitar o templo aos doze anos de idade que, para Jesus, o mistério de Sua missão começou a desvendar-se. Foi então que:

“Pela primeira vez, contemplou o menino Jesus o templo. Viu os sacerdotes de vestes brancas, realizando seu solene ministério. Viu a ensangüentada vítima sobre o altar do sacrifício. Com os adoradores, inclinou-Se em oração, enquanto ascendia perante Deus a nuvem de incenso. Testemunhou os impressionantes ritos da cerimônia pascoal. Dia a dia, observava mais claramente a significação dos mesmos. Cada ato parecia estar ligado a Sua própria vida. No íntimo acordavam-se-Lhe novos impulsos. Silencioso e absorto, parecia estudar a solução de um grande problema. O mistério de Sua missão desvendava-se ao Salvador.” {DTN 46}, *O Desejado de Todas as Nações*, 78.

Até agora, a Sua profunda consciência pela qual ele era capaz de discernir quão desesperadamente a humanidade precisava de um Salvador, levou-O a imaginar quem seria esse Salvador.

Constantemente, Ele terá procurado nos pergaminhos proféticos familiarizar-Se com os pormenores das qualificações que o Libertador vindouro devia possuir. Até à visita ao templo, Ele não sabia que era o Escolhido, mas quando passou algum tempo nos recintos do templo durante a Sua primeira visita ao local, ficou cada vez mais claro para Ele ser Ele o escolhido Salvador da humanidade.

Na verdadeira humildade, e no abnegado amor, todo-consumidor, Jesus aceitou a Sua missão tão rapidamente quanto ela se abriu à Sua consciência espantosa. Desse momento em diante, o mistério da Sua missão estaria a abrir-se à Sua mente mais e mais a cada dia. Continuamente, Ele via com inspiração cada vez mais clara como deveria ser posto sobre Ele a obra de salvar os que pereciam, expondo o verdadeiro carácter de Satanás, revelando a gloriosa verdade em relação à justiça de Deus e recuperando tudo o que havia sido perdido através do pecado.

Satanás estava ciente das forças que ele e os seus muitos agentes trouxeram sobre o Salvador durante o período entre a visita da Páscoa e o baptismo. Ele viu que foi com crescente desejo de iniciar o trabalho necessário para cumprir a missão que Lhe tinha sido designada que Jesus Se aproximava daquele grande acontecimento. Foi um período durante o qual o fardo da humanidade sofredora pesava cada vez mais sobre o Seu grande coração de amor. O inimigo viu nessas simpatias poderosas a oportunidade de tentar a Cristo de maneira tão poderosa e eficaz, ao ponto de provocar a Sua queda.

Assim que Jesus começou a entender cada vez mais a razão de estar no mundo, tudo isso começou a abrir-se diante da Sua mente, a profundidade do amor e da compaixão divinos que estava n'Ele impunham-Lhe um sentido muito profundo de missão. Cada vez mais, via a situação desesperada da humanidade a perecer, como ninguém mais no Seu tempo podia ver. Ele desejava entregar-Se total e activamente à salvação daquela Humanidade. Mas completamente obediente e submisso à direcção do Seu Pai celestial, esperou até chegar a Sua hora.

Satanás observou todos os passos que Jesus deu, para poder entender melhor como vencê-l'O. Esforçou-se por inventar maneiras e meios pelos quais pudesse fazer com que o Salvador perdesse a fé na Palavra de Seu Pai, a palavra pela qual o Eterno havia declarado que Jesus era o Filho amado em quem o Pai se comprazia.

É extremamente importante que esse tipo de tentação seja entendido em particular pelos novos crentes em Jesus, pois o diabo nunca perde uma oportunidade para nos roubar a convicção essencial de que somos filhos de Deus em quem Ele se compraz. Ele sabe que, se puder destruir a nossa fé na obra de Deus de nos recriar à própria imagem de Deus, estaremos perdidos. Para alcançar a nossa queda, ele empregará o testemunho da vista e das circunstâncias com grande eficácia. Tracemos o caminho pelo qual o Salvador enfrentou essa tentação com tanto sucesso e, desse modo, nos mostrou o caminho para vencer.

Quando as notícias da obra de João Baptista chegaram aos Seus ouvidos, Ele reconheceu que era esse o chamado.

“Em Nazaré repercutiu na oficina de carpintaria que fora de José, e houve Alguém que reconhecesse o chamado. Seu tempo chegara. Afastando-Se de Seu diário labor, despediu-Se de Sua mãe, e seguiu os passos dos compatriotas que afluíam em multidões ao Jordão.” {DTN 66}, *O Desejado de Todas as Nações*, 109.

Ali, Ele se apresentou para o baptismo e, ao sair da água, todo o peso da missão de Sua vida repousou sobre Ele como nunca antes. Mas o Salvador não se retirou da terrível responsabilidade. Em vez disso, Ele entregou-Se sem reservas, ao fim total do problema do pecado, independentemente do custo que pudesse ter para Si mesmo. E que preço teria que ser pago!

“Sozinho devia trilhar a vereda; sozinho carregaria o fardo. Sobre Aquele que abrisse mão de Sua glória, e aceitara a fraqueza da humanidade, devia repousar a redenção do mundo. Viu e sentiu tudo isso; firme, porém, permaneceu o Seu desígnio. De Seu braço dependia a salvação da raça caída, e Ele estendeu a mão para agarrar a do Onipotente Amor.

“O olhar do Salvador parece penetrar o Céu, ao derramar a alma em oração. Bem sabe como o pecado endureceu o coração dos homens, e como lhes será difícil discernir Sua missão, e aceitar o

dom da salvação eterna. Suplica ao Pai poder para vencer a incredulidade deles, quebrar as cadeias com que Satanás os escravizou, a derrotar, em seu benefício, o destruidor. Pede o testemunho de que Deus aceite a humanidade na pessoa de Seu Filho.

“Nunca antes haviam os anjos ouvido tal oração. Anseiam trazer a Seu amado Capitão uma mensagem de certeza e conforto. Mas não; o próprio Pai responderá à petição do Filho. Diretamente do trono são enviados os raios de Sua glória. Abrem-se os céus, e sobre a cabeça do Salvador desce a forma de uma pomba da mais pura luz — fiel emblema dEle, o Manso e Humilde.” {DTN 67}, *O Desejado de Todas as Nações*, 111, 112.

Então, veio a voz do próprio Pai proclamando:

“Este é o Meu Filho amado, em quem Me comprazo.”

Este foi um momento tremendo na vida de Jesus. Para entender quão óptimo isto foi, lembremos que Ele estava na Terra como homem, possuidor de todas as limitações da humanidade. Como qualquer outro homem, Ele não sabia o que os próximos dias certamente trariam. É verdade, evidentemente, que Ele sabia o que o Espírito Santo Lhe dissera e que terá recebido muito mais desta Fonte do que nós, em virtude de caminhar muito mais próximo de Deus. Além disso, Ele entendeu o futuro até ao ponto em que fora revelado na palavra profética, assim como nós também podemos conhecer o futuro até certo ponto. Por exemplo, sabemos que o alto clamor está a chegar e que, se formos fiéis e se vivermos o suficiente, teremos uma parte nesse trabalho. Mas não sabemos onde estaremos naquele momento, nem sabemos exactamente qual o papel que desempenharemos em tudo. Isso tornar-se-á conhecido para nós apenas dia após dia.

Assim foi com o Salvador.

“Tão plenamente vazio do próprio eu era Jesus, que não elaborava planos para Si mesmo. Aceitava os que Deus fazia a Seu respeito, e o Pai os desdobrava dia a dia. Assim devemos nós confiar em Deus, para que nossa vida seja uma simples operação de Sua vontade.” {DTN 139}, *O Desejado de Todas as Nações*, 208.

Deus não forneceu a Jesus uma antevisão detalhada de longo prazo dos pormenores do trabalho que Ele deveria fazer. O plano era desdobrado apenas dia após dia, exactamente como é revelado pelo Pai para qualquer um de nós. Ele não sabia antes de acontecer que o Pai iria anunciar do Céu que Ele era o Filho muito amado.

Mas agora o Pai fê-lo.

Estava ali a evidência de que o Pai O aceitou completamente para a tarefa a ser realizada. Ele era o Escolhido.

Durante toda a Sua vida até àquele momento, tinha ardido em Si o desejo deste dia. Agora ele tinha chegado.

Se já alguma vez fostes incendiados com um dedicado sentido de missão e desejastes fazer um grande trabalho para o Rei dos reis e ainda assim tivestes que esperar e esperar por muitos anos de aparentes desvios do desejo do vosso coração, antes de finalmente serdes aceite para a santa ambição desse ministério, então, entenderéis algo da intensidade com que o Salvador chegou a este momento.

Colocai-vos na posição d’Ele e perguntai o que esperaríeis que acontecesse a partir desse momento. O que anteciparíeis como sendo a missão daqui para a frente. A resposta é, certamente, a que todos esperaríamos, começar a trabalhar para salvar a humanidade que perecia. E Jesus naturalmente esperaria que no dia seguinte, ou mesmo naquele dia, recebesse a ordem para começar a Sua grande obra.

Mas, fossem qual fossem as Suas expectativas, Ele iria apenas aonde o Espírito de Deus O mandasse contrariamente às Suas expectativas mais fortes e mais seguras. E assim foi, pois o Espírito de Deus O levou inteiramente de outra maneira ao que Ele jamais poderia ter esperado. Ele O conduziu, não para o movimentado tráfego das multidões onde poderia ter pregado o evangelho, mas imediatamente afastou-O de tudo para um deserto árido, onde não havia ninguém e onde não podia pregar o evangelho.

Depois da mais paciente espera até aos trinta anos de idade, após a mais emocionante e dedicada entrega de Si mesmo à causa da verdade já testemunhada, e após uma tão clara e assinalada aceitação de tudo isso pelo próprio Pai, ser conduzido para aquele lugar desolado e abandonado, com certeza deve sugerir que algum erro grave e terrível fora cometido em algum lugar. Isto, sob todas as aparências, é exactamente o contrário ao bom senso comum.

Havia uma razão para o tempo passado entre os animais selvagens no deserto.

“Foi para o deserto para estar sozinho, a fim de considerar Sua missão e obra. Por jejum e oração Se devia fortalecer para a sangrenta vereda que Lhe cumpria trilhar. Mas Satanás sabia que Jesus fora para o deserto, e julgou ser essa a melhor ocasião de se Lhe aproximar.” {DTN 70}, *O Desejado de Todas as Nações*, 114.

Para aumentar a incerteza da necessidade de mais preparação, seguramente alguém pensaria que trinta anos da preparação mais intensiva possível por parte de um ser sem pecado seria mais do que suficiente! Mas não, o Espírito Santo e o Pai Eterno consideraram este período final inteiramente necessário. Cristo, sempre em absoluta submissão à vontade de Seu Pai, aceitou essa avaliação dos assuntos sem questionar.

Houve três fases em que Cristo esteve sozinho no deserto, excepto com os animais selvagens:

O primeiro período durou quarenta dias, durante os quais Ele foi envolvido pela glória do Pai e elevado acima da fraqueza humana;

O segundo viu a partida daquela glória e Cristo sendo deixado a batalhar contra a tentação;

O terceiro foi marcado pela tentação muito especial de Satanás concebida pelo inimigo mortal do homem para induzir Cristo a perder a fé na Palavra do Pai de que Cristo era o Filho amado do Pai, em quem Ele Se comprazia.

Esses factos são claramente estabelecidos nas Escrituras da verdade:

“Quando Jesus chegou ao deserto, estava rodeado da glória do Pai. Absorto em comunhão com Deus, foi erguido acima da fraqueza humana. Mas a glória afastou-se, e Ele foi deixado a lutar com a tentação. Ela O apertava a todo instante. Sua natureza humana recuava do conflito que O aguardava. Durante quarenta dias, jejuou e orou. Fraco e emagrecido pela fome, macilento e extenuado pela angústia mental, ‘o Seu parecer estava tão desfigurado, mais do que o de outro qualquer, e a Sua figura mais do que a dos outros filhos dos homens’. Isaías 52:14. Era então a oportunidade de Satanás. Julgou poder agora vencer a Cristo.” {DTN 73}, *O Desejado de Todas as Nações*, 118.

“E Jesus, cheio do Espírito Santo, voltou do Jordão e foi levado pelo Espírito ao deserto.

“E quarenta dias foi tentado pelo diabo, e, naqueles dias, não comeu coisa alguma, e, terminados eles, teve fome.” *Lucas 4:1-2*.

Durante todo o período de quarenta dias, Cristo jejuou e orou, mas foi depois desse tempo que Ele sentiu e experimentou os efeitos devastadores do Seu esgotante jejum. Os resultados foram que Ele ficou terrivelmente fraco, emaciado, desgastado e abatido pela agonia mental. Ele estava literalmente enfrentando a morte pela fome.

E para tornar as coisas muito muito piores, a sensação da presença de Deus em Pessoa com Ele O deixou, e se estabeleceu n’Ele um sentimento desesperado de estar totalmente abandonado por Deus e pelo homem. Para um ser humano, que não foi projectado para viver sozinho, existem poucas experiências, se é que existem, mais devastadoras do que ser rejeitado por quem mais se ama. Nenhuma outra pessoa que já viveu nesta Terra, amou como Jesus ama, nem experimentou tanta tristeza, dor e rejeição por amor não correspondido como Cristo.

Ele podia realmente declarar acerca da Sua experiência:

“Não vos comove isso, a todos vós que passais pelo caminho? Atendei e vede se há dor como a minha dor, que veio sobre mim, com que me entristeceu o Senhor, no dia do furor da sua ira.” *Lamentações 1:12*.

Quando tal situação prevalece, não há nada que a alma humana peça mais urgentemente do que uma garantia de que não está abandonada, indesejada ou não amada, especialmente quando parece que todos os planos de Deus entraram em colapso ao seu redor em completa confusão.

Uma e outra vez os verdadeiros filhos de Deus passaram pela mesma situação. Os israelitas, por exemplo, haviam experimentado a maravilhosa liderança do Senhor e haviam visto o Seu poderoso poder operando em favor deles. Então, ao contrário das suas expectativas, desejos e parecer, foram levados a um lugar onde parecia que Deus os havia abandonado e estava a planejar a sua destruição.

No deserto, Jesus, embora numa escala de intensidade muito maior, estava a passar exactamente pela mesma experiência amarga pela qual a Sua fé estava a ser tentada ao máximo nível. Parecia que Ele havia sido levado até ali pelo Espírito de Deus e depois Ele foi-Se embora, abandonando-O e deixando-O sem comida ou abrigo. Cada testemunho da vista e das circunstâncias gritava com a voz mais alta possível que o Céu O havia esquecido de alguma forma, nem sabia onde Ele estava e nem parecia importar-se.

Não deve ser esquecido que Cristo não era o prisioneiro da vontade do Seu Pai no deserto, mas tinha a perfeita liberdade de retornar voluntariamente às habitações dos homens, se quisesse. Para iniciar tal tentação, Ele só tinha que pensar nos muitos lares onde seria ansiosamente acolhido em Nazaré, incluindo o de Sua amada e atenciosa mãe.

Mas, Ele não o faria.

O Espírito de Deus O levou a este local e somente o Espírito de Deus poderia libertá-l'O daquele local e, mesmo que morresse de fome ali, esperaria e não Se moveria, excepto sob a direcção do Espírito. Esse é o exemplo perfeito de rendição à vontade e liderança do Senhor.

Satanás concentrou toda a sua atenção nos procedimentos que prosseguiam com os mais intensos interesses, pois aqui havia uma oportunidade excepcional para ele vencer a Cristo e vencer tudo no grande conflito. Afinal, ele havia manipulado as suas artimanhas com resultados muito satisfatórios para a maioria da humanidade até àquele momento.

A luta da mente através da qual o Salvador passou estava temeroso. A batalha para ele foi para transformar sua mente longe do testemunho da visão e circunstâncias que estava gritando por sua atenção, e fixe-a no testemunho de fé baseada na Palavra de Deus. E o diabo estava lá a imprensa que testemunha sobre Ele na forma mais forte possível.

A luta de espírito pela qual o Salvador passou foi terrível. A batalha para Ele foi desviar Sua mente do testemunho da vista e das circunstâncias que gritavam pela Sua atenção, e fixá-lo no testemunho de fé baseado na Palavra de Deus. E o diabo estava lá para pressionar aquele testemunho sobre Ele da maneira mais intensa possível.

Teria sido suficientemente resistente tinha Satanás venha para a batalha em suas verdadeiras cores, mas em vez disso ele veio completamente disfarçado como um anjo do céu--uma Bíblia citando anjo professando ter uma mensagem do céu - uma mensagem que parecia ser a resposta perfeita para suas orações. Note as palavras,

Já teria sido bastante difícil se Satanás viesse batalhar com as suas verdadeiras cores, mas ele veio completamente disfarçado como um anjo do Céu — um anjo citando a Bíblia que professava ter uma mensagem do Céu para Ele — uma mensagem que parecia ser a resposta perfeita para as Suas orações. Observai as palavras:

“Eis que foi ter com o Salvador, como em resposta a Suas orações, disfarçado num anjo do Céu. Pretendia ter uma missão de Deus, declarar que o jejum de Cristo chegara ao termo. Como Deus enviara um anjo para deter a mão de Abraão de oferecer Isaque, assim, satisfeito com a prontidão de Cristo para entrar na sangrenta vereda, o Pai mandara um anjo para O libertar; era essa a mensagem trazida a Jesus.” {DTN 73}, *O Desejado de Todas as Nações*, 118.

“Assim que o longo jejum de Cristo começou no deserto, Satanás estava próximo com as suas tentações. Ele veio a Cristo, envolto em luz, afirmando ser um dos anjos do trono de Deus, enviado numa missão de misericórdia, para simpatizar com Ele e aliviá-l'O da Sua condição de sofrimento.

“Ele tentou fazer com que Cristo acreditasse que Deus não exigia que Ele passasse pela negação de Si mesmo e pelos sofrimentos e antecipou ter sido enviado do Céu para Lhe levar a mensagem que Deus planeava apenas provar a Sua disposição de suportar.

“Satanás disse a Cristo que Ele apenas precisava colocar os pés na trilha manchada de sangue, mas não necessitava transitar por ela. Assim como ocorrera com Abraão, Ele fora provado para demonstrar Sua fiel obediência. Declarou também que um anjo detivera a mão de Abraão quando já prestes a desferir o cutelo e matar Isaque, e que agora ele fora enviado para salvar a vida [de Cristo]; que não Lhe era necessário suportar a dolorosa fome e mesmo a morte por inanição; ele havia vindo para ajudar Cristo, desempenhando uma parte no plano da salvação.” *Review and Herald*, 4 de Agosto de 1874.

Naquela altura, e nessa situação, não havia mensagem que pudesse ter sido mais aceitável para a natureza humana de Cristo. Lembrai-vos de que foi como homem, e não como Deus, nem como anjo, que Ele enfrentou a tentação. Portanto, Ele sentiu nessa situação e ansiava nessa situação, tudo o que vós ou eu sentiríamos e desejaríamos nessa mesma situação. E, no entanto, o diabo sabia que deveria tornar a sua missão o mais legítima e apropriada possível, de modo a focar os olhos de Cristo num tipo de experiência igual à que Ele agora passava. Afirmando ser o próprio anjo que havia impedido a mão de Abraão de matar Isaque, ele argumentou da seguinte maneira:

“A experiência de Abraão é um tipo perfeito da tua experiência. Portanto, o que aconteceu com Abraão deve acontecer contigo. Ele não tinha a menor ideia de que, quando chegou a ordem de Deus para sacrificar o seu filho que haveria alguma detenção da execução no último momento. Ele esperava continuar até o fim. Agora entendes que, para o Senhor, a intenção é aceite como se fosse a acção. Assim, o mero pensamento do ódio é contado como assassinato e punido como se o acto tivesse sido realizado. Portanto, quando Deus viu que Abraão estava realmente disposto a percorrer todo o caminho, e o cutelo reluzente era uma prova clara disso, então era o suficiente.

“Assim é contigo, enquanto cambaleias aqui à beira da morte, é mais do que evidente que estás preparado para percorrer todo o caminho e nenhum sacrifício será demasiado grande para ti. Mas é o suficiente. O Pai está satisfeito e compraz-Se. Tu não precisas sofrer mais. O sacrifício é aceite e o homem culpado está salvo.”

Por conseguinte, dos lábios do que eram todas as aparências, e certamente até onde o Salvador podia ver, um belo anjo, e tudo dito em tom da mais terna compaixão e mais gentil amor, recebeu o que era a coisa mais desejável em todo o mundo da natureza humana nessa situação. Notai bem isto que, por mais convertido que sejais, nunca apreciareis nem gostais de sofrimento e angústia. A vossa natureza humana recuará sempre disto exactamente como a natureza humana de Cristo se retraiu do conflito naquela altura.

Com a habilidade mais magistral, o diabo construiu a imagem de tudo isto diante do Salvador e quando apresentou tudo, e quando tudo parecia prestes a tornar-se uma "realidade gloriosa", com a natureza humana de Cristo já sendo chamada a suspirar de alívio, então o diabo chamou o testemunho da visa e das circunstâncias com o poder e a força mais reveladores no momento mais revelador. Esse anjo ofereceu tudo isso a Cristo e, depois, quando tudo estava pronto para ser aceite, ele reteve tudo até que certa condição fosse cumprida.

É uma lei da vida que, quando estamos prestes a adquirir algo de que precisamos desesperadamente, e, de repente, nos é retido até que uma determinada condição seja cumprida, é gerado um desejo tremendo para tomar posse do tesouro, seja um valor presumível ou não. A conquista daquilo que é oferecido sob essas condições pode tornar-se uma questão de vida ou morte, pois com isso uma pessoa pode ser colocada sob pressões incríveis para ceder.

Satanás é um mestre no uso dessa técnica persuasiva, e assim, antes e depois, chegou o momento em que ele condicionou a aceitação da oferta à prova de Cristo de quem Ele era. Foi nesse ponto que ele disse:

“Se Tu és o Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pão.”

“Quando o Filho de Deus e Satanás, pela primeira vez, se defrontaram em conflito, era Cristo o comandante das hostes celestiais; e Satanás, o cabeça da rebelião no Céu, fora dali expulso. Agora, dir-se-ia haverem-se invertido as condições, e o adversário explorou o mais possível sua suposta vantagem. Um dos mais poderosos anjos, disse ele, fora banido do Céu. A aparência de Jesus

indicava ser Ele aquele anjo caído, abandonado de Deus, e desamparado dos homens. Um ser divino devia ser capaz de comprovar sua pretensão mediante um milagre; ‘se Tu és o Filho de Deus, manda que estas pedras se tornem em pães’. Mateus 4:3. Tal ato de poder criador, insiste o maligno, seria conclusiva prova de divindade. Isso poria termo à contenda.” {DTN 74}, *O Desejado de Todas as Nações*, 119.

Por outras palavras, o argumento de Satanás foi assim:

“Tenho de ter a certeza absoluta de que entrego esta missão à pessoa certa. Anda por aí um grande enganador a quem, em particular, não devo dar esta missão, e embora tenha sido enviado a Ti com ela, ainda assim, todo o aspecto da Tua pessoa e as Tuas circunstâncias fazem com que eu realmente e honestamente duvide que sejas o Filho de Deus. Afinal, não consigo conceber que o Pai permita que o Seu amado Filho seja deixado neste deserto terrível e seja abandonado por Ele mesmo e pelo homem. Por que chegaste tão próximo da morte? Olha para Ti e para o que Te rodeia. Podes imaginar a minhas dúvidas? Com certeza, deves questionar na Tua mente se és o Filho de Deus! Por isso, vês que não posso cometer um erro. Portanto se, e deixa que Te diga que realmente duvido, és o Filho de Deus, dá-me então uma pequena prova. Transforma esta pedra num pedaço de pão e salva-Te da fome. Fá-lo agora, demora apenas um momento e depois toda a controvérsia terá chegado ao fim.”

Podeis começar a entender o poder e a subtileza desta tentação? O Seu objectivo era quebrar a fé de Jesus, na palavra de Deus. Esse era o plano. Se ele pudesse fazer isso, então seria eternamente bem-sucedido, e todo o plano de salvação de Deus falharia.

“As palavras do Céu: ‘Este é Meu Filho amado, em quem Me comprazo’ (Mateus 3:17), soavam ainda aos ouvidos de Satanás. Mas ele estava decidido a fazer Cristo descrer desse testemunho. A Palavra de Deus era a segurança de Cristo quanto à divindade de Sua missão. Viera viver como homem entre os homens, e era a palavra que declarava Sua ligação com o Céu. Era o desígnio de Satanás fazê-Lo duvidar dessa palavra. Se a confiança de Cristo em Deus fosse abalada, Satanás sabia que lhe caberia a vitória no conflito. Poderia derrotar Jesus. Esperava que, sob o império do acabrunhamento e de extrema fome, Cristo perdesse a fé em Seu Pai, e operasse um milagre em Seu benefício. Houvesse Ele feito isso, e ter-se-ia frustrado o plano da salvação.” {DTN 73}, *O Desejado de Todas as Nações*, 119.

No jardim do Éden, Satanás tinha quebrado a fé de Adão e Eva em Deus. Foi assim que o reino do pecado, tristeza e morte começou nesta Terra. No Mar Vermelho, ele havia quebrado a fé do povo em Deus, e se essa fé por meio de Moisés não tivesse sido restaurada, eles teriam perecido. Agora ele procurava quebrar a fé de Jesus em Deus e a luta estava realmente iniciada, mas ele falhou completamente.

Alguém podia perguntar como poderia o Salvador detectar o enganador com um disfarce tão magistral. A resposta é que nenhum anjo do Céu jamais pedirá a alguém que quebre os princípios da justiça. E é um princípio de justiça que todos fariam bem em lembrar que nenhum de nós tem a missão de se defender. O Pai havia enviado o Filho para revelar o Pai, e, por sua vez, era tarefa do Pai revelar o Filho.

Portanto, quando o diabo pediu a Jesus que fizesse o milagre para provar que era o Filho de Deus, estava a pedir que Ele se colocasse no lugar de Deus e fizesse o trabalho que somente Deus poderia realizar. Foi no Paraíso que Lúcifer sucumbiu à mesma tentação de se colocar, se possível, no trono de Deus. Agora, no deserto, ele estava tentando seduzir Jesus na mesma posição de impiedade e angústia que ocupava, sabendo que, se o fizesse, poderia justificar completamente seu próprio pecado, fazendo com que o Filho de Deus participasse com ele nesse mesmo terrível erro. Assim, ele triunfaria, tornando o plano de salvação de nenhum efeito. Felizmente, que o Filho de Deus triunfou naquele dia fatídico.

E assim como Ele venceu, nós também temos de triunfar. Comparemos a vitória obtida por Cristo com a que devemos ganhar da mesma forma.

Como Deus declarou de Cristo, quando Ele ressuscitou das águas do baptismo, que Ele era o Seu Filho Unigénito, assim Ele dá testemunho da mesma verdade a respeito de cada um de nós, cujo baptismo é um verdadeiro acto de fé em Cristo e na Sua salvação.

Naquele momento, quando entregais o coração ao Senhor e permitis que Ele tire a velha vida e coloque a nova, então sois nascidos de Deus. Portanto, tornastes-vos um Filho de Deus do lado espiritual embora continueis a ser um filho do homem do lado humano. Isto é literalmente verdade porque Ele deu a Sua vida por nós.

A vida de Deus é-nos dada em resposta à nossa fé. É porque acreditastes que é assim que isso acontece. É um trabalho especial de Satanás destruir a nossa fé e encher a vida mais uma vez com incredulidade. Se ele tiver permissão para realizar isso com bastante frequência e tempo suficiente, acabaremos por perder a noção da salvação completamente e perecer. Por isso, temos de nos agarrar às promessas como os que se seguem:

“Mas a todos quantos o receberam deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus: aos que crêem no seu nome.”

“Os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus.” *João 1:12, 13.*

“Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifesto o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como é o veremos.” *1 João 3:2.*

“Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus.

“Porque não recebestes o espírito de escravidão, para, outra vez, estardes em temor, mas recebestes o espírito de adoção de filhos, pelo qual clamamos: ‘Aba, Pai.’

“O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus.

“E, se nós somos filhos, somos, logo, herdeiros também, herdeiros de Deus e coerdeiros de Cristo; se é certo que com ele padecemos, para que também com ele sejamos glorificados.” *Romanos 8:14-17.*

Uma vez que as condições sejam cumpridas, para que possamos de facto nascer de novo filhos de Deus, Satanás será implacável na sua incansável determinação de nos levar de volta à sua custódia. Constantemente ele apontará os nossos fracassos como evidências seguras e certas de que não nos qualificámos para sermos filhos de Deus. Ele tem um conhecimento exacto dos pecados que nos tentou a cometer, e estes coloca ele perante nós com a acusação de que o procedimento como professos filhos de Deus nem sequer começa a corresponder à nossa profissão de piedade.

Nem por um momento, argumenteis com o inimigo.

“Tende em mente que só Deus pode argumentar com Satanás.” *Advent Review e Sabbath Herald, 6 de Setembro de 1906.*

Não importa qual é a sua aparência física, lembrai-vos de que é o testemunho infeliz da vista e das circunstâncias. Mas vós tendes o testemunho da fé baseada na Palavra infalível de Deus. Tendo confessado e abandonado todos os vossos pecados, então crede no testemunho de Deus de que sois Seu filho unigénito e descansai nessa certeza.

Será preciso fé considerável para vencer o diabo quando ele emprega essas táticas pelas quais procura garantir que as nossas vidas sejam guiadas pelo testemunho da vista e das circunstâncias. Ele sabe que se puder tirar os olhos da fé na segura palavra de Deus, terá garantido sucesso em organizar a nossa destruição.

“Não foi sem luta que Jesus pôde escutar em silêncio o arquienganador. O Filho de Deus, no entanto, não devia provar Sua divindade a Satanás, ou explicar-lhe a causa de Sua humilhação. Atendendo às exigências do rebelde, não se conseguiria coisa alguma para o bem do homem ou a glória de Deus.” {DTN 74}, *O Desejado de Todas as Nações, 119.*

Se foi uma luta para Cristo manter o silêncio face aos argumentos de Satanás, sabemos que também vai ser uma luta para nós, pois temos de vencer como Ele venceu.

Aquela Palavra na qual temos de construir a nossa fé não muda. Foi a verdade ontem, é a verdade hoje, e será a verdade para sempre.

O Senhor nunca abandona os Seus filhos. Ele pode parecer a fazê-lo, mas nunca o faz na realidade. Nenhum homem teve jamais o testemunho de vista e das circunstâncias mais fortemente contra si do que o Salvador naquela ocasião quando Satanás O tentou no deserto. Nenhum homem teve que se desviar com maior determinação desse testemunho, como Jesus. Mas ele fez isso, e temos que aprender a fazê-lo também, pois temos de vencer como Ele venceu.

Nunca esqueci que Jesus disse:

“Ao que vencer, lhe concederei que se assente comigo no meu trono, assim como eu venci e me assentei com meu Pai no seu trono.” *Apocalipse 3:21*.

Capítulo 22

O Nosso Próprio Esforço Diligente

Portanto, é muito evidente, como mostra o estudo dos últimos capítulos, que a justiça é pela fé, e é Deus quem nos salva da praga do pecado e da sua conseqüente morte. Em nenhum sentido da palavra, nos salvamos a nós próprios. A vitória vem não apenas entregando nas mãos de Deus para Ele fazer tudo por nós o que não podemos fazer por nós mesmos, mas crer que Ele absolutamente o fará por nós pessoalmente.

Não só é esta verdade ensinada no estudo da verdadeira ciência da oração, mas é também demonstrada na experiência de Jesus, quando Ele enfrentou e venceu a tentação. Na medida em que devemos vencer como Ele venceu, então esta demonstração da parte d'Ele é de infinito valor para vós e para mim, se tirarmos o máximo proveito disso.

Até agora, lidamos apenas com o problema do senhor do pecado que é resolvido com a erradicação e a substituição dessa presença do mal pela vida de Cristo. Foi demonstrado que este é um simples acto de fé e aceitação. Isso pode levar alguns a concluir que simplesmente não há papel algum para o crente desempenhar na questão da salvação, mas isso é ignorar o facto de que:

“Mediante a graça de Deus e seu próprio esforço diligente, devem eles ser vencedores na batalha contra o mal.” *O Grande Conflito*, 425.

Há um tempo e um lugar no processo de salvação que está sendo levado ao pecador, onde o exercício do nosso próprio esforço diligente é criticamente necessário para garantir o sucesso na aquisição da coroa da vida. Inicialmente, isso pode parecer uma contradição com o que foi escrito até agora neste livro, mas não é verdade. Quando se declara que a salvação é o dom de Deus, essa é a verdade. Depois de adquirido o dom, ele exige um esforço diligente para protegê-lo, apreciá-lo e cultivá-lo. Este último exige uma batalha real travada dia após dia, e devemos entender precisamente como e onde o esforço deve ser aplicado, exactamente o que é essa batalha e o que devemos fazer nessa batalha.

Estamos familiarizados com textos e testemunhos como os seguintes:

“Milita a boa milícia da fé.” *1 Timóteo* 6:12.

“Se combater o combate da fé com toda a sua força de vontade, você vai vencer.” *Mensagens aos Jovens*, 152.

“Tudo depende da devida ação da vontade.” *A Ciência do Bom Viver*, 176.

“Mediante a graça de Deus e seu próprio esforço diligente, devem eles ser vencedores na batalha contra o mal.” *O Grande Conflito*, 425.

Estes testemunhos significam exactamente o que dizem, e não há contradição entre eles e o que estudamos até agora neste livro. A salvação é uma obra que combina o poder de Deus e o esforço humano correctamente entendidos e aplicados da maneira correcta. Cada um tem um papel a desempenhar e cada um deve desempenhar total e completamente esse papel para que o plano seja bem-sucedido. Deus tem o Seu papel a desempenhar e o homem tem a sua parte.

Agora, uma coisa deve ser muito evidente a partir deste facto, o homem nunca deve fazer o menor esforço para fazer por si mesmo o que só Deus pode fazer por ele. Ele nunca deve pensar que a acção correcta da sua vontade conseguirá isso, nem deve gastar o mínimo de esforço diligente nesse sentido. Tentar fazer o que somente o Senhor pode fazer por nós, e o que é a Sua parte a fazer por nós, é tentar colocar-se no lugar de Deus. Esta é uma tentativa de usurpação da posição do Todo-

Poderoso, não importa quão involuntariamente ou não intencionalmente a tentativa possa ser feita. É colocar-se diante de Deus em todos os seus interesses, afectos e lealdades, e este é o trabalho do espírito do anticristo.

Também não é essa a razão completa pela qual não devemos canalizar esforços diligentes na direcção errada. Não apenas nunca devemos procurar tomar o lugar de Deus no que quer que seja, mas devemos sempre entender que isso é impossível de qualquer maneira. Não importa o quão firme ou poderosamente a vontade foi estabelecida, nem quanto esforço diligente foi feito, jamais poderíamos começar a fazer aquilo que somente Deus tem o poder de fazer.

Por conseguinte, é da maior importância que entendamos exactamente qual é a nossa parte do contrato, e qual é a parte Deus. Então podemos olhar para Deus para fazer Sua parte, como nós, por Sua ajuda e graça, fazemos a nossa parte ao máximo.

Para que possamos entender exactamente onde e como devemos fazer esse esforço diligente, examinaremos primeiro a diferença entre o que é o verdadeiro evangelho e o que é o falso. Veremos que o falso evangelho segue quase todo o caminho como o verdadeiro, que usa muitas das mesmas Escrituras, que soa muito parecido com a coisa real e que, para muitas e muitas pessoas, é tão facilmente aceite como o verdadeiro evangelho ou caminho da salvação. Mas, por mais próximo que pareça, não é a coisa real e nunca se pode esperar que traga a salvação aos perdidos.

Tanto o verdadeiro como o falso evangelho reconhecem que a salvação vem somente através de Cristo. Só Ele é o Salvador.

Ambos defendem as Escrituras como sendo a base da fé cristã, e a revelação do carácter e vontade de Deus.

Tanto um como o outro chamam os crentes a produzir os frutos da justiça na vida, e ambos experimentam uma grande medida de aparente sucesso.

Ambos salientam a necessidade essencial de formar uma união espiritual com Cristo.

Mas a verdadeira diferença reside na aplicação prática da verdade. No falso evangelho, o velho homem é apenas a nossa natureza física, e deve ser mantida sob rigoroso controlo em todos os momentos. Não há provisão alguma para a erradicação do velho homem, e a sua substituição pelo novo. Na falsa religião, nascer de novo não é nada mais do que uma mudança de atitudes mentais, lealdade, e preferências, e não há nenhuma nova vida real implantada no crente, como existe na verdadeira religião.

Vamos descrever esta como aparece na vida quotidiana. A minha ilustração começa com uma situação com a qual estamos familiarizados.

Suponho que seria seguro dizer que praticamente todo mundo tem na sua vida, alguma pessoa ou pessoas com quem não se dá tão bem. Por um motivo ou outro, essas pessoas são de tal modo que tudo o que fazem nos irrita e desperta em nós sentimentos de ressentimento para com elas. Com o passar dos anos, esses sentimentos se transformam em ódio activo. As duas partes não caminham juntas e a separação aumenta à medida que os anos passam. Mas chega o momento em que decidimos tornar-nos cristãos professos e, no decorrer da nossa experiência, lemos a Palavra de Deus ou ouvimos o pregador vivo declarar que devemos amar os nossos inimigos.

Agora, verificamos que temos um problema real. À medida que essas palavras entram nos nossos ouvidos, a consciência é despertada e um medo gelado toma conta dos nossos corações. Sabemos que não amamos os nossos inimigos como se nos pede para fazer, e que, portanto, nenhum lugar é reservado para nós no Céu, a menos que o assunto seja corrigido. Assim, determinamos solenemente nos nossos corações que, daqui em diante, não importa o que custe, amaremos os nossos inimigos. Muitos consideram, embora sem razão, que é aqui que a aplicação do nosso próprio esforço diligente fornece a solução do problema, mas esse não é o caso, embora, por algum tempo, tudo pareça progredir muito bem. O nosso inimigo, tendo viajado para longe numa viagem de negócios, ou mudado para uma nova morada distante, ou de alguma outra forma tendo-se separado do contacto convosco, não constitui para vós uma tentação. O vosso ódio por ele adormece.

Mas chega o momento em que ele ou ela regressa para perto de vós, quando o encontrais novamente mais cedo ou mais tarde, ou sussurram algumas observações desagradáveis sobre vós que, ao chegar a vós indirectamente, assumem um carácter exagerado. Seja o que for, é mais do que suficiente para gerar uma resposta muito definida em vós. Conheceis esse sentimento, tenho certeza. Começa no fundo dos nossos corpos e sobe até envolver todo o ser. Seguem-se palavras e acções de amarga retaliação, e o abismo entre ambos amplia-se até parecer que nunca poderá ser superado.

Mas a Palavra de Deus está soando aos nossos ouvidos, chamando-nos a amar os nossos inimigos, e podemos ver a ameaça da perda da vida eterna, se deixarmos de o fazer. Também sabemos que tudo depende da acção correcta da vontade, por isso decidimos obedecer e determinamos que realmente vamos amar esse inimigo. Fazemos um grande esforço para afastar os maus pensamentos e sentimentos e fazemos o possível para pensar o melhor da outra pessoa. A batalha realmente começou e estamos a lutar corajosamente contra o mal. Mas o poder da pecaminosidade em nós parece maior e mais forte ainda, e, reconhecendo que a onnipotência de Deus é a única força superior à força do mal, pedimos a Deus que venha em nosso auxílio.

“Ajuda-Me! Oh! ajuda-Me a superar esta coisa!” é o nosso grito sincero.

A nossa determinação de vencer é forte. O nosso esforço proporcional é grande. Não falta nada à nossa sinceridade e realmente acreditamos que, se pedirmos ao Senhor que nos ajude a vencer o mal, Ele ajudará. Sem dúvida, estamos a fazer o esforço mais diligente, estabelecemos a nossas vontades para obedecer e estamos travando a boa luta com forte fé no poder de Deus para nos ajudar. Aqueles que empregam esses procedimentos acreditam que estão a exercer o seu próprio esforço diligente na batalha contra o mal.

Entendeis o quadro descrito acima? É importante que o façais para o ponto aqui envolvido. Não devia ser difícil entendê-lo, pois essa é uma ilustração muito próxima da experiência de cada um de nós, num momento ou outro das nossas vidas. Muitas vezes apresentei este exemplo e as pessoas concordaram com a cabeça e dizendo:

“Sim, é exactamente como foi dito”.

Segue-se agora uma outra questão muito importante:

Não é este um exemplo claro da maneira como em geral os professos cristãos vêm ao Senhor e buscam ultrapassar o problema do pecado? Se pensardes bem, vereis rapidamente que é exactamente dessa maneira que a maioria das pessoas busca a vitória. Este é o entendimento comum do que é a justiça pela fé.

Mas agora segue-se uma pergunta ainda mais importante.

É esta a verdadeira figura da justificação pela fé?

É esta a única forma verdadeira e correcta para conquistar a vitória sobre o pecado e a herdar a vida eterna?

É esta a correcta aplicação do nosso próprio esforço diligente?

A esta pergunta a maioria das pessoas responde rapidamente que este é o caminho da vida eterna. Elas asseguram a todos os que perguntam sobre a sua fé, que é a compreensão que têm e sempre tiveram.

É evidente que esta parece ser a maneira pela qual o nosso esforço diligente nos livrará do ódio, orgulho, e outras forças pecaminosas, mas permanece a questão de saber se a vitória que satisfaz ou não o padrão da vida em justiça, pode ser alcançada por meio destes procedimentos.

Pode ser que sim, mas vamos ver!

No primeiro exemplo, depois de me certificar de que os meus ouvintes entendiam exactamente o que eu estava a colocar diante deles, perguntei-lhes se esse era o procedimento que eles pessoalmente seguiam quando confrontados com problemas como ódio, orgulho e assim por diante? Não havia ninguém com quem falei que tentasse, por qualquer outro meio, obter a vitória sobre essas forças poderosas. Esta era a única forma que conheciam, a única em que confiavam, mesmo que nunca tenha funcionado para eles. Nunca encontrei uma pessoa que pudesse testemunhar ter sido libertada desses flagelos usando esses métodos.

Com toda a honestidade, ninguém poderia fazê-lo!

Certamente, se esse é o caminho da justiça, haveria pelo menos entre aquelas muitas pessoas que o teriam feito funcionar para si, mas quando ninguém podia testemunhar em seu favor, então a sua inutilidade estava confirmada. O nosso único caminho seguro agora é abandoná-lo em favor de uma solução que funcione.

Este não é o caminho da vitória e, portanto, não é a aplicação correcta dos nossos próprios esforços diligentes. A libertação nunca pode ser obtida dessa maneira, e não encontrei a pessoa que seguindo esse procedimento e pudesse ao mesmo tempo confessar uma experiência viva de justiça.

Este não é o caminho!

Ele não funciona porque ele não pode funcionar!

Estão aqui as razões para isso!

Devemos aprender a mandar embora para sempre das nossas mentes a noção comum de que o Senhor nos ajuda a obter a vitória. Deus não nos ajuda a obter a vitória. Ele nunca ajudou ninguém ainda a obter a vitória e nunca o fará, pois existe apenas um procedimento pelo qual a vitória pode ser obtida e esse é como um dom do próprio Senhor. É impossível ele tornar-se nosso de qualquer outra maneira.

Considerai que, se Deus nos ajudar a obter a vitória, Ele é reduzido a um mero ajudante nosso. Isso é minimizar o Senhor, enquanto exalta o agente humano à posição de Salvador. Escusado será dizer que isso nunca pode acontecer. O homem insignificante não tem capacidade para ser um salvador, e qualquer doutrina que, sem querer ou de outra forma, atribua a ele o poder e a posição de Cristo, a Fonte da pureza e da vida, só pode suprimir qualquer esperança de vida eterna.

Mas essa não é a única razão pela qual o ensino de que Deus nos ajuda a obter a vitória é um falso evangelho.

Para entender isso, é necessário compreendermos o que é a vitória. O conceito mundano do que é a vitória é a subjugação do inimigo pela força até ele se tornar incapaz de qualquer resistência adicional. Eles acreditam que a vitória é mantida pela continuação dessas condições. O inimigo permanece, mas é mantido sob controlo rigoroso.

A pessoa comum transfere essas especificações do mundo político para os seus conceitos do que constitui a vitória no mundo espiritual, onde vê a vitória ser alcançada pelo uso da força que subjuga e mantém o inimigo — o ódio, por exemplo, ou o mau génio — sob rigoroso controlo. Às vezes, no entanto, esses flagelos ressurgem, pelo que se diz desesperadamente:

“Hoje, eu sofri uma derrota. O meu mau génio levantou-se e venceu-me.”

Essa confissão é uma admissão de que o velho mau génio continua no interior, mesmo que na maior parte do tempo em prisão. O que é necessário é a vida vitoriosa de Cristo na alma, pois essa vida é a vitória. Em suma, a vitória é a vida real de Deus no coração. É uma forma de estar; é a presença do amor no lugar do ódio, de modo que, quando o nosso inimigo vem contra nós com más intenções e más acções, a nossa única resposta será uma reacção de amor.

Ele experimentará as palavras das Escrituras:

“Muita paz têm os que amam a tua lei, e para eles não há tropeço.” *Salmos 119:165.*

A doutrina que apenas mantém o pecado sob controlo, de modo que a aparência exterior é o oposto do estado interior real da pessoa, é um engano miserável. Não importa quanto esforço diligente seja feito nesse sentido, continuará sendo um produtor de frutos maus. Isto é melhor ilustrado por alguém ocupado a pendurar maçãs em todos os ramos de um espinheiro. Feito com cuidado, um resultado agradável pode parecer ser alcançado, mas não duraria muito, porque não há uma ligação viva com uma fonte de vida. Em pouco tempo, o fruto apodreceria e perderia qualquer valor alimentar que tivesse.

Uma macieira produz maçãs porque é uma árvore de maçãs, não porque as maçãs são penduradas na árvore. Por isso é que só um coração de amor pode produzir obras de amor. Pendurar maçãs num espinheiro é uma ilustração da aplicação incorrecta da instrução de vencer pelo nosso próprio esforço diligente.

Pendurar maçãs num espinheiro é certamente a acção da vontade, mas não a acção *correcta* da vontade.

Quando o Professor Mestre ensinou a verdade de que toda árvore produz frutos segundo sua própria espécie, Ele nos referiu uma lei da natureza tão conhecida que nem mesmo uma criança procura uvas em abrolhos. Em seis mil anos, não há um único registo de alguém encontrar uma excepção a essa regra. Imaginai que publicidade mundial seria dada a um caso de violação desta lei.

Então Jesus volta-Se para o reino espiritual e declara que as mesmas leis fixas e invioláveis governam a operação desse reino também. Portanto, fazemos bem em estudar a operação de crescimento e vida na natureza, para que possamos entender a operação da vida e crescimento no mundo espiritual e assim aprenderemos onde, quando e como aplicar nosso próprio esforço diligente na luta da fé e a aplicação da *correcta* acção da vontade.

Vamos então reproduzir a ilustração acima da batalha para produzir justiça, agora não apenas no reino espiritual, mas em vez disso no mundo natural.

Suponhamos que tínheis acabado de comprar uma casa no campo e essa casa tinha um antigo jardim abandonado. Como tal, tinha o espinheiro, ervas daninhas e outros. Muito naturalmente, não tendes prazer nos espinhos e preferis uma boa colheita de maçãs todos os anos.

Mas agora surge um problema que requer uma solução positiva e eficaz. Como é que iríeis resolver isso?

Vejamos o que podíeis fazer em seguida.

Iríeis vós com firme determinação e força de vontade, decidir trabalhar nesse espinheiro e cultivá-lo, irrigá-lo, fertilizá-lo e desbastá-lo cuidadosamente, num esforço para o fazer produzir maçãs? E depois de fazer tudo o que podias com esforço diligente e acção *correcta* da vontade, com forte fé no poder ilimitado de Deus para fazer qualquer coisa, ajoelharias diante dessa árvore e pedirias a Deus para ajudá-lo a produzir maçãs?

A vossa resposta devia ser:

“Por que pergunta, a resposta é: ‘um absoluto não!’”

Provavelmente iríeis até sentir que é ridículo sugerir tal procedimento, mas pensai novamente e perguntai-vos que diferença há entre esta abordagem no mundo natural para o problema do espinheiro, e a abordagem descrita anteriormente para o problema no mundo espiritual.

Não há qualquer diferença em tudo isto.

O homem amaldiçoado com um mau temperamento, que se esforça ao máximo para não sentir mal contra o seu irmão e evita dizer ou fazer acções erradas em resposta a esses sentimentos, ao mesmo tempo que pede a Deus que o ajude a fazer isto, não está a ser diferente do homem que seria tão tolo ao ponto de trabalhar num espinheiro na tentativa de fazê-lo produzir maçãs.

Não há diferença alguma.

Suponhamos, porém, que ele tinha fé ilimitada no poder de Deus para fazer qualquer coisa, e no poder dessa fé pedia a Deus para o ajudar a fazer com que espinheiro produzisse maçãs, o Senhor certamente não iria responder a essa oração? Acordaria ele numa manhã e encontraria uma boa colheita de maçãs nesse espinheiro?

A resposta é um enfático não!

Esse homem poderia orar insistentemente e incansavelmente, durante cem anos, ou mil anos, ou um milhão de anos, e tudo o que ele teria seria sempre um espinheiro, supondo que a árvore tivesse vivido tanto tempo. A única diferença seria que era maior e mais espinhoso do que nunca, porque teria tido muito mais tempo para desenvolver e reproduzir-se segundo a sua própria espécie, mas em todo esse tempo, nunca produziria uma única maçã.

Porque é que o Senhor nunca respondeu a essa oração, apesar da forte fé do homem e da sua insistente perseverança?

Essa é uma pergunta muito boa!

A resposta é dupla.

No primeiro caso, ele estaria a pedir algo que o Senhor nunca ofereceu nem prometeu fazer. Tem que haver uma promessa a ser cumprida, antes que possa haver um cumprimento da promessa. Nunca deve ser pedido o cumprimento de uma promessa inexistente, pois estareis pedindo em vão.

No segundo caso, envolveria a quebra das Suas próprias leis se Ele fizesse um espinheiro começar a produzir maçãs.

Já parastes para pensar quais seriam as implicações se Deus mudasse as Suas leis a fim de acomodar um pecador? As condições para a vida nesta Terra se tornariam um inabitável desastre.

Para perceber isto, não precisais de fazer nada mais do que escolher qualquer uma das leis de Deus e, em seguida, considerar o resultado de a mudar. Aqui está um exemplo:

No primeiro livro da Bíblia, Génesis, capítulo um, Deus afirma repetidamente a lei de que toda a vida animal e vegetal deveria reproduzir-se de acordo com a sua espécie. Isto quer dizer que o semelhante gera o mesmo. Gado gera gado; cavalos geram cavalos; espinheiros geram espinheiros, e assim por diante.

Os seres humanos são muito dependentes dessa lei para a continuação da sua existência. Por exemplo, um agricultor pega na sua semente de trigo numa determinada época do ano e a semeia no solo. Dadas as condições favoráveis, ele espera que a maioria das sementes germinem. A certeza dele é que, com infalível segurança, todas as sementes que germinarem serão como trigo e não outra coisa. Por outras palavras, não haveria uma variedade de resultados na sua seara com origem num tipo de semente. Ninguém, incluindo o agricultor, gostaria que fosse de outra maneira. Imaginai a consternação se surgisse numa colheita de boas plantas comestíveis — tomates, pepinos, abóboras, couve, azeitonas e assim por diante, e plantas malignas — tabaco, cardos, hera venenosa, espinhos e espécies indesejáveis, todos da mesma semente de trigo.

Assim, nenhum agricultor semeia o seu trigo e espera ansiosamente para ver o que virá. Ele sabe com total confiança o que sairá da terra quando semear o seu trigo — trigo! Assim, ele desfruta e repousa sobre a absoluta fiabilidade da lei que afirma que uma espécie somente se reproduz conforme si mesma.

Isso já seria suficientemente sério, mas o pior vem a seguir. Se a lei da reprodução fosse revogada ou anulada, todos os casais esperariam com horror crescente a chegada dos seus filhos sem saber o que esperar. A mãe podia dar à luz qualquer animal, pássaro ou réptil. Não existe uma mulher no mundo que desejasse que tal maldição caísse sobre ela, mas é exactamente isso que a humanidade pede sempre que, em oração, roga a Deus que os ajude a produzir maçãs num espinheiro, ou o amor de Deus num coração cheio de ódio.

Isso só pode significar que devemos ir ao Senhor da maneira correcta e apropriada. Existe apenas uma dessas maneiras. Não há variações nem alternativas. São os homens que buscaram muitas invenções e acreditam que existem muitas maneiras de chegar ao Céu. Frequentemente ouvirão a expressão:

“Afinal, todos nós servimos ao mesmo Deus e todos estamos lutando para alcançar o mesmo Céu e todos nós vamos chegar lá no final, mesmo que não estejamos sempre de acordo.”

Esse pensamento é perigoso e falacioso. Existe apenas um caminho certo e somente aqueles que o encontrarem e seguirem acabarão por entrar no reino. Isso é apenas dizer que, não importa quão forte seja a nossa determinação ou o nosso esforço diligente correspondente, não importa quão sinceros sejamos, não importa quão grandes sejam os nossos anseios ou intensos e reais na nossa sinceridade, a menos que encontremos o caminho certo para a salvação, certamente falharemos em obter a justiça viva do Deus vivo e estaremos perdidos no final.

Há quem se oponha fortemente a isto. Eles argumentam que não seria razoável o Senhor limitar as coisas até esse ponto. Eles alegarão que, se formos verdadeiramente sinceros nos nossos esforços e em nosso desejo de servir ao Senhor, Ele aceita isso como o melhor que podemos fazer e salvar-nos-á de qualquer maneira.

Estes argumentos não são consistentes com os lícitos princípios de operação através dos quais conseguimos fazer as nossas tarefas diárias. Por exemplo, se desejardes produzir um bom pão, tereis

de seguir um conjunto de regras definidas. Ninguém argumenta em desfavor disto, pois, conhecer e seguir essas orientações é sucesso garantido. Por esse motivo, são muito populares os cursos práticos em que os alunos podem aprender a fazer coisas pela prática. Note-se que os monitores desses cursos são muito exigentes de que as suas instruções sejam executadas com exactidão. É amplamente entendido que nenhuma sinceridade compensará os procedimentos errados.#

Considerai o caso do coitado Willy. O pobre Willy já não está connosco. O que o Willy pensou ser H₂O era de facto H₂SO₄. No entanto, o pobre Willy sinceramente acreditava que estava a beber água (H₂O), mas essa sinceridade não o salvou quando pegou e engoliu ácido sulfúrico (H₂SO₄) em lugar de água.

Ninguém pensa que o Senhor não é razoável ao exigir que sigamos os procedimentos correctos antes de podermos esperar colher maçãs. Toda a informação está disponível. Fomos abençoados com o poder da razão, para que possamos aprender e aplicar o conhecimento adquirido.

Assim também na esfera espiritual, por que deveria ser considerado irracional que o Senhor exigiria mais do que apenas sinceridade e a aplicação do nosso melhor esforço? Toda a informação necessária é apresentada nos termos mais claros possíveis na Palavra de Deus. O Senhor nos abençoou com mentes intelectuais, para que tenhamos o poder de pesquisar essas coisas e, além disso, forneceu o melhor dos professores na Pessoa do Espírito Santo. Simplesmente não há necessidade de se desviar. Nunca esqueçamos que foi o próprio Jesus quem disse:

“E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.” *João 8:32*.

Quando Jesus disse estas palavras, não estava senão a repetir o que Ele já tinha dito por meio do profeta:

“O meu povo foi destruído, porque lhe faltou o conhecimento.” *Oseias 4:6*.

Se estivermos perdidos para sempre a culpa será inteiramente nossa. Não haverá ninguém para culpar, a não ser nós mesmos, pois todas as informações necessárias estão ali, não em termos complicados nem difíceis. Deixemos para sempre a ideia de que sinceridade e vontade são suficientes. É a verdade que nos salva, não a nossa sinceridade. Uma pessoa pode estar tão sinceramente errada quanto sinceramente certa. Não é a sinceridade que conta, embora sem ela ainda estivesse perdida, mas é a rectidão ou o errado do assunto que é vital.

Concluímos, então, que é de vital importância que venhamos ao Senhor na maneira correcta de pedir a coisa certa. Se chegarmos em qualquer outra forma, estaremos perdidos e a culpa jazará à nossa própria porta.

É tempo de voltar agora ao estudo do espinheiro e das maçãs para podermos aprender a maneira certa e descobrir onde o nosso próprio esforço diligente deve entrar.

Por isso voltamos ao jardim em que está esse espinheiro para ver o que fazemos para obter as maçãs que tanto desejamos ter. Vimos que certamente não seríamos tão tolos ao ponto de nos darmos ao trabalho de cultivar, fertilizar e regar aquele velho espinheiro. Não passaríamos um momento do nosso precioso tempo fazendo isso. Sabemos que seria tempo mais do que desperdiçado. E se não fariamos isso, também não iríamos tão longe ao ponto de nos ajoelharmos e pedir ao Senhor que nos ajudasse agora a fazer com que aquele espinheiro produzisse maçãs. Não é assim que se faz. Sabemos que poderíamos passar um tempo sem fim trabalhando naquele espinheiro com a máxima sinceridade e energia e poderíamos passar horas orando por ele e nunca produziria nada além de mais e mais espinhos. De facto, quanto mais tempo fosse investido nele, mais espinhoso se tornaria.

Vimos que o primeiro passo é a erradicação completa do antigo senhor do pecado, em que no jardim é representado pelo espinheiro. Enquanto esta árvore má pode ser arrancada pelo homem, a natureza maligna somente pode ser retirada por Deus. Estamos, por conseguinte, totalmente dependentes d'Ele para a remoção indispensável da mente carnal.

Por seu lado, Deus está totalmente dependente de nós para retirar a nossa velha natureza para a destruição, pois Ele não pode tomá-la contra a nossa vontade, ou secretamente. Não há nada que Ele mais deseje tirar do que isso. Mas, essa velha natureza má sois vós e pertence-vos. É propriedade vossa, não importa o quanto possais odiar essa propriedade em particular. E sendo vossa, o Senhor

não pode aceitá-la nem aceitará, a menos que especificamente e voluntariamente Lhe seja entregue. Se Ele a tirasse por qualquer outro meio ou sob qualquer outra condição, Deus estaria a roubar. Mas Ele é total e unicamente justiça, e nunca roubará nada de ninguém.

Mas, o pecado é uma coisa tão enganadora, que não temos consciência da sua presença até que seja despertado para a vida. Portanto, o Senhor do Céu deve primeiro tornar-nos conscientes da existência em nós desse problema. Para fazer isso, Ele permite que a tentação venha e isso desperta a natureza maligna para a vida. O plano de Deus é que ao vermos o mal que somos nós mesmos e, odiando-o, o entreguemos a Ele.

Este é o Plano Divino, mas nós o frustramos fazendo o oposto do que Deus deseja que façamos. Em vez de confessar humildemente o que somos e entregá-lo a Deus para que Ele possa tirá-lo do caminho, fazemos o possível para o puxar de volta para onde ele veio e pedir a Deus que nos ajude a fazê-lo. Ao fazer isso, estamos realmente implorando a Deus que trabalhe contra Si próprio, pois, enquanto Ele está trabalhando para trazer os males da nossa natureza para cima e para fora e para longe de nós, estamos determinando puxá-los de volta para dentro de nós mesmos outra vez. Portanto, trabalhar contra Deus já é suficientemente grave, mas pedir-Lhe que nos ajude a fazê-lo, é tão grave que está além de computação e, se continuado, certamente custar-nos-á a vida eterna.

Portanto, para receberdes a justiça que Ele tem, então deveis procurá-l'O e, em vez de Lhe pedir que vos ajude a obter a vitória sobre essa coisa, deveis reconhecer francamente que é odioso. Dizei ao Senhor que não desejais ser esse tipo de pessoa e pedi-Lhe que tire isso da vossa vida. Mas quando estais puxando aquela coisa de volta para vós mesmos e tentando mantê-la escondida e longe dos olhos dos outros homens, quando, num momento em que estais cheios de ódio, estais tentando e lutando com tanta força para agir com amor, então estais lutando, lutando e lutando para fazer o oposto do que Deus sabe que só Ele pode resolver a situação. Vós estais lutando, lutando e lutando para colocar maçãs num espinheiro, e isso nunca pode resultar.

Até agora, temos vindo a considerar onde a aplicação do nosso próprio esforço diligente não está de acordo com a ordem divina. Agora estamos prontos para aprender onde está o seu lugar na vitória contra o mal.

Como a macieira que tanto usamos para ilustrar a fecundidade da vida cristã, cresce desde que é plantada até se tornar numa árvore adulta, assim é também no reino espiritual. A nossa vida espiritual começa com a germinação da semente de Cristo, após o que cresce constantemente até à plena maturidade, desde que o filho de Deus aplique um esforço diligente em nutrir a preciosa planta e em protegê-la das forças que a destruiriam.

Tudo isso é ilustrado adequadamente nos esforços empreendidos pelo jardineiro para cuidar da macieira no jardim. O não cumprimento diligente e minucioso dessas tarefas fará com que a preciosa árvore frutífera não se torne frutífera ou até perca a vida.

O solo deve ser tratado continuamente para destruir todas as ervas daninhas, espinhos e cardos antes de terem a oportunidade de se instalarem. Ele deve garantir que haja nutrientes adequados disponíveis no solo em que a árvore está crescendo. Sabendo que é necessário um amplo suprimento de água para que os processos de crescimento continuem, ele garante que a área ao redor da árvore seja mantida húmida dia após dia. À medida que a árvore cresce, são necessárias podas e tratamentos hábeis para cortar os ramos desnecessários e modelar a árvore de modo a receber a luz do sol. Onde necessário, e uma cerca robusta deve ser instalada para impedir o acesso dos animais que destruiriam os frutos.

Qualquer pessoa que hoje se propõe a produzir maçãs sabe que é necessário um esforço muito diligente para recolher com êxito uma colheita de bons frutos.

Mas, não deve ser esquecido que em toda essa batalha para obter uma colheita, o agricultor não está a cultivar uma semente má e a árvore que dela cresce, mas está dedicando todas as suas energias à boa semente. Ele poderia direccionar todo seu conhecimento e capacidade para a árvore má se fosse tolo o suficiente para desperdiçar ali os seus recursos, mas, em vez disso, não vê sentido fazê-lo.

Assim é com o esforço diligente que um indivíduo pode dedicar-se ao jardim do seu coração. Ele pode gastar suas energias num coração mau, como tantas outras pessoas, ou, tendo sido libertado do coração de pedra e dotado de uma nova vida, ele pode direccionar todos os seus poderes para desenvolver a semente justa de um carácter totalmente justo.

Ao mesmo tempo, juntamente com o cultivo diligente da boa árvore, ele se esforça para impedir os seus inimigos — pragas de insectos, doenças, secas, chuvas, saqueadores de animais etc. — tirem dele o que possui.

Mais uma vez, é assim que o cristão, filho de Deus, achará necessário todos os dias, não adquirir novamente o dom celestial, mas sujeitá-lo ao cultivo mais intensivo para que o seu crescimento possa ser maximizado, a sua integridade assegurada, e os seus pontos fortes consolidados. Verificar-se-á que, quanto mais diligente for o esforço, mais satisfatório será o resultado final.

Ao mesmo tempo, ele deve ser muito diligente em proteger a sua preciosa riqueza de ser roubada pelos seus inimigos. Caso contrário, acabará por perder o dom de Deus para os inimigos quando sobrecarregado pelos cuidados desta vida, negligência na oração, falta de fé, indulgência de apetite, egoísmo, falta de testemunho do amor do Salvador e assim por diante.

Neste ponto, tornar-se visível outra distinção importante. É que, embora não possamos pedir a Deus que nos ajude a obter a vitória sobre a mente carnal e pecaminosa, podemos e devemos pedir a Sua ajuda para obter a vitória sobre os inimigos que buscam roubar-nos a nova natureza, que é o dom de Deus, que é o novo nascimento.

E é preciso lembrar que em tudo isso, ele agora tem a poderosa ajuda do Deus do Céu para ajudá-lo nessa batalha. Embora Deus não o ajude a obter a semente, mas a dê como um dom, o Senhor certamente vem em auxílio de todo homem na Terra que O procura em busca dessa ajuda. Enquanto o jardineiro cristão procura ajuda no Deus do Céu e pede essa ajuda, ao mesmo tempo que faz todo o diligente esforço necessário que pode, Deus envia vida e crescimento do alto, repreende o devorador e transmite vitalidade à árvore. De modo que, no devido tempo, pela graça de Deus e pelo esforço diligente do homem, a árvore produz uma boa colheita de frutos.

E como é na natureza, também é na graça. Uma é a ilustração perfeita da outra. Isso ocorre porque as mesmas leis que operam no mundo natural também operam no mundo espiritual.

E é assim que, quando nascemos de novo ao receber o dom de uma vida completamente nova, as coisas estão apenas começando. Agora começa o esforço diligente, a luta e a batalha. Agora, como nunca antes nos tornamos o objecto do ataque especial do diabo, ele reúne todas as suas forças para destruir de nós o dom abençoado que o Senhor colocou em nós. Diante dessa oposição determinada, precisamos nos apegar a esse dom e desenvolvê-lo pela graça de Deus e por nosso próprio esforço diligente. E isso exige esforço e é necessária uma batalha, como sabem todos os que se propuseram fazê-lo.

Mas lembrai-vos de que não é uma batalha obter a justiça de Cristo. Esse é o dom de Deus. É uma batalha, não para o obter, mas para o manter. O cristianismo não é um crescimento para a justiça, mas crescimento em justiça.

A nossa posição agora é como a de um homem no seu castelo que está a ser atacado por todos os lados por inimigos mortais. A sua tarefa é observar todas as vias de ataque, fortalecer continuamente as suas defesas e ficar em guarda para não perder a sua posição e o seu poder.

Voltando à ilustração da boa árvore, podemos ver que, assim como a árvore deve ser cuidadosa e diligentemente nutrida com os alimentos adequados às plantas, a vida espiritual deve ser alimentada com as verdades da Palavra de Deus. É verdade que o Senhor do Céu fornece o alimento para a planta, mas é o trabalho do jardineiro aplicá-lo. O Senhor nunca fará isso por nós. Essa é a nossa parte e é deixada para nós.

De igual modo, o Senhor fornece uma abundância do melhor alimento espiritual para alimentar a vida espiritual. Mas o Senhor não nos dá isso sem nenhum esforço da nossa parte. Está tudo lá nas Escrituras, mas devemos reservar um tempo, ir a esse Livro, abrir as páginas e pesquisar e estudar para entender o que significa e fazer de tudo isso parte da nossa experiência de vida.

Quem deseja construir uma experiência cristã forte e frutífera deve, entre outras coisas, ser um estudante da Bíblia muito minucioso e diligente. É impossível atingir esse nível de experiência sem isso. Mas ser um estudante da Palavra requer sacrifício. É necessário sacrificar os prazeres e interesses que se desejaria muito mais naturalmente seguir. Por exemplo, o melhor e mais lucrativo tempo para estudar a Palavra de Deus é nas primeiras horas do dia. Mas é também nesse momento que o prazer das nossas camas quentes e aconchegantes é maior, e é preciso um decidido esforço muito grande da vontade e do sacrifício desse prazer para se levantar e ir ao encontro do Senhor com a Sua Palavra aberta diante de nós.

Mais uma vez, outros interesses e responsabilidades prementes reivindicam o primeiro lugar na ocupação do nosso tempo e energias, deixando tão pouco ou nada para fortalecer nossas fortificações espirituais. Eventualmente será descoberto por muitos quando for tarde demais para recuperarem, que não aplicaram o seu próprio esforço diligente a fim de garantir a sua vocação e eleição. Existe um poder na Palavra de Deus que é conhecido por poucos. Consequentemente, há uma fraqueza terrível, onde devia haver uma força impressionante, como mostram os parágrafos seguintes.

“A ignorância que ora infelicita o mundo quanto às obrigatórias reivindicações da lei de Deus, é o resultado de negligenciar o estudo das Escrituras. É o elaborado plano de Satanás absorver e ocupar, por tal forma, o espírito, que o grande Livro-guia vindo de Deus não seja considerado como o Livro dos livros, e o pecador não se desvie da vereda da transgressão para a senda da obediência.

“Por que será que nossos jovens, e mesmo os de idade mais madura, são tão facilmente levados à tentação e ao pecado? É porque a Bíblia não é estudada e meditada como devia ser. Se dela se fizesse estudo diário, haveria uma retidão interior, uma fortaleza de espírito capazes de resistir às tentações do inimigo. Não se observa na vida firme e decidido esforço para se desviar do mal, porque as instruções dadas por Deus são rejeitadas. Não há o esforço que devia ser feito a fim de encher a mente de pensamentos puros, santos, libertando-a de tudo quanto é impuro e falso. Não se faz a escolha da melhor parte — sentar-se aos pés de Jesus como Maria, a fim de aprender lições do divino Mestre.

“Quando a Palavra de Deus se torna o nosso conselheiro, quando examinamos as Escrituras em busca de luz, anjos celestes se aproximam para impressionar o espírito e iluminar o entendimento, de modo que se possa em verdade dizer: ‘A exposição da Tua Palavra dá luz; dá entendimento aos simplices.’ Salmos 119:130. Não admira o não haver mais mentes que se ocupem do Céu, entre os jovens que professam o Cristianismo, quando tão pouca atenção se dá à Palavra de Deus. Os divinos conselhos não são atendidos; as advertências do Senhor não são obedecidas. Não se buscam graça e sabedoria celestes, para que se purifique a vida de todo traço de corrupção.” *Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes*, 442, 443.

Mas, assim como o jardineiro não é deixado sozinho para fazer o seu trabalho sem a assistência divina, o estudante sincero da Bíblia não é deixado sozinho para fazer esse trabalho em sua busca de saúde e força espirituais. Aqui é onde o Senhor deve ser chamado a prestar ajuda onipotente. Em resposta aos apelos cheios de fé de Seu povo, Ele envia os Seus anjos para impressionar a mente, abrir o entendimento e orientar o estudante na sua busca. Sem essa ajuda, nenhum homem jamais poderia entender algo da verdade da Palavra de Deus.

“As palavras de Deus são a fonte da vida. Ao buscardes esses vivos mananciais haveis de, mediante o Espírito Santo, ser postos em comunhão com Cristo. Verdades familiares apresentar-se-ão ao vosso espírito sob novo aspecto; como o clarão de um relâmpago, novas significações cintilarão de textos familiares da Escritura; vereis a relação de outras verdades com a obra da redenção, e sabereis que Cristo vos está guiando; que tendes ao lado um Mestre divino.” *O Maior Discurso de Cristo*, 20.

Como ocorre na natureza, assim é na graça.

E como na natureza a árvore boa deve ser regada com a água adequada, assim a alma deve ser renovada com a água da vida. Mas isso só pode ser obtido através da comunhão com o Senhor na oração e no estudo. A oração diligente e fiel é essencial para o crescimento da experiência cristã.

Não existe o escopo ou o espaço para um estudo sobre a oração na vida do cristão aqui, mas salientemos de passagem que Jesus passou muitas longas horas da noite em oração em comunhão com o Seu Pai, bebendo profundamente as águas da vida. Lereis testemunhos da Sua vida como este:

“E, levantando-se de manhã muito cedo, estando ainda escuro, saiu, e foi para um lugar deserto, e ali orava.” *Marcos 1:35*.

Aqui estava um segredo do poderoso poder do Salvador, pois Ele teve que crescer e desenvolver-se nesta vida exactamente como nós temos que fazer. Se Ele precisava sair e orar nas longas horas escuras da noite, então quanto mais precisamos nós?

A menos que sejamos fiéis na nossa vida de oração e façamos o maior esforço diligente para encontrar e tomar o tempo para orar, a fim de nos elevarmos acima do cansaço da carne e da pressão da actividade incessante da vida, a nossa árvore espiritual nunca crescerá e florescerá mas será vítima de todos os inimigos do mal que estão empenhados na sua destruição.

“As trevas do maligno envolvem os que negligenciam a oração. As sutis tentações do inimigo os incitam ao pecado; e tudo isso por não fazerem uso do privilégio da oração, que Deus lhes conferiu.” *Caminho a Cristo, 94*.

“Sobretudo não devemos negligenciar a oração secreta, pois ela é a vida da alma. É impossível a alma prosperar enquanto é negligenciada a oração.” *Caminho a Cristo, 98*.

Essas palavras são tão claras quanto verdadeiras. Mas lembrai-vos de que a responsabilidade recai sobre nós chegar ao local de oração e orar. O Senhor não nos arrastará para lá. Cabe a nós vir e requer o nosso esforço diligente e determinação de propósito para cumprir a advertência, especialmente quando o diabo, que sabe melhor do que nós, a importância deste exercício, lançará todas as dificuldades e incentivos para fazer o contrário no caminho.

Mas, assim como o agricultor deve proteger a árvore boa contra todos os inimigos que a atacam, também nós devemos guardar cuidadosa e incansavelmente a alma contra as muitas abordagens subtis do inimigo. Quantas vezes na Bíblia vem o aviso para “vigiar”.

“Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; na verdade, o espírito está pronto, mas a carne é fraca.” *Mateus 26:41*.

E mais uma vez Ele disse em Sua revelação a João:

“(Eis que venho como ladrão. Bem-aventurado aquele que vigia e guarda as suas vestes, para que não ande nu, e não se vejam as suas vergonhas.)” *Apocalipse 16:15*.

Mas lembrem-se de que o Senhor não fará a vigilância por nós. Ele lançará avisos e nos ajudará neste trabalho, mas é basicamente o nosso trabalho, e Ele espera que façamos isso. Se não o fizermos, Ele não interporá miraculosamente para nos salvar por causa da nossa própria negligência. Devemos guardar fielmente todas as avenidas da alma e, com verdadeiro alerta espiritual, discernir todas as abordagens do inimigo e depois pedir ao Senhor que o afaste. Isso Ele fará instantaneamente, se o invocarmos com verdadeira fé.

E exactamente como é na natureza onde é necessário o máximo de esforço diligente para produzir os bons frutos na sua estação, assim, no reino espiritual, nenhum homem colherá bons frutos na sua vida, a menos que faça o maior diligente esforço possível depois de receber do Céu a dádiva da vida boa. Uma experiência viva, um forte carácter simétrico, não se desenvolve milagrosamente nem sem esforço por parte do indivíduo. Se desejais esse tipo de carácter, e é vossa responsabilidade diante de Deus e do homem ter esse tipo de carácter, depois de receber o dom da nova vida, então, deveis trabalhar com todos os poderes que o Senhor vos deu, enquanto confiais que o Senhor está do vosso lado como vosso poderoso Ajudador.

E assim à medida que o homem trabalha, trabalha o Senhor, e a combinação do esforço Divino e do humano no jardim produz o fruto abundante da árvore boa, e no reino espiritual produz o fruto abundante da justiça.

Agora deve ser evidente para aqueles que estão a estudar este grande tema da vida em justiça, que há um lugar para nosso esforço diligente, e há outro lugar onde ele não deve ser usado. Deve ser evidente que existe uma parte que o Senhor deve fazer, e que somente Ele pode fazer, e há uma parte

que devemos desempenhar que o Senhor não fará por nós. Não devemos tentar fazer a parte do Senhor e não devemos cometer o erro de pensar que Ele virá e nos substituirá na nossa parte.

Quando entendemos essa relação, então para nós, toda a contradição relativamente a este assunto desaparece. Há quem cite todos os textos que descrevem a salvação como sendo um dom de Deus, ignorando ao mesmo tempo aqueles que revelam a necessidade e o lugar de um esforço diligente. Para essas pessoas, tudo deve ser feito por Deus e elas não têm nada para fazer. Por mais maravilhoso que tenha sido o novo nascimento, eles nunca desenvolverão um carácter frutífero forte e duradouro.

Por outro lado, há aqueles que reúnem todas as Escrituras que descrevem o esforço diligente, a guerra e a necessidade de morrer diariamente, e afirmam que elas realmente representam uma imagem precisa da experiência cristã. Para eles, as Escrituras que dizem que a salvação é um dom são contraditórias. Mas é um erro terrível favorecer uma posição nas Escrituras à custa da outra, pois a palavra de Deus não é desequilibrada.

É da maior importância entendermos o relacionamento entre ambos e colocá-los no lugar certo. Se fizermos um esforço diligente para receber o dom, em primeiro lugar, estaremos tentando fazer a obra do Senhor, e isso nunca podemos fazer. Estaremos perdidos sempre que tentarmos isso.

Por outro lado, se deixarmos de fazer um esforço diligente para desenvolver e proteger o dom, também nunca produziremos uma colheita abundante de bons frutos. E a grande verdade permanece para sempre que é “Mediante a graça de Deus e seu próprio esforço diligente, devem eles ser vencedores na batalha contra o mal.” *O Grande Conflito*, 425.

Então ide ao Senhor e recebei d’Ele o dom da vida eterna, e, em seguida, encetai o trabalho com todos os poderes que Ele vos deu e com a Sua poderosa ajuda, construam um carácter para esta vida e para a eternidade.

Capítulo 23

De Fé em Fé

Parece que a maioria das pessoas que alcançou a experiência do novo nascimento não o fez antes de atingir a idade adulta, embora alguns, sem dúvida, tenham recebido o abençoado dom durante a infância, e há os poucos privilegiados que nasceram de novo na concepção ou muito pouco tempo depois. Não importa quantos a idade que tínhamos ou quão jovens éramos fisicamente no momento em que o milagre do novo nascimento ocorreu, a nossa vida espiritual tinha acabado de começar. A nossa idade espiritual era zero. Nas Escrituras, a nova natureza é comparada, muito correctamente, a um bebé recém-nascido, indefeso e dependente. Não há bebé recém-nascido tão indefeso quanto um bebé humano. Até o bebé canguru é capaz de se reposicionar na bolsa da mãe imediatamente após o nascimento, enquanto o máximo que um bebé recém-nascido pode fazer é mexer as pernas e agitar os braços inutilmente e pedir ajuda.

A urgente necessidade física e espiritual do bebé é o crescimento.

À medida que os dias após o nascimento do bebé passam, os pais observam com grande expectativa as evidências de que o crescimento está em curso. Frequentemente são feitas medições para satisfazer todos os interessados de que a taxa de crescimento não é muito baixa nem demasiado alta. Ao mesmo tempo, as capacidades de despertar da criança são observadas com alegre satisfação nos casos em que são normais. Em breve seguem-se os sucessivos progressos de poder sentar, gatinhar, ficar de pé e correr. Nesses primeiros dias, em particular, o destaque é para o crescimento físico, mas à medida que a criança cresce, as capacidades intelectuais se tornam mais manifestas.

Semelhantemente, a vida recebida no novo nascimento é um bebé espiritual recém-nascido e também deve crescer de altura em altura no desenvolvimento espiritual, como está escrito:

“Como meninos novamente nascidos, o leite racional, não falsificado, para que, por ele, vades crescendo.” *1 Pedro 2: 2.*

Como o alimento fornecido a um bebé físico recém-nascido é na forma melhor calculada para promover o seu crescimento, assim apenas o leite espiritual deve ser fornecido a bebês espirituais recém-nascidos, “para que, por ele, vades crescendo.”

Mas aqueles que falharam em crescer espiritualmente ainda precisam de leite, sendo incapazes de assimilar alimento sólido. Havia cristãos hebreus que estavam nessa condição deploravelmente atrofiada nos dias de Paulo. Tendo inicialmente nascido verdadeiramente de novo, haviam negligenciado garantir manter uma real taxa de crescimento constante das suas naturezas espirituais, com o triste resultado de que deveriam ter sido professores hábeis da palavra de Deus, precisavam eles mesmos de ser ensinados na mensagem novamente. Aqui está a avaliação de Paulo da experiência espiritual deles:

“Porque, devendo já ser mestres pelo tempo, ainda necessitais de que se vos torne a ensinar quais sejam os primeiros rudimentos das palavras de Deus; e vos haveis feito tais que necessitais de leite e não de sólido mantimento.

“Porque qualquer que ainda se alimenta de leite não está experimentado na palavra da justiça, porque é menino.

“Mas o mantimento sólido é para os perfeitos, os quais, em razão do costume, têm os sentidos exercitados para discernir tanto o bem como o mal.

“Pelo que, deixando os rudimentos da doutrina de Cristo, prossigamos até a perfeição, não lançando de novo o fundamento do arrependimento de obras mortas e de fé em Deus,” *Hebreus 5:12-6:1*.

Sejam plantas, animais ou seres humanos, os seres vivos devem crescer ou perderão a sua resistência às doenças, ficarão atrofiados, improdutivos e em breve morrerão. No reino espiritual, aqueles que não conseguem crescer na graça e no conhecimento de Deus, certamente perdem o seu poder de diferenciar entre verdade e o erro e ficam privados da sua capacidade de resistir à tentação. Assim, as suas vidas, embora de carácter religioso, são um programa contínuo de derrota e, portanto, de aproximação à morte eterna.

“É positivamente necessário que aqueles que acreditam na verdade estejam fazendo progresso contínuo, crescendo até à plena estatura de homens e mulheres em Cristo Jesus. Não há tempo para retroceder e para a indiferença. Cada um deve ter uma experiência viva nas coisas de Deus. Criaí raízes em vós mesmos. Fundem-se na fé, para que, depois de tudo terem feito possais resistir com inabalável confiança em Deus, durante o tempo que testará a obra e o carácter de todos os homens. Exercitai os vossos poderes nas coisas espirituais até serdes capazes de apreciar as coisas profundas da palavra de Deus e seguir de força em força.” *Review and Herald, 10 de Janeiro de 1888*.

Jesus, no Seu maravilhoso ministério de ensino, mostrou a necessidade e a realidade do crescimento contínuo como parte essencial da experiência cristã. Para dar ênfase às verdades salvadoras da Sua Palavra, Ele empregou muitas lições de crescimento da natureza, como a parábola do semeador cuja semente caiu em diferentes tipos de solo; a do trigo e do joio; e a Sua referência ao princípio de primeiro a folha, depois a espiga; e por último o grão cheio na espiga. Depois vinha a colheita.

“A germinação da semente representa o início da vida espiritual, e o desenvolvimento da planta é uma bela figura do crescimento cristão. Como ocorre na natureza, assim é na graça; não pode haver vida sem crescimento. A planta precisa crescer ou morrer. Como seu crescimento é silencioso e imperceptível, mas constante, assim é o desenvolvimento da vida cristã. Nossa vida pode ser perfeita em cada fase de desenvolvimento; contudo haverá progresso contínuo, se o propósito de Deus se cumprir em nós. A santificação é obra de toda uma vida. Multiplicando-se as oportunidades, ampliar-se-á nossa experiência e crescerá nosso conhecimento. Tornar-nos-emos fortes para assumir as responsabilidades, e nossa maturidade será proporcional aos nossos privilégios.

“A planta cresce recebendo o que Deus provê para sustentar-lhe a vida. Aprofunda as raízes no solo. Absorve o sol, o orvalho e a chuva. Áureas propriedades vitalizantes do ar. Assim deve crescer o cristão, cooperando com os agentes divinos. Sentindo nosso desamparo, devemos aproveitar todas as oportunidades que se nos deparam, para ganhar uma experiência mais rica. Como a planta enraíza-se no solo, devemos também arraigar-nos profundamente em Cristo. Como a planta recebe o sol, o orvalho e a chuva, também devemos abrir o coração ao Espírito Santo. A obra deve ser feita ‘não por força, nem por violência, mas pelo Meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos’. Zacarias 4:6. Se conservarmos a mente firmada em Cristo, ‘Ele a nós virá como a chuva, como chuva serôdia que rega a Terra’. Oséias 6:3. Como o Sol da Justiça levantar-se-á sobre nós, trazendo salvação ‘debaixo das Suas asas’. Malaquias 4:2. Floresceremos ‘como o lírio’. Oséias 14:5. Seremos ‘vivificados como o trigo’, e floresceremos ‘como a vide’. Oséias 14:7. Confiando constantemente em Cristo como nosso Salvador pessoal, cresceremos em tudo naquele que é a cabeça.

“O trigo desenvolve-se ‘primeiro, a erva, depois, a espiga, e, por último, o grão cheio na espiga’. Marcos 4:28. O objetivo do lavrador no lançar a semente e na cultura da planta crescente é a produção de cereal. Deseja pão para os famintos, e semente para futuras searas. Assim espera o Lavrador divino uma colheita como recompensa de Seu trabalho e sacrifício. Cristo procura reproduzir-Se no coração dos homens; e faz isto por intermédio daqueles que nEle crêem. O objetivo da vida cristã é a frutificação — a reprodução do carácter de Cristo no crente, para que Se possa reproduzir em outros.” {PJ 27-28}, *Parábolas de Jesus*, 66, 67.

Foi pela fé que obtivemos em nós mesmos a germinação da semente divina, que é obtida apenas de Jesus Cristo, e assim nos tornámos bebés recém-nascidos nos quais a vida de Cristo reside. Foi pela fé que crescemos na graça depois disso. É um processo que nos leva da fé para uma fé maior, como Paulo expressou nas seguintes palavras:

“Porque não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego.

“Porque nele se descobre a justiça de Deus de fé em fé, como está escrito: ‘Mas o justo viverá da fé.’” *Romanos 1:16, 17.*

O nível de fé de hoje e, depois de crescer, não é suficiente para amanhã. Não importa o quão bonito seja um bebé hoje, se ele continuar assim, é apenas uma causa da mais profunda ansiedade e desgosto para os pais. Amanhã, tem que haver evidências de crescimento e progresso contínuo até alcançar a maturidade cristã plena. Isto não significa que todos os dias serão preenchidos com alegria e satisfação, carregados com a garantia da aprovação divina e livres da tentação de crer que o Senhor vos abandonou. Pelo contrário, haverá dias em que o inimigo vos oprimirá poderosamente e sentireis que o Senhor se afastou de vós. Nessas ocasiões, sofrereis o sentimento agonizante e desolador de sentir que fostes abandonados por Deus e pelo homem.

O próprio Cristo passou por essas experiências, exemplos das quais, entre outras, foram depois dos quarenta dias de jejum no deserto, durante a agonia no Jardim do Getsémani e na cruz quando clamou: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”

Todos precisam ter sempre em mente que:

“Os que finalmente serão vitoriosos terão em sua vida religiosa ocasiões de terrível dificuldade e provação; não devem, porém, rejeitar a sua confiança, pois isso é parte de sua disciplina na escola de Cristo, e é essencial a fim de ser eliminada toda escória. O servo de Deus deve suportar com ânimo os ataques do inimigo, suas ofensivas provocações, e vencer os obstáculos que Satanás lhe colocará no caminho.” *Mensagens aos Jovens, 63.*

Existe uma segura e certa cura para esse problema da nuvem de trevas quando ela vem sobre nós. É olhar para trás para o ponto onde a luz foi perdida pela última vez e para o lugar onde a vossa firmeza no amor do Salvador foi firme e decidido. Este foi o caminho seguido por Cristo quando as trevas do maligno pareciam surgir entre Ele e o Seu Pai. Ele olhou para trás para o Seu baptismo no rio Jordão e concentrou a Sua mente na glória ali revelada. Quando fez isso, despojou o opressor do poder para O envolver em escuridão e desespero.

“Quando as tentações vos assaltam, como certamente farão, quando o cuidado e a perplexidade vos cercam, quando, angustiados e desanimados, estais quase prontos para ceder ao desespero, olhai, ó olhai, para onde, com os olhos da fé vistes a luz pela última vez; e as trevas que vos envolvem serão dissipadas pelo brilhante esplendor de sua glória. Quando o pecado luta pela supremacia da vossa alma e sobrecarrega a consciência, quando a incredulidade obscurece a mente, ide ao Salvador. A Sua graça é suficiente para subjugar o pecado. Ele nos perdoará, tornando-nos alegres em Deus.” *Review and Herald, 1 de Outubro de 1908.*

“A justiça de Cristo é revelada de fé em fé; isto é, da vossa presente fé para uma crescente compreensão daquela fé que opera por amor e purifica a alma.” *Review and Herald, 17 de Setembro de 1908.*

Quanto mais valorizamos o amor do nosso Salvador, e quanto mais apreciamos o que Deus tem feito por nós no plano de salvação, mais desejamos alcançar o tesouro celestial, como fez o homem que vendeu tudo para comprar a pérola de grande valor.

Paulo foi um daqueles em quem o desejo de estar com o Senhor era extremamente forte, e ele se esforçou muito para se qualificar para ser um membro sempre crescente do reino de Deus. Ele testemunhou a força do seu propósito nestas palavras:

“Não que já a tenha alcançado ou que seja perfeito; mas prossigo para alcançar aquilo para o que fui também preso por Cristo Jesus.

“Irmãos, quanto a mim, não julgo que o haja alcançado; mas uma coisa faço, e é que, esquecendo-me das coisas que atrás ficam e avançando para as que estão diante de mim,

“Prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus.

“Pelo que todos quantos já somos perfeitos sintamos isto mesmo; e, se sentis alguma coisa doutra maneira, também Deus vo-lo revelará.

“Mas, naquilo a que já chegamos, andemos segundo a mesma regra e sintamos o mesmo.”

Filipenses 3:12-16.

E Pedro exprime a mesma determinação, com estas palavras:

“Graça e paz vos sejam multiplicadas, pelo conhecimento de Deus e de Jesus, nosso Senhor.

“Visto como o seu divino poder nos deu tudo o que diz respeito à vida e piedade, pelo conhecimento daquele que nos chamou por sua glória e virtude,

“Pelas quais ele nos tem dado grandíssimas e preciosas promessas, para que por elas fiquéis participantes da natureza divina, havendo escapado da corrupção, que, pela concupiscência, há no mundo,

“E vós também, pondo nisto mesmo toda a diligência, acrescentai à vossa fé a virtude, e à virtude, a ciência,

“E à ciência, a temperança, e à temperança, a paciência, e à paciência, a piedade,

“E à piedade, a fraternidade, e à fraternidade, o amor.

“Porque, se em vós houver e aumentarem estas coisas, não vos deixarão ociosos nem estereis no conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo.

“Pois aquele em quem não há estas coisas é cego, nada vendo ao longe, havendo-se esquecido da purificação dos seus antigos pecados.

“Portanto, irmãos, procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição; porque, fazendo isto, nunca jamais tropeçareis.

“Porque assim vos será amplamente concedida a entrada no reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.” *2 Pedro 1:2-11.*

Começando com a fuga da corrupção que existe no mundo pela luxúria, Pedro nos remete às grandes e preciosas promessas, pelas quais nos tornamos participantes da natureza divina. Este é o momento em que a semente divina implantada em nós pelo ministério do Espírito Santo germina pela obra do mesmo Espírito. Este é o novo nascimento, o começo da vida no crente.

O crente não deve permanecer neste nível de existência, mas deve adicionar, adicionar, adicionar. Existe uma lista e tanto. Ele diz, pondo nisto mesmo toda a diligência, acrescentai à vossa fé a virtude, e à virtude, a ciência, e à ciência, a temperança, e à temperança, a paciência, e à paciência, a piedade, e à piedade, a fraternidade, e à fraternidade, o amor.

A fé é bastante correctamente o primeiro atributo cristão, porque:

“Mas aquele que tem dúvidas, se come, está condenado, porque não come por fé; e tudo o que não é de fé é pecado.” *Romanos 14:23.*

Estar sob condenação é estar destituído de justiça. Portanto, nenhum desses tesouros maravilhosos pode ser acrescentado até que a fé esteja presente. Há um segundo testemunho dessa verdade que fala da seguinte maneira:

“Ora, sem fé é impossível agradar-lhe; porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe, e que é galardoador dos que o buscam.” *Hebreus 11:6.*

Com a fé como ponto de partida, a virtude deve ser acrescentada. Mas o que é a virtude?

É “o poder restaurador e vivificante do amor.” *A Ciência do Bom viver, 350.*

Quando ela fluía de Cristo para os enfermos e necessitados, eles eram curados de qualquer doença que tivessem. Os paralíticos deixaram as muletas, os cegos viram pela primeira vez o rosto do seu Benfeitor, os mudos cantaram os seus louvores e todos se alegraram com a presença d’Ele. Hoje existem aqueles que anseiam pela mesma manifestação da eficácia da virtude que flui, o poder curador do amor, mas agora é o momento em que mais uma vez os enfermos serão curados por esse maravilhoso processo.

À virtude, devemos somar a ciência. A princípio, isso será muito escasso, tanto que nos sentiremos totalmente inadequados quando a oportunidade se apresenta para ensinar a verdade àqueles que não a conhecem. Para esse fim, devemos crescer em conhecimento para nos tornarmos professores da verdade proficientes. Mas parte da obtenção desse conhecimento é apresentar o que já sabeis. Isto é ilustrado pela missão dada aos dois demoníacos de Gergesa que foram libertados da posse demoníaca e restaurados aos seus sentidos sãos, enquanto os habitantes locais ficaram muito descontentes com a perda monetária por causa deles.

“Muito diverso, todavia, foi o sentimento dos restabelecidos endemoninhados. Desejavam a companhia de seu Libertador. Em Sua presença, sentiam-se seguros contra os demônios que lhes haviam atormentado a existência e arruinado a varonilidade. Quando Jesus ia para tomar o barco, mantiveram-se bem perto dEle, ajoelharam-se-Lhe aos pés, e rogaram que os deixasse estar sempre ao Seu lado, para que sempre O pudessem ouvir. Mas Jesus lhes mandou que fossem para casa e contassem quão grandes coisas o Senhor fizera por eles.

“Ali estava para eles uma obra a realizar — ir para um lar pagão, e contar as bênçãos que haviam recebido de Jesus. Foi-lhes duro separar-se do Salvador. Grandes dificuldades os rodeariam, por certo, no convívio com seus patrícios pagãos. E seu longo isolamento da sociedade parecia torná-los inaptos para a obra que Ele lhes indicara. Mas assim que Jesus lhes apontou o dever, prontificaram-se a cumpri-lo. Não somente à sua casa e aos vizinhos falaram acerca de Jesus; mas foram através de Decápolis, declarando por toda parte Seu poder de salvar, e descrevendo como os libertara dos demônios. Assim fazendo, era maior a bênção que recebiam do que se, para seu próprio benefício apenas houvessem permanecido em Sua presença. É em trabalhar para difundir as boas-novas de salvação, que somos levados para perto do Salvador.

“Os dois curados possessos foram os primeiros missionários enviados por Cristo a pregar o evangelho na região de Decápolis. Só por poucos momentos tinham esses homens tido o privilégio de escutar os ensinamentos de Cristo. Nem um dos sermões de Seus lábios lhes caíra jamais ao ouvido. Não podiam ensinar o povo, como os discípulos, que se achavam diariamente com Cristo, estavam no caso de fazer. Apresentavam, porém, em si mesmos o testemunho de que Jesus era o Messias. Podiam dizer o que sabiam; o que eles próprios tinham visto e ouvido, e experimentado do poder de Cristo. É o que a todo aquele cujo coração foi tocado pela graça de Deus, é dado fazer. João, o discípulo amado, escreveu: ‘O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram da Palavra da vida [...] o que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos’. 1 João 1:1-3. Como testemunhas de Cristo, cumpre-nos dizer o que sabemos, o que nós mesmos temos visto e ouvido e sentido. Se estivemos a seguir a Jesus passo a passo, havemos de ter qualquer coisa bem positiva a contar acerca da maneira por que nos tem conduzido. Podemos dizer como Lhe temos provado as promessas e as achado fiéis. Podemos dar testemunho do que temos conhecido da graça de Cristo. É esse o testemunho que nosso Senhor pede de nós, e por falta do qual está o mundo a perecer.” {DTN 235-236}, *O Desejado de Todas as Nações*, 340.

Ao conhecimento, devemos adicionar a temperança como continuação essencial do processo de crescimento. A experiência de Cristo no deserto da tentação demonstra que:

“De todas as lições a serem aprendidas da primeira grande tentação de nosso Senhor, nenhuma é mais importante do que a que diz respeito ao controle dos apetites e paixões. Em todos os séculos, as tentações mais atraentes à natureza física têm sido mais bem-sucedidas em corromper e degradar a humanidade. Satanás opera por meio da intemperança para destruir as faculdades mentais e morais concedidas por Deus ao homem como inapreciável dom. Assim se torna impossível ao homem apreciar as coisas de valor eterno. Através de condescendências sensuais, busca ele apagar todo traço de semelhança com Deus.

“As irrefreadas satisfações da inclinação natural e a conseqüente enfermidade e degradação que existiam ao tempo do primeiro advento de Cristo, dominarão de novo, com intensidade agravada, antes de Sua segunda vinda. Cristo declara que as condições do mundo serão como nos dias

anteriores ao dilúvio, e como em Sodoma e Gomorra. Todas as imaginações dos pensamentos do coração serão más continuamente. Vivemos mesmo ao limiar daquele terrível tempo, e a nós convém a lição do jejum do Salvador. Unicamente pela inexprimível angústia suportada por Cristo podemos avaliar o mal da irrefreada satisfação própria. Seu exemplo nos declara que nossa única esperança de vida eterna, é manter os apetites e paixões sob sujeição à vontade de Deus.” {DTN 235-236}, *O Desejado de Todas as Nações*, 122.

Pode-se supor que um crente verdadeiramente nascido de novo em Jesus experimentaria apenas uma dificuldade menor com a moderação ou temperança, mas foi contra o próprio Cristo que Satanás foi capaz de exercer uma terrível pressão para satisfazer o Seu apetite, a fim de Se salvar e ao movimento. Embora o inimigo tenha falhado, não foi sem uma luta tremenda da parte de Cristo que Ele foi capaz de suportar com êxito os clamores do apetite, apesar da Sua humanidade estar naquela altura coberta pela divindade.

Em seguida, vem a necessidade de adicionar perseverança ou resistência. Muito poderia ser escrito sobre este ponto, e muitos versículos poderiam ser citados, exortando à fidelidade, por maior que seja a pressão. Pressões temerosas ocorrerão quando as profecias da besta e sua imagem forem cumpridas. Então a sentença de morte será pronunciada contra todos aqueles que se recusarem a adorar a besta e sua imagem como predito em *Apocalipse* 13. Então as promessas feitas à igreja em Esmirna serão mais apropriadas:

“Nada temas das coisas que hás de padecer. Eis que o diabo lançará alguns de vós na prisão, para que sejais tentados; e tereis uma tribulação de dez dias. Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida.” *Apocalipse*. 2:10.

Quando Jesus estava a descrever a história futura do mundo, conforme registrado em *Mateus* 24, disse:

“Mas aquele que *perseverar até o fim* será salvo.” *Mateus* 24:13.

Isto quer dizer que aqueles que não perseverarem até o fim estarão eternamente perdidos.

A tudo isso deve ser acrescentada piedade. Ao longo das Escrituras, Deus é continuamente referido como sendo o Santo, o Senhor Nossa Justiça e O sem pecado. Isso é particularmente verdadeiro com a revelação de Seu carácter, dada por Jesus Cristo, quando andou como homem entre os homens. Tanto o Pai como o Filho são modelos de justiça. Portanto, Cristo poderia dizer como fez no Sermão da Montanha:

“Ouvistes que foi dito: ‘Amarás o teu próximo e aborrecerás o teu inimigo.’

“Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem,

“Para que sejais filhos do Pai que está nos céus; porque faz que o seu sol se levante sobre maus e bons e a chuva desça sobre justos e injustos.

“Pois, se amardes os que vos amam, que galardão tereis? Não fazem os publicanos também o mesmo?

“E, se saudardes unicamente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os publicanos também assim?

“Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai, que está nos céus.” *Mateus* 5:43-48.

Como Deus é, o Seu povo deve ser. No reino de Deus, não há uma lei para o Rei e outra para o servo. Ninguém ali formula estatutos e graus destinados a proteger-se da outra pessoa, sem proteger a outra pessoa dele. A lei e o Legislador são tão perfeitos para um lado quanto para o outro.

“Portanto, sede perfeitos, como o Pai celestial é perfeito.”

A tudo isto deverá ser adicionado a fraternidade e o amor.

Todo o verdadeiro filho de Deus encontra em si um desejo sincero de que outros sejam trazidos à alegria viva de serem encontrados na salvação de Deus do pecado e da morte. Tristes, de facto, são os filhos de Deus cujas vidas não são abençoadas com almas pelo seu trabalho, mas aqui está a fórmula para a solução deste problema.

“Porque, se em vós houver e aumentarem estas coisas, não vos deixarão ociosos nem estéreis no conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo.”

A subida desta escada da Terra para o Céu deve ser repetida continuamente em níveis cada vez mais altos. Devemos acrescentar graça à graça para que as excelências da natureza divina sejam manifestas nas nossas vidas. O que podemos acrescentar é relativamente pequeno em comparação com a magnitude da necessidade, mas devemos extrair o maior incentivo da garantia de que, embora possamos trabalhar apenas no campo da adição, Deus trabalha no domínio da multiplicação.

“A obra de transformação da impiedade para a santidade é contínua. Dia a dia, Deus atua para a santificação do ser humano, e o homem deve cooperar com Ele, desenvolvendo perseverantes esforços para o cultivo de hábitos corretos. Deve acrescentar graça à graça; e assim procedendo num plano de adição, Deus atua por ele num plano de multiplicação. Nosso Salvador está sempre pronto a ouvir e responder à oração do coração contrito, e graça e paz são multiplicadas a Seus fiéis seguidores. Alegrementemente lhes concede as bênçãos de que necessitam em sua luta contra os males que os cercam.” {AA 298}, *Atos dos Apóstolos*, 532.

Uma excelente ilustração do desenvolvimento pela multiplicação das nossas adições é fornecida na alimentação dos cinco mil homens, além das mulheres e crianças. Quando a necessidade se tornou visível, tudo o que poderia ser adicionado para suprir essa necessidade foi suficiente por apenas um rapaz. Mas, quando ele deu isto ao Salvador, este, trabalhando no princípio da multiplicação, conseguiu aumentar o suprimento de alimento até que as necessidades de mais de cinco mil fossem satisfeitas e sobraram doze cestos.

“Os meios de que dispomos talvez não pareçam suficientes para a obra; mas, se avançarmos com fé, crendo no todo-suficiente poder de Deus, abundantes recursos se nos oferecerão. Se a obra é de Deus, Ele próprio proverá os meios para sua realização. Recompensará a sincera e simples confiança nEle. O pouco que é sábio e economicamente empregado no serviço do Senhor do Céu, aumentará no próprio ato de ser comunicado. Nas mãos de Cristo permaneceu, sem minguar, a escassa provisão, até que todos se saciassem. Se nos dirigimos à Fonte de toda força, estendidas as mãos da fé para receber, seremos sustidos em nosso trabalho, mesmo nas mais difíceis circunstâncias, e habilitados a dar a outros o pão da vida.” {DTN 259}, *O Desejado de Todas as Nações*, 371.

“Os que semeiam em lágrimas segarão com alegria.

“Aquele que leva a preciosa semente, andando e chorando, voltará, sem dúvida, com alegria, trazendo consigo os seus molhos.” *Salmos* 126:5, 6.

Um ponto extremamente importante no desenvolvimento dessa fé e experiência que precisamos ter é o conhecimento de que um cristão não sai para obter a vitória sobre o diabo. Aqui mora a grande diferença entre as batalhas deste mundo e a do cristão. Os generais de grandes exércitos saem com a esperança de conseguirem a vitória nas suas batalhas. Não é assim com o cristão. Essa vitória foi conquistada para nós na cruz do Calvário e nós saímos para enfrentar um inimigo derrotado. Jesus nos deu a vida que é a vitória sobre o diabo, e então saímos com a Vida que é essa vitória. Quando enfrentamos o diabo com a plenitude da fé na posse daquela Vida, ele imediatamente foge e nos deixa completamente sozinhos. Ele não resistirá diante dessa Vida. É demais para ele completamente.

Notai estas maravilhosas palavras nesta ligação.

“Daí em diante os seguidores de Cristo haviam de olhar a Satanás como inimigo vencido. Na cruz havia de alcançar a vitória por eles; essa vitória queria Jesus que aceitassem como deles mesmos. ‘Eis que vos dou poder para pisar serpentes, e escorpiões, e toda a força do inimigo, e nada vos fará dano algum’. Lucas 10:19.” {DTN 346}, *O Desejado de Todas as Nações*, 490.

Então é assim.

A batalha foi travada. A vitória foi conquistada e essa vitória é-nos entregue como um dom. Mas o diabo sabe muito bem que muitos não sabem que a batalha está travada e a vitória ganha. Então, ele vem directamente a eles e procura aterrorizá-los com a demonstração do seu poder e da sua

astúcia e muitas pessoas sucumbem às suas tentações simplesmente porque não conhecem o poder da vitória que já é deles.

Portanto, o grande segredo para manter a vitória é saber que vós já tendes a vitória, que sabeis que o diabo foi derrotado e que a batalha já está vencida no que diz respeito a essa tentação que enfrentais. O diabo aproximar-se-á de vós com uma grande demonstração de força, gritando alto ou sussurrando astuciosamente de que ele é o senhor da situação e que vós só tereis que ceder a ele desta vez. Mas, como estais vigiando fielmente como todo cristão deve e deseja fazer, discernis a sua abordagem e o enfrentais com a calma confiança de que não precisais ceder. Dizei-lhe na cara dele que ficará desapontado, pois o homem que costumava responder às suas tentações está morto e sepultado e que o novo homem em vós é o homem Cristo Jesus e Ele simplesmente não comete pecado. Quando o diabo ouve esse nome; quando o diabo vê que o defrontais com fé firme e segura, fugirá de vós com a maior velocidade. Mas lembrai-vos, isto só acontecerá se enfrentardes o diabo, não na esperança instável de algo que ainda esperais obter, mas no conhecimento seguro do que recebestes. Sois filhos de Deus e do homem e não sois mais filhos de Satanás. Vós tendes a Vida de Cristo em vós e deveis saber absolutamente isso e viver na fé, no conhecimento e no poder disso. Não é que sejamos orgulhosos e nos vangloriemos, pois a Vida de Cristo é uma vida de humildade. Naquela vida, não há orgulho.

Assim, portanto, nunca devemos permitir que a dúvida sobre o poder de Deus e a salvação que é nossa se infiltre nas nossas mentes. É essa incredulidade que abre a porta para o diabo entrar e nos levar ao pecado mais uma vez.

E isto significa que não devemos tentar novamente travar a batalha repetidamente. Lembrem-se de que o grande conflito é entre Cristo e Satanás, não entre vós e Satanás. Lembrem-se de que não podeis lutar contra o diabo. Portanto, não tenteis lutar contra ele, mas entregai-o a Jesus e deixai Jesus responder ao diabo por vós. Esta é a parte mais importante de toda a questão. Com muita frequência, quando o inimigo ataca, sentimos que temos de realmente saltar para a frente aqui ou a situação estará perdida para sempre, e precipitamo-nos assumindo a batalha que somente o Senhor pode lutar por nós.

É como se estivésseis passando por uma densa selva na companhia e protecção de um guia especializado, bem armado com as melhores armas e com a experiência na arte de lidar com todos os animais selvagens e mais fortes da selva. Vós, por outro lado, estais desarmados, sois inexperientes e muito fracos. Em certo local, um tigre enorme ataca e com receio pela vossa vida, vos precipitais e lutais com ele com as vossas próprias mãos vazias, chamando o vosso guia para vos ajudar a vencer esse tigre. Ele, entretanto, está a dizer-vos que vos desvieis do caminho e fiquéis atrás dele para que ele possa lidar com este tigre com as suas armas maravilhosas e mortais. Mas enquanto lá estiveres, ele não pode fazer nada porque as suas armas também vos matariam.

Não cometamos este terrível tipo de erro na batalha contra o pecado. Deixai o Altíssimo lidar com o diabo. Ele tem poder e vós não. E.J. Waggoner expressou-o deste modo:

“Então a vitória é nossa em Cristo, e Ele já conquistou a vitória. Ele conquistou uma paz para nós. Tão certo quanto Ele nos dá a Sua paz, assim, seguramente Ele conquistou a vitória por nós. Assim, na hora da tentação, temos uma vitória que já foi ganha. Bem podemos dizer que a batalha passa por cima das nossas cabeças, e grande é a nossa paz. Há paz o tempo todo.” *Estudos Bíblicos Sobre o Livro de Romanos*, por E.J. Waggoner, 22.

Um dos princípios mais importantes envolvidos no crescimento é a questão de prestar um serviço de amor aos outros. Somente quando damos o que recebemos, podemos receber mais. E se deixamos de passar o que já recebemos, não apenas deixamos de receber mais, como também perdemos o que já recebemos.

“A alma que se recusa a dar perecerá.” {DTN 294}, *O Desejado de Todas as Nações*, 417.

A alma que realmente nasceu de novo tem algo que pode dar aos outros. A alma que não nasceu de novo não tem nada para dar aos outros. Ela pode conhecer toda a teoria das Escrituras e ser bem

versada nos factos da Palavra, mas não tem vida e não pode ser um canal de comunicação do Espírito se não possuir esse Espírito.

“Só podemos transmitir aquilo que recebemos de Cristo; e só o podemos receber à medida que o comunicamos aos outros. À proporção que continuamos a dar, continuamos a receber; e quanto mais dermos, tanto mais havemos de receber. Assim estaremos de contínuo crendo, confiando, recebendo e transmitindo.” {DTN 258}. *O Desejado de Todas as Nações*, 370.